

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

**Entre o Ver e o Olhar: Ecos e
Ressonâncias Ecrânicas**

Pedro Daniel Rodrigues da Costa

Pedro Daniel Rodrigues da Costa

**Entre o Ver e o Olhar: Ecos e
Ressonâncias Ecrânicas**

Uminho | 2012

Outubro de 2012





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Pedro Daniel Rodrigues da Costa

Entre o Ver e o Olhar: Ecos e Ressonâncias Ecrânicas

Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação
Especialidade em Sociologia da Comunicação e Informação

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Moisés de Lemos Martins
e co-orientação do
Professor Doutor José Pinheiro Neves

Outubro de 2012

Declaração

Pedro Daniel Rodrigues da Costa

Endereço electrónico: pcosta@mail.pt;

Título dissertação:

Entre o Ver e o Olhar: Ecos e Ressonâncias Ecrânicas

Orientador:

Moisés de Lemos Martins

Co-orientador:

José Pinheiro Neves;

Ano de conclusão: 2012

Designação do Doutoramento ou da Área de Especialização do Doutoramento:

Doutoramento em Ciências da Comunicação, área de especialização em Sociologia da Comunicação e Informação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___ / ___ / _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Há três anos era um, cheio de outros. Hoje sou outro, cheio de tantos outros. Mas há um fio que liga o eu de há três anos e o eu de hoje. Esse fio é esticado pelos eus-outros que hoje, tal como há três anos, continuam por perto. Mas sejamos realistas, porque quanto a isto jamais devem existir ilusões: somos adorados ou verdadeiramente considerados por muito poucos, um resto microscópico; e sempre, independentemente do nosso estatuto ou fama social, ignorados pelo resto do mundo. Por isso não serei hipócrita: agradeço apenas a muito poucos, mas infinitamente importantes para mim: aos pais, de onde o mais importante veio; aos irmãos, de onde o mais importante se solidificou; à Zé, à Dani e à Debby, que são a minha trindade azul que brilha; aos meus imensos sobrinhos, que me ajudaram a ver e a olhar; aos cunhados e cunhadas, que sempre apoiaram com o olhar; ao amigo Jorge Sequeiros, pelos seus metadiálogos tecnológicos; aos orientadores José Pinheiro Neves e Moisés de Lemos Martins, que oral ou letradamente contribuíram para esta empreitada; ao Esser Silva, que me permitiu as entrevistas; a todos os entrevistados, pela amabilidade e paciência; a todos os restantes colegas de luta diária: Carla Cerqueira, Rui Cruz, Sílvia Arada, Luzia Pinheiro, Mafalda Oliveira, Renata de Freitas, Ana Jorge, Albertino Gonçalves, Fábio Ribeiro, Aníbal Gonçalves, Jaime Cerqueira, Nelson Zagalo e Movimento Incrriativo (sobretudo Rosa Maria Araújo); e, finalmente, a todos os autores citados e por citar que durante esta viagem li, e que me confidenciaram novos e refrescantes mundos. Todos os restantes que aqui não são mencionados, pertencem a um universo de influência indireta, embora saiba da sua importância a um nível não visível, abstrato, inconsciente.

Muito obrigado a todos!

Apoio Financeiro:

Esta dissertação foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da concessão de uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/) no âmbito do QREN – POPH – Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES.

Resumo

Esta tese de doutoramento propôs-se analisar algumas consequências psicossociológicas provenientes da *sociação ecrânica* sobre o ver e o olhar, desde o ecrã-cinema até aos ecrãs de hoje (computadores, tablets e smartphones). Concluiu-se aqui que a transição da cultura letrada para a cultura visual se deveu, sobretudo, à sua progressiva ubiquidade, à evolução das formas de utilização e de interação com o objeto técnico *ecrã*, bem como à metamorfose dos seus conteúdos. Mas esse foi um processo que aconteceu em duas fases distintas: com o ecrã-cinema e com o ecrã-tv estávamos perante uma cultura mais de génese vertical, hierárquica, propensa a criar e a impor padrões – de vida, de moda, de pensamento, de ideologia. De um modo diferente, com o ecrã-computador, e mais recentemente com os ecrãs-móveis (sobretudo smartphones e tablets), em rede, foi-se assistindo gradualmente à explosão de uma expressão cultural mais horizontal, menos hierarquizada, mais centrada nas singularidades individuais que tendem a dar lugar a pequenas comunidades de interesse e motivação. Pelo facto do ecrã interagir com a visão, e de esta se relacionar com a mente de uma forma diferente daquela que a sequência letrada e estruturada promove – já que consagra maior ligação entre o lado racional e o lado não consciente, entre objetividade e subjetividade – acaba por vir ao de cima uma expressão mais subjetiva e singular, nos indivíduos e nas comunidades (sobretudo nas tribos em rede). Associado ao desgaste provocado pelas promessas tecnopolíticas e a uma maior introdução no social do Eros devido à força feminina, este é, em parte, o resultado de uma certa e progressiva emancipação do *homo-ecranis* face ao projeto moderno (o da imposição vertical da razão, do objetivismo masculino e do materialismo).

Mas as conclusões não se ficam por aqui. Depois de comparar indivíduos com diferentes tipos de interação ecrânica – aqueles que usam apenas um tipo de ecrãs (monoecrânicos) e aqueles que usam um maior número de ecrãs (hiperecrânicos) – este estudo conclui que existem pelo menos quatro dimensões que revelam diferenças significativas e de importância acrescida para explicar o impacto do ecrã na vida dos indivíduos: são elas a dimensão da aprendizagem e do pensamento; a dimensão da memória e dos seus usos; a dimensão dos processos de socialização; e a dimensão dos processos de individuação.

Na dimensão da aprendizagem e do pensamento, este estudo revela, através de certos indícios, que os hiperecrânicos entrevistados (utilizadores assíduos de vários tipos de ecrãs - computador, Internet, televisão, cinema e tablets e smartphones) tendem a demonstrar, em relação aos monoecrânicos (que usam quase unicamente a TV), uma maior capacidade de detalhar informação e de construir de forma mais autónoma opinião e informação – fazendo um maior uso do cruzamento de fontes; uma atitude mais crítica e mais analítica sobre assuntos coletivos; uma capacidade de aprendizagem assente numa lógica mais de génese intuitiva, conectiva e rizomática (num emaranhado de hipóteses); e, também, um pensamento mais icónico, recorrendo em maior número a metáforas e a alegorias como marcadores-base de memórias e ligações explicativas. Por outro lado, como em *sociação hiperecrânica* os indivíduos vivem numa lógica de conexão reticular, mediada e hipersónica, tendem por isso a sofrer mais de *ansiedade pelo imediatismo*, força que gera maior tendência para a fragmentação (de laços, de sentidos, de relações, de conexões).

Já na dimensão da memória e dos seus usos, este estudo verificou que a tendência segue para se transferir para ecrãs e sistemas informáticos aquilo que no passado se memorizava. Isto gera uma maior propensão para a libertação de memória psíquica, substituindo conteúdos sequenciais por ícones mentais que, por sua vez, tendem a remeter para a memória armazenada. Por um lado, esta dinâmica permite aumentar as capacidades de pensar em rizoma, conectar assuntos e pensamentos com base em ícones referenciais. Por outro, tende a empobrecer a memória e a criar uma maior dependência face à tecnologia para aceder a conteúdos. As ecranovisões constituem assim uma forte base para a constituição desta mudança: como funcionam mentalmente como ícones que permitem gerar associações (emocionais, afetivas, racionais, lógicas, etc.), tornam-se numa espécie de

snapshots (*sinapses icônicas*) que apontam sentidos e direções, prontos para gerarem associações e emergirem à consciência através daquilo que na contingência se sobre-expõe – é esta a base do pensamento icônico-rizomático. Segundo esta conclusão, ganha-se na velocidade, na eficácia e na capacidade de (re)combinação de soluções, mas perde-se muitas vezes na profundidade, já que ganha espaço uma certa filosofia mais baseada numa teorização sem memória teórica, ou então usando uma leviana, inconsistente e fragmentária conexão.

Por outro lado, na dimensão da socialização, os hiperecrânicos tendem a recuperar certas lógicas comunitárias e mais livres da lógica economicista ‘relação-fim último’. Os níveis de partilha registados entre os hiperecrânicos, sem interesses objetivos, atestam bem esta dinâmica. Se com o ecrã-tv existia um certo *individualismo ecrânico*, com o ecrã-rede sobrepõe-se uma lógica assente num certo *comunitarismo ecrânico*. E nesta transição do vertical imposto para o horizontal partilhado, os dados revelam um outro ganho de assinalar: em rede, numa lógica horizontal e mais longe da verticalidade imposta pelos mass-media, a vida, nos hiperecrânicos, torna-se mais otimista do que nos monoecrânicos (já que estes últimos, através sobretudo do uso acentuado da TV, sentem muito mais o peso das tragédias e dos terrores). Reina então, nos sentidos dos primeiros, uma força azul, a da ligação, do infinito e até do sonho, e muito menos a força do vermelho (do sangue, da tragédia, da notícia alarmante), muito presente nos monoecrânicos.

Por fim, na dimensão da individuação, constata-se arquétipos com bases diferentes nessas duas formas de sociação (monoecrânica e hiperecrânica). Nos monoecrânicos, o herói romântico-barroco impõe-se como grande imagem de fundo. Nos segundos, por seu turno, o arquétipo de herói tende mais para a multiplicidade de formas, influenciando de uma forma mais plural e aberta os mais jovens: sente-se mais a presença do *super-herói*, amigo, justo, humilde, corajoso, lutador, bem disposto, otimista, confiante; do *herói cientista-polícia*, intelectual, racional, científico, mas que entra em cooperação com o intuitivo, sensitivo e emocional; do *herói vizinho*, um igual entre os comuns que, por alguma razão, mergulhou ou num mundo grotesco e fantástico, ou então que quer apenas viver a sua vida e tentar fazer, dentro dessa normalidade, algo de importante não para o mundo inteiro mas antes para os que o rodeiam; e por fim do *herói grotesco*, aquele que não é o ser perfeito, que tem algumas virtudes e alguns defeitos, muito menos estético do que os heróis habituais, habitualmente solitário ou que vive no subterrâneo. Por outro lado, o arquétipo do ecologista, também mais presente no hiperecrânico do que no monoecrânico, é uma resposta subliminar, e até inconsciente, face ao crescimento do arquétipo do ciborgue, que funciona como sombra do perigo que pode ser o excesso de hiperecranização.

Demonstra-se portanto, através deste *poder ecrânico*, transmitido e conferido através de diferentes *sociedades ecrânicas*, que existem mudanças profundas nas dimensões referidas. É deste modo que nasce uma dinâmica a impor forte pressão sobre as instituições base do projeto moderno (escola, relações interpessoais, estruturas económicas, trabalho e formas de cidadania), chamando à colação a necessidade de uma urgente renovação multidimensional. Caso contrário, estas instituições correm o risco de se tornarem desintegradas das estruturas e formas geradas por este poder ecrânico avassalador.

Palavras-chave: ecrã, cultura subjetivista, ecranovisão, cultura visual, imagem, sociação ecrânica

Abstract

This PhD thesis proposes to examine some psychosociological consequences imposed by the screening sociation on seeing and looking, from the screen-film to the screens of modern days (computers, tablets and smartphones). We conclude that the transition from literate to visual culture was due, mainly, to its gradual ubiquity, to the evolution of forms of use and of interaction with screens as a technical object, as well as to the metamorphosis of its contents. However, this was a process that took place in two distinct phases: with the screen-theatre and the screen-tv we were facing a culture of a vertical nature, hierarchical, prone to create and enforce standards - of life, fashion, thought, ideology. In a different way, with the screen-computer, and, more recently, with the mobile screens (mainly smartphones and tablets), network connected, we have gradually seen the explosion of a more horizontal cultural expression, less hierarchical, more focused on individual singularities who tend to give rise to small communities of interests and motivations. Due to the fact that the screen interacts with the vision, and this relates to the mind in a way different from that promoted by the literate and structured segment - for it enhances the connection between the rational and the non-conscious, between objectivity and subjectivity - it gives rise to a more subjective and unique expression, in individuals and communities (especially in networked tribes). In addition to the wear caused by techno-political promises and to the greater introduction of the Eros as a result of the female strength in the social environment, this is, partly, the result of a progressive emancipation of the screen-user in face of the modern design (that of the vertical imposition of reason, male objectivism and materialism).

But the findings do not stop there. After comparing individuals with different types of screening sociation (interaction) - those that use only one type of screen (monoscreeners) and those that use a larger number of screens (hyperscreeners) - this study concludes that there are at least four dimensions that reveal significant differences with increased importance to explain the impact of the screen: these are the dimension of learning and thinking; the dimension of memory and its uses, the dimension of socialization processes, and the dimension of the individuation processes.

Within the dimension of learning and thinking, this study reveals, through certain evidences, that the hyperscreeners who were interviewed (frequent users of various types of screens: computer, Internet, television, cinema and tablets and smartphones) tend to demonstrate, in relation to monoscreeners (using almost solely TV), a greater capacity for detailing information and building opinion and information in a more autonomous fashion - making greater use of cross-sources, having a more critical and more analytical standpoint on collective affairs, the ability to learn based on a more intuitive, connective and rhizomatic approach (in a labyrinth of hypotheses), and also a more iconic reasoning, drawing on many metaphors and allegories as base-markers of memories and explanatory links. On the other hand, as in hyperscreener sociation individuals live in a reticular, mediated and hypersonic connection, they tend to suffer from what we call anxiety by the immediacy, driving force that generates a tendency towards fragmentation (of bonds, meanings, relationships, connections).

As regards the memory and its uses, this study found that individuals, rather than memorizing in their minds, tend to transfer to computer systems and screens what was once memorized. This generates a greater trend to the release of psychic memory, replacing sequential contents by mental icons which, in turn, tend to refer to the stored memory. This dynamic allows, on the one hand, to increase the ability of rhizome reasoning, connecting issues and thoughts based on referential icons. On the other hand, it tends to deplete the memory and create greater dependence on technology to access the contents. The screenvisions, thus, constitute a strong basis for the constitution of this change: as they mentally function as icons that allow you to generate associations (emotional, affective, rational, logical, etc.), they become a sort of snapshots (iconic synapses) that suggest meanings and directions, ready to generate associations, and emerge into consciousness through

what, in the contingency, is over-exposed - this is the basis of the iconic-rhizomatic thought. According to this conclusion, the gain is in the speed, efficiency and the ability to (re)combine solutions, but is often lost in depth, since a certain philosophy based on a theorization without theoretical memory, or using a frivolous, inconsistent and fragmentary connection.

On the other hand, within the dimension of socialization, the hyperscreeners tend to recover certain community logics, free of the economic 'ultimate-end relationship'. The levels of sharing registered in hyperscreeners, without objective interests, provide evidence to this dynamics. If with the screen-tv there was a certain *screening individualism*, with the screen-web a logic based on a certain *communitarian screening* surely overlaps. And, in this transition, from the imposed vertical to the shared horizontal, data demonstrate another noteworthy gain: networking, in a horizontal logic and away from the verticality imposed by the media, life for hyperscreeners becomes more optimistic than for monoscreeners (as the latter, mainly through the use of TV, feel much the weight of the tragedies and terrors). Therefore, in the senses of hyperscreeners reigns a blue force, the connection, the infinite and even the dream, much lesser the power of red (of blood, tragedy, alarming news), very present in monoscreeners.

Finally, as regards the dimension of individuation, we have established some archetypes with different bases in these two forms of sociation (monoscreener and hyperscreener). For monoscreeners, the Romantic-Baroque hero imposes himself as a great background image. For hyperscreeners, in turn, the archetypal hero tends more to the multiplicity of forms, thus influencing the young in a more plural and open manner: the strength of the superhero, friendly, righteous, humble, courageous, fighter, cheerful, optimistic, confident, is more evident; the scientist-policeman, intellectual, rational, scientific, but who cooperates with the intuitive, sensitive and emotional; the hero-neighbour: an equal among the common who, for some reason, has submerged either in a grotesque and fantastic world or just wishes to live his real life and try accomplish, within some normality, something important not for the entire world but for those around him; or the grotesque-hero: that who is not perfect, who has some virtues and some faults, but much lesser aesthetic than the usual heroes, usually a solitary or someone who lives underground or in the cave. On the other hand, the archetype of the environmentalist, more present in hyperscreeners than in monoscreeners, constitutes a subliminal, even unconscious, response in face of the growth of the archetype of the cyborg, who acts as the shadow of danger that may come from over-hyperscreenization.

It is then here shown that, through this screen power that is transmitted and granted through several *screening sociations*, there are profound changes in the aforementioned dimensions. This is how this dynamic imposes and/or puts pressure on basic institutions of modern design (school, interpersonal relations, economic structures, labour and forms of citizenship) towards the need for an urgent renovation, under penalty of becoming, in the near future, something excessively blurred for current times.

Keywords: screen, subjectivist culture, screenvision, visual culture, image, screening sociation

Índice

Introdução	13
Parte I	
Dos ecos e das ressonâncias ecrânicas: uma problemática teórica	
Capítulo I	
Da cultura letrada para a cultura visual do ecrã	
1. O projeto educacional tecnocientífico como princípio da cultura moderna objetivista	19
2. A tecnologia e o ecrã na pós-modernidade	23
3. Viver sob as atmosferas de ecrãs	27
4. Substituição da cultura letrada pela cultura visual	36
Capítulo II	
(Sobre)viver com Ecrãs	
1. Percecionar ecrãs	41
2. A evolução dos ecrãs: questões conscientes e inconscientes	46
2.1. Ecrã-cinema	48
2.2. Ecrã-televisão	55
2.3. Ecrã-computador	63
2.4. O Ecrã-telemóvel e o ecrã-videojogo	74
3. O <i>homo-ecranis</i> na era dos self-media	79
Capítulo III	
Individações e Socializações Ecrânicas	
1. Ecrãs e mundo subjetivo	87
2. Ecrãs, socialização e individuação	
2.1. Ecrãs e socialização	101
2.2. Ecrãs e individuação	106
3. Socialização e individuação de arquétipos e de informação ecrânica	117
Síntese da Parte I	125
Parte II	
Da teoria e dos métodos	
Capítulo Único	
Teorias, ideias e conceitos de trabalho	
1. O ecrã como um dos fatores de mudança histórica	135
2. Ecrãs de gerações e gerações de ecrãs	143
3. Ideias e conceitos: sociedade, ecrã, ecranovisões, poder e sociação ecrânica	
3.1. Sociedade como o que está a ser, na contingência	159
3.2. Sociedade: contingência em diferimitação, sociação e exprenovação	160
3.3. Socioideias, sociopensamentos e sociações em constante diferimitação	164
3.4. O conceito de ecrã e as atmosferas ecrânicas	166
3.5. Ecranovisões	170
3.6. O poder ecrânico	175
3.7. Formas de sociação ecrânica	183
4. Perspetiva metodológica: hiperecrânicos na lógica de self-media e monoecrânicos na lógica de mass-media	
4.1. Enfoques de investigação nas ciências sociais	189
4.2. Estratégia metodológica e objetivos	193

Parte III
Entre o ver e o olhar ecrânico: ecos e ressonâncias

Capítulo Único
Consequências do poder ecrânico

1. Caracterização Geral da Amostra	
1.1. Dados gerais das entrevistas	200
1.2. Palavras mais usadas	203
1.3. Tempos verbais e palavras instrumento	205
1.4. Quantidade e intensidade no uso de ecrãs: a base da sociação ecrânica	207
2. Análise do Discurso	
2.1. O Poder Ecrânico na Aprendizagem e no Pensamento	
2.1.1. Mais ecranovisões, mais argumentos e maior capacidade descritiva nos jovens hiperecrânicos	211
2.1.2. Construir informações, opiniões e conhecimentos, ao invés de estar sujeito à imposição da comunicação vertical	213
2.1.3. Hiperecrânicos jovens mais analíticos e com maior cruzamento entre fontes de informação	221
2.1.4. Para os hiperecrânicos o ecrã é, com maior intensidade, um verdadeiro e legítimo espaço de aprendizagens	228
2.1.5. hiperecrânicos mais rizomáticos, mas igualmente, e muitas vezes mais, ansiosos pelo imediatismo	232
2.1.6. O Pensamento icónico dos hiperecrânicos: imagens, alegorias e metáforas	238
2.2. Consequências das Ecranovisões na Memória	250
2.3. Consequências da Sociação Hiperecrânica na Socialização	
2.3.1. Socializar mais, tribalizar mais, partilhar mais. Recuperar algumas lógicas comunitárias	261
2.3.2 - A força da socialização da morte e da tragédia, contra a expressão maior da vida e do risco	263
2.3.3 - Hiperecrânicos tendencialmente mais críticos e reflexivos face aos ecrãs que usam	271
2.3.4. Ecranovisões metaforizadas: “a TV é um mundo” VERSUS “a Internet o infinito”	276
2.4. Consequências na Individuação de Arquétipos	
2.4.1 – Individuação arquetípica do herói: o herói plural VERSUS o herói Barroco-romântico	278
2.4.2 – Arquétipo do ecologista como resposta ao imaginário do ciborgue e às ameaças planetárias	285
Síntese da Parte III	295
Conclusão	303
Bibliografia	315

Introdução

A expressão “entre o ver e o olhar”, que dá título a este estudo, nasce de um conjunto de intuições que se foram intensificando ao longo do tempo. Não é uma ideia pura, se é que isso existe. Tal como adiante descreveremos, trata-se do resultado de um processo que serve de base a quase todas as dinâmicas intelectuais e de ação. Ou seja, um conjunto formado por *socioideias* e *sociopensamentos* que, tal como o pólen para as flores, serve de substrato para as várias dinâmicas da vida.

Esta expressão, “entre o ver e o olhar”, emitiu então em nós um primeiro clarão através da releitura de uma distinção elaborada por José Gil, quando este, por sua vez, analisa «o visível e o invisível» em Merleau-Ponty. Depois, e decisivamente, através de José Pinheiro Neves, em *A Experiência Perceptiva e os Ecrãs: Novas Perspetivas de Investigação* (2008), quando este, ao analisar as «pequenas perceções» (Gil, 1996), traz para a experiência perceptiva dos ecrãs a ideia de que perante eles, e numa ubiquidade *ecrânica* nunca antes vista, doravante *ver e olhar* interagiriam a um nível cada vez mais complexo e intensamente provocador de profundas alterações psicossociológicas no humano. Assim, aproveitando esta sugestão de triangulação teórica (olhar-ver-ecrãs), esboçamos inicialmente uma crua hipótese de que entre o ver e o olhar *ecrânico* talvez se escondessem indícios que nos poderiam revelar um conjunto de forças a alterar profundamente a forma de ver, sentir e pensar o mundo, forçando decisivamente a transição de uma cultura letrada para uma cultura mais de génese visual. Foi esta corrente de transmissão, de ideias e pensamentos, que originou este estudo, mostrando durante todo o processo uma lei, simples, mas sempre presente na vida social: as *socioideias* e os *sociopensamentos* aparecem e crescem através da *sociotransmissão*, depois estagnam e, finalmente, recuam diante do aparecimento de novas *socioideias* e *sociopensamentos*. Tal é a lei simples que caracteriza todos os movimentos sociológicos, pois nunca o pensamento e a ideia acontecem isoladamente. Nesses existe sempre um fundo de forças que se misturam, para depois serem trazidos pela consciência à luz do dia.

Sabemos, por isso, através dos vários conhecimentos que então nos foram passados historicamente, quando nasceu o telespectador a *ver* e a *olhar* ecrãs. Com as experiências dos irmãos Lumière, nasceu pela primeira vez essa ideia, que progressivamente se constituiu em forma. Inicialmente algo ainda cru, ou seja, o telespectador que olhava, inocente, para um espetáculo mediado por um ecrã. A experiência primeira do telespectador, o cinema, encaixa até, de certo modo, nas considerações de Jaques Rancière (2010) sobre o teatro: o (tele)espectador estaria perante o lado mais perverso da experiência da visão. Primeiro,

porque estava ainda a iniciar a sua (tele)visão, o que na ótica deste autor é, por si só, uma coisa oposta ao conhecer. Para este autor, (tele)ver significa estar diante de uma aparência sem conhecer as condições que produziram aquela aparência ou a realidade que estaria por detrás. Depois, porque estar em modo de visionar é estar em modo oposto ao de agir. Como sugere uma certa crítica, que Rancière (2010: 5) reforça,

Aquele que olha para o espetáculo permanece imóvel na sua cadeira, desprovido de qualquer poder de intervenção. Ser um espectador significa ser passivo. O espectador está separado da capacidade de conhecer, assim como ele está separado da possibilidade de agir.

A crítica mais feroz, feita primeiro ao teatro, e depois ao cinema tinha, portanto, este mesmo sentido: ambos são palco da ilusão e da passividade e, por isso, proibem o conhecimento e a ação.

Esta força crítica deu, posteriormente, origem a um segundo momento evolutivo na experiência de (tele)visionar, que teria então como princípio dotar o telespectador de uma menor passividade, no conhecimento e na ação. É com este intuito de fundo que nasce o aparelho de Televisão, já que passa a permitir, ainda que de forma um pouco limitada, uma primeira possibilidade de controlo e de seleção ao indivíduo. Esta postura teria como objetivo gerar, por um lado, um telespectador mais livre da passividade de observador – e por isso fascinado, que se identifica com as personagens que desfilam no ecrã. Para isso, precisava de fazer estranhar perante as várias possibilidades conferidas pela Televisão, para deixar de ser passivo e tornar-se mais uma espécie de pré-investigador que observa coisas. A notícia em direto, e todos os diretos em geral, seriam o exemplo maior dessa expressão. Por outro lado, esta força teria como objetivo arrancar o telespectador do seu domínio, e fazê-lo viajar pelo mundo do visível e de todas as suas energias, sempre com alguma possibilidade de seleção.

Só que esta transição gerou a base da crítica sobre uma outra designação do real, a dita «sociedade do espetáculo», já que a Televisão, ao colocar o ecrã na sala de estar de milhões de indivíduos, criou aquilo a que Guy Debord chamou de «o reino da visão». Visão como externalidade, quer dizer, que retira o ser interno ao indivíduo na medida em que “quanto mais um homem contempla, menos ele é” (Debord, 2003). Debord denuncia assim os efeitos perversos gerados pelo reino da visão na contemplação ecrânica ou mimética. Insiste assim na ideia de que as (tele)visões levam o homem a contemplar a atividade que lhe foi roubada, criando apenas uma ilusão de atividade e de conhecimento.

Esta crítica veio revelar, de certo modo, um certa insatisfação subliminar que se foi acentuando no telespectador e na sua forma. Então, para se continuar a emancipar a esta

forma de «sociação»¹, neste caso à *sociação ecrânica televisiva*, este teria que ganhar uma maior autonomia e atividade, uma maior capacidade de escolha e de seleção de conteúdos, e também uma maior capacidade de armazenar o que é (tele)visto, auxiliando até o processamento mental de informação, tal como um cérebro. Dessa força nasce uma nova máquina, o Computador, anexando o ecrã à sua forma de interagir e alcançando uma centralidade devastadora. Paulatinamente, com a evolução dos computadores e das possibilidades geradas pela Internet, a (tele)visão passa a ceder o lugar à (ecrano)visão. Ao invés de apenas se (tele)visionar, portanto de ver à distância com a mediação do ecrã, estaríamos perante uma (ecrano)visão, não necessariamente à distância do acontecido, mas sim perante um ecrã móvel e portátil que passaria a acompanhar o indivíduo, e que lhe permitiria ver em direto, agir, conhecer, conectar em tempo real, mover, atuar. Sobretudo com a passagem do computador pessoal, do quarto, para o computador portátil, na mão, e mais recentemente para o ecrã portátil, de bolso, no *smartphone* ou no *tablet*, o (tele)espectador emancipa-se, e dá lugar ao (tele)ator - já que este, usando as terminologias de Rancière e Debord, se arranca definitivamente da sua condição inicial de ser passivo e não atuante.

É óbvio que esta evolução, daquele que (tele)visiona ou, se preferirmos, que (ecrano)visiona, não pode ser unilateralmente analisado como algo num rumo somente linear e em direção ao aperfeiçoamento do humano. Não estamos aqui, eufórica e acriticamente, a anunciar o melhor dos mundos. Queremos, antes de tudo, assinalar as suas virtudes mas também os seus (d)efeitos produzidos pelas diferentes formas de *sociação ecrânica*, como por exemplo, entre outros, o perigo provocado pela «aceleração da aceleração» (Martins, 2003) inscrito no conjunto das teletecnologias. Pretendemos, isso sim, apresentar o resultado de um estudo transdisciplinar, com contributos, entre pesos distintos, da filosofia da estética, das ciências da comunicação e da informação, da psicologia social e, de forma profundamente decisiva, das teorias sociológicas.

Usando estas áreas de conhecimento em permanente articulação, foi-nos possível ordenar os objetivos desta tese em torno de três eixos fundamentais: a) demonstrar a importância decisiva do objeto técnico ecrã, e da sua evolução, na cultura e nas suas formas, revelando-o como um dos principais fatores na travessia de uma cultura de génese objetivista para uma cultura a apontar, senão para uma supremacia do subjetivismo, para, pelo menos,

¹ Não confundir o conceito de sociação com os conceitos de socialização ou sociabilização. Sociação é um termo criado por Georg Simmel, e definido como o resultado de interações que geram ação ou influência nos indivíduos, constituindo formas de cooperar, colaborar, pensar, agir e motivar os envolvidos (Simmel, 1983: 60). Quando nos referimos a uma *sociação ecrânica*, queremos reforçar a força e a intensidade que resulta das interações entre indivíduos e ecrãs. Trataremos adiante, na Parte II, de explicar e ampliar a importância e a profundidade desse conceito.

um maior equilíbrio entre as forças objetivas e subjetivas; b) conceptualizar aquilo a que chamamos de *poder ecrânico*, e revelar a sua força social (força que entra nas correntes de diferimitação e de sociação, para posteriormente permitir uma expressão social renovadora) através das dinâmicas impostas pelas *ecranovisões* e *ecranosconexões*; c) comparar os efeitos gerados pelas diferentes formas de sociação ecrânica, sobretudo entre os polos mais extremos (*hiperecrânicos* e *monoecrânicos*), revelando através desses as diferenças e a sua contribuição para a mudança nos processos de aprendizagem, pensamento, socialização, individuação de arquétipos e, ainda, nos usos da memória.

Para isso, dividimos esta tese em três partes: uma primeira, designada *Dos Ecos e das Ressonâncias Ecrânicas: Uma Problemática Teórica*, que se compromete a revelar, entre outras coisas, essa transição da cultura letrada para a cultura visual do ecrã, permitindo nos indivíduos e nas atmosferas pós-modernas a socialização e a individuação de forças culturais mais suscetíveis ao subjetivismo e às singularidades individuais ou comunitárias, e não tanto no objetivismo do projeto moderno; uma segunda parte, designada *Da Teoria e do Método*, que visa revelar todo o edifício teórico e metodológico por detrás deste empreendimento, onde os conceitos fundamentais, alguns já usados na primeira parte (ecrã e ecranovisão) e outros definidos e operacionalizados para serem usados apenas na terceira parte (poder ecrânico, sociação ecrânica, diferimitações), se definem e conceptualizam; e, finalmente, uma terceira parte, que dá o mote para o título deste estudo, *Entre o Ver e o Olhar Ecrânico: Ecos e Ressonâncias*, onde se procede à investigação empírica comparando as diferenças geradas pelos três tipos de *sociação ecrânica* encontrados nas duas gerações analisadas. Aí se revelam os tais efeitos presentes na mutação cultural que aqui se denuncia.

Parte I

Dos ecos e das ressonâncias ecrânicas:
uma problemática teórica

Capítulo I

Da cultura letrada para a cultura visual do ecrã

1. O projeto educacional tecnocientífico como princípio da cultura moderna objetivista

Uma das primeiras considerações teóricas e humanistas sobre a tecnologia, e que nos interessa em particular, aconteceu com Georg Simmel. Segundo Garcia (2007), dentro das teorias sociais e humanas, Simmel foi um dos pioneiros da reflexão sobre a importância da tecnologia na cultura humana. A ideia de «tecnização» interior desponta a partir de Simmel, permitindo toda uma nova perspetiva acerca das consequências da tecnologia na humanidade (Garcia, 2007: 288).

Sabemos que a modernidade, e a sua força industrial, deu um grande contributo para a humanidade do ponto de vista civilizacional. As evoluções desde a máquina a vapor foram, sem dúvida, grandes bases para a tecnologia atual. Porém, sabemos também que as passagens do mecânico para o analógico e, mais recentemente, do analógico para o digital, revolucionaram de uma forma estrondosa a tecnologia, bem como a cultura. Importa por isso começar por refletir sobre tecnologia, no geral, a partir das primeiras reflexões que a enquadram numa dimensão para além da sua dimensão material, e só depois avançaremos para reflexões sobre as tecnologias, materiais e imateriais, mais recentes.

Começamos então, em primeiro lugar, por levantar uma questão formulada por Carl Gustav Jung, e citada por McLuhan (2007 [1964]: 37), acerca das influências sociais gerais e do seu efeito na construção e (re)definição das sociedades:

Todo Romano era cercado por escravos. O escravo e a sua psicologia inundaram a Itália antiga, e todo o Romano se tornou interiormente – e, claro, inconscientemente - um escravo. Vivendo constantemente na atmosfera dos escravos, ele se contaminou de sua psicologia, através do inconsciente. Ninguém consegue evitar essa influência. (cf. McLuhan, 2007 [1964]: 37)

A partir desta ideia é-nos possível perceber que, em sociedade, os indivíduos sofrem influências diretas ou indiretas, pois eles são, a par dessa, o resultado de fluxos comunicacionais de várias ordens (verbais, gestuais, simbólicas, etc.) inscritas em múltiplas dimensões (conscientes, inconscientes, latentes, manifestas, objetivas, subjetivas, interiores ou exteriores). É a partir desta ideia que queremos começar a dissertar sobre a cultura humana e as suas influências, nomeadamente aquelas que foram forçadas pela tecnologia.

A cultura de determinada sociedade sofre deste tipo de dinâmicas. Quer dizer, a integração social dos fluxos culturais fica inscrita dentro de uma ou de várias dimensões da existência humana. Neste sentido, as influências poderão percorrer todo o tipo de dinâmicas sociais. A conceção do termo de sociedade, elaborado por Gabriel Tarde, é bem ilustrativa dessa importância: a sociedade é a imitação, processo que objetiva a subjetivação feita pelos indivíduos (Marsden, 2000: 3).

Nesta mesma linha de pensamento fica inscrito Georg Simmel. Na sua abordagem sociológica dualista, este autor entende que os indivíduos viajam em vida entre objetividade e subjetividade (Simmel, 2008: 21-22). Da cultura para a natureza dá-se a objetivação; da natureza para a cultura dá-se a subjetivação. Assim, Simmel entende que vida e forma estão intimamente ligadas através da vivência da cultura, pois esta pode ser vivida de forma objetiva e de forma subjetiva:

(...) a cultura [é entendida] como o aperfeiçoamento do ser humano influenciado pela assimilação da herança espiritual que a espécie objetivou no decurso da sua história. A cultura de um indivíduo é, pois, função de a sua intrínseca natureza se haverem adicionado determinados valores objetivos: costumes, moral, conhecimento, arte, religião, formas sociais, qualidades de expressão. Aquela estabelece-se, assim, como resultado de um consórcio entre o espírito objetivo e o subjetivo, consórcio esse cuja influência é, sem dúvida, imprescindível para o aperfeiçoamento individual. (cf. Garcia, 2003: 299)

Ora, assim Simmel considerou que a tecnologia existente na modernidade se enquadrava dentro do espírito de uma cultura objetiva, pois permitia não mais do que a objetivação daquilo que os sujeitos desejavam culturalmente. Ou seja, era entendida como mediadora de um fluxo que ia desde a cultura objetiva dos indivíduos até à natureza das coisas, processo que permitia a objetivação do espírito, ou tecnização da alma, como sugere Garcia (2003: 287). Nesta perspetiva, a cultura engloba o lado objetivo e o lado subjetivo da expressão da ação humana, porque há um movimento infinito entre objetividade e subjetividade, exterioridade e interioridade - movimento que procura a unidade e que gera fluxo entre ser e dever ser, estar e existir, deixando os indivíduos com relações múltiplas com o mundo e permitindo observar lógicas relacionais entre vida e forma (Garcia, 2003: 298-299).

Numa das suas primeiras abordagens aos objetos, em *A Filosofia da Moda*, Simmel constata que os adornos, usados para enfeitar o corpo, misturam exterioridade e interioridade, objetividade e subjetividade, no sentido de dar objetividade e unicidade à personalidade, não através de uma expressão imediata de poder mas sim através de um

processo subjetivo, que se pode converter, para os que os contemplam, em sentimentos - como por exemplo o desejo ou a cobiça por um colar (Simmel, 2008: 59-60). Este é um bom exemplo para ilustrar como este autor pensava a questão dos objetos e como, posteriormente, passou a pensar os objetos tecnológicos.

Num outro exemplo mais elaborado, Simmel referiu-se sobretudo à ideia de que a sociedade industrial estava a substituir as instituições e as formas de vida plenas de sentido e de significado, por outras formas que pareciam completamente mecânicas, externas e negligentes (Garcia, 2003: 296). Para este, as objetivações maquínicas tornavam as atividades de determinadas formas de produção mais negligentes, dando como exemplo a atividade de uma bordadeira na sua relação com a máquina de bordar. Esta relação entre sujeitos e máquinas gerava assim um efeito negligente no utilizador, onde o indivíduo deixava de pensar sobre a forma de utilização/produção maquínica. Em *Sobre a Diferenciação Social*, Simmel chega mesmo mais longe, referindo que a diferenciação que separa o elemento intelectual de uma atividade, faz com que aspetos mecânicos e aspetos intelectuais passem a ganhar uma existência separada. Tal diferenciação e complexidade dificultava, nos indivíduos, a incorporação de conceitos unificadores (Ibid.: 296). Deste modo, Simmel via nestes modos próprios de existência a concretização da objetividade dos sujeitos e a subjetividade dos objetos. Considerou assim a tecnologia como um “modo de existência”, tal como fizeram posteriormente outros autores, dos quais se destacam Gilbert Simondon (1964). A tecnologia passou, nesta perspetiva, a ser entendida como um conjunto de objetivações que se concretiza através de uma rede de ligações com as coisas e com os indivíduos.

Após estas considerações, as implicações da relação entre homem e tecnologia começam, numa certa ala das ciências sociais, a ser pensadas de uma forma mais profunda, lançando para o debate a importância da corrente de sujeitos a sujeitos através de objetos, na qual uma relação metafísica entre sujeito e objeto passa a adquirir uma certa realidade histórica (Garcia, 2003: 300). A tecnologia ganha maior centralidade na análise, passando a ser considerada uma variável independente, com vida própria, tal como fizeram, entre outros autores, Norbert Elias. Este chega mesmo a considerar alguns objetos domésticos como “encarnações das psiques” (Ibid.: 302).

Estas ideias que se acentuam em Simmel nascem precisamente quando este analisa a passagem de um modelo cultural baseado no ideal pedagógico do século XVIII, mais orientado para a formação pessoal e interior do ser humano, para o conceito de “educação” dos finais do século XIX, baseado num conjunto de conhecimentos objetivos e em padrões

mais ou menos definidos de comportamento (Ibid.: 304). É a partir desta altura, e sobretudo quando se apercebe que as máquinas começam a criar efeitos estrondosos nos modos de vida de então dos indivíduos, dado o seu cada vez mais crescente nível de sofisticação, que Simmel percebe que a modernidade estava cada vez mais objetiva, padronizada e tecnicizada.

A vida social começa assim a ser encarada como o resultado da fusão entre formas e conteúdos. Isto é, a forma da educação na modernidade era diferente da forma do ideal pedagógico anterior, e tal forma implicou também uma outra (re)estruturação de conteúdos. O conteúdo da forma da educação tornou a expressão humana mais objetiva do que o conteúdo produzido pela forma do ideal pedagógico virado para o interior. A tecnologia tornou-se então um motor para uma maior vivência do espírito objetivo na modernidade, já que

as formas (institucionais, simbólicas, técnicas) de uma cultura visam enquadrar a vida, regulá-la, controlá-la. Para o "formismo" de Simmel, a vida se impõe sempre contra os limites da forma. A vida necessita da forma para existir, da mesma maneira em que ela deve estar expandindo-se para além das formas para "ex-istir". É nesse embate, nesse conflito entre formas e conteúdos, que se enraíza para Simmel o trágico da sociedade. (Lemos, 1998: 4)

Portanto, o formismo simmeliano pode ser entendido sobre

duas funções contraditórias: ele é ao mesmo tempo suporte e prisão da vida. As formas de uma determinada sociedade vão cristalizar-se em objetos técnicos, nas instituições e no imaginário (religião). Essas tendem a desenvolver-se de maneira autónoma e independente e não é atoa que os objetos técnicos cativam mais pela forma que pelo conteúdo (os *gadgets*), que as instituições esclerosam à morte na rigidez e conservadorismo de suas formas, ou a religião estabelecendo seus dogmas imutáveis. Toda forma tenta estabelecer sua permanência temporal. A cultura se realiza, segundo Simmel, nessa tragédia, como processo de objetivação do sujeito e de subjetivação dos objetos, como sinergia entre formas e conteúdos. (Lemos, 1998: 5)

Deste modo, inovador para a época, foram traduzidos alguns efeitos da tecnologia na cultura, efeitos esses que permitiram revelar a relação excêntrica entre humanos e máquinas, bem como um conjunto de consequências na expressão da ação humana. Ao permitir tal excentricidade e impacto, a tecnologia inscreveu-se nas dimensões objetivas da cultura, tornando-se, ela própria, capaz de se reproduzir subjetivamente. Ao tornar objetiva e de certa forma padronizada a expressão humana, ganhou, senão na sensação, uma espécie de existência separada, uma espécie de subjetivação própria que lhe confere autonomia em relação aos sujeitos.

2. A tecnologia e o ecrã na pós-modernidade

Relembrando sucintamente estas formulações de Simmel sobre a tecnologia, tenta-se então perceber se, à luz dos dias de hoje, ainda faz sentido continuar a enquadrar a tecnologia maioritariamente na dimensão objetiva da cultura humana. No mundo atual, marcado pelas teletecnologias, pela digitalização do quotidiano, onde a cultura-ecrã é dotada de forças imensas nas produções sociais, até que ponto poderemos continuar a enquadrar a tecnologia apenas nas dimensões da cultura humana objetiva?

Podemos continuar a considerar que a era moderna, e todo o seu projeto, é a base constitutiva da dinâmica cultural e social existente atualmente. De facto, faz ainda sentido pensar como Simmel acerca da cultura, uma «tragédia» que permite processos de objetivação do sujeito e de subjetivação dos objetos (Simmel, 1998a). Porém, autores como Lipovetsky e Serroy (2010) sugerem que o desenvolvimento dos mercados e do individualismo desde a era moderna até à atualidade não foram as únicas dimensões em mutação. Também assistimos a uma transmutação cultural, à emergência de uma «Cultura-Mundo» (Lipovetsky e Serroy, 2010a) ou «Sociedade-Mundo» (Morin, 2007: 49), que se desenvolve num mundo tentacular e globalizado. Neste sentido, a Cultura-Mundo é o resultado, em primeiro lugar, do “fim da separação entre cultura e a economia; em segundo lugar, pela excrescência da esfera cultural e, finalmente, pela absorção desta pelo domínio mercantil” (Lipovetsky e Serroy, 2010: 85). Assim, para estes a Cultura-Mundo é entendida como um sistema económico-cultural do hipercapitalismo globalizado, e nela estão inscritas também dimensões como as indústrias culturais e o ciberespaço. De um modo próximo, também Mário Perniola considera que a cultura atual vive sob uma aliança abstrata e inseparável entre sentidos e coisas inorgânicas, sobretudo esta tal relação excêntrica entre indivíduos e tecnologia (Perniola, 2004: 9). Tal como a cultura anexou outras dimensões em relação à era moderna, também a tecnologia, que, no passado, marcou aturadas reflexões, sofreu mutações. Sabemos que a era industrial da modernidade abriu um novo capítulo sobre a história cultural. Das várias invenções feitas entre o século XIX e XX, destacam-se invenções como o automóvel e o avião nos transportes, e a fotografia, o telégrafo, o telefone, os discos, a rádio e a televisão nas tecnologias de informação e comunicação. Todavia, nenhuma destas invenções foi tão marcante como aquela que é considerada a base das sociedades atuais: o *ecrã* (Lipovetsky e Serroy, 2010: 91).

O cinema iniciou então a primeira fase desta Cultura-Mundo, dinamizada pela primeira fase, na altura incipiente, da cultura do ecrã. A segunda fase ocorreu através da ligação e ampliação do cinema com duas outras indústrias culturais: a indústria discográfica

e a indústria televisiva. Nos anos 50 do século XX, a televisão tornara-se um equipamento básico do conforto moderno nos países desenvolvidos. Assim, impõe-se o reino da imagem em direto, assinalando o triunfo da velocidade, da publicidade, da instantaneidade, do divertimento, do *zapping*, do fragmentário, do insignificante, do descontínuo, promovendo atitudes generalizadas de dependência, habituando todos os seus utilizadores à sua linguagem e criando um tipo novo, iniciado pelo cinema: o «*homo ecranis*» (Ibid.: 92-94).

Entre a década de 80 e 90 do mesmo século, esta lógica alcança um novo estágio através de uma nova invenção que rapidamente se generalizou: o computador. Para muitos, o computador é a máquina das máquinas, e se o ecrã começou uma Cultura-Mundo, o computador e os seus ecrãs tornaram o mundo dessa cultura algo mais encurtado, uma verdadeira «aldeia global» (Mcluhan). Com este objeto tecnológico, nasce uma revolução digital, e um novo motor dinamiza toda a Cultura-Mundo: a Internet. Ou seja, com a máquina das máquinas, uma nova linguagem planetária instala-se - a linguagem digital - deixando obsoleta a linguagem analógica que marcou a modernidade (Ibid.: 94-95). Gérard Berry fala mesmo de uma máquina capaz de ser tão ou mais determinante para o futuro da humanidade do que o comboio a vapor (Ibid.: 95).

Assistimos assim, paulatinamente, à imposição do virtual sobre o real (Ibid.: 95), ou, numa outra perspetiva, à digitalização do analógico (Miranda, 2006). Independentemente das perspetivas que consideremos, esta passagem do analógico para o digital não foi neutra para a humanidade. Esta permitiu, entre outras coisas, uma mudança quer nas estruturas sociais como também nas estruturas individuais. Em *Cyborg Manifesto*, Donna Haraway refere-se à tecnologia neste sentido, isto é: “A tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fizemos, que por sua vez está dentro de nós. Vivemos num mundo de conexões - e é importante saber quais delas fazemos e desfazemos” (Haraway, 1991: 151).

Esta consideração feita por Haraway é, ao mesmo tempo, interessante e geradora de desassossego. «Estamos dentro do que fizemos e o que fizemos está dentro de nós». Podemos até ampliar esta ideia e referir que a passagem do analógico ao digital fora algo que estava dentro de nós e que, por isso mesmo, não surpreende que nós estejamos hoje dentro dela.

É precisamente a propósito desta questão que importa salientar uma divisão feita por Gregory Bateson (1972), entre comunicação analógica e comunicação digital. Para este autor, a comunicação analógica é toda uma comunicação gestual, corporal, silenciosa ou «mimológica»; por sua vez, a comunicação digital é todo o conjunto de comunicações com palavras e frases. Então, e recordando que se assiste a uma tendência de digitalização do

analógico, tal como afirma Miranda (2006), significa que vivemos atualmente em permanente fusão de formas e de expressões humanas que ligam, ou pretendem ligar, dois tipos comunicacionais outrora separados e percebidos por vias diferentes. Sabemos, de uma forma geral, que a descodificação da comunicação analógica obedece a princípios de descodificação muito ligados à via inferior do cérebro, ao lado mais subjetivo e inconsciente, às sensações. Pelo contrário, é a via superior, cognitiva, baseada na racionalidade, a via descodificadora da comunicação digital (Goleman: 2006: 36-41). Ora, esta fusão comunicacional, entendida como a digitalização do analógico que se observa nas teletecnologias, no ciberespaço ou na galáxia Internet, altera também toda a nossa anterior forma de descodificação e de percepção do mundo. Esta descodificação do digital, fundida com o analógico, parece querer saltar de uma dimensão objetiva, marcada pela racionalidade e pela percepção baseada nas razões sociais de descodificação, para uma dimensão que incorpora crescentemente a subjetividade, fundindo palavras com imagens, linhas com movimentos alternativos.

Temos, por isso, que (re)situar o impacto da tecnologia atual e perceber como é que ela se enquadra na cultura humana atual. E para isso, Lipovetsky e Serroy (2010: 96) lançam uma hipótese que nos parece de extrema importância sobre os usos e as dinâmicas das tecnologias. Para estes dois autores, se o primeiro ato da cultura de ecrãs foi sem dúvida marcado pela força dos *mass media*, da comunicação unilateral e centralizada, não é descabido considerar que o segundo ato da cultura dos ecrãs tem sido marcado pela força dos *self-media*, pelas trocas interpessoais e comunitárias, descentralizadas e baseadas na utilização de redes. Enfim, um modelo cultural mais horizontal, uma cultura de todos para todos. Por outras palavras, estes autores consideram que assistimos à passagem de um processo de uso mais objetivo, dominado pela unilateralidade comunicacional, onde reinavam as razões objetivas dos produtores sociais de opinião pública, para um processo mais subjetivo, onde cada indivíduo introduz a sua subjetividade através das múltiplas formas de objetivação permitidas pelas teletecnologias atuais.

Na mesma linha de pensamento, situam-se as perspetivas de Gunther Kress e Pinto-Coelho. Com o advento dos *self-media*, há mudanças significativas na paisagem comunicacional atual, e por isso também na cultura. Do livro como *médium*, e da escrita como modo, passamos para o ecrã e a sua imagem, ou seja, um mundo que nos é mostrado. A lógica do visual, da exposição, passou a dominar a atmosfera pós-moderna, pois se a palavra contava o mundo através da decifração dos seus autores, a imagem digital conta os diversos 'mundos' através das diferentes percepções e subjetividades dos seus visualizadores.

“Neste [novo] conjunto de relações, a subjetividade, o desejo, as necessidades, os mundos de vida dos visionadores/leitores/utilizadores ganham uma nova relevância” (Pinto-Coelho, 2010: 32). Portanto, esta passagem dos *mass-média* para os *self-média*, acompanhada pelos processos de digitalização do analógico, permite desde já sugerir algumas pistas para a integração cultural e social da tecnologia.

Todavia, importa ainda explorar um outro ponto que tem a ver com os desenvolvimentos relativamente recentes das tecnologias atuais de comunicação. Interessa por isso chamar à questão o termo marcado pelo prefixo «ciber», termo que deriva da fusão entre as características das tecnologias atuais e o termo cultura: «cibercultura».

A cultura, como base das produções sociais e tecnológicas, deu origem a novas ramificações e produções que fizeram descolar os indivíduos dos seus estádios anteriores de objetivação e subjetivação. A cibercultura, por exemplo, é essa fusão entre espírito objetivo e subjetivo limitada e/ou ampliada pelas ramificações tecnológicas que permite reforçar, como sugere Pierre Levy, três características típicas dos indivíduos em sociedade: as interconexões, as comunidades e as produções coletivas - como por exemplo a «inteligência coletiva» (Levy, 1999: 127).

Se é verdade que a cultura objetiva tem sido, desde a revolução industrial, mais fortemente objetivada do que a cultura subjetiva, também é verdade que as diversas manifestações da cibercultura contemporânea, como por exemplo as diversas efervescências sociais da Internet, as comunidades virtuais, o "underground high-tech" com os "hackers", as redes sociais digitais, os "crackers", "cyberpunks", etc., exprimem o encontro das tecnologias com a socialidade contemporânea, socialidade comunitária que exprime as dimensões subjetivas e informais da expressão humana (Lemos, 1998). Marcada pelos valores do hedonismo, do tribalismo e do nomadismo, e com uma forte presença do imaginário dionisíaco como sugere Maffesoli (2001), a técnica, paradoxalmente, parece estar a desempenhar um papel muito importante também na subjetivação da cultura, podendo até, eventualmente, fazer variar a relação de forças entre exterioridade e interioridade, entre objetivo e subjetivo. Como sugere Lemos,

ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, as novas tecnologias vão agir como vetores dessas situações. A forma técnica é obrigada a negociar com o social. Podemos falar de uma espécie de transformação da apropriação técnica do social, típica da modernidade, para uma apropriação social da técnica, mesmo que de forma complexa e imprevisível. Esse segundo movimento origina a cibercultura. (Lemos, 1998)

Importa, por isso, esclarecer algumas diferenças significativas entre as dimensões subjetivas e as dimensões objetivas da cultura. A oposição subjetivo/objetivo remete para um conjunto alargado de oposições mais ou menos simétricas: imaterial/material, essência/matéria, abstrato/concreto, ideia/ação, interior/exterior, desejos/objetivos, inconsciente/consciente, íntimo/público, emocional/palpável, sentimental/físico, sonho/real. Todas estas antinomias, bem como a sua relação de forças, permitem perceber o jogo entre dimensões culturais subjetivas e objetivas. Para Georg Simmel, ou mesmo para Alasdair MacIntyre, a modernidade foi, sobretudo, mais objetiva do que subjetiva, na medida em que o material, o concreto, a ação, o exterior, o consciente, o palpável ou o físico foram, sem dúvida, as grandes forças da cultura moderna (Rosa, 2000). A fábrica, a produção, o automóvel, as guerras, o consumo, a razão, o conhecimento mais objetivo e pragmático, os comportamentos padronizados, foram, sem dúvida, características dessa era. Mas, tal como adiantam autores como Maffesoli ou Lipovetsky, entre outros, longe vão os tempos dessas tendências objetivistas próprias da modernidade (Maffesoli, 2001: 82), pois vivemos na era da «civilização do desejo» (Lipovetsky: 2006: 7). *Hedonismo nihilista* para um, *eterno instante* para outro, mas ambos ressaltam que existe uma importância acrescida atribuída às características subjetivas da cultura, como os diversos prazeres coletivos, a vivência das emoções e dos sentimentos pelo lado do prazer, o quotidiano como pano de fundo para a vida como uma obra de arte. Falar da vivência atual da cultura é falar realmente de um politeísmo de valores que se propaga, imita e diferencia vertiginosamente através dos diversos agentes e elementos sociais.

3. Viver sob as atmosferas dos ecrãs

Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou autoamputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. Assim, não há meio de recusarmo-nos a ceder às novas relações sensoriais ou ao “fechamento” de sentidos provocado pela imagem da televisão. Mas o efeito do ingresso da imagem da televisão variará de cultura a cultura, dependente das relações sensoriais existentes em cada cultura. Na Europa tátil, visual, a TV intensificou o sentido visual, forçando-a em direção aos estilos americanos de condicionamento e vestuário. Na América, cultura intensamente visual, a televisão abriu as portas da percepção audiotátil para o mundo não-visual das linguagens faladas, da alimentação e das artes plásticas. Como extensão e acelerador da vida sensorial, todo o meio afeta de um golpe o campo total dos sentidos (...) (McLuhan, 2007: 63).

Vivemos na era dos ecrãs. Em todas as casas, em todos os cafés, até nas lojas e nos espaços públicos, nos hospitais e nas farmácias, nos tribunais e nas prisões, nos rituais e nas celebrações, proliferam ecrãs. Como diriam Lipovetsky e Serroy, 2010b: 249): “nunca o homem dispôs de tantos ecrãs, não somente para ver o mundo, mas também para viver a

sua própria vida”. Mas afinal de contas, que história está por detrás desta excrecência dos ecrãs? O que é que levou à inflação dos ecrãs no mundo atual?

A cultura ocidental, fundada pela palavra, desde o seu mito fundador (bíblia) até à força estruturante da educação baseada num objetivismo cientificista, tem sido, maioritariamente, logocêntrica. Quer dizer, o *logos* (discurso, conceito, argumento) desempenhou durante séculos um papel fundamental na edificação do desenvolvimento e da configuração das suas estruturas. A palavra estrutura o pensamento, de forma lógica, sequencial, da esquerda para a direita, onde até o tempo, o *cronos*, se submete à estrutura do *logos*, uma lógica sequencial (antes-durante-depois). Tal como sugere Derrick de Kerckhove, se pedirmos a um ocidental para representar a evolução do tempo num papel, ele olhará para uma linha, descrevendo o avançar do tempo da esquerda para a direita, precisamente porque o tempo é concebido em função da sequência dominante e estruturante da linguagem – precisamente, da esquerda para a direita. O contrário acontece com os orientais, precisamente pela mesma razão inversa (Kerckhove, 1997: 53-55).

Porém, a partir de meados do século XX, e sobretudo no seu dealbar, explodiram quatro grandes traços sociológicos que, a nosso ver, alteraram radicalmente este paradigma: individualismo, pós-modernismo, cibercultura e cultura de ecrã portátil. Todo este novo paradigma desafiou o *logos* como o centro, pois qualquer um destes traços privilegia a imagem ou o ícone. Em Portugal, mas de um modo semelhante no resto do ocidente, basta olharmos para o gráfico seguinte para percebermos esta transição da cultura letrada para a cultura visual, sobretudo a partir da explosão da Internet no início da década de 2000:

Biblioteca Nacional: livros e leitores
 Agregados domésticos privados com computador, com ligação à Internet e com ligação à Internet através de banda larga (%)

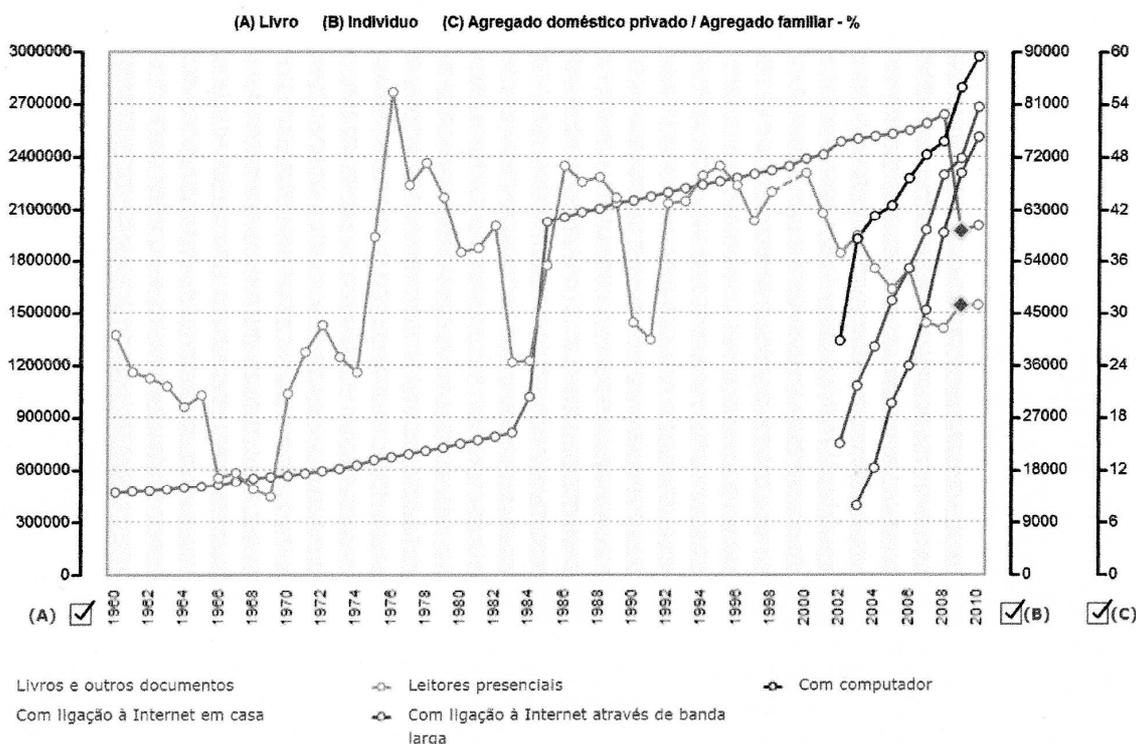


Gráfico 1. Fonte: Pordata 2012

Vemos pelo gráfico que em Portugal, desde 1960, houve um incremento do número de livros disponibilizados pelas bibliotecas, bem como um crescimento do número de leitores, sobretudo até 1999. Já a partir daí, nota-se uma relação inversa, decrescente entre os níveis de leitura de livros aquando do crescimento do número de computadores e de acessos à Internet por habitação.

Ora, esta alteração acarreta transformações de várias ordens, pois se no mundo da palavra, do *logos*, a lógica e a perspetiva mais analítica tomavam a dianteira na estruturação do pensamento, do tempo e das ideias; no mundo das imagens e do ícone teremos operações mentais que se desenrolam a um outro nível distinto que não o da semiologia ou da linguística – geometricamente, da esquerda para a direita. Como apreender, então, na era das imagens? Que alterações ao pensamento e à forma de conhecer ocorrem com esta mudança? Será que o cronológico se altera em direção a uma nova forma de apreender o tempo?

Falamos do tempo e do espaço ocidental, porque tempo e espaço são as duas bases fundamentais da intuição: só podemos intuir dentro de um certo tempo e de um certo espaço (Kant, 2010 [1781]). Estas intuições determinam a base das outras intuições, constituindo-se na base do conhecimento que se atualiza. Não podem existir intuições fora de um tempo e

de um espaço específicos, portanto sem esta relação entre ser, tempo e espaço. Então, é fundamental voltarmos a lembrar a importância de acedermos ao conhecimento do mundo a partir dessa tríade. E, para isso, temos que voltar a uma velha questão: como acedemos, em momentos históricos diferentes, a um novo conhecimento sobre os objetos existentes na contingência?

Kant referiu que, independentemente do modo e dos meios pelos quais acedemos ao conhecimento sobre qualquer tipo de objeto, “é pela intuição que se relaciona imediatamente com estes e ela é o fim para o qual tende, como meio, todo o pensamento. (...) Mas é o entendimento que pensa esses objetos e é dele que provém os conceitos.” (Kant, 2010: 61). Neste sentido, a ideia é a de que o conhecimento humano provém de duas fontes fundamentais: pela intuição “é-nos dado um objeto; pela segunda [entendimento] é pensado em relação com aquela representação (como simples determinação do espírito).” (Ibid.: 88).

Apesar das várias (re)leituras à obra *Crítica da Razão Pura*, quer por parte do idealismo alemão, quer por parte do neokantismo, poucos tocaram na sua questão de fundo. Nem os primeiros (onde figuraram Fichte, Schelling e Hegel), nem os segundos conseguiram superar Kant, e “Tal não poderia acontecer, porque a verdadeira posição-de-fundo de Kant não foi atacada, mas, simplesmente, abandonada; não foi sequer abandonada, porque quase não foi assumida – foi apenas contornada (Heidegger, 1992: 66). De acordo com a leitura de Heidegger (Ibid.: 137), Kant considera que o intuir é dado de forma imediata, e o pensar de forma mediada. Neste sentido, a grande questão de fundo da *Crítica da Razão Pura* é destacar a partir daí uma determinação verdadeiramente importante, superando o pensamento cartesiano, que por vezes ainda se quer impor: “de agora em diante, a intuição permanece determinante e que sem ela o pensamento não é nada.” (Ibid.: 146). É esta, para Heidegger, a verdadeira posição-de-fundo dessa obra: uma crítica a todo o conhecimento que não coloca como primordial e determinante a intuição. “A *Crítica da Razão Pura* (...) É uma daquelas obras que, acerca de todas as futuras tentativas de a superar, na medida em que, simplesmente, as ultrapassa, já sobre elas pronunciou um juízo.” (Ibid.: 68). Aliás, esta posição-de-fundo aparece, a nosso ver, de uma forma muito clara nas palavras de Kant:

o pensamento tem sempre que referir-se, finalmente, a intuições, quer directamente (directe), quer por rodeios (indirecte) [mediante certos caracteres] e, por conseguinte, no que respeita a nós, por via da sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado. (Kant, 2010: 61)

Na base das intuições residem, portanto, tempo e espaço, e é somente perante as suas texturas e espessuras que os novos saberes se podem fundar sobre a sucessão da vida. É que “O tempo e o espaço são portanto duas fontes de conhecimento (...). Tomados

conjuntamente, são formas puras de toda a intuição sensível, possibilitando assim proposições sintéticas a priori." (Ibid.: 76).

Ora, a vida nos ecrãs salienta toda esta problemática. Neles, porque é da visão que se trata, estamos perante a ciência da sensibilidade – a estética. E como em qualquer campo onde a visão é determinante, a intuição eleva ainda mais a sua responsabilidade, pois é ela que recebe as ecranovisões e que as dispõe para o entendimento. Neste sentido, perante novas relações com novas intuições (cibertempo e ciberespaço), portanto ciberintuições, é justo pensar que assistimos, por relação direta, a novas subjetivações humanas, novas transposições e novas microdiferenciações replicáveis, que posteriormente tendem a gerar, por sua vez, novas (ciber)individuações e novas (ciber)socializações, renovando a cultura e as formas de estar no mundo.

É que, tal como lembra Moisés Martins (2010), glosando Virilio, atualmente já não é para as estrelas que lançamos o olhar. Olhamos é para os ecrãs. E olhar para os ecrãs ao invés de olhar para as estrelas significa mudar a forma de circum-navegação clássica, baseada na bússola e no astrolábio, para uma circum-navegação no ciberespaço, através dos ecrãs numéricos. Se a navegação no ecrã é sustentada pelo número, então o ciberespaço numérico é a nova América, a nova mitologia Ocidental (Martins, 2010: 10-11).

Todavia, a circum-navegação não é apenas ciberespacial. É, acima de tudo, ecrânica. Quer dizer, é à volta dos ecrãs que hoje nos guiamos para as mais importantes ou mais banais atividades do quotidiano. E a essa circum-navegação ecrânica corresponde uma outra dinâmica que queremos reforçar: uma *circum-visão* mediada pelos ecrãs. Se no passado dos descobrimentos, usando a metáfora de Martins (2010), a circum-navegação era guiada pelos instrumentos da época, hoje esses instrumentos de descobrimento e de recolha informativa são, numa larga maioria de casos, os ecrãs. Por isso a necessidade de pensarmos as *circum-visões ecrânicas* como dinâmicas fundamentais no pensar, sentir e agir dos indivíduos pós-modernos.

O ecrã atual deriva, para alguns autores, de uma tecnologia mais antiga: a janela renascentista italiana (Manovich, 2001: 95; Katz, 2004; Mons, 2002). E a história do século XX pode ser contada, entre outras versões, através da força dos ecrãs que se modelaram desde então. Desde o fascínio provocado pelo ecrã-cinematógrafo dos irmãos Lumière (no *Grand Café*, em Dezembro de 1895 no centro de Paris) até aos ecrãs mais recentes (ecrã de Leds ou ecrãs (por)tácteis), muita coisa mudou na humanidade, sobretudo a sua força na vida das pessoas. Podemos afirmar, tal como o fazem outros autores, que o ecrã terá sido o responsável pela origem de uma nova cultura, uma verdadeira cultura-ecrã que é, ao mesmo

tempo, causa e efeito de uma Cultura-Mundo - sistema económico-cultural do hipercapitalismo globalizado, que inscreve também dimensões como as indústrias culturais e o ciberespaço (Lipovetsky e Serroy, 2010a: 85). A cultura-ecrã pode então ser esquematizada em duas fases distintas. Por ser a única cultura de que se conhece realmente o 'dia' do seu nascimento², ao contrário de todas as restantes culturas que derivaram das artes, é possível precisar exatamente a sua explosão³.

Vejamos: a primeira fase da cultura-ecrã, é a fase dos ecrãs de massas (mass-ecrã), ecrãs que compreendem sobretudo a era do cinema e a era da televisão. O ecrã-cinema é atravessado por uma passagem evolutiva, que compreende o seu nascimento (com uma primeira orientação mais voltada para a elite) e a conseqüente fascinação inicial e, mais tarde, a sua massificação (por volta dos anos 50). Por seu turno, o ecrã-tv evoluiu rapidamente a partir dos anos 50, massificando-se e tornando-se num meio central e (mais) cómodo (as sucessivas evoluções permitiram melhorias nas dimensões do tamanho, do formato e dos tipos de ecrãs); a segunda fase da cultura-ecrã, nasce a partir dos anos 80, com os ecrãs individualizados (self-ecrã). O computador é o grande responsável pelo nascimento desta segunda fase, que juntamente com a Internet permitiram o seu desdobramento para outras atmosferas «*ecrãnicas*». Ao ecrã-cinema e ao ecrã-TV juntou-se então o ecrã-computador, originando um *superavit* quotidiano de ecrãs (Lipovetsky e Serroy, 2010a: 94). Com esta transição, dá-se a passagem de um consumidor passivo de imagens ecrãnicas para um consumidor-produtor mais dinâmico e ativo. Por sua vez, a portabilidade dos ecrãs ganha cada vez mais importância à medida que o self-media se alastra com o seu dinamizador (a Internet), incorporando todo o tipo de dispositivos (por)táteis: telemóveis, *Pda's*, *Gps's*, smartphones, tablets, ecrãs publicitários, ecrãs-consolas de jogos, etc.

Porque é que dividimos a cultura-ecrã em duas partes distintas? Tal como lembra Manovich, o ecrã que deriva da perspectiva renascentista, portanto o ecrã mais clássico - "uma superfície plana, retangular, dirigida a um visionamento frontal, que está no nosso espaço normal, o espaço do corpo" (Manovich, 2001: 95) - não é muito diferente do ecrã dinâmico do cinema, da TV e do vídeo. Em ambos os tipos - clássico e dinâmico - o sentido de mediação e de fronteira são realidades bem presentes, onde a visão permanece estável (Ibid.: 96).

É no entanto com o *ecrã interativo*, que nasce sobretudo nos anos 80 do século XX com o computador, que o ecrã altera profundamente o regime da visão. Com as atmosferas

² O ecrã nasce com o cinema, o que permite afirmar de forma precisa a sua data de nascimento, tal como o faz Béla Balasz (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 31).

³ Este esquema demonstra a passagem do ato I da cultura-ecrã (*mass-media*) para o ato II, a era dos *self-media* (Ibid., 2010a: 96).

criadas pelo ecrã interativo, baseadas na simulação, o ecrã passa a ser concebido como algo mais acolhedor, móbil e maleável. E assim passa a ser oferecida à visão toda uma atmosfera a percorrer, onde a concretização das diversas cenas oferecidas depende sobretudo da atividade dos seus utilizadores. É esta relação simbiótica entre utilizadores e ecrãs que hoje mais prolifera (Pinto-Coelho, 2010: 21-22).

A estas duas fases distintas da cultura-ecrã correspondem cinco atmosferas preceptivas, que se condicionam constantemente umas às outras e que demonstram forças divergentes em função das forças atmosféricas. São as atmosferas responsáveis pela criação do «*homo-ecranis*».

A atmosfera fascínio

A primeira atmosfera preceptiva a despontar foi a *atmosfera fascínio*, que ocorreu na fase inicial do ecrã-cinema e que se poderia vislumbrar nas expressões dos seus primeiros espectadores. A sua expressão, embora circunscrita na fase inicial por estar apenas disponível para as elites (sobretudo devido às incapacidades técnicas e logísticas da altura), originou um burburinho alargado pelas principais metrópoles sobre a sua capacidade de fascinar. Foi o início da imagem-retângulo onde a multiplicação dos fenómenos da época ganhou destaque. As grandes telas e uma nova forma de ver e olhar o mundo (através da projeção) deram início à imagem-movimento retangular da vida. A sensação originada pelo comboio, que parecia sair da projeção e entrar no *Grand Café* em Paris, foi o início do fascínio causado pela imagem-retângulo em duas dimensões. Grande parte do fascínio daquela época residia sobretudo no facto do indivíduo ser retirado do quotidiano pela sequência de imagens. Essa sequência operava um corte radical entre o real e o espetáculo.

A atmosfera massificação

A segunda atmosfera a aparecer foi a *atmosfera da massificação*, que ocorreu por volta dos anos 30 quando se deu a massificação do cinema. A tecnicização da sétima arte permitiu a sua abertura às massas, interagindo no interior destas com duas fórmulas potentes imbuídas num espírito de indústria: novidade e diversidade (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 36-37). Novidade e diversidade, produzidas pela imagem-retângulo, retiravam as massas e as suas dificuldades da época do quotidiano permitindo a viagem para novos mundos e novos sonhos. Tornando-se público e coletivo, portanto acessível a todos, o ecrã-cinema gerou uma espécie de feitiço coletivo, feitiço oriundo da força da imagem-cinema. Embora diferida e limitada no espaço, a imagem-cinema introduziu uma atmosfera de coletivo, de massas,

originando pela primeira vez a vivência de sensações e emoções comuns em simultâneo. Aqui começaram as *orgias coletivas do fascínio*, da sensação e da emoção, dando origem à «imagem-multiplex» (Ibid.: 90-103). A imagem-cinema em massa começou, pois, a gerar a multiplicidade e a pluralidade em todos os sentidos.

A atmosfera Zapping

A terceira atmosfera a aparecer foi a *atmosfera Zapping*, que nasceu a partir da televisão (anos 50) e de uma das suas grandes características: o Zapping. Dentro de uma lógica mais familiar, individual e privada, a televisão introduziu a importância do doméstico no social. Dentro do doméstico, os indivíduos começaram a comandar o sentido e o significado das imagens através das possibilidades de mudança entre os diversos canais. O feitiço do Zapping gerou uma atmosfera de controlo mas ao mesmo tempo de semi-alheamento. Ao se enquadrar no quotidiano, a televisão suscita a fusão entre a conversa e a visualização de imagens, não desligando completamente o indivíduo do quotidiano mas deixando-o entre o real e a ficção TV, entre o lado racional das coisas e a apreensão maciça através do olhar.

A estes efeitos, junta-se um outro que permite destacar ainda mais o efeito do Zapping: a visualização em tempo-real. O tempo-real das imagens suscita curiosidade nos indivíduos levando-os à curiosidade permitida pelo Zapping. Lógicas como a do imediato, da ubiquidade, da simultaneidade e da ilimitada fonte de imagens formam uma nova atmosfera. Assim, as gerações TV desenvolveram uma nova retórica das imagens, pois a linguagem da televisão, fortemente marcada pela estética do fragmento, pela valorização do acaso (Nouvelle Vague) e pela predileção para a descontinuidade introduziram um certo efeito de Zapping geral nos telespectadores. Aqui se deu o início da «imagem-excesso» (Lipovetsky e Serroy), onde os diversos fenómenos da era moderna passaram a entrar numa espiral de sobremultiplicação: mais imagens, mais velocidade na sequência de imagens, maior fragmentação e descontinuidade entre sequências.

A atmosfera da conexão

Com o nascimento dos computadores e da Internet (década de 80), nasce uma quarta atmosfera que ainda hoje coexiste de forma bastante prolífera. É a *atmosfera da conexão*, originada pelas possibilidades do ecrã-Internet e das suas janelas em rede (on-line). A exacerbação da descontinuidade e do fragmentário, juntamente com o carácter múltiplo e ilimitado das atmosferas do ciberespaço emergiu os indivíduos numa atmosfera

hiperdinâmica e hipertextual, onde tudo se interliga. É a partir daqui que coexistem imagem-excesso, imagem-multiplex e «imagem-distância» (Ibid.: 117).

O excesso das imagens deve-se à hipermultiplicação dos envios, das conexões e dos canais de ligação. Imagens por todo o lado, que se ligam e desligam, que se conectam e desconectam gerando uma hipertrofia de sentidos e de orientações. O excesso da multiplicidade acontece porque de várias formas se multiplicam as imagens, em ecrãs-internet, ecrãs-televisão, ecrãs-cinema, ecrãs-publicidade, etc. O digital passa a ser também ele produtor e multiplicador de imagens. Se até aqui as imagens já se multiplicavam com a televisão, com esta nova atmosfera tudo se multiplica, multiplicando também as tendências, as fusões culturais, sociais e imaginárias, a estética do mundo e as narrativas. Enfim, multiplica os olhares sobre o mundo.

Associado ainda a este turbilhão de imagens-excesso e imagens-multiplex, estão as imagens-distância. Todos os olhares sentem distância para com as imagens que em todos os diversos ecrãs aparecem à vista. À medida que o excesso e a multiplicidade mergulham o indivíduo em dimensões sensoriais e sensitivas, portanto uma proximidade íntima, uma outra lógica baseia-se no recuo das imagens produzindo um certo distanciamento face ao espectador. É o caso de todas as imagens que obrigam a um certo distanciamento cognitivo por parte do espectador (Ibid: 69-110). Dentro de uma lógica ou comercial ou a inculcar o subjetivo, as imagens ligam-se umas às outras com um sentido implícito de distância, impondo a necessidade de descodificação cognitiva como se o espectador fosse já suficientemente capaz, dada a história de imagens e de sequências que tem na memória, de descobrir os significados e as ligações. É a aura do ecrã a existir dentro dos vários tipos de ecrãs.

A atmosfera da hiperconvergência

Por último, a *atmosfera da hiperconvergência*, atmosfera que se caracteriza pela ligação de todos os sistemas ecrânicos, de multimédia e de ciberespaço em qualquer tipo de ecrã, seja ele táctil, sensitivo ou atmosférico. É a atmosfera da fusão permanente, que tal como as anteriores anexa cada uma das atmosferas anteriores e funde-a com novos ambientes e tecnologias. A fusão é o vetor chave desta mais recente atmosfera, que mais do que se enquadrar no quotidiano, move-se nele com uma ubiquidade sem precedentes. Os ecrãs atuais são exímios a provocar todas as atmosferas anteriores em todo o tipo de cenários dadas as suas capacidades de portabilidade, de conexão (on-line), de tempo-real, de grande velocidade. Não existem barreiras nem fronteiras possíveis que impeçam a excrescência de

convergências entre os diversos sistemas, sendo o ecrã cada vez mais o centro dessas convergências. É no ecrã que se funde o cinema com a televisão, com a Internet, com a Domótica, com a vigilância, com a publicidade, com a leitura (os E-books), com a escrita, com o sexo, com o crime, com a amizade, com a política, etc. Enfim, é no ecrã o centro atmosférico da hiperconvergência do mundo.

Santana, por sua vez, especificamente sobre ecrãs interativos de computador, descreve ainda três tipos de interfaces. O primeiro é o *interface de intermediação*, onde o ecrã do computador é tratado como uma superfície lisa de exposição ou exibição mas que permite a utilização de uma caixa de ferramentas que permite mudar a aparência ecrânica devido à ação do utilizador; o segundo tipo são os *interfaces miméticos-naturais*, interfaces que mimetizam os comportamentos mais intuitivos da vida, mas que também permitem ação do utilizador; e por último os *interfaces convergentes*, que utilizam combinações dos dois interfaces anteriores. São os interfaces convergentes que fazem despontar a magia dos jogos virtuais, pois a sua capacidade de hibridizade leva à fusão entre dimensões como espaço e proximidade, real e imaginário, limite e fronteira (Pinto-Coelho, 2010: 26)

4. Substituição da cultura letrada pela cultura visual

Todas estas atmosferas criadas pelo ecrã, desde a atmosfera inicial no *Grand Café* do fascínio, até à mais recente, a da hiperconvergência, criaram, progressivamente, uma alteração na forma de ver, sentir e, até, de pensar o mundo. Porque ver e olhar um ecrã não é ver e olhar um livro. Quando lemos, temos a sensação de que controlamos todos os fatores: ritmo de leitura, folhear páginas, imagem das palavras estabilizada, etc. Porém, em frente a um ecrã, essa sensação é invadida por uma outra, pois sobre ele, o olhar gerado pela própria máquina é mais poderoso, não possibilita que se controle tudo, e há a tendência para uma maior vulnerabilidade - até porque somos fortemente seduzidos por tudo aquilo que é da ordem do multissensorial (Kerckhove, 1997: 45-46).

Há, portanto, diferenças significativas entre os efeitos gerados pela cultura visual e pela cultura letrada: a (tele)visão fala mais ao corpo, e não tanto à mente como é o caso do livro (Ibid.: 38-39). Porque essa provoca sucessões rápidas de imagens, não concede tempo a uma resposta racional (classificações mentais) – apenas concede tempo de resposta ao sistema fisiológico. Chama a atenção mas não a satisfaz. Reduz deste modo a compreensão, pois o (tele)espectador não consegue suportar a força exterior do ecrã (ibidem.: 40-41). Assim, na (tele)visão segue-se a ação com o corpo, imitando de forma sensomotora aquilo

que é visualizado. Imita-se ou diferencia-se uma ou outra ação para melhor a interpretarmos – efeito de submuscularização (mímica sensomotora que nos permite apreender o que vemos).

Por isso, Kerckhove afiança: *sentido ecrânico* não é o mesmo que *sentido literário*. É antes um «sentido pressentido». Este sentido, normalmente não consciente, regula e condiciona os comportamentos diários. Este sentido pressentido está antes da lógica racional, deixando até muito pouco espaço ao racional (Ibidem.: 43). De certo modo, a excrecência de ecrãs é uma resposta ao excesso de códigos e de regras sociais de que os nossos olhos estão repletos. Talvez por isso, se foram criando, historicamente, objetos de visionamento livre (pintura, fotografia, escultura, etc.), indivíduos de visionamento livre (atores, desportistas, bailarinos, compositores) e espaços de visionamento livre (teatros, feiras, carnavais, etc.) onde se pode ser voyeur. Também se é livre em frente a um ecrã - de televisão ou de computador – pois não existindo as barreiras do face a face, também não há regras nem códigos nem censuras (Ibidem.: 45).

Assim, o ecrã fala ao lado direito do cérebro (ao corpo, ao emocional e ao sensorial); por seu turno, os livros dirigem-se mais ao lado esquerdo (ao racional, à mente) (ibidem.: 46). Por exemplo: uma criança formada numa cultura letrada pensa sequencialmente – falar, escrever, pensar, associar, repetir sequencialmente. Por seu turno, uma criança formada numa cultura visual pensa mais por olhadelas – associar, pensar, falar, e só depois escrever. Portanto, mais à base de associações e conexões entre imagens visuais. Por isso, com os ecrãs há uma tendência para se usar o pensamento nesta lógica de olhadela, mais do que usar o ver racional. Por exemplo, ao lerem um texto, os mais *ecranomediados* não são tão sequenciais como os *livromediados*. O que acontece é que os primeiros tendem a reunir uma imagem a partir do texto, para depois lhe atribuírem sentido (Ibidem.: 47).

Neste sentido, tanto o ecrã-tv como o ecrã-cinema configuram-se como «psicotecnologias», já que são a imaginação coletiva projetada para fora do corpo – uma verdadeira «mente pública». Estas psicotecnologias não apenas prolongam as propriedades de envio e receção da consciência, como penetram e modificam a consciência dos seus utilizadores (Ibidem.: 34). Todavia, e era aqui que também queríamos chegar, se com a Televisão e com o Cinema se criou uma «mente pública», coletiva, então é caso para dizer que o computador e as redes vieram repor nos indivíduos uma mente singular e mais subjetiva. Como uma espécie de protesto subliminar à força do ecrã-tv, propagaram-se os computadores. Este recuperou parcialmente o equilíbrio entre ver e olhar ecrãs, entre a

repetição sequencial e a associação de imagens, entre o letrado e o visual. Isso distingue, em larga escala, os indivíduos de diferentes gerações, os do livro e os do ecrã, e os do ecrã-tv ou ecrã-cinema e os do ecrã-computador ou ecrã-rede (Ibidem.: 50-51). É que, sobretudo aos indivíduos desta última geração, os computadores permitem «responder» aos ecrãs, levando-os à exteriorização da consciência: aquilo a que se chama de *interface*. A *interface*, zona intermédia entre humano e ecrã, tornou-se hoje o lugar principal do processamento da informação. É aí que se perde a nitidez das fronteiras entre exterior e interior. Os computadores criaram assim uma nova forma de cognição intermédia, uma ponte de interação continuada entre exterior e interior (Ibidem.: 52).

Deste modo, com os computadores assistimos então a uma integração tecnológica a três níveis: 1) Interior: hiperconcentração e aceleração do poder computacional; 2) Exterior: estandardização das redes de telecomunicações internacionais; 3) Interativa: Interatividade biológica homem/máquina na Realidade Virtual (Ibidem.: 73). Derrick de Kerckhove leva mesmo esta ideia mais longe, referindo que o grande objetivo dos computadores é transformar hardware em software, material em imaterial, remetendo o poder para o reino do poder do pensamento (Ibidem.: 75).

A partir de McLuhan, é também possível concluir que a computadorização leva ao tato: juntamos ao pensamento a «mão da mente». Penetrando no ecrã com uma mão virtual (ícone da mão), as coisas ficam tangíveis mesmo que no passado não fossem visíveis. Tocamos agora os conteúdos do pensamento. Uma mão mental só foi possível com a invenção da realidade virtual (RV). Não era necessário tocar nos objetos da mente no passado, mas hoje isso é constante com o ciberespaço (Ibidem.: 80).

Uma outra característica das psicotecnologias, e também das *sociotecnologias*, que são o conjunto formados pelas redes sociais digitais, é a do imediatismo. Hoje é possível pensar em algo e tê-la quase no imediato, pois a velocidade de interação atingiu algo próximo da instantaneidade. É uma marca da cibercultura. O cérebro tecnologicamente prolongado projeta exteriormente a sua rede de sensores (Ibidem.: 81). De facto, individualizamos assim a lógica do imediatismo. E não só o indivíduo ficou tecnologicamente prolongado. Também a sociedade ficou tecnologicamente prolongada, através dessas tais sociotecnologias. Projetamos exteriormente os sistemas nervosos mas também a sociedade; pela primeira vez na história demos corpo e forma a uma sociedade, através da constituição objetiva e imagética de redes e círculos de indivíduos (Facebook, Google+, Twitter, etc.). Aliás, a rede social de contactos individuais pode ser hoje vista pela tecnologia, e não apenas pelos olhos e pela mente. Isto transforma-nos, em todos os sentidos, *homo-ecranis*.

O tato simulado é também uma psicotecnologia, muito comum hoje, capaz de nos extrair da cultura letrada, teórica e frontal (Ibidem.: 81). Pensamento e processamento são hoje quase a mesma coisa. Isto gera uma outra forma de aprender: aprendizagem conectiva (Ibidem.: 82). Por este prisma, percebemos então que a essência da Realidade Virtual é a partilha (Ibidem.: 82-83). Nunca como agora partilhamos e conectamos tantos pontos de vista diferentes, vindos de pessoas diferentes, sobre algo em comum. A resolução de problemas no futuro poderá caber dentro desta lógica imediata e em rede, uma máquina onde a sua principal estrutura é o pensamento. Assim, e segundo Kerckhove, o mundo exterior pode tornar-se uma extensão da consciência, tal como acontecia nas culturas primitivas. Isto poderá levar, na perspetiva deste autor, ao afastamento do *homo-theoreticus* do centro da ação, substituído pelo *homo-participans* (Ibidem.: 84-86), que já se vislumbra em traços com tendência crescente nas organizações reticulares (Movimento 12 de Março, Los indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe, etc.).

Por outro lado, Kerckhove lembra-nos ainda do seguinte: há, na contingência atual, uma tendência para a convergência. A televisão funde-se com o computador, gerando o telecomputador – combinação de conquista do nosso espaço mental (TV) com conquista do espaço temporal e espacial (computador e redes internet). A ideia de visão e de televisão tende a desaparecer. As palavras chave são ecrã e «tele», conexão à distância, massificada e mediada por ecrãs como ponto central de interface. Os telecomputadores permitem falar com outros à distância e entrar na ação (Ibidem: 88-89). Esta fusão permite evitar antigas dicotomias: televisão pública/computador privado; televisão estandardizada/computador personalizado; televisão mais dotada de espírito coletivo/computador mais num espírito individual e seletivo. Com a atmosfera da convergência, a onda tenderá mais para: ligar o desligado e desligar o ligado; ligar necessidades pessoais com mentes coletivas, e vice-versa. Isto poderá encetar a criação de novos poderes: sociais, políticos e económicos. Terá, na perspetiva de Kerckhove, o condão de acelerar mudanças e adaptações geopolíticas (Ibidem: 90).

No entanto, é ainda um facto que para as gerações habituadas à lógica da televisão, habituados a esperar pelas cores e pelas imagens, é um problema a ligação à Internet e à ciber navegação. Para as gerações mais velhas, nesses encontram-se dados secos, à maneira dos livros. Pelo contrário, as novas gerações já não são as gerações da televisão a cores, mas sim de um misto entre televisão e computadores. Daí a convergência entre televisão e computadores. Uma individuação da perceção evolutiva das gerações e da sua relação com a tecnologia entrou na própria tecnologia. De facto, a Internet é uma

individuação que vem de baixo, do subterrâneo, do subconsciente da inteligência coletiva. Tal como o subconsciente, é constituída por mais informação do que a que pode ser filtrada para um nível consciente (Ibidem: 91). Há por isso um crescente movimento de descentralização radical. Muito do que era de massas tende a tornar-se tribal (Ibidem: 94). No entanto, um fenómeno curioso está em permanente atualização: a informação é a única substância que cresce com o uso, em vez de decrescer, como os recursos naturais (Ibidem: 95). Ora, isto inverte as lógicas anteriores. Se a informação é cada vez maior, significa que o consumidor de informação está também mais apetrechado, e por isso com maior possibilidade de entendimento e/ou controlo sob o seu mundo. A partilha como base destas novas gerações telecomputorizadas gera uma força que, tal como o poder monárquico foi derrubado pelo democrático, pode derrubar também as próprias democracias através deste poder partilhado, já que a base do controlo passou para o consumidor/produzidor («*prosumidores*»). A tecnologia de transmissão e de redes permite colocar o poder nos indivíduos. Dos espectadores de sofá tornou-se possível a passagem para os guerrilheiros de sofá (Ibidem: 95-96).

Nesta linha, para Kerckhove esta passagem de um mercado vertical, de um só sentido, para uma lógica mais horizontal, multilateral e interativa, permite saber exatamente a venda de um produto de forma numérica. Todos os sistemas digitais convergem para a exatidão dos números (Ibidem: 98). Talvez “A melhor vingança contra as psicotecnologias que nos transformariam em extensões delas próprias é incluí-las dentro da nossa psicologia pessoal. Um novo ser humano está a nascer.” (Ibidem: 284). É que não obstante estas diferenças aqui recenseadas, com o ecrã-televisão, mas sobretudo com o ecrã-computador, passou-se do processamento de informação através do cérebro para os ecrãs à frente dos olhos, ao invés de atrás dos olhos. Isto permite visualizar a consciência, e adaptá-la caso não seja favorável ou conveniente. Criaram-se assim condições para a produção de novas psicologias (Ibidem: 34-35). O uso de tecnologias tende, neste sentido, a provocar uma certa «narcose de Narciso» - queremos sempre mais do que aquilo que as tecnologias nos dão. As jovens gerações sentem mais essa influência devido ao maior consumo de tecnopsicologias. Todo o sistema nervoso, devido às tecnopsicologias, entre os quais o ecrã, está a gerar novas psicologias e sociologias, já que as individuações entre humanos e tecnologias são cada vez mais constantes e complexas.

Capítulo II

(Sobre)viver com ecrãs

Devemos mobilizar o espírito para controlar os nossos olhos e devemos mobilizar os nossos olhos para controlar o nosso espírito. (Morin, 1999: 19)

1. Percecionar ecrãs

Depois da exposição das diferentes fases da cultura-ecrã, dos diferentes tipos de atmosferas preceativas e dos diferentes tipos de interface, importa agora lançar algumas questões sobre a forma como percebemos e vivemos na era dos ecrãs. Mais importante do que falar de interfaces e atmosferas, é perceber como é que percecionamos todo este mundo dos ecrãs. O que é que se pede que os ecrãs façam? Por que é que preferimos até agora usar o termo atmosfera e não ambiente? Por que é que evitamos até aqui falar na influência dos ecrãs no imaginário coletivo e/ou no inconsciente coletivo?

Moisés Martins refere, lembrando Heródoto, que para as crises culturais os gregos tinham criado como remédio a arte da palavra (retórica); e para as crises naturais, os egípcios usaram como solução a geometria. Ora, no seu entender,

o que se pede hoje aos ecrãs do computador, que nos dão ambientes de produção numérica (informática), é que nos resolvam a crise da cultura. Os ecrãs exprimem a crise da experiência contemporânea, a de um quotidiano acentrado, sem fundamento, que vive das emoções, e não sobretudo das ideias, num tempo em velocidade, acelerado, de mobilização “total” (Yunger), ou infinita (Sloterdijk, 2000) (Martins, 2010a: 12).

Porém, antes de refletirmos sobre a possível, ou não, solução-ecrã para os problemas atuais da cultura, importa perceber como é que percecionamos e captamos o mundo dos ecrãs e as suas dinâmicas. Embora os ecrãs sejam uma espécie de olhos pós-modernos, importa em primeiro lugar perceber os nossos próprios olhos e a nossa percepção sensorial. É que,

considerando que em toda a percepção são mobilizados processos cerebrais/psíquicos inconscientes, como superabundantemente mostraram, cada uma à sua maneira, as teoria da Gestalt e a psicanálise, precisamos de processos cerebrais/psíquicos conscientes para examinar, refletir e autocriticar a nossa visão. Quer dizer que seremos incapazes de ver bem se não formos capazes de nos ver a nós próprios (Morin, 1999: 19).

Ora, para nos percecionarmos a nós próprios, é preciso traçar uma relação entre ser e tempo, pois se esta nova era dos ecrãs, a fase dos *self-media*, está em proliferação com

uma força sem precedentes, é importante lembrar, tal como o fez Walter Benjamin, que “em grandes épocas históricas altera-se, com a forma de existência coletiva da humanidade, o modo da sua percepção sensorial” (Benjamin, 1992: 80). A relevância de entender as percepções sensoriais, como a visão, prende-se com a sua importância na captura de atmosferas imagéticas na construção e (re)definição social da realidade.

Tal como sugere José Gil, uma atmosfera é, em primeiro lugar, “um certo regime que o olhar traz à visão da paisagem” (Gil, 1996: 51). Mas para compreender este sentido de atmosfera, é necessário apreender as diferenças entre ver e olhar o mundo. Para este autor, “para ver, é preciso olhar; mas pode-se olhar sem ver. Pode-se até ver mais, olhando; não só receber estímulos, decodificá-los (ver), mas fazer intervir o corpo na paisagem (...)” (Ibid.: 50). Tal como sugeria Fernando Pessoa, através do heterónimo Alberto Caeiro, “O essencial é saber ver, saber ver sem estar a pensar, saber ver quando se vê, e nem pensar quando se vê nem ver quando se pensa” (Pessoa, 2001: 58). Encontramos portanto aqui, diferenças muito significativas entre o ver e olhar, ainda que Pessoa não use neste caso o termo olhar. Temos presente, no entanto, que o ver é algo que compreende uma decodificação racional e linguística da visão; já o olhar é algo mais maciço, compreende as imagens-nuas, coisas que arrastam consigo pedaços de inconsciente (Gil, 1996: 21). O ver racionaliza as imagens vistas; o olhar apreende delas o invisível, as pequenas percepções impercetíveis, coisas que nos invadem e que se instalam no inconsciente (Ibid.: 12).

Ora, não será por isso descabido seguir a sugestão de José Gil e dividir a visão em três níveis. Dois níveis não sujeitos ao consciente e um último sujeito à decodificação do ver. O primeiro nível refere-se à abertura muda sobre a paisagem (visão muda), onde o corpo é o centro da referência. É uma visão muda em que o olhar ainda não aparece, pois “a vista introduziu uma distância particular entre as coisas, situando-as por referência umas às outras e todas por referência ao corpo” (Ibid.: 51). É aqui que todos os sentidos se abrem, no entanto conferindo à paisagem o seu sentido mudo.

O segundo nível da visão aparece depois, com o aparecimento do olhar. Com o olhar não há pensamento nem linguagem verbal. É assim que o olhar «escava buracos» na percepção, tornando-se numa espécie de linguagem não-verbal que surge no interior da visão. O olhar é aquele que decifra as pequenas percepções, percepções que no entanto ficam cravadas no inconsciente uma vez que aqui não podem ser exprimidas dada a ausência de linguagem verbal. É o olhar que “escava a visão, imprime sulcos na paisagem, diferencia-a em múltiplos núcleos de forças, modula a luz e a sombra, introduz os primeiros filtros seletivos da percepção” (Ibid.: 52). No entanto, são as pequenas percepções que garantem a

passagem do não-verbal ao linguístico, do gesto verbal ao gesto corporal, da visão ao pensamento articulado, enfim, do olhar ao ver (Ibid.: 101). Mas devem-se sempre considerar dois momentos na apreensão dessas pequenas percepções: “quando impressionam os sentidos sem impressionar a consciência, e quando se fazem lembrar à memória” (Ibid.: 105), através de um jogo de forças que pressiona a atenção e a memória.

O terceiro nível da visão, que aparece depois do olhar, é o ver. O ver está já provido de linguagem verbal, linguagem que permite a passagem do não-verbal das pequenas percepções ao ver sempre linguístico e racional, capaz de refletir através da sua bagagem intelectual e dos signos linguísticos existentes. Como a linguagem permite refletir sobre si própria e de se designar como seu próprio referente, então o ver analisa, descodifica e compreende as imagens com base nessas capacidades linguísticas (Ibid.: 100).

Esta análise de José Gil sobre as percepções é deveras importante para a compreensão das formas humanas de receção e de apreensão da informação exterior. Será que a partir daqui podemos questionar o que está hoje na origem da atividade e da ação humana? Será que podemos, a partir daqui, afirmar que primeiro foi a palavra ou a linguagem verbal, como afirmaram Aristóteles ou o *Evangelho Segundo S. João*: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (capítulo 1, versículo 1)? Qual é, verdadeiramente, o papel das imagens na expressão da ação humana?

Antes de qualquer pensamento, temos por certo que a ação humana é precedida por um conjunto de fluxos entre os sentidos e a cognição. Os cinco sentidos humanos introduzem a informação no espaço físico nos indivíduos. A fruição entre cognição e sentidos gera aquilo a que chamamos de percepção. Porém, a percepção é um processo composto por várias etapas. Mesmo nos indivíduos com menos sentidos (por exemplo os cegos), da receção à representação mental, e posteriormente a uma resposta a um qualquer estímulo, há todo um percurso complexo que permite a criação de um conjunto de imagens que só posteriormente são descodificadas, objetivadas e limitadas pela linguagem⁴.

De facto, a ação humana resulta da relação complexa entre a estrutura dos sentidos e as estruturas mentais e sociais. Em *A dualidade da Estrutura*, Giddens (2000: 16-21) sublinha o papel relacional entre estruturas e ação, ambas sujeitas à dinâmica produzida pelas estruturas independentes dos desejos e das motivações e pela estrutura das razões reflexivas. Neste sentido, a teoria da estruturação encontra-se próxima de conceber a percepção ‘sobre o mundo’ como um conjunto de fluxos que deambulam num *continuum* entre razões e emoções, entre processos conscientes e processos inconscientes.

⁴ Mesmo no caso dos cegos, Peter Melzer afirma que as áreas do córtex são sempre ativadas para processar imagens mentais perante qualquer tipo de estímulo, como por exemplo na leitura (Rocha, 2005).

Ora, assim, juntamente com os esclarecimentos de José Gil, podemos dividir a percepção do mundo em três camadas: uma primeira percepção, à qual chamamos de *percepções mudas* por estarem fora dos circuitos racionais de descodificação, e por apenas consolidarem o corpo como lugar central de comparação com o exterior físico; uma segunda percepção, a que poderemos chamar de *percepção estética*, que está ligada à força de influência do olhar (por isso mesmo sujeita às pressões do inconsciente); e uma terceira camada à qual podemos chamar de *representações das estruturas mentais e sociais* (balizadas pela linguagem), que objetivam todo o processo de percepção. Esta última camada é, tal como sugere Giddens, sempre influenciada pela limitadas capacidades humanas de descodificação e de articulação entre estruturas inconscientes e estruturas conscientes (Giddens, 2000: 19).

Tal conceção de *percepção do mundo* leva-nos a questionar a excessiva importância atribuída apenas à palavra na constituição das sociedades, sobretudo nas sociedades ocidentais. A importância das imagens, e também dos sons, e das suas ligações complexas com a cognição e com o inconsciente na expressão da ação humana, vem colocar no centro da discussão a importância de entendermos as suas influências no mundo social. Num mundo atualmente marcado pela força das imagens e dos sons, sobretudo pela inflação provocada pelos sistemas tecnológicos e audiovisuais, é fundamental refletir sobre estas forças (re)nascentes que invadem o quotidiano contemporâneo. A análise às dinâmicas geradas pelos ecrãs, sistemas fundamentalmente visuais, é determinante para entender os indivíduos pós-modernos, indivíduos sobrecarregados dada a excrescência ecrânica no quotidiano. Importa por isso questionar sobre a importância dos ecrãs, e das suas atmosferas. O que é que os ecrãs acrescentam ao mundo? Sendo o ecrã gerador de uma atmosfera com um certo e determinado regime que o olhar traz à visão da paisagem, passível de influenciar de forma diferente pessoas diferentes, qual é a importância da sua ubiquidade? Dada a sua excrescência, quais serão as contribuições dos ecrãs para os destinos da humanidade?

A visualização de um ecrã suscita os três níveis da percepção que referimos. Portanto, suscita também dinâmicas complexas entre as *percepções mudas*, as *percepções estéticas* e as *representações das estruturas mentais e sociais*. Consciente e inconsciente, racional e emocional, olhar puro ou ver linguístico, todos entram em funcionamento e articulação, deixando imprevisível o destino da informação recolhida. Podemos até especular sobre diferentes efeitos provocados por diferentes ecrãs, todavia os seus impactos na percepção do mundo ultrapassam qualquer tipologia demasiado objetivista que se tente esboçar, pois

dadas as influências do inconsciente, e de um infinito rio de subjetividades subjacentes, há sempre um qualquer escape.

Sabemos por exemplo que o tempo médio de presença em frente ao ecrã-televisão durante uma vida, por exemplo em França (e certamente no resto do mundo ocidental), é de cerca de onze anos, o que equivale dizer que é cerca de metade do tempo médio que passamos a dormir (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 203). Somados estes tempos ao tempo que passamos em frente a outros ecrãs, como por exemplo o ecrã-computador, o ecrã-telemóvel, o ecrã-videojogo, o ecrã-publicidade, entre outros, podemos afirmar que a presença em frente a um ecrã será, em média, pelo menos igual ao tempo diário do sono. Estes números podem dizer pouco qualitativamente, mas sabemos que a «monitorização reflexiva da ação» contempla, para além do “carácter intencional ou propositado do comportamento humano, realçando a “intencionalidade” como processo” (Giddens, 2000: 18), objetivos nem sempre completamente conscientes no decurso das ações, pois “as componentes motivacionais da ação (...) vacilam entre os aspetos conscientes e inconscientes da cognição e da emoção” (Ibid.: 20).

Assim acontece com a influência das perceções ecrânicas. Sobretudo hoje, onde o ecrã-cinema, o ecrã-TV e os restantes ecrãs estão no centro até das mais simples e corriqueiras atividades humanas, as suas influências fazem da vida dos indivíduos uma espécie de filme aberto, uma série de TV sem fim definido. Realidade e ficção misturaram-se dada a força dos ecrãs, criando um espaço intermédio, uma outra dimensão. Tal como sugere Eric Troncy: “a arte e o reality show partilham (...) um espaço de verdade, que não é nem o da realidade nem o da ficção, mas um espaço intermédio” (cf. Lipovetsky e Serroy, 2010b: 215). A influência dos ecrãs no social tornou-se tão importante como a influência do social nos ecrãs. Ao jogar a realidade e a ficção na mesma dimensão, criando um tal espaço intermédio, os ecrãs começaram a possibilitar aos indivíduos perceções intermédias, que podem facilmente ser coladas ao quotidiano da vida social. Assim, parece acontecer que “o indivíduo das sociedades hipermodernas vai olhar o mundo como se fosse um cinema, servindo este como lente inconsciente através da qual aquele vê a realidade onde vive” (Ibid.: 27). Ampliando estas ideias, diríamos ainda que o indivíduo contemporâneo não só vai usar o ecrã-cinema como lente inconsciente através do qual vê e vive a realidade como também, sobretudo pela força e dinâmica imprimida pelos *self-media* e pelo ciberespaço, vai inscrever a própria lógica do ecrã nas suas individuações vitais e socializações quotidianas. É caso para afirmarmos a existência de uma contínua *ecranovisão* sobre o mundo.

2. A Evolução dos Ecrãs: Ligações Conscientes e Inconscientes

Ora, como apreender o estilo de uma época, se não for através do que se deixa ver? (Maffesoli, 1995: 95)

O segredo dos efeitos das *percepções ecrânicas* reside na forma como estas penetram nos imaginários e no inconsciente. Vimos em Gil que o olhar, segunda etapa da visão, é o responsável pela mistura do inconsciente nos processos cognitivos. São as imagens-nuas e as pequenas percepções as grandes responsáveis pela vivência de experiências impercetíveis, geradoras de tensões de forças não-conscientes (Gil, 1996: 12). É o olhar que permite a fronteira entre a decodificação racional (ver) e tudo o que não é transformável em discurso verbal. É a passagem do olhar ao ver, que permite a viagem do mundo subjetivo do percebido ao mundo objetivo do racionalizado, viagem que deambula entre a percepção pura e a representação social. Portanto, os ecrãs ‘utilizam’ o olhar para penetrar no inconsciente e no imaginário através de pequenas percepções. Olhar o ecrã é, articulando as ideias de Gil, “saber-se o mesmo e ativar-se outro para melhor o dominar [é assim que se explica a sedução do ecrã], (...) que só é possível pela entrada na atmosfera que o olhar proporciona” (p. 55). Nesse aspeto, olhar o ecrã e deixar penetrar as pequenas percepções é permitir a mistura dos fluxos inconscientes numa zona de posterior decodificação (ver), libertando todas as cargas de sentido passíveis dessa transferência.

O que aqui interessa é mesmo analisar esta ligação entre ecrãs e inconsciente, uma ligação que se estende cada vez mais dada a intensificação e globalização das novas tecnologias. As questões que se levantam são: que influências resultam das transferências entre ecrãs e inconsciente? Que fenómenos sociais despontam a partir destas transferências? Serão as ligações entre indivíduos e ecrãs capazes de promover alterações profundas na organização da vida em sociedade?

Freud sugeriu a ideia de «comunicação de inconscientes» como uma forma de demonstrar ligações que dificilmente poderiam ser apreendidas a olho nu. Uma comunicação de inconscientes não é uma comunicação de uma mensagem inconsciente (Gil, 2002: 23). Uma comunicação de inconscientes é antes uma captura ou um conjunto de capturas efetuadas pelos indivíduos, capturas que podem incluir ritmos, pensamentos, sentimentos, intenções e sensações. Quando a comunicação entre dois sujeitos se liga, acontecem

dois olhares, dois corpos, dois espíritos [que] podem entrar em comunicação, sem que esta inicie um tipo de relação que “pegue”, quer dizer, que ligue numa unidade única os dois polos diferentes. Dois corpos que dançam, ou que improvisam em duo, podem funcionar – e o movimento flui de um para o outro (...). (Ibid.: 25).

Todos os devires dependem de capturas, portanto devir e captura marcam a comunicação de inconscientes. Esta comunicação de inconscientes existe, portanto,

como substrato de todas as relações humanas, inclusive da relação política. Acontece que este substrato é em geral invisível e microscópico, encontrando-se coberto por formações macroscópicas, bem visíveis, que funcionam aparentemente segundo intenções e fins determinados e conscientes. (Ibidem)

A comunicação de inconscientes está, assim, em todas as dinâmicas sociais a constituir uma atmosfera. É então relevante pensarmos na comunicação de inconscientes entre indivíduos e ecrãs, e nas atmosferas que geram essas comunicações de inconscientes. Compreende-se facilmente como a tecnologia constitui um novo tipo de comunicações de inconscientes, através dos diversos tipos de dispositivos tecnológicos. Como é que se estabelece a comunicação de inconscientes entre indivíduos e ecrãs?

Tal como referimos atrás, todos os ecrãs constituem atmosferas que podem ser mais ou menos densas, mais ou menos rígidas, mais ou menos agressivas. Suponhamos, por exemplo, que os indivíduos se encontram perante um ecrã numa atmosfera romântica; suponhamos que no ecrã passa uma cena de um início de relacionamento amoroso, como por exemplo o momento que antecede o primeiro beijo de um certo casal - algo há muito esperado pelos telespectadores. Os gestos e os comportamentos que antecedem esse tal beijo entram numa atmosfera comum aos telespectadores, fazendo com que estes consigam mais ou menos prever o desenrolar da situação até ao primeiro beijo. O que acontece aí é que

a atmosfera adquiriu o poder de agir como uma correia de transmissão imediata de pensamentos (...). Enquanto meio indutor e conservador da qualidade das forças, a atmosfera transmite uma "impulsão" (uma força) significativa através de uma espécie de placa vibrátil de um ao outro polo da relação. (...) O inconsciente que a recebe faz parte da placa, ressoa e vibra da mesma maneira: e esta vibração pode traduzir-se em pensamentos idênticos nos dois polos da placa. (Ibid.: 26)

É precisamente através deste processo que a comunicação de inconscientes se dá. Numa lógica indiciária. E é por esta via que vamos tentar descobrir algumas influências dos ecrãs no inconsciente. Porém, não abordamos a comunicação de inconscientes pela perspectiva de Freud. Ao usarmos o termo *inconsciente*, queremos clarificar que estamos a usar a terminologia dada pelos seguidores das teorias românticas do inconsciente, fortemente representadas por Carl Jung. Segundo esta perspectiva, há quatro diferenças significativas para com a teoria do inconsciente de Freud: 1) não existe separação clara entre

consciente e inconsciente. O que há é uma transição gradual de uma para a outra dimensão psíquica; 2) existe uma relação de unidade entre corpo-alma-espírito cujos componentes podem aparecer temporariamente separados e serem conduzidos por uma lei da evolução; 3) o inconsciente não é uma ameaça nem um poder inibidor da autonomia. É antes um fundo de motivação que permite e conduz ao agir consciente; 4) o inconsciente é um potencial de expressão enriquecedor e não um conjunto de textos adulterados (Ribeiro, 2007: 22-23). De uma forma mais simples podemos dizer que o que separa Freud de Jung é que o primeiro sugere que no inconsciente está a base dos comportamentos e das atitudes dos indivíduos, comportamentos e atitudes essas que derivam somente dos impulsos sexuais e que são libertados quando a força do inconsciente se reflete; já para Jung não são apenas os impulsos sexuais, mas também as necessidades sociais de aprovação, os diversos tipos de crenças (sobretudo religiosas) e a sede do poder. Queremos, por isso, clarificar e justificar a nossa opção por Jung, pois consideramos que as influências das cargas inconscientes, neste caso concreto as influências dos ecrãs, estão muito para lá do alcance teórico oferecido por Freud. Pensamos, por isso, que os ecrãs, ao penetrarem nas dimensões conscientes pelo ver e nas dimensões inconscientes pelo olhar, originam forças de influência capazes de toldar as perceções sobre o mundo.

2.1. O ecrã-cinema

No início dos ecrãs, podemos até sugerir que era o social a comandar os seus destinos. O medo do comboio, suscitado pela comunicação de inconscientes oferecida pelas imagens dos irmãos Lumière, foi a reprodução da imitação de um tipo de efeito, passada para o ecrã. No entanto, durante vários anos, o ecrã-cinema e os restantes e posteriores ecrãs não reproduziram apenas imitação social. Com a entrada do desejo e do sonho nos ecrãs (no fundo esta entrada sempre aconteceu), a relação de influências entre social e ecrã tornou-se mais complexa. Se o ecrã reproduz o social, não é menos verdade que este também liberta uma carga, entre outras coisas, de narcisismo, pois descarrega o prazer de ver, esse prazer que

viria então da surpresa de descobrirmos a nossa própria imagem vista do exterior: e a jubilação intensa de Narciso nasceria do jogo dos olhares que ele lança à outra imagem de si, como para a provocar, e como se além da imagem, houvesse um outro ser feito de desejo e de forças para responder e se manifestar. (Gil, 1996: 55)

É esta atmosfera, proporcionada pelo olhar maciço, olhar que vê através de dentro, que os ecrãs geram nos indivíduos. É que “só a atmosfera [que o olhar proporciona] permite

a distância que Narciso jogará com a sua imagem para melhor se aproximar dela, para mais completamente nela se perder. (...) Narciso ama-se deixando fluir o seu olhar como em si próprio” (Ibid.: 55). Portanto, os ecrãs foram e são também o reflexo dos desejos (narcisistas e não só) dos seus criadores, dos seus utilizadores e dos seus consumidores.

Porém, nem só do lado narcisista que vem de dentro se alimentam os ecrãs e a sua génese. Referimos atrás que Jung vê no inconsciente e nas suas dinâmicas despontadas mais do que os desejos sexuais reprimidos. O inconsciente que envolve os ecrãs exprime também a força da necessidade de aprovação social, a força das crenças e a força da sede do poder. O nascimento dos ecrãs deveu-se também a estas forças, para além de colmatar as necessidades racionais das sociedades. Numa dualidade estrutural, os ecrãs influenciam e são influenciados por estas forças nascentes. A introdução do desejo no cinema e a introdução do cinema no social provocaram no seu início, sobretudo numa “cultura altamente mecanizada e letrada, (...) um mundo de ilusões triunfantes e de sonhos que o dinheiro podia comprar” (Mcluhan, 2007: 27). Esta fase inicial do cinema deu origem à tendência para o cubismo, uma forma radical de tentar extinguir a ambiguidade e acentuar a leitura integral do retângulo do ecrã:

O cubismo substitui o ponto de vista, ou faceta da ilusão perspetivista, por todas as facetas do objeto apresentadas simultaneamente. (...) [Assim] o cubismo erige na tela um jogo de planos contraditórios ou um dramático conflito de estruturas, luzes e texturas, que forcem e transmitam mensagem por envolvimento” (ibid.: 27). [Dentro do espírito do cubismo, o cinema consegue exibir simultaneamente] “(...) o dentro e o fora, o acima e o abaixo, a frente, as costas, e tudo o mais, em duas dimensões, desfaz a ilusão da perspetiva em favor da apreensão sensória instantânea do todo. (ibidem)

Portanto, a passagem do mundo das sequências para o mundo do simultâneo, passagem motivada pela força do cubismo do ecrã, transportou-nos “(...) para o mundo das estruturas e das configurações criativas” (Ibid.: 26).

Faz sentido, de facto, abordar os efeitos do ecrã através da relação entre estruturas e ação. Parafraseando Jung, ninguém consegue evitar a força das influências sociais precisamente porque essas influências entram pela via do inconsciente (Ibid.: 37). Com o ecrã-cinema, o mundo das estruturas e das configurações criativas entrou também pelo inconsciente dos indivíduos, dando maior espaço ao simultâneo e à fusão de formas.

Percebemos melhor os efeitos atrás referidos quando analisamos, por exemplo, os trinta filmes mais vistos de sempre⁵. Nessa lista, vemos essas tais configurações criativas inovadoras em pelo menos 18 filmes. Já a fusão de formas estéticas, como por exemplo entre o Grotresco e Barroco, confundem-se pelo menos em 24 filmes. Filmes como *Avatar*, *A Guerra das Estrelas* (filme de 1977 e sequelas de 1980, 1983 e 1999), *E.T.*, *Shrek*, e os grandes ausentes da lista *Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*⁶, são alguns dos exemplos mais paradigmáticos da força da fusão entre Grotresco e Barroco, onde as formas mais enunciadas puxam, por um lado, para baixo (Grotresco) e, por outro, arquétipos de base elevam as personagens até ao topo (Barroco).

Numa outra perspetiva de análise, é possível constatar que o ecrã-cinema evidencia aquilo que Deleuze e Guattari (2004: 33) consideram o essencial: o desejo e o social. Para além dos filmes já citados, em que vemos a força dos desejos a comandar a atmosfera cinéfila, na lista dos 30 filmes mais vistos encontra-se também a força do social e das suas construções pormenorizadas. É o caso da construção do padrão do amor romântico, em *E Tudo o Vento Levou* (o 2º filme mais visto de sempre), em *Música no Coração* (4º filme mais visto de sempre), em *Titanic* (7º filme mais visto de sempre) e em *A Branca de Neve e os Sete Anões* (11º filme mais visto de sempre). Atendendo à lista divulgada, é caso para referir que o ecrã-cinema situa-se precisamente mesmo entre o desejo e o social, pois os primeiros onze lugares da lista alternam sequencialmente entre as forças das atmosferas inflamadas pelos desejos humanos (desejo de voar, de vencer grandes obstáculos, de vencer o mal, de vencer os medos, etc.) e pelas forças das atmosferas inflamadas pelo social (as angústias do amor, as relações sociais, as tramas do quotidiano, etc.).

Uma outra consideração sobre as dinâmicas do ecrã-cinema, refere-se à base da constituição das personagens dos referidos filmes. Embora a sua constituição seja uma fusão entre desejo e social, entre personagens com papéis e estruturas sociais definidas e características oriundas dos desejos, vemos que em todas elas a base arquetípica constitui a essência subliminar. Mesmo que o filme não esteja focado apenas num herói, e isso só acontece em dois dos filmes presentes na lista que privilegiam a noção social do *grande amor* (nos filmes *E Tudo o Vento Levou* e *Música no Coração*, já que em *Titanic* o amante é também o herói do povo que consegue conquistar a amada rica), sente-se a força do inconsciente a construir o tipo de herói que a humanidade tanto procura como cura para os

⁵ A lista com os trinta filmes mais vistos de sempre é feita a partir do critério de faturação de bilheteira de cada filme e é atualizada pela IMDB (International Movies Data base). Foi consultada a 03/05/2010 em <http://www.tecnologiadoglobo.com/2009/08/os-30-filmes-mais-vistos-de-sempre/>. Como esta lista está em atualização permanente, o filme *Avatar* é já o líder superando *E Tudo o Vento Levou*.

⁶ Embora estes dois estejam fora da lista divulgada pela IMDB, devem ser considerados como dois dos filmes mais vistos de sempre dado o sucesso de bilheteira que alcançaram.

seus males. No fundo, tal expressão significa aquilo que Jung concluiu quando em *Transformações e Símbolos da Libido* interpretou o mito do herói, mito que erra e morre como todos, como o nosso próprio inconsciente em agonia à espera das origens do próprio ser. Para Jung, o inconsciente é algo que persegue um objetivo ou possui uma orientação final que frequentemente se opõe ao consciente. Este autor não considera o inconsciente o desconhecido, mas sim o psiquicamente desconhecido em relação ao consciente reconhecido. O inconsciente revela-se no consciente através de formas desconhecidas pelo lado racional. Assim, o inconsciente é definido como uma segunda estrutura da personalidade ainda não conhecida, e apenas reconhecível pelas suas motivações e aspirações, pois está sujeito aos estados da emoção, isto é à «numinosidade» (Ribeiro, 2007: 56).

Esta força do inconsciente, que impera sobre os indivíduos e sobre as suas criações, neste caso sobre as imagens do ecrã-cinema, não é apenas uma. Os arquétipos, formas pré-existentes de um inconsciente coletivo, apresentam pois os padrões ao comportamento instintivo. Estes funcionam, de certa forma, como um *a priori* da atividade humana, uma estrutura pré-consciente e individual da psique que deriva de um todo universal coletivo (Ibid.: 58). A criação de personagens no ecrã-cinema, e a sua influência sobre os telespetadores, dificilmente escapa a estas forças.

Não obstante às questões mais do lado do inconsciente, a consciência orientava a base da formação do cinema, e da aparição do primeiro ecrã, para uma dimensão mais de génese científica. A fotografia é entendida por este prisma como causa e efeito, direto e indireto, dessa primeira forma ecrânica que é o cinema. Os próprios irmãos Lumière chegaram mesmo a rejeitar vender um cinematógrafo a um mágico (Georges Méliés) - que se queria aproveitar nos seus números da magia da projeção ecrânica - dizendo que se tratava de um aparelho que tinha uma finalidade unicamente científica e não de entretenimento.

A verdade é que nos primeiros anos de vida do ecrã, os percursos do cinema tinham como finalidade mostrar aspetos da vida social, como por exemplo "*A saída dos operários da Fábrica Lumière*". A grande força inicial do cinema era a força da ideologia, ordem ideológica nomeadamente composta pela ideia geral de progresso e sempre acompanhada por um desejo de uma nova arte. Aliás, um dos pioneiros de Hollywood, David Griffith, consolidou nas duas primeiras décadas do século XX o cinema como uma arte independente das outras mas nunca se livrou de polémicas ideológicas que atravessaram os seus trabalhos.

Porém, o mágico Méliés conseguiu arranjar um aparelho semelhante ao cinematógrafo e orientou os seus trabalhos para o entretenimento. Implementando vários truques de ilusão, foi o primeiro a criar efeitos especiais, inserindo a fantasia no cinema. Ainda que as narrativas deste fossem marcadas pela ordem ideológica, daqui nasceram duas grandes correntes no cinema: cinema documental e cinema de ficção.

Nos primórdios do cinema, as sensações visuais relativas ao movimento das imagens eram relativamente arcaicas, soavam a montagem, já que só a partir de 16 fotogramas por segundo é que o cérebro humano deixa de detetar que as imagens são colocadas isoladamente. Só em 1929 é que as projeções cinematográficas de todo o mundo alcançam os 24 fotogramas por segundo, gerando uma verdadeira sensação de imagem-movimento. E a par desta transformação visual, aparece uma outra determinante: os efeitos sonoros. Som e imagem unidos na projeção começavam, progressivamente, a originar novos géneros como a comédia e o musical, algo que começou a seduzir verdadeiramente as massas.

A segunda Guerra Mundial veio reforçar a ordem ideológica no Cinema. Foram feitos filmes antinazistas, patriotas e de propaganda. Nasceram as primeiras grandes ecranovisões direcionadas, com objetivos concretos e específicos. Depois da Guerra e até ao aparecimento em força da Televisão (a partir de 1950), o Cinema tornou-se uma das maiores atrações de massas. E a partir da década de 60, numa perspetiva global, e sobretudo o de Hollywood, perde muitos adeptos para a televisão.

Em Portugal, as primeiras ecranovisões aconteceram no *Real Colyseu de Lisboa*, na Rua da Palma, em várias sessões organizadas por Edwin Rousby, que duraram até ao dia 15 de Julho de 1896. Para isso, teve o apoio técnico do lisboeta Manuel Maria da Costa Veiga que, como Paz dos Reis, se interessou pelo invento. O primeiro português a criar uma verdadeira ecranovisão portuguesa foi precisamente Aurélio Paz dos Reis, no Porto, no Teatro Sá da Bandeira a 12 de Novembro de 1896 (*A Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança*). O cinema foi evoluindo muito lentamente, muito constrangido pelo regime de Salazar e pela sua censura. No entanto, cresceu de forma considerável, mesmo considerando o facto de se viver num forte controlo social e político. Nos anos 60, quando o mercado doméstico de filmes era inexistente, o número de ecrãs-cinema era de cerca de 400, com 25 milhões de espectadores anuais. Até 1974, esse número manteve-se estável. A partir desse ano sobe em flecha: atingiu os 41 milhões em 1976. Começou, no entanto, a decair a partir da década de 80, sobretudo até 1995. Aí voltou a crescer, através da modernização das salas, do som e da imagem, e pela redução das suas áreas e capacidades dando origem aos multiplex. Mas já não regressa ao número de 1970 (Rosa e Chitas, 2010:

99-100). A partir do fim do regime salazarista, a Televisão começa a ganhar terreno e a retirar adeptos ao cinema. Após os anos 80, já com dois canais (RTP1 e RTP 2) transmitidos a cor, e com o mercado doméstico de filmes a florescer, o Ecrã-cinema, acompanhando as tendências internacionais, também foi perdendo paulatinamente espectadores.

Tabela 1. Evolução do número de ecrãs e de espectadores em Portugal

Ano	1960	1974	1976	1980	1999	2008
nº Ecrãs	400	400	420	430	450	572
nº espectadores Mês	2 083000	2 083000	3 416 667	3 086 654	1 600 000	1 250 000
Espectadores Ano	25 Milhões	25 Milhões	41 Milhões	36 Milhões	20 milhões	15 milhões

Fonte: *Portugal e os Números* e Obercom 2008⁷

O ecrã-cinema, mais do que qualquer outro tipo de ecrã, apreendeu, conservou e refletiu quase sempre questões sociais, políticas e culturais dos povos. Isso também aconteceu em Portugal, sobretudo com e a partir do 25 de Abril e com as suas subsequentes transformações. Através do ver e do olhar sobre o ecrã-cinema, é permitido conservar uma tal dinâmica, baseada em imagens movimento, capaz de manter um país na rota da mudança e da evolução (Matos-Cruz, 1999). O ecrã-cinema foi, em Portugal mas também no resto do mundo, uma das grandes forças de influência que levou os países à mudança. Em Portugal, os ecos dos filmes antifascistas, ainda que proibidos, tiveram influências na concretização da revolução de Abril. E de um modo semelhante, o 25 de Abril, sobretudo associado à aura do processo de descolonização, gerou ecranovisões pelo resto do mundo que fortaleceram e empurraram a ideia de uma terceira vaga de descolonização (sobretudo na África e nos países do Leste Europeu. As circunstâncias fizeram com que cada um desses passos normais que aconteceram com o regime português – a democratização e a descolonização – tivesse consequências imprevisíveis e desproporcionadas na política internacional. Tudo isto graças às forças mediáticas, das quais os ecrãs são os maiores responsáveis. Portanto, o golpe de Estado português deu origem a uma revolução, ou seja, uma improvável vitória da democracia liberal na transição portuguesa marcava o início de uma terceira vaga de democratização, que só parou com a queda dos regimes comunistas da Europa de Leste e da União Soviética e que assegurou a vitória ocidental na Guerra Fria. De certa forma, vemos que as ecranovisões são dotadas de uma espécie de efeito borboleta, que ora nos lançam na ordem como nos lançam no caos.

⁷ Informação consultada em www.obercom.pt/client/?newsId=373&filename=fr_13.pdf, em 11/02/2011.

Atualmente, a maioria dos filmes vistos no mundo, tal como em Portugal, são provenientes de Hollywood, EUA (66%); a Europa aparece em segundo lugar com 26,8%. Os filmes mais vistos no cinema entre 2004 e 2008 mostram que as ecrãvisões mais comuns são em atmosfera familiar e divertida, recheadas de fantasia, sonho e música. O arquétipo de herói está quase sempre presente, mas um herói que nasce e morre (*A Paixão de Cristo*), cada vez mais parecido com o ser comum e não tanto com o ser perfeito, especial ou sobredotado. Exemplos disso são os seguintes sucessos: *O Panda do Kung Fu*, na forma do desastrado; *Harry Potter* como o jovem com problemas familiares que sonha outra vida; o *Shrek* que nasceu Ogre e feio, com aspeto assustador mas que só quer viver a sua vida em paz; o *Ratatui* que sonha ser chefe de cozinha e que consegue realizar esse sonho; o *Pirata das Caraíbas* e a distorção da figura terrível que tende a representar o pirata para uma figura cômica representada por Jonny Deep. Em suma, é o sonho, a fantasia, a música, as sensações que mais se *ecranovisionam* no ecrã-cinema, fortalecendo o olhar e o espírito subjetivo.

Tabela 2. Filmes mais vistos nos cinemas portugueses, de 2004 a 2008

Nº espectadores	2008	2007	2006	2005	2004
Mais de 800000	Mamma Mia	Shrek 2			Shrek
Mais de 700000	Madagáscar	Ratatui	Código Da Vinci		A paixão de Cristo
Mais de 600000	Panda Kung Fu	Pirata das Caraíbas	Pirata das Caraíbas	Madagáscar	
Mais de 400000			Idade do Gelo	Harry Potter	

Fonte: Obercom 2008

Porém, existem diferenças nas formas como as diferentes gerações vivem e ecrãvisionam os filmes. As gerações mais velhas são mais adeptas do ecrã-cinema para assistir a filmes, mas os mais jovens, que cresceram em frente à televisão e ao computador, tendem a ir menos ao cinema. Segundo um estudo sobre as novas gerações, cerca de 29,5% dos jovens dos 12 aos 18 anos veem mais filmes através da televisão ou do computador (Lapa e Espanha, 2007: 280). Isto diferencia a forma como os filmes são vividos e sentidos, já que, como referia McLuhan (2007), o cinema é um meio quente e a televisão é um meio frio. Essa diferença faz com que a intensidade nos sentidos seja diferente, já que o cinema e a sua atmosfera apelam muito mais ao sentido visual do que a televisão. A intensidade com que os filmes são olhados e vistos no cinema é maior do que na televisão, o que leva a efeitos, marcações e sensações diferentes.

Entre as ecrãvisões filmicas mais vistas no Ecrã-TV, a atmosfera é próxima daquela que anteriormente descrevemos sobre o cinema, embora já com algumas diferenças e heterogeneidades. Digamos que há maior mistura de géneros, tal como há maiores

intervenções de sentidos na sua visualização: ficção e comédia familiares imbuídas de sonho e magia (exemplos com força estatística: *Crónicas de Nárnia*, *Herbie*, *Garfield*, *Casados de Fresco*, *Lemony Snicket: desgraças*) contrastam com atmosferas alarmantes de *O Dia Depois de Amanhã* ou *O Dia Em Que a Terra Permaneceu*, e são matizadas pela ação e aventura de *007*, *Mr. E Mrs. Smith*, *Homem-Aranha*, *Batman*, entre outros.

Tabela 3. Filmes mais vistos no Ecrã-TV em Portugal, entre 2004 e 2008

2004	2005	2006	2007	2008
Homem-Aranha	007	Casados de Fresco	Mr. e Mrs. Smith	Herbie
Asterix e Obelix- Missão Cleópatra	Um gigolo na Europa	Homem-aranha	O Cavaleiro Negro	As Crónicas de Nárnia Lemony Snicket: desgraças
A armadilha	Identidade desconhecida	007	Garfield	
O Senhor dos Anéis	velocidade mais furiosa	O dia depois de Amanhã	Velocidade mais furiosa	Já nos 30

Fonte: Obercom, 2008

2.2 – O ecrã-televisão

A televisão é uma invenção que nasce a partir do ecrã, e é também uma das grandes marcas do desenvolvimento científico. O iconoscópio, inventado em 1923 na União Soviética por Vladimir Zworyki, dá origem a uma nova forma de interação com as imagens. Lançada em Londres através de sinais analógicos e com imagens-movimento (1924 e 1925, respetivamente), ela vai-se massificando, primeiro em salas públicas (na Alemanha, por exemplo, isso acontece em 1935), e depois da 2ª Guerra Mundial - onde os preços de cada televisor baixaram consideravelmente. Em 1954, nos EUA, surgiu a televisão a cores e, em 1962, o satélite Telstar passa a transmitir sinais de televisão a partir do Oceano Atlântico.

Exemplo 1. Uma das maiores *ecranovisões-tv* do século XX

Uma das maiores *ecranovisões* da história da humanidade, que mostrou a verdadeira força dos ecrãs e de toda a tecnologia da qual eles fazem parte, foi a transmissão em direto na televisão do primeiro homem na Lua, em 1969. Se há alguma memória ecrânica que marca os feitos da ciência e da humanidade no caminho da descoberta e do conhecimento foi essa transmissão televisiva.

Aquele vídeo a preto e branco, visto por milhões de telespectadores, simbolizou não apenas o alcance do conhecimento científico sobre o mundo terrestre e extraterrestre, mas também toda uma força que atravessa a tecnologia dos ecrãs e que permite inscrever um real na memória e na consciência humana, ou seja, cravar-se objetivamente na mente coletiva, sendo capaz de domesticar toda e qualquer arbitrariedade possível nos pensamentos singulares dos indivíduos. Sendo ou não verídico aquilo que é projetado, o ecrã permite, quando objetiva algo em imagens, a atualização de algo que existia como possibilidade atualizável, ou mesmo como possibilidade ainda não virtualizada, irrompendo naquele instante como real que se dá a quem o vê por uma primeira vez.



Fonte: Obviousmag.org⁸

Esta imagem, retirada do centro de controle de Houston, mostra bem, numa fase ainda relativamente verde dos ecrãs, a importância gigantesca do ecrã na vida e nas tarefas da humanidade a partir daí. O ecrã gigante, que nesta imagem se sobrepõe em tamanho a todos os outros ecrãs controladores da missão, é o que retorna ao coletivo, é a ponte que liga o acontecimento do humano aos outros humanos, em género de mente pública, e a porta que abre a consciência a outros potenciais, sejam virtuais ou atuais. A conquista da lua foi, de certa forma, a ancestral vontade de tocar nas estrelas. E com o ecrã, foi permitido que o toque nas estrelas se objetivasse coletivamente, consolidando uma subjetividade que ainda estava por vir: a do ecrã como fonte de resolução de problemas da humanidade. Chegar à lua, filmar essa chegada e transmiti-la ecrânicamente ao coletivo consolidou, num plano simbólico e imaginário, a verdadeira transição entre sistemas de orientação da humanidade: se no tempo dos descobrimentos a navegação era conduzida na noite de breu pelas estrelas, naqueles momentos ecrânicos espaciais inscreveu-se na história e na consciência da humanidade que os ecrãs seriam os guias-orientadores do futuro, dos novos mundos. Quando o cabo das tormentas, apenas contado, tende a ser geralmente desacreditado, eis o ecrã para decidir não necessariamente a verdade mas antes a possibilidade real de algo, ou mesmo na irrealdade fazer despontar o sonho, a magia e a imaginação a cores e com imagens. A conquista da lua foi a conquista do homem mediado pela técnica, foi a inscrição de que aquilo, natural, que parece ser impossível de superar é, para o homem, mais do que superado: é registado e guardado em memória, para que seja inequívoco todo o seu feito.

Em Portugal, o início da televisão data de 1954/55, com um primeiro projeto que deu origem à RTP (Radio Televisão Portuguesa). Depois disso, começaram as emissões regulares a preto e branco (1957), nasceu o canal dois (RTP2) (1972), e depois da revolução do *25 de Abril*, em 1974, tudo entrou numa dinâmica mais acelerada.

⁸ Imagem em http://obviousmag.org/archives/2009/07/primeiro_homem_lua.html#ixzz1LVhQNsby, retirada em 15/04/2011.

Tabela 4. Evolução da Televisão em Portugal

TV em Portugal	Programas/especificidades	
1954/55	1º estudo/projeto	
1955	criação da RTP	
1956	1ª Emissão	
1957	emissões regulares	preto e branco
1972	RTP2	
1975	Nacionalização RTP	
1977	1ª Telenovela	Gabriela, Cravo e Canela
1980	1ª emissão a cores	
1992	SIC	
1993	TVI	TV cristã
1994	TV por cabo	

Em 2008, o tempo de visionamento de TV dos portugueses era, em média, de 215 minutos por dia. Entre 2000 a 2008 essa duração é estável no geral, embora os mais jovens (dos 4-14 anos) tenham diminuído a visualização para 180 minutos (ERC 2011). O público que mais visualiza TV é o feminino (56% são mulheres e 44% são homens). Um quarto dos telespectadores portugueses têm mais de 65 anos, e os jovens, dos 15 aos 24 anos, estão com uma tendência de diminuição do número de horas de visualização (passaram de 12% em 2004 para 10% em 2008). Os indivíduos com idades entre os 25 e os 34 anos aumentaram a visualização de TV por cabo, já que permite uma maior escolha programática e de entretenimento (Obercom, 2008).

Tabela 5. Tempo de visualização dos 4 canais em sinal aberto,

Tempo	Ecranvisões RTP1	Ecranvisões RTP2	Ecranvisões SIC	Ecranvisões TVI
mais de 400 min.	Entretenimento	Cultura/conhecimento	Ficção	Ficção
mais de 300 min.	Informação	Juventude	Publicidade	Publicidade
mais de 200 min.	Ficção	Informação	Informação	Entretenimento

Fonte: Obercom 2008; **Legenda:** Entretenimento – programas ou séries de entretenimento familiar; Ficção – Novelas, séries ou filmes, sendo 24,1% internacional e 10% nacional; Cultura/conhecimento – programas de carácter científico, documentários, reportagens, etc.; Juventude – programas infanto-juvenis; Publicidade – Tempo de anúncios e spots publicitários

As ecranvisões mais usuais dos jovens portugueses, em 2008, dos 12 aos 18 anos, tinham a seguinte ordem (Obercom, 2008):

1º lugar	TVI – (série <i>Morangos com Açúcar</i> em destaque de preferências)
2º Lugar	SIC
3º Lugar	RTP1 e RTP2
4º Lugar	Canal Panda
5º Lugar	SIC Radical

A novela *Morangos com Açúcar* é a ecranvisão mais vista pelos jovens portugueses (cerca de 83% dos jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos assistem

diariamente). No género de novela, o que mais lhes agrada são as histórias de amor, a comédia, o contexto urbano e todas as polémicas à volta das traições, do ódio e da vingança (Lapa e Espanha, 2007: 131-141). A ecranovisão-novela comporta então arquétipos que remetem para o *Grande Amor*, o *Humano Cruel* e o *Indivíduo Urbano* – aquele que gera o snobismo, não no sentido da atitude de quem despreza o relacionamento com gente humilde, mas sim aquele indivíduo repleto de estímulos nervosos, que imita, geralmente de maneira afetada, o gosto, o estilo, e as maneiras de pessoas com um certo estilo ou posição social, e que também proporciona um gosto excessivo, geralmente afetado, pelo que está na moda, inclusive trivialidades.

Contudo, a lista de preferências dos jovens, no geral, para Espanha e Lapa (2007: 131-148), ordena-se da seguinte forma:

Tabela 6. Lista de preferências dos jovens portugueses

1º	Filmes
2º	Novelas
3º	Humor
4º	desenhos animados
5º	Desporto
6º	Concursos
7º	Séries
8º	Notícias

A Televisão veio, progressivamente, introduzir diferenças significativas nos hábitos de visualização dos ecrãs. Uma das principais tem a ver com o Zapping. Esta característica tornou os indivíduos mais interativos com os ecrãs, pois o telecomando gerou a sensação de poder à distância. Para os jovens, que fazem Zapping com bastante frequência (72% refere que o fazem muitas vezes), o Zapping é uma forma de estimular a curiosidade ou o prazer de navegar entre canais. Navegar, tal como sonhar, foi uma possibilidade que os ecrãs introduziram novamente nos indivíduos. Não um navegar no mar como nos descobrimentos, mas um navegar pelas imagens, pelos imaginários, pelos sonhos que desfilam no ecrã. E isto envolveu-os numa cultura do seletivo e do imediato - 29,5% dizem que fazem zapping para evitar a publicidade e 23,6% querem rapidamente anular o desagrado ou o cansaço em relação sobre o que estão a ver (Ibid.: 161).

Contudo, e não obstante estes dados mais objetivos, embora a televisão brote do cinema, responde-lhe com outras formas e consequências. Se para McLuhan o cinema era então um «meio quente», isto é, um meio “que prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição” (McLuhan, 2007: 38), onde existe uma alta saturação de dados e onde o espectador não consegue introduzir muito mais do que o que lhe é oferecido, a televisão era

por esse considerada um «meio frio», e faz notar bem as diferenças provocadas pelos meios frios em relação aos meios quentes.

Um meio quente como o cinema permite menos a participação dos indivíduos do que um meio frio como a televisão. No cinema o indivíduo é conduzido pela sua atmosfera. O silêncio é imposto pelo formato cinema ao indivíduo; na televisão, o indivíduo vive a sua atmosfera dentro do seu ambiente, e com o zapping comanda as suas preferências. Neste caso a conversa é suscitada pelo atmosfera implícita da televisão. Portanto, se os meios quentes destribalizam, porque querem a homogeneidade, então os meios frios (re)tribalizam, porque permitem a formação de tribos de interesses e motivações, tal como o fez (e faz) a televisão (Ibid.: 40).

Estas diferenças são fundamentais para se perceber o impacto do ecrã-televisão na vida das pessoas. As *gerações TV* tornaram-se mais frias, dado que o interesse dos indivíduos ficou mais centrado no efeito do que propriamente no significado (Ibid.: 42-43). Conclui-se pois, que a televisão aumenta o efeito porque está presente no doméstico, mas sempre com uma distância fria; por seu turno, o cinema tende a elevar o significado pois 'agarra' o indivíduo e conduz a atmosfera de influências. Controlar as forças dos meios quentes e frios parece assim permitir programar as culturas para sistemas frios ou quentes, onde o clima emocional se altera completamente.

Para exemplificar a dinâmica entre os meios quentes e frios, fomos (re)interpretar uma análise efetuada à forma como os portugueses '(tele)vivem' elaborada por José Gil. Este autor debruçou-se sobre a força da influência social de uma pequena frase usada amiúde por um apresentador de um telejornal. Assim, reflete então que,

depois de assistirmos às notícias sobre raptos, assassinatos acidentados de viação, mortos palestinianos e israelitas, descobertas de centenas de vítimas taliban asfixiadas em contentores no Afeganistão, surge uma notícia que, como uma luz divina, redime todo o mal espalhado pela Terra: nasceu um bebé panda no Zoo de Pequim! O apresentador sorri largamente, pisca mesmo um olho cúmplice aos telespectadores. Depois das imagens de futebol, remata enfim, com um tom sábio: «É a vida!». (Gil, 2004: 7)

Podemos agora refletir, juntamente com Gil, sobre este turbilhão de informações e questionar: o que é que capta, neste caso, o olhar maciço do telespectador?

O tom do «é a vida!» pode ter várias interpretações: a vida é uma mistura de bem e de mal, onde o homem anda entre o arquétipo do *Anjo Branco* e o arquétipo do *Anjo Negro* sem nunca estar completamente apenas num dos lados. É a vida e portanto temos que aceitar esta realidade; o que acabamos de ver é o que devemos pensar sobre o mundo,

portanto «é a vida!» é o que devemos concluir sobre tudo que acabamos de ver. Ou seja, o que importa são os efeitos e não os significados como sugere McLuhan; pode-se também interpretar o «é a vida!» como uma pequena transcendência “(...) impercetível mas indelével, que constitui o efeito profundo do imperativo metafísico-moral: o telespectador é colocado dentro do mundo mas ao mesmo tempo acima dele, como se o vivesse não o vivendo” (Ibid.: 8); um último efeito, é o facto da norma «é a vida!» balizar os discursos sobre todos os acontecimentos. A norma está carregada com o sentido de que é com este bom senso que temos que encarar todas as realidades, independentemente dos acontecimentos. Portanto, o pensamento e a ação não se pode desviar deste bom senso (Ibid.: 8).

De acordo com esta análise, está também Moisés Martins (2010a). Em *A Mobilização Infinita Numa Sociedade de Meios Sem Fins*, este autor refere que,

invariavelmente, as aberturas dos telejornais estão por conta da tragédia e da catástrofe. Como se um fatum inexplicável cobrisse a cidade dos homens, conduzindo-a por veredas desconhecidas, e uma vontade insondável se sobrepusesse a toda a ação humana, os telejornais começam por dar a voz aos deuses, e só depois se ocupam dos humanos e das suas insignificantes ações: abrem com acidentes mortais, atos tresloucados que semeiam sofrimento e morte, crimes hediondos, que desafiam qualquer racionalidade, efeitos de uma qualquer catástrofe natural, seja temporal, terramoto ou ciclone. (Martins, 2010b: 3-4)

É uma atmosfera trágica que o regime do olhar traz à nossa visão, dada a forma de «narrativa mítica» (Martins, 2010b) com que se apresentam os telejornais. É que o

futuro, que o telejornal narra no passado, não parece reservar-nos nenhuma esperança. (...) Ora, se atendermos ao ensinamento de Vladimir Propp, e também de Algirdas Greimas e de Claude Lévi-Strauss, não parece restar dúvidas: “o conto é sempre o mesmo”⁹. Com efeito, a narrativa do jornal televisivo repete a todo o tempo o mesmo conto de tragédia, catástrofe e crise. Exilada da escatologia, e portanto “em sofrimento de finalidade” (Lyotard, 1993: 93), a narrativa televisiva expõe a crise desta época, o seu mal-estar, a sua melancolia. (ibid.: 4)

O que é então esta força, que a atmosfera escavada pelo ecrã-tv gera nos indivíduos? Eis excelentes exemplos das consequências das ecranovisões. É o tal olhar, uma tal imperceção da percepção, que permite posteriormente mensagens muito comuns, no dia-a-dia dos indivíduos (neste caso dos portugueses), que sugerem, não raras vezes, algo como: «já viu o que aconteceu no Haiti? Aquele terramoto? Ainda bem que nós vivemos num cantinho do mundo em que nada acontece!». É a pensar assim, descodificação com nevoeiro provocado por uma pequena percepção, que o «viver como se não se vivesse» que Gil

⁹ Aconselha-se, neste sentido, a leitura a Jean-Claude Coquet, “Linguistique et Sémiologie” (1987: 10-11).

enumera se pode tornar perigoso para os telespectadores, pois gera uma certa passividade (talvez o exemplo da catástrofe na Madeira em 2011 seja um pouco o reflexo dessa ideia de cantinho do mundo em que nada acontece). É que por um lado é criada através do ecrã uma atmosfera de tragédia, tal como salienta Martins; por outro lado, a sensação de «viver como se não se vivesse» lança o efeito de passividade, um fora que exclui o dentro e que isola a subjetividade interna da realidade exterior. Um exemplo bem concreto sobre esta (con) fusão é nos dado quando pedimos às pessoas para falar da crise. A individuação da atmosfera da crise está de tal forma consolidada que os indivíduos mesmo não sentindo objetivamente os efeitos da crise consideram viver constantemente a pior das crises.

O que importa realmente realçar aqui é a força da frieza da televisão nos pensamentos das pessoas. As apreensões que o olhar maciço fornece sobre a televisão geram uma frieza nos indivíduos que os leva a (re)tribalizarem-se em opiniões. Quem sofre os efeitos da sua frieza arremessa para todo o lado o ‘bom senso’ imanado das mensagens que o olhar acaba por captar, seja as mensagens captadas através das imagens como dos seus textos implícitos. O caos gerado pela profusão das imagens que a televisão passa só podem ser balizadas por microtextos que as sustentem, e «é a vida!» é um desses microtextos que permite englobar tal profusão. O efeito fica, o significado ou sentido nem por isso.

A expressão «é a vida!» é, portanto, tão vazia quanto poderosa. Essa é a razão pela qual as publicidades do ecrã-televisão ou mesmo dos ecrãs-publicidade se ‘afinam pelo mesmo diapasão’. Para controlar o significado das imagens publicitárias, estão as frases curtas e capazes de englobar toda a mensagem que se quer passar, fazendo com que o caos de imagens se afunile no efeito desejado: dar sentido consciente e controlado aos possíveis sentidos múltiplos que a captação do olhar maciço poderá criar ao escavar o vazio das imagens. A mensagem não é inocente, ela existe precisamente porque se sabe da força do olhar na receção de imagens (Albertino, 2009: 51). Os publicitários otimizam o seu curto tempo de antena oferecendo uma profusão de imagens balizadas por uma frase ou signo, tentando assim controlar a interpretação e o sentido¹⁰. Quem pensa na publicidade sabe perfeitamente que a profusão de imagens entrará em força no inconsciente e no imaginário através do olhar; estes sabem que as imagens, através do olhar maciço, ficarão a “martelar” os inconscientes mesmo depois de acabar o seu tempo de antena. De certo modo, tem sido este o grande impacto dos ecrãs e da excrescência das imagens que povoam o quotidiano

¹⁰ Nem sempre é garantido o efeito que se pretende, mesmo com frases fortes a controlar as imagens. Tal como sugere McLuhan, houve um anúncio de seguros de vida que mostrava o pai das crianças num pulmão de aço rodeado de uma alegre família que ao invés de criar no leitor a fluidez nas mais sábias advertências no mundo acabou por gerar horror dada a forma e a textura do pulmão (McLuhan, 2007: 47).

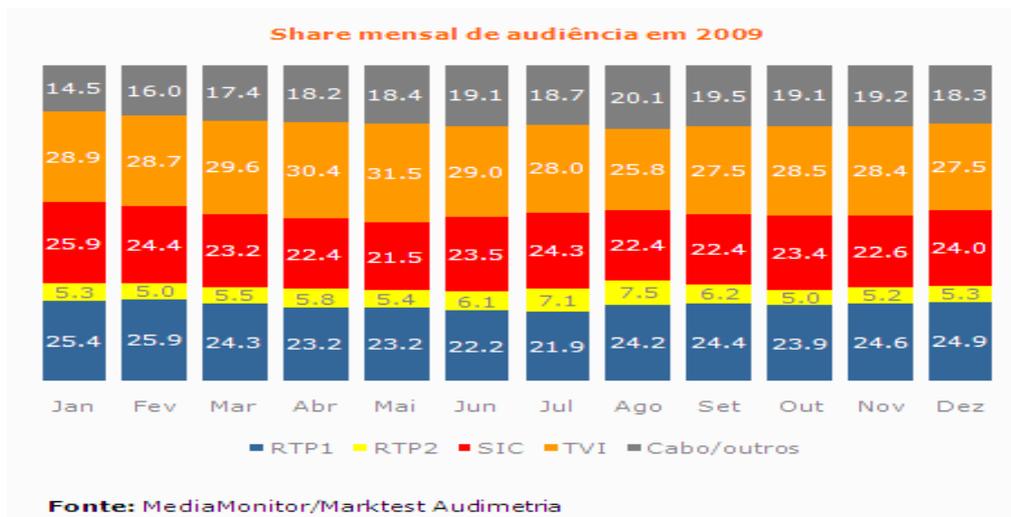
pós-moderno. Através das imagens ecrânicas, e das suas percepções, é atingido o subjetivo individual, pois as captações do olhar sobre os ecrãs abrem a cavidade, impulsionando as forças nascentes do inconsciente.

De facto, a frieza do meio televisão é visível na sua relação diária com os indivíduos. A televisão não opera corte entre o quotidiano e a sua atmosfera, ao contrário do que faz o cinema. Porém, temos também que afirmar que nem todos os conteúdos da televisão, meio frio, são completamente frios. Os programas ou as séries televisivas diárias estabelecem com o telespectador uma relação de continuidade e de imersão, produzindo assim uma certa relação mais aconchegante, e, por isso, mais de génese aquecida. É o caso, em Portugal, das telenovelas.

Ao analisarmos as audiências em Portugal, facilmente reparamos que o canal TVI é líder devido à sua capacidade de seduzir o ver que reflete como um espelho as tramas do quotidiano mas que também deixa escapar ao olhar traços subjetivos da cultura portuguesa, gerando assim uma certa atmosfera quente. Com um *share* anual de quase 29% (dados do ano de 2009), vemos mensalmente a TVI a superar os seus concorrentes diretos¹¹. Isso acontece porque a capacidade de sedução contínua de uma atmosfera quente, ainda que dentro de um meio frio, funciona em pleno para as expectativas culturais e visuais mais orientadas para o prático e simples.

Mcluhan sugere, a propósito, que a grande diferença entre o quente em relação ao frio está na forma como o meio quente prolonga um único sentido e o satura com dados. E ainda mais: (re)tribaliza as pessoas à volta do seu totem, que neste caso concreto de Portugal é a novela e os seus atores e atrizes mais apreciados, e um certo sentido nacionalista de proximidade inculcado pela ideia de produção nacional. É portanto uma expressão quente, de um meio frio, capaz de ferver quando se expressa no extremo. As novelas têm, entre uma boa quantidade de portugueses, a capacidade de prolongar esta visão, saturando-a com dados sobretudo íntimos, quentes, sensitivos. Estas permitem a evasão sobre o quotidiano, um fora do dia-a-dia para um outro universo, sobretudo um universo que leva o telespectador para uma atmosfera mais próxima das suas motivações, uma atmosfera que faça deslizar o telespectador para outras identificações, sobretudo para outros lugares e personagens. Aliada a um certo sentido de proximidade e identificação relacional e estética, oferecida pela ideia do diferente mas simultaneamente próximo, a fórmula funciona mês após mês - como podemos ver no gráfico abaixo representado.

¹¹ Dados consultados em <http://forum.tvuniverso.com/index.php?/topic/1561-audiencias-anuais-2009>, em 24/07/2011.



Na mesma direção, aponta um estudo brasileiro, sobre as influências das novelas no quotidiano. A autora, Lilian Lacerda, revela que cerca de 45% dos telespectadores afirmam deixarem-se influenciar pelas novelas. As influências vão desde as formas de vestir até às frases comuns. Mas é sobretudo no imaginário, criado pelas personagens das novelas, que se revelam as grandes influências. São as figuras arquétipos do imaginário produzido pelas novelas que constituem as grandes bases de identificação entre telespectadores e personagens. É a tal comunicação de inconscientes que permite esta ligação contínua no tempo, uma ligação que subentende por um lado uma atmosfera de proximidade mas também uma certa identificação coletiva. Os dados recolhidos apontam para uma convergência de imaginários, onde a homogeneidade de identificações prolifera¹².

2.3 – O ecrã-computador

Se o meio cinema é quente e o meio televisão maioritariamente frio, o que dizer do computador? Será o computador um meio frio ou um meio quente? E os seus ecrãs, o que suscitam? Será a passagem dos mass-media (cinema e TV) para os Self-media (computadores, videojogos, etc.) uma passagem que altera completamente esta lógica dos meios quentes e frios? Existem Self-media frios e self-media quentes?

É importante lembrar, tal como o fez Simmel, que antes da modernidade o indivíduo estava “oprimido pelos laços de ordem política e agrária, corporativa e religiosa, que sobre ele exerciam violência e que haviam perdido todo o sentido” (Simmel, 2004: 92). Para este autor, foram estas razões, originadas pela complexa relação entre formas sociais e conteúdos humanos, juntamente com as fortes desigualdades sociais da época, que deram origem à modernidade. Já com a modernidade, nasceram os ideais de igualdade,

¹² Estudo consultado em <http://www.taniazambelli.com.br/artigos/ler.asp?cod=23>, em 07/05/2010 (A Influência das Novelas na Vida das pessoas).

fraternidade e liberdade. E com estes ideais, já no século XIX, um outro ideal se desenvolve graças ao romantismo e à divisão social do trabalho: o individualismo. Porém, com o individualismo, os pilares dos valores individuais afastaram-se radicalmente da ideia do «humano universal», privilegiando assim a diferenciação, a unicidade, a objetividade, o pragmatismo das relações e a diminuição dos sentidos espirituais (Ibid.: 91-93). Isto levou o autor a concluir que a modernidade se caracterizava,

pela preponderância daquilo a que podemos chamar o espírito objetivo sobre o espírito subjetivo: ou seja, tanto na língua como no direito, na técnica de produção como na arte, na ciência como nos objetos do ambiente doméstico, está incorporado um certo espírito (...), [onde] o indivíduo é cada vez menos capaz de fazer frente ao enorme aumento da cultura objetiva. (Ibid.: 90-91)

Resumindo, uma cultura objetiva, marcada sobretudo pelas forças da palavra e da técnica, imperava sobre os indivíduos.

Não obstante, com o aparecimento do ecrã-cinema, no início do século XX, e com o forte desenvolvimento e massificação da reprodução técnica das obras de arte, uma nova cultura mais visual e estética começou a despontar, revelando de certa forma a inconformidade dos indivíduos em relação às formas individualistas de existência. A massificação do cinema foi, de certa forma, uma resposta ao individualismo, introduzindo uma linguagem coletiva capaz de aproximar as massas. O ecrã-cinema permitiu assim aquilo a que McLuhan considerou o «aquecimento» de um dos sentidos (a visão), permitindo o nascimento de uma cultura mais visual. O sentido visual tornou-se pois, durante o século XX, dominante. Embora a televisão inculcasse a ideia do consumo privado de imagens e por isso mesmo constituísse, para os mais céticos, um forte revés ao efeito mais comunitário oferecido pelo cinema, a verdade é que também ela criou as suas imagens comuns, a sua rede tribal de totens capaz de agregar grupos de indivíduos e de opiniões. Assim, ao individualismo proporcionado pela vivência frenética nas grandes metrópoles, os mass-media apareceram de certa forma como uma resposta para a criação de algumas imagens comuns que ligassem o todo, nesse tempo muito mais fragmentado.

A viragem recente dos *mass-media* para os *self-media* só veio exponenciar ainda mais o sentido visual, espalhando por todo o lado ecrãs e conferindo-lhes uma maior proximidade individual: os ecrãs do telemóvel que estão no bolso; são os ecrãs do GPS que estão no carro; os ecrãs que estão nas lojas a mostrar os preços; os ecrãs da bolsa de valores a seduzir a especulação. Enfim, uma tremenda exacerbação do sentido visual no quotidiano.

Contudo, o computador, agente central dos *self-media*, é um meio digital e binário ao mesmo tempo, o que por si só nos pode levar a concluir que tem tanto de frio como de

quente. O computador é o meio técnico com a relação mais horizontal de sempre para com o humano (Perniola, 2004: 41). Pensava-se, no início do seu desenvolvimento, que este meio iria apenas aumentar exponencialmente as atmosferas individualistas e as distâncias relacionais. Porém, passados alguns anos de desenvolvimento, vemos nas ‘suas’ capacidades de constituir redes de ligação social, que parecem opor-se às tendências mais individualistas. A Internet permite fazer aquilo que não existia na era dos *mass-media*: ligação entre pessoas desligadas outrora (através de ecrãs). Acontecia sim no auge dos *mass-media* a divulgação de imagens com um consumidor mais passivo e que só através do contacto face-a-face conseguiria confrontar, relacionar e refletir opiniões. Com a Internet é possível isso a um nível global, permitindo ainda aumentar a força e a eficácia da expressão tribal de opiniões. Por outras palavras, a rede das redes permite ligar ecrãs outrora desligados, ligar imagens outrora desligadas, ligar motivações, aspirações e desejos outrora desligados, e ligar culturas outrora desligadas. Enfim, ligações capazes de (re)contar o passado e o presente, aspirando a um futuro diferente, nem melhor nem pior: simplesmente mais eletivo, mais personalizado, mais tribal e comunitário, e portanto mais subjetivo.

Não obstante, mais ligação não significa, necessariamente, maior eficácia ou maior desenvolvimento humano. Porque também acontece nas redes sociais que “quanto mais falamos, mais nos damos conta de que nada de novo há a dizer – também aí o conto é sempre o mesmo” (Martins, 2010b: 4). Há contradições paradoxais entre a velocidade das ligações e os resultados de tais ligações. Uma dessas ligações tem por exemplo a ver com o facto de esta era dos self-media ser apelidada de ‘era da informação’. Sendo esta a *era da informação*, seria de supor que o conhecimento das gerações desta superassem as da era anterior. É com algum espanto que muitos autores apontam o desconhecimento das gerações-computador sobre assuntos que no passado eram considerados básicos e essenciais. O (des)conhecimento sobre história é um bom exemplo disso. Não deixa de ser curioso, por isso, o facto da história do mundo estar a ser recuperada (e (re)contada) através da cultura-ecrã, sobretudo com o cinema memorial (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 155). Significa que cada vez mais a palavra passa a ser secundária na memória dos indivíduos pós-modernos. Se levarmos em linha de conta que “o modo em que a perceção sensorial do homem se organiza – o médium em que ocorre – é condicionado não só naturalmente, como também historicamente” (Benjamin, 1992: 80), então é caso para afirmar que as imagens irão servir de base para contar o passado, e as consequências da sua apreensão, com maior tendência para a interpretação subjetiva, redefinirão a história do mundo.

De facto, com o computador e com os restantes *self-media*, já não é tão importante perceber se verdadeiramente se trata de um meio quente ou de um meio frio. Tal como sugerimos anteriormente, o computador é um meio de *hiperconvergência*, plástico, capaz de reunir nos seus conteúdos coisas frias e coisas quentes. O seu ecrã tanto pode saturar com dados um único sentido (sobretudo o visual), como empobrecer a informação e esfriar todos os sentidos em simultâneo. Portanto, o que acontece com os *self-media* é que os seus ecrãs já não são passivos na forma de suscitarem ambientes quentes ou frios. Eles são ativos, horizontalmente, fazendo convergir para além de todos os sistemas tecnológicos todos os nossos sistemas preceptivos, com maior incidência nos sistemas da visão. Portanto, para analisar o computador e os seus ecrãs é preciso, antes de mais, analisar os seus agrupamentos de conteúdos e perceber a força das sequências hipertextuais originadas pelas imagens. É necessário analisar a comunicação interativa e produzida pelos próprios indivíduos, um modelo de trocas interpessoais e comunitárias, descentralizadas e baseadas na utilização da rede Internet.

Temos por isso um tipo de ecrã diferente, a produzir efeitos diferentes. Livingstone (2002) referiu que, desde o nascimento do ecrã-computador que temos assistido a uma mudança do público para o privado na vida dos mais jovens. Isto faz com que exista um declínio da “cultura de rua”, em especial em contextos urbanos, e também um declínio do convívio familiar, que no passado recente se reunia em torno da televisão, em cedência para uma certa “cultura do quarto de dormir” onde está o ecrã-computador ou ecrã-videojogo.

Tabela 7. Culturas em função dos tipos de ecrãs

Ecrã-Cinema	Ecrã-TV	Ecrã-jogo	Ecrã-Internet	Micro-ecrãs (smartphones, Tablets, etc.)
Cultura de Rua	Cultura familiar	Cultura de quarto	Cibercultura	Multitarefa e hiperecrãs
Ex: Aniqui Bobó	Ex: programas de família, tipo 1, 2, 3	Ex: jogos	Ex: internet	Redes sociais, mensagens

Este fenómeno deve-se, em parte, à força da hipermediacia, já que no quarto está um conjunto de objetos tecnológicos hipermediadores, dos quais se destacam o ecrã-internet, este que permite várias janelas e perspetivas para o mundo (Bolter e Grusin, 1999: 181). O significado de ser jovem, bem como o estatuto da família para o jovem, alterou-se com a cultura do ecrã. A cultura do ecrã substituiu progressivamente a anterior cultura de rua, mas também a ideia de lareira familiar, preconizada pela centralidade da TV e da sua capacidade de união familiar, está a ceder lugar aos ecrãs do quarto, sobretudo o Ecrã-internet e os videojogos. Esta força traduz-se em novas formas de organizar a vida de todos os dias dos

mais jovens, quer nas práticas de tempos livres ou de lazer como no estudo e na aprendizagem.

Os ecrãs estão em todas as dimensões da vida dos mais jovens: casa, escola, cafés, etc. A interação dos jovens com os ecrãs configura, no tempo, no espaço e na disposição, maiores ou menores graus de liberdade, constituindo essa disposição um foco de negociação e/ou de possível conflito com pais e educadores. Embora dependentes economicamente, são dotados de uma autonomia existencial grande, onde os ecrãs constituem hoje uma das maiores janelas que lhes possibilita tal autonomia. Como refere Machado Pais, “Economicamente dependentes dos pais, usufruem, porém, de autonomia existencial. Decoram o quarto a seu gosto, escolhem as suas roupas, decidem sobre os usos do tempo e sobre as companhias com quem andam”¹³

Segundo dados do estudo *E-Generation* (2007), cerca de 16 % dos jovens com idades compreendidas entre 12 e os 18 anos usa a internet durante 4 ou mais horas por dia. A maioria dos jovens tende a usar até 3 horas por dia (59%) (Espanha e Lapa, 2007: 321). Nesse mesmo ano, a Obercom (2007) publicava um relatório dando conta de 4 perfis de utilização de aparelhos tecnológicos, dividindo por gerações esses perfis:

Tabela 8. Perfil de utilização de ecrãs segundo a Obercom (2007)

Perfil 1	Perfil 2	Perfil 3 - existem 2 subgrupos subgrupo 1	Perfil 4 subgrupo 2
mais de 55	15-24 anos	25-34 anos	35-54 anos
pouco escolarizados	Estudantes ou profissionais de serviços	Qualificados	menos qualif. do que 1
Inativos (Reformados)	com telemóvel	muito telemóvel	muito telemóvel
sem telemóvel	usuários de internet/ pouca	mais internet	menos internet que 1
Ecrã-TV	Ecrã-TV bastante	muita TV	mais tv do que 1
Rádio	Rádio	mais rádio	
Jornais e revistas	mais leitura	mais leitura de informação	Informação
ler 34 %	mais passeio	Menos passeio	mais passeio que 1
Poucos filmes	mais filmes	muitos filmes mas pirata	mais filmes
Ecrano-verticais	ecrano-horizontais	Mediado e reticular	ecrano-semihorizontais

Este estudo, que traçou quatro perfis, sugere diferenças significativas entre gerações ao nível daquilo a que eles designam de ‘memória mediática’. Essas memórias mediáticas concentraram-se, sobretudo, na infância e na juventude de cada um dos entrevistados. No perfil 1 (mais de 55 anos), por exemplo, a rádio é o meio por excelência das memórias mais antigas e de socialização mais precoce. Já no perfil 4 (35-54 anos) é a televisão a par com a

¹³ Excerto de entrevista consultada no jornal Público, a 5 de Março de 2007.

rádio, sendo que os mais velhos do grupo cresceram no período correspondente às primeiras emissões da televisão em Portugal. O perfil 3, por sua vez, cresceu numa época em que a televisão emitia dois canais de forma regular, sendo esta a principal referência, conjugada também com a introdução doméstica dos computadores pessoais e dos jogos de computador (o célebre Spectrum). Por fim, os indivíduos do perfil 2 (15-24 anos) nasceram já num ambiente fortemente mediático, tendo como memórias de infância os quatro canais generalistas e uma familiarização com as novas tecnologias (PC, jogos de computador, Internet, redes sociais) e ainda na infância/adolescência com os telemóveis. A parafernália de meios tecnológicos à sua disposição parece ser um fator explicativo da falta de interesse que demonstram, na maioria dos casos, pela rádio (Obercom, 2007: 27-28).

No entanto, numa comparação mais global, em comparação com os europeus, os portugueses estão com valores percentuais de uso de computador e de internet abaixo da Europa a 27 países. Apenas nas gerações com idades entre os 16 e os 24 anos é que os dados se equivalem. À medida que a idade avança os portugueses distanciam-se da média europeia:

Tabela 9. Dados comparativos nos usos de computador entre Portugal e a média da Europa a 27 países

	Geração Millenials/Y		Geração X		Baby Boomers	Geração Guerras
	16-24	24-34	35-44	45-54	55-64	65-74
Relação com a EU27	percentagem =	< 5%	< 15%	<25	<21%	<18%

Fonte: Pordata (2010)

Tabela 10. Dados comparativos nos usos de Internet entre Portugal e a média da Europa a 27 países

	Geração Millenials/Y		Geração X		Baby Boomers	Geração Guerras
	16-24	24-34	35-44	45-54	55-64	65-74
Relação com a EU27	< 4%	<9%	< 18%	< 28%	< 21%	< 15%

Fonte: Pordata (2010)

De qualquer das formas, a evolução portuguesa, nos usos do computador e sobretudo de Internet, tem sido considerável nos últimos anos. Um estudo da Entidade Reguladora da Comunicação (ERC), realizado em 2011 pela Universidade do Minho, dava conta de um crescimento na ordem dos 150% nos usos de internet desde o ano 2000 até 2010 (de 27% para 66%). É de ressaltar que este estudo analisou também a faixa etária que vai dos 10 aos 15 anos (o que nos estudos europeus não acontece). Assim, concluiu-se que a faixa etária que mais usa computador é a faixa dos 10-15 anos (96%), seguida pelas faixas dos 16 aos 25 e dos 26 aos 35 (Pinto et al, 2011)¹⁴.

Este crescimento exponencial dos usos de computador é comprovado por um outro estudo, da Universidade Lusófona (2008), que demonstra que os jovens portugueses são

¹⁴ Estudo consultado em <http://www.erc.pt/download/estudo-educacao-para-os-media-em-portugal>, visto em 06/08/2012.

hoje mais adeptos da Internet do que da televisão ou mesmo do telemóvel. Esse estudo mostra também que são os jovens do sexo feminino que mais usam a internet, sendo que essa distância entre géneros está cada vez mais a diminuir.

O estudo da Agência para a Sociedade do Conhecimento, intitulado *A Utilização de Internet em Portugal (2010)*, mostra ainda que, tal como demonstraram os perfis traçados pela Obercom em 2007, quanto à ocupação profissional verifica-se maior concentração de utilizadores de Internet nos quadros superiores, estudantes e profissões técnicas, científicas ou artísticas por conta de outrem. Os profissionais liberais por conta de outrem e os empregados de escritório são também grupos profissionais com elevada taxa de utilização de Internet¹⁵.

Esse mesmo estudo traçou o roteiro dos portugueses no ecrã-internet, concluindo que o que mais se faz é:

Tabela 11. Lista das 5 tarefas mais executadas na Internet

1º	envio e receção de e-mails
2º	serviços de <i>instant messaging</i>
3º	Notícias
4º	Navegar sem objetivo
5º	uso de redes sociais

Fonte: WIP Portugal

Este estudo, corrobora também a ideia de que em questões comunicacionais são as mulheres que mais dinamizam, ainda que as diferenças sejam cada vez menores. A atividade de perfil mais vincadamente feminino é a utilização de redes sociais (com adesão por 60,7% das mulheres internautas e 52,3% dos homens internautas). Já as atividades de entretenimento na Internet assumem em geral maior preponderância entre os internautas masculinos e nos escalões etários mais baixos.

Em relação à informação, a sua procura é uma atividade praticada por internautas em todos os escalões etários, ainda que com variações consoante o tipo de informação. Os mais velhos, sobretudo homens, procuram mais informação, aquisição de bens ou serviços, pagamentos online. Mas os mais novos não. Navegar sem destino concreto é uma das preferências. A procura de informação para a escola ou universidade e a procura de definições de palavras destacam-se pelas elevadas taxas de utilização pelos internautas mais jovens, entre os 15 e os 24 anos.

Em relação aos processos de aprendizagem, existem certas relações que nos interessa revelar: quanto mais jovens mais elevadas são as percentagens de inquiridos a

¹⁵ Estudo consultado em <http://www.unic.pt/>, visto em 06/08/2012.

procurar informação em enciclopédias multimédia, a utilizar o computador para estudar e fazer exercícios com um CD-ROM e para praticar e aprender uma língua estrangeira também com um CD. Por seu turno, observam-se percentagens mais elevadas de jovens mais velhos a procurar informação em páginas Web, a escrever trabalhos num processador de texto, a apresentar trabalhos com o PowerPoint ou através de páginas Web e a pedir ajuda através da internet a colegas e a professores. (Lapa e Espanha, 2007: 42-43). A internet é um meio de ensino que também é incitado pelos professores. 45% dos jovens declaram que pelo menos alguns professores incentivam a sua utilização para estudar ou praticar matérias das suas disciplinas. (Ibid.: 44).

Cerca de 69% dos jovens inquiridos declaram também que aprenderam sozinhos a utilizar a internet. Portanto, estamos a falar de uma geração que teve de explorar sem a ajuda de ninguém como usar as novas tecnologias. Contudo, cerca de 16,2% referem a ajuda dos professores na escola e 11,5% a ajuda do pai. Entre os mais novos a percentagem de inquiridos que aprenderam sozinhos a utilizar a Internet decresce para 44,2% e 35% destes inquiridos refere que quem os ensinou a usar a Internet foi o pai. Uma parte significativa dos inquiridos dos 9 aos 12 anos já pertence portanto a uma geração que de certa forma tem crescido com o acesso facilitados às novas tecnologias, recebendo o apoio dos pais na sua utilização (ibid.: 57).

Como os jovens são os que mais se encontram na fase de experimentar as várias facetas da vida, a Internet aparece então como meio que permite a multiplicidade de máscaras, de identidades e até de personalidades. No entanto, a maioria dos jovens dos 12 aos 18 anos (62%) diz que se mostra como é nos *chats*, enquanto que 29,2% admite fingir por vezes ser outro tipo de pessoa e apenas 8,8% admite fingir sempre. As raparigas fingem mais ser outro tipo de pessoa (35,8% e 10,8% respetivamente) do que rapazes (24,3% e 7,3% respetivamente). É entre os inquiridos dos 13 aos 15 anos que se verifica maiores percentagens de jovens que às vezes fingem ser outro tipo de pessoa (39,3%) e entre os jovens dos 9 aos 12 anos verifica-se a maior percentagem daqueles que dizem fingir sempre (15%). É, portanto, entre os jovens dos 16 aos 18 anos que há uma maior percentagem de inquiridos que dizem mostrarem-se sempre como são (72,3%) (Ibid.: 51), o que é coerente com as diferentes etapas na construção da personalidade.

Por seu turno, a partilha de conteúdos criados ou editados pelo utilizador é também uma prática comum em 35,8% dos internautas portugueses. Não há grandes diferenças entre géneros no caso da partilha, embora o género feminino use mais os carregamentos e descarregamentos de fotografias e os comentários em blogues ou murais de outras pessoas.

Pelo contrário, são os indivíduos do género masculino que partilham mais ficheiros para download, bem como a sua execução. (Fonte: WIP Portugal).

Portanto, seja no caso da partilha, da comunicação em rede, da informação, da aprendizagem com base no conectivismo, do raciocínio intuitivo e da multiplicidade, os jovens, sobretudo dos 15 aos 34 anos, são os elementos mais dinâmicos na internet. É por isso que na lista de tarefas mais usuais na internet, se percebem diferenças geracionais significativas:

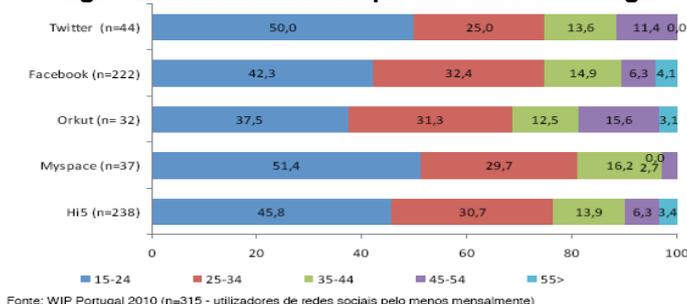
Tabela 12. tarefas na internet em função da idade

Idades dos 15-34	Tarefas	Restantes indivíduos	Tarefas
1º	Redes sociais	1º	Ler críticas a produtos online
2º	Blogs	2º	fazer compras
3º	Chats e discussões	3º	Ebanking e home-banking
4º	Instant Messenger	4º	Pagar contas
5º	Jogos	5º	Adquirir bens ou serviços
6º	Downloads		
7º	Navegar s/ destino		
8º	Partilha de ficheiros		
9º	Wikipedia		
10º	procurar emprego		utilização mt instrumental
11º	Informação		
12º	definição de palavras		
13º	escrever em blogues		
14º	votações online		
15º	comentários ou post		
16º	Criar sites e actualizar perfis		

Fonte: WIP Portugal 2010

As redes sociais mais usadas pelos internautas portugueses, segundo dados da empresa de medição *ComScore* divulgados em 2009, mostram que o Facebook ultrapassou o MySpace em número de utilizadores, no ano de 2008. O inquérito do Obercom (2007) relativo ao mesmo ano refletia já essa tendência, ainda que com uma pequena margem de diferença entre os dois. Em 2010, o Hi5 continua a ser a rede social mais utilizada e o Facebook alcançou o segundo lugar.

Imagem 2. Uso de redes sociais por faixa etária em Portugal



As redes sociais são atualmente utilizadas por 56,4% dos internautas em Portugal. As estatísticas oficiais na página oficial do Facebook (2011) mostram que em 2010 foram cerca de dois milhões e 600 mil os portugueses que utilizaram o Facebook. A distribuição etária no uso do Facebook distribui-se da seguinte forma:

Tabela 12. percentagens de usos do Facebook por faixa etária

Idades (anos)	< de 18	18-25	26-35	36-55	> de 55
Portugal	16,40%	24,7	31,3	23,6	4%

Fonte: Facebook, 2011

São cerca de 24,5% os portugueses que usam o Facebook, ou seja é o 27 país da Europa com maior utilização. Os países do norte europeu são os que mais usam. No entanto, Portugal está ligeiramente abaixo da média europeia a 43 Países (média de 25,4%):

Tabela 13. lista com os países que mais usam Facebook e a posição de Portugal

Posição	países do Norte com maiores níveis/usos	
1º	Islândia	59%
2º	Noruega	46%
3º	Dinamarca	45%
4º	Reino Unido	44%
27º	Portugal	24,45%

Fonte: Facebook, 2011

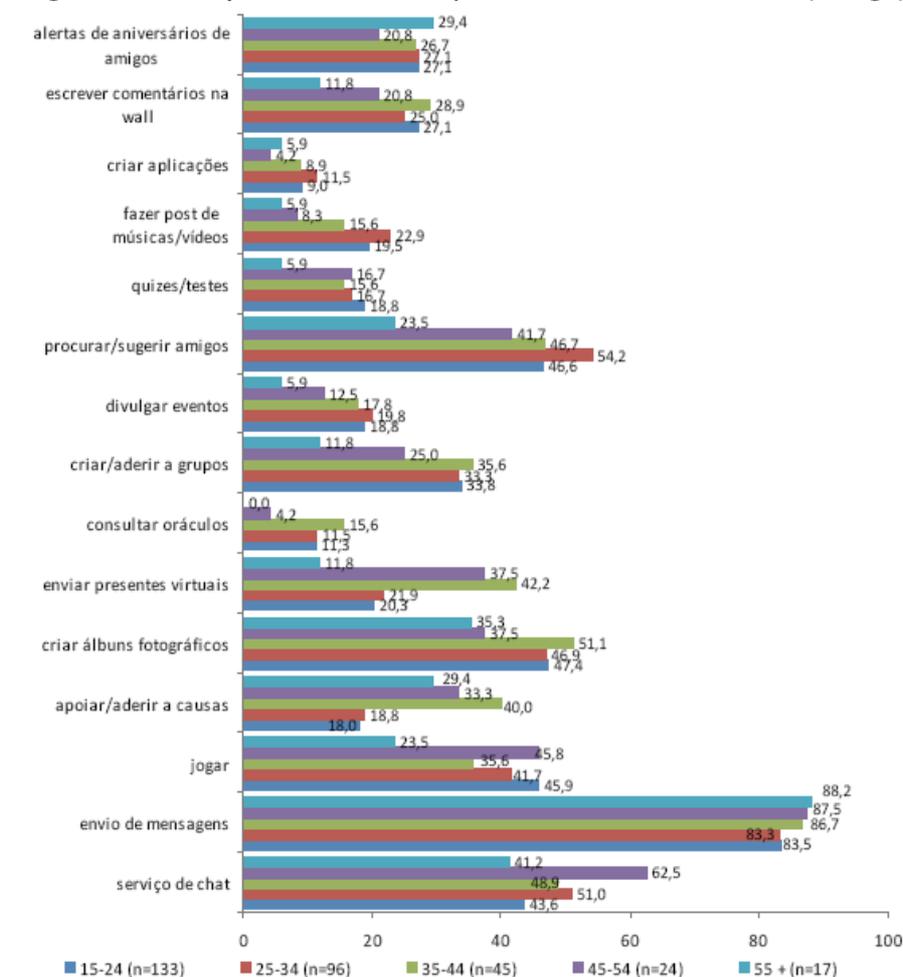
As diferentes gerações usam com diferentes intensidades as funcionalidades permitidas pelas redes sociais. Assim, temos as gerações mais jovens, dos 15 aos 34 anos, a terem uma atividade mais de génese lúdica mas virada para a cultura da imagem (postar músicas e vídeos e jogar), no entanto com bastante propensão para a conexão social (procurar e sugerir amigos, adesão e criação de grupos), para a divulgação e partilha de eventos e para comentários curtos no mural dos elementos da sua rede, isto com o sentido de aumentar as conexões.

É possível constatar que, para a geração marcada pelo arquétipo do herói (que tem hoje entre os 15 e os 31 anos), uma geração que ainda está numa fase de juventude (sejam jovens adultos ou juvenis) e que por isso ainda estão a construir as suas relações sociais, as redes sociais são plataformas que permitem também realizar o caminho do herói solitário. Através de fragmentos, *snapshots* da vida de todos os dias, da vida do outro e da própria através do outro, estas permitem a viagem pelo hétero e pelo autoconhecimento, tudo através do ver e do olhar sobre os outros. Nas redes sociais, a individuação acontece através dessa busca, que cada um, juntamente com muitos outros, partilha, procura, opõe, liga, desliga, integra, desintegra. As redes sociais são assim uma espécie de Reino destas gerações do Herói, herói na perspetiva Junguiana (1998 e 2002) que emerge para tentar

colmatar os fracassos históricos das grandes questões políticas, sociais e filosóficas do passado. Por isso assistimos a fenómenos de ciberativismo, ciberpartilha, ciberconstrução ou ciberinovação, tudo com o intuito de construir um caminho diferente e com formas diferentes das do passado. Em comunhão consigo próprio, e com o resto do seu ser que são todos os outros membros da rede, o herói sente que tem que fazer o seu caminho solitário para mudar o seu mundo, percebendo, no fim de completar o seu trajeto, que está em casa, e que a sua casa é o mundo, social e dos desejos, onde existem contradições, opostos, sínteses, dualismos, todo um conjunto de fluxos que precisam de ser integrados nele próprio, isto é individualizados.

Já os indivíduos com idades entre os 35 e os 44 anos, portanto numa fase mais de construção familiar e política da sua vida, estão também muito propensos para criar e aderir a grupos, fazer comentários no mural e aderir a causas. Os indivíduos com mais de 55 anos usam as redes mais no sentido funcional para a gestão das relações, como por exemplo os alertas de aniversários e o envio de mensagens.

Imagem 3. Lista de ações mais executadas pelos utilizadores de redes sociais (Portugal)



Fonte: WIP Portuol 2010 (n=315 - utilizadores de redes sociais pelo menos mensalmente)

Em resumo, todos estes estudos apontam a Internet essencialmente como um meio de comunicação, informação e entretenimento. Mas é mais do que isso que aqui está em causa. Está toda uma nova forma de viver a juventude, o processo de aprendizagem, de socialização e de individuação dos diversos papéis sociais e de outras formas que estruturam outras atitudes, predisposições e motivações: estamos perante, também, um lugar de partilha, de fragmentação, de multiplicidade, de fluxos, de velocidade, de instantaneidade, de desenvolvimento das capacidades intuitivas, de aprendizagem por conectivismo, de criação de laços, de risco, de sonhos, de pesadelos, de perigo, de sensações e de adaptação a um mundo e a uma cultura não de letras mas de imagens. Todas estas diferenças para com o passado são capazes de mobilizar sobretudo os seus utilizadores mais jovens numa lógica de continuamente, repleta de meios com possibilidades para atingir certos fins concretos mas também propensa à navegação aleatória e sem destino, composta por uma ingenuidade criativa e capaz de ligar o que outrora se encontrava desligado. Eis-nos perante um universo propenso para a viagem, para um caminho arriscado, sobretudo para as gerações mais jovens, mas que no entanto possibilita a confrontação com os opostos e as grandes contradições humanas, onde razão e emoção, intuição e cálculo, objetividade e subjetividade, interioridade e exterioridade, permitem um terreno fértil para a individuação das gerações digitais. Se nos descobrimentos essa viagem do herói se fazia com a orientação do sol ou das estrelas como pontos de luz que conduziam os caminhos, e na cidade moderna os candeeiros ou os *neons* iluminavam as ruas e as estradas apontando direções, eis-nos sob o efeito da luz dos ecrãs, sobretudo possibilitadas pelas conexões em rede, que nos orientam para a consolidação do caminho.

2.4. O ecrã-telemóvel e o ecrã-videojogo

Para perceber a importância dos ecrãs desde a sua invenção basta olharmos para a evolução de todos os sistemas que pretendem conectar os indivíduos. O ecrã é assim uma possibilidade que aumenta e melhora a qualidade das interações à distância, e isso percebe-se bem na evolução dos telemóveis.

Desde o primeiro telemóvel, desenvolvido pela Ericsson em 1956 e pensado para ser usado em automóveis, que o telemóvel se foi desenvolvendo reduzindo o tamanho de todos os componentes, exceto dos ecrãs que inversamente foram aumentando de tamanho. Na imagem 1 vemos, da esquerda para a direita, o primeiro telemóvel pessoal portátil (um Motorola DynaTAC 8000 X, de 1973). E vemos essa tendência com o evoluir do tempo, onde há cada vez menor tamanho de componentes e maior tamanho de ecrãs.

Imagem 4. Evolução das formas dos telemóveis Motorola



Fonte: http://www.google.pt/Evolução_dos_telemóveis

Esse facto, revela a centralidade do formato ecrânico nas interações e relações, onde de forma metafórica podemos dizer que tudo diminuiu exceto os ecrãs, que cresceram e se estão a tornar cada vez mais ubíquos. Isto demonstra como vivemos num tempo onde as imagens, e a sua cultura, proliferam e se sobrepõem cada vez mais às palavras. Quer dizer, somos cada vez mais utilizadores e gestores de imagens, que tendem a simplificar os processos de uso, do que propriamente de sistemas técnicos complexos, gerando uma sensação visual e experimental de anulação da técnica substituída por uma interatividade cada vez mais táctil e horizontal.

Esta constatação, serve para mostrar a sede humana para ver, para controlar com os olhos, dominar através do que é visto, e os ecrãs são fulcrais para esses desígnios. Mas quanto mais o indivíduo pós-moderno vê, mais olha o mundo, já que essas ambas camadas da visão se encontram intimamente ligadas. Isto é, os meios que nos permitem ver cada vez mais, dispostos a ativar mais do que nunca os nossos sentidos visuais, são também aqueles que nos permitem olhar pelo não consciente cada vez mais o mundo.

Os portugueses são, dentro desta lógica, bastante influenciados pelos ecrãs-telemóveis e pelas suas possibilidades. Um estudo da ERC de 2011 mostra, sobretudo nos jovens entre os 10 e os 24 anos, um nível de utilização de telemóveis avassalador (91% de utilização). Os indivíduos entre os 10 e os 14 anos enviam por mês cerca de 143 mensagens, e os indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos cerca de 230 mensagens mensais (Pinto et al, 2011). No geral, em 80,3% dos casos, os telemóveis são usados pelos jovens como forma de aproximação para com os pares (Lapa e Espanha, 2007: 172).

Uma evolução semelhante à dos telemóveis, aconteceu com os videojogos e com as suas configurações. Primeiro num ambiente de computador, onde o Spectrum foi um sucesso. Depois nas versões Arcade, mais tarde na massificação de consolas domésticas e, mais recentemente, nas mais recentes formas de jogo online. O avanço da sofisticação

tecnológica foi acompanhado pela crescente importância do ecrã na própria interatividade dos jogos – a deteção de movimento em 3D, presente as consolas Wii e Playstation são bons exemplos dessa expressão emergente. Corpo e ecrã dançam, cada vez mais, numa espiral de troca de experiências: o corpo vive o ecrã, e o ecrã vibra com o corpo. Neste tipo de interações, o corpo passa a ser uma espécie de comando do ecrã, e o ecrã uma espécie de corpo do indivíduo.

Imagem 5. Interação entre corpo e ecrã



Fonte: http://www.google.pt/evolucao_dos_ecras

A questão é que os jogos integraram também as lógicas reticulares provenientes da Internet, fundindo jogo com presença online. Isso alterou a configuração tradicional dos jogos e estabeleceu uma corrente entre os jogadores, corrente que se objetiva na sequência de fotografias que a seguir se apresentam¹⁶ e que mostram, num plano metafórico mas também com implicações na configuração espaço-temporal, a evolução e a complexidade das correntes ecrânicas atuais:

Sequência 1: passagem do formato inicial, computador fixo, para mistura entre fixo e portátil (de 2003 a 2005)



2003



2005

¹⁶ Imagens cedidas por Filipe Martins, um verdadeiro *ecranoligado*.

Sequência 2: ecrãs fixos, portáteis e ecrã de TV com consola para ecrãs ligados a aumentar a imagem e permitir várias tarefas ao mesmo tempo

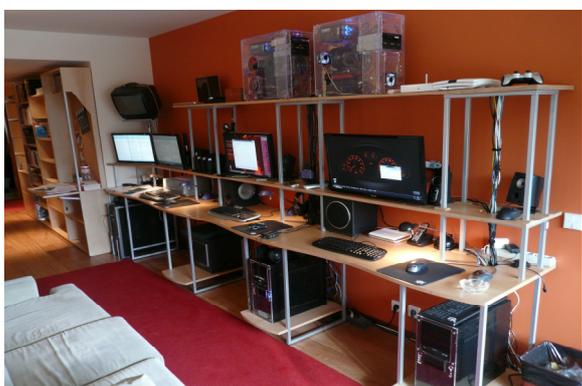


2006



2007

Sequência 3: passagem de múltiplos ecrãs, múltiplas tarefas e múltiplas ligações para atmosfera ecrânica de imersão, onde os grandes pontos de luz orientadores são os ecrãs



2010



2011

Esta sequência de imagens é apenas um exemplo eloquente da importância, física, mental e espacial, dos ecrãs naqueles que os vivem intensamente. E em Portugal, são muitos os que vivem intensamente o ecrã-jogo. Cerca de 3 em cada 4 jovens, com idades entre os 15 e os 17 anos, jogam jogos de consola ou de computador. Entre os 18 e os 24 anos a percentagem é menor, embora estejamos a falar de mais de 50% (Pinto et al, 2011). A quase totalidade dos jovens rapazes (90%) costuma jogar, em comparação com 68,5% do público feminino, não deixando no entanto de ser já expressiva a percentagem de jogadoras. O mercado dos jogos apela portanto também às raparigas. Nos jovens dos 12 aos 18 anos os jogos de ação são os mais populares (62,8%), seguido dos jogos de aventura (56,7%), de corridas (52,2%) e os de estratégia (51,5%) (Lapa e Espanha, 2007: 225).

Sobre os efeitos dos ecrãs-jogos notados pelo ver dos mais jovens, os dados revelam que cerca de 44,1% dos inquiridos acha que jogar certos jogos de ação os deixam descontraídos. São poucos (14,7%) os que consideram que se sentem mais agressivos

quando jogam um jogo violento. No entanto, o ecrã-jogo gera nos jovens muita frustração, sobretudo quando estes não conseguem atingir sucesso nos jogos (46,2%). Este tipo de interatividade com o ecrã-jogo mostra, nos jovens, uma das razões porque é que estes são mais sedutores do que o ecrã-filme (60% dos inquiridos preferem divertir-se e passar o tempo a jogar do que a ver filmes) (ibid.: 247).

Um tipo de jogos que tem ganho destaque recentemente, são os chamados 'Jogos Sociais Online'. Segundo Zagalo (2011)¹⁷, estes jogos primam-se pela estimulação cada vez maior de comportamentos automáticos, não refletidos e intuitivos. Estes jogos, usados não tanto pelos adolescentes mas antes pelos jovens adultos, tendem a usar, na ótica de Zagalo, uma interatividade ecrânica que se baseia em 3 tipos de estratégias: garantir reciprocidade; serem capazes de constituir um feedback para a rede que os sustenta, permitindo assim aprovar socialmente os indivíduos; e serem capazes de atrair os utilizadores.

Na análise aos jogos Farmville (2009) e Cityville (2010), os jogos sociais mais jogados até hoje em rede, Nelson Zagalo mostra a reciprocidade por duas vias: internamente e externamente. Pela via interna porque estes jogos

permitem aos jogadores jogar e entrar no mundo de jogo de modo totalmente gratuito, sem nunca ser abordada a questão monetária. No entanto ao longo do jogo vai percebendo que se quiser obter determinados itens, ou atingir determinados objetivos mais rapidamente, terá de pagar. Estes jogos são exímios neste campo porque criam uma rede muito dinâmica e contínua de reciprocidades entre o jogo e o jogador através da introdução constante de novos elementos e atributos que ora são oferecidos, ora obrigam a pagamento. (Zagalo, 2011)

Pela via externa, porque estes jogos se socorrem da rede social que suporta o jogo, nestes casos o Facebook, criando e provocando a reciprocidade entre os jogadores em função dos interesses exclusivos do jogo.

A questão da aprovação social, segundo Zagalo (2011), é a segunda grande arma deste tipo de jogos, já que os ecrãs são exímios a constituírem provas sociais. Isto é, estar em conformidade com o grupo de pares, que joga e participa ecranicamente no jogo, permite a integração das regras e normas do jogo. Assim, isto já parece mais do que um jogo, é mesmo mais uma forma de mostrarmos aos outros os trajetos e feitos na rede. A questão que este autor levanta como problemática é o facto da informação veiculada na rede estimular os comportamentos automáticos e intuitivos que viver em rede provoca, unicamente com o intuito de atrair mais pessoas para jogar. Quer dizer, neste caso o ecrã-jogo funciona como uma corrente de transmissão de forças sociais que obrigam o utilizador a

¹⁷ Artigo disponível em: <http://www.eurogamer.pt/articles/2011-05-14-a-manipulacao-dos-jogos-sociais-artigo>, consultado em 13/08/2011.

entrar em acordo com o social, e por isso com o jogo. Subscrever um “like” na tarefa de um amigo que é jogador, é um potencial de sedução e de atração para o jogo, e tem logicamente objetivos essencialmente economicistas (Zagalo, 2011).

Isto leva-nos à questão das múltiplas tarefas com ecrãs, e das múltiplas lógicas com as quais nos deparamos, seja no ecrã-jogo ou noutro tipo qualquer de ecrã. Tudo se interliga nos ecrãs, sobretudo nos ecrãs que permitem ligação em rede. Para muitos, isto gera uma verdadeira cultura multitarefa. Rita Espanha e Tiago Lapa concluem que esta cultura não tem apenas aspetos negativos. Se é verdade que os jovens enviam mensagens por telemóvel ou vão à Internet divagar enquanto estudam, promovendo uma certa desatenção ou dispersão, também é de assinalar que os formatos de aprendizagem ganham muito com estas ferramentas, já que se aumentam as possibilidades de captura e rizoma informativo. Isto pode gerar uma certa sensação de facilidade, mas também os introduz numa aprendizagem mais de génese conectivista, ou seja mais de acordo com a lógica dos objetos tecnológicos. É verdade que isto obriga a uma necessidade de educação mediática para os jovens e para os que detêm a legitimidade e autoridade para transmitir saberes (Lapa e Espanha, 2007: 315-316); porém, estamos a falar de aparelhos que são uma espécie de nova pele e de novos olhos (ecrãs), que tal como sugere Baudrillard (1993: 58) fazem dos seus utilizadores circuitos integrados nos seus sistemas, e dos aparelhos circuitos nervosos.

3. O homo-ecranis na era dos self-media

Vimos então até aqui que à cultura mediática, centralizada e top-down (vertical) dos *mass-media* (cinema e televisão), somou-se uma outra cultura, de «todos para todos», horizontal, que permite a passagem da emissão à conversação, da interação vertical à interação horizontal, reticular e pessoal. Tal mudança radical obriga-nos a pensar nos efeitos que os ecrãs-computador estão a imprimir a esta «cultura-mundo».

Percebemos através de Georg Simmel, que na era moderna a mudança cultural se deu de um sentido mais subjetivo para um ambiente cultural mais objetivo, graças sobretudo à introdução da tecnologia no quotidiano. Nos ambientes da modernidade,

os problemas mais profundos da vida moderna decorrem da exigência por parte do indivíduo que visa preservar a autonomia e a individualidade da sua existência face a avassaladoras forças sociais da herança histórica, da cultura e da técnica da vida que lhe são exteriores. (Simmel, 2004: 75)

Porém, agora com os *self-media*, a autonomia e a individualidade da existência pós-moderna ganham uma nova revitalização, dada a existência de uma cultura-mundo que diminui o peso das forças sociais das heranças históricas e culturais localizadas. Até a técnica em si mesma, e toda a filosofia que comportava, que na modernidade se alojou em força no social, sofre hoje o sentido oposto: a própria incorporação do social nela mesma. É verdade que devido à força da técnica no social, na modernidade, o ambiente cultural se tornou mais objetivo. Mas com a técnica atual, sobretudo com o «ecrã-global» como sugerem Lipovetsky e Serroy (2010b), assiste-se a um processo senão inverso pelo menos com um maior grau de retorno da força da cultura subjetiva, da introdução do subjetivo na própria técnica. Doravante, a busca pelo si-mesmo¹⁸ interior, ou a procura de certas qualidades do «humano universal» como diria Simmel, é possibilitada pela força das imagens e pela sua filtragem tribal e subjetiva, um verdadeiro «estado nascente» (Alberoni, 2003: 29-30) que produz esta tal inversão. E já agora, esta tendência para a «orientalização» do mundo, que Maffesoli denuncia (2001: 61), não deixa de ser esse reflexo colateral da expressão do si-mesmo, que encontra nas imagens, tal como acontece nas atmosferas orientais e nos seus símbolos, o caminho para a individuação dos opostos.

Já não restam dúvidas que, um século e alguns anos depois, o *homo-industrialis* se transformou mais num *homo-ecranis*: “atualmente, nasce, vive, trabalha, ama, diverte-se, viaja, envelhece e morre acompanhado, por todo o lado por onde passa, por ecrãs (...)” (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 96). As imagens que saem dos ecrãs são como sonhos, talvez em maior quantidade diária, que importunam o inconsciente individual, fazendo o indivíduo sair da sua linearidade quotidiana. Fazem, porém, e porque os ecrãs exigem o seu consumo em massa, «sonhos de massa» como sugere Maffesoli (2001: 61), sonhos que se misturam com outros sonhos, com outras imagens - os arquétipos. As *percepções ecrânicas*, sobretudo as percepções que resultam dos sistemas dos *self-media*, têm o condão de fornecer a possibilidade de fusão de imagens e de estruturas: realidade e imaginário, consciente e inconsciente, objetivo e subjetivo.

Estas misturas, hiperconvergência de formas, inovações, conteúdos e estruturas, devem-nos levar a refletir sobre os conteúdos dos *self-media*. Por exemplo, que tipo de expressão social constituem redes sociais como o Facebook, Google +, o Flickr, o Netlog ou Twitter? Será que estas redes foram criadas a partir da percepção estética, percepção que resulta do olhar maciço sobre a necessidade social de (re)tribalismo e coletividade por oposição ao forte crescimento do individualismo? E os locais de partilha de informação?

¹⁸ O si-mesmo é a tradução do termo *self* em Jung. É a realização plena do eu interior que está por desvendar em cada ser humano. Atingir o si-mesmo é completar o processo de individuação (Jung, 1979: 49).

Serão o resultado das necessidades de partilha social de conhecimento e de experiências como forma de atingir um indivíduo mais social e comunitário, por oposição ao individualismo gerado pelo último século? Qual é o profundo sentido da rede Internet? O que queremos aqui referir é que através da evolução da visão, e da individuação dos ecrãs, das suas pequenas perceções e das suas imagens-nuas que esses foram libertando, que reside a compreensão e a importância desse objeto técnico (ecrã), bem como todas as suas mutações. Afinal de contas, o ecrã, produto da obra que é a sétima arte, é também ele o resultado de pequenas perceções, sensações ínfimas e impercetíveis, resultantes de uma experiência estética que esboça a força dos desejos humanos.

Analisamos portanto até aqui as metamorfoses e as dinâmicas do ecrã. A sua base, o Cinema, explodiu para o pequeno-ecrã (a Televisão) e posteriormente para o computador, tornando-se regra geral mais pequeno (chegando até ao tamanho micro, o microecrã dos telemóveis, dos GPS's, das consolas, dos smartphones ou dos tablets). A miniaturização dos ecrãs é uma primeira tendência fácil de observar. Uma segunda tendência, também acessível à observação, é a portabilidade, que se relaciona com a velocidade instantânea que o mundo da era digital suscita. Já uma terceira tendência é a da conexão. Uma outra, mais abstrata, é a da criação de atmosferas ecrânicas. E uma quinta é a da hiperconvergência. Agora a questão é: qual é o sentido das pequenas perceções, captadas pelo olhar, que acabaram por gerar as tendências para a miniaturização, portabilidade, conexão, atmosfera e hiperconvergência? Vejamos por partes:

A miniaturização dos ecrãs

O grande e o colossal são normalmente pouco práticos. Esta é a visão consciente muito presente desde o avanço da ciência – sobretudo a partir da generalização da teoria evolucionista. O grande não permite muita mobilidade, e por isso torna-se passível de pouco dinamismo. O ecrã-cinema é grande. Porém, a «visão de dentro» dos indivíduos que o olhavam, percebeu no seu tamanho grande um eco invisível, uma tal «visibilidade secreta» (Gil, 1996: 33) capaz de suscitar a (re)interpretação, social e simultaneamente inconsciente, do seu tamanho. Do ponto de vista social, objetivo, o grande não é tão eficiente e tão facilmente rentável como o pequeno. Assim, a miniaturização do ecrã torna possível o seu encaixe noutros lugares para além do cinema. É que o grande é para o coletivo, para o todo. E o pequeno pode ser desfrutado apenas pelo indivíduo, misturado com o alheio. Já do ponto de vista do desejo, as forças inconscientes que emanam da sede de poder, como sugere Jung, levam a fazer entender que o grande é difícil de alcançar e dominar; já o pequeno está

ao alcance e próximo do domínio. A miniaturização responde assim a um duplo fluxo: o do social, respondendo às necessidades sociais de otimização e massificação eficiente; e ao do desejo, respondendo à sede individual de poder.

A portabilidade dos ecrãs

A portabilidade que os ecrãs adquiriram, responde também ao fluxo dos desejos e do social. O portátil é uma consequência da miniatura. Só depois da passagem do grande-ecrã para o pequeno-ecrã é que a luz da portabilidade se acendeu. O social percebeu no portátil, para além da maior capacidade de posse e domínio, a capacidade de mobilidade conferida ao meio, sobretudo a sua importância económica e política no mundo. Com imagens a poderem ser transportadas, com o tempo-real a permitir alastrar-se a todo o lado, o social teria a ganhar objetivamente tudo, sobretudo pessoas mais informadas e com maior facilidade no acesso à informação. Já o desejo viu secretamente na janela da portabilidade não só o aumento do poder e do domínio, como também uma forma de aceder mais facilmente e acessivelmente aos desejos do ver, esses tais desejos narcisistas que o jogo de olhares com o espelho permite (Ibid.: 55). Neste caso concreto, o espelho é o próprio ecrã.

A Conexão ecrânica

A massificação dos ecrãs, fruto da miniaturização e da portabilidade, foi olhada pelo social como uma janela de oportunidade para uma maior conexão social, política, económica e cultural. A conexão é a base do funcionamento social e por isso todos os meios que permitirem a solidificação do todo são apreciados pelos agentes sociais. Porém, o desejo apreendeu uma possibilidade inédita conferida pelo ecrã: a da ligação eletiva, simbiose mais perfeita dada a capacidade de reorganização das motivações e dos gostos, das atmosferas e dos desejos, de forma tribal. Percebeu nos ecrãs uma nova forma de ligação social, passível de otimizar e tornar mais fluidas as relações, sobretudo as relações sexuais, as relações de aprovação e as relações da religiosidade¹⁹. Somado ao desejo de poder e à correspondência narcisista conferida pelas tendências anteriores, com a conexão já se encontram reunidas todas as forças do inconsciente que Jung enumera.

O ecrã-ambiente

O ecrã-ambiente sofre mais a força do inconsciente do que propriamente do social. É obvio que o sentido consciente do estético pós-moderno é atulhado pela estética emanada do ecrã.

¹⁹ Religiosidade e não religião, sentido dado por Maffesoli que mostra bem as diferenças entre o indivíduo que busca o religioso e o indivíduo que busca a espiritualidade (Maffesoli, 2001: 55).

Não é por acaso que as arquiteturas pós-modernas parecem querer evidenciar o cubismo do ecrã, o retângulo dos sonhos a espelhar para a natureza. Porém, mais do que isso, é a força da «visão muda». Os ecrãs planos, que aparecem pendurados nas paredes como quadros, muito comuns em halls de empresas, bares e restaurantes, salas de jogos, até nos guichês públicos são, como sugerem Lipovetsky e Serroy, ecrãs-ambiente que tal como a música de fundo dos piano-bares não são feitos para serem percebidos, ouvidos ou sentidos, mas sim para gerar “(...) um ambiente visual que inscreve a realidade num ambiente ecrânico” (Lipovetsky e Serroy, 2010b: 276). É já um desejo de conferir ao ecrã um lugar que conquistou pelos feitos que conferiu à humanidade. A este tipo de ecrãs corresponde uma espécie de visão muda, quando muito apreciada por um olhar maciço que apenas capta pequenas perceções que ajudam a criar atmosfera, sempre carregada de subjetivo.

O ecrã hiperligado e hiperconvergente

Vimos que os ecrãs da era dos *mass-media* eram passivos. Desejo e social em fusão objetivada conferiram aos ecrãs um sentido ativo. A conexão e o ecrã-ambiente são metamorfoses ecrânicas já da era dos *self-media*. Devem-se sobretudo às forças do desejo e às forças do social em criarem ecrãs dinâmicos e capazes de se fundirem com o antropológico a todos os níveis, e de misturarem todas as atmosferas e todas as lógicas num só dispositivo. O ecrã-hiperconvergente, que se desloca à velocidade da rede e com as potencialidades intrínsecas do computador, é a metamorfose mais recente que mostra a criatividade das «máquinas desejantes» (os indivíduos) e do «corpo sem órgãos» (o social) (Deleuze e Guattari, 2004: 32). O social percebe a importância da hiperconvergência para se reproduzir eficientemente; a visão secreta do desejo vê no ecrã uma possibilidade de exprimir em força o subjetivo individual, a vontade própria e não aquilo que a sociedade quer e exige, permitindo atingir mais facilmente aquilo a que Jung chama de si-mesmo, através de uma maior estrada que é capaz de facilitar o caminho (ou os caminhos) da individuação.

É importante referir, para esclarecer todas estas relações, as dinâmicas entre social e desejo. Os indivíduos são sociais e, por isso, usam a consciência para estarem de acordo com o social. Porém, como são também seres singulares, sofrem os efeitos quer da singularidade da sua consciência quer do inconsciente. Já aqui referimos que para Jung os processos inconscientes são compensadores do eu consciente, contendo elementos necessários para uma autorregulação da psique como um todo. Tais processos inconscientes são constituídos por motivos pessoais que a consciência não reconhece, tais como por

exemplo os impulsos sexuais, as crenças, as necessidades de aprovação ou a sede de poder. Estes motivos “afloram nos sonhos, ou são significados de situações quotidianas negligenciadas, de afetos que não nos permitimos e críticas a que nos furtamos” (Jung, 1979: 53). Este inconsciente pessoal é, no entanto, compensado e corrigido pelo inconsciente coletivo, para que os desejos egoístas não se apoderem completamente do indivíduo. Quando o inconsciente coletivo é ativado, nasce uma comunhão não só com o grupo de pares do indivíduo, mas de uma certa forma com toda a «comunidade humana» (Ibid.: 54).

É desta forma que encaramos a relação entre as visões sociais dos indivíduos e as visões individuais dos desejos. É neste jogo complexo que nascem as (re)produções, imitações e dinâmicas sociais. Um bom exemplo destas relações complexas está num conteúdo, entre outros, de um self-media hiperconvergente: o Facebook.

A rede social Facebook nasce, inicialmente, para corresponder às necessidades universitárias (podemos chamar de necessidades sociais/profissionais) de um grupo de jovens que precisava de partilhar informação para os trabalhos académicos. Esta rede começou por permitir, para possibilitar essa função, a partilha. Porém, dadas as múltiplas capacidades da rede e dos softwares, um conjunto de funcionalidades externas mas não menos úteis foi desenvolvida, como por exemplo: criar uma *identidade*; estabelecer *relações*; constituir *grupos*; assinalar a *presença* online; ter *conversações* em tempo-real; e agrupar a *reputação* dos indivíduos (Trippi, 2004).

Numa análise feita ao impacto dos *mass-media*, e de certa forma transversal a todos os tipos de *media*, Katz, Gurevitch e Haas afirmam que estes, de forma geral, possibilitam satisfazer necessidades sociais e humanas, necessidades que a consciência entende serem fundamentais para uma positiva convivência em sociedade, tais como: necessidades cognitivas; necessidades afetivas e estéticas; necessidades de integração social; necessidades de integração da personalidade; e necessidades de evasão (Katz, Gurevitch e Haas, 1973: 127- 171).

Isto é, somente, o social nas suas (des)multiplicações. Já as pequenas perceções de dentro percebem nesta rede social muito mais do que a resposta a estas necessidades sociais racionalizadas. E é precisamente aqui que o *self-media* se torna realmente diferente dos mass-media. É que o *self-media*, tal como o nome aponta, permite a integração do self, o eu interior subjetivo, que não está propriamente muito interessado nas convenções sociais. E a todo o referido aparato de consequências sociais, assim se juntam as forças dos indivíduos, bem como as poderosas expressões do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo.

O Farmville (o agricultor de sofá), jogo interno do Facebook, é talvez o melhor exemplo da força das mensagens do inconsciente coletivo e do subjetivo já no interior de todo o aparato social desse instrumento. A sua expressão, e a força com que entrou nos desejos dos indivíduos, reflete os arquétipos da *Grande Mãe*, ou do *Pai*, protetores do ambiente e por isso ecológicos, amigos de todos os seres vivos e responsáveis pela natureza. É uma espécie de regresso à essência arcaica, ao *homo-natura*, que tenta viver despreocupado com as arrelias do stress quotidiano, da grande cidade e das grandes confusões. É o regresso ao campo verde, que transmite a paz que todos procuramos (não deixa de ser curioso é que o efeito possa, por vezes, ser precisamente o contrário, uma vez que se trata de um jogo e como tal acaba por provocar imersão e viciar, gerando stress). Mas também o inconsciente pessoal está presente, com a sede de aumentar o poder, de conquistar mais terreno e com isso garantir maior aprovação social. Enfim, muitas forças nascentes do inconsciente, pessoal e coletivo, estão presentes a (re)dinamizar aquilo que há partida responderia apenas a necessidades sociais.

Capítulo III

Individações e Socializações Ecrânicas

1. Ecrãs e mundo subjetivo

Até aqui, descrevemos mais as formas que os ecrãs têm vindo a enquadrar. Agora, importa passar para os seus conteúdos, e os efeitos que esses produzem na subjetividade humana. E se mostramos a importância decisiva do ecrã-computador, muito se deve àquilo a que se designa por ciberespaço. Mas o que é o ciberespaço? De que forma interage o ciberespaço na consciência e na subjetividade humana?

Para alguns autores, entre os quais André Lemos,

o ciberespaço é, enquanto forma técnica, ao mesmo tempo, limite e potência dessa estrutura social de conexões tácteis que são as comunidades virtuais (chats, muds e outras agregações eletrónicas). Num mundo saturado de objetos técnicos será nessa forma técnica que a vida social vai impor o seu vitalismo e reestruturá-la. As diversas manifestações contemporâneas da cibercultura podem ser vistas como a expressão quotidiana dessa vida "tecnicizada" que se rebela contra as formas instituídas e cristalizadas (lembramos que o ciberespaço é fruto de pesquisa militar). A forma técnica molda-se ao conteúdo social, não sem conflitos. (André Lemos, 1998: 3)

Para outros autores, entre os quais William Gibson, podemos observar a seguinte definição:

Ciberespaço. Uma alucinação consensual diariamente experimentada por biliões de operadores legítimos, em cada país, por crianças a quem são ensinados conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados extraídos de bancos de cada computador do sistema humano. Complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não-espaço da mente, clusters e constelações de dados. Como luzes da cidade, afastando-se...²⁰.

Ciberespaço, lugar da vivência da cibercultura e limite e potência que se rebela contra as formas instituídas; alucinação consensual e coletiva de indivíduos que se aloja no consciente e no inconsciente humano. Independentemente da posição, ambos os autores demonstram um fenómeno que não finda de se regenerar, de sair de si e de voltar a entrar. As possibilidades emanadas do ciberespaço são múltiplas, capazes de gerar transcendência pessoal e social, e por isso capazes de demonstrar uma forte importância coletiva e individual na ação humana.

²⁰ Esta definição é de William Gibson e encontra-se em: http://www.citi.pt/homepages/espaco/html/william_gibson.html. Foi consultada a 20/04/2009 e está presente em *Neuromancer* (1984).

Paul Virilio, por sua vez, sobre o ciberespaço, começa por falar na emergência de um terceiro intervalo despontado pelas teletecnologias. Para ele, este novo intervalo, originário da fusão entre velocidade e luz, vem revolucionar as ligações sociais, revolução «transmissional» entre coisas e seres. Uma tal relação entre orgânico e inorgânico ganha uma dimensão nunca antes vista, pois para além das transmissões históricas conferidas pela organicidade dos indivíduos às coisas, assiste-se hoje a um novo fluxo: “faculdades preceptivas do corpo do indivíduo são transferidas, umas após outras, para máquinas, (...) captadores, sensores e outros detetores, com a capacidade de suplantar a ausência de taticidade à distância (...)” (Virilio, 2000: 32). Ao intervalo de tempo e ao intervalo de espaço sucede agora o «intervalo da luz» (Ibid.: 35). Assim, tempo (duração), espaço (extensão) e luz (fluxo entre extensão e in-tensão, ou velocidade-limite condicionam a percepção dos indivíduos nas suas formas de pensar, sentir e agir no mundo. Para o autor, vivemos na tragédia do instante presente (Ibid.: 37). Isto é, ao tempo cronológico junta-se a viscosidade do tempo dromológico (emaranhado entre antes, durante e depois), onde as dinâmicas eletro-ópticas, eletroacústicas e eletrotáteis são acidentes de uma “velocidade que permite doravante, não apenas escutar, ver, como era já o caso da telefonia, rádio ou televisão, mas permite ainda agir à distância (...)” (Ibid.: 40). À presença concreta sucede uma «telepresença discreta», fazendo da vida contemporânea um flutuar contínuo no tempo presente (Ibid.: 33), ou no «eterno instante» suspenso, como sugere Maffesoli (2001). De resto,

Os paradoxos da aceleração são numerosos, desconcertantes, em particular o primeiro de entre eles: a aproximação ao «longínquo» afasta proporcionalmente do «próximo», do amigo, do familiar, do vizinho, tornando deste modo estranhos, mesmo inimigos, todos aqueles que estão na proximidade, família, relações de trabalho ou de vizinhança. (Virilio, 2000: 43)

A fusão entre subjetivação e objetivação pode ser entendida nestes exemplos de Virilio. Esta deriva de todos estes fluxos. O intervalo de luz vem contaminar a natureza e o espaço-tempo, gerando confusão entre horizonte aparente e horizonte profundo do imaginário coletivo, favorecendo um horizonte trans-aparente fruto das amplificações eletro-ópticas e acústicas (Ibid.: 47-48). Com um certo pessimismo, Virilio afiança que este «horizonte ao quadrado e no quadrado do ecrã» vem confundir o mundo, o próximo e o longínquo, o imaginário coletivo, o interior e o exterior, perturbando a percepção comum e afetando as mentalidades (Ibid.: 51). Temos uma fusão de dimensões temporais, onde “o tempo cronológico, passado-presente-futuro (...) [dá lugar a um] tempo cronoscópico: subexposto-exposto-sobreexposto” (Ibid.: 54).

Ou seja, percebemos que toda esta (con) fusão gerada pelos fluxos antropológicos e tecnológicos fragmentam o todo, e por isso obedecem a uma maior construção subjetiva. Atingem sobretudo as formas de perceber o mundo, ou melhor, de pensar, sentir e agir nele, introduzindo cada vez mais nas dimensões subjetivas as expressões humanas. Nesta fusão “entre ótico e eletro-ótico, acústico e eletroacústico e tato e teletatibilidade, estamos prestes a abandonar os nossos hábitos de ver e pensar (...)” (Ibid.: 71-72). Porque no ciberespaço, o indivíduo telepresente “já não habita a energia de uma qualquer maquinaria, é a energia que o habita e o governa instantaneamente(...)” (Ibid.: 82), sendo esta energia a energia que marca a era pós-moderna: “Existe apenas o desejo e o social, e nada mais” (Deleuze e Guattari, 2004: 33).

Num tempo marcado pela cibercultura e pelos seus ciberespaços, é possível identificar tendências claras de valores aceites culturalmente: o popular, o passageiro, o banal, o emocional, o subjetivo, a identificação, o hibridismo, o *presenteísmo* (Maffesoli, 1997). Neste sentido, o importante não é mais negar padrões anteriores, como fazia o homem moderno. O homem pós-moderno individua todas estas lógicas, tornando-se num ser mimético e transformando-se segundo as situações e as relações com os seus grupos. Os valores mudam rápido. A moda muda rápido. Com os inúmeros aparatos tecnológicos, as pessoas conhecem-se mais facilmente e em maior número. As amizades trocam de acordo com cada etapa da vida, pois não se vive apenas num só lugar. Crenças e opiniões também mudam, segundo a idade, o endereço, o acesso tecnológico e o *site* na Internet (Pithan, 2007: 2-3).

Assim, e ampliando as ideias de Levy sobre as características da cibercultura, três grandes subjetivações estão constantemente a ser atualizadas: as subjetivações das interconexões; as subjetivações dos ideais comunitários; e as subjetivações das produções coletivas. Mas podemos ampliar ainda mais, salientando a subjetivação do novo intervalo como sugere Virilio, individuação do intervalo «velocidade-luz» que faz com que as coisas mudem rápido e que permite a aceleração das transformações; e salientando também a subjetivação de novos valores como sugere Maffesoli, tais como a individuação do popular, do hibridismo, do subjetivo e do risco; bem como a subjetivação da lógica de hipertexto, que, como pretende sugerir Castells, parece apenas existir dentro de nós mesmos, pois produzimo-la ao utilizar a Internet para absorver o máximo da sua expressão cultural (Castells, 2007: 238-239).

Enfim, um conjunto de considerações que desembocam nas conclusões de Packer e Jordan (2001). Estes dois autores sugerem uma base onde assentam as dinâmicas

provocadas pela cibercultura no espírito atual. Identificam a cibercultura através do funcionamento simultâneo de cinco processos fundamentais: *Integração*: combinação de formas artísticas e de tecnologia formando hibridez de expressão; *Interatividade*: capacidade de manipulação e intervenção diretamente nos *media* e comunicar com outros; “*Hipermeios*”: interligação de vários elementos mediáticos que permitem criar rastros de associação pessoal; *Imersão*: níveis de intensidade na entrada em simulações em ambientes tridimensionais; *Narratividade*: estratégia estética e formal que deriva da integração, da interatividade, dos hipermeios e da imersão e que resulta nas formas e nas apresentações dos meios (Packer e Jordan, 2001: XXVIII).

Através desta base percebemos como a vivência do espírito do ciberespaço e das teletecnologias é muito mais abrangente do que unicamente a via da dimensão objetiva. Michel Maffesoli, a este propósito, refere que “o espírito do tempo atual em geral e os indivíduos em particular já não têm a ambição de subjugar ou de dominar o meio social e natural, desde logo é uma conceção mais lúdica que se apresenta: o jogo do mundo, ou o mundo como jogo” (Maffesoli, 2001: 78). Ora, a vida como um jogo, com uma dimensão mais lúdica, obriga os indivíduos a uma nova (re)espiritualização. E é esta tal (re)espiritualização, entendendo a vida como um jogo, a vida como uma obra de arte, a vida como uma manifestação subjetiva dos diversos prazeres oferecidos pelas oportunidades atuais. Todas estas dimensões pertencem ao subjetivo e (re)estruturam, antes de mais, a cultura pós-moderna.

Falar de subjetivação obriga, contudo, a falar de processos maioritariamente não conscientes. Embora as manifestações resultantes dos processos de subjetivação se tornem objetivas, uma quantidade incontável de efeitos são gerados por processos não completamente racionais, expressos através de arquétipos e símbolos que oferecem aos indivíduos comensurabilidade objetiva. Assim acontece com os processos de individuação (Jung, 1979: 50). As individuações feitas no ciberespaço permitem a integração de aspetos subjetivos e objetivos da cibercultura, e variam mediante as dinâmicas imprimidas pelos processos descritos por Packer e Jordan. Por outras palavras, os indivíduos vão ficar, no ciberespaço e nas suas lógicas, mais ou menos *integrados*, mais ou menos *interativos*, mais ou menos «*hipermediados*», mais ou menos *imersos* e mais ou menos conectados à *narratividade* dos meios usados, de forma objetiva ou subjetiva. O facto é que tais individuações tenderão a aumentar a componente subjetiva da expressão humana, pois estas resultam do consórcio entre as identificações arquetípicas e simbólicas que obrigam a grandes exercícios de subjetivação.

Um bom exemplo desse trajeto, desse movimento de inserção da tecnologia também na cultura subjetiva, entende-se bem no impacto gerado pelas imagens na estruturação social²¹ do mundo atual. O imaginário coletivo, nas palavras de Gilbert Durant, ou o inconsciente coletivo, nos termos de Carl Jung, são toldados por imagens e símbolos que estruturam, de forma subjetiva, os indivíduos. Moisés Martins, em *Ce Que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple*, aponta também neste sentido já que sugere o Ocidente como algo marcado pelo mito fundador: a palavra. Ora, isso significa que a palavra, com descodificação mais de gênese racional, foi determinante para a emancipação da cultura objetiva ocidental pois essa sempre apela, tendencialmente, à expressão da unidade e da objetividade. Pelo contrário, as imagens, tendem a separar e exprimir o múltiplo. A multiplicidade, a coletividade e a heterogeneidade gerada por estas fomentam subjetivações que fragmentam, por sua vez, o carácter aparentemente unitário dos indivíduos (Martins, 2009: 1). Neste contexto atual, onde o espírito do trágico assombra o quotidiano, onde as palavras dão lugar às imagens que emanam do ciberespaço, das teletecnologias ou dos vastos artefactos ecrânicos, assistimos àquilo a que Maffesoli chama de influências de «orientalização» do mundo, influências que colocam as imagens num lugar central. A via reta da razão, da eficácia, do progresso, portanto todo o projeto moderno, fora, neste eterno instante, substituído pela lógica da vivência pela emoção, pelo prazer, pelo consumo de imagens, pelo «imaginal» (Maffesoli, 2001: 80). E é nas imagens, nos movimentos animados pelas imagens, que todos os meandros do ciberespaço se movem. Integração das imagens, individuação dos seus significados, subjetivação dos seus intentos, que permitem qualquer tipo de individuação e qualquer mutação de momento para momento. É constante e múltiplo o que permite a divisão do indivíduo.

É precisamente esta alteração que os ambientes do ciberespaço fazem. Dividem e dividem os indivíduos através dos fluxos entre imagens e percepções. As individuações das ciberimagens, cibernarrativas ou ciberlógicas como processos constantes e influentes, são acessórios para as diferentes respostas dos indivíduos às solicitações do ciberespaço. Estes acessórios estão sempre sujeitos à subjetivação individual (Chabot, 2003: 111-112). Isto significa que a subjetividade imprimida pela integração do social no indivíduo, e a consequente apropriação social da técnica, marcada pelo poder das imagens, é maior do que aquela que se possa pensar. Os cinco processos referidos por Packer e Jordan (2001), marcados pela forte presença das imagens, são filtrados pelas ciberindividuações de forma

²¹ A definição de social que preferimos usar é a definição esboçada pela Teoria do Actor-rede, nomeadamente do seu mentor (Bruno Latour, 2006), e que opera através da ideia de que os atores estão constantemente ligados por uma rede de elementos, constituídos por humanos e elementos não humanos, orgânicos e não orgânicos, materiais e imateriais.

subjetiva e individualizada. Ora, assim, a integração da cibercultura, e das atuais teletecnologias, passará também a estar bastante presente nas dimensões subjetivas da cultura.

Uma pequena análise às consequências dos videogames ou dos jogos em rede nos utilizadores, poderá dar algumas pistas concludentes para repensar a importância das imagens na atualidade. O artigo de Martin Rabot é esclarecedor neste ponto. O autor refere que “o apego aos videogames conduz-nos a pensar que estamos na era do jogo, que o jogo suplantou a política, ou melhor, que a própria política se transformou em jogo”. (Rabot, 2009: 433). Ora, não há nada mais subjetivo do que o jogo da vida que privilegia o hedonismo e o presenteísmo. Viver o presente hedonista, a velocidade do mundo atual, a imagem do jogo, é estar apto para uma subjetividade moral, uma fragmentação das paisagens culturais de classe, género, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações aos indivíduos como sujeitos sociais (Ibid.: 434). O exemplo dos Otakus, referido por este autor, parece encaixar perfeitamente na importância das ciber-individações como integração da vivência subjetiva. Este refere que

um sociólogo japonês relacionou a paixão da geração que denomina de Otaku - uma geração que se apaixona por uma cultura que engloba a banda desenhada (os manga), os desenhos animados, os videogames - com os desígnios da pós-modernidade. Os Otakus vivem para os produtos culturais que são criados para eles. A partir destes produtos, os Otakus criam e consomem derivados, tais como mascotes derivados de um filme, romances derivados de um desenho animado ou videogames derivados de sucessos literários e filmáticos. Aliás, os grandes sucessos comerciais, como *Harry Potter* ou *O Senhor dos Anéis* convocam os livros, os filmes e os videogames” (Ibid.: 434). Assim, as subjetivações destas lógicas remetem para “uma forma de imaginário, a da ficção, que sustenta a comunidade em vez de a representar e de a legitimar. (Ibidem)

Um outro exemplo de subjetivação social está presente no imaginário e nas sequências de imagens do jogo Yu-No. Neste jogo, o sociólogo Azuma percebe a representação da realidade da nossa época (Ibid.: 434). Este autor vê na sua narrativa subjetiva o espelho da pós-modernidade, o que prova que os seus criadores, produtos e produtores de cibercultura, transpuseram para o ciberespaço, objetiva e, sobretudo, subjetivamente, as dinâmicas sociais atuais. Ou seja, as suas ciberindividações objetivaram e, sobretudo, subjetivaram, a realidade do mundo atual. Portanto, podemos dizer que o ciberespaço goza hoje de uma espécie de vida própria que se autonomiza através da dinâmica movida pelas máquinas, sejam elas máquinas sem órgãos sejam elas máquinas humanas, como sugerem Deleuze e Guattari (2004). Na perspetiva destes dois autores, é cada vez mais comum esta simbiose, sobretudo hoje onde

há sempre uma máquina produtora de um fluxo e uma outra que se lhe une, realizando um corte, uma extração de fluxos. (...) O desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados (Deleuze e Guattari, 2004: 11).

Logo, o subjetivo está sempre implícito nos fluxos comunicacionais. Ver os fluxos da cibercultura que emanam do ciberespaço como algo objetivo e com fins aparentes não permite perceber totalmente o caminho social que está a ser percorrido. Os fluxos que se produzem entre máquinas que desejam e máquinas que se lhes unem, numa perspetiva subjetiva, permite perceber o espírito pós-moderno atual. São essas ciberindividações, transferências entre desejos, sensações, emoções e lógicas binárias e subjetivas, que parecem determinar as bases da cibercultura.

Porventura, talvez adotar uma perspetiva de ontogénese faça sentido, como sugere Simondon (1964: 3), algo que permita pensar em cibercultura e ciberespaço como uma relação par entre indivíduo-meio. O meio não é necessariamente uniforme e homogéneo, mas "(...) atravessado por uma tensão entre duas ordens de grandeza que mediatiza o indivíduo quando ele vem a ser" (Ibid.: 4). Pensar assim, como também sublinha Neves (2006), permite perceber a relação entre indivíduo e ciberespaço numa relação de adesão, de escorregamento, de torção movida pela fusão entre as lógicas teletecnológicas e as lógicas orgânicas. Estes são movimentos vitais que permitem aderir a imaginários, a formas, a conteúdos e a energias de várias ordens ao mesmo tempo. Alargando este pensamento, também muito característico em Gilles Deleuze (2004), e relacionando-o com o par indivíduo-ciberespaço, digamos que os indivíduos podem ser entendidos como conjuntos constituídos por profundidades e distâncias, por almas intensivas que se desenvolvem e se (re)envolvem, por conjuntos de intensidades envolventes e envolvidas, repletos de diferenças individuantes e individuais, que não param de se fundir entre si. Por isso, integrar a cibercultura é integrar as suas duplas componentes: objetiva e subjetiva. Logo, o ciber mundo repete e metamorfoseia todo o tipo de tramas da vida. Os videojogos online, as redes sociais, os vídeos e os seus usos, a informação imediata, as operações em rede, as narratividades existentes, permitem um certo deslizamento das dimensões objetivas para as dimensões subjetivas da existência cultural, levando os indivíduos à imersão, à hipermediação, à integração e à interatividade, numa relação excêntrica de intercorporalidade e intersubjetividade. Coexistem assim, no sistema, forma, conteúdo, potência e energia.

Portanto, se a contemporaneidade é marcada pela força do subjetivo hedonista, presenteísta e efémero, como apontam insistentemente autores como Lipovetsky (2007) ou Maffesoli (2001), importa assinalar que muito dessa dinâmica se deve aos ecrãs e às suas

imagens. Tal como sugere Bragança de Miranda (2008: 154), as imagens suscitam o múltiplo e o fragmentário, dividindo e separando os indivíduos. Ora, assim é a subjetividade individual que fica como centro da divisão e separação dos indivíduos, pois “se a imagem divide e separa, pluraliza e aumenta os seres, também cria algo novo, alterando o aspeto da *Physis*, de todo o existente, de facto” (Ibid.: 154). Portanto, para este autor se há alguma crise atual essa é, precisamente, a crise das «imagens», “(...) e só depois a das palavras, valores e tudo mais. Toda a incerteza provém da incapacidade de as compreender” (Ibid.: 154). Parece que “quando as imagens surgem com a sua máxima potência acabam com toda a incerteza, e tudo se reinicia, dando tempo ao tempo (...)” (Ibid.: 157).

Por estas razões, interessa perguntar também onde reside, verdadeiramente, a incapacidade de compreender as imagens que emanam dos ecrãs. A nosso ver, reside precisamente no facto de sobre elas existirem complexos fluxos de perceções, que misturam as já referidas visões mudas, as perceções estéticas e as suas pequenas perceções, e as representações mentais e sociais, originando fluxos que dificultam as descodificações do sentido. É por estas razões que emerge o subjetivo individual, esse que emana do inconsciente e que tenta dar sentido. Tal como sugere Jung, como

o mundo da consciência se caracteriza sobremaneira por certa estreiteza; ele pode apreender poucos dados simultâneos num dado momento. Enquanto isso tudo o mais é inconsciente, apenas alcançamos uma espécie de continuidade, de visão geral ou de relacionamento com o mundo consciente através da sucessão de momentos conscientes. É impossível estabelecermos continuamente uma imagem de totalidade devido à própria limitação da consciência. A nossa possibilidade restringe-se à perceção de instantes de existência. (Jung, 2001: 3)

Esta é uma das razões pela qual emerge o subjetivo a dividir e fragmentar o indivíduo, pois dada a incapacidade da consciência em ler a sequência brutal de imagens, só resta ao subjetivo que emana do inconsciente tentar ligar e dar sentidos, ainda que por vezes difusos, às apreensões visuais. É por estas razões que Bragança de Miranda vai mesmo mais longe afirmando que vivemos na era da explosão, e conseqüente fragmentação, da imagem absoluta de Deus. A época da imagem foi a época teológica, onde a imagem de Deus organizava todas as outras, acima de tudo “a salvação, para onde tudo remetia, e de que dava testemunho” (Miranda, 2008: 74). De um modo aproximado, Moisés Martins fala também desta tendência para a fragmentação provocada pelas imagens-ecrã, pois se as palavras que sempre conduziram o ocidente estão hoje a dar às imagens-ecrã o flanco, significa, para este, que os brilhos do ecrã, que não têm luz própria,

produzem sobretudo informação, e não tanto significação, produzem também emoção, bem menos narrativa. Nos ecrãs dá-se, com efeito, uma retração das ideias e uma exacerbação dos sentimentos. Por outro lado, os ecrãs permitem-nos que sejamos personae (máscaras, em sentido etimológico) e que usemos muitas, multiplicando-nos e dividindo-nos em permanência, de acordo com a legião de imagens que nos tomam de assalto e nos habitam, o que comprova aliás a nossa condição múltipla. (Martins, 2010a: 11)

Não obstante, embora concordemos com a existência de explosões de certas imagens, sobretudo a desmultiplicação da imagem de Deus, personalizada, subjetiva e singularizada, e também com o efeito *persona*, consideramos por outro lado que o que hoje está em jogo é mais do que a explosão dos arquétipos, tal como Deus. É também o *arcaico humano* que se pretende revitalizar, bem como todas as manifestações do seu inconsciente pessoal (sede de poder, impulsos sexuais, necessidades de aprovação e crenças) e do seu inconsciente coletivo (tendência e tolerância universalista mas em comunidades tribais). De facto, dada a crescente estimulação nervosa resultante da força das imagens-ecrãs, os indivíduos como seres diferenciadores e imitadores, estimuladas pela diferença do momento e aquela que a antecede, são obrigados a uma “descontinuidade brusca que se abarca com um olhar e o carácter inesperado das impressões que se impõem” (Simmel, 2004: 76). Na medida em que são justamente estas as condições psicológicas criadas pelas imagens-ecrã – imagens que obrigam ao apuramento da perceção visual na sua interação complexa entre os três momentos (visões mudas, pequenas perceções e representações mentais e sociais -, estas estabelecem uma dinâmica sem precedentes para com a estimulação visual, e por isso mesmo uma alteração profunda nas formas de ver e sentir o mundo. Por isso, a relação que estabelecem é uma relação mais íntima com as camadas psíquicas do inconsciente, na via inferior da psique, dando maior destaque ao subjetivo individual. É que a via superior da psique, mais transparente e consciente, sofre as referidas limitações na sua apreensão dado o carácter ininterrupto, sequencial e contínuo das imagens, tal como sugere Jung (aliás, esta análise é também muito próxima da análise feita por Simmel em *As Metrópoles e a Vida Mental*). É desta forma que Simmel analisa as diferenças subjetivas, precisamente através da presença do snobismo gerado pelo excesso de estimulação nervosa, entre os indivíduos dos meios rurais e os indivíduos dos meios urbanos das grandes metrópoles).

Podemos, portanto, estabelecer agora uma certa relação metafórica entre as influências das grandes metrópoles nos indivíduos em comparação com os indivíduos dos meios mais rurais, e as influências das perceções ecrânicas, em comparação com indivíduos menos sujeitos à sua presença. Os ecrãs são assim uma espécie de grandes metrópoles,

repletos de dados estimuladores dos sistemas nervosos, obrigando também os indivíduos à diferenciação nas percepções. Essas percepções serão balizadas pelos critérios do subjetivo inconsciente, que de uma forma ou outra se incluirão nas diferentes formas e tribos sociais. Porém, ao contrário da vida das metrópoles, perante as forças dos ecrãs, já não é a intelectualidade que protege os indivíduos da objetividade modernista que se vinha impondo de forma agressiva. Nesta pós-modernidade, é precisamente o subjetivo e as suas singularidades que permitem aos indivíduos uma certa defesa aos ataques ferozes dos mercados globais e das suas consequências no emprego e na vida mental e social, aos ataques de uma certa esquizofrenia pela rentabilidade e produtividade, aos ataques da objetividade calculista para a tal vida “melhor” do futuro. É por estas razões que a resposta segue a via do hedonismo, da vivência pelo instante, do efémero, do lúdico como forma de vida e a ideia de vida como obra de arte. São as tais pequenas percepções de que Gil fala que constituem a base para a vida como obra de arte destes tempos pós-modernos, onde o ecrã figura como espelho das erupções internas. É por isso que o «tempo das tribos» (Maffesoli) retorna em força, e o ecrã serve de palco para esses tais ajuntamentos tribais. A subjetividade suscitada pelas imagens-ecrânicas deriva da «velocidade de libertação» suscitada pelas imagens, tal como previu Virilio (2000) um pouco antes da grande explosão mundial da Internet,

(...) muito em breve devemos também acostumar-nos aos efeitos das distorções das aparências provocadas pela perspectiva do tempo real das telecomunicações, perspectiva onde a antiga linha do horizonte se encolhe no quadro do ecrã, suplantando a eletro-ótica a ótica dos nossos óculos! (Virilio, 2000: 23)

Resumindo estas ideias, se a velocidade das imagens liberta o indivíduo internamente, se estas matam o tempo presente instituindo a lógica do presenteísmo, também liberta da mesma forma a subjetividade individual, bem como todas as forças interiores nascentes tais como o hedonismo ou o tribalismo. É esta atmosfera, atmosfera composta pelo tal «regime que o olhar traz à visão da paisagem» (Gil, 1996: 51), que reforça o poder do horizonte ecrânico e se torna a base da dinâmica social da pós-modernidade.

A subjetividade do sujeito do fazer técnico

Importa por isso questionar sobre a subjetividade. Como é que a subjetividade é construída nos meios visuais, como por exemplo no ecrã? Como é que o subjetivo entra em força nos tempos atuais, através das ecranovisões?

Para Couchot, o conceito fundamental para entender a forma como uma subjetividade é construída numa atmosfera visual é o de «Sujeito-Se». O «Sujeito-Se» não sofre das subjetividades que derivam dos desejos, das vontades, das iniciativas ou de lapsos, mas sim de automatismos do dispositivo técnico. Ou seja, vivemos numa era em que o ecrã numérico parece desapossar o criador de toda a singularidade e expressividade, reduzindo o ato criador a puros automatismos maquínicos (Machado, 2005). Segundo este autor, os indivíduos em forma de *sujeito-se* não perdem qualidades de sujeito nem se transformam em objeto. É sempre um sujeito do fazer técnico que à medida que vai sendo substituído por processos de automatização, sofre através do olhar uma dimensão cada vez mais impessoal. E é nessa cada vez maior impessoalidade que os sujeitos, por força dos procedimentos técnicos, vão ampliar e reforçar o papel subjetivo da atividade humana. Ao se tornarem mais anónimos e com identidades cada vez mais fragmentadas (dada a força dos algoritmos), o sujeito-se torna-se o lugar originário de visualização, onde a subjetividade da captura passa a ser a sua ação central (Ibidem).

Dentro desta perspetiva, encontra-se Slavoj Žižek (2006). Para este,

ao submeter-me a uma qualquer máquina disciplinar, transfiro para o outro a responsabilidade de manter o desenrolar normal das coisas e, desse modo, obtenho um espaço precioso no qual posso exercer a minha liberdade. (Žižek, 2006: 24).

Qual é esse espaço? É o mesmo que enuncia Couchot, esse tal lugar que permite que a subjetividade seja a ação central do sujeito. O outro, o grande-outro que é o ecrã, liberta o indivíduo para muita coisa, pois ele faz muito pelo indivíduo: “quando vejo uma série desse tipo [séries televisivas com riso incorporado], não me rio, contento-me em fixar o ecrã, cansado após um duro dia de trabalho. E funciona: a televisão ri por mim, é um grande alívio” (Ibid.: 24).

Portanto, se o ecrã ri pelo próprio espectador, se o “Outro ri por mim, tenho a liberdade de poder descansar; quando o Outro é sacrificado no meu lugar, tenho a liberdade de prosseguir a minha vida com a consciência de ter pago pela minha culpa” (Ibid.: 24). É caso para referir que,

já não me limito a olhar fixamente para o ecrã, interajo progressivamente com ele, entro numa relação dialogante com ele (da minha própria escolha dos programas ao facto de influenciar o desfecho da intriga naquilo que se chamam as «histórias interativas», passando pela minha participação em debates no seio da comunidade virtual). (Ibid.: 14-15)

Para Žižek, assistimos então a uma «inversão reflexiva» que permite a passagem da lógica de

«o Outro faz isso por mim, em vez de mim, no meu lugar» para o «eu faço isso através do Outro». Esta inversão dá conta da condição minimal da subjetividade (...). Quando «o Outro age por mim, em vez de mim, por procuração», a minha relação com ele torna-se a da reflexão determinante (...) [pois] eu próprio «posicionei» a atividade dessa pessoa, que é «mediada» pela minha posição subjetiva. (Ibid.: 36-37)

O outro em Zizek, tanto pode ser uma pessoa, como ele refere neste trecho, como o ecrã que age pela pessoa e é mediado pela subjetividade do sujeito que se encontra em posição de interação.

É importante referir também que as subjetividades definem-se “na relação de si a si, como um certo poder de se afetar a si próprio. A subjetividade é a força de se auto afetar. Mas esta força é induzida no sujeito a partir de fora. O «fora» constitui, no fundo, uma força” (Gil, 2009: 23). São as forças do exterior, do fora, que se vão colar ou repelir com as forças internas dos indivíduos, no tal processo de subjetivação. A incorporação dessas forças no indivíduo dar-se-á através da «dobragem», processo decisivo da subjetivação (Ibid.: 23). José Gil dá o exemplo deste processo quando se refere à relação entre as forças de um sistema institucional de poder e de saber (podemos aqui relacionar com o ecrã) e as forças da mulher ou do homem livre, relação que permitirá uma captura das forças do indivíduo pelo sistema. Dessa forma o indivíduo livre ficará integrado no sistema graças à codificação ou moldagem das forças livres pelas regras e forças da instituição (ecrã). Isso implicará que o sistema ou parte dele se dobre sobre as forças do indivíduo, “criando neste um interior, um dentro, uma interioridade marcada. Este interior codificado é a subjetividade que pretende obter, e o processo da sua produção por dobragem é a subjetivação” (Ibid.: 23-24).

Este processo complexo, que ocorre sempre entre um indivíduo e tudo o resto que o envolve, é um processo que não faz nascer apenas subjetividades pré-determinadas nem produzir corpos obedientes segundo uma preconceção. Há sempre linhas de fuga aos contornos do sistema em questão. A própria subjetividade é também uma forma de fuga a qualquer sistema que se tenta impor (Ibid.: 24).

Do mesmo modo, a todos os sistemas ou atmosferas gerados pelos ecrãs, os indivíduos respondem porventura com a imprevisibilidade oferecida pela subjetivação. É que existem vários tipos de dobragem, dos quais queremos destacar sobretudo três tipos: um primeiro tipo diz respeito “à força de singularização e de individuação, força vital apanhada pelas formas de poder e de saber que nos impõem uma individualidade determinada, apta a desempenhar as funções que lhe são atribuídas” (Ibidem). Neste caso há o fabrico de subjetividades preconcebidas – por exemplo, o ecrã como um lugar público e de todos, lugar

que se apresenta acessível e útil para a comunidade (por vezes, este efeito é tão perverso que tapa a consciência sobre alguns malefícios dos seus efeitos – a exacerbação da crise, tal como referimos atrás, é disso um bom exemplo). Um segundo tipo de dobragem, é, por seu turno, aquele que permite fixar para cada indivíduo uma identidade bem definida socialmente. É uma força que vem de fora, “força de transmissão, força impessoal de «ser múltiplo» (como diria Fernando Pessoa)” (Ibid.: 25). Como exemplo de subjetivação promovida pelos ecrãs, podemos apontar o tipo ideal subjetivo de sucesso, aquele que os ecrãs enumeram como sendo rico, famoso, bem sucedido profissionalmente, normalmente excêntrico e de acordo com os perfis estéticos que a sociedade de uma ou de outra forma acaba por impor. Este modelo de subjetivação é um dos principais modelos responsável pela criação de identidades ou identificações, sobretudo as estéticas. E, por fim, um outro tipo de dobragem que nos interessa ainda sublinhar, e que tem um papel bastante importante em Portugal, tem a ver com a relação de influência do líder para com os liderados (Ibid.: 26-27). A influência do ou dos líderes induz sempre processos de subjetivação. Por exemplo, todos os líderes de audiência nos ecrãs acabam por impor subjetivações, pois quer a retórica envolvida como a legitimidade social imposta pelo capital de imagem, pelo capital cultural, pelo capital social ou pelo capital estético induzem subjetividades nos liderados. Quem são os liderados dos ecrãs? Todos aqueles que lhes estão submissos e que de certa forma não conseguem fugir aos seus ecos ressonantes.

Surge agora uma questão que pode elucidar o leitor: estes tipos de dobragem, portanto dimensões fundamentais dos processos de subjetivação, são partes constituintes das ecranovisões? As ecranovisões incluem um ou vários tipos de dobragens entre o exterior social e o interior individual. Através primeiramente do olhar e das suas pequenas perceções, e posteriormente pela descodificação do ver racional, as dobras conjugam-se formando vários tipos de subjetividades e de processos de individuação. A força de influência destes processos é determinante nos indivíduos das sociedades atuais. A crítica anticartesiana elaborada por Deleuze, e sistematizada por Zizek, é bem sugestiva para entendermos essa força das ecranovisões:

o pensamento nunca chega à luz do dia espontaneamente, *per se*, na imanência dos seus princípios; o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, com um real exterior que se nos impõe brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar. Um pensamento verdadeiro, enquanto tal, é sempre descentrado: não pensamos espontaneamente, somos forçados a pensar. (Zizek, 2006: 11)

São vários os exemplos que permitem ilustrar a força das ecranovisões do mundo. O impacto promovido pela visualização ecrânica da Segunda Guerra Mundial é um bom exemplo. Como refere Žizek, o impacto traumático do Holocausto, mesmo que este tenha sido apresentado sob a égide de uma narrativa baseada numa lógica de imagem-tempo, reside precisamente na impossibilidade de construir uma narrativa que integre também o universo simbólico que a precede (Ibid.: 12). É a ecranovisão a responsável última pelo enquadramento subjetivo e/ou objetivo das narrativas, enquadramento esse que vai diferir e imitar de indivíduo para indivíduo graças às diferentes condições que vão permitir as dobras da subjetivação. Digamos que as ecranovisões serão também as iniciadoras de ondas sociais, ondas que fazem mover e oscilar as direções, as potências e os impactos através da cultura, das normas, das crenças, das ligações, das conexões sociais e das expressões da ação humana (sentir, pensar e agir). Mostraremos na terceira parte vários exemplos a este respeito, principalmente o caso da «Onda», impacto provocado por um documentário sobre o nazismo.

Quando vemos um filme, por exemplo, são as pequenas perceções do olhar que criam a atmosfera do seu conteúdo latente. Essas pequenas perceções estão sempre sujeitas às tais condições de dobragem subjetiva dos indivíduos. Acontece nos filmes que ilustram o arquétipo do herói, onde os seus traços subliminares de carácter são de forma subterrânea apreendidos pelo olhar da visão de forma diferenciada; ou naquelas séries televisivas, por onde desfilam os valores hedonistas e presenteístas (no caso português vemos por exemplo a força desses valores na série *Morangos Com Açúcar*); ou através de pequenas perceções, apreendidas no ecrã das redes sociais digitais como, entre outros, no *My Space*, *Twitter*, *Google +* ou no *Facebook*, que invocam sobretudo o lúdico e o subjetivo dos estilos de vida contemporânea. Serão as condições e os tipos de dobragem que irão permitir a diferenciação perante cada uma das situações, embora subsista sempre um conjunto mais ou menos sólido de formas sociais reguladoras.

É nesta atmosfera que os indivíduos pós-modernos vão (re)construindo conjuntamente o espírito cultural. Tal como o pintor, ou como o escritor, ou como o escultor, ou até o cineasta, os indivíduos vão fabricando um caminho que mostra as pequenas perceções interiores, pequenas perceções que emergem e se assumem como macroperceções do mundo, subjetivações por vir. É assim que todos os ecranovisionadores vivem o mundo: sobre a força de micro perceções internas que através do ecrã ganham difusão macro. Portanto, “aquilo que escapa à perceção trivial, aquilo que a visão comum mal chega a notar, instala-se agora no centro da cena: o quadro [neste nosso caso o ecrã]

irradia a infinidade de pequenas percepções que vibram de uma evidência plástica macroperceptiva” (Gil, 1996: 309). Acontece, assim, uma reviravolta inesperada: “as máquinas deixaram de ser meios de efetivação do desejo para se tornarem objetos-fetiches emissores de desejo” (Gil, 2002: 27). E por onde é que entram esses desejos provocados pelos objetos-fetiches, como os ecrãs? Precisamente pelas camadas do olhar, esse que toca na profundidade do espírito e que emerge subjetivamente nas expressões culturais objetivas.

2. Ecrãs, socialização e individuação

Falar da cultura-ecrã e das tecnologias que lhe dão sustentação implica falar dos processos que permitem a integração da cultura nos indivíduos. Referimos anteriormente, através de Simmel, que a cultura é uma síntese entre espíritos objetivo e subjetivo. Então, desse modo, percebemos que dois processos fundamentais sustentam a integração da cultura: socialização e individuação.

2.1. Ecrãs e socialização

Émile Durkheim foi um dos primeiros autores a formular o conceito de socialização em Sociologia. Considerou-o como o desenvolvimento conduzido pelos adultos daqueles que ainda não estão inseridos na vida em sociedade, isto é os mais jovens (Scherr, 2002). A autonomia do agir foi tratada por Durkheim como um *deficit* para a vida organizada em sociedade, à qual os indivíduos deveriam ser integrados uma vez que incorporavam os saberes e as normas sociais vigentes por intermédio de indivíduos “já socializados”, com a finalidade de manter a coesão e a ordem social (Veith, 2002).

Já para Georg Simmel e Max Weber, a autonomia individual passa a ser considerada como um valor cultural, uma modalidade moderna de condução da vida de forma racional e motivada internamente. Essa maneira de conceber as relações entre indivíduo e sociedade permitiu o desenvolvimento do conceito de socialização em Simmel, para quem qualquer forma de interação entre seres humanos deve ser sempre considerada uma forma de socialização. Nesse sentido, este autor considera que o ser humano como um todo é visto como um complexo de conteúdos, forças e possibilidades sem forma; só com base nas suas motivações e interações da maneira de estar no mundo, os indivíduos se modelam de forma diferenciada e com fronteiras definidas, socializando-se ao mesmo tempo (Grigorowitschs, 2008: 4).

Após Simmel, muitos outros autores também desenvolveram, de maneiras variadas, reflexões a respeito do conceito de socialização, como Herbert Mead (1934), Talcott Parsons (1955) ou Habermas (1973) (Ibid.: 5). Estes afirmam, aqui não muito distantes de Simmel, que os processos de socialização constituem-se de interações e que os conceitos, valores, metaconceitos e estruturas individuais da personalidade se desenvolvem de maneira dinâmica nesses processos e seguem a lógica de uma transformação ligada a práticas sociais que ocorrem desde a infância (Veith, 2002: 169). O termo “processos de socialização” designa um conjunto de processos que pressupõe uma conceção extraída de Simmel e que deriva do seu entendimento de *processos sociais*. Pensados no plural, enfatizam o carácter de mobilidade e dinâmica das interações sociais. Estes processos vão permitir pensar na relação complexa entre indivíduos, ecrãs e as influências resultantes dessa interação, pois permitem perceber a dinâmica pela qual os indivíduos se apropriam de forma diferenciada das normas, valores e funções que regem o funcionamento da vida em sociedade. Neste jogo entre objetivo e subjetivo as formas dele resultantes, os processos de socialização favorecem, por um lado, a adaptação de cada indivíduo à vida social permitindo manter uma certa coesão entre os seus membros, e por outro permitem uma certa diferenciação social através da incorporação diferencial dos conceitos e das normas vigentes.

Os processos de socialização, para simplificar as análises, podem ser divididos em dois períodos. Um primeiro período, que ocorre durante a infância, normalmente designado por socialização primária; e um segundo período, já depois da infância, designado por socialização secundária. A socialização primária ocorre logo nos primeiros meses de vida. Desde cedo que tentamos impor normas, valores e funções aos bebés. Vestimo-los de acordo com a estrutura social que rege o nosso vestuário; alimentámo-los de acordo com as indicações médicas e tradições alimentares das diversas regiões geográficas; impomos um comportamento típico nos diferentes locais (à mesa, na escola, na igreja, em casa, etc.); estabelecemos quais os princípios pelos quais eles se devem reger. Enfim, tentamos formatar os indivíduos, desde cedo, de acordo com as normas, valores e funções que regem a nossa sociedade. Nas suas dimensões mais amplas, os processos de socialização envolvem um ser humano individual (todo um espectro de experiências, posicionamentos, saberes, estruturas emocionais, capacidades cognitivas); as suas interações, comunicações e atividades no meio social em que vive (relações familiares, escolares, interações com outras crianças, meios de comunicação de massa, religião etc.); bem como as distinções sociais que se podem manifestar em todas essas relações (sua pertença racial, de género, de estratificação social etc.). Todavia, a socialização não ocorre apenas como processo manifesto. Ocorre também

de forma informal, isto é, latente. E estes dois formatos de socialização vêm, logo à partida, colocar uma oposição entre processos conscientes e processos inconscientes. Ou seja, os indivíduos não são apenas o resultado dos processos conscientes de socialização. Também são, em parte, resultado de processos inconscientes. Tal como entendeu Durkheim (2007: 43), o «nós», o conjunto formado pelos indivíduos, depende de muitos de milhares de pequenas ações que têm um forte impacto e às quais não prestamos muita atenção. Embora enquanto crianças tenhamos a tendência para nos contentarmos com as imitações, a verdade é que à medida que crescemos tendemos, para além da simples imitação, a jogar o papel de indivíduos e a conhecermo-nos em função desse jogo de outros. Vemos muitos exemplos de crianças a tentarem imitar os pais nas brincadeiras, isto é, a jogar o papel dos pais para perceber como funciona o jogo. Assumem, frequentemente, a função de pais das bonecas, profissionais da brincadeira, etc. À medida que as crianças vão crescendo, o conjunto de papéis a tomar torna-se mais complexo, e o jogo também. As regras gerais já interiorizadas (valores, normas e funções) passam a ser jogadas e dinamizadas sem que, por vezes, exista uma completa consciência desse 'jogo'.

Por sua vez, a socialização secundária acontece, normalmente, a partir do fim da infância, e permite aos indivíduos, cuja personalidade está em grande parte constituída, a adaptação e coesão aos diferentes grupos: empresa, associação, grupo de pares, etc. Nestes diferentes grupos, há todo um conjunto de normas, valores e funções que precisam de ser apreendidas pelos indivíduos. Daí a necessidade teórica de conceptualizar a socialização em dois períodos diferentes. Nesta segunda fase dos processos de socialização, o indivíduo precisa de adquirir valores, normas e funções que raramente estariam no seio dos grupos de socialização primária. Na família e na escola – os dois maiores agentes de socialização primária - dificilmente o indivíduo não tem a possibilidade de socializar certos valores, normas e funções que regem o trabalho, as relações laborais ou as relações políticas. Estas novas adaptações permitem aos indivíduos relativizar as normas que já estavam inculcadas, podendo levar a uma (re)estruturação das formas de pensar, sentir e agir no mundo.

Um efeito semelhante ocorre na relação entre indivíduos e ecrãs. Na fase mais primária da vida, os ecrãs fascinam e o seu fascínio socializa de forma manifesta e latente. São as cores, os sons, as luzes, as intermitências, os ritmos das imagens, a velocidade e a instantaneidade das sequências, a vivacidade ecrânica capaz de extrair toda a atenção das crianças. Para alguns investigadores, a ideia é “a de que os meios eletrónicos como a TV e a Internet criam robôs. A ideia de que um robô gera outros robôs. Tal como [sugere] McLuhan,

(...) os conteúdos eletrónicos funcionam como sedativos, com efeitos visuais de caleidoscópios que podem gerar hipnose, zombies hipovigilantes” (cf. in Costa, 2009: 70).

Porém, as *ecranosocializações* não são unicamente nefastas ou maléficas. Estaríamos a ser imparciais se a nossa perspetiva fosse unidirecional. Muitas são as suas virtudes, destacando-se, entre elas, as fortes competências de socialização para o pensamento e cálculo da lógica, algo que um estudo sobre o jogo ‘World of Warcraft’ elucidou. Este estudo, realizado pelos investigadores da Associação Americana de Psicologia, demonstra que os níveis de cooperação dos participantes deste jogo em rede são elevados. Um outro dado curioso é o facto deste estudo concluir que o pensamento científico é usado nas interações do jogo, permitindo maior rapidez de raciocínio, de execução das tarefas e reduzindo a margem de erro (Ibid., 2009: 75).

Por estas e outras razões, se torna importante referir que os ecrãs são também importantes agentes de socialização. Giddens dizia, em 2001, que “cada criança nascida hoje, quando chegar à idade dos dezoito anos, terá passado mais tempo a ver televisão do que em qualquer outra atividade, com exceção do dormir” (Giddens, 2004: 457). Embora hoje esta constatação não seja assim tão segura dada a forte presença, para além do ecrã-tv, do ecrã-computador e de outros ecrãs no quotidiano das crianças, a verdade é que os ecrãs, na sua generalidade, são os grandes companheiros das gerações jovens atuais.

Susana Santos e Gustavo Cardoso quiseram traçar, por isso, o perfil da socialização para os *media* dos portugueses. Para estes dois autores, os diferentes meios sociais, as diferentes épocas de nascimento e as diferentes condições sociais exerceram diferentes fascínios nos diferentes tipos de indivíduos. Para o perfil 1 (mais de 55 anos), por exemplo, a rádio é o meio por excelência das memórias mais antigas e de socialização mais precoce, até porque os jornais da época chegavam apenas a uma minoria da população. Já no perfil 4 (35-54 anos), é a televisão a par com a rádio, sendo que os mais velhos do grupo cresceram no período correspondente às primeiras emissões da televisão em Portugal. O perfil 3 (25-34 anos) cresceu já numa época em que a televisão emitia em dois canais de forma regular, sendo esta a principal referência, conjugada também com a introdução doméstica dos computadores pessoais e dos jogos de computador (o célebre Spectrum). Os indivíduos do perfil 2 (15-24 anos) nasceram já num ambiente fortemente mediático, tendo como memórias de infância os quatro canais generalistas e uma familiarização maior com as novas tecnologias (computador, jogos de computador, Internet) e ainda na infância/adolescência com os telemóveis. A parafernália de meios tecnológicos à sua disposição parece ser um fator explicativo da falta de interesse que demonstram, na maioria dos casos, pela rádio.

Quanto aos jornais, a socialização foi feita em todos os grupos, numa idade mais tardia, adolescência/início da idade adulta, o que pode ser explicado pelos temas e formas de tratamento das notícias, com exceção dos jornais de banda desenhada e de música consumidos numa fase mais precoce (Santos e Cardoso, 2007: 28). Vemos portanto que a ubiquidade dos ecrãs começa em força em Portugal entre os indivíduos em idades muito precoces até, sobretudo, aos 55 anos. Por aqui se depreende como a lareira familiar que era a televisão começa hoje a ceder o lugar para outras lareiras, fixas e móveis, quase sempre reticulares, que é o ecrã na sua múltipla variação.

Não obstante, a socialização gerada na interação entre indivíduos e ecrãs tem sido mais observada pelas perspetivas do impacto sobre a violência e sobre o crime, sobretudo na análise à natureza das notícias televisivas e agora recentemente aos efeitos das redes. Sobre esses temas, os estudos de Gerbner, Anderson e David Tripp, entre outros, dão conta dos seus impactos mais nefastos para indivíduos e coletividades (Giddens, 2004: 459-463). Todavia, os processos de socialização impostos pelos ecrãs são muito mais do que simples socializações para a violência e para o crime. Estes ocorrem para todo o tipo de dinâmicas. Como sugere Morin (1999: 28), “a informação dispõe de uma energia potencial que pode ser imensa tanto para a ação como para o pensamento”, e essa energia potencial poderá seguir qualquer direção, potência ou impacto de forma latente ou manifesta. Parafraseando Zigmunt Bauman (2006: 82-83), quando se está perante um ecrã ligado à rede, há uma vantagem: nunca se está fora ou longe. Encontramo-nos sempre dentro – mas jamais trancados num só lugar. Portanto, as capacidades de interconexão socializadora das novas tecnologias são capazes de fazer despontar dinâmicas sob todos os ângulos de ação e de pensamento, pois um dos seus grandes postulados latentes baseia-se sobretudo nesta ideia, que ampliamos a Bauman (Ibid.: 84): aos que se mantêm à parte, os ecrãs permitem permanecer em contacto; aos que permanecem em contacto, os ecrãs permitem manter-se à parte.

Queremos com isto sugerir que será porventura o mais correto limitar a nossa análise a uma perspetiva meramente fenomenológica e pessimista, pois a socialização promovida pelos ecrãs é, antes de mais, metafenomenológica, capaz de abranger todo o ser e de o fazer deslizar pelas ligações. Olharemos, por isso, para os ecrãs como promotores de uma socialização rizomática, socialização que abala com a estrutura do ser e que potencia simultaneamente virtudes e malefícios, coisas da génese como a ética e a moral, a verdade e o erro humano, as dúvidas e as certezas sociais.

2.2.Ecrãs e individuação

As coisas não são, então, completamente estanques. No mesmo momento em que ocorrem os processos de socialização para os ecrãs e através dos ecrãs, nos indivíduos, ocorrem também processos de individuação. Se a socialização permite a integração dos indivíduos no social, não é descabido considerar que a individuação permite a integração do social nos indivíduos. Logo, perceber como é que a individuação integra o social nos indivíduos é também fundamental para perceber a apropriação social da técnica, ainda que a sua complexidade e imprevisibilidade sejam inumeráveis. Só entendendo estes movimentos, fluxos vitais que contrabalançam os sentidos e as direções das forças sociais, é que se poderá entender os caminhos da cultura-ecrã.

Para Jung, que trabalhou como poucos o conceito de individuação, o indivíduo percorre todo um caminho, consciente e/ou inconscientemente, em busca do seu si-mesmo, da sua singularidade única. A individuação é assim entendida pelo autor como uma busca pelas grandes qualidades coletivas do ser humano (Jung, 1979: 49). O mesmo acontece na relação entre indivíduos e sociedade: há todo um caminho que é preciso percorrer para que as dinâmicas sociais se tornem claras e para que os destinos da humanidade se revelem.

Ora, tanto a socialização como a individuação são fatores decisivos na integração da cultura, e obviamente também na integração da cibercultura ou da cultura-ecrã. Quer a socialização como a individuação não integram apenas aspetos humanos. Ambos os processos integram também aspetos técnicos e inorgânicos que complementam a existência humana. Digamos que a personalidade dos indivíduos vai sendo matizada pelas pequenas perceções que o olhar vai ‘apanhando’ e captando, escavando a visão e ligando as subjetividades do si-mesmo à estrutura consciente. De certa forma, são também as pequenas perceções as responsáveis pela ligação entre o si-mesmo e o Ego.

Para Jung, as pequenas perceções são o que de mais verdadeiro emana dos indivíduos; pois o ver depende dos conteúdos e capacidades sociais e mentais de descodificação, enquanto que o olhar captura o que verdadeiramente parece interessar ao si-mesmo. É o tal processo natural que Jung descreve (Jung, 2001: 3-4). As pequenas perceções constituem, desta forma, a base mais verdadeira do que somos e sentimos no íntimo profundo. Elas revelam-se através de múltiplas formas - na personalidade, nas atitudes, nos sonhos, nos desejos e, também, nas ecranovisões. É isso, por exemplo, o que fazem os testes Myers Briggs, muito usados nos Estados Unidos da América. Inspirados nas teorias de Jung sobre tipos psicológicos, estes testes são usados por milhões de Americanos para mostrarem como funcionam os indivíduos na resposta a estímulos exteriores, como

podem responder em diversas situações e quais as atitudes que tomam em determinados contextos (por exemplo no contexto de trabalho, revelando assim, através do lado não consciente, as qualidades individuais menos perceptíveis. É desta forma que os Americanos tentam perscrutar as tais pequenas percepções de cada um, e assim entender as propensões ou inclinações individuais para o futuro, para a individuação).

Um processo semelhante ocorre com os ecrãs. É na socialização com os ecrãs, e através dos diversos processos de individuação, que as pequenas percepções (re)ativam os arquétipos, as tais bases subjetivas que permitem identificações e ligações com o coletivo e com o individual. Das ecranovisões ressaltam as condições estéticas, as formas geométricas da vida, as abstrações das condições binárias oferecidas pelas atmosferas digitais, as subjetividades que ligam o ego ao si-mesmo coletivo. Por isso se torna fundamental falar da individuação e dos seus circuitos psicossociais. Estabelecer um diálogo entre os principais mentores do conceito de individuação é para nós fundamental para clarificar o conceito. Os contributos de Jung e de Gilbert Simondon permitirão repensar nas consequências dos imaginários promovidos pelas ecranovisões sobre os indivíduos das sociedades pós-modernas.

Jung e Simondon têm perspetivas originais em relação ao processo de individuação. Ao fazermos a ligação entre ambos, obtemos uma complementaridade capaz de reformular e de ajustar o processo de individuação aos intentos da nossa análise sociológica. A individuação em Jung foi muito bem analisada do ponto de vista interno, sob a força das influências arquetípicas. Devido à sua formação de base e aos seus intentos profissionais, Jung nunca se preocupou muito com as ligações com o plano exterior. O seu aguçado senso de cultura e história era fabuloso, mas “a sua compreensão e o seu interesse pela estrutura social, pelas instituições sociais e pela teia de relações sociais eram [...] pouco desenvolvidos” (Staude, 1981:129). Por isso, o pensamento de Gilbert Simondon pode ser visto como um complemento que pode aperfeiçoar o pensamento mais geral e menos interno sobre o processo de individuação.

Ambos os autores concebem o ser humano um ser em constante mutação, sempre sujeito às interferências da individuação e nunca próximo do sujeito «individuo». As grandes diferenças entre ambos residem mais propriamente no âmbito das suas reflexões do que propriamente no conteúdo dos argumentos: Jung estava mais preocupado com o desenvolvimento da personalidade e dos problemas da psicanálise e, por isso, o seu olhar estava mais virado para a procura de respostas de cura dos seus pacientes; Simondon, por

seu turno, tinha um olhar mais filosófico sobre a individuação, baseado numa génese de análise de base ontológica.

Vamos por partes. Vários eram os pontos que ambos os autores partilhavam sobre a individuação. Um primeiro ponto tinha a ver com o foco de atenção sobre o processo. Ambos partilhavam afinidade pelo facto de se deterem sobre a zona obscura e intermédia do ser, no seu carácter indivisível que foge à analogia e à representação. Em relação a essa zona obscura e intermédia do ser, os autores constataam tal existência, ainda que os recursos que cada um utiliza para análise da tal zona obscura possam ser diferentes. Jung sugere que a

individuação (...) tem por meta a cooperação viva de todos os fatores. Mas como os fatores universais sempre se apresentam em forma individual, uma consideração plena dos mesmos também produzirá um efeito individual, que não poderá ser superado por outro e muito menos pelo individualismo. (Jung, 1979: 50)

De um modo semelhante, Simondon concorda com esta questão, pois para este a zona obscura do ser conjuga também todos os fatores desconhecidos, isto é, passíveis de serem diferentes entre indivíduos diferentes. Tal como afirma Deleuze,

Simondon insiste sobre esta espécie de dimensão que não é de todo uma síntese, não se trata de dizer que este intermédio [a zona obscura] é uma síntese. [...] É realmente uma terra desconhecida, escondida por essa coisa do intermediário. (Deleuze, 1966: 2)

Um segundo ponto de afinidade entre ambos, tem a ver com a consideração do processo de individuação como um processo mediador. Para mostrar essa tal afinidade, relembramos que Jung sugeriria a individuação como “um processo mediante o qual o homem se torna o ser único que de facto é” (Jung, 1979: 50), portanto, um processo mediador entre o eu-consciente e o si-mesmo. Por seu turno, e muito próximo deste ponto de vista, Simondon sugere que “o princípio de individuação é a mediação, que pressupõe em geral dualidade ordinária das origens de grandeza e ausência inicial de comunicação interativa entre eles, portanto comunicação entre ordem de grandeza e estabilização” (Simondon, 1989: 16).

Ora, como processo mediador, a individuação era assim pensada por ambos como algo metaestável, nunca completamente finalizada. Simondon enfatiza a ideia de que não há uma unidade humana estável, não existe um indivíduo finalizado. Existem, antes de mais, indivíduos em processos constantes de individuação onde constantemente se in-divide e divide. Neste ponto, quer Simondon como Jung estão em sintonia já que, tal como sugeriu Samuels, também Jung salienta que a individuação é apenas uma idealização e não uma

meta completamente atingida. Nunca chegaremos ao ser completamente individuado (Samuels, 1989: 127).

Um outro ponto convergente tem a ver com o carácter dúplice do ser humano. Jung apresenta sempre o indivíduo como um ser duplo, “na medida em que o indivíduo humano, como unidade viva, é composto por fatores puramente universais, é coletivo e de modo algum oposto à coletividade” (Jung, 1979: 50). Simondon, do mesmo modo, apresenta o indivíduo também como um ser duplo, pois considera-o simultaneamente um ser individual e membro do coletivo. É que Simondon considera a individualização uma ação empírica, que designa a emergência do sujeito segundo as suas condições de vida e o seu temperamento. Neste sentido, Simondon vê o sujeito como algo duplo: estruturas gerais (o que para Jung é o eu-consciente) e idiosincrasias gerais (o que para Jung é o si-mesmo). O autor sugere então que o indivíduo se organiza de acordo com os significados coletivos (pai, mãe, irmão, irmã, etc.). Deste modo, ambos consideram que a individuação não se processa na identificação apenas com um arquétipo mas antes com uma multiplicidade mais abrangente – enfim, um processo constante a desenrolar. E desta forma, Simondon considera todas as interpretações sobre os arquétipos possíveis dentro dos seus múltiplos sentidos (Chabot, 2003: 113-114).

Os indivíduos são assim vistos por Simondon como o resultado de mediações entre ordens de grandeza diferentes, sendo que uma ordem é de realidade superior, que é a estrutura do indivíduo, e uma ordem de realidade inferior, estruturada conscientemente pelo indivíduo (Simondon, 1989: 8). E neste aspeto existe também grande afinidade entre o pensamento de Simondon e o de Jung. A ordem da realidade superior que Simondon descreve, que é estruturante, é o Self de Jung (si-mesmo); e a ordem da realidade inferior e estruturada pelo indivíduo, tal como sugere Simondon, equivale ao eu-consciente de Jung. Como tal, ambos apresentam os indivíduos seres humanos com funções espirituais, pois a individuação é, por essência, um processo transcendental: compreende as estruturas formais do sujeito. Estas estruturas formais do sujeito que Simondon refere correspondem à estrutura do Self que Jung descreve.

As contribuições de Simondon, para além das já referidas afinidades com o pensamento de Jung, permitem ainda colmatar a menor presença em Jung de um sentido externo e aberto para com outras dimensões, sobretudo para lá das dimensões puramente humanas e psicológicas. Lembramos que Simondon apresenta a individuação com uma visão original. A sua abordagem marca uma certa rutura com a filosofia tradicional (Chabot, 2003: 107). Se é verdade que os arquétipos, em Jung, significam as formas imateriais às quais os fenómenos psíquicos tendem a se moldar, correspondendo aos modelos inatos que servem

de matriz para o desenvolvimento da psique, para Simondon esta não é propriamente a essência do processo de individuação. Para este autor, as ideias, os mitos, as substâncias, os absolutos e os arquétipos não são os grandes guias da ação. Os seus conteúdos são apenas acessórios para determinadas situações (Ibid.: 111). Simondon considera, por isso, todos os conteúdos espirituais como uma tábua rasa para o sujeito, ao contrário de Jung que multiplica as adesões e fala de herança de arquétipos, que são universais à humanidade (Ibid.: 112).

Uma outra grande diferença entre Simondon e Jung reside na conceptualização da unidade. Simondon tinha uma visão um pouco diferente de Jung sobre esta questão, algo que pode melhorar e acrescentar o argumento da individuação. Numa passagem clara, que demonstra a sua visão sobre a univocidade do ser, Simondon dizia que,

para pensar a individuação, é preciso considerar o ser não como substância ou matéria, ou forma, mas como sistema tenso, sobressaturado, por cima do nível da unidade, não consistente apenas em si mesmo, e não adequadamente pensável por meio do princípio do terceiro excluído; o ser concreto ou ser completo, isto é, o ser pré-individual, é um ser que é mais que a unidade. (Simondon, 1989: 13)

Neste sentido, o autor considera que,

uma tal individuação não é o encontro de uma forma e de uma matéria preliminar existentes como termos separados anteriormente constituídos, mas uma resolução que surge no rasto de um sistema meta estável rico de potenciais: forma, matéria e energia preexistem no sistema. (Ibid.: 16)

Assim, a individuação é entendida por Simondon de uma forma abstrata e geral. Toda a determinação humana é uma forma de diferenciação, por isso está distante da ideia de Jung em relação à questão da unidade interna universal.

A questão é aqui outra: Jung procurava, por seu turno, obter nos seus pacientes o caminho para o ser individuado, que seria o suposto resultado da cura psicológica. Por isso mesmo, olhava para a individuação como um princípio ideal e orientador. Numa das suas imensas referências ao conceito de individuação, Jung dizia que a individuação era um “processo através do qual nos tornamos o que realmente somos. A individuação leva à progressiva integração do self inconsciente na vida do indivíduo dentro dos seus limites de tempo e espaço” (Jung, 1966: 171). Por seu turno, Simondon privilegiava a individuação sob o prisma da ontogénese, pois para ele o indivíduo é “um elemento numa individuação mais vasta por intermédio da carga de realidade pré-individual que o indivíduo contém, ou seja, graças aos potenciais que ele recebe” (Simondon, 1989: 18-19). Surge então o que é mais do que um, o coletivo, pois já não é possível falar de uma individuação bem delimitada em

que o coletivo apenas existe no potencial, na informação que estava codificada. Já no orgânico, o próprio indivíduo tem uma carga que o antecede, potenciais que habitam nele e, por outro lado, faz parte de algo que o ultrapassa enquanto ser.

É por esta razão que existe uma grande novidade complementar no pensamento de Simondon. Esta novidade diz respeito à importância atribuída às interações entre humanos e coisas não humanas. Ele refere que a relação entre sujeito e objeto é vista como 'transindividual', e motivadora de processos de individuação. Assim, estamos a um nível muito maior do que o coletivo apenas humano. Para estabelecer esta ligação, Simondon apresenta o conceito de transdução. A transdução é um processo de mediação. Permite explicar a passagem da individuação física à individuação orgânica, vice-versa, e da individuação psíquica ao transindividual subjetivo e objetivo (Neves, 2006: 41). Este conceito, aliado à individuação, permite que se pense em termos de um estado em que ainda não se é ou em termos de um estado que pode tender para deixar de se ser. A transdução permite assim compreender as condições sistemáticas do processo de individuação, bem como as suas ressonâncias internas e as problemáticas físicas e/ou biológicas. Nesta perspectiva, a individuação pode ser pensada na sua capacidade de se autonomizar, no seu antes de estar individuado e relativamente estabilizado. Para isso, é preciso pensar no ser como um sistema tenso e sobressaturado, por cima do nível da unidade (Ibid.: 41-42).

O autor que sintetizou de forma simples e clara quase todas estas ideias de Jung e de Simondon, foi Maffesoli. Considerando também a individuação como um processo mediador, este autor sugere que a individuação permite que hoje, e sobretudo nos ecrãs, se abraça mais em si mesmo do que o simples Eu do ego (Maffesoli, 2001: 192). Ou seja, complementando na espiral de influências e no desenrolar da vida dos indivíduos, o si-mesmo, o ser profundo através das ecrãvisões abraça as subjetividades que se dobram no indivíduo, as comunicações conscientes e inconscientes que afetam, as ressonâncias que ecoam e se refletem no consciente; enfim, a individuação abraça simultaneamente o ver racional e o olhar maciço dos indivíduos.

Esta síntese permite-nos assim esboçar uma certa divisão conceptual no processo de individuação: a individuação é ao mesmo tempo individual e social. No plano individual ela leva a uma resolução que permite a progressiva integração do self inconsciente na vida consciente do indivíduo. Todavia, como essa resolução acontece motivada por fatores universais como os arquétipos, num tempo e num espaço específicos, no plano social ela constitui, juntamente com outras, uma resolução que gera e é gerado por sistemas capazes de potencializar novas formas, novas matérias e novas energias, que de certa forma já

preexistiam no sistema mas que só com essa individuação se libertaram e atualizaram. Assim, e na medida em que um indivíduo é composto por fatores universais que vive dentro de uma coletividade, a individuação é sempre um caminho paralelo entre o trajeto individual e o trajeto social e histórico. As individuações singulares, quanto mais próximas da sua plenitude, mais próximas permitem o equilíbrio entre o *Ego* e o *Self*, permitindo aos indivíduos uma maior harmonia entre os desejos e as vontades, entre a ética e a moral, entre as ideias e a personalidade, entre a razão e o coração. De um modo paralelo, as individuações sociais consistem num sistema de resoluções, percorridas pelo coletivo, no sentido de encontrar o equilíbrio e a harmonia para o todo. Dessas individuações são geradas sínteses, com viabilidade mutável dentro do tempo e do espaço, que permitem a configuração de novas formas e novas dinâmicas que tendem para a resolução de fricções sociais, por exemplo entre as convenções e as normas, entre as regras tácitas ou implícitas e os indivíduos da coletividade, entre a história e as tradições, entre as religiões e os conhecimentos, etc. Vários são os exemplos de individuações sociais ao longo da história da humanidade, um conjunto de resoluções que permitiram o desenvolvimento civilizacional, para além de um conjunto de resoluções que ainda está por vir: a constante libertação das várias tentativas de domínio sobre o mundo; a eliminação de um conjunto alargado de guerras (religiosas, táticas, económicas, etc.); a crescente abolição de movimentos de opressão, como a escravatura, o racismo, a homofobia, etc. Enfim, existiram várias intensidades de individuações. Estas aqui referidas foram algumas das mais marcantes. Mas outras há que embora pareçam menores são no entanto dotadas de uma grande força de mudança. A individuação social que permitiu sair da idade das trevas (media) para a idade da luz foi uma das maiores da história moderna, bem como as revoluções cultural e industrial, e a crescente tendência para a tecnicização do trabalho. Estas transformações geraram a divisão social do trabalho e também uma crescente cultura objetivista e especializada, o que por sua vez permitiu a emancipação das mulheres num mundo dominado por homens e um novo estilo de vida mais hedonista e consumista. Essa individuação social só foi possível depois de um longo caminho de sucessivas individuações sociais, resoluções que originaram certas sínteses temporais e espaciais e que foram lentamente integrando opostos e contradições, amenizando-os e eliminando-os lentamente até serem postos de lado ou percebidos como não apetecíveis para o interesse e para o poder das épocas.

Eis-nos então perante uma evidência difícil de desmentir: a história do desenvolvimento humano deve muito aos processos de individuação, correntes de resoluções

que permitem novas dinâmicas e configurações sociais, cristalizando sucessivas atmosferas sociais e renovando a vida para novos estádios do desenvolvimento humano. Depois de complexos movimentos que ora permitem avanços ora nos levam a recuos, os processos de individuação geram sempre resoluções coletivas e individuais que fazem avançar o humano para um outro regime, tentando eliminar ou limar ao passado o que nas diferentes épocas se evidencia como menos proveitoso, eficiente ou humanamente inconcebível. Isto leva-nos a pensar nas individuações que tivemos no passado mas também nas que temos pela frente, isto é as resoluções que estão em curso e que visam responder às insuficiências sociais detetadas no passado. Uma dessas insuficiências, no ocidente, tem a ver com uma vivência bastante unilateral da cultura, isto é aquilo que já referimos: um excesso de «cultura objetivista». Acreditamos por isso que atualmente há, porventura, uma individuação social alargada em curso que conta com outras individuações e que espera pelas suas resoluções para se consolidar completamente, a saber, esta que hoje vivemos: a passagem de uma cultura-objetivista para uma cultura mais individuada, ou seja capaz de integrar de forma mais harmónica o espírito objetivo e o espírito subjetivo.

A propósito, a emancipação das mulheres tem sido um desses processos de individuação longo mas que também tem contribuído para reestabelecer esse equilíbrio cultural. Aliás, são fenómenos indissociáveis já que o domínio social masculino potenciou formas e dinâmicas mais úteis à reprodução do poder masculino - a figura do especialista-objetivista, que emerge da especialização da ciência e da divisão social do trabalho, é disso um potente exemplo já que resulta da projeção de uma cultura fortemente objetiva, como são a mente e os desígnios do género masculino. A individuação que é a emancipação feminina só poderá abrandar quando for uma força ignorada pelo coletivo, ou seja quando forem eliminadas as forças que lhe deram origem e as forças que lhe resistem. E são ainda pelo menos duas as forças que alavancam o seu movimento: 1) o facto de as mulheres não estarem socialmente, num conjunto alargado de assuntos, em pé de igualdade com os homens; 2) e o facto de existir ainda uma força exagerada de elementos masculinos no social, sobretudo o facto da cultura continuar a ser mais de ordem objetivista do que subjetivista ou intermédia. Estes são as duas grandes individuações sociais que ainda não se completaram, embora estejam mais perto desse resultado, com todo o turbilhão imposto pelo movimento de emancipação do indivíduo pós-moderno e subjetivista.

Uma outra individuação que está a ocorrer e que também contribui para um maior equilíbrio entre cultura objetiva e cultura subjetiva, é percebida na reação atual, negativa e contestatária, ao sistema tecno-burocrata que o próprio racionalismo objetivista do

capitalismo económico e político engendraram. O cansaço generalizado que os indivíduos das democracias mundiais exortam dão a perceber as forças de individuação que pretendem uma resolução mais harmoniosa face às forças avassaladoras do pragmatismo economicista do capitalismo.

Em simultâneo com estas, e é aquela que aqui nos interessa, está então a progressiva individuação do ecrã como caminho para a resolução destes e de outros entraves ao desenvolvimento civilizacional. De certa forma, o ecrã é uma espécie de construção que tem presente de forma latente a tentativa de eliminação, mostrando não através de palavras mas sim usando as imagens, como não devemos caminhar coletivamente. Desde o ecrã-cinema que assistimos ao crescimento exponencial de uma cultura visual e da imagem, diferente da cultura letrada e racionalista. Ver e olhar o mundo através de imagens e de sequências de imagens com pequenos descritores (textos sínteses) é muito diferente de ler o mundo da esquerda para a direita, como toda a linguagem escrita dos alfabetos ocidentais. A individuação dos ecrãs e através dos ecrãs têm gerado resoluções muito diferentes na cultura, já que a leitura da imagem permite, ao contrário da leitura da palavra, apreender às singularidades individuais e coletivas o seu visível e o seu invisível, introduzido assim maiores índices de subjetividade na cultura.

Viver então a cultura-ecrã pode ser compreendido através do espírito que se forma a partir da fusão entre objetivo e subjetivo, onde ver, olhar, imitar, diferenciar, conectar, convergir e partilhar, constituem o âmago do «cibermundo». Este cibermundo dos ecrãs pode ser entendido dentro desta lógica de transmissão descrita por Gabriel Tarde:

A verdade é que uma coisa social qualquer, uma palavra de uma língua, um rito de uma religião, um segredo de um ofício, um procedimento de arte, um artigo de lei, uma máxima moral, se transmite e passa, não do grupo social tomado coletivamente ao indivíduo, mas certamente de um indivíduo - parente, mãe, amigo, vizinho, camarada - a um outro indivíduo, e que, na passagem de um espírito num outro espírito ela [a coisa social] se refrate. (Tarde, 1989: 67)

A questão é que nos ecrãs, tudo o que é transmitido é mais em forma de imagem e de ícone do que propriamente através da palavra ou do conceito em forma de moral. Temos portanto esta ideia de transmissão e de propagação intersubjetiva e icónica, que pode ser aplicada aos ecrãs, desde os do ciberespaço como aos restantes: passagem da subjetividade para a intersubjetividade para compreender os indivíduos e os seus laços sociais. Uma ideia também próxima de Simmel, já que ambos apontam a importância dos fatores objetivos e subjetivos da cultura e da formação social. Ambos concebem a sociedade como conjuntos de conexões, onde todas essas são determinantes para o entendimento da sociedade. Tarde

afirmava até que, “o social não constituía um domínio particular da realidade, mas um princípio de conexões; (...) que o estudo da inovação, e particularmente da ciência e da tecnologia, era um terreno fértil da teoria social” (cf. Latour, 2006: 13).

Perspetivar a teoria social desta forma permite pensar o social como um princípio de conexões que extravasam o limite imposto por outros cientistas sociais. Estas ideias iniciaram, de certa forma, algumas posições centrais noutros autores: Simmel com a ideia de estudar a sociedade colocando a ênfase na corrente que liga sujeitos a sujeitos através de objetos; Norbert Elias, com a ideia de «encarnações das psiques» quando fala na «alma» dos objetos técnicos; Simondon quando fala da tecnologia como «modo de existência» (Garcia (2003, 302); e em Latour, com a sua teoria do ator-rede (2006). De Tarde a Latour, passando por Simmel, Elias ou Simondon, o pensamento sociológico sob estas perspetivas concede maior importância ao estudo das (re)combinações entre humano e não humano. É precisamente este enfoque que nos interessa acrescentar ao abordar as questões da cibercultura, ou melhor, às questões que se levantam na relação entre humanos e tecnologias – neste caso, ecrãs.

Vamos, por isso, pensar a individuação como um novo ponto de partida da sociologia das ligações. Desde os seus primórdios que a sociologia se debate com uma série de pares de conceitos que tendem a ver a vida em sociedade de uma forma dicotómica. Pares como material/ideal, objetivo/subjetivo ou individual/coletivo formam dicotomias que o pensamento sociológico atual ainda não conseguiu eliminar completamente. Tal como sugere Gorcuff, estes pares de conceitos

convidam os investigadores a escolher o seu campo (o coletivo contra o individual ou o subjetivo contra o objetivo). No entanto, a repetição e a solidificação destes modos de pensamento binário parece-nos bastante prejudicial para a compreensão e explicação de fenómenos sociais complexos. (Gorcuff, 2001: 11)

O construtivismo social, com representantes como Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Berger e Luckman, Anthony Giddens, entre outros,

esforça-se precisamente por ultrapassar estas oposições e por pensar combinadamente aspetos da realidade classicamente apreendidos como antagonistas. [...] Infelizmente, nem todas as oposições clássicas foram, por ora, ultrapassadas no quadro das discussões sociológicas contemporâneas adentro a galáxia construtivista. (Ibid.: 11-12)

É por estas razões que consideramos hoje o conceito de individuação fundamental. A focalização neste processo permite sublinhar, sobretudo, o intermédio, a zona obscura das ligações sociais. É um conceito que pretende explicar a origem dos fenómenos, precisamente

na zona intermédia entre a captura e o agenciamento social. Deste modo, pretende-se perceber os fluxos - porque é disso que se trata na pós-modernidade, sobretudo com esta excrecência dos ecrãs - entre subjetivo e objetivo, material e imaterial, orgânico e inorgânico, ação e estrutura, entre outros. A individuação procura, desta forma, o rizoma teórico, o intermédio, a ligação que no passado estava desfeita pelas dicotomias, mas que hoje suscita uma nova (re)interpretação. De certa forma, autores como Deleuze, Maffesoli, Moisés Martins, Bragança de Miranda, Mackenzie, José Gil e outros, já consideram, tal como Simondon, que,

o indivíduo só pode ser contemporâneo de sua individuação e, a individuação, contemporânea do princípio: o princípio deve ser verdadeiramente genético, não simples princípio de reflexão. E o indivíduo não é somente resultado, porém meio de individuação. Contudo, precisamente deste ponto de vista, a individuação já não é coextensiva ao ser; ela deve representar um momento que não é nem todo o ser nem o primeiro. Ela deve ser situável, determinável em relação ao ser, num movimento que nos levará a passar do pré-individual ao indivíduo. (Deleuze, 1966: 2)

É este sentido de metaestabilidade, de ser nunca completamente individuado, que se trata nas abordagens sociológicas recentes sobre o indivíduo pós-moderno. É dentro da necessidade de entender as (in) tensões e as extensões dos indivíduos que uma certa sociologia da individuação se move, pois a partir do ser pré-individual,

Dir-se-á tanto que ela [a individuação] estabelece uma comunicação interativa entre as ordens díspares de grandeza ou de realidade; ou que ela atualiza a energia potencial ou integra as singularidades; ou que ela resolve o problema posto pelos díspares, organizando uma dimensão nova na qual eles formam um conjunto único de grau superior (por exemplo, a profundidade no caso das imagens retinianas). (Ibid.: 4)

Deleuze descreve assim, para nós de uma forma eficaz, o que pode ser pensar sob a égide da individuação:

a individuação, portanto, é a organização de uma solução, de uma “resolução” para um sistema objetivamente problemático. Esta resolução deve ser concebida de duas maneiras complementares. De um lado, como ressonância interna, sendo esta o “modo mais primitivo da comunicação entre realidades de ordem diferente” (e acreditamos que Simondon tenha conseguido fazer da “ressonância interna” um conceito filosófico extremamente rico, suscetível de toda sorte de aplicações, mesmo e sobretudo em psicologia, no domínio da afetividade). Por outro lado, como informação, sendo que esta, por sua vez, estabelece uma comunicação entre dois níveis díspares, um definido por uma forma já contida no recetor, o outro definido pelo sinal trazido do exterior (...). (Ibid.: 5)

Portanto, a relação entre ecrãs e indivíduos pode ser compreendida através desta «resolução» intermédia que é a individuação, processo que depende de muitas ressonâncias internas. Por um lado porque tenta organizar as ressonâncias internas (o tal lado primitivo da comunicação entre realidades de ordens diferentes), e por outro porque permite a comunicação entre as oposições que se concentram nos fluxos que ocorrem entre o interior e o exterior dos indivíduos. A individuação permitirá deste modo ligar as diferentes ordens dos fluxos, aquilo que na realidade constitui os indivíduos e as sociedades, pois “é a individuação que cria as fases, pois as fases são tão-somente esse desenvolvimento de uma parte e outra do próprio ser... O ser pré-individual é o ser sem fases, ao passo que o ser após a individuação é o ser faseado”. (Ibid.: 5). As ressonâncias internas dão pistas em relação às possíveis direções dos processos de individuação, em relação ao ser faseado. Nesta espiral de fases e de influências, o si-mesmo, o ser profundo, abraça as subjetividades que se dobram no indivíduo, as comunicações conscientes e inconscientes que o afetam, as ressonâncias que ecoam e se refletem no consciente, individual e coletivo; enfim, a individuação envolve-se tanto no ver racional como no olhar maciço dos indivíduos.

3. Socialização e individuação de arquétipos e da informação ecrânica

Entre a integração do social no indivíduo (socialização) e a integração do indivíduo no social (individuação), existe todo um conjunto complexo de traduções. De acordo com Bruno Latour, vivemos sobretudo num mundo que exige constantes traduções. Por isso,

a noção de *tradução* está no centro do seu dispositivo teórico. Os atores (individuais e coletivos, humanos e não humanos) trabalham constantemente na tradução das suas linguagens, dos seus problemas, das suas identidades ou dos seus interesses nas dos outros. É através deste processo que o mundo se constrói e se desconstrói, se estabiliza ou se desestabiliza. (Corcuff, 1995: 71)

Por seu turno, Michel Callon considera a tradução um mecanismo através do qual os mundos (social e natural) tomam forma progressivamente. Deste modo, considera-se que a “tradução remete para uma atividade contínua que se processa em redes móveis, do tipo neuronal” (Neves, 2010: 153). O problema reside, sobretudo, na tradução de informações, sejam de que tipo forem, na medida em que todo o tipo de estímulos, quer sejam conscientes ou inconscientes, são traduzidos pelos indivíduos de acordo com as suas singularidades específicas. Mesmo a individuação dos arquétipos, por exemplo, uma resolução profunda que pode aparentar ser apenas interna, obriga a uma dupla sistematização singular: uma que é feita através da imanência de imagens, provocadas pelos

arcaísmos humanos e que entram para a consciência; e uma outra que resulta desta e que é feita pelo eu-consciente, no sentido de dar objetividade racional aos conteúdos que emanam do inconsciente (Staude, 1981:109-111).

Assim, as imagens da imaginação, as imagens do quotidiano e, sobretudo, as imagens dos ecrãs são determinantes no processo de desenvolvimento dos indivíduos. É que a contínua conscientização das fantasias (sem o que, permaneceriam inconscientes), com a participação ativa nos acontecimentos que se desenrolam no plano fantástico, tem várias consequências, como se pode observar num grande número de casos. Em primeiro lugar, há uma ampliação da consciência, pois inúmeros conteúdos inconscientes são trazidos à consciência. Em segundo lugar, há uma diminuição gradual da influência dominante do inconsciente; em terceiro lugar, verifica-se uma transformação da personalidade. (Jung, 1979: 95)

De um modo semelhante, mas não completamente igual, os processos de socialização dos arquétipos e das imagens sociais funcionam num fluxo contínuo entre consciente e inconsciente. Porém, o sentido mais forte desses fluxos dá-se do social para o indivíduo, ainda que tal como sugere Simmel a sua capacidade de diferenciação seja determinante nas dobras entre objetivação e subjetivação dos arquétipos. Como este lembra, em *A Cultura Feminina*, os processos de socialização como (re)produtores de cultura não deixam, eles próprios, de ser alvo das forças da cultura, isto é da “síntese singular do espírito subjetivo e objetivo” (Simmel, 2004: 199).

Como tal, desde o nascimento até à morte dos indivíduos, também os processos de socialização estão sempre em curso na medida em que as dobras entre subjectivo e objectivo são contínuas. Ou seja, o eu-consciente está sempre em tensão com os arquétipos e com as manifestações inconscientes. Parafraseando Jung, o resultado não será a perfeição mas sim uma maior integração entre inconsciente e consciente, pessoal e colectivo, na medida em que ambos se fundem para resultar numa transformação (Samuels, 1989: 127).

De qualquer modo, quer na individuação como na socialização dos arquétipos e de informações ecrânicas, há sempre perigos que provêm da identificação desordenada com esses, dos quais podemos descrever três tipos: o hipnotismo gerado pelos conhecimentos, sobretudo por aqueles que parecem ser capazes de explicar quase todo o universo (aquilo a que Morin (1999: 19) chama de «o perigo da subinformação, da superinformação e da pseudoinformação»); ao absorver o conhecimento e, conseqüentemente, ampliando a consciência, o indivíduo sobe também a um nível quase não-humano, afastando-se dos outros. Jung chama a esse efeito o «efeito de inflação», efeito que gera “uma expansão da personalidade além de seus próprios limites, pela identificação com um arquétipo ou com a

persona” (Jung, 1964: 356); e terceiro, o efeito de inflação gera o perigo de toda e qualquer informação capturada se tornar notícia com alguma legitimidade na consciência. Esse perigo constitui-se na medida em que pode formar uma resolução de factos nem sempre verdadeiros e geradores de polémicas, dúvidas e angústias.

Isto leva-nos a voltar a usar uma metáfora já referida, a da «circum-navegação». Esta permite caracterizar “a experiência contemporânea, uma experiência fundamentalmente tecnológica” (Martins, 2010: 10). Esta metáfora leva-nos, certamente, pelo imaginário dos descobrimentos, sobretudo pela aventura trágica de Fernão de Magalhães que tinha como assente a circum-navegação como uma “experiência da travessia de oceanos e da ultrapassagem do limite estabelecido, de mares, terras e conhecimentos” (Ibid.: 10). Nessa circum-navegação, a da era clássica, “houve o sextante, o astrolábio e a esfera armilar (...) [e] as estrelas para nos conduzir na noite” (Ibid.: 10-11). Todavia, a circum-navegação atual de que se fala, já não usa o sextante, o astrolábio nem a esfera armilar. Como experiência fundamentalmente tecnológica, a circum-navegação contemporânea usa sobretudo uma panóplia alargada de objetos técnicos, combinados ou separados, mas sempre prontos a provocar nos indivíduos circum-navegadores atuais uma certa intensificação da estimulação nervosa.

Os pontos de luz (as estrelas) da era clássica serviam para referenciar os pontos de passagem dos navegadores, tal como os candeeiros iluminam o caminho guiando os transeuntes pelas avenidas, ruas e becos das grandes metrópoles. Assim, a circum-navegação pelo mar torna-se próxima, na base, da circum-navegação pela metrópole. Temos portanto semelhanças nos pontos de referência, esses pontos de luz que iluminam as circum-navegações: estrelas (na era clássica); e candeeiros na grande metrópole (da era moderna). Falta-nos apenas juntar os pontos de luz referenciais da tecnologia, aqueles que se vislumbram constantemente no ciberespaço, as tais “linhas de luz alinhadas no não-espaço da mente, clusters e constelações de dados. Como luzes da cidade, afastando-se...” (Gibson, 1984). Assim, estrelas, candeeiros e ecrãs constituem uma intersecção de pontos cardeais, que de forma transversal atravessam três eras diferentes: era clássica (estrelas), era moderna (candeeiros) e mundo atual (ecrãs).

De facto, todos estes referenciais remetem para um tipo particular de estimulação: a estimulação nervosa visual, com pontos de luz. Ora, essa constatação leva-nos a pensar que associada à circum-navegação, maioritariamente fenomenológica, seja clássica, moderna ou pós-moderna, corresponde uma circum-visão, ou seja, uma experiência mais de génese ontológica que abarca o ver e o olhar, arquétipos conscientes e inconscientes, racional e não

racional, razão e sensação. Deste modo, a circum-navegação esteve, e continua a estar, mais sujeita às influências dos processos de socialização, uma vez que se orientam mais por mecanismos objetivos (por exemplo, ir a determinado sítio por determinado(s) caminho(s) origina um padrão de sensações ou experiências fenomenológicas); mas de um modo diferente, a circum-visão entra mais pela via metafenomenológica, uma vez que a visão assenta numa maior incidência sobre o todo objetivo mas também subjetivo – sobretudo porque mistura frequentemente ver e olhar, consciente e inconsciente, racional e não-racional.

Como é que a circum-visão operou na era clássica e moderna, e como se prolonga e dinamiza hoje, na era tecnológica? As circum-visões, como experiências metafenomenológicas, acompanharam as circum-navegações clássicas e exprimiram-se através das traduções possíveis das diferentes épocas em questão. Na era clássica, sobre os perigos por exemplo, as traduções possíveis das dificuldades dos navegadores, dada a sua insuficiência informacional acerca dos riscos das travessias marítimas, levava-os a imaginar monstros marinhos e criaturas terríveis como obstáculos objetivos e reais a transpor. De um modo semelhante, também sobre o subterrâneo e o perigoso da grande metrópole da era moderna, o mito do estripador povoava o imaginário e servia de arquétipo para qualquer crime cidadão. Portanto, as capturas da circum-visão, mediadas pelos diferentes instrumentos e pelas diferentes formas e conteúdos disponíveis na organização social, alinham-se com a constatação de Walter Benjamin, este que afirmou que as alterações da forma de existência coletiva mudariam consoante os tipos de perceções sensoriais (Benjamin, 1992: 80). E já antes, Simmel, em *As Metrópoles e a Vida Mental*, avisava para a dificuldade, por parte do indivíduo moderno, em resistir às avassaladoras forças sociais da herança histórica, cultural e técnica (Simmel, 2004: 75).

Ou seja, aplicando esta metáfora a este nosso propósito, as capturas das circum-visões da vida moderna colocavam uma necessidade, aos indivíduos, de resistência às forças históricas, culturais e técnicas da época. Como a quantidade de estímulos era maior na metrópole do que nos meios rurais, e para manter e preservar melhor a sua autonomia e individualidade, o cidadão tipo desenvolve mais o lado racional: “mais do que com o coração, ele [o cidadão] reage sobretudo com a mente” (ibid.: 77). Desta forma, para Simmel o cidadão tipo reage às circum-visões da metrópole com um carácter mais intelectualista, protegendo a sua vida subjetiva contra a força avassaladora da objetividade da metrópole. Para este autor, dentro da carapaça intelectualista, todas as relações racionais transformam as pessoas em números, “a elementos que, em si próprios, são indiferentes e

apenas têm interesse sobre o ponto de vista da sua produção objetivamente comparável” (Ibid.: 78).

Transportando agora esta análise de Simmel para as circum-visões atuais, sobretudo para as circum-visões ecrânicas, constatamos algumas proximidades para com os problemas pós-modernos. De facto, tal como referimos atrás com Gibson, o ciberespaço em particular, mas mais no geral também toda esta ubiquidade quotidiana de ecrãs, transporta-nos para uma atmosfera muito próxima da cidade, sobretudo pela extensa constelação de luzes, ou nas palavras de Simmel, pela forte «intensificação da estimulação nervosa» (Ibid.: 76). Neste caso, trata-se de uma estimulação que já não navega unicamente para a objetividade mas antes para uma maior subjetividade. Reforça-se assim uma carapaça subjetivista (é dentro deste quadro teórico, com as devidas diferenças temporais, formais e de conteúdo, que a análise de Simmel se torna particularmente rica para nos elucidar acerca dos profundos problemas atuais).

Um desses problemas mais profundos do nosso tempo prende-se, sobretudo, com um embate de gigantes entre *informação, ideologia e cultura*. Um efeito paradoxal pode ser desde já apontado ao nosso tempo, e tem a ver com o problema da informação: os *media* trouxeram um aumento extraordinário das possibilidades de conhecimento e informação sobre o mundo, isto é, um aumento significado das circum-visões sobre o mundo. Simultaneamente, esse aumento provocou o progresso da deturpação, da ignorância e da mentira (Morin, 1999: 38).

Um segundo efeito está no choque entre informação e ideologia. A ideologia, ao contrário do que se pretende da ciência, é não autocrítica. O seu sentido é sempre em antagonismo com a ideologia contrária, portanto, em direção “à cegueira ideológica em si mesma e por si mesma” (Ibid.: 143). A oposição entre comunismo e capitalismo constituiu a circum-visão do século XX, permitindo em (quase todo o globo) a captura do arquétipo do vencedor (arquétipo hoje colado ao capitalismo). Assim, as circum-visões dotam-se de elementos atmosféricos transponíveis. Isto é, se no passado fomos de algum modo cegados pelas nossas circum-visões, no futuro essa cegueira pode também ela pode nos fazer precipitar.

As capturas das circum-visões atuais levam-nos, por outro lado, a pensar naquilo a que Lipovetsky e Serroy (2010) chamam de «Cultura-Mundo». Mas não se trata de uma cultura-Mundo como aquela que foi chamada pelos filósofos da antiguidade, que se baseava num “ideal ético e liberal, com um universal humanista que recusa ver os outros povos como figuras inferiores e considera que o amor à humanidade é superior ao amor à cidade”

(Lipovetsky e Serroy, 2010a: 13). Esta conceção está, antes de mais, muito próxima da noção de individuação em Carl Jung. A noção de cultura-mundo que se vive hoje é a da estética alargada, onde não vigora a ideia de cidadão do mundo mas antes a do cidadão num mundo sem fronteiras (sem fronteiras na economia, no trabalho, no consumo e, sobretudo, na subjetividade que emana dos mundos ecrânicos e ciberespaciais).

As circum-visões, geradas sobretudo pelas ecranovisões que emanam da ubiquidade ecrânica do nosso quotidiano tecnológico, geram processos de socialização e de individuação nos indivíduos, sendo estes os principais processos originadores desta tal «cultura-mundo». No entanto, “quanto mais as sociedades se aproximam, mais se desenvolve uma dinâmica de pluralização, de heterogeneização e de subjetivação” (Ibid.: 21). Para estas dinâmicas plurais, heterogêneas e subjetivas, muito contribui a visão na sua dupla dimensão – ver e olhar. Se o circum-ver se encontra dentro de uma estética generalizada dada a sua vertente racional, já o circum-olhar é o elemento mais diferenciador, singular e particular. É através desta dupla dimensão, que a circum-visão acrescenta às perceções sobre o mundo, que se geram um conjunto de valores diferentes, de particularismos, de hibridismos e de subjetividades:

Neste universo caracterizado por um consumo bulímico, pela intensificação da circulação dos bens, das pessoas e das informações, os indivíduos dispõem de mais imagens, referências e modelos e podem encontrar assim elementos de identificação mais diversificados para construir a sua existência. (Ibid.: 21)

Mais imagens, referências e modelos, que surgem sobretudo através do ecrãs, obrigam à intensificação dos estímulos visuais e nervosos e por isso a uma maior interferência da dupla dimensão da visão no quotidiano dos indivíduos. Toda esta dinâmica não torna, ao contrário daquilo que se poderia pensar, a cultura-mundo como algo unificada. Pelo contrário, tanta diversidade, tanto fluxo e tanta informação servem apenas para complexificar mais as vivências, sobretudo a vivência cultural que se torna mais subjetiva e relativa do que nunca. Portanto, a tríade composta pela inextricável relação entre informação, ideologia e cultura gera complexidade no ver e no olhar atual. A circum-visão atual, circum-visão tecnológica e sobretudo ecrânica, é ainda mais complexa do que as circum-visões e circum-navegações da moderna, pois se na modernidade as metrópoles intensificaram os estímulos nervosos, a era tecnológica faz constantemente explodir e multiplicar a intensificação de estímulos, levantando questões tais como:

Quando texto escrito, fala, fotografia, música, vídeo e grafismo se combinam e convergem no texto digital, não se trata apenas da convergência das formas média. A um nível mais fundamental,

esse processo envolve a convergência de sistemas semióticos, de convenções de leitura e de padrões retóricos (...). (Pinto-Coelho, 2010: 17).

Reafirmando e acrescentando, dizemos que a convergência de todo um mundo para a tecnologia e para os ecrãs, portanto para a dimensão da *circum-visão*, obriga-nos a pensar mais sob uma perspectiva metafenomenológica do que unicamente fenomenológica.

Falamos portanto de *circum-visão* e não apenas de algo ciberespacial. Trata-se de uma metaexperiência acima de tudo ecrânica. É à volta dos ecrãs que hoje nos guiamos para as importantes ou banais atividades do nosso quotidiano. E a essa *circum-navegação* ecrânica corresponde uma outra dinâmica que queremos reforçar: uma *circum-visão* mediada pelos ecrãs. Se no passado dos descobrimentos a *circum-navegação* era guiada pelos instrumentos da época, hoje esses instrumentos de descobrimento e de recolha informativa são, numa larga maioria de casos, os ecrãs – daí a necessidade de pensarmos as *circum-visões* ecrânicas como dinâmicas fundamentais na formação do indivíduo pós-moderno.

De facto, as individuações e os processos de socialização das ecranovisões levantam hoje questões fundamentais. Até que ponto elas não são responsáveis por aquilo que constata José Gil, ou seja: não serão os problemas atuais do mundo ocidental uma expressão que está

a reduzir cada vez mais a margem das possibilidades, das possibilidades de vida, das possibilidades de escolha. Cada vez mais aparece, como única possibilidade, uma via única: uma via única de ter um emprego, uma via única de criar uma família, uma via única de pensar, de ter emoções, de amar? (Rabot, 2010: 255)

É justamente por esta razão que Maffesoli rejeita a ideia de que “a liberdade racional, contratual, baseada na consciência individual em prol da liberdade de Si enraizada num princípio vital anterior ao indivíduo e que lhe sobreviverá” (Rabot, 2010: 260). Rabot sugere mesmo que quando se trata de compreender o funcionamento da sociedade, temos a impressão de que “a estrutura contraditorial é um arquétipo intransponível” (Rabot, 2010: 260). Por estas razões, importa perguntar: não será, então, a individuação e a socialização dos arquétipos do contraditorial um dos grandes produtos das ecranovisões, um efeito que aumenta, dadas as suas ressonâncias e os seus ecos sociais, a vivência subjetiva atual?

Alguns autores concluem, e agora usando como exemplo o mundo do futebol e as suas ecranodinâmicas, que

cada jogo é uma repetição ritual do combate primordial e da organização do mundo que se lhe seguiu. Através desta repetição, o mundo renova-se continuamente e o homem participa nessa

renovação e tem assim um modelo arquetipal para imitar no combate concreto e quotidiano da sua existência temporal. (Costa, 2010: 42)

Assim sendo, e não apenas no mundo do desporto, os *mass-média* e sobretudo os *self-média* produzem e consolidam uma moral e uma ética, ou seja, projetam imagens das coisas que estão dependentes das estruturas culturais – objetivas e subjetivas - e sociais que os suportam. Há portanto uma ligação forte ente cultura, informação e ideologia. Aliás, Foucault lembrou, por exemplo sobre o crime (mas também de uma forma geral), que a representação que os *média* fazem das coisas está necessariamente ligada às ideologias, direta ou indiretamente, objetiva ou subjetivamente (Foucault, 2004: 55).

Fiquemos então com uma ideia fundamental, que na parte da investigação empírica trabalharemos: as circum-visões, ou seja o ecrã e as suas ecranovisões, são pois um dos principais responsáveis pela existência de padrões e segmentações no imaginário coletivo e contingencial, algo que a individuação e a socialização dos arquétipos e das suas dinâmicas inerentes são responsáveis pela sua legitimação e inscrição social.

Síntese da parte I

Esta primeira parte tinha, como objetivo central, denunciar a transição de uma cultura mais de génese objetivista e letrada para uma cultura mais visual e subjetivista. Vimos então que o projeto moderno, baseado numa lógica educacional e tecnocientífica objetivista, tem vindo a sofrer as mutações impostas pelas teletecnologias, onde os ecrãs figuram como os principais agentes de mudança. Conclui-se assim que a transição da cultura letrada para a cultura visual se deveu, sobretudo, à evolução das formas de utilização e de interação com o objeto técnico *ecrã*, bem como à metamorfose dos e nos seus conteúdos. Se com o ecrã-cinema e com o ecrã-tv estávamos perante uma cultura vertical, hierárquica, mais propensa a criar e a impor padrões – de vida, de moda, de pensamento, de ideologia; com o ecrã-computador, e mais recentemente com os ecrãs-móveis (smartphones e tablets), em rede, assistiu-se gradualmente à explosão de uma expressão cultural mais horizontal, menos hierarquizada, mais centrada nas singularidades individuais que tendem a dar lugar a pequenas comunidades de interesse e motivação. Pelo facto do ecrã interagir com a visão, e de esta se relacionar com a mente de uma forma diferente daquela que a sequência letrada e estruturada promove – pois consagra maior ligação entre o lado racional e o lado não consciente, entre objetividade e subjetividade – acaba por vir ao de cima uma expressão mais subjetiva e singular, nos indivíduos e nas comunidades (sobretudo nas tribos em rede). Somado ao desgaste provocado pelas promessas tecnopolíticas e à introdução maior do *Eros* devido à força feminina no social, este é, em parte, o resultado de uma certa e progressiva emancipação do *ecranoutilizador* face ao projeto moderno (o da imposição vertical da razão, do objetivismo masculino, e do materialismo).

Quando reparamos que em todas as casas, em todos os cafés, até nas lojas e nos espaços públicos, nos hospitais e nas farmácias, nos tribunais e nas prisões, nos rituais e nas celebrações, proliferam ecrãs, devemos notar também que a cultura, neste caso a ocidental, fundada pela palavra, desde o seu mito fundador (bíblia) até à força estruturante da educação baseada num objetivismo cientificista, maioritariamente logocêntrica, está hoje a ceder espaço a um princípio mais iconocêntrico. Desde o início do ecrã, e da sua inicial atmosfera fascínio, até à atmosfera da hiperconvergência - que se caracteriza pela ligação de todos os sistemas ecrânicos, de multimédia e de ciberespaço em qualquer tipo de ecrã, seja ele táctil, sensitivo ou atmosférico – que estamos perante lógicas diferentes das do passado, onde a fusão e o fluxo se tornaram vetores chave. É a atmosfera da fusão e dos fluxos em permanente deambulação, que tal como as anteriores anexa cada uma das atmosferas anteriores e funde-a com novos ambientes e tecnologias. E como nos orienta todo este

movimento? Sobretudo, porque nos coloca dentro de uma cultura visual, com um sentido ecrânico, que não é mais um sentido puramente literário. É antes um *sentido pressentido*, normalmente não consciente, que regula e condiciona os nossos comportamentos diários. Este sentido pressentido está antes da lógica racional, e até deixando pouco espaço ao racional, pois o ecrã fala mais ao lado direito do cérebro – ao corpo, ao emocional e ao sensorial. Pensar sequencialmente, doravante, cede o lugar ao pensar por olhadelas – associar, pensar, falar, escrever - baseadas numa lógica de associação e de conectivismo e intuitivismo.

Revela-se também aqui, teoricamente, a importância dos processos de socialização e de individuação para a formação das estruturas e dos conteúdos dos ecrãs, e que também se estruturam através dos ecrãs. Através dos ecrãs, dá-se a integração social nos indivíduos (socialização) e a integração dos indivíduos no social; por seu turno, dá-se também a integração do individual e do social no próprio ecrã. É por aqui que ver (racional) e olhar (não consciente), em mútua cooperação, constroem com os seus ecos e as suas ressonâncias para a base do indivíduo pós-moderno.

Por outro lado, vimos que nunca como agora partilhamos tantos pontos de vista diferentes, vindos de pessoas diferentes, sobre algo em comum. A resolução de problemas no futuro poderá caber dentro desta lógica imediata e em rede, uma máquina pensante onde a sua principal estrutura é o pensamento. Há por isso um crescente movimento de descentralização radical. Muito do que era de massas passa a ser tribal. No entanto, um fenómeno curioso está em permanente atualização: a informação é a única substância que cresce com o uso, em vez de decrescer, como os recursos naturais . Ora, isto inverte as lógicas anteriores. Se a informação é cada vez maior, significa que o consumidor de informação está também mais apetrechado, e por isso com maior possibilidades de controlo sob o mundo. A partilha como base destas novas gerações telecomputorizadas gera uma força de mudança face ao ideal moderno de poder. A tecnologia de transmissão e de redes permite colocar o poder nos indivíduos. Dos espectadores de sofá para os guerrilheiros de sofá. Com a lógica do ecrã-rede, estamos, porventura, num processo de emancipação: dos *mass-media* para os *self-media*, do modelo vertical para um modelo mais de génese horizontal e colaborativo, multilateral e interativo. Do ecrã de televisão para o ecrã de computador, portátil, passamos o processamento de informação do nosso cérebro para os ecrãs à frente dos nossos olhos, em vez de atrás dos nossos olhos. Isto permite visualizar a consciência, e adaptá-la caso não satisfaça. Todo o nosso sistema nervoso, devido às

tecnopsicologias, entre os quais o ecrã, está a gerar uma nova psicologia e sociologia, já que as individuações entre humanos e tecnologias são cada vez mais constantes e complexas.

Parte dessa complexidade reside em percecionar ecrãs. É aqui que ver e olhar interagem para alterar decisivamente a forma como temos vindo, historicamente, a ler o mundo. O ecrã permite a abertura da visão em três níveis, alterando decisivamente a cultura visual da letrada. Quando se tem a visão como sentido dominante, os seus três níveis tornam-se decisivos: a visão muda; o olhar; e, por fim, o ver. Ao ser filtrado por estes três níveis, eis que o inconsciente, através do olhar, passa a deter um papel decisivo. Vimos isso através, sobretudo, da força do ecrã-cinema (meio quente) no inconsciente coletivo. Mas também através do meio frio que é o ecrã de televisão, e por fim da hiperconvergência de meios quentes e frios que ocorre no ecrã de computador. Neste sentido, percebemos a abertura do inconsciente à multiplicidade de meios (quentes e frios), e a constituição de diferentes fases históricas. A cultura mais subjetiva do *homo-ecranis*, na era dos self-media, mostra essa força que penetrou pelo olhar não consciente. Os indivíduos em interação maquínica não perdem qualidades de sujeito nem se transformam em objetos. É sempre um sujeito do fazer técnico que à medida que vai sendo substituído por processos de automatização, sofre através do olhar uma dimensão cada vez mais impessoal. E é nessa cada vez maior impessoalidade que os sujeitos, por força dos procedimentos técnicos, vão ampliar e reforçar o papel subjetivo da atividade humana. Ao se tornarem mais anónimos e com identidades cada vez mais fragmentadas (dada a força dos algoritmos), tornam-se o lugar originário de visualização, onde a subjetividade da captura passa a ser a sua ação mais decisiva. Este processo passa pelas forças de socialização e de individuação, moldando-se ao contexto e às forças vitais do indivíduo. O indivíduo, enquanto síntese gerada pelas possibilidades pela socialização e pela resolução que é a individuação, torna decisiva a forma como os ecrãs influenciarão e serão por esse influenciados. Daí nascerão, no social, os ecos, e no indivíduo, as ressonâncias ecrânicas.

Concordamos ainda, por outro lado, com a existência de explosões das grandes imagens, como a de Deus, sobretudo dada a força da desmultiplicação de imagens gerada pelos ecrãs e pelas suas potencialidades. Porém, consideramos também que o que hoje está em jogo é mais do que a explosão dos arquétipos. É também o *arcaico humano* que se pretende revitalizar, bem como todas as manifestações do seu inconsciente pessoal (sede de poder, impulsos sexuais, necessidades de aprovação e crenças) e do seu inconsciente coletivo (humano universal). De facto, dada a crescente estimulação nervosa resultante da força das imagens-ecrãs, os indivíduos como seres diferenciadores e imitadores, estimulados

pela diferença do momento e aquela que a antecede, são obrigados a uma descontinuidade brusca entre o ver e o olhar. E assim, a carapaça do subjetivismo, devido a essas forças na estimulação nervosa, assentam que nem uma luva nas contingências do indivíduo pós-moderno. Em suma, ao *individualismo ecrânico*, imposto pelas primeiras formas de *sociação ecrânica* (primeiro com o ecrã-cinema e depois com o ecrã-tv), o indivíduo pós-moderno, através sobretudo do ecrã-rede e da Internet, responde com um certo *comunitarismo ecrânico*, imerso em redes de cooperação, competição e partilha.

Tabela 14. Evolução das consequências do poder ecrânico desde o início do ecrã

		Ecrã de massas		Ecrã pessoal	
				interativo	Hiperinterativo
	1895	1940-50	1927-1950	1980	90-2011
	Cinematógrafo	Massificação do cinema	TV	Computador	Ecrãs portáteis
Atributos	Fascínio coletivo	Coletivo	Doméstico	Personalizado	portátil
	novidade	Público	Privado	Individualizado	pessoal
	Limitado no espaço	limitada no espaço	Zapping como fator de fuga à passividade	doméstico	individual
	Limitado no tempo	sensações e emoções coletivas	tempo-real	Trabalho	trabalho e lazer
	Limitado na técnica	cinema a cores	semi-alheamento	fascínio individual	ligação em rede
públicos	Elite	Massa	Família	Indivíduo	rede de indivíduos (tribo)
Consumidor	Passivo	Passivo	Passivo	Ativo	hiperativo
				consumidor produtor	hiperconsumidor-produtor
Efeitos	Crença infantil	estética do agregado	estética do fragmento	Intimidade	coexistência de imagens
	Surpresa	valorização do completo	valorização do acaso	Interatividade	convergência de meios
	Choque visual	Início, meio e fim	efeito de descontinuidade	Velocidade	hiperligação
			sobremultiplicação das imagens	arcaísmo super-tecnológico	Hipertexto
			velocidade de seqüências	Potencialidades adormecidas	tele-distância
				sentido visual simples	tele-presença
					esgazeamento
					excesso de estímulos
		2h por semana	Até 3,5h por dia		megavelocidade
	Cultura da imagem (—)	Cultura da imagem (-)	Cultura da imagem (++)	Cultura da imagem (++)	conectivismo
	Cultura letrada (++++)	Cultura letrada (++++)	Cultura letrada (++)	Cultura letrada (+)	intuição visual complexa
					convergência dos sentidos

Através deste quadro, podemos perceber essas transformações promovidas pelos ecrãs, dividindo a sua história em dois momentos: o momento onde reinavam os ecrãs de

massas, ou se quisermos os Ecrãs-verticais; e o momento onde reinam os ecrãs pessoais (ecrãs-horizontais). No auge do ecrã-cinema, de massas, tínhamos um *homo-ecrãnis* passivo, a viver o fascínio da imagem ecrânica dentro de um espaço limitado, público e de certa forma coletivo. Era um tempo onde se imponha um certo *globalismo ecrânico* difuso. No auge do ecrã-tv, também de massas, inverteram-se um pouco os fluxos. Passou-se mais a viver mais horas em frente aos ecrãs, e estes passaram a ser mais vividos no privado do que no público. É aqui que se dá verdadeiramente um *individualismo ecrânico*. A esta consequência juntou-se um outro eco: os ecrãs ganharam centralidade no espaço doméstico, e permitiram uma maior interatividade com os telespectadores através do zapping. Este zapping, promovido pelo telecomando, tornou os indivíduos mais ativos para com o que passava nos ecrãs, mas também os seduziu não apenas para o telever e teleolhar mas também para o telecontrolo e para a teleseletividade. Os diretos, as informações atualizadas com frequência, os grandes acontecimentos no ecrã privado, tudo isto iniciou o processo de compressão espacial e temporal, a fragmentação de barreiras espaciais e temporais que pareciam anteriormente estruturas inabaláveis. Com estas mudanças, progressivamente, a cultura doméstica torna-se dominante face à cultura de rua.

É todavia com o computador que se atinge o auge da cultura doméstica. A lareira familiar, que era o televisor, cede o lugar ao ecrã que tende a ficar no quarto, e ainda por cima capaz de permitir escolhas maiores, como por exemplos jogos e, mais tarde, com a rede, interações mais instantâneas com outras pessoas. O *homo-ecranis* passa então a entrar nas esferas da teledistância, da telepresença, da teleportabilidade, da teleprodução, da telecriatividade, do teleesgazeamento, da teleintuição, da teleconvergência e telecomunitarismo. Um sem fim de *ecranoefeitos* à velocidade da luz transformam completamente os hábitos e as preferências ecrânicas, as formas de aprendizagem e convívio, as formas de participação cívica e social, as formas de partilha e de interação. Atinge aqui o auge o comunitarismo ecrânico, sobretudo através da explosão de redes sociais digitais. O quadro seguinte mostra as grandes linhas de mudança introduzidas pela relação e desenvolvimento entre o ecrã e a cultura:

Quadro 15. Mudanças introduzidas pela evolução da cultura-ecrã

	Ecrã- Cinema			Ecrã-Televisão			ecrã-Internet e outros		
	ecranovisões-verticais			ecranovisões-verticais			Ecrãs horizontais		
	Visualização de Ecrãs	Olhar	Ver	Ecrãs	Olhar	Ver	Ecrãs	Olhar	Ver
Fase I: 1895-1950									
Ordem ideológica	(++)	(++)	(++++)						
Sensações visuais	(-)	(-)	(++)	X	X	X	X	X	X
Objetividade	(++++)	(-)	(++++)	X	X	X	X	X	X
Mobilização (ativo)	(-)	(-)	(++)	X	X	X	X	X	X
Individualismo	(-)	(+)	(-)	X	X	X	X	X	X
Hedonismo	(-)	(+)	(-)	X	X	X	X	X	X
Risco visual	(-)	(-)	(-)	X	X	X	X	X	X
Cultura-mundo	(-)	(-)	(-)	X	X	X	X	X	X
Grandes Narrativas	(++++)	(++++)	(++++)	X	X	X	X	X	X
Subjetividade	(-)	(+)	(-)	X	X	X	X	X	X
Fase II: 1950-1980									
Ordem ideológica	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)			
Sensações visuais	(++)	(++)	(++)	(+)	(++)	(+)	X	X	X
Objetividade	(+)	(+)	(+)	(++)	(+)	(+)	X	X	X
Mobilização	(+)	(++)	(++)	(-)	(+)	(-)	X	X	X
Individualismo	(++)	(++)	(-)	(++)	(++)	(+)	X	X	X
Hedonismo	(++)	(++)	(++)	(++)	(++)	(+)	X	X	X
Risco visual	(++)	(++)	(++)	(-)	(-)	(-)	X	X	X
Cultura-mundo	(++)	(++)	(+)	(++)	(++)	(+)	X	X	X
Grandes Narrativas	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	X	X	X
Subjetividade	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	X	X	X
Fase III: 1980-actualidade									
Ordem ideológica	(-)	(-)	(-)	(+)	(-)	(+)	(-)	(-)	(-)
Sensações visuais	(++++)	(++++)	(++++)	(++)	(++)	(++)	(++++)	(++)	(++)
Objetividade	(-)	(-)	(+)	(-)	(-)	(+)	(-)	(-)	(+)
Mobilização	(+)	(++)	(++)	(+)	(++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)
Individualismo	(++++)	(++++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)
Hedonismo	(++++)	(++++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)
Risco visual	(++)	(++++)	(++)	(++)	(++++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)
Cultura-mundo	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)
Grandes Narrativas	(-)	(+)	(-)	(-)	(+)	(-)	(-)	(-)	(-)
Subjetividade	(++++)	(++++)	(++)	(++++)	(++++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)
Partilha	X	X	X	X	X	X	(++++)	(++++)	(++++)
escolha/Comutação/Zapping	(+)	(+)	(+)	(++)	(++)	(++)	(++++)	(++++)	(++++)
intuição/interação	X	X	X	(+)	(+)	(+)	(++++)	(++++)	(++++)
Cooperação	X	X	X	(+)	(+)	(+)	(++++)	(++++)	(++++)
Pluralidade	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)
Multiplicidade	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)	(++++)
Passividade	(++++)	(++++)	(++++)	(-)	(-)	(-)	(-)	(-)	(-)

Vemos então que, numa primeira fase (entre 1895 e 1950), onde a expressão ecrânica maior era a do ecrã-cinema, a ordem vigente no ocidente era a ordem ideológica, até porque se viviam tempos de tensão política e ideológica. Nesse tempo as ekranovisões

emitiam muita objetividade nas intenções como por exemplo combater os regimes autoritários e instalar a democracia, apelava-se bastante ao patriotismo e ao nacionalismo e a base era sustentada através da última grande narrativa (os estados-nação e o republicanismo). Só depois da 2ª Guerra Mundial, e depois dos preços dos televisores baixarem consideravelmente, é que se inicia uma segunda fase (entre 1950 e 1980). Com dois tipos de ecrãs a coabitar, cinema e tv, e numa fase onde era necessário reconstruir a Europa não tanto pela ordem ideológica, que já se tinha inscrito depois da vitória sobre os regimes autoritários, mas mais por um tempo de maior individualismo e de maior tempo dedicado ao lazer e à vida hedonista: o ecrã-tv é aqui decisivo através de uma programação a apelar fortemente ao lúdico.

Então, à medida que o tempo foi passando, os ecrãs metamorfosearam-se e moldaram as perceções para uma ordem menos ideológica e mais sensológica, menos coletivista e mais hedonista e individualista, menos objetiva e concreta e mais lúdica e subjetiva. Com os ecrãs pessoais e portáteis a escolha passou a ser maior, e embora mais fragmentários e plurais na forma como vivíamos com as imagens ecrânicas, certos ícones ganham expressão mundial, sobretudo através da internet. Embora individualizados e personalizados, as diferentes comunidades ecrânicas passam a ter uma essência, ainda que plural, capaz de constituir um mosaico cultural abrangente à qual podemos chamar de cultura-mundo. Isto é, uma cultura-mundo que tem como grande ponto em comum as lógicas da mediação e da ligação ecrânica, por onde circulam, em rede, coisas comuns e diferentes e onde a sua captura vai depender do ver e olhar individual e tribal.

Com os novos ecrãs extremam-se outras características, que foram despontadas pelas novas lógicas ecrânicas. A partilha e a cooperação em rede, a oferta disponível, a maior capacidade de comutação e zapping face a conteúdos, os ecrãs que se desenvolvem cada vez mais numa lógica intuitiva, apelando cada vez mais às capacidades intuitivas do utilizador/produtor, a facilidade para a criação, onde o que vinga são menos as competências especializadas e mais as competências da inovação e da originalidade, etc.

Portanto, estas diferenças levam-nos a constatar diferentes formas de ver e olhar o mundo em função das diferentes hegemonias ecrânicas. E isto gerou grandes diferenças geracionais, sobretudo nas memórias mediáticas, nas formas de socialização e nos processos de individuação. Podemos dizer que os diferentes arquétipos que marcam as diferentes gerações expressam-se nos ecrãs, bem como os ecrãs se expressam também neles mesmos.

Parte II

Da teoria e dos métodos

Capítulo Único

Teorias, ideias e conceitos de trabalho

1. O ecrã como um dos fatores de mudança histórica

Temos vindo a denunciar, até esta parte, entre outras coisas, a transição da cultura letrada para a cultura visual através da centralidade do ecrã, mostrando assim as suas forças na socialização e na individuação do indivíduo e da atmosfera pós-moderna. Deste modo, consideramos que faz mais sentido designarmos esta era como uma era que enfatiza uma profunda mutação da cultura, ao invés da designação «era da crise da cultura». Assiste-se porventura à passagem de uma cultura mais objetivista para uma cultura mais subjetivista.

São vários os exemplos que demonstram esta transição: o movimento das redes sociais digitais e dos grupos tribais nas redes, que representa uma expressão de fuga face ao forte individualismo e objetivismo do último século; o movimento de especulação financeira, que escapa invariavelmente ao lógico, ao racional e à objetividade; o excesso de imagens que fez explodir a imagem de Deus em múltiplos fragmentos, dando origem a novos, pequenos e vizinhos deuses mortais; as grandes narrativas de vida, com fins teleológicos, substituídas por micro narrativas tribais que orientam pequenos grupos; a transição da lógica do longo prazo no trabalho, que tinha fins lineares até à idade da reforma, portanto assente numa lógica objetiva, para a lógica do curto prazo – o efémero tornou-se omnipresente nas formas sociais; a mobilidade humana atual pelo planeta, quer de forma material como imaterialmente (sobretudo graças à comunicação telemática), é também a maior da história, o que torna o indivíduo um nómada potencial. Estes exemplos, e outros que aqui não convocamos, apontam para uma configuração diferente do passado: o duradouro cedeu espaço ao efémero; o sequencial cedeu espaço ao emaranhado; a cadência uniforme cedeu espaço ao imediato e brusco; o individualismo cedeu espaço ao comunitarismo tribal; o localismo cedeu espaço ao nomadismo global; o uno cedeu terreno ao plural. Em suma, o império do objetivo e concreto cede cada vez mais espaço ao movimento subjetivo e abstrato. Quer isto dizer que os valores, sobretudo da modernidade, entraram em mutação. Estão hoje sujeitos a maiores dobras e flexões do que no passado, tendo em vista as perspetivas do efémero, do tribal, do nomadismo e do imediatismo. A vida está assim suspensa num espaço-tempo veloz e imediato mas assente no presente, porque é o efémero que se vislumbra no horizonte. Seja nos laços sociais e relacionais, laborais, políticos ou até nos mediáticos. Veja-se, por exemplo, o caso das imagens-arquétipo e a sua constante

mudança. É frequente a aparição da imagem múltipla ou fragmentada de Deus, ajustada temporariamente à aura dos indivíduos com destaque, sobretudo no mundo mediático e dos ecrãs (ex. Messi ou CR7, retratados como deuses do futebol, de outro mundo). Ou veja-se, por exemplo, o mundo do emprego, onde o recibo verde, efémera relação contratual, começa a hegemonizar todo o tipo de relações laborais. Ou ainda o fenómeno da chamada «fuga nacional de cérebros», gente muito bem apetrechada de conhecimentos, que abandonam os países de origem e que se projetam numa simetria nómada para encontrar por um lado uma maior possibilidade de expressão profissional e económica, mas por outro cada vez mais experimentalismo e subjetividade tribal.

No nosso entender, foram sobretudo três os fatores que mais contribuíram para esta nova forma social menos assente na objetividade: a) a emancipação da cultura feminina; b) o desgaste provocado pela ideia do progresso como resolução dos problemas da humanidade, quer dizer, o tal projeto moderno. Desgaste esse que é, sobretudo, tecno-político; c) e a força das imagens e das suas dinâmicas, que tem contribuído decisivamente para a emergência dos dois fenómenos anteriores (sobretudo graças à omnipresença dos ecrãs) e para muitos outros que aqui vamos explorar. Passemos a explicar muito sucintamente os dois primeiros, e detenhamo-nos depois no terceiro.

Então, porque é que referimos a emancipação da cultura feminina como um dos fatores de introdução do subjetivo no social? A partir do imaginário da antiguidade, têm sido estudados com frequência, por vários académicos, os arquétipos que emanam do Eros e do Logos. Perante Eros, o arquétipo grego do amor, do espírito da beleza e do irresistível, da unificação e da coordenação integradora dos elementos, estaríamos na presença arquetípica da atmosfera feminina, da ligação psíquica integradora. Platão refere que, “embora o Eros seja sentido inicialmente por uma pessoa, com contemplação transforma-se em apreciação da beleza dentro dessa pessoa, ou transforma-se mesmo em apreciação da própria beleza” (Wikipedia, 2010). Já como arquétipo individuado, Jung sugeriu que o “Eros seria um desejo de perfeição, de sintonia, um desejo de interconexão e interação com outros seres conscientes ou sensíveis” (Neves e Costa, 2011: 189). Pelo contrário, o Logos é o oposto aos Eros. Este remete para a objetividade dos conhecimentos, para um sentido mais masculino e diferenciador, muito comum, para Jung, nas sociedades patriarcais ocidentais (Ibid.: 190). Assim, enquanto a psicologia masculina é, para este autor, mais diferenciadora e objetiva, portanto baseada na razão, no Logos,

A psicologia das mulheres é fundada principalmente em Eros, fortemente ligado ao desprendimento, visto que nas épocas antigas o principal atributo relacionado aos homens é Logos. O

conceito do Eros podia ser expressado nas épocas moderna como uma ligação psíquica, e o Logos com o interesse objetivo. (Jung, 1993: 123)

Esta questão leva-nos a uma outra, muito recorrente nos temas teóricos da modernidade, e que Georg Simmel levanta no texto *A Cultura Feminina*. Para este autor, a diferença entre mulher e homem deve-se, e antevendo já aí a conclusão de Jung, ao facto do homem ser mais diferenciador entre as camadas da objetividade e da subjetividade psíquica e de ação. Pelo contrário, a mulher é um ser

para o qual a separação entre o subjetivo e o objetivo no fundo não existe; esta relação caracteriza, para assim dizer, a «ideia» estética, em tudo meta-subjetiva, da arte de representar, na qual, sem qualquer hiato temporal, espacial ou objetivado, a vida interna leva em si própria a sua viabilização e a sua expressão. (Simmel, 2004: 227-228)

Embora esta fosse uma questão bastante quente na modernidade, não deixa ainda hoje de ser atual. A importância desta distinção, entre masculino e feminino, remete-nos não apenas para uma questão da Sociologia das classes ou dos géneros, mas sobretudo para o problema fundamental do desenvolvimento civilizacional: consoante as formas sociais da organização das civilizações, as sociedades estruturaram-se em função da maior ou menor força dos elementos subjetivos e objetivos, de ordem tendencialmente masculina ou feminina. Aliás, esta questão parece mesmo importunar Simmel, levando-o a uma chamada de atenção que nos parece de extrema importância: “Não seria uma casualidade que os povos românicos, aos quais desde sempre um instinto, difícil de objetivar, atribuiu um carácter feminino, sejam os verdadeiros povos teatrais” (Ibid.: 228).

Ora, no teatro da nossa atualidade, esta chamada de atenção leva-nos a uma reflexão sobre a realidade histórica das sociedades ocidentais: quer isto dizer que assim, e não fugindo muito às ideias de Gabriel Tarde (1992) ou de Deleuze (2000), as estruturas influenciadoras e influenciáveis, variam consoante as possibilidades de atualização das coisas, isto é, da passagem à sua objetivação. Temos por certo que as possibilidades de atualização (de tendências, formas, conteúdos e dinâmicas) diferiram historicamente. Na distinção entre expressões mais de ordem feminina e expressões mais de ordem masculina, o masculino consolidou melhor, na modernidade, os intentos objetivos e pragmáticos do desenvolvimento civilizacional (quer seja no campo político, como nos campos social e económico). Na modernidade, o Eros, tal como sugere Jung, expressou-se mais como força da ligação psíquica, e as relações de poder continuaram a seguir a via objetivista, portanto da ordem do Logos (masculino). Um bom exemplo disso é invocado por Simmel, quando este fala na

conquista de toda uma «estrutura diferencial» das sociedades (Simmel, 2004: 210). Essa estrutura, que até ao fim da modernidade favoreceu a predisposição psíquica masculina, fora mais diferenciadora e por isso mais hábil nas expressões que exigiam diferenciação. Por seu turno, a estrutura menos diferencial da psique feminina, explica porque é que na modernidade a mulher fez uma completa “rejeição da cultura especializada-objetiva” (Ibid.: 211).

Não obstante, hoje já não estamos tanto assim. É verdade que estas explicações mostram-nos a base, num sentido amplo, de onde partiu a sociedade atual, e como ela se metamorfoseou para chegar ao estado presente das coisas. As estruturas socializadoras, sobretudo a organização familiar, a escola, o trabalho e os meios de comunicação social, foram determinantes para a mudança civilizacional e para a emancipação da mulher, precisamente porque a partir dessa base a mulher foi capaz de construir uma resolução (individuação) que lhe permitiu adaptar-se de forma proveitosa ao mundo da cultura especializada-objetiva. São disso prova os excelentes resultados obtidos durante o século XX pela mulher, quer na escolarização quer no acesso ao emprego e à renovação dos estilos de vida. Por exemplo, na organização familiar, as mudanças foram muitas. Em Portugal, desde 1960, houve um aumento em cerca de um milhão no número de famílias, no entanto menos numerosas. A família tradicional, que incluía pelo menos três gerações, deu lugar à família «casal com filhos» (40% em 2009). Estas e outras alterações, como por exemplo a diminuição do número de filhos por casal, contribuíram para uma organização familiar diferente da do passado. A mulher passou a ser mais ativa no trabalho exterior e menos dona de casa, levando a uma maior distribuição das funções sociais e de poder (Rosa e Chitas, 2010: 88-90).

O trabalho foi um dos fatores que mais contribuiu para esta mudança. Como forte agente de socialização, acabou por introduzir mudanças significativas nas sociedades atuais, promovendo a mudança de paradigma civilizacional. Se é verdade que na modernidade a estrutura social subjacente colocou grandes dificuldades à psique feminina, dada a forte presença de uma cultura especializada-objetiva, a consequente necessidade de adaptação feminina a essa realidade veio, por seu turno, introduzir na sociedade uma maior fusão entre o Eros e o Logos, entre a cultura objetiva e subjetiva, entre o masculino e o feminino. Não só a mulher se adaptou perfeitamente à estrutura especializada-objetiva, como fez perpassar o arquétipo do Eros para a sociedade, levando à socialização e, sobretudo, à individuação cada vez mais crescente do seu espírito. Ainda sobre Portugal, os dados revelam uma extraordinária capacidade de adaptação da mulher no mundo especializado-objetivo. Em

1960, as mulheres portuguesas tinham uma participação abaixo dos 30% no mercado de trabalho. Em 2009, eram já cerca de 50% da força de trabalho. Embora ainda haja diferenças a favor dos homens nos ganhos médios mensais, a verdade é que são as mulheres que estão em maior número no sector terciário – comércio e serviços (Ibid.: 65-71).

Por seu turno, a escola, um outro poderoso agente social, é também hoje mais marcada pela presença da mulher. Podemos dizer que a grande revolução na educação, portuguesa e na generalidade ocidental, é feminina. Em 1960, 72% das mulheres portuguesas não tinham qualquer habilitação escolar. Em 2009, elas representavam já a maioria dos inscritos no ensino superior (53%), situação que se verifica já desde 1986. Mas não é tudo para demonstrar a força do Eros no ensino. Em 2008, as mulheres constituíam 87%, 72% e 70% dos docentes do 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo e secundário, respetivamente. Uma verdadeira maioria esmagadora (Ibid.: 33-34).

Vemos então, nestes três grandes agentes de socialização (família, escola e trabalho), a força atual do Eros. Por um lado, os processos de socialização baseados na lógica da cultura especializada-objetiva entraram pelas individuações femininas, alterando consideravelmente as suas predisposições psíquicas e criando arquétipos masculinos no seu imaginário; por outro, a propagação deu-se também em sentido contrário, pois se a individuação permitiu ao feminino a integração do social pressionante (objetivo), a socialização ficou também ela contaminada e permitiu ao masculino a integração do íntimo feminino.

Respondendo, agora, ao segundo fator de mudança histórica anteriormente apontado, ou seja o desgaste provocado pelas promessas tecnopolíticas de progresso continuamente invocadas pelo eco do projeto moderno como resolução dos problemas da humanidade, diríamos o seguinte: a educação objetivista, baseada na ideia de profissão assente no pressuposto de uma estrutura económico-financeira com matriz base na relação consumo/produção, bem como a ideia de saúde e bem-estar como vértices do «melhor-estar» (excesso da ideia de bem-estar), foram as grandes bandeiras das promessas tecnopolíticas, sobretudo do (neo)liberalismo dos diversos tipos de composições políticas – em Portugal, estas composições políticas alternaram entre PS, PSD e CDS. Por outras palavras, mais dinheiro e melhores condições de saúde iriam, juntas, oferecer essa tal atmosfera de felicidade extrema. Mas eis que um grande paradoxo se foi acentuando: há medida que vivemos mais, com mais informação disponível e com mais dinheiro e mais acesso a bens, maiores são os níveis de infelicidade. Curtis Eaton e Mukesh Eswaran, que

desde 2005 estudam a relação entre poder económico e felicidade, demonstraram que no aumento da produtividade, o consumo fútil tende a dominar a economia, o que faz com que a riqueza adicional desse aumento de produção produza aumentos na produção de bens não essenciais, como automóveis de luxo, joias, obras de arte e outros bens materiais. A este aumento, sucede uma diminuição na produção de bens gerais, públicos e comunitários, importantes para o capital social. A investigadora Ana Cordeiro Santos, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, lembra que é preciso alguma cautela nesta análise, até porque “Os estudos da felicidade são uma área recente e normalmente partem de avaliações subjetivas. Sabemos contudo que, à medida que o nível médio de riqueza aumenta, a desigualdade social pode também aumentar”²². Também em *A Felicidade Paradoxal*, Gilles Lipovetsky revela de forma contundente esta mesma ambiguidade, que se dá sobretudo através do hiperconsumo. Por um lado, o «consumidor-ator», informado e livre, vê o seu leque de opções alargar; por outro,

os modos de vida, os prazeres e os gostos mostram-se cada vez mais dependentes do sistema comercial. (...) O hiperconsumidor já não se encontra apenas ávido de bem-estar material, mas procura cada vez mais o conforto psíquico, a harmonia interior e o crescimento subjetivo. (Lipovetsky, 2007:10)

Para Lipovetsky (2007), todo este cenário, cada vez mais dependente do sistema comercial, leva a uma procura interminável pela sensação do melhor, do mais perfeito a todos os níveis, e tal busca, nunca satisfeita, desencadeia o vazio, a frustração e a desorientação.

Mas o desgaste da ideia de progresso assente na relação consumo/produção, como solução dos problemas da humanidade, não se esgota no ponto da felicidade. Também se situa ao nível da organização social e política. O excesso de disciplinaridade e de controlo forçado pelos Estados tende a gerar um conjunto de angústias incomensuráveis. Para além das inúmeras formas de controlo económico e fiscal, há também o controlo social feito pelos próprios aparelhos de Estado. A tecnologia, onde se incluem também os ecrãs, contribuiu e muito para uma exacerbação da disciplinariedade e do controlo. Vários são os exemplos que demonstram a tentativa de libertação face a esse controlo. Citamos uma dos casos mais badalados em 2011: os exemplos dos diversos casos de pirataria informática, a tentar revelar dados de instituições nacionais e internacionais. Mas o mesmo se pode dizer das sucessivas situações de corrupção política, que na corrente dos diversos tipos de *media*, criam uma atmosfera contraditória aos discursos democráticos. Os ideias de igualdade e de

²² Consultado em http://www.portais.ws/?page=art_det&ida=4697, no dia 03 de Junho de 2010.

liberdade ficam profundamente afetados quando a captura do ver e do olhar mostram, constantemente, contradições entre discurso e ação. Todos os dias, nos jornais ou nos vários tipos de ecrãs (cinema, TV e Internet), a massa pode vislumbrar ganchos, tachos e biscates inscritos em jogadas políticas que comprometem a base das promessas e dos ideais políticos – o recente «caso Relvas» em Portugal, é disso um bom exemplo. E até mesmo a própria ciência, que se pretende imparcial, não tem sido isenta nos ecos que lança para o exterior. Sobretudo no campo da evolução genética, mas também noutras áreas, as possibilidades conferidas para novas formas da organização humana (fecundação in-vitro, alteração de sexo, figura do ciborgue, o uso de animais como cobaias, etc.) construíram atmosferas sociais que não agradam, de todo, a uma maioria que concebe a existência de uma outra forma, sobretudo menos hierarquizada pelos intentos humanos.

Ora, acontece que tanto a feminização da cultura, como este crescente desgaste tecnopolítico, ganharam uma expressão planetária na cultura-mundo atual, sobretudo através do objeto técnico *ecrã*. É no ecrã que tudo ganha uma outra amplitude, pois os seus ecos são capturados, pela consciência e pelo inconsciente, em todos os lugares do mundo sujeitos à sua presença. Ninguém escapa à sua força. Se é verdade que o Ocidente fora erguido pela palavra, eis-nos hoje sobre um outro império: o das imagens, que tudo dividem, separam, ligam ou desligam. Desde o seu primeiro grande momento simbólico - *A Chegada do Comboio à Estação Ciotat* – até aos dias de hoje, o ecrã acompanhou de perto os movimentos sociais, culturais, científicos e políticos da humanidade. Podemos dizer que quase nada no planeta escapou ao escrutínio dos ecrãs. Até os locais mais recônditos do planeta (como por exemplo os polos Sul e Norte) já sentiram a sua presença; até mesmo na trindade da vida, isto é, no início, no meio e no fim: no nascimento (ecrã da ecografia), no sexo (ecrã que regista o sexo e o desejo – filmes, imagens, pornografia, etc.) e na morte (ecrãs a registar funerais).

Não obstante estes dois pontos anteriores, a emancipação da cultura feminina e o desgaste do projeto moderno, era mesmo a este ponto que queríamos chegar: a mudança imposta pelas diferentes formas de ver e olhar hoje o mundo, através da força imprimida pelos ecrãs. Estamos perante uma grande mudança de perceção, mais do que uma crise das imagens (de deus e dos arquétipos do projeto moderno). Hoje, há uma corrente de ecrãs que cria uma atmosfera global, dando preponderância ao sentido sobre-exposto no visual: tudo se vê mas também tudo se olha cada vez mais. A soma que resulta dessa corrente forma algo que não é bem concreto, e assim o nevoeiro da atmosfera fica pautado pelo difuso e pelo subjetivo. A atmosfera do subjetivo condensa a perceção, e orienta-a para a multiplicidade.

Uma menor ligação ao *grande religioso* é precisamente uma das mudanças de percepção motivada por essa atmosfera subjetiva, já que por este prisma a solução da vida não tem apenas uma via. Multiplicidade é assim o apanágio das imagens, essas que mostram as várias perspectivas da vida. Pois perante a imagem, “o pensamento passa por uma espécie de intuição em que há uma imagem que desenvolvo e traduzo numa série de relações possíveis”. (Gil, 2008, 176). Assim,

A experiência primeira é a da imagem intensiva. Antes da percepção se estabilizar, se fixar à distância e se impor, o mundo da primeira infância organiza-se em torno de vagas sensoriais num turbilhão, imprevisíveis. Antes da constância perceptiva, há as variações da imagem. Porque a sensação desabrocha em imagens, tal como a percepção: o bloco emotivo que as atravessa e as envolve mantém-nas ainda soldadas, indiferenciadas. (Gil, 1996: 23)

Importa por isso, quando falamos nos indivíduos (algo que é dividido por dentro, através dos sentidos), pensarmos nos sentidos, mesmo até nos sentidos pouco desenvolvidos, e na forma como eles são importantes para a construção de uma síntese singular nos indivíduos. Sabemos por exemplo que a forma como um cego percebe o mundo é diferente da forma como um surdo o vê. Precisamente pela diferença de sentidos usados e disponíveis. Todavia, ambos são dotados de imagens interiores e arcaicas (arquétipos), embora o surdo não as contemple com os ouvidos e o cego não as contemple com os olhos. E mesmo quando um sentido está diminuído e os outros até ficam, habitualmente, mais fortalecidos, isso não implica que não haja uma diferença substantiva. A variação da força dos sentidos vai construir sínteses completamente diferentes, já que os recursos são diferentes e as singularidades individuais ímpares. A diferença dos invisuais face aos visuais, na questão da percepção das coisas, só tende a ser mais esbatida quando existe recurso às imagens interiores, arcaicas ou imagéticas, como por exemplo nos sonhos ou nas fantasias. E é por isso que a imagem é fundamental no ser humano: ela está sempre a jorrar quantidades intensivas, coisas que arrancam pedaços ao pré-individual e que perpassam para o individual, mostrando a singularidade e subjetividade de cada um.

Precisamente por estes motivos é que as imagens, sejam capturadas pelos olhos da visão ou pelo «olho da mente»²³, influenciam o mundo, os povos e as diferentes culturas²⁴. Quando dizemos que a cultura de um povo resulta da síntese singular do objetivo e do

²³ Olho da mente no sentido em que a mente é dotada de uma percepção que ultrapassa aquela que é dada pelos sentidos. Sobre esta questão, ver *Esboços de uma Percepção Ciborgue. Ligações entre Jovens Portugueses e o Social-Networking Hi5* (Costa, 2009: 53-54).

²⁴ Foi neste sentido que Fernando Pessoa, em *O Infante*, formulou a famosa expressão: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (Pessoa, 1992: 109). O sentido aqui implícito está na ideia, também revelada por este pensador, que “o sonhador é que é o verdadeiro homem de ação.” A ideia de que o sonho comanda a vida é a ideia de sonho num sentido amplo, em sentidos tipo ‘sonho acordado’, ‘imagem pré-individual’, arquétipo, fantasia imagética, imagem da consciência, símbolos, etc. Ou seja, figuras que impulsionam o movimento e os fluxos, os impulsos e as motivações, os desejos e o social.

subjetivo, estamos a dizer que essas sínteses vão sofrer os efeitos complexos e imprevisíveis de toda uma ordem complexa de razões²⁵.

Creemos, por isso, que tem sido assim desde o início das ecranovisões que o Eros penetrou em força na expressão humana atual. Esta alteração pode ser vista hoje em múltiplas atmosferas sociais, como por exemplo nas redes sociais e na expressão estética capturada através dos ecrãs, mas sobretudo nas gerações mais impulsionadas pela cultura do ecrã – aquelas que a seguir vamos descrever.

2. Ecrãs de gerações e gerações de ecrãs

Quando falamos na cultura das gerações, é importante considerarmos dois conceitos: o conceito de cultura e o de geração. Se, tal como vimos, a cultura é uma síntese singular dos espíritos objetivo e subjetivo sintetizadas, isso significa que essa síntese ocorre algures numa contingência temporal e espacial. As dimensões espaço-temporais são fundamentais para a localização de determinada cultura, já que os espíritos objetivo e subjetivo dependem da relação entre ser, tempo e espaço. De um modo relacional não muito diferente, o conceito de geração, esboçado por William Strauss e Neil Howe (1992: 80-103), compreende também um grupo composto por pessoas cuja localização comum histórica confere uma espécie de personalidade coletiva mais ou menos estabilizada num certo período de tempo. Para estes autores, a duração de uma geração é equivalente ao tempo de uma fase da vida, sucedendo-se mais ou menos de vinte em vinte anos. Ou seja, em vinte anos surge uma nova geração sob o espírito de um novo arquétipo base. Assim, para estes autores, as gerações sucedem-se e acumulam-se em intervalos de vinte anos e completam um ciclo, depois de passarem por quatro arquétipos geracionais: profeta, nómada, herói e artista. Este ciclo de gerações

²⁵A descodificação das imagens, a transferência destas para pensamentos, sentimentos ou ações, é o grande mistério da expressão humana. Para Fernando Pessoa, é a captura da experiência imagética, experiência ontologicamente estética, que permite a ação humana. Isto leva-nos, em grande parte, à relação entre informação e comunicação. Antes da comunicação no sentido de diálogo entre coisas, há a experiência nua que vai desde a experiência estética das imagens, sejam sonhos, memórias ou vivências perceptíveis ou imperceptíveis, à ação baseada em partes programadas e não programadas que discorrem da mescla entre imagens e outras significações. É assim que se percebe a importância do pré-individual no indivíduo, bem como do inconsciente e das produções conscientes. Ambas as partes interferem no olho da mente, na janela do mundo, sendo as variações das tais capturas grandes responsáveis pelo nascimento da coisa, seja individual ou social, obra de arte ou de ação. É por aqui, sem dúvida, que reside a micro-diferença que cada singularidade pode exprimir. No jogo dinâmico entre pré-individual, consciente e inconsciente, há múltiplos fluxos que se interpenetram e constituem toda a metafenomenologia do ser, sendo assim que as imagens detêm um poder grande na formação da cultura. Cultura é parte da vida, sendo que essa está sempre ligada à consciência. Como sugere Damásio (1999: 53), “vida e consciência estão indelevelmente entrelaçadas” uma vez que a vida necessita de evitar “toda a espécie de situações que ameaçam a integridade de seres vivo” (Ibid.: 53). De facto, a cultura como síntese é uma espécie de atividade consciente mas que sofre um certo impedimento, pois é acompanhada por uma qualquer “produção de qualquer tipo de imagem: visual, auditiva, táctil ou visceral no interior dos nossos organismos vivos” (Ibidem: 53-54). Na maioria das vezes essas imagens são mentalmente autoconstruídas invadindo a consciência, e depois a cultura. Pois quanto menos desenvolvido o conhecimento e menos processamento racional, maior a capacidade de conceção de imagens. Nessa altura são as imagens a dar vida ao mundo forjando uma realidade gerada a partir do interior do indivíduo cujas cores, em geral, são sempre desagradáveis. Por exemplo, no século XVI, as necessidades dos portugueses levou-os a enfrentar o desconhecido. Convocando a coragem, os navegadores lançaram-se ao mar possuídos pela angústia e a certeza da existência de uma figura disforme, louca, malévola.

completa-se entre oitenta a noventa anos, recomeçando a partir dessa altura um novo ciclo de gerações com base na mesma ordem de arquétipos.

De acordo com esta tipologia geracional de William Strauss e Neil Howe (1992), e segundo a nossa análise, desde o primeiro ecrã atualizado (1886 – irmãos Lumière) até hoje passaram cerca de 126 anos, ou seja, sete gerações: nómada (1881-1901), Herói (1902-1922), Artista (1923-1942), Profeta (1943-1961), Nómada (1961-1981), Herói (1982-2004), Artista (2005-?). E é curioso reparar que aconteceram na geração Artista (1923-1942) os grandes avanços tecnológicos para a verdadeira inscrição do ecrã, na altura o ecrã de televisão: vale a pena destacar o Thaumatrópio (inventado entre 1820 e 1825 por William Fitton), o Fenacistoscópio (inventado em 1829 por Joseph-Antoine Ferdinand Plateau), o Zootropo (em 1834 por Will George Horner) e o Praxinoscópio (em 1877 por Emily Reynaud). Para culminar todos estes avanços, elementos da geração Artista, da Edison Laboratories, possibilitaram o Cinetógrafo e o cinetoscópio (destacam-se aqui Thomas Edison e William K. L. Dickson).

Mas foram precisamente os membros da geração seguinte, a geração Profeta (1861-1881), que deram corpo ao ecrã-cinema (Ex: Irmãos Lumière). Sempre marcadas pelo idealismo e pela força de uma nova visão de sociedade assente em novos valores, de acordo com William Strauss e Neil Howe (1997), as gerações profetas sempre tiveram a tendência para assumir papéis dominantes e visionários na sociedade, pois nasceram depois das crises e floresceram com a ideia de que é tempo de rejuvenescimento e de nova ordem social. São os responsáveis pelo novo despertar social, e concentraram-se nas morais e nos princípios da vida. (Strauss e Howe 1997: 84). Os filmes de propaganda antinazismo ou pró-comunismo foram bons exemplos da força idealista da geração que deu grande fôlego ao cinema. O cinema foi, sobretudo a partir dos anos 40 do século XX, lugar de ecos patriotas e de ressonâncias que mostravam a força de uma nova visão de sociedade misturada com as forças da sobrevivência e da honra.

Mas eis que na década de 50 do século XX, o ecrã-cinema sofre um revés. Por esta altura, a força do ecrã-tv começou a perturbar o cinema. Nascida a partir de invenções de membros da geração com mais propensão para a tecnologia²⁶, a televisão vai progressivamente ganhar o seu espaço no interior das casas, e a partir de 1954, já a cores, começa a massificar-se no ambiente doméstico, gerando uma crise no cinema. Isto obrigou o cinema a modificar-se, e eis que uma nova geração de produtores de filmes entra em força e emana outros ecos e possibilita outras ressonâncias. A década de 60, já sob a atmosfera da

²⁶ Membros da geração Herói de 1901-1921, sendo de destacar a invenção de Vladimir Zworykin em 1923 - tubo iconoscópio para câmaras de televisão.

geração Nómada (1961- 1981), desperta o mundo do cinema para o mundo do amor e da paz, da liberdade em todos os sentidos (paixão, honra, sobrevivência). Os filmes "*Mary Poppins*" (1964), "*My Fair Lady*" (1964) e "*Musica no coração*" (1965) estão entre os filmes mais rentáveis da década. Havia por esta altura uma procura pela satisfação interior cada vez maior, dos quais os movimentos Flower Power foram um dos maiores expoentes desse desejo.

Todos estes e muitos outros desenvolvimentos do ecrã foram atravessados por várias gerações, que constituíram atmosferas diferentes e bases para novas e diferentes configurações. Estes momentos provam, de certo modo, a importância da fórmula de Deleuze sobre a sequência de ordens do mundo: diferenciação, individuação, dramatização e diferenciação (Deleuze, 2000: 404). Vemos assim que os arquétipos base das gerações, os tais quatro arquétipos que se vão sucedendo (profeta, nómada herói e artista), estão sujeitos às sequências primárias do desenvolvimento individual e coletivo descrito por Deleuze. Vamos por partes.

As gerações sob o *arquétipo do profeta* são normalmente dominantes, nasceram depois das crises e floresceram com a ideia de que é tempo de rejuvenescimento e de nova ordem social. São os responsáveis pelo novo despertar social, e tendem a estar atentos às morais e aos princípios da vida. Serão gerações fortes na liderança, e as suas principais atenções voltam-se normalmente para uma outra visão de sociedade, para os valores e para as religiões (Strauss & Howe 1997: 84). Um bom exemplo disto é a geração Baby Boomers (1943–1960). Sob o arquétipo do profeta, e sob as forças do idealismo, esta geração transformou o mundo, abandonando o que havia ficado dos destroços das grandes guerras.

Já a geração seguinte, sob o *arquétipo do nómada*, é tendencialmente uma geração diferente, mais recessiva até porque nasceu durante o despertar social. No passado, o idealismo social inscrito pelos dominantes (das gerações profeta) protegeu excessivamente esta geração, tornando-a mais passiva e mais alienada. Ao contrário do idealismo da geração anterior, esta geração, do ponto de vista global, esteve mais voltada para contribuir no sentido de uma maior liberdade, sobrevivência e honra (Strauss & Howe 1997: 96).

Esta teoria das gerações de Strauss e Howe (1992, 1997), que nos permite somar também à mesma linha de análise as gerações sob o arquétipo do Herói²⁷ e sob o arquétipo

²⁷ As gerações sob o *arquétipo do Herói* são dominantes, nasceram depois do despertar e precisamente durante o pragmatismo individual dos seus pais, o tempo do deixar andar e do deixar-ir. Estes nasceram sobre um crescente protecionismo por parte dos progenitores, e com o passar da idade tornam-se jovens otimistas durante as crises, enérgicos, e na meia idade serão bastante autoconfiantes. Estas gerações do herói tendem a ser recordadas através dos seus triunfos militares na idade jovem e nas conquistas políticas quando líderes. Para a sociedade, o seu grande contributo baseia-se nos princípios comunitários, na sua grande apetência para enriquecer e propensos para as questões tecnológicas (ibid.: 96-97). Exemplo: geração Millenials ou Y (1982–2004). Esta geração faz parte do terceiro turno, denominado de Untraveling - Pós-despertar. Tempo em que as Instituições são fracas e estão sem confiança, e o individualismo é forte e florescente. Depois do despertar, a sociedade atomiza-se e diverte-se (Strauss & Howe, 1997: 102-103).

do artista²⁸ (Strauss & Howe 1997: 96-103), embora parecendo demasiado profética, encerra nela uma curiosa relação: sublinha, de uma forma bastante contundente, a fórmula de Deleuze (2000: 404), permitindo a sua leitura também a um nível sociológico: 1) *Diferenciação*: na medida em que a diferença de intensidade que existe nas diferentes gerações exprime “primeiramente relações diferenciais como uma matéria virtual a ser atualizada” (Ibidem). Isto é, a mudança de geração sofre de outras forças – a força inscrita por exemplo nas gerações cinema foram de outras ordens em relação com as forças das gerações televisão; 2) *Individuação*: com forças diferentes nascem individuações diferentes. Na terminologia de McLuhan (2007), meios diferentes exigem diferentes tipos de aquecimentos de sentidos, o que por si só gera individuações diferentes. 3) *Dramatização*: “É sempre a individuação que comanda a atualização” das dinâmicas espaço-temporais. Ou seja, essa mesma individuação diferente inicia diferentes expressões humanas; 4) *Diferenciação*: à dramatização das coisas correspondem específicas diferenciações e diferenciações orgânicas (Deleuze, 2000: 404) – a alteração dos sentidos perceptivos, introduzidos com o ecrã, colocou o ver e o olhar num patamar histórico nunca antes atingido e a produzir diferentes ecos e diferentes ressonâncias no mundo e sobre o mundo.

Ora, vimos então que com os ecrãs de massa (cinema e televisão), foram óbvias as mudanças. A partir da teoria das gerações é possível perceber como os diferentes grupos e forças geracionais impuseram os traços do seu arquétipo de uma forma mais ou menos poderosa. A oposição de arquétipos entre gerações dominantes (profeta e herói) e entre gerações recessivas (Nómada e artista) aconteceu nestes *mass-media* com um sentido de fora para dentro, através de uma verticalidade imposta pela hegemonia dos centros de decisão e de poder.

Porém, e é aqui que queremos chegar, com o computador, e com os seus ecrãs de consumo horizontal e individualizado (computador, videojogos, Internet, telemóveis, tablets, etc.), portanto os *self-media*, as forças maiores dos fluxos mudaram de sentido, e por isso o confronto de arquétipos já não se está a dar tanto de fora para dentro mas sim de igual para

²⁸ As gerações sob o *arquétipo do Artista* são recessivas, nasceram durante as crises, durante tempos de grandes perigos sociais e políticos, e onde a ética pessoal fora sacrificada. Excessivamente protegidos pelos progenitores preocupados com as crises, à medida que aumentam na idade socializam-se e conformam-se na adolescência e no tempo de jovens adultos com o mundo da pós-crise, ignorando os líderes durante o processo de despertar social, entrando nessa mesma depois dessa era. Esta geração do artista tende a ser lembrada pela serenidade até se tornarem adultos, pela flexibilidade na sua meia idade, e geradores de liderança baseada num certo consenso construtivo. As suas grandes contribuições sociais são normalmente na área do conhecimento específico (o especialista) e a da criação de estados de direito (ibid.: 96). Exemplo: Geração Z ou Homeland (2005-?), que faz parte do 4º turno, denominado «turno da crise». Destruir para reconstruir melhor e mais forte, eis o resultado. A autoridade cívica revitaliza-se, a expressão cultural volta-se para o objetivo comunitário, e as pessoas começam a identificar-se com grupos grandes. Momento de (re)fundação social e (re)fundação identitária. GEN. Z ou Homeland (ex.: crise de 1929). (Ibid.: 103-104).

igual, de um para um ou de um para outros – está mais no sentido de dentro para fora. Isto não quer dizer que as oposições entre forças arquetípicas deixe de existir; pelo contrário, continuarão sempre em confronto gerações diferentes e pares (gerações dominantes contra gerações dominantes e gerações recessivas contra gerações recessivas). A diferença é que como as forças se misturam sem tempo e sem espaço no mundo dos ecrãs-self e do ciber mundo desterritorializado, só resta a quem as captura aprendê-las cada vez mais pela via da subjetividade e da singularidade. Como a intensificação da estimulação nervosa aumenta, sobretudo a do ver e do olhar, aumentam também as quantidades intensivas que fazem nascer com intervalos menores novas individuações, novas dramatizações e novas diferenciações. O problema da compressão do tempo e do espaço promovido pelo «intervalo de luz» de que falava Virilio (2000), existe precisamente aqui: as ordens do mundo sucedem-se muito mais rapidamente do que no passado, reconfigurando e alargando sistematicamente as culturas, e o ritmo de mudança geracional pode mesmo resultar em algo parecido com um *ritmo-mundo*. Essa velocidade com e através dos ecrãs, dobra-se no ver e no olhar, e é assim que as ecranovisões contingenciais, enquanto forças, constituem um dos fatores de maior e de mais rápida mudança social nas gerações.

Mcluhan já se tinha apercebido, ainda que subliminarmente, desta aceleração em *Laws of Media* (1988). E as suas leis dos media estavam também muito próximas das leis da vida de Gilles Deleuze (2000). A sua primeira lei, o *crescimento*, é muito semelhante à primeira ordem de Deleuze, *diferenciação*. Isto é, a lei do crescimento explica que à medida que se intensifica uma situação, essa tende a alargar os ou um sentido - tal como as diferentes intensidades geram diferentes dinâmicas (Perniola, 1998: 81). A segunda lei de Mcluhan, aponta para a *obsolescência*, mostrando que nos media uma situação passada é tornada impotente através da sua remoção (Ibid.: 80-81). Isto acontece dadas as forças diferentes de individuação que estão em jogo, que tendem a ser diferentes das forças anteriores e que levam à remoção do passado. A terceira lei, *recuperação*, mostra dramatizações que antes estavam obsoletas a serem recuperadas pela imitação renovada das ações. Toda a dramatização imita de certa forma, e é a imitação que traz o passado à superfície. E a quarta lei, a *inversão*, estabelece as diferenciações específicas e orgânicas na medida em que o movimento de inversão cria novas configurações e/ou novas estimulações nervosas com semelhantes e opostas características às do ponto de partida (Ibidem.: 80).

Eis-nos portanto a ler o atual de um modo muito próximo: quatro etapas (Deleuze e Mcluhan) para explicar a ordem das coisas, que segundo Strauss e Howe (1992) se sucedem

social, histórica e culturalmente em quatro fases (crise, pós-crise, renascer, pós-renascer), através de quatro forças arquetípicas que se confrontam.

Importa agora reter os principais traços de personalidade coletiva dos quatro tipos de gerações enunciadas por Strauss e Howe, sobretudo as mais próximas historicamente:

1) Geração profeta (nascidos entre 1943 e 1960) – a geração profeta mais próxima historicamente fora a geração Baby Boomer, ou filhos da guerra se quisermos fazer uma tradução para português. Para Strauss e Howe (1992), a importância do papel social que tem hoje a conceção de juventude tem origem na geração daqueles que nasceram depois da II guerra mundial, por volta dos anos 40 e 50 do século XX. Inseguros e impacientes, dominantes, visionários e idealistas à procura de valores adequados, estes Baby Boomer causaram grandes mudanças sociais. Eles foram a primeira geração a conquistar o direito de ser jovem inventando o que ficou conhecido como o estilo de vida jovem. Digamos que em Portugal estes foram os grandes responsáveis pela mudança de regime político e pela aniquilação do estado de Salazar. Foram eles que conquistaram uma certa liberdade social perante a autoridade do chefe português, liberdade de pensar, falar e agir. Mas foi apenas uma certa liberdade, pois tal como todos os membros das gerações profetas descritos por Strauss e Howe (1997: 84), a conformidade social é sempre um traço mantido, e ainda que o estado autoritário português fosse por estes tomado, as forças da conformidade impuseram-se (revolução pacífica, sem inscrição social para José Gil (2008)). Mas é verdade que em Portugal estes tomaram conta dos centros académicos, dos grandes festivais, das ruas. Por causa disso, foram apelidados de juventude libertária. Pareciam famintos à procura de uma nova identidade, fazendo com que a ideologia de ‘Paz e Amor’, do sexo livre e do Flower Power passasse para a geração seguinte (geração nómada).

2) Geração Nómada (nascidos entre 1961 e 1980) - a geração Nómada mais próxima historicamente é a chamada geração X ou geração 13. Esta geração aproveitou os direitos conquistados pelos Baby Boomer para viver de uma forma diferente, sobretudo à procura do prazer e do “Eterno instante”. Alienados e passivos politicamente, inconformados mas tendencialmente reativos, estão a levar o mundo a novas mudanças e fizeram-no despertar para uma nova atitude ecológica. Donos das suas individualidades, bastante estereotipados na pertença a grupos, foram influenciados pelo grande avanço dos mecanismos de marketing e de publicidade. É uma geração extremamente competitiva graças ao ensino baseado na lógica “o vencedor leva tudo” (Strauss & Howe, 1997: 96).

3) Geração Herói (nascidos entre 1981 e 2004) - a geração Herói mais próxima historicamente é a chamada geração Millenials ou geração Y (Strauss e Howe, 2007). Esta

geração é caracterizada pelo seu forte individualismo, geração atomizada e apelidada de civil. São também pertencentes ao ciclo de dominantes, pois nasceram depois do estado de despertar. Normalmente indiferentes sobre os assuntos coletivos mas no entanto otimistas na altura de crise, é uma geração interessada no sucesso pessoal e na diversão subjetiva, demonstra um certo desejo de ligação comunitária (ibid.: 96-97). Não é por acaso que são conhecidos como a primeira juventude global, pois através das redes sociais tem a chave de casa, do quarto mas também a janela para o mundo global. Fortemente impulsionadas pela individualização da lógica da Internet, as suas identidades transcendem o lugar de onde são graças a uma tal de cultura-mundo. O consumo globalizado promove conexões estéticas e comportamentais com outros jovens de outros lugares do mundo. A Internet está a permitir que o conteúdo pessoal ganhe dimensões ecranoesféricas, onde tudo pode ser remixado.

4) Geração Artista (nascidos entre 2005 e ?) - Não podemos ainda descrever a geração Artista atual (2005-?), uma vez que é uma geração que começou recentemente e ainda não atingiu a idade para consumir expressão social. Por isso, importa focar a atenção na geração Millenials portuguesa (1981-2004), descrevendo-a sucintamente, até porque é esta geração que está a fazer emergir um conjunto de novas dinâmicas.

A geração Millenials (1981-2004), que vamos analisar na terceira parte, e comparar com a geração X, é, para já, daquelas que têm expressão, a geração mais ecrânica já que nasceu e cresceu rodeada de tecnologias. No caso português, apenas uma minoria muito pequena (2,5%) não tem computador em casa. A maioria (56,8%) têm um computador em casa, mas há uma percentagem significativa de jovens (40%) que têm dois computadores ou mais em casa. Há uma percentagem ligeiramente superior de inquiridos mais novos (4,2%) sem computador em casa, mas curiosamente é entre os mais novos que se verifica uma maior percentagem de inquiridos com dois computadores ou mais em casa (49,2%) (Lapa E Espanha, 2007: 39). A grande maioria dos jovens (87,3%) tem ligação à internet em casa e é portanto um público que está a socializar na internet e nas possibilidades que a rede oferece. Observa-se que é entre os mais jovens que há uma maior percentagem daqueles com internet em casa (94,2%) (Ibid.: 40).

Tabela 1. Resumo das gerações mais recentes, de acordo com a teoria das gerações de Strauss e Howe (1997)

Gerações	Silent G. (1924-1942)	Baby Boomers (1943-1960)	Geração X (1961-1980)	Millenials (1981-2004)	Geração Z (2005)
idade atual	88-70 anos	69 – 52 anos	51 – 32 anos	31-8 anos	para já, entre os 0 e os 7 anos
Ecrãs	ecrã-cinema	ecrã-cinema e TV	Ecrã-cinema e TV	Cinema, TV e PC	Multiplicidade de ecrãs
Forças ecrânicas	cin. de massas	cin. de massas e TV inicial	(-) cinema e (+) TV	TV, PC, jogos, tlm	Cin, Tv, Pc, jogos, smartphones, tablets
Atributos	arquétipo do Artista	arquétipo do profeta	arquétipo do Nómada	arquétipo do Herói	arquétipo do Artista
	Recessivos	dominantes	recessivos	Dominantes	recessivos
	Serenos	nova ordem	passivos	mt protegidos pelos pais	serenos
	líderes de consenso	liderança forte	alienados	princípios comunitários	Líderes de consenso
	especialistas	visão de sociedade	liberdade e paz	propensos à tecnologia	especialistas
	Crise	Pós-Crise	Despertar Social	Pós-despertar	Crise

Na ótica de Moisés Martins (2011), há três grandes constrangimentos que enquadram as práticas e as dinâmicas sociais destas gerações mais tecnológicas e ecrânicas, onde se inclui a geração Millenials, constrangimentos esses que contribuem para aquilo que ele designa *Crise no Castelo da Cultura*: 1) a «*ordem sensológica*», de que fala Mário Perniola (2004), ganhou terreno à «*ordem ideológica*». Martins salienta a importância das sensações e das emoções na experiência quotidiana, onde pele, sedução, desejo e emoção constituem o traço mais grosso da cultura atual, sobretudo da cultura-ecrã (Martins, 2011: 64-65); 2) vivemos numa lógica de sociedade de «*meios sem fins*», que segundo Giorgio Agamben resulta do afundamento das verdades tradicionais e da quebra da confiança histórica da palavra. Isso originou, segundo Martins, um movimento das palavras para as imagens, da eternidade para o presenteísmo, da teleologia para o eterno instante, do excesso de conhecimento à incapacidade para intervir com ele, enfim, do sonho como guia (estrelas) para as imagens como tom atmosférico (ecrãs) (Ibid.: 65); 3) Vivemos sobre o efeito da «*mobilidade infinita*» (Sloterdijk), na medida em que o humano é hoje acelerado, investido e mobilizado pela tecnologia para se inserir num mundo global. Tal mobilização infinita colocará “o humano numa crise permanente” (Ibidem: 66). Portanto, para Moisés Martins, a conjugação destas regras que regem as práticas e as dinâmicas atuais, das quais contribuem largamente os objetos técnicos e seus avanços, e também a ideia de mercado global, sintetizam as razões para a «*crise da cultura*», pois colocam o humano, a sua história e as narrativas em crise permanente, empobrecendo assim a experiência (Ibidem: 66-67). Este autor vai até mais longe, nesta análise aos constrangimentos, tipificando cinco grandes

perigos resultantes dessas práticas e dinâmicas sociais: 1) *As respostas estéticas*, pois tendem a ser “demissionárias e conformistas diante da crise, pelo que constituem uma atonia. São modos de nos comprazermos no meio dos destroços, modos de nos gastarmos em delíquio, de nos consumirmos gozosamente, enquanto a enxurrada nos arrasta rio abaixo” (Ibid.: 210); 2) *Respostas éticas* que nos “propõem um caminho normativo, no sentido da lógica do dever ser; com as suas leis, códigos e constituições, apenas administram o existente e o normalizam” (Ibidem); 3) *Respostas tecnocráticas*, porque nos emudece o universalismo da logotécnica. Para o autor “o imperialismo tecnológico é hoje acompanhado por um efeito de estetização. Ao fundir a técnica com a estética, a resposta racionalista reorganiza a nossa experiência em termos sensitivos e emocionais” (Ibid.: 211); 4) *Respostas formalistas* porque apenas produzem controlo, “com a política reduzida à unidade de soberania (ao Estado) e à forma da lei” (Ibidem); 5) e, por último, estes constrangimentos produzem o perigo das *respostas utópicas*, “respostas próprias de um qualquer gregarismo, que reduzem a política ao sublime e têm como efeito atolar-nos no terror” (Ibidem). Martins considera assim, que todos estes tipos de respostas são tudo más respostas, porque fazem uma espécie de invólucro à crise, invólucro que se escuda na ficção da reconstituição da unidade de nós mesmos, totalizando os nossos fragmentos e as nossas dispersões (Ibid.: 211-212).

Podemos somar a todo este cenário, o facto também negativo de que o excesso de estimulação visual nervosa está a fazer a geração Millenials sofrer de maiores níveis de stress e ansiedade crónica – há já clínicas de tratamento para a dependência do Facebook. Está-se a tornar cada vez mais necessário que os membros desta geração escolham os filtros certos, para organizar as suas experiências, tanto é o conteúdo e o número de pessoas nas suas vidas. O medo de se sentirem perdidos na multidão, faz com que usem uma linguagem hiperbólica para se expressarem (ex: vídeos de delírio em frente às câmaras de filmar; mensagens de pavor social, etc.)

Todavia, este é um cenário que, no nosso entender, apenas demonstra os constrangimentos desta geração. Embora concordemos com ele, queremos também acrescentar que existem gratificações e outras coisas positivas na cultura atual. Mais que não seja, um tipo diferente de ar para a enorme atmosfera que é o desenvolvimento civilizacional.

Importa pois lembrar, sendo de destacar, entre outros, Umberto Eco (1999), Pierre Levy (1998) ou Michel Maffesoli (2001), que é fundamental para equilibrar a análise sobre este cenário atual olharmos para a cultura dos ecrãs com uma perspetiva crítica mas um

pouco conciliatória. A este respeito, as proposições de Andrew Feenberg (2003) sobre uma teoria crítica são aqui relevantes. Para este autor, o pensamento tecnocientífico é atravessado por dois grandes eixos: um vertical, que ora coloca os objetos técnicos como neutros, ora os coloca carregado de valores; e um horizontal, que ora os coloca como autônomos (no sentido de se atualizarem sem decisão consciente humanamente), ora humanamente controláveis (Silva, 2005: 21-22). Assim, Feenberg propõe uma forma de analisar cientificamente a técnica a partir de uma teoria crítica que,

reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo substantivismo, mas ainda assim vê na tecnologia uma promessa para aumentar a liberdade. O problema não está na tecnologia como tal, mas em nosso fracasso até o momento em criar instituições apropriadas ao exercício do controle humano sobre ela. Poderíamos domesticar a tecnologia submetendo-a a um processo mais democrático em seu projeto e desenvolvimento. A Teoria Crítica compartilha características com o instrumentalismo e o substantivismo. Concorde com o instrumentalismo que a tecnologia é, em algum sentido, controlável, e concorda com o substantivismo que a tecnologia também é carregada de valores. (Feenberg, 2003: 8-9)

Relacionando esta teoria crítica com os constrangimentos apontados por Martins (2011), sobre as novas culturas e gerações tecnológicas, diríamos que nem sempre as respostas estéticas são más, pois se é verdade que muitas vezes são demissionárias e conformistas, é também verdade, tal como lembrou Simmel (1998b), em *Estética e Sociologia*, que aos sentidos estéticos simétricos se apresentam sempre sentidos estéticos assimétricos, gerando contra forças aos traços largos: aos traços demissionários, conformistas, etc. Bons exemplos disso são as inúmeras causas reativadas e dinamizadas por exemplo nas redes sociais digitais, como por exemplo as questões levantadas pela Wikileaks. Mas o mesmo pode ser dito em relação às respostas éticas, tecnocráticas, formalistas ou utópicas. Há sempre uma forma, e a essa forma ligam-se vários conteúdos, uns mais associados e outros menos associados, uns mais neutros outros mais instrumentalistas, uns mais deterministas e outros mais substancialistas. Umberto Eco refere a este propósito que devemos operar no mundo que temos; a vida deve ser pensada não adaptando o homem a determinadas condições, mas sim a partir das que existem; mesmo nos excessos comunicacionais devemos perceber as mensagens subliminares (Eco, 1999). Ou, como diria Bergson, “é o volante que faz girar a máquina” (Bergson, 2005: 34), sendo a esse volante somada uma força vital com que se deparam todas as coisas e todas as direções. A este propósito, recordamos até uma lenda japonesa antiga, sobre a famosa espada Samurai. Segundo reza essa lenda, e de forma muito resumida, o propósito dessa

espada, quando foi construída, não foi para matar, mas antes para salvar vidas. Podemos achar estranho o facto de alguém ter construído um instrumento de guerra com o princípio de salvar e não tirar vidas, mas não deixa de ser uma perspetiva interessante e parcialmente correta: afinal de contas, por detrás das vidas que são tiradas com a espada, estão outras vidas que por ela são salvas – os filhos dos guerreiros que sobrevivem, e os filhos das sociedades que passam a ser instauradas no pós-guerra, são também filhos da espada, salvos pela espada. O mesmo se pode afirmar sobre todo o tipo de objetos técnicos e sobre as suas diferentes capacidades transformadoras e dinamizadoras. Admitindo até que estes possam trazer uma certa «morte»²⁹ de uma certa cultura, tal facto trará nova vida, com nova forma, com mil exigências diferentes.

Também a este respeito, cremos que a teoria da sucessão de gerações (Strauss e Howe, 1997) acrescenta algo mais, na medida em que propõe uma certa ideia de progressividade civilizacional, porque é disso que se trata, como um jogo de forças que se contrapõem sequencialmente. Para esta teoria, ao arquétipo de profeta irá opor-se o arquétipo do herói, e ao arquétipo de nómada irá opor-se o arquétipo do artista. Juntos, os quatro formam uma ordem que não é necessariamente boa nem má, mas sim diferente. Isto é, a diferenciação aparece porque as condições (históricas, políticas, económicas, sociais, etc.) são diferentes; a individuação dessa diferença sofre de outras forças e por isso gera diferenças; a dramatização originada por essa individuação diferente é também diferente da anterior, ainda que haja um certa imitação; e, por último, todas essas diferenças constituem diferenças complexas (Deleuze, 2000).

Todas estas ordens constituem então estruturas diferentes para «molas» diferentes e de diferentes intensidades e complexidades. Diríamos, citando uma implacável descrição de Bergson (2005: 34), que para explicar a mudança social atual, importa revelar que se está a afirmar

uma força (...): extrato concentrado, quintessência dos mil hábitos especiais que contraímos de obedecer às mil exigências particulares da vida social. Uma força não é isto nem aquilo; e se falasse, quando prefere agir, diria: Tem que ser porque tem de ser.

Esta é a força presente nas transformações provocadas pelas tecnologias, das quais os ecrãs fazem parte. E é por estas razões que aceitamos as conclusões de Moisés Martins sobre a geração Millenials, embora estas se foquem apenas nos aspetos mais constrangedores – e por isso queremos acrescentar algo mais. Ou seja, consideramos que

²⁹ Preferimos o termo biologista 'mutação' do que morte, pois o que perdura não é completamente diferente e isento do que o antecede. Há sempre traços comuns na base, ainda que esteticamente pareça algo de completamente novo. O termo mutação permite-nos consolidar a ideia de base mais ou menos constante, embora toda a filigrana de evolução nos coloque perante toda uma outra dinâmica geral.

existem forças contraditórias que marcam as diferenças, as individualizações e as diferenciações, pois se

na modernidade o logos identifica-se com o estilo clássico das formas de pensamento, que são superfícies lisas (formas lógicas, de premissas claras que concluem o verdadeiro e o certo) (...), na pós-modernidade o logos é barroco. As formas são exuberantes e confusas, ambivalentes, rugosas, conformes à natureza de um ente híbrido. (Moisés, 2011: 211)

Consideramos também que na modernidade a ação (pathos) era dramática e supunha uma síntese redentora, pois o logos comandava a ação; já na pós-modernidade o pathos é trágico e múltiplo, onde a existência é convertida em “sensação, emoção e paixão” (Ibidem). Por outro lado, o ethos, nos tempos modernos, casava com as formas sublimes, apelando aos valores elevados, superiores, colocando-se ao serviço do absoluto de um dever-ser; já na pós-modernidade, o ethos é grotesco, já que

inverte a hierarquia de valores, rebaixa os valores tradicionais, fazendo equivaler todas as categorias; impõe o relativismo, ou seja, o «politeísmo de valores» (Weber), contra o dogmatismo do dever-ser. Diana de Gales, Madre Teresa, o Papa João Paulo II, Ayrton Sena, Fehér, Michael Jackson, equivalem-se e podem permutar-se. O ethos é governado pelo pathos (pela sensação, pela emoção e pela paixão). Ou seja, impõe-se a «ética da estética» (Maffesoli), o que quer dizer o tribalismo (que é um individualismo). O presente, ou seja, o quotidiano, é deste modo o lugar onde se decide o humano. Neste sentido, o instante é a eternidade realizada. (Ibid.: 190)

Porém, tal como dissemos anteriormente, a mutação cultural que esta geração Millenials exprime não está necessariamente apontada e orientada para gerar unicamente constrangimentos. O facto do logos desta ser barroco, exuberante, confuso, ambivalente e híbrido, não significa que não seja potencialmente enriquecedor e inovador; o facto do pathos ser essencialmente trágico e múltiplo, convertido em sensações, emoções e paixões, não o torna menos gratificante e capaz de permitir respostas desenvolvidas; o facto do ethos atual ser grotesco, portanto menos rico em valores superiores e em certa medida utópicos, rebaixando até os valores tradicionais e hierárquicos, não significa pobreza ou ausência de valores-base, mas sim diferença conceptual face ao passado. Pelo contrário, aquilo a que assistimos é mutação que altera o formato anterior e também o inverte, como se de um espelho mágico se tratasse. Faz exatamente aquilo a que Carl Jung (1964: 35-39) chamava de enantiodromias³⁰, neste caso não apenas psicológicas mas também sociais, que acabam

³⁰ Jung define a enantiodromia adaptando a ideia do jogo dos opostos da filosofia de Heraclito. No entanto, Jung dá-lhe um sentido de Self, isto é, de processo que emana do inconsciente. Jung refere que a enantiodromia ocorre “quase sempre que uma tendência unilateral extrema domina a vida consciente. Com o tempo, uma posição contrária igualmente poderosa é construída [...]” (Staude, 1981: 104). Cremos que a teoria das gerações de Strauss e Howe (1997) mostra, acima de tudo, enantiodromias em movimento histórico, isto é,

sempre por aparecer na vida. É precisamente isso que torna rica a humanidade, e importante a questão dos arquétipos e do inconsciente coletivo na análise às coisas.

Para além destes factos, importa também realçar outros atributos importantes desta geração. Quando se diz que a cultura pós-moderna, inscrita nos Millenials, rejeita o pensamento totalizante, as metanarrativas, os referenciais universais, as transcendências e essências da razão moderna para nelas colocar o tribalismo e o nomadismo, está-se a dizer apenas uma coisa: um outro tempo, um outro contexto, um outro conjunto de forças, nem mau nem bom: completamente diferente. Para Bauman (2004), há a dissipação da objetividade, logo o conhecimento que anteriormente era assente é hoje posto em causa. O que não é necessariamente mau: há uma (des)dogmatização da ciência (Santos, 1989), e por isso também da cultura – algo que acrescenta riqueza e postura crítica às caixas negras do passado. A par disto, geram-se outros efeitos: uma maior relatividade cultural, teórica e das ideias permite limitar a generalização; uma maior pluralidade e subjetividade permite libertar o self interno contido e mais normalizado anteriormente (Lévy, 1998); maiores quantidades de fluxos, fusões e estímulos conferem novas possibilidades e interpretações (Bauman, 2004); maiores possibilidade de conexão, ainda que os laços se possam tornar mais frágeis (De Singly, 2006). Ligar o que está ligado e desligar o que está desligado, eis o que a humanidade é: “o homem é de tal maneira um ser-fronteira, que não tem fronteira” (Simmel, 1998c: 76).

Por exemplo, no que respeita a conteúdos consultados na internet por esta geração, vemos que nestes há uma procura imensa por cultura – cultura desta época, é bom dizê-lo. Os mais populares são os conteúdos referentes a música (consultados por 76,1% dos jovens), seguidos por conteúdos que se ocupam dos jogos (consultados por 58,6% dos inquiridos). Mais de metade dos jovens inquiridos (51,2%) consultam ainda conteúdos sobre assuntos desportivos e 42,8% consulta informação sobre *software* e informática. Um pouco menos populares são os conteúdos noticiosos, educativos, culturais e referentes a entretenimento. Os inquiridos mais novos privilegiam conteúdos educativos e jogos. Entre os mais velhos verificam-se maiores percentagens de inquiridos que prestam atenção aos conteúdos sobre música, *software* e informática, entretenimento, noticiosos e culturais. Vemos até que há medida que a idade avança, os jovens tendem a consultar mais notícias e assuntos culturais (Lapa e Espanha, 2007: 48).

No entanto, nem sempre é fácil compreender as mensagens subliminares e concretas da geração Millenials, sobretudo porque cremos, como vamos tentar perceber na

passagem de uma ordem social para outra completamente oposta. Neste caso falamos de ordens sociais, ou de gerações que se sucedem e se antagonizam do ponto de vista arquétipo.

terceira parte, que desenvolveram formas não-lineares de pensar, de sentir e de agir sobre o mundo, individualizações que refletem exatamente dominante atual: a da Internet. Vemos por exemplo que para a geração Millennials é normal começar com uma coisa num ecrã, e acabar com outra totalmente diferente até num outro tipo de ecrã – começam com uma mensagem no ecrã-telemóvel e acabam no ecrã do computador a trocar informação ou a jogar videojogos, ou no ecrã cinema a passar o tempo.

Há, portanto, sempre coisas positivas no negativo e coisas positivas no negativo. Hoje, por exemplo, nestas jovens gerações, é habitual saber e ser várias coisas ao mesmo tempo. É muito diferente dos anos 80, onde os jovens dessa época tinham opiniões bem radicais sobre os assuntos, sobretudo sobre o poder dos grupos. Nessa altura, as divisões eram muito mais claras e radicais. Os amarelos estavam de um lado, os azuis do outro e os vermelhos do outro. Havia uma grande tendência para se ser ou uma coisa ou outra coisa. Bons exemplos disso eram as ligações dos jovens à música, à prestação por parte dos fãs que em grupo prestavam culto a uma banda (e não apenas a uma música, como hoje acontece). Neste aspeto, e em muitos outros semelhantes, as gerações depois dos anos 90 já não tiveram a mesma relação com essa forma de ligação grupal. Já não é tanto o hábito de se estar ligado e vinculado às tribos, pois os sistemas tecnológicos como a Internet ou os videojogos, entre outras coisas, alargaram as possibilidades de diversão. Por exemplo, música e futebol, no caso português, passaram a repartir preferências lúdicas com outras dimensões, sendo de destacar as várias atividades em frente a um ecrã (sobretudo Internet, chats, redes sociais e videojogos). Um outro bom exemplo é perceber que estas novas gerações já não prestam culto às bandas, uma vez que delas conhecem apenas fragmentos, músicas dispersas que circulam nas rádios ou por exemplo no Youtube. Poderíamos dizer que estamos perante uma tragédia, mas a verdade é que se trata, isso sim, de outra forma, não necessariamente trágica, mas diferente na forma de pensar, estar e sentir.

Sobretudo com a exposição mediática proporcionada pelos ecrãs, hoje as gerações já não desejam tanto neutralizar as diferenças através da ideia de normalidade e de grupo, mas sim expressar e representar essas mesmas diferenças, tornando-as dos próprios indivíduos como características ricas, singulares e potencializadoras. Vê-se isso nas exigências de mercado, onde as competências profissionais devem ser de ordem transversal e capazes de reunir muitos atributos ainda que haja uma especificação. Estamos pois a falar de uma geração ainda jovem, mas que já é a mais plural da história do mundo. É uma pluralidade que garante que os jovens possam, simultaneamente, reconhecerem-se, mesmo com as suas diferenças, pessoais e singulares. A sua nova e extensa rede social, sobretudo através das

redes ecrânicas, resultou num número maior, potencialmente mais rica, no entanto, é verdade, mais instável e efémera. Com a captura dos ecos que emanam das atmosferas do efémero e do instável, sobretudo nos ecrãs, todo o consciente e inconsciente fica marcado e nublado por esse espírito. A dimensão do trabalho é também aqui esclarecedora, pois os planos de carreira tradicionais e os antigos sistemas hierárquicos estão a perder força, dando lugar aos vínculos efémeros e instáveis. Mas também é por isso que os jovens mudaram face ao passado, precisamente para se prepararem para a navegação pós-moderna.

Uma outra característica da geração Millennials, importante de assinalar, é a sua capacidade de comutação. Cada vez mais esta geração une coisas que no passado estavam desligadas, e desune ligações outrora bem conectadas. Maffesoli já tinha reparado nesta característica, quando mostrou a ligação cada vez mais emergente entre trabalho e prazer (Maffesoli, 2001). Mas isso não acontece apenas pela busca de um estilo de vida hedonista, até porque os jovens Millennials são bastante pragmáticos e realistas. Os seus grandes ídolos não são apenas os ídolos ecrânicos, muito comuns na geração nómada, figuras totalmente idealizadas e divinizadas. São também pessoas comuns, que não por acaso estão também num outro tipo de ecrãs (ecrãs horizontais – telemóveis, portátil, Internet, etc.), algo que lhes confere um certo poder de sedução e que lhes mostra como podem ser realizados pequenos e possíveis sonhos não utópicos.

Estes Millennials desenham-se por isso como os novos rostos de uma nova economia, e quem sabe de um novo poder global (diríamos, ecrânico). Fortemente comandados pelas iniciativas independentes promovidas e possibilitadas pela internet, podem obter um impacto inimaginável nas próximas ordens do mundo através da sociação em rede. Essa espécie de pré-consciência comunitária, coletiva e mundial, pode realmente levar a um cenário futuro de novas e diferentes oportunidades. Não sendo simples mas capaz de nos colocar em sentido, sobretudo porque o que é novo sempre intimida, o *poder ecrânico* permite vislumbrar esse ‘qualquer coisa’ que aí vem de novo.

Não obstante a estas regularidades, importa salientar que é necessário ter cuidado com as análises unilaterais que se faz a partir de uma geração. As ilações sobre um indivíduo não podem, num plano individual, serem ofuscadas apenas por pertença a uma geração. Esta é apenas uma de muitas variáveis (tal como existem outras, como o género, o grupo social, a idade, o nível de escolaridade, etc.). (Simões e Gouveia, 2008: 1). Por isso é que diversos autores têm encontrado diferenças significativas entre grupos dentro da mesma geração (Strauss e Howe, 1997; Tapscott, 1998, Twenge, 2006, entre outros). Há semelhanças e há diferenças entre jovens que hoje têm 20 anos. Por exemplo, Simões e

Gouveia (2008: 2) reforçam, a partir de autores como Twenge (2006), que as novas gerações baixaram o nível de respeito pela autoridade dos professores, a atenção a regras de etiqueta na linguagem, aumentando o nível de comportamentos reprováveis, como por exemplo copiar nos exames. Segundo estes, isto contraria as conclusões de Strauss e Howe (1997), que afirmam que este grupo geracional tende a ser mais conformista e civicamente mais orientado. É no entanto consensual que as jovens gerações desenvolveram a capacidade de realizar diversas tarefas em simultâneo, e habituaram-se a esperar interações rápidas e eficazes através dos seus canais de comunicação (Simões e Gouveia, 2008: 4). Isto permite-nos acautelar um agrupamento de atributos das novas gerações (geração Millenials) mais ou menos consensuais entre os vários autores, enumerado por Tapscott (Simões e Gouveia, 2008: 4-5): conseguem realizar várias tarefas ao mesmo tempo; preferência para a construção ativa do conhecimento, gerando reduzida aptidão para ambientes instrutivos formais; baixa tolerância aos atrasos comunicacionais; muito à vontade com ambientes interativos, tornando-se atores e não espectadores, como acontecia na geração anterior com a televisão. É óbvio que, ainda assim, isto não acontece de forma extensiva em todos os elementos das novas gerações digitais. Há grupos desfavorecidos socialmente, que ainda não têm acesso a estas ferramentas de comunicação. Mas em geral, e de acordo com dados de 2005 da Frye Institute, presente em Simões e Gouveia (2008: 5), cada pessoa com cerca de 23 anos pertencente à geração digital terá: passado 10000 horas a jogar computador; visto televisão durante 20000 horas; usado o telemóvel durante milhares de horas; recebido 200000 mensagens de correio eletrónico. Tudo em frente a um ecrã. Em suma, importa salientar que estes Millenials ecrânicos são

particularmente suscetíveis a uma socialização entre várias realidades mediáticas, concorrentes ou complementares, e crescem entre uma multiplicidade de escolhas no que respeita às formas de comunicação, entretenimento e informação. Novas competências parecem estar a ser adquiridas intuitivamente pelos mais novos como a forma de explorar a interligação entre as várias realidades mediáticas e a forma de operar vários expedientes mediáticos simultaneamente. (Lapa e Espanha, 2007: 24)

Importa agora mostrar como é que, através das várias formas de sociação ecrânica, isto acontece, e quais os seus impactos não só para os processos de socialização como também para os processos de individuação. Eis uma pergunta que se volta a impor: o que é que está em jogo quando nos referimos às consequências sociológicas impostas pelas diferentes formas de sociação ecrânica?

3. Ideias e conceitos centrais: sociedade, ecrã, ecranovisões, poder ecrânico e sociações ecrânicas

3.1. Sociedade como o que está a ser, na contingência

Para estudar uma sociedade, pelo menos pela perspetiva da sociologia, é fundamental que o próprio conceito *sociedade* fique clarificado. Se a sociologia estuda os fenómenos que ocorrem na sociedade, então é necessário que se defina de forma precisa o que queremos dizer quando falamos de 'sociedade'. Porque, precisamente, o que interessa à Sociologia é o estudo da sociedade, sociedade de pessoas, de seres humanos, de indivíduos em interação recíproca, de formas de relacionamento; e não sociedades de átomos, ou de animais não racionais, ou de plantas, ou de bactérias, ou de leis matemáticas e físicas, ou de lógicas binárias de associação.

Assim, importa referir, primeiramente, o que a sociedade não é ou não tem, para depois a definirmos de forma mais precisa. E começamos mesmo por afirmar o seguinte: a sociedade, no sentido sociológico que lhe damos, não é. Ela está *a ser*. Se fosse no tempo do é, ela estaria acabada, rigorosamente definida, esculpida. Teria uma espécie de estrutura rígida, onde os seus movimentos, tal como nos corpos, seriam mais ou menos precisos, mais ou menos mecânicos, mais ou menos previsíveis. Se assim fosse, o movimento de A ditaria o movimento de B uniformemente, como se massa e velocidade fossem, nela, estáveis, e assim sucessivamente em todos os conjuntos em interação. Se a sociedade fosse assim, rígida, acabada, rigorosamente definida, os movimentos eram sucessivamente lineares, sequencial e plenamente estruturados. Neste sentido, quando dizemos que determinada sociedade é, talvez a intenção seja dizer que ela *está a ser*, na medida em que se efetiva no tempo presente. É uma confusão comum referir-se ao que está a ser como aquilo que é. Como se o que é fosse sempre aquilo que se atualiza apenas no agora. Temos, para nós, que não é assim. Primeiro porque o que é está cheio de passado. E como tal, a sociedade também está a ser passado. Está a ser passado inscrito e renovado pelo presente. Repousa no seu presente o acontecido (Heidegger, 1992). E, em segundo lugar, o que se atualiza não é necessariamente durável para se constituir em coisa que é. Confunde-se portanto a expressão da coisa que foi e que agora se atualiza com a coisa que é. Por exemplo, um objeto pode ser considerado uma coisa que é. É durável e estável na essência, na quantidade, na qualidade, no material. Já uma pessoa pode apenas ser considerado uma coisa que é enquanto matéria. Pelo contrário, natureza essencial, quantidades, qualidades, são sempre coisas que estão a ser. Por exemplo, conceitos como identidade, ideologia, valores, ideias, são coisas que se atualizam no presente mediante o que delas brotou do

passado, e não coisas que são, hoje, de forma rígida – estão, portanto, a ser. A identidade não é. Está a ser. Os valores não são. Estão antes a ser. Todos estes conceitos são apenas maneiras de dizer o que está sendo num conjunto contingencial de indivíduos de uma sociedade, e não o que é. Para serem como coisa que é, teriam que se unificar de forma estável, durável e imutável. E isso nunca acontece completamente. Dizemos então que um indivíduo é, mas na realidade deveríamos dizer que *ele está a ser*. Ora, se dizemos isto de um indivíduo, que dizer de uma sociedade, que é constituída por indivíduos em permanente interação e transmissão? Trata-se então de algo em permanente movimento, em permanente fluxo de interações, em permanente construção ou renovação de formas de estar, pensar e ser. Não se age, em sociedade, dentro de um agir estabilizado. Está-se *agindo*. Não se pensa de forma estável. Está-se *pensando*. Não se é de forma estável. Está-se *sendo*. Mesmo nas mais rígidas tarefas, a ação não é igual; mesmo nos mais rígidos pensamentos, há variações e (re)combinações diferentes; mesmo nas mais estáveis personalidades, há variações extremas de humor.

Portanto, quando dizemos que existe ação social, identidade social ou consciência coletiva, é bom que não esqueçamos que estamos perante formas de dizer, de referir contingências sociais ou coletivas. Na realidade, deveríamos dizer que existe uma ação, uma identidade ou uma consciência *contingenciais*. Ou então, *ação contingente*, que pode ser dentro de uma determinada forma contingente; *identidade contingente*, dentro de uma estrutura social contingente; e *consciência contingente coletiva*, dentro de um determinado período de tempo. Resumindo, deveremos ter sempre presente que falamos de contingências coletivas.

Então, a sociedade não é. Ela *está a ser*. Portanto, aquilo que a sociologia vai estudar é aquilo que está a ser atualmente, em atualização, em função daquilo que foi. E pode, eventualmente, sugerir algumas indicações para aquilo que pode vir a ser, já que está sendo algo em direção a outro algo. Quais são então, dentro da sociedade que está a ser, os seus processos fundamentais? O que é que faz com que a sociedade esteja sendo?

3.2. Sociedade: contingência em diferimitação, sociação e exprenovação

Duas grandes forças interagem decisivamente, através dos indivíduos, na sociedade: desejo e coletivo. Através do desejo, há um continuum determinante: ter e não desejar, e desejar o que se não tem. Este continuum exprime-se, na contingência, através de duas grandes potências: impulsos sexuais e sede de dominação/poder. E através do coletivo, há um outro movimento oscilante fundamental: estabelecer, entre presente e passado, entre grupos e

classes, entre objetos e tradições, entre conhecimentos e crenças, entre interesses e motivações, ligação com o desligado e desligação com o ligado. Daqui libertam-se mais duas grandes potências: as necessidades, na contingência, de aprovação social, e todo um lastro deixado pelas crenças, hábitos e tradições. Ora, estas duas grandes forças (desejo e social), através destas quatro potências (impulsos sexuais, sede de poder, necessidades de aprovação social e crença, hábitos e tradições), interagem de forma espiralar com a sociedade. Tal como numa espiral, o centro é comum dentro do vórtice, mas a intensidade, o nível, a direção e a velocidade são sempre variáveis. Tal como os tornados na natureza, essas quatro forças desfilam nas sociedades sem cessar.

Porém, porque os humanos são seres mediadores, estabilizadores e organizadores de forças, estes movimentos são integrados para que, mesmo num aparente caos, haja uma certa e determinada ordem. Mesmo na barbárie ou na anarquia, há uma ordem: a da barbárie ou a da anarquia. Para estabelecer determinada ordem, três pares de conceitos conjugam-se para estabelecer a contingência de determinada sociedade, revelando assim o que ela está a ser: diferenciação e imitação; socialização e individuação; expressão e renovação.

O primeiro par permite-nos construir o primeiro elemento fundamental de uma sociedade. Chamamos-lhe *diferimitação*, portanto o resultado de um gigante conjunto de diferenciações, imitações e (re)combinações de imitações com diferenciações, feitas pelos indivíduos em interação. Isto porque o humano oscila, consoante a contingência, entre os traços de um ou de vários tipos de posturas diferenciadoras ou imitadoras: diferenciadores extremos, passivos ou céticos da diferenciação; e imitadores ativos/criadores, imitadores passivos ou céticos da imitação. Sempre de forma não linear. Até porque imitar não é clonar, nem replicar. Imitar é transferir uma forma, mas sempre com a potência libertadora da singularidade do seu autor. Tal como diferir. Nunca diferimos completamente. Em última instância, o fim de uma qualquer diferenciação tem algures contornos semelhantes a qualquer coisa existente, a qualquer coisa já dada. Diferimos em direção a alguma coisa que queremos atingir, a alguma ideia que queremos imitar.

Na base epistemológica das ciências naturais, sobretudo na física, a origem das coisas quase se resume, na íntegra, à importância de um só momento: o da colisão, do acidente, da dinâmica gerada entre a matéria e a antimatéria. Porém, na nossa perspetiva, dentro do campo das ciências sociais, embora consideremos de extrema importância a colisão, o acidente, o encontro intenso e traumático que marca os seres em interação, focamo-nos sobretudo nos processos que se desenrolam a partir desse encontro entre dois

ou mais indivíduos. Esse «*encontro feliz*» (Tarde), intermental, possibilita os dois movimentos fulcrais, imitação e diferenciação, gerando um só processo: o desenvolvimento social através da diferimitação. A imitação sopra do lado mais objetivo e concreto dos indivíduos, seja de forma consciente ou não consciente, aquele que mostra a importância de se estar em sintonia ou conformidade, provocando até um certo alívio psicológico devido ao infindável número de possibilidades, com as regras, os hábitos, as normas, os valores, os ideais e os comportamentos de uma sociedade; a diferenciação, por seu turno, sopra do lado mais subjetivo e singular dos indivíduos, revelando os temperamentos, os humores, as intensidades, os desejos, as motivações, as necessidades, os interesses, os gostos e as predisposições. É a partir dessa base, composta por imitações e diferenciações, quer dizer, diferimitações que tornam possível a constituição e a evolução das formas de interação e sociação.

A este respeito, um exemplo pode ser esclarecedor. Imaginemos duas crianças, irmãs. Uma que nasce primeiro, e outra que nasce, por exemplo, alguns anos depois (três ou quatro anos depois). Portanto, quando a segunda nasce, a primeira já anda, já se exprime satisfatoriamente e já se consegue autonomizar em várias tarefas (comer, brincar, jogar, pensar, etc.). À medida que ambas crescem, a mais velha serve de referência para a mais nova, já que, por imitação, a mais nova vai tentar reproduzir os comportamentos dos seus pais e, sobretudo, do seu elemento par: a sua irmãzinha mais velha. Então, sente o impulso para se exprimir e agir como as suas referências, sobretudo essa sua irmã: quer brincar como ela, quer vestir-se como ela, quer agir como ela, quer ter as mesmas recompensas, etc. Em suma, quer imitar em quase tudo a irmã. Contudo, o seu humor é diferente, o seu temperamento é diferente, os seus gostos, interesses e motivações são, ligeira ou intensamente, diferentes, a intensidade que coloca nas ações e nos pensamentos é diferente, e as suas predisposições psicológicas são diferentes. Ora, a síntese formada pela soma das imitações (concretas, objetivas, habituais, etc.) com as diferenciações (geradas pela sua subjetividade, singularidade, personalidade, etc.), feitas na interação com a irmã, e claro com o resto do seu universo, originam toda uma dinâmica que permite este duplo movimento: por um lado, coesão perante um todo social, de regras, comportamentos, tarefas, ideais, posturas, etc.; e por outro, constante renovação e inovação nas formas de interagir, estar, pensar, sentir, etc. É portanto esta diferimitação que faz com que as formas, os conteúdos e as suas expressões e renovações aconteçam de uma maneira sempre dinâmica e imparável, constituindo assim uma base sempre potencialmente renovadora das sociedades humanas.

Importa todavia referir, a partir deste ponto, que nem uma imitação é uma repetição perfeita, nem uma diferenciação é uma inovação pura. Ambas revelam o igual e o diferente do ser. Aliás, um igual e um diferente nunca perfeito, nem nunca capturado e entendido pelos outros como tal, já que é essa subliminar percepção de imperfeição que constrói o fundo potencial de diferimitação: quer dizer, o igual e o diferente que, conjugados, representam uma busca incessante, em ideia ou em ação, por uma certa melhoria ou inovação face ao passado. Neste sentido, existir socialmente é diferir mas também imitar, sempre em contínua (re)combinação dessas duas grandes potências. Portanto, existir socialmente é *diferimitar*.

A sociedade está, então, constante e simultaneamente a ser diferenciação, imitação e/ou (re)combinação de ambas. A diferenciação imposta pelo acontecimento do nascimento; a imitação de um som ou um gesto enquanto bebé; a diferenciação pela natureza dos gostos na primeira distinção de sabor; a imitação de uma personalidade que influencia; a diferenciação como forma de afirmação pessoal no seio de um grupo; a imitação de um determinado estatuto social; a diferenciação pela libertação das singularidades individuais. Enfim, um sem número de diferimitações, que respondem por um lado à necessidade e ao desejo social da existência, a uma necessidade de coesão e ligação ao todo, e por outro à necessidade e ao desejo de exprimir as peculiaridades e as singularidades individuais – uma ligação ao Eu íntimo. Nesta *dualidade integrada*, a diferimitação exprime as duas grandes forças do humano, desejo e social. Dentro da esfera da primeira força, o desejo, a diferimitação permite obter resposta às sensações, aos sentimentos e às intuições; dentro da esfera da segunda força, o social, a diferimitação permite atingir a necessidade de aprovação social, satisfazer a sede de poder, e criar e/ou sustentar as diversas crenças. É a diferimitação que faz com que a sociedade esteja, constantemente, *sendo*.

O segundo par de conceitos fundamentais, composto pelos já referidos processos de socialização e de individuação, permite construir o segundo elemento fundamental de uma sociedade. Repescamos neste caso o conceito de «sociação» de Simmel, que este define como o resultado de interações que geram ação ou influência nos indivíduos, constituindo formas, mais ou menos determinadas, de cooperação e de colaboração, numa “unidade dentro do qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados causalmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades” (Simmel, 1983: 60). Todavia, porque nos parece ainda insuficiente esta abordagem, complementamos com a seguinte ideia: a sociação, enquanto resultado das interações, gera formas que ganham uma certa unidade, sempre mutável e adaptável. Numa primeira fase,

essas formas inscrevem-se e transmitem-se entre os indivíduos por diferimitação, seja esse um processo ocorrido consciente ou inconscientemente. Há também nesse comunicação de inconscientes. Posteriormente, estas formas, depois de conseguirem legitimidade e aceitação social, dão origem à formação de processos de socialização, que ligam a forma ao indivíduo, e assim o todo a esse; e originam também a formação de processos de individuação, portanto aquela resolução feita no e pelo indivíduo nas suas contingências e motivada pelos arquétipos e pelo inconsciente coletivo, ligando o indivíduo à forma – portanto, o indivíduo ao todo. As formas de sociação tem assim o condão de gerar uma certa estabilidade social nas interações, já que atuam na contingência dos tempos. Contribuem porventura para a necessária estabilização do ser social, precisamente porque geram a sensação psicológica de que a sociedade *é*, permitindo assim uma (inter)ação mais ou menos conforme, estabilizada e previsível numa determinada contingência.

O terceiro par de conceitos fundamentais, *expressão* e *renovação*, permite a constituição do terceiro elemento fundamental da sociedade: *exprenovação*. Com a objetivação dos indivíduos no universo da ação, toda a sociedade se renova, já que se concretiza, objetivamente na ação e expressão, e subjetivamente através da contemplação sobre o acontecido - esse que foi, e que está a ser no presente e que segue rumo a algo. Repetindo: o que está a ser expresso não é o que é. É sempre o que está sendo. A expressão permite mostrar, e encaixar nos que a contemplam, o consciente e o não consciente inscrito nas ações, ideias ou interesses. Isso atualiza a sociedade e permite que ela entre na corrente do tempo vivido. Estando na corrente do tempo vivido, interno e externo, está então a ser renovada e pronta para produzir novas diferimitações e novas sociações. É a expressão dos indivíduos que permite unificar a tríade *diferimitação-sociação-exprenovação*, revelando deste modo a essência das sociedades. Em suma, é esta relação entre o tempo da sociedade, este algo que está a ser, e a tríade composta pelos seus elementos fundamentais, que gera o seu movimento perene.

3.3. Socioideias, sociopensamentos e sociações em constante diferimitação

A experiência social primeira do indivíduo aparece portanto como um conjunto dispersivo de coisas a diferimitar, de fluxos intensivos, de imagens soltas. Algo desfocado ainda, que a percepção vai cuidar de estabilizar. Porém, os fluxos que desabrocham com essas imagens são também tentativas de ler o mundo, através das ideias e dos conhecimentos que se vão alocando ou que já existem num indivíduo dentro de um contexto sociológico específico. Portanto, neste sentido, o primeiro processo é o da diferenciação. Somos forçados a pensar e

a conhecer, sempre subjetivamente, através das interações, das intuições e das formas de entendimento que a experiência e o conhecimento adquirido nos transmitiu. Ao fazê-lo subjetivamente, somamos aquilo que é verdadeiramente nosso: a singularidade das nossas conexões cognitivas, emocionais e sociais, as linhas cruzadas e sempre distintas das nossas sinapses, os fluxos que ligam o que sabemos pela experiência, e o rio que escorre das nossas intuições, imaginações, deduções, induções, sonhos e desejos.

Só que, na maioria das vezes, o social tem mais força do que o individual na imposição e na propagação da sua legitimidade na vida em interação. Primeiro porque somos, ainda assim, mais vezes atravessados pelas forças da imitação do que pelas forças da inovação ou da criação. E somo-lo precisamente para economizar a escolha que se apresenta quase infinita nas múltiplas dinâmicas da vida. Por isso somos muito mais invadidos por sociopensamentos e por socioideias do que propriamente por pensamentos puramente individuais. O *sociopensamento* e a *socioideia* constroem a base da ação coletiva contingencial, e mesmo quando é uma contradição que leva a melhor sobre o que está em vigor na sociedade, ela só é possível precisamente porque antes existiam, ou se imponham, sociopensamentos ou socioideias opostas.

Em segundo lugar, porque o que resulta das formas de sociação são efetivamente emaranhados de sociopensamentos e socioideias – pensamentos e ideias que em interação se diferenciam e propagam pelas redes de socialização e pelas diversas estruturas da vida social, com força suficiente para se introduzirem na consciência individual e para nela intervirem, entrando posteriormente na corrente social através de interações simples e sociações. Depois da ordenação individual dos sociopensamentos e das socioideias, algo que gera inevitavelmente uma microdiferença social precisamente porque essa síntese singular ocorrida no indivíduo difere sempre de outra noutro indivíduo (quer seja na substância, na quantidade ou na qualidade), nasce uma perspectiva que advém desses sociopensamentos ou socioideias sobre uma dinâmica no e do mundo, uma nova crença, um novo fluxo de raciocínios, uma nova vibração social. Primeiro, os sociopensamentos e as socioideias criam ressonância nos indivíduos, e depois lançam-nos para a ação que se propaga em eco e que atinge, com mais ou menos força, o social.

É assim que uma sociedade se exprime e renova. As coisas que mais mobilizam a sociedade e a sua ação, são precisamente esses pedaços de socioideias e sociopensamentos, que ressoam e se (re)combinam algures numa consciência, e que ecoam e se interrelacionam através das diferimitações e das sociações. Estas forças em conjunto concorrem para alterar, melhorar ou substituir nos indivíduos o que estes possuem (no

saber, no pensamento ou no julgamento) e que não desejam, por aquilo que desejam (ou julgam desejar) e ainda não possuem. A exprenovação da sociedade exprime, pois, essas forças em tensão, entre o social que está sendo e que nem sempre se deseja completamente, e o que se está desejando e ainda não existe na contingência social.

Estamos pois, agora, em condições de definir o conceito de sociedade. Composta por três elementos fundamentais – *diferimitação, sociação e exprenovação* – que introduzem nos indivíduos ressonâncias internas e no coletivo ecos que se propagam, a sociedade está a ser o resultado das diferimitações de presentes e passados, constituindo formas de sociação que exprimem os interesses contingentes dos indivíduos, permitindo desse modo uma expressão social e, conseqüentemente, a sua contínua renovação.

3.4. O conceito de ecrã e as atmosferas ecrânicas

O ecrã é, antes de mais, um potenciador de perceções. Do ponto de vista da sua atualização, da sua aparição objetiva, há quem o considere o produto da janela renascentista (Manovich, 2001). Porém, poderíamos até recuar aos primórdios da existência humana, onde em dois momentos perceptivos poderíamos encontrar a sua existência, ainda que num estado virtual: o reflexo do mundo do Eu no Outro, e/ou o reflexo-espelho na água. Todavia, como o reflexo do mundo do Eu no outro não é feito de precisão objetiva e facilmente dedutível, e o reflexo do espelho na água é limitado sobretudo espacialmente, faz sentido, no plano mais objetivo, pensarmos na janela renascentista italiana ou nos espelhos físicos como os grandes potenciais de atualização dos ecrãs atuais.

Porque é que os ecrãs são normalmente retangulares? Habitualmente colocados em superfícies planas? Dirigidas a visionamentos frontais? Manovich, a nosso ver, a partir do exemplo da janela renascentista, ou mesmo do espelho, responde indiretamente, dizendo que são retangulares porque limitam as imagens e a visão, formam um cerco às perceções que sendo também inconscientes são, por si só, bastante esquivas; são maioritariamente planos para se encontrarem de frente para quem as visiona, em pé de igualdade sobre quem as fita, quase dentro do espaço do corpo para se tornarem facilmente individuadas, anexadas, capturadas, representadas e imitadas.

Porém, na atualização mais recente dos ecrãs, reside também Narciso a ver-se no espelho-água, ou o primeiro humano a tentar ver e a olhar para si próprio através do outro. Há muito de antepassado naquilo que os ecrãs são hoje. Narciso amava-se a ele próprio, queria-se através do seu visionamento no espelho, autoconsumia a sua própria imagem. O mesmo podemos dizer sobre o ser primitivo, que ainda que não compreendesse o seu

semelhante, queria-o, imitava-o, seduzia-o, penetrava-o pelas capturas do ver e do olhar, pelas individualizações e pelas socializações. Ora, atendendo aos desenvolvimentos recentes dos ecrãs, à sua crescente miniaturização, à sua micro conceção atual, aos fatos de dados ou aos hologramas, ou mesmo até aos óculos de realidade aumentada que pretendem ver mais para além dos nossos olhos, tudo isso são desejos que remontam ao ser primitivo, desejo narcísico de ampliar o que é de Narciso, de consumir ao máximo, de integrar o Eu no Eu, de formar um *super ser*. Decerto que o desejo pelo ecrã ainda vive sufocado pelas barreiras físicas, mas a ideia que parece ganhar cada vez mais sentido é a de que só quando se desmaterializar é que liberta verdadeiramente o Eu para um *super Eu* – e porventura aí entre numa fusão de tal forma imbrincada que possa ganhar vida própria. Eis-nos pois a considerar o ecrã não apenas o reflexo da janela renascentista mas também o reflexo do ver e do olhar no outro ou no espelho-água de Narciso. O espaço de representação está lá, mas mais do que isso está também toda a vida e toda a humanidade, toda a expressão, imitação, propagação, mistura, isto é, um jogo de forças imenso que ecoa e que entra em ressonância constante e evolutiva.

Como reflexo apenas da janela renascentista italiana, e na lógica da ideia de espaço de representação (Manovich, 2001: 95), teríamos então o ecrã como um representante do romantismo, do Eros sobre o Logos, do feminino, da ligação total. Os tais efeitos que assinalamos no capítulo anterior. Não desconsiderando o espírito do Logos, que também está presente no ecrã, sobretudo graças à força sedutora e una das palavras, reforçamos é que nele penetram todas as outras forças. Então, Eros e Logos entram ora em confronto ora em fusão. Natureza e Cultura ora se opõem ora se complementam nos ecrãs. Talvez, nesta dinâmica entre cultura e natureza, a diferença resida apenas na relação dos fluxos: a cultura captura a natureza, e o contrário não se verifica. E assim, o Logos aglutina o Eros; e o Eros funde-se no Logos. Sendo o Logos da ordem da razão, do masculino, da diferenciação e da objetividade, e o Eros da ordem da intuição, do feminino, da ligação e da subjetividade, temos portanto nos ecrãs, e nos seus sentidos estéticos (da vida, da forma, da ação do conhecimento e do sentir), uma mistura complexa entre contrários, relativizando os binómios simetria e assimetria, objetividade e subjetividade, dissociação e associação, ligação e desligação.

É por isso que esta era dos ecrãs é, antes do mais, a era onde certas formas ganham maior expressão, como a forma do híbrido, da fusão, da ligação ao desligado e da desligação ao ligado. E tais fusões, hibridez, ligações e desligações, misturam tudo numa cultura cada vez mais igual nas proporções das dimensões subjetiva e objetiva. Tudo isto permite, e tem

permitido, uma maior expressão do Eu singular na formação de expressões humanas. Há, porventura, um equilíbrio maior na formação da cultura entre as forças da individuação e as forças da socialização, e muito deste equilíbrio está a ser conseguido por toda esta complexidade provocada pelos ecrãs e pelas suas potencialidades. O eu singular, através das suas individuações, parece querer libertar-se face às forças avassaladoras da socialização mais manifesta, e os ecrãs parecem representar essa janela de libertação.

Importa também referir, ainda sobre o ecrã, que a máquina, em si mesma, é cada vez mais ecrã e menos peças. A interação com as máquinas é cada vez mais ecranomediada. A importância do ecrã vê-se no seu crescente aumento de tamanho em relação ao resto dos componentes eletrónicos, que estão em processo de miniaturização (nanotecnologia). Tudo está nano, menos o ecrã. Televisões, computadores, tablets, telemóveis, estão todos cada vez mais resumidos a espaços de visualização (ecrãs). E na técnica atual, é até mesmo o único elemento em que o consumidor tolera o aumento de tamanho. O exemplo da evolução dos telemóveis é sintomático: eram grandes, começaram a diminuir, e na altura em que aparecem os smartphones, voltam a crescer para darem preponderância ao ecrã-tátil.

Isto leva-nos a pensar nas responsabilidades das mútuas capturas perceptivas feitas pelos indivíduos em sociedade, nas inúmeras capturas constantes, quer das partes quer do todo, através de ecrãs. O fenómeno das capturas perceptivas e das ligações às dinâmicas humanas e não humanas tem assim uma dimensão que é fulcral para o nosso estudo: a perceção da atmosfera ecrânica. Capturar uma atmosfera “é deslizar imperceptivelmente (ou bruscamente) para um outro ‘meio’, que aparece primeiro como indeterminado – mais precisamente como uma espécie de vazio indeterminado sob fundo de familiaridade” (Gil, 2002: 25). Ora, entrar em ecranovisão ou em ecranconexão é também deslizar para um outro meio, que do mesmo modo aparece inicialmente como indeterminado mas, no entanto, completamente familiar. Assim, aceitamos a atmosfera das ecranovisões não apenas como algo que produz sentido racional, mas também como “uma poeira de pequenas perceções em que se penetra, com que se impregna, e que “cola” como um fascínio” (Ibid.: 25) nos indivíduos que lhe estão sujeitos. De facto, a “atmosfera tem uma densidade, uma espessura, uma viscosidade, tal como uma dinâmica própria das forças que ela põe a circular” (Ibid.: 26). Ora, tal densidade, espessura, viscosidade e dinâmica própria, postas a circular pela atmosfera das ecranovisões, vão ser libertadoras de forças capazes de: a) colocar em contacto imediato os corpos que nela mergulham; b) por em contacto inconscientes uma vez que elas próprias são forças inconscientes; c) as forças da atmosfera

favorecem também a ligação inconsciente dos corpos; d) entrar numa atmosfera é ser deslocado e penetrar num tempo diferente do tempo objetivo, pois a atmosfera envolve e obriga a entrar num outro mundo (Ibid.: 26).

Tais dinâmicas proporcionadas pela atmosfera ecrânica procedem, por sua vez, a uma certa configuração. Os que estão sujeitos às densidades, espessuras, viscosidades e dinâmicas das atmosferas ecrânicas mergulham numa (con)figuração específica que liga os indivíduos em formas específicas – formas sociais que são capturadas aquando das capturas das perceções mudas, das perceções estéticas e das representações das estruturas mentais e sociais (proporcionadas pela linguagem). Tais configurações podem, no entanto, ser de grandeza variável (Elias, 2004: 192). A correia de transmissão que é a atmosfera varia consoante o tipo de ligação que se efetua. Mas mesmo nas variações as atmosferas ecrânicas geram sempre uma ligação, pois uma vez capturada a atmosfera só existe um destino: a sua propagação. É que enquanto coisas sociais as atmosferas ecrânicas alastram-se, pois na verdade “o que a coisa social, como a coisa vital, deseja acima de tudo é propagar-se e não organizar-se. A organização não é mais que um meio cujo objetivo é a propagação, a repetição generativa ou imitativa” (Tarde, 1992: 15-16). Isto é tão válido para as ações conscientes como para as ações inconscientes. Sejam opiniões ou visões, ambas se propagam desta forma pois é a diferimitação que acarreta a propagação dos acontecimentos, das ideias e das *configurações*, e em todo esse processo há também um outro resto de diferimitações geradas pelos efeitos e pelas consequências da atmosfera. Afinal de contas, consciente e inconsciente estão intimamente ligados na produção de configurações³¹.

Tais propagações das atmosferas e das configurações, penetram os indivíduos de uma dupla forma: aquando da captura individualizada dessas mesmas, há uma dobra entre o interior do indivíduo e exterior que o envolve. Esse processo de dobragem dá origem à formação de subjetividades (Gil, 2009: 24). Estas subjetividades permitem a emergência das forças vitais de individuação, forças pré-individuais que se configuram e se propagam a partir de dentro. Enquanto se acomodam internamente, constituem-se em ressonâncias internas potencialmente libertadoras de movimentos e energias; ao mesmo tempo, ecos sociais do exterior entram no indivíduo, coisas mais ou menos estabilizadas que vêm de fora e que geram sempre diferimitações e/ou identificações para com o coletivo.

³¹ A noção de configuração aqui apresentada é a noção de Rudolf Arnheim. Configuração como base simples do perceber, na medida em que “cada visão exterior é já uma visão interior. Ela concebe o objeto como um todo tridimensional, de configuração constante e não limitado a algum particular aspeto projetivo. (...) No entanto, a configuração não é mais do que o momento imediato do ver: junto a essa imagem e conjuntamente com ela apresenta-se como forma (form) de um conteúdo particular” (Perniola, 1998: 75-76).

Assim, de um lado temos as formas sociais, o que vem de fora; e por outro os conteúdos internos e a individualidade, que vem de dentro. O confronto, entre formas externas e conteúdos internos, gera uma síntese, e é precisamente essa a polpa da cultura e da vida. Os problemas, e também a explicação da vida em sociedade, decorrem precisamente deste movimento entre exterior e interior, entre existência individual e heranças históricas, culturais e da técnica que são exteriores aos indivíduos (Simmel, 2004: 75). Dentro desta dinâmica inscrevem-se, obviamente, as influências ecrânicas, o ecrã como mecanismo sociotecnológico que entra neste movimento e gera novos movimentos.

É precisamente este enunciado teórico que queremos sublinhar: as ecranovisões como algo gerador de atmosferas capazes de configurar e propagar subjetividades e formas sociais, sujeitas às dinâmicas impostas pela síntese gerada entre estas e os conteúdos em interação.

3.5. Ecranovisões

Desejar para possuir, e ligar e desligar, eis o que uma sociedade de indivíduos a tudo submete. E estas forças interagem com aquilo a que chamamos de ecranovisões. Não apenas a existência física e concreta do *ecrã na visão*, como é possível ver e usar agora através do óculo da Realidade Aumentada (RA), mas ao invés uma ecranovisão que já existia antes, e continuará a existir depois desse artefacto (portanto, um resultado da seguinte operação = **Ecrã __No__ visão**).

Na

Porque uma ecranovisão é muito mais do que um óculo que se coloca e que através dele se obtém

“a indicação da temperatura exterior e das previsões meteorológicas (...). Se há uma greve ou qualquer impedimento nos transportes públicos, o utilizador que se estiver a preparar para apanhar o autocarro ou o metro é informado disso mesmo e das suas alternativas para chegar ao destino”³².

Importa por isso obter a profundidade das ecranovisões: o que são exatamente ecranovisões? Porque razão são tão importantes os ecos sociais e as ressonâncias internas por estas provocados? Quais são os efeitos das ecranovisões na cultura atual?

Vejamos os meandros da visão. Para Pessoa, na perspetiva de Fernando Martins, “a visão é uma sinédoque dos cinco sentidos, na medida em que contribui com a maior parte

³² Esta novidade, o óculo de realidade aumentada, apareceu analisada num artigo do jornal Público online, consultado a 28 de Junho de 2012, em: <http://www.publico.pt/Tecnologia/google-glasses-mais-perto-de-se-tornarem-realidade-1552381>.

das informações que constituem a nossa percepção do mundo. (...) Assim se justifica que as imagens visuais sejam de longe as mais frequentes” (Pessoa, 2001: 288). É com este pressuposto que encaramos a importância das ecrãvisões na cultura atual dos indivíduos, na medida em que estas são, nas sociedades mais desenvolvidas, omnipresentes.

Importa então salientar que na visão, e no lastro que deixa o seu todo metafenomenológico através das imagens do imaginário e dos arquétipos, ainda que como substratos não conscientes e não organizados, encontramos sempre motivos estéticos. Tal como sublinha Simmel, em *Estética e Sociologia*,

Na origem de todos os motivos estéticos está a simetria. Se se quiser trazer para as coisas ideia, senso, harmonia, é preciso dar-lhes forma simétrica (...) até que mais tarde o refinamento e o aprofundamento venham precisamente religar as maiores atrações estéticas ao irregular, ao assimétrico. (Simmel, 1998b: 118)

De um modo semelhante, as ecrãvisões também procuram, num primeiro plano, simetria, e num segundo assimetria, na medida em que provocam relações de correspondência entre as ressonâncias internas provenientes dos indivíduos e os ecos que emanam do social. Tal como demonstrou Gil (1996: 224), a percepção não se situa apenas nos «limites do visível» das coisas percebidas. O mesmo acontece nas ecrãvisões: os ecrãs, enquanto corpos próprios percebidos, ecoam e ressoam em todo o espaço circundante toda uma filigrana de coisas e de texturas, forçando as suas imagens a entrarem nas complexas capturas do sentir, do pensar e do agir. Há toda uma «sombra branca» (Ibidem) que se estende nas paisagens e nas atmosferas ecrânicas, sombra essa apenas capturada pelo olhar nu e capaz de mostrar ‘de que são feitos os sonhos’. O olhar nu constrói o «espaço interno do corpo», espaço que não é capaz de ser pensado nem pensável, não ser percebido nem perceptível, nem tematizado nem tematizável. Todavia, o espaço interno do corpo provocado pelo olhar nas ecrãvisões faz mover a imaginação:

Quando percebemos uma coisa e a sua percepção «remete para», esse movimento parte de um núcleo obscuro mas branco, de um interior impenetrado mas para sempre invisível da própria coisa. Assim, em toda a parte do campo perceptivo (espaço de reenvio), a sombra branca habita o visível. (Ibid.: 224-225)

É portanto esta «sombra branca», o tal visível do invisível das coisas, que torna possível a abertura da visão. Esta abertura acontece porque a sombra branca das coisas percebidas torna possível a individuação e a separação entre sujeitos e objetos percebidos. É assim que numa ecrãvisão as coisas acontecem: antes da sua visualização existe um escuro; no entanto, depois do olhar e do ver intervir na paisagem ecrânica, portanto vendo o

visível e olhando o invisível do percebido, tudo o que é ecranovisto passa a existir duplamente para o seu contemplador – onde estão e como são pelo ver, e no interior do corpo pelo olhar. Entre o sujeito que vê e olha e o ecrã que ecoa “há qualquer coisa ao mesmo tempo de vazio (perceptivo) e de cheio (matéria-imagem) que os religa” (Ibid.: 225). O olhar permite a individuação e a separação do percebido, individuação e separação como forças que bebem da «sombra branca»³³ outras forças - quantidades intensivas no dizer de Deleuze (2000: 396).

Uma ecranovisão é então da ordem do complexo, pois resulta de uma interação entre um indivíduo e um conteúdo exposto num qualquer tipo de ecrã. Interação na medida em que o indivíduo vê, e o ecrã interage nele, sendo visto. Interação precisamente no momento em que quem vê toca com a visão no que existe no ecrã para ser visto. Essa interação pode ser passiva ou ativa, com ou sem modulação, mas sempre propensa a se inscrever na consciência ou no inconsciente, dependendo da intensidade com que vibra internamente. Assim, uma ecranovisão entra no indivíduo por duas vias distintas: pelo ver e pelo olhar. Através do ver, vai inscrever-se no lado racional como uma informação composta por unidades concretas, durável ou efêmera consoante a importância dada e a contingência existente; através do olhar, vai permitir um metadiálogo complexo, entre imagens e significados já existentes, onde o todo inconsciente se irá unir, alterando, somando ou recriando nessa novas imagens e significações. Isto permitirá que essa ecranovisão se aloje no inconsciente sob a forma de *hotspot*³⁴ mental – uma espécie de sinal intermitente que poderá (re)aparecer na consciência apontando um caminho, um significado, uma estrutura de sinapses, uma escolha ou uma possibilidade que se poderá atualizar em algo. Também é através do olhar que se vai criar uma relação entre o corpo como centro de referência e a paisagem ecrânica visualizada. Por outras palavras, podemos resumir uma ecranovisão como um conjunto de conteúdos, que se dobram no indivíduo através da subjetivação, sintetizando-se, e que libertam para a consciência informação e através do inconsciente ressonância. É mais um dado ou um conjunto de dados, que pode ser repescado e (re)ligado pela intuição, para posteriormente integrar as análises e as estruturas de entendimento existentes na consciência, e libertado, constituindo um eco, pela ação ou pela transmissão, explícita ou tácita.

³³ Para Gil (ibid.: 225), “ Esta sombra não tem contornos nem lugar precisos. Não é ela própria uma coisa uma mancha ou um vazio numa superfície, mas «cobre» ou «habita» indefinidamente o visível inteiro”.

³⁴ O conceito de hotspot, muito usado na telemática, parece-nos feliz e sugestivo. Recorda McLuhan, através da ideia de hot (quente), que é com essa intensidade do quente que as coisas através dos meios técnicos se podem conectar. Também deste modo pode ser aplicado às ligações mentais, apontando temperaturas mais ou menos quentes em função do tipo de ligação neuronal.

Uma ecranovisão é, pois, transportada pela mente individual. Tal como as abelhas com o pólen nas flores, as ecranovisões distribuem na mente e nos conteúdos mentais existentes, o pólen da informação, os volumes e a quantidade intensiva transportada pelas imagens. Podem ser inúmeras as mentes que transportam ecranovisões com conteúdos semelhantes ou iguais. Porém, nunca o que transportam é idêntico a outra mente. Tal como nos lembrou Tomás de Aquino, o idêntico é o uno no conjunto da substância, ou seja algo de irrepetível. Já o semelhante e o igual são, respetivamente, unos na qualidade e na quantidade (Hugon, 1998). Assim, a partir do momento em que as ecranovisões se dobram no indivíduo, a sua individuação torna-as unas, isto é, irrepetíveis. Mas, por outro lado, também gera alguma semelhança, portanto com qualidades próximas, e alguma igualdade, pois aproxima as quantidades. É por isso que os seus efeitos são sempre diferenciados quando pensamos na tríade formada por substância, quantidade e qualidade.

As ecranovisões têm, por seu turno, tal como as ideias, um carácter portátil. Tal como um *mp3* que torna a música portátil, a mente também o faz às ecranovisões. E a ressonância que estas produzem internamente é o seu botão de ligação, o turbilhão de forças que as faz libertar. Elas emergem sempre mediante uma contingência. É quando, de algum modo, o seu conteúdo toca na intuição, na consciência ou na ação, que a sua viagem começa. Primeiro porque encontram eco nas diferimitações. E, posteriormente, através das formas de sociação, exprimindo e renovando a contingência social. Destarte, as ecranovisões tendem a gerar não tanto um indivíduo física e eminentemente nómada e auto-referencial, mas antes um potencial para uma descentrada consciência nómada³⁵.

Eis-nos então aqui com as bases das ecranovisões: ecoam e ressonam no espaço circundante; o olhar constrói a sombra branca e o ver apenas a descodifica dentro da lógica possível; a sombra branca capturada pelas ou através das ecranovisões contribui para o espaço interno do corpo, lugar não racionalizado nem racionalizável que faz mover a imaginação sobre o percebido; assim, ecranovisões são como forças do olhar que produzem individuação e separação através das sombras brancas. Em suma, as ecranovisões são dotadas de visível pelo ver e de invisível pelo olhar, assombrando simultaneamente o pensar, o sentir e o agir humano. Ecranovisões como constituições vazias e cheias em simultâneo, espaços internos e externos do corpo, e mesmo que aparentemente ausentes, preenchem sempre a filigrana do pensamento.

³⁵ A este respeito, o conceito de «comunidade temática», como nos elucida Ramon Salaverria (2012, s.p.), "donde individuos geográficamente dispersos alcanzan sin embargo un alto grado de cohesión por su interés en una disciplina, es una de las principales contribuciones de la información en red" e, sobretudo, dos ecrãs em rede.

Deste modo, definimos ecranovisões como percepções feitas sob a influência de atmosferas ecrânicas, que envolvem a visão (o ver racional e o olhar maciço) e fazem despontar, como também provêm de ressonâncias internas e ecos sociais. À circum-navegação ecrânica corresponde uma circum-visão ecrânica, mediada pelas capturas nos ambientes ecrânicos. As ecranovisões resultam das quantidades intensivas das circum-visões mediadas pelos ecrãs. Parafraseando Deleuze, ecranovisões são intensidades (quantidades intensivas) que dramatizam. As mais fortes são determinantes para o processo de atualização das ideias (Deleuze, 2000: 396). Depois da primeira fase das ecranovisões, ou seja depois das visões mudas e dos olhares, há todo um movimento que consiste em equilibrar as partes do todo, ordená-las proporcionalmente em torno de um centro. É a maneira mais rápida, a mais visível, a mais imediata de tornar sensível essa potência formadora do humano, face ao acaso e ao caos que presidem as formações puramente naturais. Assim, o primeiro avanço estético além de uma aceitação pura e simples das coisas na sua não-significação, leva à simetria (Simmel, 1998b). Só depois da tomada de posse do racionalismo simétrico é que “a necessidade estética se refugia no oposto, a busca irracional e a forma exterior irracional, assimétrica” (Ibid.: 1), escavando novamente as visões mudas e as pequenas percepções.

Há portanto um movimento profícuo entre individual e coletivo aquando das ecranovisões. No plano de dentro, do pré-individual e do individual, surgem os movimentos da diferenciação e da individuação. Diferenciação por adesão ao singular pré-individual ou individual; e individuação gerada pelas quantidades intensivas existentes que geram ressonâncias internas capazes de despontar desejos e motivações. No plano de fora, do social, surgem os movimentos de dramatização e de diferenciação sociopsicológica. Dramatização no sentido em que se refletem as formas e os conteúdos sociais, através do ecos sociais da socialização; e diferenciação sociopsicológica, as tais microdiferenças que constituem os fatores de inovação e desenvolvimento social das ideias, das opiniões, das predisposições e das representações. Aliás, esta é, para Deleuze, a ordem das razões dada pelo mundo (Deleuze, 2000: 404). Assim temos, no plano interior, a importância das ressonâncias internas provocadas pelas ecranovisões, dado que estas são o lado primitivo da comunicação entre realidades de ordens diferentes, constituindo vibrações que entram pelos três níveis da visão (visão nua, olhar e ver) através das ecranovisões e que ficam de forma mais ou menos durável a enviar mensagens, difusas ou concretas, ao indivíduo. E os ecos sociais, no plano exterior, como importantes efeitos ecrânicos pois constituem a atmosfera das expressões sociais e permitem a formação de constantes ressonâncias internas. Os ecos

sociais ligam realidades de ordens diferentes, isto é, dão sentido objetivo e social às expressões individuais internas e funcionam como formas de apropriação de normas, valores e funções da vida em sociedade. As ressonâncias resultam dos processos de individuação, processos que permitem aos indivíduos abraçar constantemente mais o si-mesmo, as qualidades do ser coletivo e universal, do que o simples eu (Maffesoli, 2001: 192).

Como as ecranovisões ligam o uno ao plural por sentidos de simetria ou assimetria, ligam culturas diferentes e povos diferentes às mesmas imagens ou sequências de imagens, daí resultam dois tipos de «cultura-mundo» (Lipovetsky, 2010b) complementares: a cultura-mundo subjetiva, como um sistema complexo que compreende os conhecimentos, as crenças, as relações sociais, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras aptidões e hábitos que os indivíduos adquirem enquanto membros de uma sociedade, dentro dos fluxos económico-culturais do mundo globalizado, onde se inscrevem também dimensões como as indústrias culturais e o ciberespaço. A sua vertente mais subjetiva expressa-se através de algo que existe na mente, alguma experiência interna, particular, individual; algo característico ao singular e ao particular; algo que dê ênfase às próprias atitudes, opiniões e estados de espírito; algo emocional, passional, não concreto, imaterial, abstrato, interior. Em segundo lugar, a Cultura-mundo objetiva, um sistema complexo que compreende os conhecimentos, as crenças, as relações sociais, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras aptidões e hábitos que os indivíduos adquirem enquanto membros de uma sociedade, dentro dos fluxos económico-culturais do mundo globalizado, mas mais virados para a vertente objetiva que se expressa através de algo pré-determinado e/ou propositado; algo situado na exterioridade do sujeito cognitivo humano, podendo ser capturado pelo intelecto, através de experiências externas, coletivas, que estão no campo das experiências sensíveis (concreto, material, racional).

3.6. O Poder Ecrânico

As ecranovisões estabelecem uma relação de forças, entre indivíduos e conteúdos. De um lado estão os desejos, interesses e motivações dos indivíduos contempladores; do outro, estão os desejos, os interesses e as motivações daqueles que produziram os conteúdos. No meio, encontra-se o ecrã que ecoa para ambos os lados. Ora, tal como sugere Foucault, uma relação de forças é sempre um poder, pois estabelece «relações de poder», quer dizer, uma “ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes», um conjunto de «ações sobre ações possíveis” (Deleuze, 2005: 98).

Uma ação sobre ações possíveis que ocorre devido ao efeito das ecranovisões é a geração de um pensamento icónico. Tudo porque essas fazem com que os ícones e imagens ecranovisionadas entrem nas correntes de diferimitação. Nessas correntes, gera-se então um movimento infundável de imitação e diferenciação, e com isso um crescente desejo de tudo ecranovisionar, de tudo possuir no ecrã através da visão. Uma verdadeira tragédia, por um lado, que é a de reduzir tudo a uma comunicação estética, até o próprio pensamento e as formas de ação. Porém, tal como toda a comunicação estética, insere no mundo o lado invisível das imagens ecrânicas, através das poderosas capturas permitidas não apenas pelo ver (racional) mas também, e sobretudo, pelo olhar (inconsciente). E isso permite tocar numa essência que o racional nunca o poderia fazer.

É desta relação, de «ações sobre ações possíveis», conscientes e inconscientes, motivadas pelas ecranovisões, que nasce todo um *poder ecrânico*. E, tal como todos os poderes, este poder ecrânico é também dotado de fortes «razões de legitimidade» (Weber, 2005: 19), penetrando, com essas, de forma potente, nas estruturas sociológicas - são sempre fortes as razões de legitimidade que permitem e viabilizam as correntes de diferimitação, que dão lugar a formas de sociação e a expressões que contribuem para aquilo a que podemos chamar de cultura do ecrã.

Uma das principais razões de legitimidade do poder ecrânico encontra-se nas *capacidades da técnica*. As enormes capacidades transformadoras e utilitárias da técnica e das novas tecnologias são determinantes na legitimação do seu poder. Velocidade e capacidade de transmissão de dados, compressão e ligação espaço-temporal, (tele)visão em tempo real e ecranovisões em tempo contingencial, possibilidades de escolha e de seleção, são alguns dos principais atributos desta primeira razão de legitimidade. Mas uma outra prende-se com o *poder da informação*: toda a ecranovisão comporta uma grande quantidade de conhecimentos, de possibilidades de aprendizagem, de estímulos para reorganizar ideias, pensamentos e memórias, de dados que podem permitir a reciclagem, a renovação e a inovação. Trata-se portanto de um poder individuante, quer dizer como algo que quer comandar os próprios mecanismos de individuação, coletivos ou individuais, pois individua através dos sujeitos e das suas formas inerentes que revela, e dos acontecimentos que transmite. Graças à técnica e à importância (sociológica) da informação, o ecrã torna-se, ele próprio, um lugar de dobras, de processos de subjetivação que mais não são do que individuações: formas e/de sujeitos, e acontecimentos “sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha” (Deleuze, 2003: 158).

Uma outra razão de legitimidade do poder ecrânico é o próprio *poder da imagem*. O poder do ícone sobre o *logos*, da imagem sobre a palavra, do pensamento icónico e alegórico sobre o pensamento lógico e sequencial. Dar imagens a quem vive na era das imagens, eis uma grande força. Recordamos que o ecrã é, precisamente, o lugar da imagem, e não tanto da palavra. Nele, as imagens são essências; as palavras apenas o complemento. Não quer isto dizer que os ecrãs são apenas demonstrações de superfícies, de coisas unicamente vazias. Simplesmente, tem é como base a imagem, o trabalho e a produção de imagem. Desde os seus primórdios que foi uma tecnologia criada para criar imagens-movimento, imagens-tempo e imagens-memória, e não palavras-em-movimento, palavras-tempo e/ou palavras-memória. Dividir o movimento, para depois o ligar numa sequência ordenada de imagens (di-visão), eis o primeiro grande objetivo do ecrã (fotogramas). Então, no mundo da imagem, o ecrã está sempre propenso à multiplicidade, ao fragmento, a todo o universo do sensológico e do intuitivo a que a estética está sujeita. E sendo o ecrã do domínio da estética, referimo-nos, como diria Kant (2010: 89), à ciência das regras da sensibilidade em geral, e não à lógica (ciência das regras do entendimento). Então, temos o poder da imagem como uma das grandes forças do poder ecrânico: essas permitem a formação de ecranovisões que, unidas subjetivamente ou objetivamente pelas capacidades sintéticas e analíticas do indivíduo, permitem a formação de intuições, sensações, sentimentos, atmosferas, ideias, juízos, e a sua ordenação cronoscópica (exposto-sobreexposto-subexposto) na memória singular e coletiva.

Uma última razão de legitimidade deste poder ecrânico é o *poder da ligação* que os ecrãs permitem - de consciências, de visões, de conexões, de hiperligações, de mediações, de emaranhados de símbolos (rizoma). Pode parecer um paradoxo, mas é precisamente isso que as ecranovisões necessitam de fazer nas consciências: ligar o múltiplo, o fragmento, o movimento, como se de *fotogramas das contingências* no cérebro se tratassem. Esta é uma transdução do cinematógrafo para a mente, onde nas consciências dos indivíduos a mente, em relação de forças com as ecranovisões, filma (vê e olha), projeta (transmite e transfere) e revela (expressa e atua) o movimento da vida.

Todas estas razões de legitimidade – capacidades da técnica e poder da informação, da imagem e da ligação – constroem o poder ecrânico: um poder que se equivale, e que por vezes até ultrapassa por conseguir agregar todos eles, a qualquer um dos poderes descritos por Max Weber (2005: 19-32) - tradicional, legal e carismático. Mais do que a autoridade do “eterno ontem” que é o poder tradicional, o poder ecrânico soma-lhe a força do eterno hoje, da imagem que se petrifica no eterno instante, aquele que permite suspender o tempo,

visionando-o de forma livre; mais do que a competência objetiva do poder legal, o poder ecrânico e subjetivo relativiza tempo e espaço, salta as fronteiras do estado-nação e por isso submete certas leis a um desajustamento com o tempo, com a geografia e com o ser que já não se revê nesses conceitos; mais do que o poder carismático, mais do que o «dom da graça pessoal e extraordinário» (Weber, 2005: 10), é um poder que define o que é a graça pessoal, qual a estética que envolve e (re)define o carisma, quem está ou não, e quando, legitimado para deter esse poder.

Este poder ecrânico é, por isso, também, um poder com propriedades simbólicas, já que é capaz

de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica). (Bourdieu, 2001: 14)

No entanto, trata-se também, como sugeriu Foucault sobre o poder panótico, de um poder sem propriedade, um poder mais estratégico onde os seus efeitos contribuem para a formação de disposições, manobras, táticas, técnicas e funcionamentos. Parafraseando Foucault através da análise de Deleuze (2005, 41), mais do que se possuir, este poder ecrânico exerce-se, não é o privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas sim o efeito total das suas posições estratégicas. De facto, o poder ecrânico resulta de uma tentativa humana de abraçar todo o mundo, conquistar todo o seu espaço e tempo, e reuni-lo de forma a poder ser usado, manobrado, em tática, em estratégia, em funcionamento. Diríamos, deste modo, que o poder ecrânico é sempre local e nunca global, no entanto enquanto difuso nunca pode ser completamente localizável e local (Ibid.: 43), uma vez que funciona “como uma afeção do desejo (reafirmando-se que jamais o desejo é uma "realidade natural")” (Deleuze, 1994: 61).

Importa todavia ressaltar que o poder ecrânico resulta de uma força que advém da mediação entre ecrãs, imagens e humanos. A mediação é já uma mensagem como diria McLuhan, mas que se torna ainda mais potente quando permite a constituição de consciências mais ou menos coletivas ou mais ou menos individuais. Significa que tal mediação é, por si só, capaz de se objetivar em ideias, ações, pensamentos ou comportamentos individuais ou coletivos. Essa objetivação dos sujeitos, e uma tal subjetivação dos objetos, reforça o poder ecrânico e dá-lhe corpo e sentidos múltiplos. Por isso importa dizer que o poder ecrânico objetiva-se e subjetiva-se de forma diferente daquela que é comum quando se diz que os ecrãs são janelas para o mundo. É comum relacionar

esse objeto técnico com outros objetos simples mas interpenetrados pelas dimensões estéticas da vida. Ao ecrã como janela subsiste a ideia de que existe uma força que vai mais no sentido do interior para o exterior, já que a janela, num sentido teleológico, “serve para olhar para fora e não para dentro” (Simmel, 1998c: 75). É verdade que o ecrã, em virtude da sua forma técnica, permite a ligação entre o indivíduo e o mundo num sentido de continuidade. No entanto, o facto da metáfora da janela, na sua aceção mais teleológica, apontar mais no sentido de dentro para fora, não captura completamente a significação profunda e principal do ecrã já que há, nessa metáfora comumente usada, uma direção unilateral que não corresponde nem demonstra todas as forças que incidem sobre o ecrã na sua relação com o ver e o olhar humano.

Por isso para Kerckhove (1997: 34) o ecrã é dotado de poderes psicotecnológicos, na medida em que emula, estende ou amplifica o poder das nossas mentes. O ecrã de televisão e o ecrã de cinema, enquanto psicotecnologias, são a nossa imaginação coletiva projetada fora do nosso corpo – uma verdadeira «mente pública». De facto, estas psicotecnologias não apenas prolongam as propriedades de envio e receção da consciência, como penetram e modificam a consciência daqueles que lhe estão sujeitos. Mas atenção: pensar em ecrãs como psicotecnologias não é propriamente pensar em ecrãs como janelas. Não estamos a dizer que estes são apenas objetos técnicos que influenciam o dentro e que essa torrente de influências se joga num só sentido – neste caso de fora para dentro. É certo que as intenções humanas no ato da criação ou da invenção de artefactos partem, num sentido objetivo, da cultura para a natureza. Ou seja, a construção objetiva dessa invenção ou criação aparenta ter mais um sentido unilateral: do interior para o exterior. Mas também é verdade que nenhuma criação ou invenção partiu completamente do zero, já que as ideias, as motivações, as vontades, as necessidades, etc., têm origens na complexidade dos fluxos bilaterais da humanidade em movimento. Um artefacto como um ecrã é, portanto, o resultado de uma síntese que deriva da complexa fusão entre o espírito objetivo e o espírito subjetivo: antes de ser criado um objeto entra num movimento que sofre das influências do vaivém entre natureza e cultura, pois da natureza para a cultura dá-se a subjetivação; e da cultura para a natureza dá-se a objetivação. Assim aconteceu com todos os artefactos humanos: o martelo, a lança, a espada, etc. São todos sínteses desse movimento bilateral e permanentemente em fluxo. É por isso que achamos a metáfora da janela, muito comum quando se fala do ecrã, insuficiente para ilustrar as suas potencialidades e das suas dinâmicas. Como a humanidade é composta por seres em permanente estado de procura de ligação, torna-se mais alinhado pensar o ecrã como objeto de ligação. Assim, podemos

pensar neste com recurso à metáfora Simmeliana da ponte e da porta. Um ecrã como ponte, na medida em que supera as barreiras da distância e do tempo; um ecrã que se oferece ao olhar, ligando as diversas paisagens através de imagens; um ecrã como objeto que se oferece ao corpo, possibilitando a satisfação da realidade de vários tipos de práxis, como a comunicação, a visualização, a partilha, a simultaneidade e a imediaticidade no caso dos diretos ou dos online. Como uma ponte, o ecrã pode ser visto como uma possibilidade de ligar o desligado, o longínquo ou o desconhecido. Mas como uma porta, o ecrã pode ser esse elo de ligação de «duas margens» e ainda mais: ao invés de ligação e reunião, a porta acentua mais o carácter de divisão:

O primeiro homem que construiu uma cabana, revelou, como o primeiro que traçou um caminho, a capacidade humana específica diante da natureza, promovendo cortes na continuidade infinita do espaço e conferindo-lhe uma unidade particular conforme a um só e único sentido. (Simmel, 1989: 77)

Ora, o ecrã objetiva a possibilidade de corte na continuidade infinita do espaço, ligando-a a dois níveis: objetivo e subjetivo. No sentido objetivo do termo, podemos pensar no caso do ecrã de Internet, que permite o envio e a receção de informação que pode ser difundida e transformada numa outra parte do mundo diferente daquela que a enviou ou recebeu; no sentido mais abstrato, pensar na existência de uma rede que nos liga e desliga, que nos fecha ou que nos abre para coisas e possibilidades novas que partem da nossa seleção subjetiva. Assim, se o ecrã como ponte liga o que estava desligado, o ecrã enquanto porta permite a seleção e o seccionamento de espaços e de tempos outros, até tempos de consciência. Enquanto porta, o ecrã pode ser compreendido também como um elemento de corte em relação ao que estava anteriormente ligado, desligando até o próximo, o conhecido ou o privado, já que pode ser usado livremente tanto para abrir como para fechar.

De facto, o poder ecrânico, simultaneamente metaforizado como uma *ponte* e uma *porta* permite criar “limites, mas livremente, quer dizer de maneira que possa vir a suprimir tais limites e se colocar fora deles” (Simmel, 1998c: 74). De certa forma esta é uma das sínteses que mais se pode retirar da existência dos ecrãs enquanto artefacto de poder: cria limites mas também permite distâncias; supera barreiras mas sempre sem propriedade e sem obrigação; permite unir e separar, e religar depois de separado. Enquanto «seres de fronteira», os indivíduos humanos não têm fronteiras, e os ecrãs permitem precisamente, a qualquer instante, quebrar os limites temporais e espaciais, aumentando assim a sensação de liberdade.

Se, porventura, os ecrãs de televisão e de cinema se parecem com pontes, já que a sua massificação permitiu ligar o que estava anteriormente desligado, com os ecrãs de computador e de internet a presença teleológica da porta é, ainda assim, mais forte pois permite uma ligação mais seletiva e seccionada, e uma maior separação entre o doméstico e o público. Tal como a porta, que isola interior doméstico de exterior público, o ecrã de computador também afirma essa possibilidade, tal como a de permitir a abertura para o mundo.

Ainda assim, os ecrãs não têm sido somente portas e pontes para o mundo exterior. Foram-no também para o mundo interior. É isso que separa os ecrãs de outros objetos técnicos complexos. Nunca como o ecrã um objeto técnico possibilitou que passássemos o processamento de informação do nosso cérebro para a frente dos nossos olhos. Com todos os restantes objetos o processamento de informação estava atrás dos nossos olhos, ao passo que com os ecrãs, em vez de atrás dos nossos olhos, o processamento de informação acontece à nossa frente, no próprio ecrã. Isso permite visualizar a consciência humana, e abrir-lhe a porta se nos agradar ou fechar-lhe se não for do nosso agrado. Em rede, o ecrã já não é somente uma psicotecnologia como diria Kerckhove (1997); é também, dizemos nós, uma potente sociotecnologia que permite ligar e desligar as consciências coletivas e individuais.

É caso para dizer que se com o ecrã de televisão se criou uma «mente pública», coletiva, então com o ecrã de computador e com as redes que o interligam nasceram novamente condições para repor nos indivíduos a mente singular. Assim, este equilíbrio permitido pelos diferentes tipos de ecrã no ver e no olhar humano permite as metáforas da ponte e da porta, já que ao ver racional e ao olhar não consciente se colam forças que permitem, simultaneamente, a individuação e a socialização do mundo atual.

Uma outra questão sobre o poder ecrânico prende-se com uma outra chamada de atenção efetuada também por Kerckhove, sobre a orientação diferente da cultura-ecrã visual face à cultura letrada. Para este autor, ao contrário da cultura letrada, este poder ecrânico é mais horizontal na forma mas menos horizontal na captura. Isto é, embora os ecrãs, sobretudo os da internet, estabeleçam uma relação mais horizontal e menos hierarquizada, na lógica de todos para todos, a verdade é que por serem dotados de imagens fragmentadas e dispersas, e por serem mais usadas e (re)criados por gerações mais jovens já fora das tradicionais culturas letradas, tendem a ser capturados como os ideogramas das culturas orientais, ou seja na vertical, de baixo para cima, e num sentido mais repartido entre a direita e a esquerda, ao contrário das estruturas alfabéticas ocidentais. Para este autor,

quando vemos da direita para a esquerda e de forma não sequencial mas antes de forma conectiva, construímos estruturas de pensamento e de apreensão diferentes, forçando o nosso olhar e o nosso ver para outro estado. Da esquerda para a direita, de forma horizontal, como é habitual no regime ocidental, primeiro utilizamos o ver racional e sequencial e só depois lhe somamos o olhar não consciente e intuitivo. Mas ao contrário, da direita para a esquerda e de baixo para cima, o olhar intuitivo e as capacidades conectivas expressam-se sobre e orientam primeiramente o processo racional do ver. Assim, serão as estruturas mais subjetivas, mais emocionais, mais orais e mais tácteis, menos racionalizadas e concretas que se acabam por impor. Ou seja, dentro deste ponto de vista diríamos que o poder ecrânico sopra porventura mais da direita para a esquerda, e de baixo para cima. Há figura do pensamento sequencial, linear e das ordens estruturantes do letrado, eis que sopra um novo formato: a espiral, que permite abertura ou fecho concêntricos.

Não obstante, ainda que as forças dos ecrãs sobre os indivíduos sejam avassaladoras, tal como todos os grandes poderes, “Haverá sempre uma relação a si que resiste aos códigos e aos poderes; (...)” (Deleuze, 2005: 140). Essa relação a si, a subjetividade gerada entre ecrãs e indivíduos, faz-se por quatro dobras: 1) a parte material do humano que vai ser envolvida – corpo e prazer no ecrã; 2) a relação de forças entre dentro e fora – individuação singular dos arquétipos e das forças ecrânicas face às forças exteriores, por exemplo; 3) a dobra do saber ou da verdade, na relação entre ser e verdade – por exemplo, a verdade capturada pelos mais jovens nos ecrãs não será a mesma do que a dos mais adultos; 4) a dobra do próprio fora, ou seja aquilo que o sujeito espera que aconteça quando visualiza ecrãs – seja salvação, verdade, libertação, ou qualquer outro valor humano (Ibid.: 141-142). Estas dobras dos processos de subjetivação são variáveis e geradoras dos tais ecos sociais e das ressonâncias internas, sempre específicos e diferentes devido a intensidades diferentes.

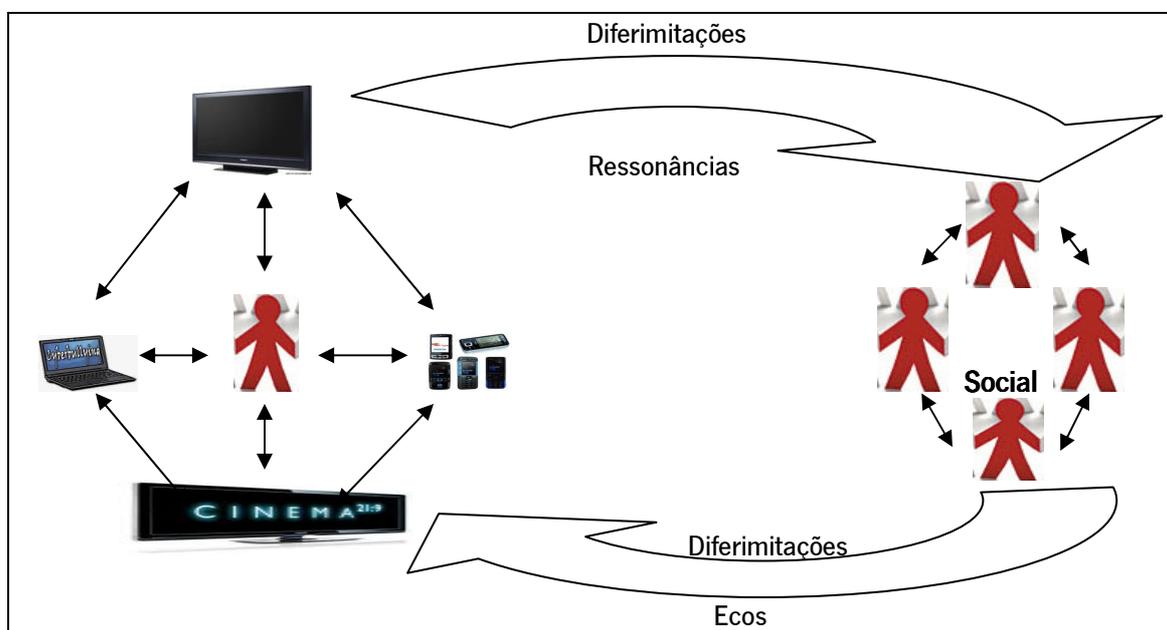
Os efeitos das ecranovisões e do poder ecrânico são, por isso, múltiplos e variáveis entre si. As ecranovisões seduzem porque são (des)territorializadas, passam do ecrã para a mente através do ver e do olhar, podendo permitir a viagem no tempo e no espaço desterritorializado através da memória ou da reflexão, comprimindo o espaço planetário tanto em dimensões físicas e objetivas como em dimensões imaginárias e subjetivas. Estas ligam sensações e razões, irracionalidade e racionalidade, ver e olhar, repellido e seduzido.

Existem, todavia, várias formas de ecranovisões, que interagem com forças de poder, e que resultam de formas de sociação ecrânicas diferentes. Vamos de seguida tentar esboçar não todas as dinâmicas de influências, mas sim as mais salientes, na aprendizagem,

no pensamento, nos processos de socialização, nos usos da memória e na individuação de arquétipos.

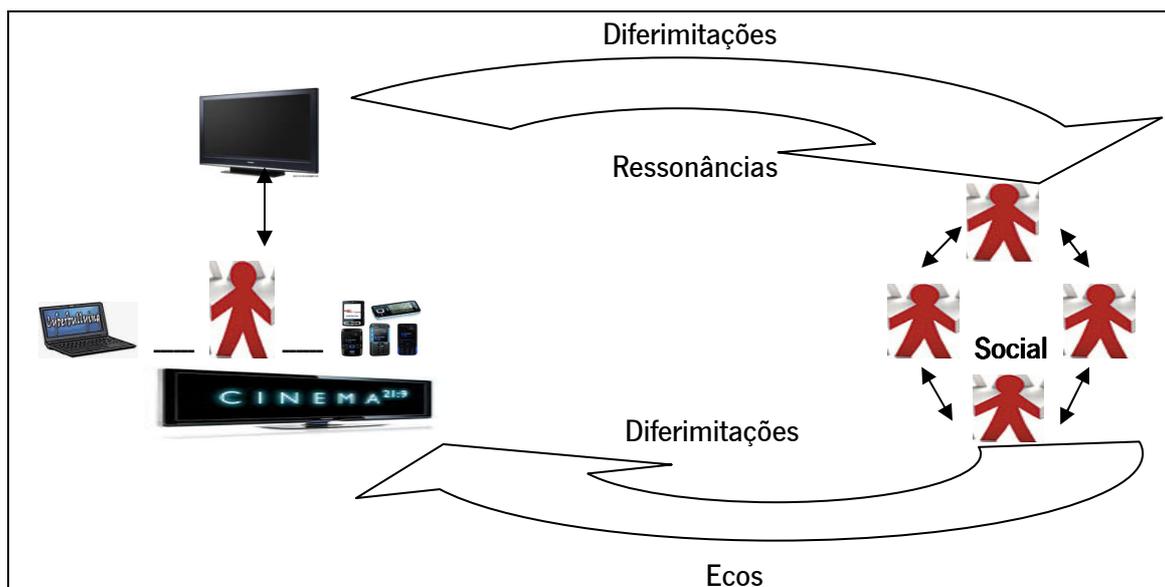
3.7. Formas de *sociação ecrânica*

Portanto, uma ecranovisão não é, por si só, uma forma de sociação. É apenas o resultado de uma interação sem forma, uma relação de forças. Neste sentido, torna-se possível constituir, então, dois polos de forças diferentes que, quer por razão de intensidade quer por razão de quantidade, geram formas diferentes de sociação ecrânica: o *hiperecrânico*, portanto aquele que está em interação constante com vários tipos de ecrãs e de conteúdos, num largo período de tempo, e que por isso adquire e transporta características específicas; e o *monoecrânico* (note-se que este é cada vez mais raro nas sociedades da informação), que é aquele que tem uma interação com ecrãs em escala muito reduzida, quer em quantidade como em intensidade³⁶. Entre esses dois polos, residem formas de sociação onde as quantidades e as qualidades são intermédias, funcionando como uma espécie de ponte que liga e estabiliza esses dois extremos. A esta forma chamamos de poliecrânicos, ou *biocrânicos* já que na maioria das vezes usam, com uma frequência e uma intensidade moderadas, dois tipos de ecrãs (TV e computador).



Esquema 1. Sociação hiperecrânica

³⁶ Esta comparação é rica, a nosso ver, precisamente por revelar os efeitos de uma forma de sociação que está a deixar de existir (monoecrânico), e permitindo a comparação com uma outra que se impõe cada vez mais (hiperecrânico). Assim, revelam-se diferenças entre efeitos e, sobretudo, entre passado e presente-futuro.



Esquema 2. Socialização monoecrânica
 Legenda – forte interação ↔ fraca interação —

A dinâmica que explica estes esquemas reside entre os ecos sociais e as ressonâncias internas que se colocam em circulação através das diferentes formas de socialização ecrânica. Os ecos ajudam a constituir o fora, o exterior e a percepção social, e as ressonâncias mostram o dentro quando se exteriorizam. Tanto os ecos como as ressonâncias permitem a apreensão, total ou parcial, das coisas sociais, e o excesso ou a falta de ecos capturados gera consecutivamente um excesso ou falta de ressonâncias internas produzidas, gerando por isso diferenças nas quantidades intensivas apreendidas. Chamamos *ecos sociais* a todas as capturas prováveis (da vida, da forma, do conhecimento, da acção e das sensações) e apreendidas pelos indivíduos na vida de todos os dias. Esses emergem das percepções sobre as várias dimensões da existência (neste caso concreto, das ecranovisões). Estes ecos são o néctar dos processos de socialização, processos que de certa forma repetem algo, pois

repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. Como conduta externa, esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior mais profunda no singular que a alma. A festa não tem outro paradoxo aparente: repetir um «irrecomeçável». (Deleuze, 2000: 42)

Portanto, esta interpretação de Deleuze leva-nos à seguinte proposição: os ecos sociais reportam-se ao exterior, ao social; as vibrações, as tais ressonâncias internas, reportam-se ao interior, ao profundo, à individuação.

As ressonâncias internas e a informação exterior tratada conscientemente mesclam não só aquilo que a descodificação mental é capaz de proporcionar como também as

pequenas percepções – experiências que nos invadem, que se instalam e atingem o nosso inconsciente e que de uma forma inexplicável acabam por influenciar a nossa percepção do mundo (Gil, 1996: 12). São os tais fenómenos do limiar que a individuação, social, individual ou técnica é capaz de capturar.

In-dividuar entre ecos e ressonâncias

Para além das contribuições de Jung e Simondon sobre o processo de individuação, é também necessário demonstrar o circuito de influências provocadas por factores como os arquétipos, o inconsciente colectivo, os valores socializados, o imaginário, os mitos, as ideias, os pensamentos, etc. É necessário saber: quais os mecanismos que formam os ecos sociais? Como é que acontece a captura das ressonâncias internas?

A diferimitação é então um dos princípios fundamentais das comunidades humanas. Sabemos que a ideia, o desejo ou a opinião de um, por diferimitação, irá tornar-se a opinião, o desejo ou a ideia de um sem número de pessoas. De facto, é através da diferimitação que se propagam opiniões. Mas não se propagam apenas opiniões. Com elas, acontecem também implosões, pois as opiniões estão sujeitas às dobragens provocadas pelos processos de subjetivação, portanto aquela inextricável relação entre interior e exterior individual e/ou social. E são os resquícios flutuantes das dobras entre interior e exterior que ficam a flutuar, ressoando numa pré-ação ou pré-significação. Esses resquícios são fundamentais, ainda que sejam da ordem da pré-ação ou da pré-significação, pois “não devemos ver no pré-verbal uma camada de sentido dando-se numa «compreensão antipredicativa» de um sujeito constituinte ou de um «corpo sujeito» operador de sínteses originárias – camada sobre a qual se ergueria a linguagem e as suas «idealidades»” (Gil, 1996: 96). Este autor considera que o sentido nasce nos indivíduos graças à relação semiótica entre pré-verbal e linguagem e não na massa amorfa de sentido do pré-verbal. É que,

a própria linguagem descobre essa massa não formada retrospectivamente” (Ibid.: 96), pois é a capacidade de nomeação da linguagem que permite a formação de sentidos e de significações. É portanto o efeito semiotizante da linguagem que permite maior diferenciação entre diferentes funções (como entre as funções biológicas e as funções semióticas – acções e significações). (Ibid.: 96-97)

Deste modo, Gil assinala que podemos ver no pré-verbal uma espécie de pós-preverbal (Ibid.: 97), no sentido em que o pré-verbal descodificado pela linguagem dos indivíduos estará presente, de certa forma, nos pensamentos, ideias e sentimentos verbais. É a tal ressonância interna, referida por Simondon, que provocará através de acções e significações semióticas o tal eco social que se instala na sociedade e que se dirige a todos

os becos para se refractar. Para Gil, o pré-verbal irá se constituir num após linguagem ou num 'in-linguagem', pois esta última "segrega e expulsa, para se estabelecer como autónoma, toda uma ganga não-verbal (gestual, prosádica, sensorial) que deixa flutuar à sua volta e de que continua a alimentar-se" (Ibidem). Temos, portanto, a linguagem a sentir o efeito do não-verbal, a tal ressonância que ecoa e que é parte constituinte das acções e significações.

É deste modo que podemos pensar a propagação de sociações, socioideias e sociopensamentos, e entender porque é que estas tendem para o universal. Mas mais do que falar de «opiniões planetárias», como ele salienta (Tarde, 1989: 7), importa juntar às opiniões as visões que os ecos e as ressonâncias são capazes de proporcionar. É que

Pelo próprio facto de uma ideia nova, um gosto novo, ter-se enraizado em alguma parte num cérebro feito de certo modo, não há razão para que essa inovação não se propague com maior ou menor rapidez num número indefinido de cérebros supostamente semelhantes e postos em comunicação. (Ibid.: 7).

Portanto, as inovações, sejam elas da ordem das ideias, das opiniões, mas sobretudo, da ordem das percepções, estão aptas também para se propagarem num número indefinido de cérebros. À pergunta «quais são as diferenças entre a propagação das opiniões planetárias e a propagação das percepções visuais planetárias?» responderíamos, contundentemente, que as opiniões têm como base a propagação através da diferimitação que se apoia na camada racional; e as percepções visuais, neste caso ecranovisões, compreendem, para lá do racional, a visão maciça (nua) e o olhar, o que permite uma maior integração do lado pré-individual e das singularidades individuais nas sínteses dos indivíduos. Acreditamos assim que a razão que explica o facto desta era (informacional e dos ecrãs) estar a incutir mais o espírito subjetivo do que no passado deve-se, precisamente, ao facto das ecranovisões permitirem a propagação maior do pré-individual e das singularidades e subjetividades no todo.

É deste modo que queremos sublinhar os efeitos das ecranovisões na cultura atual. A uma tendência para a «opinião planetária» podemos somar uma tendência para uma visão planetária, mas sempre posta em causa pela subjetividade do olhar. É esta preocupação com as capturas de todo o tipo de percepções (desde as percepções conscientes até às tais cargas de sentido não-consciente) que queremos perceber, sobretudo através das ecranovisões que se oferecem aos indivíduos. As influências dos arquétipos, dos mitos, das crenças, do inconsciente coletivo, dos comportamentos e atitudes serão analisados dentro destas perspetivas, considerando sempre as massas não formadas de sentido introduzidas pelas

capturas dos diferentes tipos de percepção. Esta perspectiva procura seguir o rasto aos ecos sociais que emanam das ressonâncias arquetípicas, dos valores sociais, das atitudes e comportamentos individuais, das ideias, dos mitos, das substâncias e dos absolutos no sentido de mapear os fatores que fazem efervescer os diversos tipos de fenómenos sociais. É deste mecanismo que nascem os ecos sociais, ecos que introduzem a individuação no circuito social. São os ecos que flutuam no social, e que rebatem em todas as formas e conteúdos (materiais e imateriais, objetivos e subjetivos) que permitem a alta rotação do circuito social da individuação. É entre essa camada expressiva verbal virtual (que possuiu uma extensão infinita) e a camada expressiva atualizada em ações e significações dos indivíduos que reside o foco de atenção da individuação.

Porque é que consideramos fundamental, dentro da ideia de ecranovisão, a metáfora da ressonância interna e dos ecos sociais? São as ressonâncias, que vibram direta ou indiretamente, que provocam os ecos. É que todo o sentido é primeiramente uma vibração ou um conjunto de vibrações. Por exemplo sobre o visível, sobre aquilo que se nos aparece ao ver, é sempre um eco que nos apanha, uma espécie de sombra ou negativo que preenche as capturas através de um eco que ressoa na visão e nos movimentos cinestésicos (Gil, 1996: 30). Os ecos são aquilo que emana dessas ressonâncias, expressões que batem nas extremidades das coisas e refletem os sentidos das ressonâncias. São pedaços de estruturas que se fragmentam lentamente no subterrâneo da velocidade, essa que faz diferenciar o conteúdo e a amplitude dos ecos. Os ecos são portanto esses reflexos das vibrações, pois todo o som é uma vibração a velocidades diferentes. E dos ecos nascem as percepções (aqui também se inscrevem as ecranovisões), esses que à medida que o tempo avança sobre eles se tornam cada vez mais silenciosos mas não menos transformadores da atmosfera social. Parafraseando Tarde (ibidem), diríamos que os ecos, em diferimitação, aparecem e crescem, depois estagnam e finalmente recuam diante do aparecimento de novos ecos sociais. É esta a lei simples que caracteriza todo o movimento composto pelo fluxo ressonância-eco, e tudo o que eles comportam.

Ao contrário das ressonâncias, que como produtoras de sentido equivalem-se à velocidade do veloz, como por exemplo o som (cerca de 1226 km/h, ou cerca de 340m/s, em condições padrão), o *eco* só chega ao ouvido depois do som direto e já sem as reverberações causadas pela velocidade inicial. Em jeito de metáfora, isto permite-nos dizer que os ecos são mais facilmente capturados do que as ressonâncias, dadas as diferenças de velocidade. Os ecos podem ser capturados mais lentamente, mais pausadamente e também diferentemente, pois será a posição física do sujeito social que os apreende que vai definir a

sua recepção. Consideramos que a metáfora dos ecos permite mostrar bem o que se passa em sociedade: em diferentes posições sociais, os ecos sociais, dadas as esquinas e os labirintos que deformam o som desses, vão ser determinantes na forma com são apreendidos. Há aqui, na metáfora dos ecos, maior abertura para a ideia de uma recepção diferenciada, subjetiva e individuada. É que na realidade, os ecos dificilmente serão capturados de forma completamente homogênea por sujeitos diferentes. Cada sujeito estará a uma distância física diferente dos outros e portanto sujeito à essência das vibrações e do som, essas que dependem do vetor velocidade. O mesmo se passa na sociedade, pois os diferentes 'lugares' psicológicos, sociais e também físicos vão diferenciar a captura dos ecos sociais. Os ecos sociais são assim toldados pelas configurações sociais, pelos labirintos da vida em sociedade, e portanto aparecem aos indivíduos com tonalidades, amplitudes e velocidades diferentes pois em sociedade nenhum indivíduo se encontra na mesmíssima posição.

O fluxo produzido pelos ecos e pelas ressonâncias é deveras importante. As ressonâncias internas seguem em direção ao coletivo; por sua vez, os ecos sociais batem nas diferentes esquinas dos labirintos sociais em direção aos indivíduos. As ressonâncias internas expõem o lado subjetivo dos indivíduos, e os ecos sociais aquilo que posteriormente será mais a base da realidade social objetiva. Ou seja, as ressonâncias internas vão ajudar a exteriorizar os indivíduos; os ecos sociais permitirão a integração social do indivíduo.

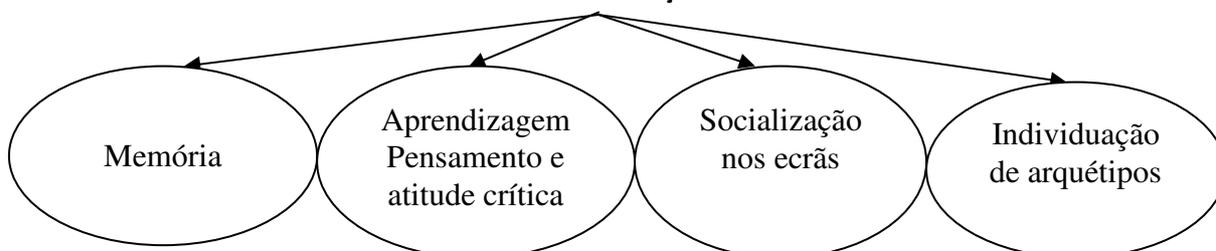
As ecranovisões serão, portanto, o resultado desta relação entre ecos sociais e ressonâncias internas que se produzem na relação entre indivíduos e ecrãs, dinâmica essa que mostra os jogos entre a individuação e a socialização. É o jogo intermédio motivado pelo apelo dos processos de individuação e pelos processos de socialização que permitirá mostrar as moldagens e as influências das ecranovisões. Mas falemos sempre em energia potencial, ecranovisões como percepções que podem ficar quer num estado virtual como em constante atualização. É que

o mundo oferece sempre muito mais sentido virtual do que o significado atualmente nele pela linguagem, mas também por todos os significantes disponíveis. Há «significado flutuante» infinito transbordando o mundo que é exprimido, e são as pequenas percepções que se encarregam de o significar. (Gil, 1996: 99)

Assim, as ecranovisões, resultantes das percepções gerais, e também das pequenas percepções, irão fazer flutuar significados, e são as forças dos seus ecos e das suas ressonâncias as determinantes dos movimentos de propagação social nesta pós-modernidade. Tentaremos então, através da comparação entre as formas de sociação

monoecrânica e as formas de sociação hiperecrânica, perceber se cada uma das suas dinâmicas influenciam e alteram diretamente o pensar, o sentir e o agir humano: na memória e no seu uso; nos processos de aprendizagem; nos processos de socialização; e nos processos de individuação de arquétipos.

Ecos e ressonâncias impostos pelas diferentes formas de sociação ecrânica na:



4. Perspetiva metodológica: hiperecrânicos na lógica de *self-media* e monoecrânicos na lógica de *mass-media*

4.1. Enfoques de investigação nas ciências sociais

Antes de prosseguirmos para os objetivos atrás enunciados, importa relembrar uma discussão que nos trouxe até aos nossos dias a importância dos métodos e das técnicas para garantir o máximo de pertinência, verificabilidade e originalidade das ciências sociais. Foi uma discussão rica no sentido de alertar as ciências sociais para a importância da relação entre a fusão da teoria com a investigação empírica. Como diria Adorno sobre a investigação em ciências sociais, concordando já quase no fim da sua vida com a importância da fusão entre ambas,

Quando se me pediu «medir la cultura», pensé que la cultura puede ser precisamente aquella condición que excluye una mentalidad capaz de medirla. Me resistí a la aplicación indiscriminada del principio «ciencia es medida», que era poco criticada incluso en las ciencias sociales. La tarea de traducir mis reflexiones en términos de investigación equivalía a la cuadratura del círculo. Mi propia posición en la controversia entre la sociología empírica y teórica, tan a menudo desfigurada en Europa, se puede resumir diciendo que las investigaciones empíricas no son solamente legítimas sino también esenciales, aún en el campo de los fenómenos culturales. Pero no se les debe conferir autonomía o interpretarlas en clave universal, sino que deben acabar en conocimiento teórico. (Picó, 1998: 45-46)

O autor Josep Picó, em *Teoría y Empiría en el Análisis Sociológico: Paul F. Lazarsfeld y sus Críticos* (1998: 9-48), fez um apanhado geral do confronto metodológico e teórico entre dois autores que marcaram os métodos e as técnicas de investigação em Ciências Sociais:

nomeadamente, Paul Lazarsfeld e Theodor Adorno. Provenientes de duas áreas disciplinares diferentes, Lazarsfeld da Matemática e Adorno da Filosofia, simbolizam assim o diálogo entre Teoria e Empíria nas ciências sociais, entre métodos quantitativos e métodos qualitativos - debate que parece não ter fim.

Paul Lazarsfeld, com formação em matemática (1925), é identificado como o pioneiro no campo da análise quantitativa em ciências sociais. Eram duas as principais características do seu trabalho:

a) un aspecto metodológico, donde los problemas generales de la investigación son tratados con técnicas específicas de análisis, como el de las estructuras latentes; b) otro aspecto, el de la investigación, que se centra en los problemas sobre la toma de decisiones. Su principal foco de interés fue el «análisis empírico de la acción» – el estudio de la acción individual— y las encuestas por muestreo que se convirtieron en su instrumento de trabajo más importante. (Ibid.: 9)

Por seu turno, Theodor Adorno, que estudou Filosofia, Musicologia, Psicologia e Sociologia na escola da Frankfurt (1924), baseava-se numa filosofia dialética e epistemológica, onde só numa perspectiva qualitativa seria possível explicar determinados fenómenos, como por exemplo a cultura. Nos finais dos anos 30, Adorno, até aí companheiro de Lazarsfeld, entra em ruptura com o seu método. Lazarsfeld contratou Adorno para supervisionar um estudo sobre a rádio, encomendado pela Fundação Princeton dos EUA. Segundo Picó (Ibidem),

El problema que surgió entre ambos fue cómo medir socialmente la cultura. Aquí se enfrentaron dos puntos de vista diferentes: Adorno entendía la palabra método más en el sentido epistemológico europeo que en el sentido técnico americano. Este enfoque crítico enfrentó a Adorno con todo el equipo de investigación y tuvo que dimitir. Pero su crítica no era una crítica sólo teórica sino metodológica, referida a la sociedad y a la forma de hacer sociología en la universidad americana.

Esta necessidade de medir as coisas para que essas se tornassem comensuráveis, por parte de Lazarsfeld, e a estranheza de medir coisas para as controlar sem se adotar uma perspectiva crítica, por parte de Adorno, gerou uma ruptura entre ambos e um debate alargado nas metodologias das ciências sociais, que se prolonga até aos dias de hoje. Para os que estavam com Lazarsfeld, a investigação teria que ser capaz de se tornar quantificável; para os que estavam com Adorno, a investigação deveria adoptar princípios críticos e ser sustentada teóricamente (ibid.: 10-12).

Depois de toda esta polémica com Adorno, Lazarsfeld e o seu método enfrentou uma outra controvérsia (forte entre a 2ª guerra mundial e a guerra fria). Os cientistas sociais europeus começaram a levantar a dúvida: para estes, Lazarsfeld queria desenvolver as

ciências sociais na linha das ciências naturais no sentido em que se passava a prestar mais importância ao método quantitativo. Os métodos de entrevista e questionário e as sondagens de opinião entraram em força nos estudos sociais, sobretudo quando os sociólogos são chamados a colaborar em planos de ação administrativa das democracias. Isto fez com que os interacionistas simbólicos se levantassem contra as sondagens de opinião, sobretudo Blumer. Mais tarde, fora também a vez de Wrigth Mills, ao dizer que o empirismo abstrato desses métodos e o *ethos* burocrático estava a divorciar o entendimento social das questões mais importantes. Os três problemas enunciados por Mills eram:

1^o) la metodología, porque es la que determina los problemas y las áreas de estudio; 2^o) los temas elegidos, que no son significativos para el conocimiento de la estructura social y de lo que en ella sucede, y 3^o) los resultados de este tipo de investigación porque tienden a confirmar aspectos obvios y sin relevancia para la sociedad. (ibid.: 12)

Esta crítica estendeu-se até França. Autores como Montlibert (1982), Meynaud (1985) e Bourdieu (1973-1985) estiveram sempre contra esta forma de entender as ciências sociais. Bourdieu enuncia mesmo os obstáculos da constituição de uma ciência social vista assim:

presiones del mercado sobre la práctica de los institutos, sumisión a la actualidad, urgencia, falta de formación de los encargados de los estudios, ausencia del archivo de datos»; y denuncia «una ciencia sin científicos, una ciencia a petición del cliente y a medida de éste. (ibid.: 14)

Porém, a crítica mais dura e sistemática do trabalho de Lazarsfeld veio de Pollak, que ataca, no artigo *Paul F. Lazarsfeld fondateur d'une multinationale scientifique*, não apenas a sua ideologia como também a sua ideia de sociologia e a sua ideia de ciência em geral, acusando-o também de estar ao serviço dos interesses comerciais da sociedade capitalista. Pollak acusa Lazarsfeld de reduzir a sociologia a técnicas de investigação destinadas a produzir informações encomendadas. Claro está que Lazarsfeld também tinha amigos para o defender, entre os quais Dumazedier que o defendeu de Pollak. Dumazedier fez um ataque dirigido ao marxismo filosófico francês (Ibid.: 30-45).

Sem qualquer conclusão, e sem pretensão de tal, sobre um tema quente e transversal nas ciências sociais, importa salientar que as ciências sociais americanas estavam, sobretudo nos anos 50 e 60, dominadas por um cientificismo negativo, no sentido de um positivismo que colocava os atores sociais como meras marionetas do social poderoso. Havia aquela ideia de que o positivismo considerava os indivíduos como passivos face às estruturas de poder, como por exemplo os *media*. Que a sociedade era uma espécie de organismo, e os indivíduos eram apenas células funcionais e substituíveis, arredadas de

escolhas individuais. Daí a ideia metodológica de objetividade, de operatividade, de neutralidade, de medida e quantificação, no sentido em que com indivíduos passivos a sociedade poderia ser explicada mais eficazmente. Pelas mesmas razões, o excesso de objetivismo, que era apanágio dos sistemas que buscavam a eficácia e eficiência máxima, como no grande adversário dos EUA do século XX (a Ex-União Soviética), Malevich e Bakhtin foram dois dos autores que mais sofreram com essa força. Ambos acusados de excesso de subjetivismo nos seus trabalhos, foram colocados de lado do projeto moderno nos seus países.

É obvio que esta postura não estaria nunca de acordo com a postura crítica da escola de Frankfurt, da qual Adorno fazia parte. Mas também não estava de acordo com os interacionistas, que não consideravam de todo que os indivíduos fossem apenas meros figurantes, pois como indivíduos que são têm consciência e só aceitam o que desejam. Nem muito menos, mais recentemente, com Barbero, que insistiu no facto de que, por exemplo no caso dos *media*, o que o recetor aceita e compreende varia consoante a cultura existente, cultura no seu sentido abrangente (Ibid.: 46-48).

Mediante o exposto, consideramos que os métodos e as técnicas a usar, bem como a relação entre investigação empírica e teoria, são fundamentais para garantir às ciências sociais o máximo de rigor, verificabilidade e replicabilidade dos seus estudos. Será também a nossa preocupação garantir que este estudo cumpra tais exigências. Estudar a cultura, neste caso a cultura-e-crã dos mais jovens, é sempre difícil e exigente do ponto de vista metodológico e, por isso, é fundamental alertar para todas as dificuldades. Sobretudo na era da comunicação horizontal (Self-media), esta forma atenta de estar metodologicamente permite-nos integrar e inovar sobre os vários pressupostos teóricos das teorias da comunicação, desde Lazarsfeld até Barbero, passando por Adorno e a escola de Palo Alto. Recordo que com Lazarsfeld tudo o que o emissor dissesse seria aceite pelo recetor (funcionalismo). Com Adorno e Horkheimer, o que estava em causa era a relação de dominação ideológica que a transmissão de massas fazia. Já com a escola de Palo Alto, é introduzida a ideia de que o recetor não é um mero figurante, pois tem consciência e só aceita o que deseja. E com Barbero, o que o recetor aceita e compreende varia, e é ampliado pela cultura já existente - cultura no seu sentido abrangente. É por aqui, tendo em atenção todos estes pressupostos, que pretendemos colocar o nosso enfoque.

4.2. Estratégia metodológica e objetivos

Na definição e construção do objeto de estudo, foi então incluída a organização de uma estratégia metodológica mista, assente por um lado numa pesquisa empírica, e por outro numa análise epistemológica. Esta estratégia mista impôs-se por várias razões. Escolhemos analisar o ver e analisar o olhar, onde o ver seria o resultado dos discursos e das práticas descritas pelos jovens entrevistados, e o olhar seria a análise a factos e a imagens na sua confrontação teórica. Por isso optamos por entrevistas e por análises a detalhes e a certos acontecimentos mediáticos.

Esta opção decorre da definição da hipótese central desta pesquisa. Visto que se pretende mostrar como é que o *poder ecrânico*, nos ecos e nas ressonâncias geradas, através das *ecranovisões*, constrói atmosferas capazes de configurar e propagar subjetividades e formas sociais sujeitas às dinâmicas impostas pela síntese entre estas e os conteúdos implícitos, achamos fundamental não só perceber o que é racionalizado como também o que não é consciencializado mas que também configura e se propaga. Quando dizemos que o poder ecrânico é fundamental para a mutação da cultura, nomeadamente da cultura letrada para a cultura visual, da cultura objetiva para algo mais equilibrado entre objetivo e subjetivo, achamos que só através do entendimento quer dos motivos racionalizados como dos motivos não conscientes se tornaria possível mostrar tal mutação.

Ora, esta situação leva-nos à construção de uma estratégia metodológica que permita pensar sobre a importância da maior ou menor ligação aos ecrãs como forma de perceber as suas implicações. Quando nos referimos às diferenças entre os *ecranoligados* e os *ecranodesligados* (ou menos ligados, uma vez que hoje no ocidente dificilmente se encontra um ecranodesligado) dos self-media, estamos a tentar separar duas formas de interação diferentes, sob influências de forças diferentes e por isso diferentes nos processos de individuação e socialização do mundo. Além disso, tal divisão, conta com a tipificação já feita entre gerações (Strauss e Howe, 1997), onde os ecranoligados-self estariam dentro de uma atmosfera mais horizontal, subjetiva e conectiva existente na geração Millenials, e os ecranodesligados-self mais próximos da atmosfera vertical, linear e objetiva da geração anterior (geração X).

Por outro lado, importa pensar também sobre a forma como os jovens da geração Millenials olham e veem o mundo, em contraste com as gerações anteriores, conferindo assim as diferenças na perceção impostas pelos diferentes meios de o perceber, viver e sentir. Assim, a fusão entre a técnica de análise de entrevistas e a análise epistemológica e semiótica às ecranovisões, poderá fortalecer o entendimento quer do ver como do olhar dos

jovens enquanto influenciados pelos diversos ecos e ressonâncias que emanam da sociação ecrânica.

Pensamos, por isso, que uma abordagem baseada em modelos semióticos terá de ser complementada com um estudo de tipo interdisciplinar, nas fronteiras entre o social e o biológico, tal como propõem, entre outros, Jung (1979), Simondon (1969), José Gil (1996) e Perniola (2004). Na realidade, estamos de acordo com Massumi (2002) quando ele salienta que os modelos inspirados na linguística negligenciam as características marcantes da existência, encarnados em favor de conceitos derivados da teoria semiótica linguística, já que, "O corpo e os meios de comunicação como [o telemóvel e a Internet] são formações culturais que operam em múltiplos registos de sensação fora do alcance das técnicas de leitura fundadas sobre o nível retórico e semiótica de modelos" (Massumi, 2002: 67).

É neste sentido que consideramos a importância de estudar a sociação ecrânica, propondo um estudo misto, com análise semiótica mas também analisando formações culturais e acontecimentos que revelam todo o poder ecrânico. Assim, a terceira parte, ao contrário da primeira onde foi empreendida uma pesquisa quase apenas teórica, será composta por uma pesquisa empírica acerca dos diversos utilizadores de ecrãs, mas reforçada com exemplos dos efeitos da sociação ecrânica nos temas referidos (aprendizagem e pensamento, memória, socialização e individualização).

Vamos por isso analisar, na Parte III, dois grupos diferentes de indivíduos. A recolha de informação será feita através de entrevistas individuais, semidiretivas e centradas. constituiremos dois pequenos grupos, diferenciados por geração, para comparação qualitativa. Um grupo de entrevistados terá entre os 16 e os 22 anos, e o outro grupo entre os 35 e os 45 anos.

As vantagens do uso desta técnica prendem-se com o facto de podermos chegar ao conhecimento de "uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores e as suas opiniões (Quivy e Campenhoudt, 2003: 189) bem como a

análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc. [e aos problemas mais específicos:] os dados do problema, os pontos de vista presentes, o que está em jogo, os sistemas de relações, o funcionamento de uma organização, etc. (Ibid.: 193)

O estudo vai então sistematizar as perceções entre gerações e dentro de uma mesma geração, face aos ecrãs (nos usos e efeitos), mostrando diferenças e semelhanças e

apontando os caminhos para a emergência de uma nova cultura que está a transformar as práticas sociais e as formas de estar, sentir e viver. Assim, pretendemos clarificar algumas diferenças entre a denominada geração X (nascidos entre 1961 e 1980) e a denominada geração «Millenials» ou «Digital» (nascidos entre 1981 e 2004), e, sobretudo, comparar indivíduos e perceber as consequências de diferentes formas de sociação: hiperecrânica e monoecrânica.

Parte III

**Entre o Ver e o olhar ecrânico: ecos e
ressonâncias**

Capítulo Único

Consequências do poder ecrânico

Vamos agora iniciar a análise às entrevistas, dos jovens e dos adultos, começando primeiro pela análise da palavra, e só depois através da análise do discurso. Quer dizer, começamos, em primeiro lugar, por analisar o conteúdo implícito através da palavra, usando um conjunto de técnicas de análise de conteúdo que visam

obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1995: 42)

Usaremos primeiramente esta técnica para fazer uma pequena triagem sistemática de algumas intuições que se foram intensificando ao longo deste estudo, mas sempre sem uma crença desmedida nas suas potencialidades. Como subscreve Bardin (ibid.: 20) citando Berelson, “A análise de conteúdo como método não possui qualidades mágicas, e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes até menos; - no fim de contas, nada há que substitua as ideias brilhantes”. Vale, sobretudo, pela capacidade de sistematizar e agrupar dados, e pelo fortalecimento de uma atitude de vigilância crítica sobre juízos ou intuições que se encontram mais longe ou mais perto daquilo que realmente se manifesta nos dados obtidos. Não buscamos, como diria Bourdieu (2001: 25), uma sensação de segurança, sempre confortável mas também muitas vezes falsa, oferecida pelos números. Apenas desejamos contextualizar, enquadrar e organizar, da forma mais clara possível, toda a nossa análise.

Num segundo momento, ou melhor, entre a análise à palavra e ao subliminar presente no fio do discurso, analisaremos os indícios e colocaremos alguns exemplos para permitir a reflexão mais alargada e rizomática face aos assuntos analisados. Para isso, recorreremos no geral a um modelo assente no «paradigma indiciário», quer dizer, “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios” (Ginzburg, 1989: 154). Será nossa preocupação, com o método indiciário, não privilegiar exclusivamente o empírico, colhendo e descrevendo somente indícios, mas também selecionar e organizar para fazer inferências. Neste sentido, assumimos o desejo de articular os métodos dedutivo e indutivo, uma vez que também consideramos que “Qualquer modelo comporta inevitavelmente elementos de estruturação

dedutiva mas também indutiva (por exemplo, na escolha de dimensões e indicadores ou na formulação de hipóteses complementares)” (Quivy e Campenhoudt, 2003: 144). Ainda assim, menos com a pretensão de generalização dos resultados e mais com a preocupação de revelar algumas tendências e regularidades inscritas nas formas de sociação a seguir analisadas, temos bem presente que ao escolhermos o método indiciário neste caso concreto estamos a dar maior ênfase ao método indutivo, já que “o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos” (Braga, 2008:78).

1. Caracterização geral da amostra

1.1 – Dados gerais das entrevistas

Começamos então pela parte quantitativa da amostra dos jovens, descrevendo os números gerais obtidos:

Tabela 16. Caracterização da amostra dos jovens

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6	Entrevistado 7	Entrevistado 8	Entrevistado 9	Entrevistado 10
Idade	20	18	18	19	18	21	21	18	21	20
escolaridade	12 ^o									
sexo	F	F	M	F	M	F	M	F	M	F

Estes dez entrevistados pertenciam a uma turma que frequentava o 12^o ano de escolaridade, em Guimarães. A escolha desta turma foi aleatória. A média de idades presente neste grupo de jovens é de 20,4 anos, divididos por seis indivíduos do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Encontravam-se todos em circunstâncias socioculturais e socioeconómicas semelhantes. Por exemplo, o número de livros lidos por cada jovem entrevistado num ano é relativamente baixo, e todos pertencem às classes socioeconómicas média e/ou média-baixa. O nível de escolaridade dos pais situa-se entre o secundário ou a sua frequência, no máximo, muitas vezes completo através das novas oportunidades e outras. Não obstante, e sobre esta forma de construir a amostra, chamamos novamente a atenção: mais do que reunir regularidades estatísticas para generalizar, queremos sim indícios para gerar inferências e revelar tendências.

Nestas dez entrevistas, sobre a relação entre jovens e ecrãs, obtivemos um total de 9326 palavras totais, e 1897 palavras diferentes no cálculo a todas as entrevistas.

Tabela 17. Extensão das entrevistas por entrevistado jovem

	Entr.1	Entr.2	Entr.3	Entr.4	Entr.5	Entr.6	Entr.7	Entr.8	Entr.9	Entr.10
Palavras totais	777	912	677	2166	1313	650	527	300	1250	754
Palavras diferentes	346	377	302	718	497	301	264	179	574	358

Ao analisarmos a relação entre palavras totais e palavras diferentes encontramos um primeiro indicador léxico: o Type Token Ratio (TTR). Este indicador serve para medir a variedade do vocabulário usado, fazendo o cálculo da razão entre o número de palavras diferentes, sobre o número total de palavras. “Quanto maior for o resultado, tanto maior é a variedade, diversidade, ou riqueza vocabular que o texto manifesta” (Bardin, 1995: 186).

O TTR destas entrevistas revela que a diversidade e a riqueza vocabular dos jovens entrevistados é, numa análise ao coletivo, relativamente baixa (TTR = 0,2). Já individualmente, podemos reparar que existem variações consideráveis, onde se destacam TTR's mais elevados. No entanto, não nos devemos iludir com este índice: com dados brutos, ele revela sempre um TTR elevado nas entrevistas mais pequenas, já que nessas a diferença numérica entre palavras totais e palavras diferentes é menor. Precisamente por essa razão, encontramos na entrevista mais pequena (Entrevistada 8), o TTR mais elevado (0,6). E, de forma inversamente proporcional, na entrevista maior (Entrevistada 4), o mais reduzido TTR (0,33). Analisando o léxico de ambas as entrevistas, percebemos que isto acontece não propriamente porque o léxico do entrevistado 8 é mais rico, mas sim porque o entrevistado 4 tinha mais para dizer sobre ecrãs, e ambos com um vocabulário ainda pouco diverso, com pouca variedade lexical, o TTR penaliza sempre a entrevista mais longa.

Tabela 18. Type Token Ratio individual/jovens

	Entr.1	Entr.2	Entr.3	Entr.4	Entr.5	Entr.6	Entr.7	Entr.8	Entr.9	Entr.10
TTR	0,45	0,41	0,45	0,33	0,38	0,46	0,5	0,6	0,46	0,47

Trata-se, portanto, apenas de salientar que o TTR dos jovens entrevistados é, em geral, baixo, mostrando que à medida que mais falam, mais repetem o léxico. O que mostra uma certa uniformização do grupo, até porque o nível de escolaridade é semelhante. E isto é, para já, o mais importante a reter. De resto, estes dados pouco ou nada nos dizem de forma isolada. Só quando os pudermos relacionar com outras variáveis e com uma geração mais velha é que poderão fazer sentido. Para já, continuamos com a simples descrição de dados.

Vamos agora aplicar a mesma descrição às entrevistas efetuadas aos adultos, para depois podermos comparar semelhanças e diferenças entre gerações. Começemos então pela parte quantitativa, descrevendo os números gerais obtidos:

Tabela 19. Caracterização da amostra dos adultos

	Entr.11	Entr.12	Entr.13	Entr.14	Entr.15	Entr.16	Entr.17	Entr.18	Entr.19	Entr.20
Idade	36	40	35	42	45	38	40	41	42	35
escolaridade	Bacharelato	12º ano	Licenciatura	9º ano	12º ano	12º ano	Bacharelato	Licenciatura	11º ano	12º ano
sexo	F	F	M	F	F	F	M	M	M	M

Estes dez entrevistados adultos foram escolhidos em função do critério escolaridade por faixa etária. Procuramos cinco indivíduos do sexo masculino e cinco do sexo feminino com idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos de idade, para que a média de idades fosse cerca de 20 anos mais velha do que a média dos entrevistados jovens – precisamente para usarmos o tempo (20 anos) que distingue duas gerações. A média de idades destas dez entrevistas é de 39,4 anos, e o nível de escolaridade dos entrevistados distribui-se da seguinte forma: 2 indivíduos com menos do 12º ano; 4 indivíduos com o 12º ano; 2 indivíduos com o bacharelato; e 2 com a licenciatura. Nestas dez entrevistas, sobre a interação entre os adultos e os ecrãs, obtivemos um total de 8023 palavras totais, e 2027 palavras diferentes no somatório de todas as entrevistas.

Tabela 20. Extensão das entrevistas por entrevistado adulto

	Entr.11	Entr.12	Entr.13	Entr.14	Entr.15	Entr.16	Entr.17	Entr.18	Entr.19	Entr.20
Palavras totais	716	701	1575	250	1273	783	602	1018	591	514
Pal. Diferentes	378	354	666	156	511	374	293	415	274	255

O TTR destas entrevistas revela que a diversidade e a riqueza vocabular dos adultos entrevistados, no conjunto, é, tal como se esperava, ligeiramente maior do que a dos jovens (TTR = 0,25). Já individualmente, podemos reparar que existem variações consideráveis, onde se destacam TTR's mais elevados. No entanto, tal como no caso das entrevistas dos mais jovens, não nos devemos iludir com este índice: com dados brutos, ele revela sempre um TTR elevado nas entrevistas mais pequenas, já que nessas a distância entre palavras totais e palavras diferentes é menor.

Tabela 21. Type Token Ratio individual/adultos

	Entr.11	Entr.12	Entr.13	Entr.14	Entr.15	Entr.16	Entr.17	Entr.18	Entr.19	Entr.20
TTR	0,52	0,51	0,42	0,62	0,40	0,48	0,48	0,41	0,46	0,5

Precisamente por essa razão, encontramos também na entrevista mais pequena (Entrevistado 14), o TTR mais elevado (0,62). E, de forma inversamente proporcional, na entrevista maior (Entrevistado 15), o mais reduzido TTR (0,40). Analisando o léxico de ambas as entrevistas, percebemos que isto acontece não propriamente porque o léxico do entrevistado 14 é mais rico, mas sim porque o entrevistado 15 tinha mais para dizer sobre ecrãs, e ambos com um vocabulário ainda pouco diverso, com pouca variedade lexical, o TTR penaliza sempre a entrevista mais longa.

Trata-se, portanto, de salientar que o TTR dos adultos entrevistados é, em geral, intermédio, mostrando que à medida que mais falam, mais repetem o léxico. O que mostra uma certa uniformização do grupo, até porque este ao nível de escolaridade é heterogéneo.

Isto é de certo modo significativo quando comparamos com os mais jovens. Mesmo com níveis de escolaridade heterogêneos, existem semelhanças em função do maior ou menor uso de ecrãs quando comparados com os entrevistados jovens. Quer dizer, não é a diferença de escolaridade que altera a quantidade de coisas a dizer sobre a relação com os ecrãs, mas mais a intensidade com que se interage com eles.

1.2. Palavras mais usadas

Analisando agora o todo das entrevistas sobre a problemática dos ecrãs na vida dos mais jovens, encontramos as seguintes palavras mais usadas:

Tabela 22. As cinco palavras mais repetidas pelos jovens

	Palavras plenas	Frequências	%
1	Pessoas	79	0,86
2	Facebook	36	0,39
3	internet	30	0,33
4	Gente	23	0,25
5	Azul	22	0,24

A palavra *pessoas* (79 vezes) é a palavra mais usada pelos entrevistados. Diríamos que quando se pergunta sobre ecrãs, as associações mentais destes entrevistados remetem para o universo das pessoas. Temos então o ecrã como um lugar de pessoas, onde estão pessoas, onde moram pessoas. Porque lá as pessoas podem, entre outras coisas:

Entrevistado 1: Conhecer outras pessoas (2/03/2011)

Entrevistado 2: ver pessoas a ajudar (2/03/2011)

Entrevistado 3: enviar mensagens a pessoas (2/03/2011)

Entrevistado 4: as pessoas colocam fotos; as pessoas são corruptas (2/03/2011)

Entrevistado 5: tem a parte da união e da amizade em torno das pessoas” ou “As pessoas perderam o hábito de falarem umas com as outras (2/03/2011)

Entrevistado 6: há pessoas que tratam muito mal os animais; ouvem as pessoas; pessoas a caírem, a atirarem-se...a aflição das pessoas (2/03/2011)

Entrevistado 7: vai-se perdendo o contacto com as pessoas próximas (24/01/2012)

Entrevistado 8: aparecem aquelas fotos que as pessoas publicam (24/01/2012)

Entrevistado 9: falar com as pessoas; há pessoas arruinadas da vida (24/01/2012)

Entrevistado 10: as pessoas na Internet não são aquilo que uma pessoa julga (24/01/2012)

Portanto, a palavra *pessoas*, tal como as palavras *Facebook*, *Internet*, *gente* ou *azul*, entre outras numericamente menos expressivas, são as tais palavras muitas vezes repetidas, que tornam o léxico mais pobre ou menos diverso, mas que apontam para uma grande pertinência dos seus significados e universos nos ecrãs. Como referimos anteriormente, não é propriamente o TTR que nos interessa, mas sim a relação entre as palavras e o que isso

significa em toda a cadência do discurso. Hiernaux refere que os conteúdos dizem respeito aos sentidos expressos, como por exemplo nos discursos, nos textos ou nos comportamentos (Hiernaux, 1997: 156-202). A análise do discurso incide nestes sentidos expressos, que se organizam em modos de percepção ou em sistemas de sentidos. Ao estruturarem e orientarem a percepção, os sistemas de sentido tendem a orientar a ação tornando-se princípios organizadores, tanto da percepção como do comportamento (Pais, 2001: 233).

Assim, podemos inicialmente dizer que, para estes entrevistados, as pessoas, o Facebook, a Internet, a gente e o azul estão fortemente presentes nos ecrãs, ou na relação com os ecrãs. Poderíamos porventura supor que, destas cinco palavras plenas mais referidas, aquela que aparentemente parece menos plausível em relação ao tema dos ecrãs é a palavra azul. Porquê o azul? Só para esclarecer por agora, muito sumariamente, o azul é a cor que os jovens entrevistados mais atribuem aos ecrãs, sobretudo a um tipo específico de ecrãs. Veremos mais adiante porquê esta associação à cor azul.

De um modo mais ou menos próximo, encontramos também nas entrevistas dos adultos as seguintes palavras mais usadas:

Tabela 23. As cinco palavras mais repetidas pelos adultos

	Palavras plenas	Frequências	%
1	Pessoas	27	0,34
2	Imagem	26	0,33
3	Azul	21	0,27
4	TV	21	0,27
5	Facebook/ filme	20	0,26

A palavra *pessoas* (27 vezes), tal como nos jovens, é a palavra mais usada pelos entrevistados adultos. Diríamos então que os ecrãs, para estes, são também lugares de pessoas, onde estão pessoas, onde moram pessoas. Todavia, importa salientar uma questão de fundo presente nos discursos: o termo *pessoas* aparece em maior percentagem associado aos ecrãs das redes sociais (sobretudo o Facebook) – cerca de 67%. Neste sentido, surge-nos uma ideia transversal a todos os entrevistados: o ecrã do computador, das redes sociais, é o das pessoas, próximas, comuns, conhecidas ou amigas, e não tanto o das elites, ou dos estrangeiros, ou das pessoas mediáticas. Este é um eco que importa salientar.

Entrevistado 11: pessoas que misturam redes de amigos com outra coisa qualquer (2/03/2011)

Entrevistado 12: [novidades] das pessoas que estão ligadas a mim, por exemplo: novas fotografias, casamentos, festas, essas coisas assim. (2/03/2011)

Entrevistado 13: Aquelas pessoas que não conseguiram libertar-se da força da água... (2/03/2011)

Entrevistado 14: Deveria falar muito mais, informar as pessoas...mentalizar as pessoas. (2/03/2011)

Entrevistado 15: Só uso o Facebook. Dá para passar tempo, falar com a pessoas que não vês muitas vezes. (2/03/2011)

Entrevistado 16: é mais ver as pessoas que já não vejo há muitos anos. (2/03/2011)

Entrevistado 18: são pequenos parasitas que se metem na vida das pessoas. (24/01/2012)

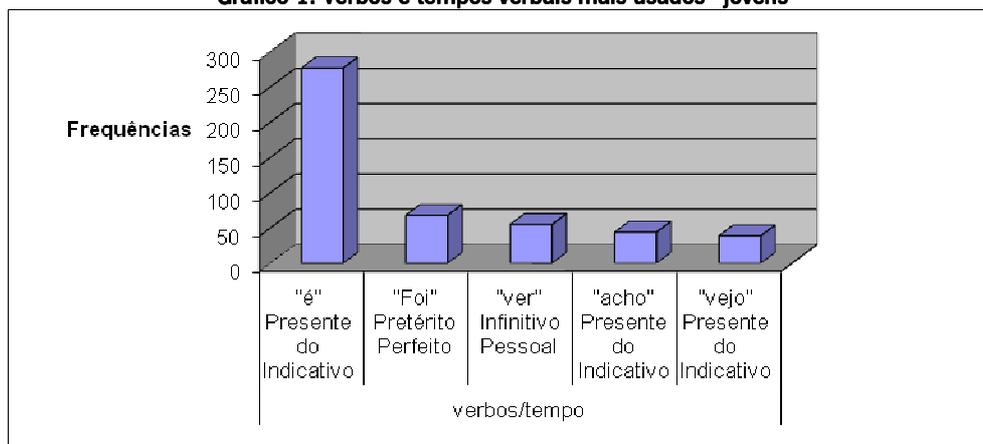
Entrevistado 19 : A minha opinião em geral é de que é bom, para as pessoas partilharem as fotografias, e pensamentos, e coisas engraçadas. (24/01/2012)

Entrevistado 20: para pessoas que andam na escola é uma influência muito grande. (24/01/2012)

1.3. Tempos verbais e palavras instrumento

Em relação aos verbos, portanto os elementos principais da oração que exprimem processos, ações, estados ou fenómenos, importa tecer algumas considerações. Dos cinco verbos mais usados pelos jovens entrevistados, o verbo ser, na terceira pessoa do singular, no modo presente do indicativo (é), é o mais frequente. Portanto, ele ou ela “é”. No caso concreto da nossa análise, diríamos que a proposição mais comum seria: “o ecrã, ou no ecrã, é...”.

Gráfico 1. Verbos e tempos verbais mais usados - jovens



Na análise aos verbos e aos correspondentes tempos verbais mais usados, verificamos a seguinte distribuição:

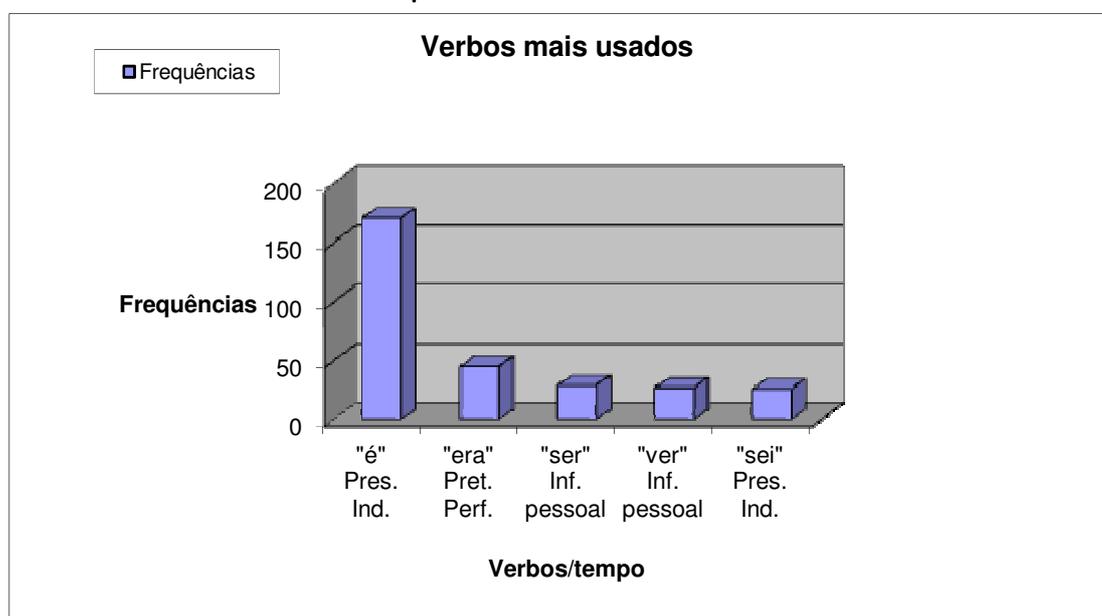
- 1) O Presente do Indicativo (“é”, “acho” e “vejo”), portanto uma indicação de algo que está a ocorrer no presente. Algo que nos levaria a proposições do género: “(n)o ecrã é...”, “no ecrã acho...” ou “no ecrã vejo...”;
- 2) O Pretérito Perfeito (“foi”), na 1ª ou 3ª pessoa do singular, portanto uma ação iniciada e concretizada no passado. No nosso caso concreto levar-nos-ia a uma proposição do género “ele/ela no ecrã foi...” ou “ele (ecrã) foi...”;

- 3) O Infinitivo pessoal (“ver”), portanto uma ação que se está a realizar no presente entre dois sujeitos verbais diferentes. Algo que nos levaria a proposições do género: “eu no ecrã estou a ver...” ou “ele/ela no ecrã está a ver...”;

Neste sentido, e precisamente porque os verbos usados exprimem um conjunto de processos, ações, estados ou fenómenos para com o objeto analisado, neste caso com os ecrãs, diríamos então que o objeto técnico ecrã está muito presente nos processos, nas ações, nos estados e nos fenómenos, quer do passado quer da vida atual dos entrevistados.

No caso do adultos, o verbo ser é também o mais usado:

Gráfico 2. Tempo e modo dos verbos mais usados - adultos



Os tempos verbais mais usados pelos entrevistados adultos são:

- 1) O Presente do Indicativo “é” e “sei”, portanto uma indicação de algo que está a ocorrer no presente. Algo que nos levaria a proposições do género: “(n)o ecrã é...” ou “pelo ecrã sei”.
- 2) O Pretérito Perfeito (“Era”), na 1ª ou 3ª pessoa do singular, portanto uma acção iniciada e concretizada no passado. No nosso caso concreto levar-nos-ia a uma proposição do género “ele/ela no ecrã era...” ou “ele (ecrã) era...”;

O Infinitivo pessoal “ser” e “ver”, portanto uma ação que se está a realizar no presente entre dois sujeitos verbais diferentes. Algo que nos levaria a proposições do género: “eu no ecrã está a ser...” ou “ele/ela no ecrã está a ver...”;

Em relação às palavras instrumento dos jovens, aquelas que permitem a unificação do discurso, encontramos os termos “que”, “o, os”, “e”, “não” e “de” como os principais usados. Só as cinco primeiras palavras instrumento configuram cerca de 15,2% de todas as palavras usadas, número que revela a pouca diversidade das restantes palavras: verbos, adjetivos ou palavras plenas.

Tabela 24. Palavras instrumento mais usadas pelos jovens

Palavras. Instrumento	frequências	%
que	352	3,82
O	299	3,25
E	272	2,95
Não	249	2,7
De	229	2,49

Nos adultos, encontramos os termos “que”, “o, os”, “de”, “e”, “não” como o as principais palavras instrumento usadas. Só as cinco primeiras palavras instrumento configuram cerca de 14,45%, número muito próximo do verificado nas entrevistas dos jovens – algo que revela uma estrutura semelhante, mesmo com diferenças de geração e de escolaridade.

Tabela 25. Palavras instrumento mais usadas pelos adultos

Palavras. Instrumento	frequências	%
Que	288	3,67
O	256	3,27
De	236	3,01
E	201	2,56
Não	152	1,94

1.4. Quantidade e intensidade no uso de ecrãs: a base da sociação ecrânica

Podemos agora é questionar: porque razão existem tantas diferenças no tamanho das entrevistas dos jovens 4, 5 e 9 e os restantes entrevistados? Porque é que os entrevistados 4, 5 e 9, têm entrevistas de 2166, 1313 e 1250 palavras, respetivamente? Ou seja, porque razão estes três indivíduos têm mais a dizer do que os restantes colegas sobre ecrãs? Cruzamos então o tamanho das entrevistas com o número de horas de visionamento, e obtivemos a seguinte relação:

Tabela 26. Relação entre tamanho das entrevistas dos jovens e horas de visionamento, por mês

	Palavras Entr.1	Palavras Entr.2	Palavras Entr.3	Palavras Entr.4	Palavras Entr.5	Palavras Entr.6	Palavras Entr.7	Palavras Entr.8	Palavras Entr.9	Palavras Entr.10
horas/mês	777	912	677	2166	1313	650	527	300	1250	754
344h					X					
342h									X	
316h				X						
204h						X				
162h								X		
116h		X								
114h										X
112h										
98h							X			
86h	X									

Ora, ao introduzirmos a variável “tempo de visionamento”, perceberemos porque razão os entrevistados 4, 5 e 9 falaram mais sobre ecrãs do que os restantes colegas. Os seus tempos de visionamento/utilização de ecrãs são consideravelmente maiores. Uma maior experiência ecrânica gera por seu turno maior fluidez de discurso. Mas a isto acresce ainda um outro fator: estes três entrevistados mencionaram, nas entrevistas, o uso constante de 4 tipos de ecrãs por dia (TV, computador, smartphone e tablet). Portanto, experiência e multiplicidade. Isto permite construir uma certa relação quantitativa nestes entrevistados: quanto maior o número de ecrãs e os tempos de visionamento usados, maior a capacidade para descreverem ou se referirem a esses.

Porém, é preciso ter algum cuidado com esta relação. Estes dados não nos permitem tirar grandes conclusões, a não ser evidenciarem uma relação numérica. Permite, isso sim, através destes indícios, gerar uma nova categorização, até aqui por revelar, incluindo precisamente a variável “*tempo de visionamento*” e a variável “*tipo de ecrãs usados*”, como fatores geradores de formas mais ou menos homogêneas.

Assim, cruzando os tempos de visionamento e os tipos de ecrãs usados, com as capacidades maiores de informação e de discurso sobre a temática dos ecrãs, obtemos formas de sociação diferentes, quer dizer, sociação como um resultado de interações que geram ação ou influência nos indivíduos, constituindo formas, mais ou menos determinadas, de cooperação e de colaboração, numa “unidade dentro do qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados causalmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades” (Simmel, 1983: 60). Através da diferimitação, e posteriormente motivados pelos processos de socialização e individuação manifestos ou

latentes, estas formas alteram, nos indivíduos, as formas de estar, pensar e agir sobre o mundo.

Desta forma, em função daquilo que foi obtido pelas duas gerações de entrevistados, dispomos a seguinte distribuição:

Tabela 27. Tipologia em função da sociação ecrânica dos jovens

Forma	Monoecrânico	Biecrânico	Hiperecrânico
Entrevistados	1, 2 e 8	3, 6, 7 e 10	4,5 e 9
Horas/mês	112, 116 e 161 horas	86, 204, 114 e 98 horas	320, 344 e 342 horas
Ecrãs usados em cada 10 h	TV – 9h; PC – 1h	TV – 6h; PC – 4h	TV – 3h; PC – 4,6h; T/SM - 2,4h
Tipo de ecrã	TV	TV e Computador	TV, computador e Tablet/Smartphone

Importa, para clarificar, descrever cada uma das três formas de sociação que se destacam. Quando dizemos *monoecrânicos*, referimo-nos aos entrevistados que usam quase unicamente um tipo de ecrã – nestes dez entrevistados, os monoecrânicos revelaram sempre o uso da TV como ecrã preponderante na sua vida. Para cada 10 horas de utilização de ecrãs, estes usam cerca de 9h horas a TV e apenas uma hora o computador. Daí o termo *Monoecrânico*, pois a expressão noutra tipo de ecrã é quase nula. O mesmo acontece com a forma de sociação biecrânica. Os *biecrânicos* são, assim, os entrevistados que usam, de uma forma quase repartida, ainda que com uma ligeira vantagem para a TV, os dois tipos de ecrãs (TV e computador). E por último temos os *hiperecrânicos*, quer dizer, aqueles entrevistados que usam vários tipos de ecrãs, repartindo o tempo de utilização de forma relativamente uniforme numa maior panóplia de ecrãs (TV, computador, Smartphone, Tablets, etc.).

De uma modo semelhante ao dos jovens, também os *Hiperecrânicos* adultos (entrevistados 11, 13 e 18), com mais horas de visualização e com mais tipos diferentes de ecrãs usados, revelam um maior número de palavras nas entrevistas. Veremos então se estes revelam também discursos e regularidades semelhantes, mesmo sendo uma geração diferente.

Tabela 28. Tipologia em função da sociação ecrânica dos adultos

	Palavras totais dos elementos		
	Hiperecrânicos 11, 13 e 18	Biecrânicos 15, 16 e 17	Monoecrânicos 12, 14, 19 e 20
	3309 palavras	2658 palavras	2056 palavras
total horas mês			
970h	X		
530h		X	
356h			X
Tipo de ecrãs usados em cada 10h	TV - 9h; PC – 1h	TV – 6h; PC – 4h	TV – 3h; PC - 4,6h; T/SM - 2,4h

Ora, tal como com os jovens entrevistados 4, 5 e 9, também ao introduzirmos a variável “tempo de visionamento”, percebemos porque razão os entrevistados adultos 11, 13 e 18 falaram mais sobre ecrãs do que os restantes colegas. Os seus tempos de visionamento são, também, consideravelmente maiores.

Portanto, com esta tipologia vamos, quer nos jovens como nos adultos, tentar perceber se os indícios evidenciados revelam as razões das diferenças no tamanho do discurso. Depois disso, ficaremos então em condição de responder às seguintes questões: existem diferenças consideráveis nas formas de pensar, sentir e agir entre aqueles que estão mais ligados à corrente de ecrãs, nomeadamente quanto ao número de ecrãs usados e ao tempo de utilização (Hiperocrânicos), e os que se encontram numa lógica de menor ligação aos ecrãs (Monoocrânicos)? Será que ver com mais frequência de ecrãs, e ver determinado tipo específico de ecrãs, diferencia as formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos? Será que um dos ecos promovido por um crescente uso de ecrãs, num mundo marcado pela excrecência de ecrãs, se reflete num salto evolutivo do *homo-ecranis*, quer ao nível da aprendizagem e do pensamento, quer ao nível dos processos de socialização e de individuação? E, se sim, que impacto terá isto nos processos de socialização, individuação e aprendizagem?

Importa ainda referir que o nosso intuito é descrever, comparar e analisar formas de sociação ecrânica, e não os indivíduos nas suas singularidades. Quando nos referimos às formas de *sociação hiperocrânica, bicocrânica* ou *monoocrânica* não é no sentido de reforçar ou desprezar um em favor do outro. O objetivo é usar estas designações de maneira a descrever os efeitos daquela que está a ser mais forte e influente neste momento para a sociedade atual (os *hiperocrânicos*), e em que medida é que isso está a criar eco e ressonância nos processos de aprendizagem, pensamento, socialização e individuação. É este o sentido e o objetivo da análise que se segue.

2. Análise do discurso

2.1. O Poder Ecrânico na Aprendizagem e no Pensamento

2.1.1. Mais ecranovisões, mais argumentos e maior capacidade descritiva nos jovens hiperecrânicos

Na decomposição e análise às entrevistas, encontramos uma primeira regularidade: os hiperecrânicos têm mais a dizer sobre filmes, séries, interações no ecrã e outras ecranovisões. Isto explica-se porque vivem com uma forte intensidade e uma motivação acrescida todo o universo dos ecrãs. Consta-se disso através das memórias descritas, já que estas funcionam como marcadores psicossociológicos daquilo que obtém mais notoriedade e interesse para os jovens entrevistados. Os entrevistados 4, 5 e 9 revelam, assim, uma maior capacidade descritiva sobre ecranovisões. Vejamos, por exemplo, os termos e as formas usadas por estes jovens na descrição de algumas ecranovisões:

O 4º grau. É um filme que saiu recentemente nos cinemas. É uma história baseada em factos reais. É sobre os Ets, lá fora. Passa-se no Alaska. É com a Mila Jovovick e retrata a vida de uma psicóloga que teve lá uns contactos, de 3º grau ou 4º, e ficou traumatizada assim de uma maneira mesmo a sério. Impressionou-me o facto de ser verídico. (Entrevistada 4)

É o que faz de super-homem, na série do Smallville. Tom Wait. Gosto mesmo da história, da série. Eu sempre gostei do super-homem. Já não é o que mais acompanho, porque tenho acompanhado mais o sobrenatural e Gossip Girl. Mas a série que mais gosto é Smallville. (Entrevistada 4)

Mystery Guitar Man. Ele usa instrumentos para imitar a música, e faz vídeos em Stop Motion. Ele usa como recurso várias coisas para imitar sons, coisas do dia-a-dia, por exemplo um copo, a batida de um copo. Ele não é considerado um compositor, é mais um sonoplasta. Ele pega em coisas do dia-a-dia e faz músicas em stop motion. (Entrevistado 5)

Csi Miami, Mentos criminosos e Csi Las Vegas...gosto da parte mental...a parte deles traçarem perfis criminosos...gosto mesmo, tipo o Mentalista, de perceber a reação humana. É muito engraçado... (Entrevistado 9)

No filme do Pablo Escobar, é um assunto com o qual eu convivo todos os dias: drogas, álcool, vícios...pessoas completamente arruinadas da vida...no outro filme, ritmos calientes...música... eles são uma banda...uma coisa que gosto é a música do México... (Entrevistado 9)

Percebemos, através das expressões usadas, o detalhe e a sequência descritiva a revelar a notoriedade, na memória, destas ecranovisões:

- O 4º grau...recentemente nos cinemas...uma história baseada em factos reais...sobre os Ets...Passa-se no Alaska... com a Mila Jovovick...retrata a vida de uma psicóloga...ficou traumatizada
- Mystery Guitar Man...usa instrumentos para imitar música...faz vídeos em Stop Motion...usa como recurso várias coisas para imitar sons...Ele não é... um compositor, é ... um sonoplasta.
- a parte deles traçarem perfis criminosos...
- No filme do Pablo Escobar... um assunto com o qual eu convivo todos os dias... pessoas completamente arruinadas da vida.

Também a intensidade com que estes hiperecrânicos são marcados pelas ecranovisões é demonstrada em termos como “gosto mesmo”, “mesmo a sério”, “impressionou-me”, expressões que revelam precisamente a motivação e o fascínio vividos em frente aos vários tipos de ecrãs:

- assim de uma maneira mesmo a sério...
- Impressionou-me o facto de ser verídico...
- Gosto mesmo da história, da série...
- gosto da parte mental...
- gosto mesmo, tipo o Mentalista...
- ritmos calientes... gosto é da música do México...

Pelo contrário, os jovens em sociação monoecrânica revelam que pouco tem a dizer sobre ecranovisões memorizadas, e que a motivação e o interesse são relativamente frouxos:

- Eu muito sinceramente só passo o telejornal à frente e não presto muita atenção... (Entrevistada 1)
- É um visor. Que dá pra ver muita coisa: imagens, vídeos...acho que é só. (Entrevistada 2)
- Por acaso não tenho e não decoro muito o título dos filmes...não ligo muito. Vou vendo mas não me diz muito... (Entrevistada 8)

Vemos por aqui, através destas expressões, que a negação da força e das consequências das ecranovisões é uma constante nos monoecrânicos. O ecrã aparece mais como um lugar de passatempo, onde se presta pouca atenção e se memoriza muito pouco (por predisposição própria) o que foi visionado mais recentemente. O ecrã aparece assim como uma espécie de banalidade, de hábito que alimenta pouco mais do que quantitativamente o passatempo ou o lazer. Esta falta de afeção qualitativa, motivacional e intensiva, é percebida nestes em expressões na negação como:

- Só passo...e não presto muita atenção
- acho que é só.
- Por acaso não tenho
- “não decoro muito
- não ligo muito.
- Vou vendo mas não me diz muito...

Porém, esta maior capacidade argumentativa e descritiva nos jovens hiperecrânicos face à dos monoecrânicos, não se revela com a mesma intensidade entre os adultos. Nestes, não encontramos diferenças significativas na capacidade descritiva e nos argumentos usados entre monoecrânicos e hiperecrânicos adultos. Aqui, mais do que a diferença de qualificações, constatamos que é a experiência de vida que faz diluir as diferenças que nos foi possível verificar nos mais jovens – o que, de certo modo, reforça a ideia de que a sociação hiperecrânica, quando em igualdade de escolaridade e experiência de vida, como no caso dos jovens, é determinante para gerar maiores capacidades descritivas e maior número de argumentos sobre os vários assuntos da contingência.

Tabela 29. Trechos de entrevistas dos hiperecrânicos adultos

Hiperecrânicos adultos	Entrevistado 11	Entrevistado 13	Entrevistado 18
Trechos descritivos de ecranovisões	"olha o buzinao na ponte, na 25 de Abril. Houve carga policial. Houve até uma pessoa que ficou paraplégica por causa de uma bala de borracha."	"Mais tarde o Macgyver, o Kit (justiceiro), esses sim porque vem mais à memória...O Macgyver mais pela aventura, pelas capacidades técnicas, já aí a tecnologia me dizia algo...já reportava para o computador que ainda aí estava a surgir...séries dos anos 80, o engenho, ele era engenhoso. Na altura era ficção mas hoje em dia já é uma realidade."	"Cinema Paraíso! O ArmaCore do Fellini. No cinema paraíso foi aquele romantismo, a descobrir aquele filme. Depois a censura que havia, ele ter que sair daquela aldeia. Também gostei muito do Carteiro do Pablo Neruda. O ArmaCore vi quando era pequenino, tinha para aí uns 8 anos. Há uma cena lá gira..."

Tabela 30. Trechos de entrevistas dos monoecrânicos adultos

Monoecrânicos adultos	Entrevistado 12	Entrevistado 14	Entrevistado 19	Entrevistado 20
Trechos descritivos de ecranovisões	"ouvi na televisão. Uma despesa maior. Recebi a notícia pela TV e depois por carta da EDP. Imagem? Política. As leis. O governo. A imposição. A imagem que tenho é do primeiro ministro a pedir esforço e sacrifícios aos portugueses."	"olha, o aquecimento global...as alterações climáticas estão a colocar em risco o planeta. Assustou-me porque acho que isto está a mudar de depressa de mais. O clima está a transformar-se muito depressa..."	"que me tivesse marcado? Nada de especial. Vi um jogo de futebol um dia destes. E não costume ver futebol. Vi o Real Madrid-Bayern de Munique. Vi no café."	"O da menina Inglesa, o Caso da Maddie. Estes dias têm se falado muito no telejornal. Fizeram um retrato. Ela tinha 3 anos na altura, e agora terá 8. e fizeram como ela era agora, até estava no telejornal. Também não se chega a saber se morreu, se não morreu...Não sei mesmo...; A ideia é que uma pessoa nunca chega a saber o que é que aconteceu. Se é verdade ou mentira. Há várias versões que uma pessoa não chega a saber."

Na comparação dos adultos, é possível constatar que, mesmo que a quantidade de horas de interação ecrânica seja maior nos hiperecrânicos, a intensidade com que ambas as formas de sociação (hiperecrânicos e monoecrânicos) são afetadas é bastante elevada. Os monoecrânicos mais influenciados pela TV e os hiperecrânicos mais pela Internet, mas ambos revelam bastante capacidade descritiva sobre as suas ecranovisões – nota-se, sobretudo, a experiência de anos de ecranovisões a gerar conteúdos e atmosferas que lhes permitam construir significados e descrições:

acho que isto está a mudar depressa de mais. (entrevistada 14)

Recebi a notícia pela TV e depois por carta da EDP (entrevistada 12).

A ideia é que uma pessoa nunca chega a saber o que é que aconteceu. Se é verdade ou mentira (entrevistado 20)

2.1.2. Construir informações, opiniões e conhecimentos, ao invés de estar sujeito à imposição da comunicação vertical

Uma segunda diferença, encontrada entre os jovens entrevistados, está na forma de relacionamento com a informação que emana dos vários tipos de ecrãs. Porque os hiperecrânicos usam com mais frequência os vários tipos de canais informativos (noticiários televisivos, jornais online, artigos informativos através das redes sociais digitais, etc.),

constroem também uma maior autonomia face à informação, e isso permite-lhes uma relação mais de génese horizontal. Há, por parte destes, uma maior interação com os vários tipos de fontes de informação, o que permite uma maior construção individualizada de opiniões e informações (ver tabela 31).

Tabela 31. Relação dos hiperecrânicos jovens com a informação nos ecrãs

Hiperecrânicos jovens	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 9
Como se relacionam, através dos ecrãs, com a informação?	“Ver as minhas notícias, pesquisar uma coisinha ou outra... O presidente, o Kadhafi. Acho que o tipo, é incrível como a ONU e outras organizações não fazem nada. O próprio povo. Ninguém faz nada e isso faz-me muita confusão.”	“O desemprego principalmente. Preocupa-me bastante. Mas também é muito por culpa das empresas na minha opinião. Não só por causa das pessoas. Porque as empresas agarraram-se muito ao conceito de: existe um salário obrigatório por lei, que é de 475 euros por mês, que é extraordinariamente pouco, mas não conseguem dar um salário justo para as pessoas poderem trabalhar.”	“Não sei se está a par disso mas tem morrido milhares e milhares de mortos num escala gigantesca...estive a ler sobre isso. Há 4 meses morreram 2000 e tal corvos na Finlândia...encontrei texto e fotos...e as fotos que há é de pessoas amadoras.”

Expressões como “Ver as **minhas** notícias”, “as **minhas** series”, “é muito por culpa das empresas na **minha** opinião” ou “Não sei se está a par disso(...) **estive** a ler sobre isso(...) **encontrei** texto e fotos”, revelam, nos entrevistados, esta proximidade horizontal que permite a construção autónoma e individualizada de informações e opiniões. Isto gera nestes um grande conforto psicológico, que é o de se sentirem mais livres na gestão do pensamento e da opinião. Como diria o entrevistado 5, os ecrãs em conjunto ensinaram “a pensar pela **minha** cabeça”. É que, para estes, é confortável que haja espaço para outras opiniões e informações fluírem, e “em frente à televisão nem tudo o que se vê vale a pena” (entrevistada 4). Estes hiperecrânicos revelam assim um forte sentido de autonomia face à informação, porque distantes da verticalidade imposta pelos tradicionais meios de comunicação, e mais desligados diretamente dos *opinion makers* habituais (presentes nos telejornais e blocos noticiosos), pretendem cruzar e analisar vários tipos de informação e opinião. Como sugere o entrevistado 9, “eu costumo dizer que as coisas estúpidas para o ser humano, eu gosto de as ver...”. Aqui, as *coisas estúpidas*, são todas as coisas que estão fora da opinião e informação pública geral imposta pelas estruturas verticais de comunicação.

Pelo contrário, os monoecrânicos entrevistados demonstram uma relação mais de génese vertical com a informação e a opinião. Aquilo que evocam é aquilo que está na agenda mediática, aquilo que na momento mais se instala na contingência coletiva (ver tabela 32).

Tabela 32. Relação dos monoecrânicos jovens com a informação nos ecrãs

Monoecrânicos jovens	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 8
Como se relacionam, através dos ecrãs, com a informação?	“é o desemprego. É o que mais passa. Acho que sim...em todos os noticiários (TV)”	“Da crise! Acho que é a crise que está mais na memória das pessoas hoje em dia. Vemos pela Tv.”	“por acaso não ligo muito a essas coisas...”

Expressões como “é o que mais passa...em todos os noticiários” ou “acho que é a crise...vemos pela tv” demonstram a força em sentido vertical da informação e da opinião sobre a consciência de cada um destes entrevistados. Para estes, a atmosfera social que reina é sempre o resultado da contingência mediática, deixando assim o pensamento e a memória reféns de uma dependência de assunto ou tema. E quando esta verticalidade leva os indivíduos a um estado de saturação, ou mesmo quando estes se apercebem que são dominados, incapazes de refletir sobre o que veem, ou impotentes face às avassaladoras forças da opinião pública, optam por atitudes evasivas, do género: “por acaso não ligo muito a essas coisas...” (entrevistada 8). Este “não ligo muito” significa também que não se está capaz de falar sobre isso porque não se têm informações disponíveis a não ser genéricas e básicas sobre o assunto. Neste aspeto, percebe-se que os monoecrânicos ficam em desvantagem, em relação aos hiperecrânicos, na capacidade de refletir e de relacionar várias fontes de informação, e isso diminui-lhes as possibilidades de construção de opinião, ideias e informação.

Os jovens bicrânicos entrevistados, por seu turno, funcionam neste estudo como uma espécie de degrau intermédio entre os monoecrânicos e os hiperecrânicos, revelando neste caso concreto precisamente a necessidade de uma articulação permanente entre o ecrã-tv e o ecrã-Internet, já que “são tantas notícias que não dá para seguir tudo(...) as pessoas agora querem saber alguma coisa e vão à Internet...” (entrevistado 7). Ora, esta perspetiva conectiva, que os leva a usar os ecrãs de forma ligada para permitir a construção de informação, conhecimento e opinião, permite perceber que os jovens entrevistados começam a perceber a importância da utilização de um número maior de ecrãs, percebendo também a importância de uma relação mais de génese horizontal para responder às exigências do mundo atual.

Uma outra questão extremamente importante em relação ao relacionamento com a informação, referida pelo entrevistado 7, é a de que não vale a pena as pessoas armazenarem grandes volumes de informação, grandes ocupações de informação na memória, quando na Internet quase tudo está disponível, porque todos partilham algo. O uso das redes de informação como memória individual ou coletiva é já o resultado de uma

ressonância interna feita pelos jovens entrevistados. É uma verdadeira individuação destas novas gerações, e que se exprime em afirmações do género: “querem saber alguma coisa e vão à internet...não vão armazenar nada para elas” (entrevistado 7).

Quanto aos adultos, também os hiperecrânicos revelam uma maior tendência para construir de forma mais autónoma e individualizada as suas informações, opiniões e conhecimentos, em comparação com os monoecrânicos. Precisamente porque os hiperecrânicos adultos usam com mais frequência os vários tipos de canais informativos (noticiários televisivos, jornais online, artigos informativos através das redes sociais digitais, etc.), constroem também uma maior autonomia face à informação, e isso permite-lhes uma relação mais de génese horizontal. Há, por parte destes, uma maior interação com os vários tipos de fontes de informação, o que permite uma maior construção individualizada de opiniões e informações (ver tabela 33).

Tabela 33. Forma de construir informações, opiniões e conhecimentos dos hiperecrânicos adultos

Hiperecrânicos adultos	Entrevistado 11	Entrevistado 13	Entrevistado 18
Construir informações, opiniões e conhecimentos	“Vejo documentários e notícias, viagens, cultura. “Boa, não vejo noticiários, que é para não me deprimir.” “Chocou-me um vídeo que vi da indiferença dos chineses perante o atropelamento duma menina de dois anos”	“procuro encontrar respostas às minhas questões. Pesquisa científica, essencialmente! Ou então procuro criatividade. Respostas à criatividade, partilha de conhecimentos...”	“Não vejo grandes notícias. Para mim as notícias já não são notícias. São desgraças, coisas sem sentido.” Preferes as notícias da net? R: “Sim, se bem que tem que ser filtradas , porque há muita coisa que mente muito.”

Expressões como “Vejo documentários e notícias, viagens, cultura, (...) e não vejo noticiários, que é para não me deprimir”(entrevistada 11), ou “procuro encontrar respostas às **minhas** questões” (Entrevistado 13), ou ainda “Para mim as notícias já não são notícias. São desgraças, coisas sem sentido. (...) prefiro na Net, se bem que têm que ser filtradas” (entrevistado 18), revelam, nos hiperecrânicos adultos entrevistados, esta proximidade horizontal que permite a construção autónoma e individualizada de informações e opiniões. Isto gera-lhes um grande conforto psicológico, que é o de se sentirem mais livres na gestão do pensamento e da opinião.

Pelo contrário, os monoecrânicos adultos entrevistados demonstram, tal como nos monoecrânicos jovens, uma relação mais de génese vertical com a informação e a opinião. Aquilo que evocam é aquilo que está na agenda mediática, aquilo que no momento mais se instala na contingência coletiva (ver tabela 34).

Tabela 34. Forma de construir informações, opiniões e conhecimentos dos monoecrânicos adultos

Monoecrânicos adultos	Entrevistado 12	Entrevistado 14	Entrevistado 20
Construir informações, opiniões e conhecimentos	“ouvi na televisão. Uma despesa maior. Recebi a notícia pela TV e depois por carta da EDP.”	“A crise! Só se fala na crise! Vê-se um futuro muito negro. Preto!”	“Há muitas mas a Casa Pia é uma das mais recentes e a que durou mais. E ainda está a durar. Pelas notícias que deram acho que o Carlos Cruz é culpado. Acho que sim. Senão ele já estava livre.”

Exemplos de expressões como “ouvi na televisão. Uma despesa maior. Recebi a notícia pela tv ” ou “A crise! Só se fala na crise! Vê-se um futuro muito negro. Preto!”, demonstram a força em sentido vertical da informação e da opinião sobre a consciência de cada um destes monoecrânicos, pintando a atmosfera – quase sempre de negro. Para estes, a atmosfera social que reina é sempre o resultado da contingência mediática, deixando assim o pensamento e a memória reféns de uma dependência de assunto ou tema.

Os bicrânicos entrevistados, por seu turno, funcionam também aqui como uma espécie de degrau intermédio entre os monoecrânicos e os hiperecrânicos. Revelam, neste caso, a necessidade de uma articulação permanente entre o ecrã-tv e o ecrã-Internet, já que sem a Internet “sem dúvida que culturalmente seria muito mais pobre. (...) Aliás, eu até acho que aqui as notícias chegam mais limpas. Já vi aqui coisas que nunca vi na tv ” (Entrevistada 15). Ora, esta perspetiva conectiva, que os leva a usar os ecrãs de forma ligada para permitir a construção de informação, conhecimento e opinião, demonstra que também os adultos entrevistados começam a perceber a importância da utilização de um número maior de ecrãs, revelando assim a importância de uma relação mais de génese horizontal para responder às exigências do mundo atual.

Exemplo 2³⁷ - Wikileaks: um eco com muitas ressonâncias do poder ecrânico

Onde é que vemos com bastante claridade o tal *poder ecrânico*, as suas ressonâncias e a importância da sua conquista? Na rede das redes, a rede de ecrãs que com a Internet se liga e cola a tudo. E vemos o poder ecrânico a sobrepor qualquer outro tipo de poder. Vejamos o exemplo do fenómeno Wikileaks.

A Wikileaks é a protagonista da maior revelação de informações confidenciais na história da humanidade. Esta é uma organização sem fins lucrativos que se espalhou pela Internet. Formada por antigos jornalistas e ativistas, é um movimento sem precedentes que gerou um dos maiores fenómenos dos últimos tempos. Este fenómeno pode ser chamado de *fenómeno social total*, usando o termo de Marcel Mauss, uma vez que penetra em várias dimensões da existência humana. Pode ser abordado pela perspetiva do direito, das relações políticas, da comunicação (social), dos ativistas, da psicologia, da economia, até da religião, ou mesmo perspetiva da informática e da cibernética. Pela nossa parte, pegamos no assunto pela perspetiva sociológica, embora com algumas ligações à filosofia. Eis-nos perante um problema verdadeiramente complexo.

³⁷ Estes exemplos que vamos de agora em diante apresentar pontualmente, servem quer para complementar, diretamente, o que foi exposto, quer para possibilitar ao leitor ligações e projeções entre o assunto e outras direções de realidades sociais próximas ou semelhantes.

Sociologicamente, esta configuração do Wikileaks levanta, em nosso entender, pelo menos 3 grandes questões: o problema da verdade e do erro informacional; uma luta contra a subinformação, a sobreinformação e a pseudoinformação; e a problemática relação entre ideologia e informação. Como é que a Wikileaks levanta estas 3 grandes questões? Fundamentalmente porque se baseia em duas estratégias claras: uma aposta numa espécie de **planetodiálise informativa**; e uma estratégia que se baseia no capital ecrânico, capital que permite incidir na cultura-mundo pela via do sensível (ecrãs), e que toca acima de tudo nas questões mais sensíveis das sociedades.

O que é que nos leva a considerar estas questões? Porque é que pensamos no problema por esta via? Analisemos em primeiro lugar a imagem escolhida pelos autores do Wikileaks para representar a sua ação. Ao analisarmos a imagem entraremos, ainda que ligeiramente, no imaginário dos seus criadores, podendo encontrar pistas para o entendimento de alguns dos motivos do fenómeno.



Tal como nos é dado a observar, a imagem é constituída por uma ampulheta que tem no seu interior dois lados: em cima o planeta escurecido e a verter; em baixo, o planeta a ser constituído de forma mais limpa e a anexar partes filtradas pela ampulheta da parte de cima. Como é sabido, genericamente, uma ampulheta tem como função principal medir o tempo. Na arte, por exemplo, foi muito utilizada para simbolizar a transitoriedade da vida. Ora, se o motivo estético que nasce do imaginário dos seus criadores se baseia na necessidade de uma certa transitoriedade, de um novo tempo, de um novo começo tal como aponta o significado da ampulheta, não andarão muito longe as intenções objetivas dos seus criadores. Esta imagem remete mesmo para a ideia de um novo mundo, um mundo que se pretende mais claro e mais esclarecido do que o anterior. E este imaginário levamos diretamente ao problema **da verdade e do erro informacional**. O que é que foi verdade ou mentira, por exemplo, na ocupação do Iraque? Que meios foram usados para atingir determinados fins, e como é que esses feitos foram relatados? Que verdades se escondem nos voos da CIA sobre Portugal? Que espionagem tem sido feita pelas grandes superpotências (por exemplo, o caso revelado sobre a ligação entre o Governador do BCP e os americanos)?

A resposta a estas e a outras questões mostrar-nos-ia o segundo problema: isto é, quantidades enormes de **subinformações, sobreinformações e pseudoinformações** têm sido veiculadas pelos centros de informação nacionais e/ou internacionais, que se dizem mais legítimos e profissionais. Por esta imagem que serve de apresentação ao Wikileaks, vemos que os seus autores pretendem uma espécie de regeneração do sistema mundial informativo através de uma nova atitude. É como se pretendessem uma hemodiálise da informação global (vemos na imagem o sangue do planeta humano a verter e a ser substituído por outro – como se fosse filtrado por um novo órgão). Poderíamos assim dizer que no imaginário dos autores a intenção é a de uma espécie de planetodiálise informativa do mundo humano.

A ser este o grande objetivo, é importante considerar que esta planetodiálise informativa dificilmente poderá ser feita sem perdas. Como se pode vislumbrar na imagem, há todo um outro mundo que ficou para trás, está historicamente ensombrado pela escuridão, escuridão essa que pode ser entendida como a mentira, a ocultação ou o desvio informacional. Vemos assim que na parte superior o mundo está a escorrer, em perda para com o que atualmente se pretende; e na parte inferior um novo mundo a ser reposto pela filtragem da ampulheta, do tempo, de um certo desejo

global de mudança para uma nova era informativa mais clara. Resumindo a imagem, temos um fundo imaginário que se quer manifestar na ação de mudança e que decorre de um desejo de aniquilar um anterior nevoeiro informativo.

Falamos pois de motivos estéticos. Até aqui estamos ainda na fase da análise à estética que envolve o fenómeno. E, como diria Simmel, “na origem de todos os motivos estéticos está a simetria. Se se quiser trazer para as coisas ideia, senso, harmonia, é preciso primeiro dar-lhes forma simétrica, equilibrar as partes do todo, ordená-las proporcionalmente em torno de um centro” (Simmel, 1998b, 118). Face ao caos informativo em que vivemos, e às fontes que muitas vezes são erradas, ou então se constituírem em sub, sobre ou pseudo informações, a Wikileaks parece pretender, ou pelo menos é o que se nos dá a ver a partir do seu ícone, equilibrar as partes do todo que é o planeta, ordená-las em torno de um centro que é o da tentativa de anulação dessas lacunas. A procura por uma simetria informativa, por oposição ao excesso de erro, de pseudo-informação, de subinformação e de sobreinformação, parece ser o desígnio inicial da Wikileaks.

Todavia, o segundo avanço estético, posterior ao da simetria, é o da assimetria. Se num primeiro momento, portanto na estrutura do simétrico, a Wikileaks se baseou naquilo que é habitual ao motivo simétrico - a racionalidade de uma ação que faz sentido -, num segundo momento esta refugiou-se no oposto, no irracional, no assimétrico. Isto é, inicialmente a estética do Wikileaks estava dentro de um quadro racional - o de fornecer informações que compensassem o todo; posteriormente, penetrada pelo cálculo, pelo entendimento e pelo equilíbrio, a Wikileaks deu-se ao seu contrário movendo-se anarquicamente. Atacar tudo e todos, disparar informação secreta em todas as direções, foram atos de assimetria face à simetria latente inicialmente. Isto acontece devido ao terceiro problema que descrevemos: a relação complexa entre **informação e ideologia**. Se o que domina é um polo descompensado e ideológico (diríamos, o capitalismo informativo), o que emerge é um movimento contra-ideológico, portanto uma solução contrária que à primeira vista não escapa ao ideológico. A informação que até hoje tem dominado tem um certo cunho ideológico (vimos, por exemplo, quer o sistema capitalista quer o sistema comunista a controlarem certas informações em benefício dos respetivos sistemas ideológicos. Edgar Morin (1999) mostra isso em *As Grandes Questões do Nosso Tempo*). Também poderíamos aqui lembrar o caso português, na relação entre o salazarismo e a informação, ou mais recentemente o caso do Jornal da noite da TVI com o poder político, para percebermos esta complexa relação entre ideologia e informação.

Ora, esta tentativa da Wikileaks em consolidar uma espécie de planetodiálise informativa está bastante imbrincada nestas três grandes questões. Tenta combater o **erro informacional**, anular ao máximo a **sub, a sobre e a pseudo-informação**, estando no entanto inevitavelmente sujeita às dinâmicas complexas entre **ideologia e informação**, (ideologia que não escapa também às forças do económico). O capital ecrânico, usado pela Wikileaks, é certamente uma grande força de uma ideologia, mas também o grande trunfo da própria Wikileaks, um capital que permite simultaneamente movimentos simétricos e assimétricos, racionais e irracionais, calculistas e emocionais, ideológicos e mesmo não-ideológicos. Ao disparar somente contra os EUA, está a ser assimétrico (exemplo do famoso vídeo *Collateral Murder*); quando dispara contra todos, pretende ser livre e por isso mais simétrico, embora gerando um certo caos global e originando à sua volta assimetria, irracionalidade. Há, portanto, em todo o fenómeno Wikileaks, um duplo desejo latente: aniquilar tudo o que é mentira, ocultação ou desvio informativo das questões sensíveis; e desejo de instaurar uma nova ordem, que não deixa de ser, ela própria, ideológica. Por detrás dos tais proclamados 250 mil e tal assuntos secretos sobre os EUA, estão lá ambições simétricas e assimétricas, racionais e irracionais. A Wikileaks ora fornece aos anticapitalistas armas ideológicas (Lula e Chávez tem usado muito o exemplo para mostrar a falta de liberdade de expressão), ora destapa a esses mesmos realidades pelas quais eles não queriam ser recordados (Ex: Brasília vulnerável a atentados terroristas. Rússia vendeu mísseis à Venezuela). É uma estratégia para tentar

garantir independência ideológica, e por isso maior legitimidade social através do destapar global. Assim, esta organização exprime porventura o desejo de eliminar o problema da verdade e do erro informacional. Só para exemplificar este facto, lembro que em maio de 2010 a WikiLeaks foi referida por órgãos internacionais como o número 1 entre os websites que poderiam mudar completamente o formato atual das notícias. Embora sejam apenas 10 pessoas efetivas a trabalhar, existem entre 1000 a 2000 voluntários que gratuitamente ajudam a organização. As despesas gerais da Wikileaks são pagas por empresas dos media, que apreciam o seu trabalho e o usam diariamente (Associated Press, Los Angeles Times, National Newspaper Publishers Association, etc.). As suas únicas fontes de rendimentos são apenas doações que tem que atingir no mínimo os 250 mil euros anuais. Um outro caso, que nos exemplifica da sua potência, foi o que sucedeu em três dias na vida do Wikileaks. No dia 1 de Dezembro de 2009 a Amazon retirou a Wikileaks dos seus servidores. No dia 3 de Dezembro o domínio <http://wikileaks.org/> foi retirado da rede pela EveryDNS. No entanto, através do Twitter a Wikileaks pediu ajuda e criou uns estrondosos 507 espelhos (novos sites) em todo o mundo. Nesse mesmo dia o site oficial ficou também disponível na Alemanha, na Finlândia e na Holanda. Como retaliação ao bloqueio de doações para o site WikiLeaks, estes, através de piratas informáticos que se associaram ao chamado Grupo Anonymous, danificaram a rede de computadores das empresas de cartões de crédito MasterCard e Visa.

Vemos por aqui que o poder ecrânico, neste caso usado pela Wikileaks, foi mais poderoso do que qualquer outro poder, seja judicial (Julien Assange, o seu autor, fora libertado sobretudo por pressões globais através do poder ecrânico), económico ou até político. Como decerto diria Foucault, o poder ecrânico é um poder que pode ser usado por todos, e que escapa ao controle das classes (até das mais dominantes) (Deleuze, 2005: 41). Vimos neste caso a sua potência contra as ideologias dominantes, e mesmo quando os seus autores sentiram a ameaça das forças ideológicas anticapitalistas, logo a seguir demarcaram-se com o poder ecrânico, atirando novos dados sobre esses movimentos (os tais casos da exposição de factos que enfraqueceram o Brasil na sua expressão política global e da exposição sobre as relações entre Rússia e Venezuela ao nível de armamento).

Portanto, por aqui percebemos que o poder ecrânico é neste momento omnipresente e onnipotente. Aliás, em todo este fenómeno da Wikileaks há um dado curioso: os mais jovens e os mais livres das estruturas de poder apoiaram muito mais a liberdade de expressão da Wikileaks do que os mais velhos e daqueles mais próximos de poder, segundo a fundação Friedrich Ebert. Ora, isto mostra como o poder ecrânico se rebela contra as ideologias, e como encontra os seus aliados. O poder ecrânico tornou-se tão poderoso com os seus ecos e as suas ressonâncias que se consegue autoprotéger através daqueles que mais seduz. Assim, é uma espécie de poder sempre ativo, que pode ser usado contra todo o tipo de ideologias e normas instituídas, só que como o faz de uma forma global e instantânea, à velocidade da luz e equitativa na medida em que, por princípio, permite o acesso a todos, o seu impacto é superior ao de qualquer outra força. O poder ecrânico é assim um “poder que não tem homogeneidade, mas define-se antes pelas singularidades, pelos pontos singulares por onde passa” (Deleuze, 2005: 42). E se é da ordem do singular e da heterogeneidade, força na cultura-mundo o aparecimento de um maior grau de subjetividade.

Vemos então que existe um forte apelo para uma nova era informativa, limpa de um nevoeiro denso que dificulta a visualização do real, mas que tem que enfrentar as forças poderosas das ideologias. Portanto, percebe-se por este exemplo que o assunto pretende ser mais sério do que aquilo que possa aparentar ser. A Wikileaks e a sua pretensão de planetodiálise informativa através dos ecrãs em movimento (seja o ecrã-internet, o ecrã-Tv ou até o Ecrã-cinema, possivelmente em breve) terá que conviver e resistir com as pressões ideológicas que não estão favorecidas pelas suas ações. A prisão do seu mentor (Julien Assange) é disso um bom exemplo, até porque o motivo da sua

prisão pode ser visto como um movimento contrário ao da ideologia que o prende (perguntemos ironicamente: falhas na liberdade de expressão?).

Assim, se o Wikileaks resistir, poderá estar a iniciar uma séria mutação à forma atual da informação. Tal como estes pretendem e sugerem, “a comunidade global poderá examinar qualquer documento, testando a sua credibilidade, plausibilidade, veracidade ou falsidade”. Se olharmos para a Wikileaks como um banco de dados sobre todo o mundo, portanto uma ecrãvisão informativa dos problemas mais sensíveis do mundo, teremos exatamente aquilo a que Lipovetsky chama de «Cultura-mundo», mas neste caso uma cultura-mundo informativa, expressão de um desejo de aceder a uma maior verdade sobre o mundo em que vivemos. Ao lançar novos dados sobre problemas outrora ou recentemente desenhados de uma (outra) forma, destapa um mundo que apenas estava a ser coberto por notícias que refletiam, direta ou indiretamente, ideologias. «Acreditar em quem?», esta será uma questão que a partir de agora, se o movimento não for travado, poderá atingir uma dimensão global nunca vista. Este movimento poderá ser fértil na formação de novas subjetividades na cultura-mundo. Mais do que nunca, a cultura-mundo poderá assim estar mais atenta à informação ideológica, e por isso verificar mais a veracidade, falsidade, credibilidade e plausibilidade da informação. Quem sabe se com estes novos ecos sociais informativos o pensamento segue menos uma via única (como parece acontecer agora), uma vez que as ideologias dominantes terão menos facilidade de impor os seus modelos ideológicos e de pensamento. Se o caminho for o da procura pela maior isenção ideológica possível, a Wikileaks pode mesmo ser um dos websites com mais potencialidade para mudar o formato atual das notícias. Uma verdadeira pretensão de *planetodiálise informativa*.

2.1.3. Hiperecrânicos jovens mais analíticos e com maior cruzamento entre fontes de informação

São numerosas as diferenças de conteúdo e de discurso, entre monoecrânicos e hiperecrânicos jovens, sobre temas relacionados com política e outros aspetos da vida pública. Para além da já referida maior capacidade descritiva, e de uma maior capacidade de construção e de relativização da informação, opinião, ideias e conhecimento por parte dos hiperecrânicos jovens, importa também salientar um maior interesse e motivação face a temas transversais. E também neste aspeto os bicrânicos revelam, precisamente, essa passagem gradual de uma forma de sociação para outra.

Sobre política, à falta de interesse e até de argumentos demonstrada pelos jovens monoecrânicos, opõe-se um interesse e uma capacidade de detalhar certos pormenores considerável por parte dos hiperecrânicos jovens, ainda que, tal como já referimos para todos os jovens entrevistados sem exceção, o léxico não seja o mais rico.

Vejamos agora, para perceber diferenças discursivas e argumentativas, a decomposição do discurso dos hiperecrânicos. Assim, é possível percebermos as capacidades de questionar e relacionar o tema com outros assuntos, e a estrutura discursiva onde assenta a base da argumentação.

Entrevistada 4:

- Frase 1 - O presidente, o Kadhafi.
Frase 2 - É incrível como a ONU e outras organizações não fazem nada.
Frase 3 - O próprio povo.
Frase 4 - Ninguém faz nada e isso faz-me muita confusão.
Frase 5 - Nós também tínhamos o Salazar,
Frase 6 - mas era mais um génio da economia...
Frase 7 - ele quis tudo e acabou por perder tudo.
Frase 8 - Para mim o regime dele caiu porque ele não abdicou das colónias.
Frase 9 - Se ele tivesse abdicado das colónias ainda hoje éramos uma ditadura.
Frase 10 - Mas também era um ditador terrível.
Frase 11 - Qualquer ditador é.
Frase 12 - Mas de todos os que me lembro ele foi o mais calmo, à beira desses...muito calmo.

Entrevistado 5:

- Frase 1 - A minha opinião é: todos os factos que foram envolvidos naquilo indicam o conhecimento e a presença do governo.
Frase 2 - Até porque todos dizem que aquele avião não foi realmente desviado,
Frase 3 - pois não tinha logotipos de qualquer tipo de empresa,
Frase 4 - o avião que foi contra o pentágono
Frase 5 - desapareceram partes dos destroços e nunca mais foram encontrados...
Frase 6 - houve pessoas a dizerem que viram coisas estranhas (caixotes pretos) a entrarem dentro do edifício,
Frase 7 - e dentro do pentágono mesmo antes de acontecer isso.
Frase 8 - Portanto...Na minha opinião teve a participação do governo também.
Frase 9 - Parte terrorista: é possível.
Frase 10 - Mas lá está ninguém assumiu.
Frase 11 - Normalmente quando é um ataque terrorista tem um foco alertar ou transmitir uma mensagem.
Frase 12 - Portanto, acho que foi mais o governo que omitiu isso.

Entrevistado 9:

- Frase 1 - Cheguei a ver um outro documentário sobre o pavilhão 47
Frase 2 - aquilo é numas montanhas nos Estados Unidos da América
Frase 3 - num sítio que está por baixo de um quartel general
Frase 4 - o quartel existe
Frase 5 - tudo o que aparece de estranho na terra vai para lá
Frase 7 - estive a ver dos anos 70, 80, que aquilo já tem anos
Frase 8 - o FBI e a CIA tem lá documentos que conseguem comprovar que existem extraterrestres
Frase 9 - Só que para não assustar a população eles não dizem
Frase 10 - O primeiro filme do Steven Spielberg (o ET)
Frase 11 - é baseado em alguma coisa que eles viram.
Frase 12 - A forma como era a Nave
Frase 13 - a forma como era o ET
Frase 14 - o estilo do corpo
Frase 15 - Eu por acaso já estive a ver isso e há muita gente que afirma que ele só tirou essas ideias porque teve informações de lá de dentro, de que estilo era o corpo.
Frase 16 - Há relatos de pessoas que é assim,
Frase 17 - são tão precisos que não podem ser mentira...
Frase 18 - dados tão detalhados que é impossível serem inventados...
Frase 19 - há gente que já foi raptado por ETS.
Frase 20 - Se tem fundamento que não tem, não se sabe...

Decompondo introdutoriamente o discurso por frases separadas por vírgulas, vemos a capacidade descritiva e relacional da entrevistada 4. Esta começa por pensar em Kadhafi,

numa resposta sobre notícias internacionais. Considera as suas atitudes incrivelmente negativas, e pensa na impunidade de que está a ser alvo. Sabe que a ONU, e outras organizações humanitárias, poderiam e deveriam fazer algo. Até o próprio povo. Chega a um sentimento indefinido: faz-lhe muita confusão. Mas continua a relacionar o tema sem hesitar. A comparação leva-a a algo similar, numa outra escala: Salazar. Segundo esta entrevistada, era de outro tipo de ditadura, ainda que terrível, mas que talvez ainda durasse se as decisões tivessem sido outras. De certa forma, compara a passividade do povo português com o que se está a passar na Líbia, pois para esta jovem “Se ele tivesse abdicado das colónias ainda hoje éramos uma ditadura” (Entrevistada 4).

Decompondo também a explicação do entrevistado 5, neste caso sobre o 11 de Setembro, vemos também uma capacidade de argumentação e de ligação temática muito analítica, ordenada sobre factos e termos que tentam criar um discurso lógico e fluído, demonstrando conhecimento temporal e algum aprofundamento sobre a temática. Este começa por iniciar o discurso referindo que poderá existir uma pluralidade grande de opiniões sobre o assunto, e por isso começa com a expressão “A minha opinião é:”. Depois, revela uma atitude discursiva tipicamente analítica. Descreve vários factos: *facto = conhecimento e presença do governo*; *facto = O avião não foi desviado, porque não tinha logotipos de empresas (logo, não era um voo comercial como anunciado)*; *facto = ocultação de destroços*; *facto = pessoas a dizerem que viram coisas estranhas*; *Conclusão = Portanto, na minha opinião teve a participação do governo também*. E se esta atitude analítica bem patente no entrevistado 5, e muito típica no discurso mais de génese científica e até de uma lógica tipicamente jurídica, importa também salientar a admissão e a confrontação de mais possibilidades que este faz: “Parte terrorista: é possível”; “Mas...” *facto = ninguém assumiu*; *facto = nos ataques terroristas é comum uma mensagem*; *Conclusão = Governo omitiu essa parte*.

O entrevistado 9, por seu turno, opina sobre a relação entre os governos e os extraterrestres. Começa por referir que gosta bastante do tema, e que chegou a ver mais do que um documentário sobre esse tema. Descreve e responde de forma sistemática todas as questões que o escrutínio jornalístico utiliza habitualmente: *o quê = presença de extraterrestres*; *onde = Pavilhão 47, nos Estados Unidos da América, num quartel general*; *porquê = o que aparece de estranho vai para lá*; *quando = Aquilo já têm anos (anos 70 e 80)*; *quem = O FBI e a CIA conseguem comprovar*; *para quê = para não assustar a população*. Depois, relaciona o documentário com aquilo que tem aparecido no cinema, e recorda o primeiro filme de Steven Spielberg (ET). Segundo o que leu na Internet, o filme ET é o

resultado de algo que foi visto num desses locais secretos. Aponta como resultados disso “A forma como era a nave”, a “forma como era o ET”, “o estilo do corpo”. Por fim, evoca, tal como o entrevistado 5, os factos, ou seja, como este sugere, os “relatos precisos”, os “dados tão detalhados”, as “pessoas raptadas”. E no fim, mesmo depois de sustentar com informação que considera legitimada pelo cruzamento de fontes, volta a abrir a possibilidade de haver ainda muito por saber, com a expressão “não se sabe...”.

Vejamos agora, para depois se comparar, o discurso dos indivíduos em sociação monoecrânica sobre temas políticos ou outros temas transversais:

Entrevistado 1 (sobre desemprego):

Frase 1 - É assim,

Frase 2 - eu acho que trabalho há,

Frase 3 - as pessoas agora é que são mais esquisitas para trabalhar.

Frase 4 - Pelos colegas e assim dá para perceber que eles arranjam emprego,

Frase 5 - mas depois preferem sair do que trabalhar no duro.

Frase 6 - Isso percebe-se pelas pessoas que nós conhecemos.

Entrevistado 2 (sobre o caso Freeport):

Frase 1 - Não é muito bom para o país ter um PM metido numa coisa dessas.

Frase 2 - O país fica mal visto por causa de uma coisa dessas.

Frase 3 - Acho que por um lado ele é culpado mas por outro tenha feito aquilo por uma razão.

Frase 4 - Não ficou muito bem claro. Não disseram como ficou ...

Entrevistado 8 (não tem nada a dizer sobre a política, por isso aproveitamos o que disse sobre eventos que a marcaram):

Frase 1 - foi mais o 11 de Setembro...

Frase 2 - e tragédias assim do género...

Frase 3 - agora por causa do Rio de Janeiro e das mortes que houve...

Nos monoecrânicos entrevistados, como é possível observar, tivemos alguma dificuldade em obter respostas sobre questões políticas ou assuntos de interesse geral. Se a abundância de temas reina entre os hiperecrânicos, nestes encontramos pouco mais do que frases soltas, fragmentos que não mostram grande opinião construída. Apenas descrições muito simples e sem grandes capacidades reflexivas.

A entrevistada 1, por exemplo, fala sobre a questão do desemprego, já que sobre política afirma que “não gosta”. Dá a sua opinião sobre a forma como as pessoas se relacionam com o trabalho, usando um estereótipo muito comum e bastante generalizado socialmente (“as pessoas agora é que são mais esquisitas para trabalhar”). Depois, relaciona essa ‘falta de atitude para o trabalho’ com aquilo que encontra em alguns membros do seu contexto social: “percebe-se pelas pessoas que nós conhecemos”. No entanto, nunca se socorre de dados ou de qualquer outra informação que permita, pelo menos, dar maior consistência ao argumento.

O mesmo sucede com a entrevistada 2, que sobre o caso do Freeport opina de uma forma bastante imposta pelos *opinion makers* televisivos, sugerindo que “Não é muito bom para o país ter um PM metido numa coisa dessas” porque “O país fica mal visto por causa de uma coisa dessas”. Este tipo de argumentos, muito comum entre os críticos de política recorrentes na tv, sempre com olhos postos na importância da estética nos mercados, cria o fio condutor do discurso deste jovem, deixando-lhe apenas uma opinião muito vaga e confusa: “Não ficou muito bem claro. Não disseram como ficou ...”. Este “não disseram como ficou” refere-se aos meios de comunicação social, e à forma confusa como deixaram a informação (“não(...) claro”).

Por seu turno, a entrevistada 8 é a que menos tem a dizer sobre questões políticas. Aproveitamos apenas o que mais a marcou nos ecrãs sobre questões gerais. Tudo o que refere é sem grande capacidade e motivação descritivas e argumentativas, acompanhada de silêncios constantes e intermitentes, expresso pelas reticências, o que mostra bem a dificuldade de refletir sobre os assuntos. Mas este silêncio é uma espécie de imagem de tv, uma espécie de ecranovisão-tv que fala para dentro, para o corpo e não para o cérebro, que depois da breve descrição “agora por causa do Rio de Janeiro e das mortes que houve...” aparece como que um espaço intermédio para ir buscar as imagens mentais, e deixar que elas sozinhas criem sensação. Aqui vemos, precisamente, um efeito muito comum nos mais jovens que se bastam com imagens: este é um exemplo de um eco que nos mostra a força da ordem sensológica emanada pelas imagens ecrânicas. As sensações provocadas pelas imagens associadas aos assuntos preenchem a mente, bastando aos que olham para os ecrãs como um instrumento de lazer ou passatempo.

Resumindo as diferenças encontradas nas entrevistas dos jovens, queremos começar por salientar que não é apenas nos ecrãs que se aumenta a capacidade descritiva, argumentativa ou crítica. Porém, vemos nos termos usados, na sequência do discurso, e no cruzamento das diversas fontes de informação, que existem diferenças motivadas pelo maior uso de vários tipos de ecrãs. Precisamente porque as perguntas remetiam para os temas de interesse geral nos ecrãs. Percebemos então que os hiperecrânicos revelam uma capacidade maior de associação de ideias e assuntos, uma atitude discursiva construída sobre uma base mais de génese analítica, uma maior abertura para a admissão e confrontação com outras possibilidades e, finalmente, uma capacidade maior de ordenar e sistematizar as descrições.

Tabela 35. Exemplos de associação de ideias, argumentos e atitudes analíticas dos hiperecrânicos jovens

Hiperecrânicos jovens	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 9
Associação de ideias	Libia; Kadhafi, povo Libio ⇒ Portugal, Salazar, povo português	os factos (...) indicam o conhecimento e a presença do governo. Até porque (...) aquele avião não foi realmente desviado, pois não tinha logotipos (...) de empresa	documentos que conseguem comprovar que existem extraterrestres ⇒ para não assustar a população eles não dizem ⇒ filme do Steven Spielberg ⇒ é baseado em alguma coisa que eles viram. ⇒ forma como era a Nave ⇒ forma como era o ET ⇒ estilo do corpo
Argumentos	Histórico-social, comparação de sistemas políticos; comparação de estilos de liderança	Factos = “dizem que aquele avião não foi desviado Evidências = não tinha logotipos Dados = nunca mais foram encontrados... Relatos = houve pessoas a dizerem que viram coisas estranhas	Relatos = há relatos de pessoas ⇒ são tão precisos ⇒ dados tão detalhados
Atitude analítica	regime dele caiu ⇒ não abdicou das colónias. Se tivesse abdicado das colónias ⇒ hoje éramos uma ditadura.	Factos = <i>ocultação de destroços</i> , Factos = <i>pessoas a dizerem que viram coisas estranhas</i>	filme do Steven Spielberg ⇒ é baseado em alguma coisa que eles viram. ⇒ forma como era a Nave ⇒ forma como era o ET ⇒ estilo do corpo
Admissão e confrontação de outras possibilidades	“o povo tem que encontrar outras soluções”	“ <i>Parte terrorista: é possível</i> ”	“ <i>Se tem fundamento que não tem, não se sabe...</i> ”
Descrição sistemática e ordenada		Primeiro relaciona o governo; depois passa para a possibilidade da parte terrorista	“o quê?”, “onde?”, “Porquê”, “quando?”, “quem” e “para quê”.

Um outro dado importante de referir, é o facto dos hiperecrânicos jovens revelarem também uma preocupação maior com argumentos baseados em alguma forma de investigação (histórica, judicial, política, etc.). A este respeito, são elucidativas as frequências de palavras relacionadas com termos técnicos ou de cariz científico, como “Documentário”, “pesquisa”, “facto(s)” ou “dados”. Nestes, há uma maior integração entre o discurso analista e o olhar sintético e intuitivo sobre os assuntos. E também neste caso concreto, os hiperecrânicos revelam novamente uma posição intermédia, demonstrando assim a tendência crescente no uso de termos técnicos à medida que o uso de vários tipos de ecrãs se torna maior, sobretudo na lógica horizontal.

Tabela 36. Palavras ou termos retirados de vocábulos científicos usadas pelos jovens

Palavras relacionadas com ciência	Monoecrânicos	Biecrânicos	Hiperecrânicos
Documentário	1	3	6
Pesquisa	1	4	4
Facto			5
Dados			1
Total	2	7	16

Pelo contrário, os jovens em sociação monoecrânica, com constantes negações mais deterministas e evasivas, com um maior número de estereótipos e opiniões mais do tipo geral, sem grande preocupação de relacionarem as afirmações com dados legitimados por algum tipo de credibilidade (científica, jurídica, jornalística, etc.), e com um nível mais acentuado de pausas discursivas (reticências), revelam menor capacidade argumentativa e de associação de ideias, posturas discursivas pouco analíticas, e fraca capacidade de sistematizar e ordenar as descrições.

Em relação aos entrevistados adultos, é de salientar que não se encontram grandes diferenças neste tipo de comparações. Há, no entanto, que assinalar que os hiperecrânicos adultos revelam algum distanciamento dos temas que se tornam mediáticos nos programas noticiosos da TV, ao contrário dos monoecrânicos. Estes últimos, procuram explicar a atualidade através da informação que adquiriram através sobretudo do telejornal, e isso leva-os a usar argumentos sintetizados pelos blocos informativos, como podemos ver neste exemplo:

é que estão uns a tentar sair da crise, e no dia a seguir já se fala em mais crise. Noutros sítios que já estavam controlados. Por exemplo na Madeira, que a dívida já estava a ficar controlada, já descobriram mais. Como estava a ficar mais calmo, começou já a aumentar. Tínhamos também um controlo sobre a Guiné, estava calmo, Portugal teve que mandar para lá soldados, é uma despesa extra. 15 mil euros por dia. Gastou nisso. Estão uns a puxar para um lado, e outros por trás cada vez pior. (entrevistado 20)

De um modo diferente, os hiperecrânicos adultos estruturam o discurso usando um maior número de símbolos e imagens para explicar ou exemplificar sentimentos, sensações ou atmosferas. Os entrevistados 11, 13 e 18 revelam essa estrutura através de expressões como:

Isotopia 1 - Estrutura por imagem ou símbolos:

olha o buzirão na ponte, na 25 de abril. Recordo a violência. Houve carga policial. Remete-me para um azul escuro, cor da polícia, e para o símbolo da PSP. (Entrevistada 11)

Uma imagem associada à perda do poder de compra. Algum medo, algum receio do que pode vir. Talvez o símbolo da justiça...a Balança! Imagina esse símbolo com um sinal de proibido em cima. Imagina esse sinal. Uma negação da justiça. (Entrevistado 13).

Ficar sem o 13º mês...e o subsídio de Férias. Estava na lei para serem cumpridas e ... parece que temos uma arma apontada à cabeça. Uma caçadeira. Somos o alvo dos cortes. (Entrevistado 18)

Essa ondulação de imagens e de associações a símbolos permite construir um discurso com mais metáforas (como mais à frente analisaremos), com maiores ligações a um discurso estético, e com mais (re)novações face ao discurso dominante sobre os assuntos (ex.: “negação da justiça”, “alvo dos cortes”). Precisamente porque são discursos que se apoiam com maior frequência em sequências estéticas (pensamento sintético) do que em

sequências mais estruturadas pela memória e pela sequência cronológica da informação noticiosa, como acontece, pelo contrário, com este monoecrânico adulto:

Isotopia 2 – estrutura por sequência da memória:

Uns estão a tentar sair da crise ⇒ no dia a seguir já se fala em mais crise ⇒ na Madeira (...) já descobriram mais ⇒ como estava a ficar mais calmo ⇒ descobriram mais ⇒ também (...) Guiné, estava calmo ⇒ Portugal teve que mandar soldados ⇒ gastou 15 mil euros ⇒ uns puxam para um lado ⇒ outros para o outro (entrevistado 20).

Um outro dado que nos parece importante, é o facto dos hiperecrânicos adultos revelarem também uma preocupação maior com argumentos baseados em alguma forma de investigação (histórica, judicial, política, etc.), tal como os jovens hiperecrânicos. A este respeito, são também elucidativas as frequências de palavras relacionadas com termos técnicos ou de cariz científico, como “Documentário”, “pesquisa”, “facto(s)” ou “dados”. Neste caso concreto, os biecrânicos revelam novamente uma posição intermédia, revelando assim a tendência crescente à medida que o uso de vários tipos de ecrãs, sobretudo na lógica horizontal, se torna maior.

Tabela 37. Palavras ou termos retirados de vocábulos científicos usadas pelos adultos

Palavras relacionadas com ciência	Monoecrânicos	Biecrânicos	Hiperecrânicos
Documentário	1	2	3
Pesquisa	0	3	2
Facto	0	0	6
Total	1	5	11

2.1.4. Para os hiperecrânicos o ecrã é, com maior intensidade, um verdadeiro e legítimo espaço de aprendizagens

Podemos dizer que todos os entrevistados, de uma forma geral, aceitam os ecrãs como lugares de aprendizagem. Só que uns consideram-no verdadeiramente um local de aprendizagens. Outros tendem a ignorar esse facto. Por isso existem diferenças consideráveis na forma como se inscrevem, e como afetam, os indivíduos nas diferentes relações com os diversos tipos de ecrã.

Através da nossa análise, percebemos que para os jovens monoecrânicos o ecrã é lugar onde se “vai aprendendo qualquer coisa” (entrevistado 2). De um outro modo, para os jovens hiperecrânicos, o ecrã é mais um lugar onde se empreende. Quer dizer, para os primeiros, porque a relação tende a ser vertical, o processo é um misto de aprendizagem formal, tipo escola pois trata-se de uma entidade que informa e outra que recebe, com algo mais de génese casual e facultativa (*vai-se aprendendo...*); para os segundos, numa lógica

mais horizontal, as coisas aparecem mais soltas, mais abertas, onde é preciso agrupar, tentar, experimentar, criar, portanto empreender para obter conhecimento.

Percebemos isso em vários momentos: por exemplo, a separação feita entre real e virtual é algo muito mais presente nos monoecrânicos do que nos hiperecrânicos entrevistados. Estes últimos, não fazem essa separação de uma forma tão nítida. Quer dizer, a capacidade de relacionar o que visionam com o real é maior, e isso permite-lhes maior capacidade para gerar intuições e pensamentos transponíveis para a vida de todos os dias. Já não é só uma questão teórica dizer que há muito real no virtual, como sugere Deleuze (2002:16). É já uma individuação presente nos hiperecrânicos. Para estes, é mais comum tentar, experimentar e criar relações e ligações entre virtual e atual, o que os leva a uma necessidade maior de empreender, de construir de forma autónoma conhecimento.

Por exemplo, à pergunta “em frente a um ecrã, recentemente, teve alguma aprendizagem útil, algum conselho útil?”, obtivemos, nos jovens monoecrânicos, respostas como:

Não. Que eu tenha percebido. (entrevistado 1)
Não foi nada de especial... (entrevistado 2)
Não. Que eu tenha visto...”(entrevistado 8)

Só quando relacionamos, de forma indireta, a aprendizagem com outro tipo de questões, é que os monoecrânicos entrevistados revelaram algumas aprendizagens. A expressão “às vezes há filmes que nos incutem mais...e mesmo novelas...que explicam a vida real...” (Entrevistado 8) mostra bem essa perceção distante entre ecrãs e aprendizagem, entre real e virtual. O termo “às vezes” e o fim de frase “explicam a vida real” é sintomático dessa distância, e revela que, para estes, real e virtual estão, do ponto de vista conceptual, bastante separados. Neste sentido, percebemos que a aprendizagem está mais compartimentada, mais estandardizada, mais rígida e menos rizomática na mente dos monoecrânicos.

Pelo contrário, os jovens hiperecrânicos hesitam muito pouco quando fazemos a mesma pergunta. Obtivemos prontamente conexões, rizomas, relações com experiências de aprendizagem. Obtivemos raciocínios mais empreendedores, mais criativos, mais experimentais até. Os conteúdos das falas dos jovens entrevistados interessam-nos por serem o testemunho revelador das estruturas pré-existentes nas suas mentes, ou seja, revelam aquilo a que Hiernaux (1997) chama de locais estruturais nos conteúdos discursivos, revelando os topos de informação:

Ui, no ecrã dá para aprender mesmo muita coisa / É assim, eu vi um filme, ainda não saiu no cinema, é um filme espanhol, chama-se Mentiras e Gordas / Só fala de droga, a realidade lá em Espanha / O que é que eles tem que fazer para sobreviver / O protagonista morre de overdose,

porque não conseguiu lidar com os problemas que estava a ter na vida / Marcou-me imenso porque é uma realidade alternativa da minha (...). (entrevistado 4)

Muita coisa! / A pensar pela minha cabeça / A ideia, ou o conceito, de que por exemplo a Comunicação Social é um único recurso à informação, e que tem um valor maior, não é a mais correta (...). (entrevistado 5)

Sim! Para aí há 4 meses estive a fazer uma pesquisa sobre os Maias / No calendário Maia eles falam que irão aparecer mortes em massa de pássaros / Não sei se está a par disso mas tem morrido milhares e milhares de mortos num escala gigantesca.../ estive a ler sobre isso(...). (entrevistado 9)

Estas diferenças, entre jovens monoecrânicos e hiperecrânicos, revelam o sempre presente impacto tecnológico nos processos de aprendizagem. Recordamos que no século XIX, tivemos o Behaviorismo, escola que valorizou mais o comportamento do que a consciência (John Watson), destacando a partir dessa perspetiva a relação entre estímulos e respostas como os grandes fluxos definidores do comportamento humano. Insatisfeitos com este, eis que surgiu, posteriormente, um conjunto de teóricos, entre os quais Wundt, Binet e Theodore Simon, a destacar a importância do Cognitivismo na aprendizagem. Isto é, os processos mentais que se encontrariam por detrás dos comportamentos para além da relação entre estímulos e respostas. Pegando em dois grandes postulados cartesianos, primeiro na ideia de *locus* interno de controle e depois na ideia de descorporificação do pensamento, da memória, da percepção, do raciocínio e da atenção, entre outras características cognitivas, os cognitivistas construíram assim a sua base para a resolução dos problemas humanos. Porém, de seguida, um outro conjunto de autores, ainda que não homogéneo, (Piaget, Ernst Von Glasersfeld, Norbert Élias, Bourdieu ou Maturana), desconfiando da eficácia das perspetivas behavioristas e cognitivistas, apela ao conhecimento por construtivismo, resumindo nesta ideia a desconfiança das anteriores perspetivas: “as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e quotidianas dos atores individuais e coletivos” (Corcuff, 2001: 22). Para estes autores, as construções históricas e quotidianas tendem a escapar ao controlo absoluto das mentes individuais. Isto significa que os indivíduos fazem a sua história mas sempre condicionados pelas condições obtidas e herdadas do passado, o que por seu turno leva a que as formas sociais já existentes sejam reproduzidas, apropriadas, anuladas, transformadas ou (re)inventadas. Dá-se, pois, neste processo construtivista e histórico, um movimento duplo que prolonga a filosofia dialética de Hegel: interiorização do exterior e exteriorização do interior (ibid.: 22-23). Já recentemente, e era aqui que queríamos chegar para revelar essa tal tendência evolutiva nos processos de aprendizagem, eis que o conectivismo surge como uma das grandes teorias para explicar a aprendizagem na era digital. Para esta corrente,

fortemente impulsionada por George Siemens, o conhecimento do mundo não provém apenas da relação comportamental (estímulos e respostas), da relação cognitivista (capacidades da memória, da criatividade mental, da atenção, percepção, etc.), nem tampouco somente da relação construtivista. O que os conectivistas advogam é a ideia de que o conhecimento existe em todo o mundo, ou seja, nos sistemas, vivos ou artificiais, e que em interação com os indivíduos renovam e reinventam constantemente as formas de organização do mundo. Esta é uma perspectiva teórica que tem ganho muito fôlego na era digital. A ideia é que a informação é um nó e o conhecimento é uma conexão entre vários nós, que se faz ora pela intuição, ora pelo entendimento. Isto não significa que o conectivismo anule as anteriores perspectivas. Pelo contrário, é uma perspectiva que advoga retirar dessas vários *nós*, apelando mais à capacidade e à criatividade humanas para que façam sínteses geradoras de novos conhecimentos e de novas formas de pensar, agir e sentir. Neste sentido, a expressão deste hiperecrânico demonstra bem essa nova força que se opõe a vários anos de verticalidade do conhecimento e da informação sobretudo através dos ecrãs dos *mass-media*, permitindo a flutuação por outras conexões e formas de estar:

[os meios de comunicação social] levam as pessoas por um caminho para criar aquela opinião à pessoa, e depois torna-se muito difícil abrir horizontes e tentar ver outras vertentes da história. Ou então criam algo muito alargado, muito vazio, para as pessoas baterem umas contra as outras e gerarem um debate social. Eu acho que nesse caso a Internet ajudou bastante, porque com a internet é possível ver as várias vertentes de uma notícia, e aí sim, pode-se conjugar tudo e tentar criar uma ideia sobre aquilo. Acho que foi o mais importante. (Entrevistado 5)

A expressão deste entrevistado, “aí sim, pode-se conjugar tudo e tentar criar uma ideia sobre aquilo”, revela, a nosso ver, toda a essência daquilo a que se designa por conectivismo, que forçado pelas redes e também pelas correntes de ecrãs, impõe toda a sua importância na configuração social desta era digital: ter várias fontes de informação, conjugar e conectar os vários nós de informação, e depois permitir a criação de sínteses, conexões que originam novos e outros conhecimentos. Enquanto no ecrã-tv, que é o ecrã mais presente na forma de sociação monoecrânica, a aprendizagem segue o modo estímulo-resposta, através dos ecrãs-interativos conseguimos vislumbrar, no discurso dos jovens entrevistados, uma outra lógica: aprender, empreendendo. Quer dizer, tentando, experimentando, ligando, criando - eis a diferença nos processos de aprendizagem em frente aos ecrãs-interativos. De certa forma, este conectivismo coloca novamente Kant no topo, do ponto de vista da teoria do conhecimento, já que concede, precisamente, primazia à intuição, aquela via pela qual o conhecimento nos é dado. Como sugere Heidegger (1992: 136),

O conhecimento humano é intuição concebida, sob a forma de juízo. O conhecimento humano é, portanto, uma unidade, construída de modo peculiar, de intuição e pensamento. Kant acentuou sempre (...) esta determinação essencial do conhecimento humano.

Neste sentido, o conectivismo na era dos ecrãs reforça precisamente essa determinação essencial do conhecimento humano. A saber: a intuição. Esta é a razão pela qual os jovens hiperecrânicos entrevistados, mais por dentro deste espírito conectivista, revelam também maior capacidade de conexão intuitiva entre temas e discursos.

Obtivemos este sentido também com os adultos entrevistados. Como perante as imagens é difícil memorizar, como a sua sequência coloca a psique em estado de baixa atenção devido à imensidão de estímulos visuais (Kerckhove, 1997), então a aprendizagem tem que ser reconstruída pelo que sobra do que foi visionado, e pela quantidade de conhecimentos e de relações *causa-efeito* que o indivíduo é capaz de fazer. Neste sentido, perante os ecrãs, mais do que memorizar conhecimento, o mais simples e provável é, doravante, construir conhecimento. Empreender ao invés de memorizar. Tal como sugere um hiperecrânico adulto (entrevistado 18),

Mas lá está, a informação que está num documentário, eu não me consigo lembrar. Eu se calhar tenho que ler. Tenho que estudar e ver. Agora se vejo um documentário sobre há 3000 anos, vejo a figura mas nomes e assim não vou lá. Não consigo. Não me consigo lembrar.

Ou, nas palavras de um monoecrânico (entrevistado 20), “A gente esquece. Não há nada que me lembre”.

2.1.5 – hiperecrânicos mais rizomáticos, mas igualmente, e muitas vezes mais, *ansiosos pelo imediatismo*

hoje, só raramente e com grande esforço, podemos chegar à intuição; no entanto a humanidade chegará um dia a desenvolver a intuição de tal modo que será a faculdade ordinária para conhecer as coisas. Então, desaparecerão todas as escolas filosóficas e haverá uma só filosofia verdadeira conhecedora da verdade e do ser absoluto. (Bergson cit. in Padovani e Catagnola, 1970: 459-460)

Se atrás dissemos que os hiperecrânicos estão mais propensos a uma perspetiva analítica, conectivista e intuitiva, e tendem a usar termos e metodologias de pensamento e de organização mais do tipo científico, temos que esclarecer o seguinte: isto não significa que estejamos perante a epistemologia que reina no discurso académico, mais de génese construtivista ou cognitivista. Já aqui falamos da importância do conectivismo na formação de conhecimento entre os hiperecrânicos. Neste modelo, trata-se de uma maior integração do ver e do olhar, onde inicialmente é até o olhar maciço e não racional que detém preponderância. Ora, o conectivismo, privilegiando o olhar, constrói também, nestes jovens

hiperecrânicos entrevistados, um outro tipo de epistemologia: uma capacidade rizomática. O termo rizoma, sugerido por Deleuze, serve perfeitamente para exemplificar o tipo epistemológico deste tipo de jovens, já que nesse tipo não existem grandes raízes primordiais nem onnipresença da hierarquização (Bessi, 2007: 3-4). Ao contrário do modelo arbóreo do conhecimento, onde a hierarquia se impõe, o rizoma que atravessa os hiperecrânicos acarreta uma maior simultaneidade de princípios, de pontos que influenciam diferentes observações e conceptualizações. No pensamento-rizoma, esse emaranhado de fluxos informativos, a organização dos seus elementos não é feita de forma hierárquica, onde supostamente primeiro estariam os conhecimentos de A, seguidos de B, C ou D. No rizoma, qualquer nó de informação pode afetar a síntese, quer dizer, essa unificação singular e geradora de conhecimento ou solução.

As faculdades oferecidas pelo rizoma permitem então uma maior autonomia aos indivíduos na construção do discurso, e por isso também na consolidação do pensamento e da ação. A capacidade de relacionar e de associar um tema a outro é, qualitativa e quantitativamente, maior nas formas de sociação hiperecrânica do que nas biecrânicas e, sobretudo, do que nas monoecrânicas (como é possível vislumbrar na seguinte tabela):

Tabela 38. Excertos de reflexões-rizoma

Híper Ecrânicos	Exemplos de reflexões-rizoma
Entrevistado 4	Pergunta: E tens alguma imagem que representa essa degradação ambiental do planeta? Resposta: “para mim, a China durante os jogos Olímpicos. Tinha aquela cena de nevoeiro. Como tem em Londres, também. Estava mesmo completamente coberto por nevoeiro, isso para mim ficou-me porque é assim: foi crescendo e foi vendo, isto cada vez há menos florestas para dar lugar aos prédios e aos grandes empreendimentos. Na minha opinião não é essa a solução. Tudo bem que o homem evolua mas mantendo sempre um respeito pela natureza. Uma catástrofe natural arruma com tudo. A catástrofe do Haiti marcou-me imenso. Foi muito falada. E agora recentemente as cheias no Brasil. E na madeira também.”
Entrevistado 5	“Mas também gostei muito do Harry Potter por causa da parte com a realidade. A parte da magia é totalmente fora do comum; e tem a parte da união e da amizade em torno das pessoas. Ele sozinho não conseguia fazer aquilo que fez (só com união). A união é um instrumento, um recurso, que hoje em dia é muito banal, e muito pouco utilizado. As pessoas, graças às tecnologias, estão muito separadas, muito separadas umas das outras.”
Entrevistado 9	[sobre Pablo Escobar] - “Há sempre qualquer coisa que falha. Enquanto o livro é a nossa imaginação a trabalhar, no filme é a imaginação do realizador a trabalhar...” [uma lembrança espontânea] - “um bocado das duas, ajuda...e agora lembrei-me de uma coisa: para aí há 4 meses estive a fazer uma pesquisa sobre os Maias. No calendário Maia eles falam que irão aparecer mortes em massa de pássaros. Não sei se está a par disso mas tem morrido milhares e milhares de mortos num escala gigantesca...estive a ler sobre isso. Há 4 meses morreram 2000 e tal corvos na Finlândia...encontrei texto e fotos...e as fotos que há é de pessoas amadoras. Os governos não deixam que isso passe para fora...pode ser estúpido para alguns, eu também grandes crenças também não tenho mas foi lendo, alguns dos historiadores e assim...pode não ter sentido para alguns mas que as coisas encaixam...”
Biecrânicos	Exemplos de reflexões-rizoma
Entrevistado 3	“o SAW foi o filme que mais gostei de sempre. A mensagem que transmite é espetacular. Por exemplo uma pessoa...são as coisas más...uma pessoa que fuma, então ele prova-nos como isso nos faz mal e nos vai matar. Muito mal. Gosto das estratégias.”
Entrevistado 6	[Sobre a Internet] - “Tanto estamos muito longe de uma pessoa como estamos muito perto...se quisermos... Parece que temos tudo e não temos nada...sensação confusa.”
Entrevistado 7	“A internet é útil para aprendermos coisas...o meu pai não sabia...teve que ser o meu avô. A internet também tem esse lado...vai-se perdendo o contacto com as pessoas próximas...as pessoas agora querem saber alguma coisa e vão à internet, não vão armazenar nada para elas...”
Entrevistado 10	[sobre o desemprego] - “na zona onde eu moro tem lá a Coelima e assim, e eu vejo aquilo antes, aquilo quando eu era pequena a minha mãe trabalhava lá e eu via que aquilo tinha bastante movimento, os carros, tinha bastantes carros...agora passar lá diariamente e vejo pouco movimento...há menos carros. E mesmo nos transportes, que as camionetas vem buscar as pessoas àquelas horas e...vejo que as camionetas vem muito mais vazias...é completamente diferente.”
Mono Ecrânicos	Exemplos de reflexões-rizoma
Entrevistado 1	“É assim, eu acho que trabalho há, as pessoas agora é que são mais esquisitas para trabalhar. Pelos colegas e assim dá para perceber que eles arranjam emprego mas depois preferem sair do que trabalhar no duro. Isso percebe-se também pelas pessoas que nós conhecemos.”
Entrevistado 2	[sobre a crise] “Só se for não gastar dinheiro...é o que eu mais ouço...crise, os meus avós é que falam muito. Eles falam muito sobre isso. Também se vê no telejornal e tal mas é mais os avós.”
Entrevistado 8	[sobre a internet] “Azul...acho que tem mais a ver com o azul...não sei bem porquê”

Analisando estas reflexões, é possível constatar que os entrevistados 4, 5 e 9 demonstram mais características de reflexão-rizoma, já que usam as três grandes características desse tipo epistemológico: pouca utilização de razões primordiais; permanente simultaneidade; e pouca ou nenhuma hierarquização de valores e de assuntos para chegar às reflexões produzidas.

Com os símbolos \Leftrightarrow e \Rightarrow vamos representar as relações discursivas, onde o primeiro (\Leftrightarrow) representa a simultaneidade e ausência de hierarquia e razões primordiais, e o segundo (\Rightarrow) simboliza a hierarquia, a sequência e as razões primordiais dos discursos.

Começamos então pela entrevistada 4, que constrói rapidamente a seguinte associação de ideias entre poluição e degradação do planeta, não precisando de raízes primordiais geográficas ou ambientais para aceder ao conhecimento, mas sim de uma simultaneidade de princípios (característica rizomática):

China \Leftrightarrow *nevoeiro* \Leftrightarrow *Londres* \Leftrightarrow *nevoeiro* \Leftrightarrow *poluição*.

O pensamento desenrola-se de forma estruturada, revelando sempre essa simultaneidade de princípios e ideias: *Cresci* \Leftrightarrow *vi* \Rightarrow *menos florestas* \Leftrightarrow *mais prédios* \Leftrightarrow *grandes empreendimentos* = *não é solução*. E continua com essa simultaneidade, reforçando: *Evolução* \Leftrightarrow *mas respeito pela natureza* \Leftrightarrow *senão uma catástrofe arruma com tudo*. Não existe, portanto, uma hierarquia de valores e conhecimentos, somente uma simultaneidade: *Tsunami Haiti* \Leftrightarrow *Cheias Brasil* \Leftrightarrow *Tromba de água na Madeira*. Existe, isso sim, ligação permanente, e não tanto uma relação primordial.

O mesmo acontece com os entrevistados 5, 9 e 6, respetivamente:

(entrevistado 5 - hiperecrânico)

Harry Potter \Leftrightarrow realidade \Leftrightarrow magia (simultaneidade)

união \Leftrightarrow amizade \Leftrightarrow peças (sem hierarquia)

união \Leftrightarrow instrumento \Leftrightarrow recurso \Leftrightarrow banal \Leftrightarrow pouco utilizado (simultaneidade)

(entrevistado 9 - hiperecrânico)

livro \Rightarrow nossa imaginação \Leftrightarrow filme \Rightarrow imaginação do realizador (simultaneidade)

Maias \Rightarrow mortes \Leftrightarrow pássaros \Leftrightarrow profecia (sem razões primordiais e sem hierarquia)

(entrevistado 6 - bicrânico)

Internet \Rightarrow tudo \Leftrightarrow nada (simultaneidade e sem hierarquia)

Pelo contrário, vemos mais relações baseadas na hierarquia, mais razões primordiais evocadas e níveis de simultaneidade relativamente baixos nos seguintes trechos:

Entrevistado 3 - bicrânico

Fuma \Rightarrow coisa má \Rightarrow vai matar (hierarquia e sequência)

Entrevistado 7 - bicrânico

Internet \Rightarrow utilidade \Rightarrow aprender \Rightarrow não memorizar (hierarquia e sequência, onde a razão primordial é a Internet)

Entrevistado 10 - bicrânico

Emprego \Rightarrow movimento \Rightarrow autocarros \Rightarrow cheios; desemprego \Rightarrow pouco movimento \Rightarrow poucos autocarros \Rightarrow vazios (Hierarquia de valores; sequência com razão primordial para aceder a conhecimento: desemprego)

Entrevistado 1 – monoecrânico

Trabalho⇒pessoas esquisitas ⇒não querem trabalho duro⇒desemprego (Hierarquia de valores; sequência com razão primordial para aceder a conhecimento: desemprego)

Entrevistado 2 – monoecrânico

crise⇒não gastar dinheiro⇒avós e telejornal mostram (Hierarquia de valores; sequência com razão primordial para aceder a conhecimento: desemprego)

Entrevistado 3 – monoecrânico

Internet ⇒ azul ⇒ ausência de explicação (associação sem reflexão descritiva)

Como podemos então constatar, os hiperecrânicos 4, 5 e 9 demonstram mais características de reflexão-rizoma, já que usam com maior intensidade e constância características desse tipo epistemológico. Pelo contrário, quer os biecrânicos, mas sobretudo os monoecrânicos, produzem reflexões quase sempre tendo por base razões primordiais implícitas, sempre sujeitas a hierarquização sequencial. Por exemplo: *pessoas esquisitas⇒não querem trabalho duro ⇒ logo desemprego.*

Também entre os hiperecrânicos adultos é possível constatar esta tendência para a reflexão-rizoma. O trecho que se segue, do hiperecrânico 13, é um exemplo eloquente:

A intuição é inata. Não sei se posso dizer se se treina. Desenvolve-se o conhecimento, a rapidez, a conexão...intuição nesse sentido, sim...agora intuição...faz-me usar mais a minha intuição, assim acho que fica mais correto. Agora se a Internet é muito intuitiva? Não é! Vejo uma grande dificuldade nos miúdos a acederem a coisas. Eles não conseguem encontrar conceitos porque não conseguem usar essa intuição...tem que a treinar...sim, afinal a intuição treina-se...eheheh. Não sabem usar essa intuição...

Através deste trecho, em que não pretendemos propriamente discutir o conteúdo da questão citada, percebemos é como que a estrutura do discurso permite a passagem do enunciado inicial para o enunciado final. É possível vislumbrar o tal rizoma, emaranhado, num fluxo até obter uma proposição. Este hiperecrânico adulto começa então por refletir sobre a intuição. Refere que é inata. Depois questiona se essa se pode treinar. Associa outras variáveis como fatores de desenvolvimento ⇒ Conhecimento – Rapidez – Conexão ⇒ Intuição (pensamento rizomático na medida em que coloca as três variáveis num plano não hierárquico). Conecta, posteriormente, com a dificuldade dos jovens ⇒ e conclui que eles devem treiná-la. Então, reformula a proposição inicial ⇒ “*afinal a intuição treina-se*”, logo, considera-a não inata.

Era a este ponto que queríamos chegar para explicar esta dinâmica. Este hiperecrânico chega a este enunciado de uma forma rizomática. Para o obter há uma relação entre o rizoma e o cronoscópico. Ou seja, usando um certo emaranhado de ideias, revela não um antes-durante-depois cronológico mas mais um exposto-sobreexposto-subexposto do

pensamento, onde vigora a ausência de razões primordiais, a simultaneidade e a pouca ou nenhuma hierarquização de fatores determinantes, até chegar ao enunciado obtido.

No entanto, isto levanta uma outra questão que consideramos muito pertinente. Notamos que inicialmente, neste trecho, houve uma afirmação demasiado imediata. Que depois o próprio corrigiu e que até acabou por inverter. Isto remete-nos para uma dimensão que nos parece muito presente em todas as gerações sob o desígnio da era da «velocidade da luz» (Virilio, 2000), sobretudo naqueles que se encontram em formas de sociação hiperecrânica: a *ansiedade pelo imediatismo*³⁸. É o próprio entrevistado 13 que o admite: “Desenvolve-se o conhecimento, a rapidez”. Mas são também os mais jovens que o reforçam através de certas estruturas discursivas:

Filmes é mais no computador que vejo / Eu gosto muito de ver filmes e tem que ser com alguns downloads / para **os ver antes de estream**. (entrevistada 4)

[sobre o Hi5] **Não era imediato** / Não gostava / Dizia que não estava à distância de um clique, costumava dizer...(entrevistada 4)

então toda a gente curte, **acelera**...o meu grupo de amigos é tudo electro / Então a gente junta-se, vai a festas, vemo-nos, é diferente, são ambientes diferentes. (entrevistada 4)

por acaso foi **logo a primeira** imagem que tive / Foi a **primeira imagem** que me veio à cabeça. (entrevistada 4)

[sobre o computador] tenho, fixo, mas nunca vou para lá. Só **o tempo que ele demora a ligar...não é imediato**...chateia-me...(...) nos trabalhos da escola vamos para os computadores da escola **mas também são muito lentos** na net...(entrevistada 2)

Esta busca incessante e ansiosa pelo imediatismo provoca, a nosso ver, um entrave no desenvolvimento da inteligência emocional. Isto é, assumindo a inteligência emocional como a capacidade do indivíduo em se auto motivar, em persistir atrás de objetivos, em controlar impulsos, em adiar recompensas, em regular o estado de espírito, em impedir que o desânimo vença sobre o pensamento, em criar empatia e em ter esperança e confiança nos outros e em si mesmo (Goleman, 1996: 289-290). Este *ciber-devir* veloz, que gera essa permanente *ansiedade pelo imediatismo*, incide negativamente em algumas das suas características, sobretudo dificultando o desenvolvimento do controlo dos impulsos, da capacidade de adiar as recompensas e da regulação e estabilização do estado de espírito. Exigir imediatamente uma recompensa, exprimir imediatamente um impulso, seja através da informação, da interação, da aceleração, das conclusões, das imagens, dos prazeres, tende a aumentar os níveis de ansiedade. O excesso de velocidade tem este efeito, efetivando uma mensagem, várias vezes problemática e errada, do tipo: ‘tudo o que é mais imediato e

³⁸ A ansiedade pelo imediatismo é uma força gerada pelo impulso tecnológico individuado em desejo pelo objeto ou coisa, de forma imediata. Esta ansiedade tem repercussões a vários níveis (relacionais, emocionais, sociais, motivacionais, etc.).

acelerador, gera mais privilégios e gratificações'. Trata-se, como sugere Hermínio Martins (2003:7), do efeito de «aceleração da aceleração», pois

“a escola da aceleração-para-a-singularidade, do aceleracionismo escatológico (...) dá um sentido de transcendência potencial e uma direção privilegiada bem definida para os processos tecnoeconómicos em curso, (...) um salto para um novo modo de existência”.

Por outro lado, esta perspectiva conectivista e imediatista pode gerar um outro perigo, que já se vislumbra a espaços. É esse o da teorização sem teoria de base – uma aceleração de processos que precisam de ser fortificados pela confrontação e maturação teórica. O desejo de tudo ecranovisionar no imediato, e esse lado trágico, o de reduzir tudo a imagens e de forçar excessivamente o pensamento icónico, poderá dar aso à teorização excessiva a partir do exemplo e do concreto bem sucedido visualmente, construindo pressupostos teóricos erróneos ou desfasados. A importância excessiva, atribuída pelos indivíduos fortemente investidos pela cultura visual, ao conceito de imagem e à sua teorização otimista, revela esse lado, essa ausência teórica de base. Essa é uma outra tragédia provocada por essa tal *ansiedade pelo imediatismo*.

2.1.6. O Pensamento icónico dos hiperecrânicos: imagens, alegorias e metáforas

Já aqui descrevemos o pensamento conectivista, intuitivo e rizomático como características bem presentes nos hiperecrânicos: ligação intuitiva; pouca utilização de razões primordiais; permanente simultaneidade; pouca ou nenhuma hierarquização de valores e de assuntos, e por isso menos tendência para o julgamento estereotipado ou para a formação de complexos, para chegar às reflexões produzidas. Porém, esta tendência conectivista e rizomática leva-nos também a analisar a relação entre associações de ideias e imagens. Dentro destes sistemas de pensamento, porque estão imbuídos numa estrutura de génese mais intuitiva e não tanto hierárquica e sequencial, cremos que as imagens passam a ganhar uma maior centralidade na estruturação do discurso. Tal como sugere Gradim (2011: 1854-1860), “as imagens podem significar à maneira das figuras da linguagem (...). Teremos então na figura [de estilo] o mecanismo, e na imagem a ocorrência. Por exemplo a alegoria, expressão de ideias por imagens, é uma figura de linguagem que produz a virtualização do significado”, influenciando deste modo a forma de pensar, sentir e agir num mundo fortemente marcado por imagens e ecrãs.

Mas não é apenas a alegoria a figura de estilo que revela esta força das imagens nas formas de pensar, sentir e agir pós-moderno. Já é antiga a discussão. Quintiliano sugeriu, em *Institutio Oratoria*, que uma alegoria é também uma “metáfora continuada que mostra uma

coisa pelas palavras e outra pelo sentido”. Num sentido semelhante apontou Cícero, em *De Oratore*, referindo que uma alegoria é um sistema ligado de metáforas (Kothe, 1986). A metáfora liga uma imagem a um significado isolado; a alegoria liga-se a expressões ou a discursos inteiros, revelando assim o que estava oculto – tal como refere Walter Benjamin (2004) em *As Origens do Drama Trágico Alemão*.

Não obstante, metáforas, imagens e, sobretudo, alegorias são, para Heidegger (1992: 13), muito mais do que simples coisas. São algo de outro, neste caso concreto, algo que pertence aos conteúdos implícitos ou explícitos das ecranosvisões. Ora, por isso mesmo quisemos verificar as alegorias e as metáforas presentes nos discursos dos entrevistados, já que essas significam mais do que simples coisas. Significam portanto, quando falamos sobre ecrãs, a objetivação, no discurso, das ecranosvisões. Quanto maior e mais preponderante se torna o pensamento icónico, mais preponderantes se tornam as imagens no discurso e na ação. Neste sentido, comparamos os níveis de interação ecrânica com o número de alegorias, imagens e metáforas presentes nos discursos dos entrevistados. Essa relação está presente nas tabelas 39 e 40, respetivamente:

Tabela 39. O pensamento icónico nos jovens

	Entrevistado	figuras de estilo: imagem, alegorias e metáforas
Monoecrânico	1	3
	2	4
	8	2
		Subtotal = 9
Biecrânico	3	3
	6	4
	7	2
	10	3
		Subtotal = 12
Hiperecrânico	4	10
	5	5
	9	6
		Subtotal = 21
Total = 42		

Tabela 40. O pensamento icónico nos adultos

	Entrevistado	figuras de estilo: imagem, alegorias e metáforas
Monoecrânico	12	2
	14	2
	19	3
	20	1
		Subtotal = 8
Biecrânico	15	3
	16	4
	17	1
		Subtotal = 8
Hiperecrânico	11	4
	13	9
	18	2
		Subtotal = 15
Total = 31		

Como é possível observar através destes dados, percebe-se que quanto maior é a interação ecrânica, maior é o número de alegorias, metáforas e imagens presentes no discurso. E importa também salientar que, ainda assim, os mais jovens recorrem mais às figuras de estilo compostas por alegorias e metáforas do que os adultos, e que o seu diferencial entre tipos de sociação – monoecrânicos, biecrânicos e hiperecrânicos – é, à medida que a interação aumenta, significativamente maior (Monoecrânico jovem = 9; Hiperecrânico jovem= 21/ Monoecrânico adulto = 8; Hiperecrânico adulto = 15).

Vemos, assim, que a sociação hiperecrânica gera uma tendência para estruturar o discurso e o pensamento através de um maior uso de alegorias, imagens e metáforas. O pensamento torna-se mais imagem e associação entre imagens, portanto mais icónico, como forma de gerar a explicação das contingências do mundo. Quanto maior a sociação ecrânica, maior a preponderância das imagens na apreensão de sensações e ideias, e na constituição de motivações, interesses e desejos.

Alguns exemplos de expressões icónicas dos mais hiperecrânicos:

Imagem: Planeta/Poluição/Degradação ambiental

Alegoria: Como o homem está a trabalhar, tipo carros, tudo, guerras, não vejo como o preservarmos. (...) A China durante os jogos Olímpicos. Tinha aquela cena de nevoeiro. Como em Londres. (...) Foi crescendo e foi vendo, isto cada vez há menos florestas para dar lugar aos prédios e empreendimentos. (entrevistado 4)

Imagem: Comunicação Social

Alegoria: Levam as pessoas por um caminho para criar aquela opinião (...). Depois torna-se muito difícil abrir horizontes. (...). Ou então criam algo muito alargada, muito vazia, para as pessoas baterem umas contra as outras e gerarem um debate social. (entrevistado 5)

Imagem: Degradação planetária

Alegoria: a nossa destruição, caminhar para nos destruímos, a ganância (...) animais mortos, chineses. (entrevistado 9)

Imagem: Corte nos subsídios de Natal

Alegoria: Talvez o símbolo da justiça...a Balança! Imagina esse símbolo com um sinal de proibido em cima. Imagina esse sinal. Uma negação da justiça. (entrevistado 13)

Exemplo 2: O pensamento icónico como base de soluções

O computador veio acelerar a ideia de que muitas soluções para facilitar as tarefas do quotidiano podem ser resolvidas através de uma eficiente transformação de operações de programação para ícones. Assim aconteceu com a evolução do computador. Da linha de comandos do MS-DOS, para o ambiente de trabalho repleto de ícones como comandos de ligação, foi talvez uma das forças mais avassaladoras para colocar o ícone como central nas sociedades atuais. Nas tecnologias, as linhas de programação estão constantemente a ser substituídas por imagens que facilitam e simplificam o acesso a conjuntos complexos de linhas de programação, pois se assim não fosse seria mais difícil o seu uso pelas massas. Neste sentido, grande parte das inovações dos ambientes ecrânicos (ambiente de trabalho, interação, sistema ecrã-táctil, etc.) têm vindo a reforçar a centralidade do ícone nas operações telemáticas. Ora, com a abrangência, imediatismo e eficácia gerada pelas operações telemáticas, o pensamento adota a sua estrutura para pensar em soluções.

No fundo, trata-se de usar o pensamento icónico, simplificador e facilitador, como estrutura para resolver problemas.

Um bom exemplo da importância deste pensamento, e até da sua aceitação social, está bem presente na atribuição de prémios em inovação e ciência. No ano de 2011, o prémio de Inovação tecnológica em Portugal foi ganho por dois investigadores, Carlos Pires e Fernando Pinto, que desenvolveram um projeto que consiste num protótipo multimodal e multiplataforma que simplifica o acesso a serviços na Internet por parte de pessoas com mobilidade reduzida. Tal como salientam os autores,

Foi nosso objetivo tentar superar as dificuldades que, principalmente, os tetraplégicos enfrentam no dia a dia. Como têm dificuldades em movimentar os braços e as mãos, têm também dificuldades em usar o teclado/rato e os telemóveis. E portanto, desenvolvemos uma interface natural que pode ser usada recorrendo não só ao tradicional rato e teclado, mas também à fala e ao toque.³⁹

Agir através de soluções icónicas, eis o resultado dos efeitos do pensamento icónico. Reduzir operações a simples toques em ícones – o ícone como solução – permitindo as conexões necessárias para executar operações, tem sido possível à base da maioria das evoluções na interação com as tecnologias, gerando assim uma relação mais horizontal e icónica.

É caso para afirmarmos que, doravante, com uma cada vez maior sociação hiperecrânica, teremos um pensamento cada vez menos logocêntrico, onde o ícone tende a ganhar maior preponderância no rizoma conectivo. Após a individuação social de uma menor centralidade logocêntrica, as sociedades orientam-se por intermédio da diferimitação e das subsequentes sociações, em estruturas cada vez menos assentes no Logos objetivo e cada vez mais firmes no ícone subjetivo. Os grandes traços caracterizadores dos ecrãs e da sua cultura, sobretudo dos self-ecrãs, como a intuição, a fragmentação, a ligação múltipla, o apelo às sensações, revelam muitas semelhanças com a tal já enumerada força do Eros, do feminino. Ora, toda a captura por parte dos indivíduos destas lógicas formam cada vez mais uma cultura subjetiva, já que a síntese elaborada pela subjetivação sente com mais vigor as forças do dentro, do reflexo, do outro que ecoa em mim o seu interior.

As cores no ecrã horizontal revelando a força do Eros

Na fórmula de McLuhan (2007: 38), o cinema é um meio quente e a televisão é um meio frio, pois um meio quente é aquele “*que prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição*” e um meio frio prolonga vários sentidos em baixa definição. Todavia, esta divisão fazia sentido para estes *mass-media*, que eram estanques e não se compenetravam nas suas formas de base. Mas e nos *self-media*, que permitem a constante convergência das lógicas

³⁹ Entrevista presente no artigo *Alumni FEUP vencem Prémio de Inovação Tecnológica*, visto a 16/06/2012 em: http://paginas.fe.up.pt/~adn/index.php?option=com_k2&view=item&id=195:alumni-feup-vencem-pr%C3%A9mio-de-inova%C3%A7%C3%A3o-tecnol%C3%B3gica&Itemid=59

dos meios frios e dos meios quentes? O que dizer do computador? Será o computador um meio frio ou um meio quente? E os seus ecrãs, o que suscitam? Será a passagem dos mass-media (cinema e TV) para os *self-media* (computadores, videogames, etc.) uma passagem que altera completamente esta lógica dos meios quentes e frios? Existem *self-media* frios e *self-media* quentes?

A este respeito, parece-nos que há a necessidade de pensarmos de uma outra forma. Os conceitos «meio quente» e «meio frio» ainda são bastante úteis. Porém, é fundamental analisá-los à luz de uma realidade diferente como é a dos *self-media*. No computador, como na Internet, tudo se liga e desliga, tudo converge e diverge, tudo se distancia e aproxima, simultaneamente. A única coisa que é verdadeiramente transversal e sem variações entre Cinema, TV e Computadores são ainda os formatos de exposição dos dados, ou seja através de ecrãs, e o sentido mais explorado é o da visão. São os ecrãs que permitem um continuum logístico, já que tudo o resto pode ser associado ou dissociado em simultâneo.

Não obstante esta característica transversal, com o advento dos self-media torna-se então mais conveniente falar de ecranovisões, que também podem ser quentes e frias, do que de meios de comunicação de massa quentes e/ou frios. Ecranovisões que ao serem quentes e frias podem também, portanto, prolongar mais um sentido e em alta definição, ou vários sentidos em baixa definição, sendo certo que o sentido visual será sempre o mais suscitado.

Surge então uma questão: de que forma é que nos poderá ser útil pensar em ecranovisões, ao invés de usarmos apenas a designação «meios quentes e/ou frios»?

Um estudo sobre cores⁴⁰, levado a cabo por empresas de estudos de mercado que tinham como objetivo perceber as cores das 100 marcas mais presentes e mais poderosas na Internet, demonstrou o seguinte: as fotografias usadas nos sites dessas marcas são tendencialmente mais povoadas pelas cores azul (maioria) e cinza; as cores de base das redes sociais digitais e dos seus símbolos são maioritariamente azuis; os blogs são também marcados pela presença do azul e também de cores vivas, como o laranja; no geral, as principais marcas presentes na Web estão representadas pelo azul e cores próximas do azul, e em menor escala pelo vermelho e cores próximas do vermelho (como por exemplo o laranja) e pelo verde.

⁴⁰ Informação consultada em 30/01/2011, em <http://img651.imageshack.us/img651/3843/mostpowerfulwebcolors.jpg>

uma certa intuição carregada de sentidos. Esta autora começou por analisar, em primeiro lugar, as cores preferidas dos indivíduos: azul, vermelho e verde foram de longe as cores mais indicadas nos resultados do seu estudo (Heller, 2006: 5) – facto que corrobora a afirmação de Pastoureau, que afirmava que mais de metade da população ocidental preferia a cor azul (Barbosa, 2006: 90). Em seguida, a autora avança com o conceito de «cores psicologicamente contrárias», para demonstrar as equivalências contrárias das diferentes cores quando em dinâmica, quer ao nível simbólico como ao nível representativo e ontológico (Heller, 2006: 35-37). Assim, concluiu que quando próximos, vermelho e azul opõem-se, racional e imaginariamente, originando os seguintes traços caracterizadores:

- Vermelho é quente e azul é frio;
- Vermelho é masculino (Logos) e azul é feminino (Eros);
- Vermelho é alto e azul é baixo;
- Vermelho é ativo e azul é passivo;
- Vermelho é corporal e azul é espiritual;
- Vermelho é objetivo e azul é subjetivo;

A estes traços, Barbosa (2009: 90-91) soma a seguinte ideia: vermelho apela à criatividade, à paixão e ao calor (seduz bastante os mais jovens); o azul está associado ao espaço e ao infinito, tendencialmente a revelar frescura, calma e mística.

Ora, estas conclusões mostram como as inferências de McLuhan fazem sentido, ainda que seja necessário, na nossa ótica, associá-las ao tal conceito de ecranovisão. De facto, as cores da Internet mostram a predominância do quente e do frio, o que de certo modo responde à questão da convergência no aquecimento/arrefecimento dos sentidos. Neste sentido, podemos dizer que as ecranovisões da internet são, simultaneamente, quentes e frias, e há uma atribuição de cores em função de marcas e serviços que segue essa lógica: Facebook, Twitter, Orkut, Wikileaks, Myspace, Netlog, entre outras, são azuis ou próximas do azul, o que está de acordo com a atmosfera geral interna, que é a da ligação fria de laços sociais – ou seja, vários sentidos prolongados e em baixa definição; por outro lado, marcas como Youtube, marcas de vídeos ou canais noticiosos (exemplo: ESPN, CNN, Netflix, etc.), são vermelhos porque pretendem prolongar um sentido (sobretudo o visual) em alta definição (chamar ao máximo a força das imagens).

Todavia, embora esta leitura através da ideia Mcluhaniana de quente e frio seja interessante e importante, com o conceito de ecranovisão podemos alargar a análise. Com este conceito é possível estabelecer relação entre cores, ecranovisões e os restantes pares psicologicamente contrários que também as cores, mas não só, evidenciam. Isto é,

associando este conceito às cores, podemos falar de ecranovisões masculinas e femininas, altas e baixas, ativas e passivas, corporais ou espirituais, objetivas ou subjetivas. Ou melhor, ecranovisões do ver e ecranovisões do olhar, onde o ver está no nível do racional e o olhar no nível do não consciente e não racional.

É assim que as ecranovisões geram, através das capturas do ver e do olhar, atmosferas capazes de configurar e propagar subjetividades e formas sociais sujeitas às dinâmicas impostas pela síntese entre estas e os conteúdos implícitos. Diríamos em primeiro lugar que nos *mass-média* as ecranovisões são maioritariamente verticais, de um para muitos, ou seja do emissor para os recetores – o que por natureza tendem a ser mais fortes em apenas uma das ordens (ou da ordem do quente ou da ordem do frio, por exemplo); já nos *self-média*, estas são tendencialmente horizontais, de um para um, de todos para todos ou de emissor-recetor para emissor-recetor. Isso significa que nelas tudo pode convergir - quente e frio, masculino e feminino, Logos e Eros, alto e baixo, ativo e passivo, corporal ou espiritual, objetivo e subjetivo.

Esta maior presença dos contrários, esta maior hibridez e fusão que está presente nos *self-média*, é bem patente nas cores dos grandes portais eletrónicos como o Google, o Ebay ou a Microsoft. As várias cores das suas marcas mostram, para estes, a importância da mistura de todos esses atributos, mostrando como a sua essência técnica está de acordo com o sentido estético: a simetria que inicialmente todo o sentido estético pretende objetiva-se no símbolo destas 3 marcas – a razão destas três marcas é precisamente serem portais para o mundo da Internet. Do Google podemos sair para todo o tipo de ambientes (quentes e frios, masculinos e femininos, etc.); no Ebay encontramos todos os registos (passivos e ativos, espirituais e corporais, etc.); com a Microsoft ligamos e desligamos, associamos e dissociamos, aquecemos ou arrefecemos os sentidos.

Figura 2. Cores de 3 marcas poderosas da Web



Fonte: <http://www.google.pt/images>

É também importante salientar que, embora todas as cores coexistam em simultâneo nos ecrãs, há hoje uma cor mais presente do que todas as outras. As conclusões de Barbosa (2009: 90-91) e as conclusões de Heller (2006: 5) coincidem: o azul é a cor cada vez mais presente nos vários tipos de ecrãs (cinema, televisão, Internet e publicidade). Ora, estas

conclusões remetem-nos então para a ideia de que há uma maior força dos traços característicos do azul, uma vez que a quantidade da sua presença gera individualização dessa «sombra azul»: frio, feminino (Eros), baixo, espiritual, subjetivo.

A este respeito, importa então lembrar os últimos êxitos do cinema, apenas para exemplificar a força do azul nas ecranovisões. Filmes da última geração, produzidos com as técnicas mais recentes, como *Avatar*, *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *Tron*, *O Último Airbender* ou *O Homem-Aranha*, entre outros, estão cobertos pela forte presença da atmosfera da cor azul. Em todos estes, e em muitos outros aqui não referidos, o azul domina o cenário e é quase sempre colocado do lado positivo ou associado ao herói (de gênese grotesca). Juntamente com o elemento natural 'água', o azul combate o fogo, a luz ardente, e mais do que o típico confronto entre o céu e o inferno, vemos constantemente a força do Eros a tentar impor-se sobre o Logos.

Figura 2. Imagens de 6 sucessos recentes do cinema



Fonte: Google imagens/filmes

Esta análise às cores das ecranovisões sugere bastante sobre o nosso tempo, muito sobre a cibercultura e completa informação sobre as gerações que mais sujeitas estão aos seus efeitos. A questão que se coloca é: como é que os indivíduos mais sujeitos a estas influências capturam todas estas lógicas que, embora sinestésicas e não racionais, os levam a agir e a criar uma cultura que agregue todos estes elementos?

Quando nos referimos ao exemplo das cores estamos, obviamente, a falar de percepções. Qualquer percepção revela muito mais do que aquilo que é visível. Tal como demonstrou José Gil (1996: 224), a percepção não se situa apenas nos «limites do visível» das coisas percebidas. O mesmo acontece em todas as ecranovisões: os ecrãs, enquanto corpos próprios percebidos, ecoam e ressoam em todo o espaço circundante toda uma filigrana de coisas e de texturas, forçando as suas imagens, figuras e cores a entrarem nas complexas capturas do sentir, do pensar e do agir. Há toda uma «sombra branca»⁴¹ (Ibid.: 224) que se estende nas paisagens e nas atmosferas ecrânicas, sombra essa somente capturada pelo

⁴¹ Para Gil (ibid.: 225), “ Esta sombra não tem contornos nem lugar precisos. Não é ela própria uma coisa uma mancha ou um vazio numa superfície, mas «cobre» ou «habita» indefinidamente o visível inteiro”.

olhar nu e capaz de mostrar «de que são feitos os sonhos». O olhar nu constrói o «espaço interno do corpo», espaço que não é capaz de ser pensado nem pensável, não ser percebido nem perceptível, não ser tematizado nem tematizável. Todavia, o espaço interno do corpo provocado pelo olhar nas ecranovisões faz mover a imaginação: “Quando percebemos uma coisa e a sua percepção «remete para», esse movimento parte de um núcleo obscuro mas branco, de um interior impenetrado mas para sempre invisível da própria coisa. Assim, em toda a parte do campo perceptivo (espaço de reenvio), a sombra branca habita o visível” (Ibid.: 224-225).

É portanto esta «sombra branca», o tal visível do invisível das coisas, que torna possível a abertura da visão no seu sentido mais complexo e abrangente – ver o visível e olhar o invisível. Esta abertura acontece porque a sombra branca das coisas percebidas, como por exemplo uma cor e a sua significação sinestésica, torna possível a individuação e a separação entre sujeitos e objetos percebidos. É assim que numa ecranovisão as coisas acontecem: antes da sua visualização existe um escuro; no entanto, depois do olhar e do ver intervirem na paisagem ecrânica, portanto vendo o visível e olhando o invisível do percebido, tudo o que é *ecranovisto* passa a existir duplamente no contemplador – onde estão e como são pelo ver, e no interior do corpo pelo olhar. Entre o sujeito que vê e olha e o ecrã que ecoa “há qualquer coisa ao mesmo tempo de vazio (perceptivo) e de cheio (matéria-imagem) que os religa” (Ibid.: 225). Com a interpretação dos sentidos e das correspondências das cores tudo isto acontece. A sua captura constrói um vazio e um cheio ao mesmo tempo, vazio que parece nada significar, e um cheio que encontra na sombra branca de cada cor sensações e emoções associadas que irrompem e se atualizam depois da sua aparição na contingência.

O olhar sobre as cores da Internet permite assim a individuação e a separação do percebido, individuação e separação como forças que bebem da «sombra branca» outras forças - quantidades intensivas (Deleuze, 2000:396). Eis-nos pois aqui com as bases das ecranovisões: ecoam e ressonam no espaço circundante; constroem através do olhar uma sombra branca e através do ver descodificam o possível (dentro de uma certa lógica de pensamento instaurada); a sombra branca capturada pelas ecranovisões contribui para o espaço interno do corpo, lugar não racionalizado nem racionalizável que faz mover a imaginação sobre o percebido; portanto, ecranovisões como forças do olhar que produzem individuação e separação através das sombras brancas. Resumindo esta ideia, as ecranovisões são dotadas de visível pelo ver e de invisível pelo olhar, assombrando simultaneamente o pensar, o sentir e o agir humano: ecranovisões como constituições vazias e cheias em simultâneo, espaços internos e externos do corpo, e mesmo que aparentemente

ausentes, preenchem sempre a filigrana do pensamento. É desta forma que as ecranovisões permitem a captura da tendência e do espírito do tempo. Quente e frio, alto e baixo, masculino e feminino, corporal e espiritual, efêmero ou infinito, todas estas tendências se revelam ao espírito dos *ecranospectadores/utilizadores* através do olhar e do ver das ecranovisões. A individuação destas lógicas pelo olhar, bem como a sua objetivação e a posterior socialização, ergue toda uma cultura que, embora com base semelhante, se afasta da dos mass-media, e de forma geral da cultura da modernidade passada. Sobretudo as gerações mais jovens, da qual a «geração Millenials» (Strauss e Howe, 2007) é para já a mais expressiva, revela quer objetivações práticas como dinâmicas culturais mais de ordens subjetiva, plural e híbrida do que as gerações anteriores.

As dobras culturais provocadas pelas ecranovisões, onde este caso das cores apenas exprime alguns traços, são corroboradas pelas conclusões de vários pensadores, dos quais se destacam, entre outros, Sloterdijk, Perniola, Agamben, Bauman (Martins, 2011). Na cultura atual, proveniente sobretudo da força da cultura-ecrã, há constrangimentos vários que a caracterizam e a colocam em mutação: a «ordem sensológica» emancipou-se à «ordem ideológica»; os fins objetivos deram lugar à ausência de fins, pois tudo se mobiliza de forma infinita; o individualismo e o hedonismo estão na base das ações dos indivíduos, gerando maiores índices de anomia e de isolamento social. Porém, há também gratificações que no passado seriam impensáveis e impossíveis: aumento exponencial dos níveis de partilha de informação; cooperação em rede; pluralidade, multiplicidade e capacidade intuitiva ampliada.

As associações feitas pelos entrevistados na relação entre cores e ecrãs revela de certo modo as diferentes influências dos diferentes ecrãs. Poderíamos dizer que existem ecranovisões mais de génese azul e cinza no ecrã-horizontal (computador, internet, redes sociais, Smartphone, Ipad, etc.); ecranovisões mais de génese vermelha e preta na TV; e ecranovisões mais de génese amarela, preta, branca e verde no cinema (ver tabela seguinte).

Tabela 41 – Atribuição de cores, pelos entrevistados, aos diferentes tipos de ecrãs

Entrevistado	TV	Computador	Redes Sociais	Internet	Cinema
1	Vermelho	Azul/branco	Azul/branco	Azul/branco	indefinido
2	vermelho/preto	Azul/branco	Azul/branco	Azul/branco	amarelo
3	Branco	Azul	Azul	Azul	preto
4	Vermelho	Azul	Azul	Azul	branco
5	Vermelho/cinza	Azul/branco	Azul/branco	Azul/branco	Azul
6	Vermelho	Azul	Azul	Azul	Branco
7	Azul	Azul	Azul	Azul	preto
8	preto/Red	Azul	Azul	azul	preto
9	CINZA	Roxo	Roxo	Roxo	Verde
10	CINZA	CINZA	CINZA	CINZA	amarelo
11	Branco	Azul	Verde	cinza	Dourado
12	Azul	Preto	Vermelho	Branco	Branco
13	Laranja	Cinza	Azul	cinza	Branco
14	Verde	Indefinido	indefinido		azul
15	Vermelho	Azul	Azul	Azul	Verde
16	Cinza	Vermelho	Azul claro	rosa	amarelo
17	Branco	Indefinido	Indefinido	indefinido	preto
18	Preto	Azul	Azul	azul	preto/branco
19	cor de rosa	Azul	Azul	azul	verde
20	Preto	Azul	Azul	vermelho	cor de rosa

Assim sendo, e contrapondo as cores psicologicamente contrárias, teríamos então a ecranovisão azul, portanto as lógicas do ecrã-Internet e do ecrã-computador, a influenciar a cibercultura em alguns traços: fria, feminina, baixa, espiritual e subjetiva; e do outro lado a ecranovisão vermelha, a do ecrã-tv, a revelar outros traços: cultura mais de génese quente, masculina, alta, corporal e objetiva. Vemos então, nesta análise às cores, sintonia sinestésica com as ideias anteriormente apresentadas. A força das imagens e das suas cores na Internet, ou também no Cinema, e a individuação do seu significado através das ecranovisões, é um bom exemplo de substituição da ordem ideológica (palavra) pela ordem sensológica (ícone ou símbolo colorido). O mesmo podemos dizer sobre esse aumento do sentido intuitivo: as cores e as preferências que estas suscitam também fazem parte de todo um treino intuitivo de escolhas, gostos, motivações e fundos. A cor esconde toda uma sombra que é decodificada intuitivamente por quem lhe está sujeita, configurando assim uma subjetividade ou uma forma. Um outro exemplo está no azul das redes sociais – o sítio onde porventura mais se exprime o subjetivo (nessas, nada escapa ao escrutínio do subjetivo). A individuação do seu significado, azul como feminino e portanto mais propenso à ligação psíquica (Simmel, 2004: 199-204), fez crescer uma força ou uma pulsão para a partilha e para a cooperação que, inconscientemente, cresce nas gerações mais ecranologadas. Em

suma, as cores da e na Internet ecoam e ressoam através das ecranovisões, influenciando e refletindo alguns traços da sua cultura. O azul é uma das suas maiores forças motrizes.

2.2. Consequências das Ecranovisões na Memória

Do armazenamento da informação na memória mental ao armazenamento da informação na memória ecrânica

Importa começar por lembrar, para iniciar a análise à relação entre memória mental e memória nas correntes ecrânicas, que toda e qualquer tecnologia que afete a linguagem afeta também o comportamento, o pensamento e a ação. E dizemos isto quando pensamos na comparação entre diferentes tipos de linguagem. Por exemplo, os sistemas de linguagem escritos, sobretudo no Ocidente, são representados horizontalmente, da esquerda para a direita. Já a linguagem por imagem, ou por ideogramas, é representada verticalmente – habitualmente, da direita para a esquerda. Ora, formas diferentes de organizar a linguagem apelam também a formas diferentes de usar a mente e a visão. Na linguagem escrita, organizada da esquerda para a direita, usamos os olhos também nesse sentido (esquerda-direita). Da esquerda para a direita, na horizontal, a nossa mente ganha preponderância sobre a visão, lê de forma racional, sequencialmente, pedaço a pedaço, para estruturar e atribuir sentidos. Normalmente um sentido literário, racional. Pelo contrário, da direita para a esquerda, na vertical, primeiro intervém a visão, tentando apreender visualmente o objeto, e só depois é que é auxiliada pelo raciocínio. O sentido aqui atribuído é mais do lado das sensações e das intuições. Portanto, formas de linguagem diferentes alteram consideravelmente a nossa forma de ver, pensar e sentir o mundo. Ver da esquerda para a direita, como por exemplo nas palavras, obriga a descodificar a ordem das coisas (das letras) e depois ligá-las sequencialmente através do hemisfério esquerdo; ver da direita para a esquerda significa então ter o olhar primeiro a apreender e só depois a descodificar racionalmente a mensagem, através de associação - como nos orientais, por exemplo (Kerckhove, 1997: 59-63).

Com a crescente hegemonia deste novo tipo de linguagem imposta pelos ecrãs, estamos então perante uma força que nos leva não tanto a ver, de forma racional e sequencial, mas a repartir a perceção mais com o olhar, tendencialmente não consciente. Nesta existência pós-moderna entre ecrãs, este novo posicionamento das perceções sobre o mundo regula e condiciona os comportamentos diários. Está em evidência um eco social, que desde o Cinema, mas sobretudo com a massificação da Televisão, criou ressonância

interna: não acabou a antiga literacia, mas sem dúvida que se lhe somou uma força que está a gerar uma nova forma de poder – o poder ecrânico.

Mas uma coisa é o ecrã-tv. Outra é a corrente de ecrãs ligados por telemática. Sabemos, através de Kerckhove, que a Televisão tem um impacto maior no corpo do que na mente. Porque provoca sucessões rápidas de imagens, não concede grande tempo a uma resposta racional, nem a grandes classificações mentais. Concede portanto ao corpo, ao sistema fisiológico, um maior protagonismo, já que a velocidade de sucessão de imagens leva a mente e a memória a baixarem a intensidade, reduzindo a capacidade compreensiva e dando maior ênfase às sensações corpóreas (Ibid.: 38-41). Por isso, todos os entrevistados, mas em especial aqueles que se encontravam em *sociação monoecrânica*, quase unicamente telespectadores de TV, revelaram uma falta de memória considerável sobre vários aspetos da sua experiência ecrânica.

Numa espécie de protesto, face a estes e outros efeitos provocados pela Televisão, os ecrãs que permitem a ligação telemática (“tele” e informática) oferecem os seus utilizadores um maior equilíbrio nestes efeitos. Neles é possível, de forma mais eficaz, ver e olhar com mais autonomia, racionalizar e apreender sensações, escolher e fluir por entre elas. É verdade que também nesses existe zapping de imagens e de coisas, que também pretende evitar o *zap* das pessoas e da concentração. Porém, o monoecrânico-tv revela ser mais influenciado verticalmente, pelo zapping imposto de cima, ao passo que o hiperecrânico, numa lógica mais ativa e horizontal, toma mais as rédeas do próprio *zap* e dos conteúdos. O primeiro é mais passivo; o segundo é mais hiperativo. O primeiro tende somente a ver; o segundo procura conciliar de forma mais autónoma o ver e o olhar. Como os olhos estão cada vez mais repletos de códigos e de regras sociais, ganharam força todo o tipo de objetos de visionamento mais de génese livre (pintura, fotografia, escultura, etc.), indivíduos de visionamento livre (atores, desportistas, bailarinos, compositores) e espaços de visionamento livre (teatros, feiras, carnavais, etc.) onde se pode ser voyeur (ibid.: 45). No entanto, e essa é uma das grandes explicações da força dos ecrãs em rede apoiados pela Internet, existe maior possibilidade de liberdade em frente a um ecrã que nos coloca de forma mais ativa, horizontal, onde podemos escolher o que vemos e o que queremos rever e guardar, do que em frente à TV não temática, generalista, vertical, sem grande possibilidade de escolha, que impõe conteúdos com os quais nem sempre é possível gerar sintonia ou identificação. E sobretudo sem as barreiras do face a face, que o ecrã individual sempre possibilita, evitam-se essas tais regras, esses tais códigos e certas censuras que prendem.

Ora, esta relação entre formatos de linguagem ecrânica já leva quatro grandes transformações: ecrã cinema; ecrã-tv, ecrã computador pessoal e *multiecrãs* em rede telemática. Sempre implicados, mente e corpo permanentemente a sentir influências. A questão é que com a Internet algo mudou consideravelmente: com o ecrã cinema e com o ecrã TV, os seus conteúdos vinham em nossa direção, de cima para baixo; pelo contrário, com a Internet, somos nós que a procuramos, como se de um igual se tratasse. Neste caso um igual imenso. Como sugere Kerckhove (Ibid.: 91), a Internet é um cérebro coletivo, vivo, e não uma autoestrada informacional inerte. É um cérebro que não cessa de trabalhar.

Considerando então a Internet como um cérebro colossal e coletivo, e se connosco tem uma relação próxima, horizontal, uma espécie de confidente e ao mesmo tempo professor e aluno, uma espécie de *Alter Ego* da humanidade, ela comporta traços de funcionamento próximos daqueles que são reconhecidos no processo de gestão da nossa mente: tal como na mente não é possível memorizar toda a informação, algo que nos obriga a construir mecanismos e instrumentos auxiliares de memória, na Internet também foram criados locais de armazenamento: Dropbox, caixas de email, contas de armazenamento de dados, discos externos, etc. Ou seja, para sistemas independentes, ou para determinados compartimentos algures na imensidão do ciberespaço, transferimos a informação que a nossa memória não suporta, que a nossa consciência, dado o volume gigantesco, nunca conseguiria filtrar e/ou suportar. Com esta panóplia de sistemas auxiliares de memória, encabeçados pela cada vez maior preponderância dos sítios de memória na web, a ressonância criada é a de que com ela na corrente de ecrãs, como confidente, companheira e até professora, ficaremos mais fortes num mundo doravante hiperconectado. Neste sentido, poderemos reforçar a ideia de que a «neutralidade axiológica da técnica», de que fala Hermínio Martins (2003), não está isenta de qualquer coisa fictícia, pois nela também é possível constatar uma espécie de projeto que visa superar os limites do humano com o objetivo de realizar uma «tarefa comum», quer dizer, a maximização do conhecimento tecnocientífico como um fim quase último e exclusivo. A diferença é que no século XX o foco desviou-se da viagem espacial pelo cosmos para um universo marcado pela viagem ao microcosmos, à mente do indivíduo, tendo como pedra angular as tecnologias de informação e comunicação (Martins, 2003: 34-36).

Aliás, com a Internet conseguimos replicar e efetuar uma transdução de uma parte fundamental da estrutura do cérebro humano – a própria memória. A diferença é que essa é descorporalizada e desterritorializada, mas já quase tão imediata como um simples toque num qualquer tipo de ecrã. E com inúmeras vantagens: é poderosa em conhecimento e, no

seu movimento coletivo, tenta facilitar ao máximo a aprendizagem e a interação com novos conteúdos de (in)formação. Tudo graças a esse objeto que se liga à visão: o ecrã. Neste sentido, o ecrã aparece como um prolongamento da retina. Os ecrãs não são somente lugares por onde passeiam as narrativas do humano. São também extensões dos olhos que se ligam à retina e à mente. O ecrã como memória é uma espécie de extensão da mente, mas projetada para o exterior dos olhos e a eles ligados, onde é possível quase tocar no que sabemos ou no que nos apela ou nos pode vir a apelar. Por outras palavras, com a corrente de ecrãs ligada à Internet, é como se com as mãos tocássemos na mente, e com essas passasse a ser possível atribuir uma cor, uma imagem e uma forma aos pensamentos. A Internet na sua imensidão ciberespacial permite-nos precisamente isso: tocar nos pensamentos com as mãos.

Neste sentido, os ecrãs em rede tocaram também eles na própria organização da mente e da memória humana. Quem o diz é precisamente um jovem entrevistado (entrevistado 7): *“as pessoas agora, se querem saber alguma coisa vão à internet, não vão armazenar nada para elas.”*. Esta afirmação é já o resultado de um sociopensamento ou de uma socioideia: este eco social, gerado pela ressonância interna de ver e olhar o mundo através do ecrã, mostra um possível caminho, já em vias de ser atualizado, na maneira de gerir a mente e a memória nesta imensidão de redes de conhecimento. Vai-se à rede, à corrente de ecrãs, pergunta-se a um sem fim de sistemas de busca de informação, e não se armazena muito na memória. Assim ela fica livre para se concentrar noutros *nós* da aprendizagem, da motivação ou do gozo. Este uso liberta a memória e dá maior ênfase à capacidade mental de organização de informação, e à capacidade intuitiva, esta última que passa assim a deter um papel fundamental na construção de novos virtuais, de sínteses e de respostas para a ação humana. Nesta perspetiva, o ecrã passa a ser lugar para a ascendência e para a transcendência mental.

Dentro desta perspetiva, referenciada pelo jovem entrevistado, a ideia é a da existência de uma certa liberdade para se saber mais, e não tanto para saber algo num longo período de tempo. Aqui teremos uma bifurcação no uso da memória: talvez a memória secundária, mais temporária, ganhe nesta lógica um destaque ainda maior. Assim, os mais jovens começam a acreditar que a informação não tem que ficar refém das capacidades e seletividades, sobretudo da memória primária – o que, porventura, aumentará a tendência de rizoma entre ambas as memórias. Nem porventura presos à dicotomia ignorância/sabedoria. Dá, antes, espaço para muitas ignorâncias, para que, quando a necessidade for contingente, essa ignorância dê lugar a conhecimento armazenado no

auxiliar de memória (tecnologia). Assim, acreditam, o conhecimento não fica refém da memória interna, e por isso não haverá a tendência para tornar rígido e petrificado o conhecimento.

Nesta nova perspectiva, cria-se doravante espaço para um conhecimento sempre à procura de uma nova atualização, mais contingencial. Usar desta forma a mente e a memória permite então responder a uma das premissas do conectivismo: ao invés de se andar a aprender quantidades e qualidades imensas de conhecimentos, aprende-se antes a usar o conhecimento distribuído, aquele que circula em todo o tipo de redes de informação. Se aprender é o resultado de uma comunicação desenvolvida entre quem aprende e os membros da comunidade, significa que, na era dos ecrãs em rede, a aprendizagem consiste não apenas na memorização de conceitos, ideias, símbolos, valores ou palavras, mas também nas imagens, vídeos, multimédia e tudo o que lá pode ser apreendido. Portanto, o ver e o olhar a *ecranovisionar*. O conhecimento fica porventura menos refém das instituições formais de conhecimento, e da memória que é sempre limitada, e passa a estar mais em circulação.

Esta nova forma de usar a mente, quer a memória como os processos de aprendizagem, vem, por um lado, como sugeriu Kerckhove (1997: 100), atribuir um valor maior à ignorância e, por outro, apelar um pouco menos à inteligência cognitivista (velocidade de sinapses, capacidade de memorização, ligação sequencial e estruturada) e atribuir maior ênfase à *inteligência social*⁴² e à *inteligência emocional*⁴³ (embora a *ansiedade pelo imediatismo*, tal como referimos anteriormente, seja um ponto a desfavor na consolidação do domínio da ansiedade e do impulso). Perante a transferência da memória e de certas competências psicológicas para as redes de informação e de ecrãs, não é o ter a resposta na ponta de língua que mais passa a interessar, mas antes a pergunta mais indicada para o momento, para a partir dela se estabelecerem intuições e conexões fecundas. A expressão “*se querem saber alguma coisa vão à internet, não vão armazenar nada para elas...*”, como sugere o entrevistado 7, é precisamente o resultado de uma alteração fundamental na perceção da estrutura do conhecimento e da mente provocada pelas formas de *sociação hiperecrânica*. E neste sentido, não saber, ou ignorar até ao momento, pode ganhar uma importância decisiva no resultado contingente de uma

⁴² Aquela capacidade que nos permite sincronizar nas interações sociais as capacidades empáticas (primária e secundária), as competências interpessoais (como saber ouvir, respeitar os ritmos dos outros, reagir de acordo com uma resolução que seja positiva para os que se encontram em interação, etc.) e a cognição social (coordenarmo-nos, cooperarmos e competirmos com os outros) (Goleman, 2006: 477-478).

⁴³ Aquela capacidade da pessoa em se motivar a si próprio, capacidade de persistir, de controlar impulsos, de adiar as recompensas, de regular o estado de espírito, de impedir que o desânimo vença sobre o pensamento, de sentir e criar empatia e de ter esperança e confiança em si e nos outros) (Goleman, 1996: 289-290).

aprendizagem: primeiro, porque se interioriza com mais força o arquétipo do viajante pelo conhecimento (a viagem, esse processo de descoberta, como a experiência mais gratificante; depois, porque se anula o efeito elitista que se cristalizou na designada forma social do especialista), este passa a ter um papel menos decisivo no processamento do conhecimento; e por último, porque a ignorância pressiona a atenção a reposicionar-se para aprender qualquer coisa, de um ângulo que pode ser complementar e por vezes privilegiado face ao especialista: o próprio ângulo do estrangeiro ou até mesmo do ignorante. Ou seja, ao invés de hierarquia, elitismo, verticalidade e competitividade baseada na anulação do conhecimento do outro pelo nosso, poderemos estar em vias de entrar com mais força no universo da interatividade, conectividade, colaboração, cooperação, visão estrangeira aos assuntos, partilha e complementaridade.

Deste modo, um conjunto de experiências mais específicas passam a ganhar centralidade entre o ver e o olhar nos ecrãs em rede: as capacidades de avaliação, filtragem, orientação e ligação de memórias e de conhecimentos ganham um maior destaque face à retenção e memorização a longo prazo de informação. Isto obriga, e consequentemente resulta, numa maior dependência da técnica para julgar, passando essa a auxiliar a intuição. Torna-se assim fundamental uma cada vez maior colaboração sinérgica entre corpo, mente e técnica.

E se este poder ecrânico obriga então a uma maior colaboração sinérgica entre corpo, mente e técnica, também terá que o fazer entre dentro e fora, entre razão e intuição, entre individual e social, entre orgânico e inorgânico. Ao exteriorizarmos os nossos sistemas nervosos e a nossa memória, ao darmos corpo à nossa comunidade (como fazemos por exemplo ao interagir numa rede social digital), ao colocarmos dentro e fora implicados numa teledistância, somos forçados a aumentar as capacidades de avaliação, de filtragem, de orientação e de ligação de memórias e de conhecimentos para vivermos nesta sociedade, que desse modo apela constantemente ao telerizoma. Os ecrãs ligados à Internet são, portanto, tecnologias psicossociais que obrigam, simultaneamente, a ler na horizontal e na vertical, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, palavras e imagens. Enfim, obriga-se o ver e o olhar a agir em simultâneo.

A questão da interação da memória com o ecrã coloca-nos numa posição dúctil. É como se nos colocássemos numa posição exterior face à nossa memória coletiva, e até individual. Porque para a memória do ecrã transferimos a nossa memória. Usámos os ecrãs como extensões da nossa memória, e isso permite o alívio face ao transtorno da falta de memória. Já não nos predispomos tanto a memorizar, mas antes a conectar informação.

Como sugere o entrevistado 13, se no passado a memória precisava dos olhos, dos corpos e do cérebro, com as memórias físicas e sobretudo com as do ciberespaço (o caso do sistema Dropbox é disso um bom exemplo), passa a existir menos necessidade de objetos, há mais coisas imateriais (como por exemplo o facto do teclado dar lugar ao ecrã táctil, ao teclado no interior do ecrã). O ecrã substitui assim muitas vezes os olhos e a memória. Já não é preciso a exposição física das coisas. Como sugere este entrevistado, “Em primeiro lugar é menos um objeto”, pois esses ficam dentro do ecrã. E o mesmo podemos dizer com a memória: fica também dentro do ecrã. Assim pode conseguir-se, nas coisas e na memória, “a redução do tamanho ocupado e o aumento da rapidez”. Quer este dizer, o tamanho de informação na memória pode ser transferido para ícones visuais para que a velocidade de conexão mental e intermental aumente. E se as coisas estão nos ecrãs, então há formas diferentes de as transferir para a memória, e de as reativar nessa mesma. Como sugere o entrevistado 18:

Tenho que estudar e ver. Agora se vejo um documentário sobre há 3000 anos, vejo a figura mas nomes e assim não vou lá. Não consigo. Não me consigo lembrar. Tenho que estudar e ver (analiticamente); se calhar por ser mais pequeno, por o ecrã ser mais pequeno estou mais atento (no PC). A televisão pode-me distrair mais rapidamente, digo eu.

Ora, isto leva-nos a concluir que são então três os grandes efeitos da sociação hiperecrânica na memória: transferência e transdução (passagem da dimensão imaterial da memória para outra forma, material ou imaterial, de expressão humana) para as redes; necessidade extrema de estímulos visuais, como grandes catalisadores para gerar intuições e conexões para processar ligação informacional; e uma quantidade intensiva de estímulos provocados por imagens ecrânicas (que posteriormente se transformarão em ecranovisões) como grandes marcadores de memória pessoal e de ativação de sinapses mentais. Associação constante de imagens ecrânicas a acontecimentos, pensamentos e até a ações pessoais. Se na cultura letrada a sequência de uma criança se baseava no pensar-falar/escrever-associar, numa cultura de ecrã e mais visual aparece uma outra ordem: associar-pensar-falar/escrever. Associar mais por olhadela, e só depois intervir com o pensamento (Kerckhove, 1997: 47). Daí também o fenómeno do aumento dos níveis de intuição. Como o racional tende a ser mais vezes substituído por aquilo que o sistema sensoriomotor pressente, então a ação torna-se mais pressentida, mais baseada naquilo que o corpo pressente, do que na lógica da mente. Assiste-se assim a um equilíbrio maior entre ver (racional) e olhar (maciço e inconsciente).

Isto comporta em si duas possibilidades. A primeira é a do aumento da capacidade de conectar ícones e fazer ligações. Mas a segunda, a nosso ver mais problemática, é a de permitir a teorização sem teoria. Quer dizer, ao contrário da memorização como base,

tenderá a acontecer a acumulação de dados em sistemas periféricos à consciência. Com a sofisticação dos dados, poderá acelerar aquilo a que Hermínio Martins chama de uma hegemonia dos dados, uma “(data-driven), dispensando as teorias (theory-free) e recorrendo simplesmente a modelos de tipo econométrico, ou a simulações de computador” (Martins, 2011: 480). Isto poderá significar que,

com as tecnologias eletrônicas digitais e uma capacidade nunca antes sonhada de acumulação de dados, até em tempo real, (...) Tal pode também corresponder à crescente exigência de dados quantitativos para tudo e mais alguma coisa, e a ascensão do padrão “aritmomórfico” do conhecimento. (Ibidem)

Exemplo 4. A Importância do reconhecimento da ignorância

Se houve algo novo e verdadeiramente inovador com a ascensão do *homo-ecranis*, e através da sua cultura que circula nas lógicas reticular, mediada e conectada, foi o reconhecimento generalizado, ainda que subliminar, da ignorância humana num sem número de assuntos. A Internet, rede que agrega múltiplas redes e que permite o cruzamento de múltiplas informações, e todos os restantes aparatos tecnológicos que permitem reticular, mediar e conectar, colocou em sentido a confiança sobre vários conhecimentos tidos até então como inquestionáveis (Toffler, 1998; Innerarity, 2011). Se para os agentes tradicionais, e até então legítimos, de transmissão e certificação de conhecimento, a Internet colocou um desafio colossal, para o desenvolvimento puro do conhecimento dificilmente algo poderia ser melhor. É que no passado a escola, juntamente com a família, o trabalho e os *mass-media*, eram os quatro grandes centros de socialização e de transmissão de conhecimentos. Mas hoje, a Internet ganhou nesse terreno uma centralidade devastadora.

E de todos esses agentes socializadores referidos, a escola talvez seja aquele que mais terá que se adaptar a essa nova realidade. É que nem o universo da família, nem o universo do trabalho como tampouco o universo dos *mass-media*, tem por base, como acontece na escola, o projeto moderno de racionalização e de controlo social. Nela, estão inscritos um conjunto de pressupostos teórico-práticos que nem sempre estão de acordo com os conhecimentos, com as ideias, com os pensamentos, com as soluções e com as competências que se capturam, quer na *praxis* quotidiana, quer no universo Internet. Não raras as vezes, a Internet permite mesmo mostrar que os próprios representantes e arautos da escola transmitem conhecimentos e soluções que não se adaptam à realidade e aos problemas atuais. Através da Internet vislumbra-se, sobretudo entre tribos que se afastam cada vez mais do poder político-económico, que soluções para o combate de crises financeiras, para o combate de crises ambientais, para a gestão conflitos humanos, para a criação de emprego, para a resolução de crises sociais, etc., ainda estão por inventar, ou existem mas sucumbem face ao poder dos interesses organizados. Algo que coloca a descoberto uma realidade a todos os níveis desprestigiante e dura, sobretudo para quem tem o poder de legitimar e certificar o conhecimento: há um excesso de soluções e conhecimentos velhos para imensos problemas novos.

Ora, deixar destapar a ignorância é realmente desprestigiante para instituições como a escola. Mas é-o sobretudo porque mostrar essa ignorância representa uma das maiores frustrações da base do projeto moderno. Esse colocou a escola, sobretudo a que forma para a fábrica, como um dos grandes pilares essenciais para o desenvolvimento social e económico. Nunca ou raramente a maioria dos pensadores do projeto moderno colocaram a hipótese de que a sua legitimidade seria, no futuro, posta em causa por um outro sistema – sobretudo um sistema organizacional informal como é hoje a Internet. Assim, entregaram à escola todo o poder e responsabilidade de legitimar e certificar socialmente conhecimentos, regras, normas, fórmulas, esquecendo que a própria reificação do

conhecimento, que ocorre pela tragédia e pela burocratização dos sistemas de legitimação e certificação, poderia abrir portas para a humanidade, insatisfeita com essas reificações e dogmas, começar a procurar outras e novas formas de aceder a outras soluções e conhecimentos, igualmente válidos. A partilha que invariavelmente e em massa ocorre na internet tem, ainda que subliminarmente, esse propósito: abrir as caixas negras do pensamento através do constante cruzamento e conexão entre informações – por exemplo, o fundador do Facebook tinha, claro que inicialmente com uma pretensão e dimensão mais reduzida do que a que alcançou, um objetivo semelhante quando criou aquela rede de partilha.

De certa forma, a escola está, devido à sua base moderna, industrial, objetivista e racionalizadora, em contraciclo com o espírito do tempo atual: um espírito que duvida constantemente, que se tenta acercar das fontes, que cruza todo o tipo de informações, que não dá nada como eterno pois tem o efêmero à flor da pele, que pretende até, exageradamente, obter resultados de forma imediata. Na escola, desde a infância até à universidade, quase só existe uma forma ou um método de resolver os problemas que são colocados, raramente se duvida ou questiona o que é dado, raramente se cruzam fontes de informação contraditórias, os conhecimentos tendem a ser transmitidos como eternos num processo que se pretende pausado, sequencial e lento. Dentro daqueles ritmos, ou se passa no exame que mede apenas competências cognitivas e de memorização, deixando de lado todo o potencial existente nas inteligências emocionais ou sociais, ou então reprova-se. Não há grande escolha, nem nos métodos nem nos conteúdos a abordar sobre determinado objeto. E a questão é que os jovens apercebem-se facilmente que, muitas vezes, esses métodos e esses conteúdos pouco servem, ou não servem de todo para resolver os novos problemas.

Ora, isto é realmente um desafio para a escola e para as várias camadas de caixas negras sobre as quais ela funda a sua unidade. Na sua unidade orgânica, ela não admite verdadeiramente a ignorância. Quer dizer, não admite ignorância em relação àquilo que sabe. Isola o conhecimento sobre algo numa caixa, e muito raramente o problematiza. É nesse sentido que podemos dizer que se gera o não-pensamento. Porque não se incentiva o pensar, mas sim a memorizar e a adquirir sem grande atitude crítica o transmitido. E o mais crítico é que isto vem de uma postura institucional que leva os aprendizes a capturar que o que a própria escola sabe é ainda muito insuficiente sobre os vários problemas do mundo. Portanto, para os mais jovens, que hoje se encontram imersos no rio infinito da informação reticular (sobretudo da *ecranoinformação*), a escola não responde satisfatória e totalmente, pois muito há que lhe escapa. Mais: mostra mesmo pouca humildade face ao enorme punhado de ignorâncias que detém. Lida mal com elas, revelando paradoxalmente, no entanto, que está repleta delas, coisas que tende a remeter para a não importância, para a sua desqualificação pejorativa ou para a desqualificação enquanto conhecimento. Ou seja, lida mesmo muito mal com a ignorância, gerindo-a como se fosse um animal mal amado, abandonado à sua sorte. Por este ângulo, dizemos que as sociedades baseadas nestes princípios escolares não geram um princípio de conhecimento puro. Pelo contrário, estas tendem a impor conhecimento, gerindo a ignorância que o afronta, ignorando-a.

Já a sua atual grande concorrente, a Internet, permite e suscita uma atitude mais aberta e crítica face à ignorância. Tolera-a mesmo. Mais: tolera-a e convida-a, para expandir a própria rede de que é feita. A Wikipedia, por exemplo, é dotada de um sistema aberto e cooperativo, colocando sempre uma notificação nas suas informações referindo que os artigos lá dispostos podem e devem ser melhorados. Dá assim um sinal claro: há muita ignorância e desconhecimento no que está escrito, e que isso não é necessariamente mau. Deixa portanto a porta aberta a outros conhecimentos que podem, e devem, melhorar e complementar a informação existente. Não quer dizer que a escola não faça isto, a questão é que a sua estrutura está à partida definida de forma rígida e não permite, por essência, que o aluno acrescente conhecimento formal aos conteúdos existentes. A rigidez do sistema de certificação e legitimação de conhecimentos impede-o à partida. E

quantas vezes os alunos não se sentem frustrados por saberem que outras soluções até poderiam ser mais válidas do que aquelas que a escola lhes ensina e obriga a mencionar. Neste aspeto, para os mais *Web-ligados* a escola é muito menos democrática do que a Internet. Na subjetividade gerada no indivíduo mediado, reticular e conectado à Internet, quando comparado com a forma social e tradicional do aluno da escola, estamos pois na presença de dois sistemas quase antagónicos: a diferença entre impor e orientar a escolha do caminho, entre ignorar ou desconsiderar a ignorância, como faz a escola; e o sistema que permite lidar e aceitar a ignorância, usando-a como forma de vivenciar novas experiências e novas aventuras de aprendizagem, como faz a internet. Esta é, em profundidade, a diferença entre conhecer através da obrigação e conhecer através da curiosidade e do gozo que isso proporciona. Em seres duais e de risco como somos, social e desejo opõem-se neste confronto entre escola e internet: e esta última parece, hoje, levar a melhor, porque num tempo onde reina o espírito da incerteza admite e integra a ignorância, usando-a mesmo como um grande aliado para predispor o intelecto para novas aprendizagens e possibilidades.

A forma social do ignorante pode, assim, comportar três níveis diferentes entre si, gerando uma subjetividade própria, que importa aqui clarificar: aquele que é dotado de um desconhecimento sobre algo; aquele que demonstra desconhecer por não ter estudado, praticado ou experimentado algo; ou aquele que não tem malícia, que é puro e inocente face sobretudo à procura do conhecimento. A ascensão social do reconhecimento da ignorância, gerada pelo efeito Internet e por todos os restantes aparatos ecrânicos existentes, tende a apelar a uma mistura entre estes três níveis, escavando três efeitos que constituem a sua subjetividade de base: Primeiro porque, em interação com o indivíduo, a Internet suscita-lhe dúvidas sobre os conhecimentos que possui. Esta é a primeira fase de abertura do espírito a um novo conhecimento, recolocando-o no estado de ignorante face a algo que até então estava ou tido como adquirido ou tido como completamente ignorado; segundo, porque a interação Internet-indivíduo mostra porque é que a ignorância sobre esse algo existe verdadeiramente nesse indivíduo. Quer dizer, revela-lhe, pelo facto de não ter estudado, pelo facto de não ter praticado, ou pelo facto de nunca ter experienciado, que já não existem essas razões do passado, seja quais forem, para não deter conhecimentos sobre esse algo. Isso permite uma segunda fase, que será a de preparar o espírito para que este se volte a abrir sem que hajam as impossibilidades do passado; e terceiro, porque essa interação permite colocar o indivíduo a visualizar o conhecimento sem um fim objetivo associado, mobilizando-o indefinidamente para algo não tão rígido como por exemplo obter uma certificação ou diploma, apenas numa lógica de conhecimento pelo conhecimento. É verdade que com este efeito se gera a dispersão e a mobilização infinita sem fins concretos e objetivos, mas também se promove o espírito do conhecimento no sujeito e nas suas singularidades. Esta é a terceira fase da subjetividade desta nova forma social do indivíduo-ignorante perante a Internet, onde a curiosidade e a intuição tornar-se-ão os grandes motores de tração.

Há, talvez, mais vantagens do que desvantagens, para a (re)produção de novos conhecimentos, deixar uma certa autonomia ao indivíduo para gerar relações de *causa-efeito* sobre os vários objetos do conhecimento. E a escola raramente o faz. Esta estratégia é uma forma de fazer com que a intuição faça nascer relações novas, até então limitadas pela base quase somente analítica que os conhecimentos e as competências adquiridas, numa formação de tipo formal, tendem a fazer. O juízo demasiado analítico tem dificuldade em se abstrair dos objetos de estudo. Por isso é que as sugestões dos ignorantes para os especialistas geram, invariavelmente nestes últimos, reações muito comuns do tipo: «bem, visto por essa perspectiva...».

Há, no nosso entender, vantagens em assumir a ignorância, na era dos ecrãs em rede, como um fator cultural relevante, até porque nos coloca num devir que na infância nos era comum e nos dava muito jeito para criarmos sínteses de conhecimentos: o devir-porquê, ou se quisermos, esse devir-criança. A grande veia filosófica da humanidade nasce nesse período do desenvolvimento, e é aí

que se crava à curiosidade. É aí que as imagens primeiras aparecem confusas e que a percepção tudo pretende organizar. Daí solta-se a força do porquê, lugar onde esse não tem outra finalidade senão orientar a percepção da criança sobre o mundo. É preciso colocar os olhos a ver as coisas de uma forma não completamente estabilizada (ao contrário do que tende a fazer a escola), e, para isso, tudo tem que ser questionado. A Internet tem, de certa forma, o poder de reacender esse devir-criança, já que é dotado de muitas informações e pode ceder múltiplas pistas - sempre em aberto porque os conteúdos (a)parecem como infinitos e prontos para a *exprenovação*. Há também vantagens claras obtidas pelo formato de interação, que o *homo-ecranis* já capturou: quando perguntamos porquê à Internet, ela não nos olha, enquanto adultos, como ignorantes. Não existe nela o olhar rressabiado e altivo que existe naquele que se julga mais conhecedor perante o que se apresenta mais ignorante. Não existem constrangimentos nem advertências sobre a nossa ignorância. Pelo contrário. Para ela há sempre um bem-vindo ao ciberespaço e ao ciber tempo, à sua casa, aos seus biliões de nós e laços. Na verdade, ali nem sequer se considera o conceito de ignorância, já que, perante ela, todos somos meros ignorantes, e ela, sem a nossa presença, também não se expande.

Neste confronto entre escola e Internet, a ignorância parte ainda com um outro tipo de vantagem que importa assinalar: para além dos méritos e do gozo da autoaprendizagem e da reintegração do devir-criança, e de toda a possibilidade de abrir as várias caixas-negras do pensamento dominante, há em si uma maior capacidade de adesão face ao ritmo da velocidade-luz. A ignorância, embora nunca obviamente total *à priori*, não gera forças de resistência ao novo como gera aquele que se encontra rigidamente munido de conhecimentos passados. O nível de adesão ao novo, à novidade, é maior no ignorante, e isso permite entrar melhor em ressonância com o ritmo imediato que a velocidade da luz a que se move a internet. Nesta era, a mente deve ser capaz de se agilizar para acompanhar a velocidade a que o corpo, em interação com a luz, produz informação. Sabemos, através dos estudos que relacionam resposta-estímulo em ambientes ecrânicos, que o corpo orienta o cérebro devido à velocidade de estímulos, colocando este último mais em sintonia com as sensações e intuições do que em sintonia com as razões (Kerckhove, 1997: 45). À velocidade da luz, existente na Internet, isto é verdadeiramente um desafio e uma vantagem para o desconhecedor, pois esse poderá retirar dividendos dada a sua maior plasticidade e adesão aos novos estímulos. Até porque o indivíduo altamente racional tende a preterir o corpo, as intuições e as sensações das suas decisões e ações – privilegiando a razão dos seus conhecimentos; pelo contrário, o ignorante deixa-se levar por todo o tipo de estímulos que se apresentam como novos. Em constante *devir-porquê*, estamos mais aptos a recolher informação útil para a vivência nesta era do que em *devir-porque* (um devir mais explicativo): é que com o constante *porquê*, absorvemos um infindável número de novos conhecimentos, estímulos e soluções; já com o constante *porque*, a tendência levamos ao agarrar indefinido de fórmulas tradicionais, criadas e muito úteis para o mundo do passado. Assim, numa era em que aumentaram mais as sensações de incerteza do que verdadeiramente os conhecimentos, num devir-porquê é plausível que se tente, com mais frequência, seguir o rasto aos novos conhecimentos para se lidar de forma mais aliviada com esse grande volume de incertezas.

Neste aspeto, é uma mudança cultural colossal o que a Internet introduz nos indivíduos: aceitar que os agentes de conhecimento se tornem mais agentes geradores de dúvidas do que geradores de conhecimentos. Ter permitido aos indivíduos pensar que a escola afinal gera mais ignorâncias, ignorando-as, do que conhecimentos; dizer que são mais as vezes que a escola tem mais dúvidas do que respostas, é sem dúvida um grande avanço civilizacional. E se, já agora, conseguir também transmitir a mensagem de que uma cultura imaterial poderá ser mais benéfica para o nosso desenvolvimento e para o próprio futuro da humanidade e do planeta do que a cultura material - que tem imperado sobretudo desde a revolução industrial –, terá o condão de salvar milhares de vidas, senão a espécie humana. É que das poucas certezas que o conhecimento tido até aqui nos trouxe, é de que a consciência de ignorância é menos prejudicial para a nossa saúde, pelo menos mental mas

também física e ambiental, do que os conhecimentos dogmáticos e com tendência para a reificação que as culturas dominantes quiseram impor. Nesta oposição, entre o ignorante e o dogmático, parece-nos a todos os níveis bem mais saudável para o coletivo, e uma escolha bem mais acertada desta nova cultura, o reconhecimento e a socialização das ignorâncias.

2.3 – Consequências da *Sociação Hiperecrânica* na Socialização

2.3.1. Socializar mais, tribalizar mais, partilhar mais. Recuperar algumas lógicas comunitárias

Na questão da socialização, encontramos diferenças entre os entrevistados que tem a ver com o efeito provocado pela crescente interação no ecrã em rede (redes sociais digitais). A socialização, a partilha, a constituição de pequenas tribos de interesses e gostos, a criação de novas relações e novas dinâmicas, tem contribuído para a intensificação de novas formas de pensar, sentir e agir, recuperando algumas lógicas comunitárias através da rede de ecrãs. Tal como já referimos anteriormente, o ecrã-rede permitiu a passagem de uma interação que tendia, com a televisão, para um *individualismo ecrânico*, para uma lógica baseada num maior *comunitarismo ecrânico*, de partilha e cooperação em redes telemáticas. E neste aspeto, os indivíduos em sociação hiperecrânica revelam aqui um maior ascendente.

É que os monoecrânicos revelam, através das suas lógicas relacionais com os ecrãs, uma ligação de tipo instrumental. Quer dizer, o ecrã é percecionado e descrito como sendo um instrumento de lazer, um instrumento para recolha de informação ou opinião, ou até, em última instância, um instrumento que permite ligação ou interação com o todo geral ou com a rede de relações particular. Mas é, quase sempre para estes entrevistados, considerado somente um mero instrumento, e muito menos um agente interativo. Porque não gostam, não querem ou porque não usam de forma intensa o ecrã numa lógica horizontal, consideram-no apenas um instrumento, apenas “um sítio bom para conhecer outras pessoas, e encontrar pessoas antigas, de resto...” (entrevistada 1). Serve portanto, no caso das redes sociais tipo Facebook, apenas para “ver se está alguém ou se não está...e se tiver falo, senão saio” (Entrevistada 2). Portanto, se a relação destes com os ecrãs é habitualmente de génese vertical, como acontece com a Televisão, então a sociação ganha mais um carácter mais instrumental – até porque estes tendem a reforçar, direta ou indiretamente, que a horizontalidade relacional só existe para com as pessoas. Neste sentido, podemos referir que os monoecrânicos entrevistados ainda não atingiram um nível de individuação íntima e horizontal com os ecrãs, uma resolução capaz de permitir uma

maior proximidade e ligação entre as dimensões orgânicas, sociais e psicológicas do humano, e o reticular, interativo e conectivo do objeto técnico ecrã.

Pelo contrário, nos hiperecrânicos entrevistados, a adesão horizontal está fortemente consumada, e não são apenas as pessoas que estabelecem o elo de ligação. São também, sobretudo, as várias possibilidades conferidas pelos ecrãs. Possibilidades de partilha, de socialização, de constituição de pequenas tribos de interesse, de gostos e motivações, de criação de novas relações e dinâmicas, de novas aprendizagens. São estas dinâmicas que aumentam os níveis de ligação entre indivíduos e ecrãs, uma individuação que os leva a harmonizar corpo, mente, objeto e interação. Nessa interação pacificada: socializa-se - “falo com os meus amigos, ponho vídeos do Youtube...” (entrevistado 4); criam-se novas relações - “já me permitiu criar novas relações...” (entrevistado 5); partilha-se - “são relações pessoais, coisas que poderiam não ser partilhadas para toda a gente...” (entrevistado 9); e tribaliza-se - “No Facebook, o meu grupo de amigos é tudo electro...então a gente junta-se, vai a festas, vemo-nos, é diferente, são ambientes diferentes.” (entrevistado 4). São estas ressonâncias e estes ecos que tornam os hiperecrânicos entrevistados mais propensos à inscrição da diferença, à lógica da comunidade de partilha, à socialização que favorece a lógica de redes segmentadas e tribalizadas. Esta comparação permite vislumbrar a passagem de uma individualização, imposta pelos ecrãs assentes na lógica vertical (sobretudo a Televisão), e à procura de uma certa diferenciação para com o passado, de fora para dentro, face às massas; para uma individuação, portanto de um movimento de dentro para fora, à procura de uma resolução que satisfaça, simultaneamente, os desejos individuais e as necessidades sociais (as redes sociais nasceram precisamente com esse propósito). Como sugere a jovem entrevistada 6, uma bicrânica que complementa com regularidade o ecrã-televisão com o ecrã-internet, hoje em dia é importante estar ligado à corrente, ver “aquelas mensagens de mural, mensagens de correntes. E vídeos. Fotografias...”. A importância de estar ligado à corrente de ecrãs, que a entrevistada 6 refere, é a de permitir estar dentro das contingências da sua existência neste atual.

O mesmo padrão é possível observar entre os entrevistados adultos. Os monoecrânicos adultos também revelam, através das suas lógicas relacionais com ecrãs, uma ligação de tipo instrumental. Como sugere o entrevistado 20, “para pessoas que andam na escola é uma influência muito grande. Agora para uma pessoa de idade não há grande utilidade”. Nesta perspetiva, estes consideram que o ecrã-rede serve apenas para ver “Novidades. Comento uma ou outra fotografia! Nada mais” (Entrevistada 12). Tal como nos jovens monoecrânicos, também estes adultos não atingiram um nível de individuação íntima

e horizontal com os ecrãs, uma resolução capaz de permitir uma maior proximidade e ligação entre as dimensões orgânicas, sociais e psicológicas do humano, e o reticular, interativo e conectivo do ecrã.

Pelo contrário, nos hiperecrânicos adultos entrevistados a adesão horizontal está também fortemente consumada. Tal como estes sugerem, no ecrã-rede importa “comunicar com os amigos que estão longe; fazer novas amizades; manter contactos antigos, partilhar ideias, trocar informações, ver notícias, procurar emprego, procurar (...) filmes, livros” (entrevistada 11), “passar tempo, entreter, falar com amigos, ou então comunicar com feedback” (entrevistado 13) e também “conhecer e seguir trabalhos de gente conhecida” (entrevistado 18).

2.3.2. A força da socialização da morte e da tragédia, contra a expressão maior da vida e do risco

Tal como dissemos anteriormente, as lógicas comunitárias estão mais instaladas na *sociação hiperecrânica*. Mas também nestes, o estilo e a postura se torna diferente, já que através da diferimitação tudo se ordena num plano que tenta superar a lógica que anteriormente se tornara hegemónica. Já em *sociação monoecrânica* (TV), é mais o terrível, o catastrófico, a tragédia e a morte que inflacionam, impressionam e influenciam. O pessimismo toma conta das consciências do monoecrânico, ao passo que em sociação hiperecrânica as coisas são diferentes.

Esta diferença encontrada entre formas de sociação tem a ver com os marcadores de memória ecrânica que encontramos, e como essas se associam a diferentes aspetos da vida. Se é de assinalar que os três grupos de entrevistados (monoecrânicos, biecrânicos e hiperecrânicos) demonstram fortes indícios de marcadores de memória ligados ao lado mais negativo da vida (morte, tragédia, terror, etc.), a verdade é que se encontra, neste aspeto, uma relação quantitativa eloquente: quanto maior o número de ecrãs usados, e por isso maior o número de escolhas de visionamento, menor é a presença, no discurso e na afeção, de ecranovisões associadas aos fatores negativos e pessimistas da existência humana.

Comparamos, para comprovar isto, o número de palavras associadas à relação entre morte e vida, e encontramos a seguinte distribuição:

Tabela 42 – Comparação de associações dos diferentes ecrãs à morte e à vida (jovens)

Palavras relacionadas com morte	Monoecrânicos	Biecrânicos	Hiperecrânicos
morte e palavras derivadas	11	2	11
Sangue	2	1	0
Terror	3	2	1
Tragédia(s)	3	4	1
Total	19	10	13
Palavras relacionadas com vida			
vida e palavras derivadas	5	5	18
(viver, vida, viva)			
Rácio Vida/Morte	0,26	0,5	1,38

Ora, esta comparação numérica, efetuada a partir dos discursos dos entrevistados, mostra uma posição subliminar de fundo, onde os monoecrânicos são os que mais marcadores de memória associados à morte revelam. E, pelo contrário, os hiperecrânicos revelam um rácio muito mais favorável aos termos relacionados com a vida. Numa posição intermédia, os biecrânicos revelam um equilíbrio considerável entre a relação morte/vida, ainda assim mais favorável à morte precisamente porque nestes os níveis de visionamento de Televisão são também mais fortes do que o visionamento e o uso de outro tipo de ecrãs (relação TV-6h/computador-4h).

Esta relação está muito de acordo com a relação de ecrãs usados, e o respetivo número de horas. Isto é, para os que usam mais televisão (monoecrânicos), portanto com uma relação média, em cada 10 horas, de 8,5 horas de Televisão sobre 1,5 horas de computador, a relação *morte/vida* é de 19/5, respetivamente; para os biecrânicos, que tem uma relação média, em cada 10 horas, de 6 horas de Televisão sobre 4 horas de computador, a relação *morte/vida* é de 10/5, respetivamente; e finalmente, para os hiperecrânicos, que tem uma relação média, em cada 10 horas, de 3 horas de Televisão, 4,6 horas de computador e 2,4 horas de Smartphone ou Tablet, a relação *morte/vida* é de 13/18, respetivamente.

Tabela 43. Exemplos de expressões comuns nos hiperecrânicos jovens

Hiperecrânicos jovens	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 9
Marcadores de memória ecrânica	“Abro a imagem em PowerPoint e eram porcos a sair do comboio. E esse imagem ficou mesmo...para toda a vida.” “Acho que a internet é boa para quem tem medo da rejeição. Muita gente conhece pessoas para a vida.”	Tem uma que é Magic Tv, e depois já escreveu duas publicidades para a McDonalds. É um som com bastantes coisas do McDonalds: batatas fritas e colheres e assim. Tem muita vida!	No filme do Pablo Escobar, é um assunto com o qual eu convivo todos os dias: drogas, álcool, vícios...pessoas completamente arruinadas da vida... É sempre a esperança de que a nossa vida até chegar ao fim vai ser sempre feliz.

Tabela 44. Exemplos de expressões comuns dos monoecrânicos jovens

Monoecrânicos jovens	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 8
Marcadores de memória ecrânica	"Não sei...Mostra tantas mortes, tanto...é quase tudo tragédia...."	"Muita violência...muito sangue. Pessoas que injustamente morreram... Inocentes."	foi mais o 11 de Setembro...e tragédias assim do género...

Percebemos então, e se atentarmos também às reticências usadas, quer dizer aqueles silêncios gerados por quem não tem muito a dizer senão o uso de termos que remetem para o lado mais negro da vida e menos conclusivo, dadas as poucas palavras usadas, que os monoecrânicos sentem uma força maior do pessimismo e do negativismo nas suas consciências:

Na TV? Não sei...mostra tantas mortes, tanto...é quase tudo tragédia... (entrevistado 1);
 Muita violência...muito sangue. Pessoas que injustamente morreram... (Entrevistado 2);
 foi mais o 11 de Setembro...e tragédias assim do género...agora por causa do Rio de Janeiro e das mortes que houve...Morte...no 11 de setembro os aviões a bater...; como está o país...as mortes que tem havido...as derrocadas... (entrevistado 8)

O mesmo padrão é reforçado na comparação entre adultos. Nestes, obtivemos uma distribuição semelhante à dos jovens, em função das formas de associação (ver tabela 45).

Tabela 45 – Comparação de associações dos diferentes ecrãs à morte e à vida (adultos)

Palavras "morte", "guerra" e "preto"	Monoecrânicos	Biecrânicos	Hiperecrânicos
Morte e palavras derivadas	3	3	5
Guerra(s)	1	0	1
Violência e tragédia	4	8	1
Preto ou negro	8	7	5
Total	16	19	12
Palavras "vida", "paz" e "branco"			
vida e palavras derivadas (viver, vida, viva)	4	8	7
Paz	0	0	4
Branco	1	4	9
Total	5	12	20
Rácio Positivo/Negativo	5/16=0,3	12/19=0,6	20/12=1,7

Esta comparação numérica revela que os monoecrânicos adultos são também, tal como os monoecrânicos jovens, os que mais marcadores de memória associados à morte revelam. E, pelo contrário, os hiperecrânicos adultos também revelam, tal como os hiperecrânicos jovens, um rácio muito mais favorável aos termos relacionados com a vida. Numa posição intermédia, os biecrânicos revelam um maior equilíbrio entre a relação morte/vida, ainda assim mais favorável à morte, precisamente porque nestes os níveis de

visionamento de Televisão são ainda mais fortes do que o visionamento e o uso de outro tipo de ecrãs (relação TV-6h/PC-4h).

Esta constatação sai reforçada quando verificamos que também entre os adultos a relação está intimamente ligada ao tipo e à intensidade de ecrãs usados. Isto é, para os que usam mais televisão (monoecrânicos adultos), portanto com uma relação média, em cada 10 horas, de 8,5 horas de Televisão sobre 1,5 horas de computador, a relação *morte/vida* é de 5/16, respetivamente; para os biocrânicos, que tem uma relação média, em cada 10 horas, de 6 horas de Televisão sobre 4 horas de computador, a relação *morte/vida* é de 12/19, respetivamente; e finalmente, para os hiperecrânicos, que tem uma relação média, em cada 10 horas, de 3 horas de Televisão, 4,6 horas de computador e 2,4 horas de Smartphone ou Tablet, a relação *morte/vida* é de 20/12, respetivamente.

Tabela 46. Exemplos de expressões comuns nos hiperecrânicos adultos

Hiperecrânicos adultos	Entrevistado 11	Entrevistado 13	Entrevistado 18
Marcadores de memória ecrânica	“Não vejo noticiários, que é para não me deprimir.”	“Penso que a informação que nos guia e que “atribuir cor? Olha, as notícias tipo o acaba por ter mais impacto sobre nós é aquilo vermelho. Irrita-me. É só desgraças, que acaba por ser mais mediático.tiroteio, mortes, acidentes. Não há Normalmente no aspeto negativo. Mas há notícias boas...prefiro ver umas séries: mundo para além da desgraça.”	Dexter, Californication, e filmes que me interessam”

Tabela 47. Exemplos de expressões comuns dos monoecrânicos adultos

Monoecrânicos adultos	Entrevistado 12	Entrevistado 14	Entrevistado 20
Marcadores de memória ecrânica	“A crise. A imagem dos protesto da função pública na rua. O partido Comunista a fazer protesto.”	“A crise! Só se fala na crise! Vê-se um futuro muito negro. Preto! as guerras! A por causa dessas notícias da destruição...”	“Demasia violência. O preto, crise, das tragédias.”

Quer isto dizer que, nestes entrevistados, sejam jovens ou adultos, a Televisão cria marcadores de memória mais associados ao tema da morte, do terror, do sangue, ou da tragédia; e que, há medida que se usa mais tipos diferentes de ecrãs, numa lógica mais horizontal e de autoconstrução, os temas mais relacionados com a vida, com viver, com as coisas vivas, impõem-se sobre os temas da morte ou da tragédia. Dito de outra forma, para os hiperecrânicos entrevistados, mais afetados pela lógica da Internet, do computador e do ecrã portátil, o ecrã significa mais o lado da vida; para os monoecrânicos, o ecrã aponta mais para a presença da morte. De certo modo, para os hiperecrânicos o ecrã tende a representar a vida, nas suas várias dimensões; para os monoecrânicos, o ecrã é mais terror, tragédia e coisas distantes e estrangeiras, quase ficção por serem tão longe do real mais próximo. Quase podemos referir, em jeito de imagem, que os hiperecrânicos vivem, perante o ecrã-

rede horizontal, mais povoados por um certo otimismo trágico, onde o otimismo, ainda assim, se sobrepõe; ao passo que os monoecrânicos vivem mais num pessimismo catastrofista, onde o abismo parece inevitável.

É também interessante esta relação entre morte e vida nos diferentes ecrãs, quando a cruzamos com os sentidos vertical ou horizontal de interação, ou, se quisermos simplificar, na relação entre aquilo que é mais do tipo “imposto” e naquilo que é mais do tipo “construído”. Numa lógica de imposição e verticalidade, os consumidores de ecranovisões ficam mais sujeitos aos estímulos negativos, porque é assim que a memória sinaliza, tipificando os perigos, e é assim que os produtores mais seduzem e sensacionalizam os telespectadores; já numa lógica mais horizontal e de construção, os construtores/consumidores ecrânicos, precisamente porque são mais do tipo «prosumidores» - usando a expressão de Kerckhove (1997) - optam mais pela partilha e cooperação, pelo risco de construir uma vida mais autónoma e seletiva, e portanto mais distanciada das coisas negativas e pessimistas. Dito de outra forma: os monoecrânicos entrevistados revelam-se mais pessimistas e mais assombrados pela atmosfera da morte, da tragédia ou do terror, porque a própria atmosfera ecrânica imposta verticalmente pela TV concentra uma grande força de sedução pelo negativo, pelo fantástico e sensacionalmente brutal e violento; pelo contrário, os hiperecrânicos entrevistados, demonstram um maior otimismo porque a sua relação com os ecrãs, mais horizontal e portanto individualmente mais construída, permite assim a escolha daquilo que lhes causa mais gozo, interesse e motivação.

Isto não significa, ainda assim, que os hiperecrânicos estejam mais libertos dos riscos que emanam das suas ecranovisões do que os monoecrânicos. O excesso é, tal como a escassez, um fator impulsionador de riscos. Isso também acontece quando o excesso de escolhas existe. Como esta era dos ecrãs nos coloca sob o ritmo do excesso de impulsos impostos à velocidade e pela velocidade da luz, à tal «velocidade de libertação» (Virilio, 2000), os riscos são também maiores. Mais velocidade, maior estimulação nervosa, maior número de informações e, por isso, maior tendência para não ver, maior dificuldade para estabilizar a perceção, para não se perceber o que se lê. Pois para além dessa sensação confusa que a horizontalidade excessiva tende a gerar, importa também não esquecer que uma das consequências do excesso de velocidade é a sua capacidade de comprimir espaço e tempo. Ora, tudo o que comprime espaço e tempo, e que por isso permite a viagem supersónica, acelera também o risco de colisão, de um encontro traumático com um fora ou com um desconhecido. Como sugere a entrevistada 4, a Internet pode ser perigosa, é que

Já recebi alguns convites com gente que nunca vi na vida. Acredito que as pessoas arriscam mais ali [redes sociais digitais] porque (...) se eu pedir a uma pessoa para sair por internet, se ela me rejeitar eu não vou ficar tão mal, por que não é frente a frente.

Afinal, tal como indiretamente nos conta a entrevistada 4, é maior a probabilidade de colisão à velocidade do instante da luz do que se formos à velocidade do som, por exemplo. Isso explica porque é que na interação face-internet-outra, portanto à velocidade da luz, se arrisca muito mais do que na interação face-a-face, à velocidade do som. A telepresença à distância coloca o indivíduo, sobretudo o sedentariamente extremo, a agir de forma veloz no mundo telepresente como se estivesse no seu espaço íntimo e dominado pelas suas regras. Não admira por isso que na intimidade das suas regras o indivíduo teleconectado acabe por agir sob a confiança dos seus desejos e impulsos mais íntimos.

Os riscos da velocidade excessiva apontam então em vários sentidos: colisão, relações fragmentárias e excessivamente efémeras, comutação permanente entre espaço público e espaço doméstico, mudança brusca, mobilização infinita, dificuldade para dominar e determinar a mudança de direção, transponibilidade do cibertempo para outras esferas, desterritorialização e imaterialização excessiva.

Exemplo 4: Riscos no ecrã impostos pela velocidade excessiva ⁴⁴

Depois de McLuhan ter reforçado a ideia de que *o meio é a mensagem*, e os meios próteses das nossas mensagens, foram dissipadas as dúvidas em relação à importância dos meios tecnológicos e de comunicação em nós mesmos. Em *Esboços de uma Percepção Ciborgue*⁴⁵, chegamos mais longe afirmando, por outras palavras, que o meio não só é a mensagem como também é parte dos nossos desejos, sentimentos e das estruturas de pensamento. Quando nos estendemos com as nossas próteses ciborgues, o meio e os indivíduos completam uma fusão nervosa, consciente e inconsciente, intelectual, orgânica e inorgânica ao mesmo tempo. As percepções ciborgues, isto é, o conjunto formado por estruturas, extensões e in-tensões dos sentidos, que existem em cada indivíduo mas que se ligam às extensões tecnológicas, formam uma das bases mais estruturante da expressão contemporânea.

O exemplo anteriormente citado, o de Diana - a aluna que se envolveu com o professor Humberto - atesta bem a força da ligação ciborgue, ainda que num estado incipiente. Relembrando esse acontecimento atrás descrito, sublinhamos que Diana só foi capaz de contar o sonho a Humberto através da sua extensão e in-tensão tecnológica: o telemóvel! Digamos que transferiu para a sua dimensão mais inorgânica a responsabilidade dos seus sentimentos orgânicos. Fez-se sentir a Humberto através do seu lado mais inorgânico. Transformou a sua ação, que nas conceções mais tradicionais e cartesianas era vista como unicamente orgânica, numa ação de mistura entre sentimentos antropológicos e formas comunicacionais tecnológicas, fusão que permite, através de um tal nível de individuação, aumentar os riscos por via da sua extensão e in-tensão (algo que pode perigosamente desresponsabilizar em parte o lado orgânico). A componente pragmática da

⁴⁴ Trecho do autor, retirado de *Fidelidade e Pós-Modernidade: Consequências do Espírito Pós-Moderno no Conceito e na experiência da Fidelidade* (Costa, 2011: pp.171-179).

⁴⁵ Para maior entendimento do conceito *percepção ciborgue*, aconselha-se a leitura de *Esboços de Uma Percepção Ciborgue: Jovens, Tecnologia e Individuações* (Costa, 2009).

comunicação digital foi a boca e o sentimento de Diana, algo que lhe permitiu a ampliação da sua existência, a mutação entre orgânico e inorgânico.

De uma outra forma, podemos sugerir que foi a individuação tecnológica, isto é, a possibilidade permitida pela fusão entre tecnologia e humano que permitiu passar de um estado relacional mais profissional para um estado inflacionado de intimidade, o que, por sua vez, despontou a ação e os sentimentos reprimidos pela força da exterioridade social de ambas as situações de vida. Esta ação ciborgue foi responsável pelo estilhaçamento da noção de fidelidade que ambos tinham assente, uma vez que a fusão, enquanto mutação, permitiu um estado de «saída de si» que, de certo modo, desculpa a incoerência conceptual interna e sentimental. A «saída de si», motivada pela metamorfose em forma de fusão entre humanos e tecnologia, inflaciona, muta e amplia, de certa forma, o lado menos racionalizado do humano. É assim que, na nossa perspetiva, deve ser entendida esta relação excêntrica entre seres antropológicos e lógicas tecnológicas. Digamos que a existência de uma relação horizontal entre homem e máquina, sobretudo com o computador e as suas lógicas (até porque hoje também os telemóveis são pequenos computadores), é talvez um dos maiores segredos das consequências da mutação cultural atual. Um exemplo prático que demonstra toda esta conjugação entre matéria, forma e energia, é o exemplo que a seguir descrevemos.

Sara é uma mulher casada há já 15 anos⁴⁶. Casou aos trinta já com um bom andamento em festas e diversões. Quando casou, sentiu que já estava satisfeita com a sua vida de solteira. Como já namorava há alguns anos com o atual marido, e sempre com boas relações, casar com ele seria lógico e o mais correto, até porque, segundo ela, o amava.

Desde o dia do casamento até hoje, Sara nunca sentiu necessidade de ter filhos. Como o marido também não a pressionava para tal, o relógio biológico passou da hora e hoje só uma casualidade poderia dar volta a essa situação.

Sara sempre foi muito independente. Uma mulher cosmopolita nos gostos, nas atitudes, nas opiniões. Porém, a força do conservadorismo que sentia no emprego e no meio social onde vivia, tolhia-a em pequenas contradições. Contradições num mundo que considerava pequeno e mesquinho, porque nas várias dimensões da vida encolhia no pensamento geral face às suas ideias.

Quando a Internet chegou em força ao seu emprego – administrativa numa empresa de Obras Públicas – , Sara entusiasmou-se e entregou-se à galáxia digital. Primeiro foram os chats de conversa, depois o Messenger, e recentemente as redes sociais digitais como o Facebook ou o Hi5. Percebeu que aquele “novo mundo” era muito diferente do mundo mesquinho em que ela dizia viver. A galáxia Internet mostrava-lhe um mundo parecido com o que ela idealizava, com gente com opiniões próximas, gostos semelhantes, atitudes arrojadas como as dela. Encontrou uma *montanha mágica* para explorar e viver novas aventuras.

O problema é que Sara entrou mesmo nessa *montanha mágica*. Esqueceu-se que o marido não fazia parte daquela atmosfera cosmopolita e arrojada, pois também ele, segundo ela, fora tolhido pela atmosfera reinante e que Sara detestava. E à medida que Sara entrava cada vez mais na montanha mágica, mais se afastava da *montanha quotidiana* da sua vida, e das suas relações próximas. Percebeu que naquele mundo poderia encontrar tudo aquilo que precisava, tudo aquilo com que concordava e com gente bem mais interessante porque diferente do que lhe era habitual. Encantou-se com muitas ideias, muitas filosofias de vida, e com muitas formas diferentes de pensar e sentir o mundo. Dado o seu grande apego e fascínio por aquela galáxia, não foi muito difícil apaixonar-se por alguém diferente.

Bem, ela dizia não saber muito bem se ficou realmente apaixonada por alguém ou se se apaixonou pela própria lógica da galáxia Internet, que com todos os seus sistemas (Messenger, Facebook, etc.) seduz intensamente. O que ela dizia constantemente é que os fluxos e as compatibilidades eram mais fáceis de encontrar na Internet, e isso fazia diferença nas ligações e nas

⁴⁶ Nome e idade fictícios para proteção total das fontes.

relações. Era um tal de sex appeal do inorgânico, como sugeriu Walter Benjamin, capaz de misturar sentimentos e de revolucionar as formas de percepção do mundo. Era um certo «apelo do objeto técnico» a permitir uma atmosfera dromológica⁴⁷.

Quem explica de forma contundente as dinâmicas proporcionadas pela galáxia Internet é Paul Virilio. Este começa por referir que acabamos por preferir o virtual (longínquo) ao real (próximo). O erro do próximo é estar aqui e agora, e não longe. Desintegração e não divórcio, como ele sugere. As teletecnologias, tecnologias da distância, arrancam o nosso gozo pela proximidade (Virilio, 2000). Afasta-se a proximidade imediata, para que esse afastamento faça avançar o prazer dos sentidos (Ibid.: 140-141).

Tudo isto era dito por Sara, mesmo que de forma indireta. Numa ligação mais profunda que ela teve com um indivíduo, através do Messenger, ela falava nesta questão entre proximidade e distância, coisa estranha mas sedutora porque aos sonhadores permitia voar. Tudo era poesia, todas as dinâmicas com esse indivíduo soavam a sonatas deslumbrantes porque permitiam a viagem do espírito e da imaginação. Foram várias as vezes que o sexo através da câmara de vídeo Web deu asas a essa viagem à *montanha mágica*. Tal como sugeriu Virilio, o que com eles se passou foi que a copulação vital passou a facultativa e deu lugar à masturbação telecomandada. Para este autor o que se pretende, com estas próteses misturadas nos fluxos vitais, é que todos os instrumentos permitam sobreexcitar até à loucura (Ibid.: 142-143).

Foi o que aconteceu a Sara. Foi infiel ao marido em quase todos sentidos, exceto o tacto já que nunca houve proximidade física com o amante da Internet. Nos sentimentos, nos prazeres, na excitação, nas emoções, tudo se tornou infiel ao marido. No entanto, em tanta infidelidade, Sara tinha uma grande desculpa para si própria, que a consolava completamente: nunca tinha cometido um ato físico, um ato de traição explícito. Isso dava-lhe um certo consolo mental, uma certa segurança na efeméride da coisa, mesmo tendo essa coisa durado cerca de 3 longos e intensos anos.

Este exemplo mostra assim m novo mundo a afetar um velho mundo. Duas questões podem agora ser evocadas: o que é que faz então a tecnologia ao conceito de fidelidade? Que mutações assistimos por via da força do tecnológico no social?

Manuel Castells, em *A Galáxia Internet*, afirma que os cibernautas interagem entre si, por vezes criando personagens que lhes transmitem sentimentos agradáveis, partilhando assim um jogo de papéis e de identidades. Este autor garante que esta situação de teatralidade acontece mais regularmente nas camadas jovens, durante a adolescência, principalmente porque esta é uma fase da descoberta da identidade e da experimentação da mesma, é uma fase de procurar saber quem são e quem gostariam de vir a ser, o que provoca que se crie uma busca incessante em relação à procura do si-mesmo (Castells, 2006). Percebemos então que, entre os mais jovens, e de certa forma em todos aqueles que se identificam com este espírito, esta galáxia permite a procura de uma identidade e a experimentação dessa mesma. Não diríamos uma identidade só, já que o conceito é rígido. Mas sim um conjunto de identificações pontuais que se vão complementando à medida que se experimentam, pois não se trata somente de um jogo que permite encontrar o que se quer ser ou como se gostaria de ser. Muito mais do que isso, esta galáxia permite a inscrição de dimensões filosóficas de outra ordem. Permite, por exemplo, a individuação e a socialização da lógica do efémero, da necessidade de constante atualização, renovação e partilha. Permite reforçar ainda mais o carácter eletivo e seletivo presente no espírito geral atual, onde se escolhe a tribo certa com a compatibilidade certa, tal como fez Sara. E permite a individuação e a socialização do imprevisível e do relativo, tal como descrevi anteriormente quando falava nas três grandes bases desta era pós-moderna, pois na viagem à montanha mágica qualquer destino está na lista das possibilidades.

O impacto que a dimensão tecnológica tem hoje sobre as relações, por onde assenta a fidelidade, regista-se por estes prismas: se se individua e socializa a força do veloz, do efémero, do imprevisível e

⁴⁷ Ver o estudo de José Pinheiro Neves, em *O Apelo do Objecto Técnico*, (Neves, 2006).

do relativo, também conceitos como o da fidelidade, construídos e transmitidos geracionalmente numa base estável, linear e objetiva, entram em discordância com a atmosfera atual. Virilio é ainda mais pessimista, dizendo que não são apenas os conceitos que suportam as famílias que estão a sofrer os impactos da tecnologia, pois o mundo pós-industrial ameaça não só aumentar as famílias monoparentais mas também a reprodução sexuada. O amor à distância ameaça a banalidade do passado. Nas núpcias, motivado pelo estilo de vida atual, a precipitação prevalece sobre a reflexão (casamentos e divórcios ex-press). Também as práticas sexuais se preparam para divergir, pois o que interessa não é a cerimónia, mas sim a *viagem rápida* e satisfatória. A convergência dá lugar à divergência. A repulsão está com mais força do que a atração sexual. Só assim se compreendem as súbitas taxas de crescimento do assédio sexual. Assédio-repulsão. E isto trata-se de um fenómeno não unicamente pós-moderno mas também tecnológico e antropológico. Disjunção mediática graças à cibersexualidade. As teletecnologias desencadeiam não só o controlo sexual à distância como também fazem gerar hiperdivórcios. Tais dinâmicas obrigam à transfiguração de certos conceitos, e o conceito de fidelidade não foge à regra (Virilio, 2000: 142-150). O mundo tecnológico tem provocado certas ruturas, a vários níveis, sem precedentes no passado. Virilio faz um reparo interessante, que importa sublinhar, sobre as questões relacionais. Este afirma que o assédio sexual entre os cibercibernetas, ao contrário das relações anteriores, é autorizado e vivamente encorajado (Ibid.: 150). E sendo assim, se há alguma dimensão a sofrer ataques, essas mesmas são as que assentam no tempo linear e cronológico, tal como a dimensão da fidelidade. Com a força das fusões entre antropológico e tecnológico, e das suas formas inerentes, o indivíduo e as suas estruturas morais e intelectuais ficam enfraquecidos face a esta nova ordem de fusão. O indivíduo deste período tecnocientífico perde algumas faculdades de se sentir centro de energia, para se tornar mais um ponto de ligação num nó da rede. E isto gera uma certa ação de automação das suas funções e percepções. Estamos perante novas práticas alternativas de relações, de amor e de outras dimensões, não animais nem zoófilas, mas maquinais e, até certo ponto, um tanto tecnófilas.

2.3.3. Hiperecrânicos tendencialmente mais críticos e reflexivos face aos ecrãs que usam

A somar às diferenças anteriormente descritas entre os extremos hiperecrânicos e monoecrânicos, é possível constatar também uma maior capacidade crítica sobre conteúdos nos vários tipos de ecrãs, dos primeiros face aos segundos. Sobretudo quando se fala de ecrãs, e em especial daqueles que são mais usados pelos hiperecrânicos (ecrã-Internet e ecrã-redes sociais), algo que à partida até poderia parecer contraditório uma vez que os níveis de utilização, de motivação e de gozo são, para estes, maiores. Mas é precisamente porque os níveis de utilização e de dinâmica são maiores, que estes se tornam mais capazes de construir um conjunto de críticas fundadas sobre exemplos concretos, e a partir daí criarem intuições e julgamentos mais ricos e sustentados, apontando simultaneamente defeitos e virtudes.

Tabela 48. Resumo de críticas das duas formas de sociação dos jovens (hiperecrânicos e monoecrânicos)

Híper Ecrânicos	Crítica sobre conteúdo e TV	Crítica sobre Internet e redes sociais ecrânicas
Entrevistado 4	<p>“em frente à televisão nem tudo o que se vê vale a pena”</p> <p>“para mim o que varia é a maneira como o jornalista coloca a informação”</p> <p>“apesar de ela [Manuela Moura Guedes] estar a falhar como jornalista, porque ela dava a opinião dela, não respeitava o código deontológico.”</p> <p>“Ela a verdade até dizia, mas não lhe compete a ela dizer daquela maneira.”</p>	<p>“não se deve confiar em ninguém na internet. Se não se conhece.”</p> <p>“pessoas que meteram os seus números de contas na internet, que aceitam ficheiros de pessoas que nem conhecem, e isso é perigoso porque vem Cavalos de Troia para a pessoa mexer nas nossas coisas.(...) Permite acesso a computadores alheios.”</p> <p>“acredito que neste mundo a privacidade é uma ilusão. É assim: nós mandamos mensagens e as nossas operadoras podem ver tudo.”</p>
Entrevistado 5	<p>“As pessoas perderam o hábito de falarem umas com as outras. Eu prefiro falar cara-a-cara. Mas também uso bastante as tecnologias.”</p>	<p>“Sim, permite[Sobre redes sociais digitais]. Mas não é a mesma coisa do que o contacto direto. Estabelece comunicação, tem o fator de união, mas não é a mesma coisa.”</p> <p>“As pessoas perderam o hábito de falarem umas com as outras. Eu prefiro falar cara-a-cara. Mas também uso bastante as tecnologias.”</p> <p>“As pessoas não usam muito o Facebook para explorar notícias, é mais para coisas mais suaves. Confusões com comentários sim, principalmente com coisas de namorados e tal, isso acontece...é uma coisa que as redes sociais têm de errado – dão a possibilidade a qualquer pessoa de comentar”</p> <p>“É. Muito mais. É mais simples. Porque no fundo uma pessoa está a comunicar com uma pessoa, mas estar em frente àquele ecrã não é a mesma coisa, pode-se arriscar mais [em frente a um ecrã]...”</p>
Entrevistado 9	<p>“Há sempre qualquer coisa que falha. Enquanto o livro é a nossa imaginação a trabalhar, no filme é a imaginação do realizador a trabalhar.”</p> <p>“a televisão tem coisas boas e coisas más...cinza é o intermédio entre o preto e o branco, o bem e o mal...tanto nos ensinam coisas boas como coisas más...”</p>	<p>“O Facebook eu considero um bocado estúpido. É uma coisa que...passo lá porque tenho família no estrangeiro, mas se quero falar com as pessoas falo no MSN ou outros (...) O Facebook é só lavagem de roupa, coisas privadas, não me interessa! As pessoas têm discussões estúpidas.(...) sobre relações, são relações pessoais, coisas que poderiam não ser partilhadas para toda a gente...ataques de ciúme”. (...) Se não se souber utilizar é um perigo.”</p>
Mono Ecrânicos	Crítica sobre conteúdo e TV	Crítica sobre conteúdos na Internet e nas redes sociais ecrânicas
Entrevistado 1	<p>[acerca de imagens de TV sobre a Líbia] – “Não. Se calhar é por não estar lá que não me interessa..”</p> <p>“Terror. Pelo menos é o que aparenta na televisão. Das poucas imagens...mas não há nenhuma ideia em especial”</p>	<p>“passam a vida a falar do Facebook. Aquilo é só mesmo para poder falar com pessoas. Conhecer pessoas novas...”</p> <p>“é um sítio bom para conhecer outras pessoas (...) De resto...”</p>
Entrevistado 2	<p>“Tv é mais escuro, porque foca-se mais nos pontos negativos.”</p>	<p>[sobre o Facebook] - acho que é uma coisa boa. Já havia o Hi5 mas...”</p> <p>“Porque veio o Facebook. O Facebook estava mais na moda e tal. Então as pessoas aderiram mais ao Facebook”.</p>
Entrevistado 8	<p>“às vezes há filmes que nos incutem mais...mesmo novelas...que explicam a vida real...”</p>	<p>[sobre o Facebook] – “às vezes aparecem aquelas fotos que as pessoas publicam...(...)um homem violou 2 raparigas e depois a sociedade fez as contas com ele...não sei onde é que foi...era uma foto...o homem já morto, cortaram a parte de baixo e meterem-no na urna...uma foto um bocado...comentamos entre amigos. Era bem feita, foi merecido...”</p>

Como é possível constatar através da tabela anterior, a capacidade crítica dos monoecrânicos face aos conteúdos e aos ecrãs é consideravelmente inferior à dos hiperecrânicos. Nos monoecrânicos, são comuns expressões evasivas como “é por não estar

lá que não me interessa”, “é o que aparenta na televisão”, “foca-se mais nos pontos negativos” ou “às vezes há filmes que nos incutem mais”, expressões que mostram algum distanciamento não apenas físico com os conteúdos mas também reflexivo e crítico. O “lá”, ou os desinteressados termos “às vezes” e “se calhar”, reforçam essa distância, e a reflexão vai para o óbvio ou imposto, para o que “aparenta” ou para o que “nos incutem mais”. Isso que “nos incutem mais” são, para estes jovens em sociação monoecrânica, esses “pontos negativos”, esse “mais escuro”, e portanto, no escuro é difícil ver, perceber, analisar, refletir.

Isto demonstra a fraca capacidade reflexiva que estes jovens monoecrânicos demonstram sobre o ecrã que mais visionam (TV). E se essa é fraca em relação à Televisão, também em relação ao ecrã-Internet ou ecrã-redes as coisas não melhoram significativamente, até porque a experiência e a intensidade é muito diminuta. Sobre estes ecrãs, os monoecrânicos apenas conseguem transmitir mensagens um pouco vagas como: as redes sociais tipo Facebook ou Hi5 são sítios “para conhecer outras pessoas (...) De resto...”; são “uma coisa boa”, que está até “mais na moda e tal”; é um sítio onde “às vezes aparecem aquelas fotos(...) um bocado...”. Este “um bocado...”, acompanhado desse silêncio reticente, é sintomático mostrando bem essa ausência de capacidade crítica e reflexiva. Dizem apenas que é bom, porque dá para conhecer pessoas e porque está na moda, mas na realidade não conseguem refletir muito sobre o que veem em concreto.

Pelo contrário, os entrevistados hiperecrânicos revelam uma outra capacidade crítica, sustentada por uma maior panóplia de argumentos. Sobre Televisão, conseguem refletir que “nem tudo o que se vê vale a pena”, já que o que “varia é a maneira como o jornalista coloca a informação. Os jornalistas, muitas vezes, não respeitam o código deontológico”, porque, na sua perspetiva, não lhes “compete (...) dizer daquela maneira”. Ora, nesta análise, a entrevistada 4 refere problemas éticos e deontológicos, relacionando essa ausência ética e deontológica à forma como a informação e o conteúdo são apresentados. Critica, portanto, o fundo ecrânico que lhe aparece, de uma forma mais analítica. Mas isso não significa que estes entrevistados, mais propensos para outros ecrãs que não a Televisão, sejam dessa unicamente críticos. Pelo contrário, conseguem reparar em muitos defeitos e em muitas virtudes. Como sugere o entrevistado 9, “a televisão tem coisas boas e coisas más” ou seja, mistura as cores, os tons, os sentimentos, e que por isso devemos ter uma postura intermédia, como o cinza que é “o intermédio entre o preto e o branco, o bem e o mal”. Afinal, para este, a TV sempre nos “ensina coisas boas como coisas más”.

Esta crítica construtiva sobre o ecrã-tv, mas também sobre todo o tipo de tecnologias em geral, é realmente de assinalar nos hiperecrânicos jovens. Se atentarmos à expressão do entrevistado 5, conseguimos perceber bem essa preocupação: “As pessoas perderam o hábito de falarem umas com as outras”. Para este, é necessário voltar ao hábito do *face-a-face*, ter cuidado com os usos da tecnologia, e cuidar ainda melhor das relações sociais que temos.

Já entre os adultos entrevistados, as diferenças já não são tão nítidas, uma vez que ambas as formas extremas de *sociação ecrânica*, monoecrânicos e hiperecrânicos, revelam uma maior capacidade crítica face aos ecrãs que usam. Ainda assim, os hiperecrânicos são ligeiramente mais críticos face às notícias que aparecem, sobretudo por provocarem uma certa dose de saturação face ao excesso de pessimismo e de notícias com teor negativo: “não vejo noticiários, que é para não me deprimir. já nada me espanta” (entrevistada 11); “tudo o que seja notícia é sensacionalista, não se ouve nada de bom” (entrevistado 13); “Para mim as notícias já não são notícias. São desgraças, coisas sem sentido.” (entrevistado 18). A monoecrânica 12 admite até esse excesso de pessimismo com alguma ironia: “Na Tv fico sempre bem disposta. Porque raramente vejo o telejornal.” (entrevistada 12).

Há também, para os hiperecrânicos adultos entrevistados, uma maior necessidade de filtrar ou de confrontar informações. Isto revela uma maior atitude de vigilância face ao que é exposto, e só é possível devido ao facto de, através dos diversos tipos de ecrãs, acederem a outras «visões» (entrevistado 13) sobre os mesmos assuntos:

um mundo giro [Facebook], mas há zonas em que é meio perigoso andar e tem de se saber andar. Não está bem definido, tipo uma neblina. Por causa das pessoas. (entrevistada 11)

Não podemos confiar em tudo aquilo que está na Internet. A Internet não é totalmente fidedigna, ou quando é temos, ainda assim, que confrontar mais do que uma visão. (entrevistado 13)

Não acreditar em tudo o que leio e vejo. (...)Na Internet igual, só que tens que ter um cuidado redobrado por causa das fontes (Entrevistado 18)

Aliás, neste aspeto há uma expressão sintomática de uma biocrânica. Ela considera que “na Internet as notícias chegam mais limpas”, pois “já vi aqui coisas que nunca vi na TV” (entrevistada 15). O facto de existirem pontos de comparação permite construir atitudes mais vigilantes e críticas face ao que é exposto. E isso, para os mais vigilantes, tal como revela ser esta entrevistada, faz com que cresça uma sensação maior de liberdade e de verdade: “por exemplo, há pouco tempo vi no Youtube um vídeo do Miguel portas no parlamento europeu a criticar as regalias que eles próprios tinham, e não vi nada disso na TV” (entrevistada 15).

Tabela 49. Resumo de críticas das duas formas de sociação dos adultos (hiperecrânicos e monoecrânicos)

Hiper		
Ecrânicos	Crítica sobre conteúdo e TV	Crítica sobre Internet e redes sociais ecrânicas
Entrevistado 11	Boa, não vejo noticiários, que é para não me deprimir. já nada me espanta	peessoas que misturam redes de amigos com outra coisa qualquer, ou que usam as amizades para conseguir outros fins; mas também tens de saber que há muita gente que finge, normalmente as pessoas tímidas é (Facebook) um mundo giro, mas há zonas em que é meio perigoso andar e tem de se saber andar. não está bem definido, tipo uma neblina. Por causa das pessoas. E as redes sociais são um desses espaços
Entrevistado 13	tudo o que seja notícia é sensacionalista, não se ouve nada de bom, e o vermelho ou laranja suscita agitação, confusão, conflitos	O facebook pode ser uma montra! As pessoas podem querer mostrar uma coisa que não são. Eu que gosto de conversar e de comprovar isso...lá está o mundo dos ecrãs entra muito no mundo da imaginação, e do querer ser alguma coisa diferente. A tal virtualização do ser...e há muita gente de gosta de ser virtualmente aquilo que não é...Já me aconteceu ser enganado. Tipo olhar para uma coisa, criar expectativa, e chegar ao fim e de facto não ser aquilo que esperava.. Não podemos confiar em tudo aquilo que está na Internet. A internet não é totalmente fidedigna, ou quando é temos, ainda assim, que confrontar mais do que uma visão.
Entrevistado 18	Não vejo grandes notícias. Para mim as notícias já não são notícias. São desgraças, coisas sem sentido.	Não acreditar em tudo o que vejo! E na net igual: não acreditar em tudo o que leio e vejo. Não posso acreditar em tudo o que vejo porque basta mudar a luz e já tudo se altera. À notícia e a tudo o que for. Na internet igual, só que tens que ter um cuidado redobrado por causa das fontes. Lá está, é uma consciência virtual que interage connosco. Eu posso pôr aqui uma mentira que pode interagir com a minha vida pessoal. ela interage com a realidade.
Mono		
Ecrânicos	Crítica sobre conteúdo e TV	Crítica sobre conteúdos na Internet e nas redes sociais ecrânicas
Entrevistado 12	Na Tv fico sempre bem disposta. Porque raramente vejo o telejornal. Uma máxima: vale a pena aproveitar a vida.	a maldade de certas pessoas. Bocas que mandam, quando tudo é público, quando se sabe que muita gente vai ler aquilo...bocas tipo a uma colega minha que mandaram-lhe bocas por causa de uma fotografia...ou por exemplo uma sobrinha, a exposição que ela fez pelo namorado...está a expor a intimidade, os afetos, acho um exagero.
Entrevistado 14	“Porque é informação, vai a tudo, para as pessoas ficarem informadas...eu gosto de TV.”	
Entrevistado 20	Sei lá. Se calhar até tem. Eu acho que sim, porque eles hoje dizem uma coisa e amanhã a mesma coisa já é dita com mais aumento.	é assim: por um lado é bom. Mas também por outro lado...para pessoas que andam na escola é uma influência muito grande. Agora para os mais jovens pode ser muito mau. Sem conhecer a pessoa que está do outro lado...nomes falsos talvez...

Tal como acontece entre os jovens entrevistados, é também possível constatar através da tabela anterior que a capacidade crítica e de vigilância dos monoecrânicos adultos face aos conteúdos e aos ecrãs é relativamente inferior à dos hiperecrânicos adultos. Expressões como “Sei lá. Se calhar até tem”, do monoecrânico 20, reforçam essa menor preocupação, uma postura um pouco ‘deixa andar’, displicente, pouco vigilante e sem grande preocupação em cruzar fontes informativas. Para estes monoecrânicos, há uma certa ilusão gerada pelos veículos de informação, que é a ilusão de que a postura crítica existente nos telejornais já é suficiente. Isso prova-se na afirmação da entrevistada 14, que sugere que

“é informação, vai a tudo, para as pessoas ficarem informadas...”. Este “vai a tudo” tende a ser perigoso, já que parece indicar uma certa auto desresponsabilização crítica, pois esta é já feita (vai a tudo) pelo telejornal.

Exemplo 6 – Ecranovisões manipuladas: o perigo da ausência de atitude crítica e hipervigilante

Ocorreu recentemente um dos maiores eventos desportivos do mundo: o europeu de futebol (2012). Aconteceram nesse alguns episódios de manipulação de imagens. Almerindo Ferreira⁴⁸ deu conta de alguns exemplos, lembrando o que se tem tornado tendência em vários *ecranospectáculos*:

Regressada a casa, após ter assistido, na “Polcrânia”, aos jogos da “National mannschaft”, a adepta alemã filmada a chorar os golos de Balotelli e a eliminação nas meias-finais do Euro-2012 verificou como era famosa. Mas logo desmontou a trama: denunciou a manipulação das imagens, garantindo que aquelas lágrimas foram choradas na execução do hino alemão, antes de a bola rolar, e que a realização televisiva da UEFA tinha gravado, descomposto e diferido a realidade para o final do jogo. A UEFA mais não fez do que uma montagem, para forjar tensão, alegria, tristeza, espetacularidade, dramatismo, como se o futebol fosse só parte de uma dimensão cinematográfica.

A ARD, canal alemão que transmitiu os jogos, também não gostou de saber que a UEFA usou o mesmo truque para exibir, num falso direto, uma das imagens mais hilariantes do torneio, que mostraram o selecionador germânico Joachim Low, a brincar com um apanha-bolas. O instantâneo fora gravado antes do desafio...

Casos há, como houve na aclamada cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em que a manipulação do “direto” foi bem além do que sucedeu ao vivo. Cenas previamente gravadas e feitas por computador foram para o ar para que tudo desse certo na transmissão televisiva. Tudo para que o mau tempo em Pequim não prejudicasse a imagem da China...

E se incorreu na modificação da temporalidade natural do espetáculo, a UEFA mais não fez, afinal, que cair na mesma tentação que tiveram o Irão de Ahmadinejad, no Mundial 2006, ou a Coreia do Norte de Kim Jong-Il, no Mundial 2010, que diferiram os “diretos” dois minutos, para terem tempo de cortar a emissão caso se verificassem manifestações contra os regimes ou cenas atentatórias da moral muçulmana. No caso do Euro 2012, vingou a lógica visual, tecnológica e, sobretudo, comercial, na busca do produto atrativo, ainda que deformador da realidade.

Portanto, na perspetiva de Almerindo Ferreira, desde a alemã “colocada” a chorar após o segundo golo da Itália, passando pelo selecionador que parecia que, durante o próprio jogo, estava a brincar com o apanha-bolas, até à aclamada e enganadora cerimónia de abertura dos jogos olímpicos em Pequim, ou à modificação temporal dos diretos para haver tempo para o corte de manifestações contra os regimes, percebe-se um crescente e cada vez mais sofisticado uso de manipulação de ekranovisões no sentido de beneficiar quem domina o evento. Este perigo nada tem de novo. Mas revela que já todos os protagonistas destas manipulações perceberam que os ecos e as ressonâncias geradas pelas ekranovisões são demasiado importantes para serem deixadas ao acaso da subjetividade humana. É caso para perguntar: os produtores de imagens já se emanciparam no seu processo. E o mundo dos *ecranovisionadores*, estará já preparado para iniciar a sua emancipação? Estará o indivíduo em sociação hiperecrânica mais apto para descortinar estes embustes? Parece-nos que ser mais crítico e hipervigilante poderá apontar esse caminho.

⁴⁸ Artigo presente no Jornal de Notícias, no dia 03 de Julho de 2012, com o título *Euro 2012, Mentiras e Televisão*. Acedido em: <http://umonline.uminho.pt/ModuleLeft.aspx?mdl=~%2FModules%2FClipping%2FNoticiaView.ascx&ItemID=66680&Mid=111&lang=pt-PT&pageid=1&tabid=0>

2.3.4. Ecranovisões metaforizadas: “a TV é um mundo” VERSUS “a Internet o infinito”

Tal como vimos anteriormente com as cores, onde a ecranovisão azul reinante aponta para o infinito e subjetivo, e a ecranovisão vermelha para o concreto, objetivo e tangível, também as metáforas usadas pelos entrevistados quando se referem aos diferentes ecrãs subscrevem esta relação. No ecrã-internet temos o azul do infinito e do subjetivo; e na Televisão temos o mundo, algo mais objetivo e concreto.

O ecrã-tv é então percecionado pelos jovens entrevistados como um mundo, cheio de submundos que cabem lá dentro e que lhes mostram coisas. Mas quando comparado com o ecrã-internet, esse é mais o mundo das coisas finitas, das tragédias, das descobertas, da ordem do real, dos vários tipos de submundos. Como sugere o Entrevistado 3, “Já aprendi muito no Discovery Channel...a televisão é um mundo...”. Nesse mundo de coisas finitas, está lá tudo: “a revolta no mundo muçulmano, tanto na Tunísia, como também no Egipto. Isso vejo sempre na televisão.”(Entrevistado 4); “países do terceiro mundo” (Entrevistado 7); “Fiquei com a imagem do que é o mundo da droga” (Entrevistado 9).

Mas outros ecrãs permitem desligar do mundo e entrar no universo, na ficção, no espaço sideral. O ecrã-cinema é, para o entrevistado 9, esse ecrã que permite essa viagem pelo espaço sideral da fantasia, e até da esperança, onde tudo pode acontecer: “o cinema é aquela parte da fantasia, da esperança, quando nós nos desligamos do mundo e entramos numa ficção”. Essa diferença intensifica-se mais ainda quando se pede para comparar o ecrã-tv e o ecrã-internet. Como sugere a Entrevistada 6, a Internet é “o azul do céu, porque aquilo é um infinito de tanta coisa. É como o céu...”. Este deslumbramento com o infinito celestial e azul da Internet, remete para o sonho, para o leve esvoaçar da mente, por clusters de infinitos nós de ligação. Ora, as coisas infinitas fogem do controlo, da previsibilidade, do concreto e até da imaginação. É esse infinito de tanta coisa, esse desconhecido sideral, que seduz quem lá mergulha, quem lá navega, quem por lá sonha.

Não obstante as diferenças de perspetiva, nos dois tipos de ecrãs circulam os valores do mundo finito, e os ecos da infinidade universal. Palavras como “*trabalhar*” (6 frequências), “*corrupção*” (6 frequências), “*dinheiro*” (5 frequências), “*informação*”, “*união*”, “*culpa*”, “*justiça*” ou “*imaginação*” (4 frequências cada), são lanças nos processos de socialização ecrânica. Se aos ecrãs se pode apontar a culpa de muita dispersão e evasão, também é justo serem responsabilizados por socializarem os jovens em várias dimensões da vida social.

2.4. Impacto na Individuação de Arquétipos

2.4.1. Individuação arquetípica do herói: o herói plural VERSUS o herói romântico-barroco

De certo modo, todos os entrevistados revelam marcas arquetípicas. Não é apenas o facto de se estar em sociação monoecrânica ou em sociação hiperecrânica que faz com que existam ou não arquétipos a influenciar. A questão é que com diferentes quantidades intensivas que jorram das ecranovisões, também o reflexo dos seus efeitos é diferente. E aí os arquétipos sofrem também dessas forças. Por isso, os jovens em sociação monoecrânica referem com mais frequência e intensidade que não têm grandes heróis de ecrã. Apenas referências pontuais e sobretudo estéticas, na atitude ou na capacidade de resolverem problemas:

P: qual a tua grande heroína? No ecrã?

Não tenho. Não tenho nenhum. (entrevistada 1)

Não tenho. Não sou muito dessas coisas, ligada a isso...referências talvez...a Angelina Jolie...pela habilidade, ação, genica...e é bonita (entrevistada 2)

Não tenho. Não ligo muito a isso. (entrevistada 8)

Pelo contrário, os jovens entrevistados em *sociação hiperecrânica* revelam mais propensão para considerarem a existência de heróis de ecrã na sua vida. Personagens da infância e do início da adolescência, sobretudo as personagens do tão afamado Dragon Ball (Songo Ku, Krilin, Vegeta, etc.) e de outras séries animadas como Pokémon, com os seus animais-criaturas (entrevistados 3, 7 e 9), os heróis das séries e dos filmes, como por exemplo Smallville, Sobrenatural e Gossip Girl (entrevistado 4), Senhor dos Anéis e Harry Potter (entrevistado 5), Pirata das Caraíbas (Entrevistado 7), Csi Miami, Mentos criminosas, Csi Las Vegas, Dexter ou Mentalista (Entrevistado 9), ou até mesmo de jogos de computador recentes, como o mundialmente famoso World of War Craft (Entrevistado 5) – todos estes revelam uma forte intensidade arquetípica.

Na fase da infância ou do início da adolescência, sem dúvida que os heróis dos desenhos animados orientais levam grande vantagem para a constituição do arquétipo de herói. Para estes entrevistados, o divertimento que lhes era proporcionado através dessas histórias e das suas personagens, o espírito, a coragem e a camaradagem dos heróis (Sobretudo do famoso Songoku), num mundo sempre próximo de ser destruído por um vilão, e pelo facto de serem vistos como possuidores de uma grande humildade mas ao mesmo tempo serem superdotados de capacidades extraordinárias, apelando fortemente à justiça, estabilizou e estruturou uma parte do arquétipo do herói. Sobretudo no período da infância e do início da adolescência, onde a humildade e a justiça são dois dos valores que mais emocionam o jovem/criança (Ariès, 1981).

Importa por isso, devido à quantidade de vezes que é citado o exemplo de Dragon Ball nos entrevistados, determo-nos, ainda que com um fôlego limitado, sobre a sua história.

A história de Dragon Ball é a história de um rapazinho, vindo do espaço ainda bebê, com um rabo de macaco que o torna diferente dos outros rapazinhos. Esse rapazinho chama-se Son Goku.

Son Goku embate contra o planeta terra, numa pequena cápsula extraterrestre, ainda bebê. É encontrado por um mestre de artes marciais, que o batiza. Esse mestre, tal como um pai, cuida dele e transmite-lhe uma educação regrada, baseada em valores como a humildade, a honra, a justiça e a bondade.

O jovem Son Goku vai crescendo, obediente e amigo da natureza, justo e sonhador, alegre e ansioso por aprender. Demonstra capacidades excepcionais de aprendizagem nas artes marciais. Conhece outras personagens e torna-se um bom e fiel amigo.

O tempo vai passando e os episódios desta história vão opondo constantemente o bem contra o mal, o justo contra o desonesto, o herói contra o vilão. Son Goku personifica o herói, e os vilões, de todas as formas e feitios, sucedem-se.

À medida que Son Goku cresce, torna-se também mais forte. Cada luta e cada torneio fazem dele um ser humano melhor e mais forte. Por outras palavras, parece que o criador da sua história tenta demonstrar a importância de uma educação regrada, bem orientada, para formar um cidadão justo e humilde, sempre com vontade de aprender mais. Ao vermos os episódios de Dragon Ball, dificilmente se torna possível o afastamento desta matriz: a educação como o pilar chave para a cidadania e para o desenvolvimento pessoal e social sustentável.

Son Goku representa deste modo o arquétipo de herói: é justo, humilde, corajoso, lutador, bem disposto, otimista, confiante. Quantas mais batalhas passam por ele, mais o arquétipo de herói se inscreve nele próprio. E quanto mais ele evolui como lutador, maior é a necessidade de procurar conhecimentos e técnicas para melhorar e se aperfeiçoar. De mestre em mestre, de Deus em Deus, de metamorfose em metamorfose, de fusão em fusão, Son Goku não cessa. A este propósito, reflete a humanidade. Evolui, muta-se, funde-se, mas sempre com ânsia de mais e mais conhecimento.

Felizmente para todo aquele universo, os arquétipos destrutivos nunca tomam posse do seu espírito. É sempre o do super-herói que acompanha as suas jornadas, as suas aventuras. Os valores fortes e bondosos nunca, nem por um instante, o largam. A sua coerência interna é, nas palavras do entrevistado 9, comovente, e mesmo nas horas onde tudo parece perdido, onde a humanidade parece derrotada por um vilão qualquer, eis que a

sua força interior, o seu Ki na terminologia budista, renasce como uma fénix para ser capaz de derrotar mil vilões.

O assinalável de tudo isto é que Dragon Ball usa uma sociologia muito ao estilo de Durkheim. A ideia de Durkheim, de que existe uma espécie de «divino social» que nos permite viver em conjunto, numa harmonia conflituosa, está sempre presente. Aliás, num dos episódios, em português intitulado de “*A Força Suprema*”, depois de Son Goku lutar corajosamente contra um vilão (Broly), e de estar quase a morrer graças à espantosa força desse, os amigos de Son Goku ajudam e impedem que Broly o destrua. Entretanto, enquanto os amigos lutam e distraem Broly, Son Goku evoca um poder celestial: o tal poder designando de supremo. Este poder supremo é um truque que lhe foi ensinado por um mestre-deus (Kay), que lhe permite reunir a força da humanidade. Árvores, flores, animais, pessoas, rios, sol, vento, tudo se reúne para formar uma energia cósmica, uma energia divina, um «divino social» que lhe permite destruir o seu oponente. É precisamente esta crença no social, no «divino social» segundo as palavras de Durkheim, a responsável pelas grandes vitórias de Son Goku contra o mal. A ecranovisão sobre este herói passa constantemente esta ideia.

Porém, não é só a ideia de divino social que se encontra presente. Também, a nosso ver, a ideia de «impulso vital», algo que o filósofo Bergson muito desenvolveu. Quando por exemplo Son Goku sobrevive nos derradeiros ataques dos vilões. Mas também está presente a *fusão integradora*, uma ideia próxima de Norbert Elias, sobretudo quando Son Goku se funde com um dos seus amigos para se tornarem mais fortes (também aqui muita influência taoísta); ou quando se transforma em superguerreiro, uma espécie de individuação junguiana, que funde arquétipo, energia e potência interior num só.

Em suma, o seu criador, Akira Toriyama, nos seus exageros animados, não exagerou assim tanto quanto parece, na substância, para conseguir este êxito global e a inscrição do arquétipo deste herói nos jovens. Numa fusão entre os seus conhecimentos, imaginação e intuição, esboçou uma exacerbação do sociológico na ação humana. É verdade que o exagero é característico em Dragon Ball, mas é um exagero com um certo fundamento teórico, sobretudo a ideia de holismo, baseada numa espécie de sociologia do imaginário mas em forma de animação. E até lança um grande desafio subliminar: Deus supera o homem ou o homem supera Deus? Dá a sensação que Akira Toriyama pretende responder à questão: Son Goku e o divino social superam Deus!

É este eco que emana das expressões dos entrevistados quando se referem a Dragon Ball. Humano e supernatural, como sugerem os entrevistados 7 e 9:

P: Porque é que gostavas então do Dragon Ball, na altura?

Não sei...era o que se via mais...eram as imagens e as histórias eram giras. (entrevistado 7)

O espírito que ele tinha (Son Goku)...aquela camaradagem que ele tinha com os amigos...coragem...justiça, humildade...e o facto de ser uma pessoa supernatural...com poderes... (entrevistado 9)

Já na fase mais recente dos jovens em sociação hiperecrânica, estes referem-se antes a heróis de séries, de filmes e até de jogos. Nas séries, temos duas grandes formas de heróis a criar ressonância: o herói *cientista-polícia*, um misto de intelectual racional com intuitivo-ativo (*Ossos, CSI Las Vegas, Mentos criminosas, Mentalista*, etc.); e o *herói-vizinho*, um igual entre nós, mas que vive num mundo grotesco e fantástico com o qual tem que lidar (*Dexter, Sobrenatural, Heroes, Inadaptados, Gossip Girl*, etc.) Mesmo até a nova versão do super-homem, em *Smallville*, embora mostre já os poderes daquele que será um dos heróis mais idolatrados pela humanidade recente (*Superman*), revela nesta série o seu lado ainda adolescente e humano.

Nos filmes, séries e jogos citados, temos também dois tipos: o *herói grotesco*, que vive numa atmosfera que puxa para baixo, não para o divino mas para o monstruoso, para a cavidade ou para as profundezas do ser não perfeito (*O Senhor dos Anéis, Shrek, Harry Potter, The Hollow Man, Batman*, o jogo onde as criaturas são heróis - *World of Warcraft*); e, novamente, o *herói-vizinho*, comum, normal, das histórias verídicas (*4º Grau, 127 horas, Mentiras e Gordas, Cidade de Deus, Million Dollar Baby*, etc.).

Sobretudo nos jovens entrevistados com *sociação biocrânica e hiperecrânica*, são então quatro as grandes formas do arquétipo de herói que se encontram presentes nas suas ecrãnovisões: o que está exemplificado na figura de Son Goku, dentro da conceção mais romântica de herói, portanto o *super-herói* amigo, justo, humilde, corajoso, lutador, bem disposto, otimista, confiante (é também graças à individuação deste arquétipo que reina nestes a atmosfera otimista que descrevemos atrás nos hiperecrânicos); o *cientista-polícia*, intelectual, racional, científico, mas que entra em cooperação com o intuitivo, sensitivo e emocional; o *herói vizinho*, um igual entre nós que, por alguma razão, mergulhou ou num mundo grotesco e fantástico, ou então quer apenas viver a sua vida real e tentar fazer, dentro dessa normalidade, algo de importante não para o mundo inteiro mas antes para os que o rodeiam; e por último o *herói grotesco*, aquele que não é o ser perfeito, que tem algumas virtudes e alguns defeitos, que é muito menos estético do que os heróis habituais, habitualmente solitário ou que vive no subterrâneo ou na gruta; em suma, que está contra quase todos os argumentos estéticos e de atitude do herói romântico-barroco, e que aponta não para o divino mas antes para a cavidade.

Entre o ver e olhar, estes traços combinam-se e sintetizam-se em ecranovisões nos jovens entrevistados. Esta combinação improvável de traços pluraliza, complementa, leva à diferimitação, e na libertação do *Self* permite a constituição de caminhos arquétipos mais (re)combinados e alternativos, onde uns se deixam seduzir mais por um tipo ou por vários em simultâneo como no caso do entrevistado 9, que refere gostar mais “da parte mental...a parte deles traçarem perfis criminosos...gosto mesmo” (herói cientista-polícia), outros optam mais pelo tipo do *Herói-vizinho* “Mystery Guitar Man. Ele usa instrumentos para imitar a música, e faz vídeos em Stop Motion” (Entrevistado 5), e outros por algo mais grotesco, “uma coisa diferente...Pirata das Caraibas...impressionante” (entrevistado 7).

Ora, nos jovens é esta a pluralidade de formas que caracteriza o arquétipo do herói na forma de sociação hiperecrânica: plural, global e local ao mesmo tempo, humana e super-humana em simultâneo, imperfeita mas cheia de virtudes. Esta é uma individuação arquétipa sobretudo imposta pelas ecranovisões. Porque em sociação hiperecrânica, o olhar obriga a associar, muito mais do que a repetir sequencialmente (ver letradamente). Ora, ligar e associar imagens não significa fazer sentido de acordo com o sentido letrado, estruturado, mas sim de acordo com um sentido mais sinestésico (corpo-mente). É por isso que estamos numa fase onde sem dúvida existem demasiados meios sem fins (Sloterdijk), mas também uma maior pluralidade de caminhos, onde só a subjetividade da relação sinestésica pode permitir a ligação interna. Há muita significação subjetiva. Individua-se mais esta lógica de fazer imagens e ligá-las subjetivamente do que se faz propriamente sentidos coletivos, e essa lógica passou para a nossa forma de viver o mundo.

De uma forma diferente, nos adultos entrevistados, encontramos um tipo de arquétipo de herói mais homogéneo: chamamos-lhe o herói *romântico-barroco*. Os exemplos citados pelos entrevistados são vários: *Michael Knight (o justiceiro)*, *Macgyver*, *Rambo*, *Bell and Sebastian*, *Dartação*, *Zorro*, *Guilherme Tell*, a traquinas mas doce *Pipi das Meias Altas*, etc. Todos estes exemplos apontam para a luz, para um certo divino e imaculado, onde o mal será vencido pelo bem celestial. E está também aqui muito presente, ainda que as gerações sejam bastante distantes (vinte anos de distância média em idades), precisamente porque detém esta marca romântico-barroca, a série *Dragon Ball*. Através das entrevistas aos adultos, percebe-se que já na altura os arquétipos do herói seguiam a via que tomaram atualmente, pois já existia uma certa presença do herói ação-ciência e herói-grotesco (presente em séries como *Era uma vez no Espaço*, o próprio *Macgyver*, o filme *Odisseia no Espaço*, a crescente força grotesca de *Batman*, de *ET*, etc.). Mas era ainda tudo muito incipiente. Tal como afirma a entrevistada 15: “Hoje é tudo muito mais esquisito, mais

estrambólico, sem forma definida. Os heróis são um pouco estranhos e alguns muito pouco infantis comparados com a minha época”. Portanto, aos olhos do arquétipo que reinava na época infantil e adolescente dos adultos, esta estranheza causa um certo desassossego e imprevisibilidade.

Então, sobretudo nos monoecrânicos adultos, encontramos apenas um tipo de arquétipo de herói privilegiado: o sonhador, justo, perfeito, iluminado, imaculado, bondoso e a superar o humano (o herói *romântico-barroco*). Nos hiperecrânicos adultos, nota-se uma convivência um pouco mais pacífica com outras formas de arquétipos, embora as marcas mais profundas sejam provocadas por esse mesmo tipo de herói: “O He-Man, era um herói perfeito. Bondoso, justo, amigo, simpático, abençoado por superpoderes mágicos e concentrados na sua espada.” (Entrevistado 13).

Importa por isso acrescentar, relacionando os ecrãs às gerações e as gerações aos ecrãs, que existem mútuas influências entre os tais quatro turnos evolutivos no Ocidente. A esses quatro turnos, correspondem realmente diferenças arquetípicas que marcam as diferentes ecranovisões e as diferentes gerações, tal como referimos anteriormente. Na geração dos *Baby Boomers* (os adultos aqui entrevistados), marcada pelo arquétipo do profeta, os ecrãs foram realmente marcados por lógicas mais de génese idealista, com visões ideológicas para a sociedade. Os filmes contra ou a favor dos regimes, êxitos da altura, são disso bons exemplos - *Casablanca* (1943); *Mission to Moscow* e *Song of Rússia* (1947).

Quadro 50. Os quatro turnos arquétipos nas gerações (inspirado em Strauss e Howe, 1997)

arquétipos em 4 turnos ecrânicos	Baby boomers	Geração X	Geração Millenials/Y	Geração Z
	<p>Profeta (1943–1960) 52 – 74</p> <p>Idealista visão de sociedade objetivos coletivos</p>	<p>Nómada (1961-1980) 51 – 32</p> <p>Solitários sem destino</p> <p>Aventura</p> <p>Desconhecido</p> <p>Novos comportamentos dúvida existencial Embriões de heróis Geração flower power</p>	<p>Herói (1980-2004) 31- 8 anos outras soluções (políticas, sociais e filosóficas)</p> <p>honestos para o equilíbrio</p> <p>Altruístas</p> <p>Generosos comunitária</p> <p>Ingénuos o caminho da individuação</p> <p>Individualização</p> <p>Solitário para mudar o mundo</p> <p>Processo de autoconhecimento</p> <p>Protagonistas reestabelecer equilíbrio</p> <p>Reconhecer a imperfeição</p> <p>Intuitivo</p>	<p>Artista nascidos desde 2005 até 7 anos</p> <p>Intuitivos</p> <p>Criadores</p> <p>Inovadores</p> <p>Inspiração vida como obra de arte</p>
Ecrãs	Ecrã-Cinema	Ecrã-Cinema	Ecrã-Cinema	Ecrã-cinema
	<p>filmes contra regimes um mundo melhor</p> <p>"Casablanca" "Mission to Moscow" e Song of Russia</p> <p>"O Mundo a seus Pés" "It's a wonderful life"</p>	<p>O Tubarão - 1977</p> <p>Guerra das Estrelas - 75</p> <p>Aventuras - Blaide Runner</p> <p>mundos desconhecidos</p> <p>2001 - Odisseia no Espaço</p>	<p>Grandes blockbusters de heróis</p> <p>Homem-aranha Super-Man</p> <p>Heróis de vários feitos</p> <p>Heróis com defeitos</p>	<p>vida como arte:</p> <p>Mamma Mia Pirata das Caraibas</p> <p>Harry Potter Madagáscar</p>
		Ecrã-TV	Ecrã-TV	Ecrã-TV
		<p>Séries de ficção científica</p> <p>Woodstock</p> <p>Homem na lua 1967</p> <p>Transmissões de futebol</p>	<p>Séries de Heróis</p> <p>O Justiceiro</p> <p>Macgyver</p> <p>He-Man</p> <p>Dragon Ball</p> <p>Oliver e Benji</p> <p>Ecrã-Internet: Email</p> <p>Partilha de ficheiros</p> <p>lógica do instantâneo e imediato</p> <p>Redes Sociais – caminho individual mas comunitário e com reflexo nos outros; mais integração opostos</p> <p>Ecrãs-intuitivos herói chega a casa cooperação no caminho</p>	<p>Séries de artistas-herói:</p> <p>Dr. House</p> <p>Mentalista</p> <p>Dexter</p> <p>Lie to me</p> <p>CSI – Miami</p> <p>Ecrã-Internet: Criação interativa</p> <p>Subjetivo</p> <p>Conectivismo</p> <p>Comutação</p> <p>Seletivismo</p> <p>Autodidatismo</p> <p>Ansiedade pelo imediatismo</p> <p>Esgazeamento</p>

Uma lógica semelhante aconteceu com as gerações subsequentes. A geração X (1961-1980) é marcada por um tempo onde nos ecrãs o nomadismo aventureiro e em busca do desconhecido era o mais comum. Ecranovisões como um mundo oculto, por exemplo do grande *Tubarão* (1977), a vida para além da lua em *A Guerra das Estrelas* (1975), e os encontros aventureiros com o desconhecido (*Blaide Runner* e *2001: Odisseia no Espaço*) foram grandes sucessos que marcaram as ekranovisões do nómada no cinema. Na Televisão, esta geração assistia a ekranovisões baseadas também em ficção científica e a novos lazeres, comportamentos, descobertas e acontecimentos - o primeiro homem na lua, o *Woodstock* e a lógica do *Flower Power*, bem como toda um conjunto de outras ekranovisões lúdicas, como por exemplo as primeiras grandes transmissões televisivas dos campeonatos mundiais de futebol.

A geração Millenials ou Y (1980-2004), portanto os jovens aqui analisados, nasce precisamente aquando do nascimento do computador. Marcada pelo arquétipo de herói, esta geração vê-se acompanhada no ecrã por uma explosão ecrânica de heróis, seja no ecrã-cinema, seja no ecrã-tv. Mas é no ecrã-internet que nasce uma plataforma que é propícia para permitir o *ecranocaminho* ao herói vizinho e comum: as redes sociais são as plataformas pós-modernas que permitem esse caminho do crescimento e da individuação, lugar onde cada um, de forma individual mas com a ajuda e com o reflexo de muitos outros, pode crescer, rir e sofrer, integrar os opostos, chocar contra a multiplicidade de caminhos e de escolhas, de várias possibilidades. Perante um herói menos perfeito, menos romântico, menos barroco, portanto mais grotesco e mais artista tal como a geração que se segue (a do artista – geração Z), a sua casa é um mundo interligado por ecrãs.

2.4.2. Arquétipo do ecologista como resposta ao imaginário do ciborgue e às ameaças planetárias

Ao nível das grandes preocupações evocadas, encontramos diferenças consideráveis entre monoecrânicos e hiperecrânicos jovens. E novamente com os biecrânicos numa posição intermédia, revelando essa mesma evidência de evolução.

Nos monoecrânicos jovens, facilmente se constata que as grandes preocupações globais são pouco mais do aquelas que a agenda mediática da Televisão impõe. Desemprego, crise financeira, tragédias, portanto aquilo que a comunicação vertical vai transmitindo em função do momento.

Exemplos:

Agora é só tragédias não é? Aquelas notícias sobre a Líbia. (entrevistado 1)

Na Líbia. O conflito. Em Portugal não tem tanto como na França, na Líbia. O desemprego... (entrevistado 2)

Como está o país... sei lá. As mortes que tem havido...as derrocadas...o desemprego. (Entrevistado 8)

Nos bicrânicos, para além dos temas suscitados pela verticalidade imposta pela Televisão, sobressaem ainda temas, graças aos já constantes usos do computador e da Internet, como a questão da privacidade, o risco nas redes, e até algumas referências à importância dos animais e da importância da sua preservação no planeta.

Exemplos:

Claro que não é a mesma coisa. Arrisca-se mais. As pessoas que normalmente falam na internet não tem a mesma capacidade para dizer as mesmas coisas pessoalmente...é por isso que eu pessoalmente não gosto de...mesmo mandar muitas mensagens...já tive esse tempo mas não mando muito. (Entrevistado 3)

na Internet apareceu mas foi de uns animais, sem pele. Não sei onde foi, mas alguém fez uma mensagem corrente com aquilo. Foram encontrados uns animais, cães, que foram enforcados e encontrados sem a pele. Acho que há pessoas que tratam muito mal os animais...eu a imagem nem consigo ver. Não gosto muito de ver...não gostava que fizessem isso aos meus animais... (entrevistada 6)

Sim, há violação de privacidade. Acho que aquilo [redes sociais] para os jovens...os jovens estão muito ligados àquilo para conhecer pessoas, e depois não sabem quem é que vão conhecer...as pessoas na Internet não são aquilo que uma pessoa julga...pessoalmente é diferente. Ainda ontem foi o dia da Internet, e eles estão a advertir as crianças para não se deixarem ir por aquilo que dizem, porque às vezes o que estão a dizer não é verdade. (entrevistado 10)

Por seu turno, os hiperecrânicos abrangem quer todos os temas evocados pelos dois grupos anteriores, como salientam ainda outras preocupações que lhes chegam através dos vários tipos de ecrãs: questões ambientais, ecológicas e da natureza, a questão da posição do homem no Universo (a possibilidade de extraterrestres) e, também, a importância da informação para a formação da consciência individual e social.

Exemplos:

Preocupa. Muito. Porque é assim: pelo que eu vejo o único planeta que tem condições para ter vida, nesta galáxia, é mesmo este. E da maneira que o homem está a trabalhar, tipo carros, tudo, guerras, não vejo maneira de o preservarmos. (Entrevistada 4)

É assim, acredito porque isto é muito grande para nós estarmos sozinhos. Só mesmo por isso. Não acredito neles [extraterrestres] verdes nem com antenas mas acredito numa vida para lá deste planeta. É muito grande para sermos só nós. (Entrevistada 4)

A ideia, ou o conceito, de que por exemplo a Comunicação Social é um único recurso à informação, e que tem um valor maior, não é a mais correta. Às vezes eles limitam muito. Ou seja, levam as pessoas por um caminho para criar aquela opinião à pessoa e depois torna-se muito difícil abrir horizontes e tentar ver outras vertentes da história. (Entrevistado 5)

Preocupa-me a nossa própria destruição. Nós estamos a caminhar para nos destruímos...a ganância é que leva a isso. (...) E não só. A crueldade com que eles tratam os animais...não sei se já viu eles a matarem animais? São imagens protegidas, só quem vê, é uma brutalidade. (Entrevistado 9)

Há relatos de pessoas que é assim, são tão precisos que não podem ser mentira...dados tão detalhados que é impossível serem inventados...há gente que já foi raptado por ETS. Se tem fundamento que não tem, não se sabe... (Entrevistado 9)

Tabela 51 – Preocupações evocadas pelos jovens entrevistados

Preocupações	monoecrânico	biocrânico	hiperecrânico
Desemprego	Entrevistados 1, 2, 8	Entrevistados 3, 6, 7 e 10	Entrevistados 4, 5 e 9
Crise	1, 2 e 8	3, 6, 7 e 10	4 e 5
Tragédias	1, 2 e 8	3, 6, 7 e 10	4 e 9
Privacidade	0	3, 7 e 10	4, 5 e 9
Risco nas redes	0	3 e 10	4, 5 e 9
Animais	0	6	4 e 9
Ecologia/planeta/natureza	0	0	4 e 9
Informação	0	0	4, 5 e 9
Vida extraterrestre	0	0	4 e 9

Estas diferenças acontecem precisamente pela influência provocada pelos diferentes tipos de conteúdo que passam nos diferentes tipos de ecrãs. Filmes, documentários, vídeos e informações que circulam na Internet são, segundo os entrevistados, os grandes responsáveis pela maior abrangência de preocupações por parte dos que estão em sociação hiperecrânica (mais horas de ecranovisionamento, mais tipos de ecrãs usados e maior intensidade ecrânica), face aos monoecrânicos. Esta hiper utilização gera, porventura, um volume maior de informações e de temas, suscitando individual e diferentemente, conexões e adesões motivacionais mais individualizadas e horizontais, constituindo assim tribos de interesses.

Exemplo 8 – Ecranovisões como produtoras de ondas sociais: o caso da onda em Palo Alto

A experiência verídica do Nazismo em Palo Alto: consequências de ecranovisões

Feito para a televisão em 1979, e realizado recentemente em 2011 para o cinema, “A Onda” (The Wave) foi um filme baseado num acontecimento verídico ocorrido numa escola secundária em Palo Alto, no Estado da Califórnia, em 1967. Antes de virar filme, foi romanceado por Todd Strasser com o mesmo nome (The Wave). O acontecimento envolveu um professor de história, de nome Burt Ross, no livro e no filme, que explicava a atmosfera que se vivia na Alemanha em 1930. Este professor mostrou um vídeo do Holocausto, deixando os alunos perplexos e com demasiadas dúvidas e ressonâncias. Uma das principais questões dos alunos visava perceber como é que apenas 10% da população Alemã convenceu as restantes 90% a aderir ao movimento nazi, ou pelo menos a pactuar com esse movimento.

Então, para explicar isso, Burt Ross desenvolveu uma experiência. Quis mostrar na sala de aula como reproduzir algumas formas de organização Nazi: *disciplina, comunidade e ação coletiva* eram as três grandes máximas evocadas. Ross leva ao extremo a experiência, criando um símbolo, tornando-se líder e até excluindo os alunos, sobretudo dois alunos que não se reviam na forma de estar do grupo. Em cerca de duas semanas, mais de metade do liceu estava na onda. Os seus membros seguiam cegamente os seus preceitos, obedeciam inequivocamente ao líder, reproduziam os valores internos e impunham, muitas vezes à lei da força e da violência, o seu modelo aos

restantes colegas de liceu. Dá-se então nesse liceu uma grande onda de fanatismo, até que um casal de alunos, mais consciente e lúcido dos efeitos daquela onda, percebe que o professor perdeu o controlo da experiência. Para evitar males maiores, o professor Ross é forçado a desmascarar a ideologia que estava por detrás dessa 'onda', revelando no final, através de um ecrã de televisão, para a multidão de jovens que se foram juntando à 'onda', que o grande líder era, nem mais nem menos, do que Hitler.

Analisando agora o impacto desta experiência, é possível constatar o seguinte: tudo começou com uma ecranovisão que impressionou – o vídeo do Holocausto. Essa gerou uma necessidade enorme nos alunos em tentar compreender o fenómeno. Gerou nos alunos curiosidade e vontade de perceber o porquê de tanto horror. Neste sentido, uma ecranovisão está sempre sujeita às nuances das ondas sociais, pois também se efetiva, com certas variações, em impactos, potências e direções. Através da análise ao seu comportamento em forma de onda social, pode revelar-se de forma mais objetiva o poder de uma ecranovisão. Tal como é descrito por Todd Strasser, em *The Wave*, o horror gerado pela ecranovisão do holocausto gerou um impacto brutal nos alunos do professor Burt Ross. Foi assim que a ecranovisão, em permanente ressonância e eco em grupo: teve um impacto que se tornou forte (para a formação da onda, imitaram mais do que diferiram face ao comportamento dos nazis); gerou uma potência que se efetivou nos alunos, ao criar uma forma de sociação (estar, pensar e agir) baseada no seguidismo do líder e na perseguição face aos indivíduos que não concordavam com a filosofia daquela onda criada em duas semanas; e orientou a direção da reprodução dos valores durante aquelas duas semanas.

Aliás, é precisamente através de uma ação com o objetivo de criar uma onda social contrária, com impacto contrário, que o professor de história age para finalizar com a perigosa onda que ele próprio tinha criado: também através de uma ecranovisão, mostra aos alunos que o seu líder internacional era Hitler. Em perfeita sintonia e de imediato, a maioria dos alunos percebeu que era absolutamente necessário atingir o resultado oposto: diferenciar a todo o custo do comportamento Nazi; criar formas de sociação completamente contrárias (e não o seguidismo cego ao líder e a perseguição, mas sim aceitar a pluralidade de ideias e de liberdades); e orientar a reprodução de valores no sentido contrário ao da onda. Foi assim que essa experiência aterradora ficou por aí encerrada. Portanto, uma ecranovisão começou a onda, e uma outra a encerrou. E foi assim, através da ressonância gerada pelo seu eco, que uma ecranovisão possibilitou responder a uma grande questão: como é que 10% da população controlou os restantes 90%? Através das forças *disciplina, comunidade e ação organizada*. É assim que, na maioria das vezes, o mundo é imposto e controlado.

Contudo, e ainda na continuação da análise às preocupações ecologistas, há também uma outra questão que importa ser levantada. A proximidade à natureza e aos elementos naturais (planeta, animais, ameaças interplanetárias, aquecimento global, etc.) é também o resultado de uma ressonância gerada pela emancipação da tecnologia, ou de algumas «background assumptions» (Alvin Gouldner, 1970), impostas ou geradas subliminarmente por certas ecranovisões. O arquétipo exacerbado do ciborgue, ou das suas variações para uma lógica que levam à ideia de pós-humano, e que ameaçam de certa forma as formas tradicionais de comunicação e humanidade, de divisão do corpo e da alma, geram, sobretudo nos hiperecrânicos, um movimento no sentido contrário. É um movimento em direção à importância do corpo, mais sensível à ideia de perdermos os nossos corpos na era da eletrónica. Aliás, aproveitando a sugestão de Kerckhove (1997: 239-240), está no ar uma

maior necessidade de integridade orgânica, o que nos leva a uma necessidade de maior ecologia e de maior integração da tecnologia na nossa organicidade. Seguimos novamente em direção à natureza, em caminhadas, em corridas, em passeios e trilhos naturais, em preservação e culto ao passado e ao natural, só que desta vez quase sempre acompanhados de instrumentos de registo ecrânico, que, por um lado, conferem organicidade ao ecrã, e que, por outro, dele recebem as suas extensões - caminhadas com a câmara fotográfica; corridas a receber e a gerar dados, para Facebook, através de sistemas GPS ligados a telemóveis Apple ou Android, como o exemplo do *Endomondo*; passeios acompanhados ecrânicamente e aptos para a atuação da câmara de filmar; etc. Assim, ao horror provocado pela hegemonia atmosférica da eletrónica, das tecnologias psicossociológicas, da ideia de que estas nos transformariam em extensões delas próprias, corresponde-se com a sua inclusão nas viagens, na psicologia, no comportamento, em suma, nas atividades orgânicas.

É verdade que o imaginário do ciborgue é o resultado de um sedutor eco ecrânico protagonizado pelo filme, retratando o ser aperfeiçoado e fomentando o culto da performance, da ausência de desperdício energético e de um desempenho mais eficiente. Como sugere Grugier (2003: 227), “O imaginário do ciborgue é um condensado do imaginário americano, obcecado pelo culto da performance, mas é também o produto de uma separação maquínica do mundo entre os bons e os maus, o bem e o mal”. De certa forma, o ciborgue é a individuação do projeto moderno, que visa dotar os indivíduos de maiores capacidades preformantes. Porém, comporta nele todo um ambiente pós-humano, causando sempre uma impressão artificial e maquínica, que não seduz completamente o humano. Perante uma sensação agridoce gerada pela fusão entre orgânico e inorgânico, tende-se a optar por uma grande dose de natural. Consequentemente, transferimos também para a técnica mais elementos de ordem orgânica, e por isso mesmo as respostas na fusão entre orgânico e inorgânico, como pretendem preservar o natural e de certa forma o biológico, tendem a ser mais de génese (eco)tecnológica.

Já entre os adultos entrevistados, não encontramos nesta questão grandes diferenças entre monoecrânicos e hiperecrânicos, já que ambos revelam uma preocupação ecológica e ambiental que lhes chega e nasce também muito a partir do ecrã, sobretudo do *ecodocumentário* ou da *econotícia*. A entrevistada 14 (monoecrânica) cita como uma das principais preocupações o aquecimento global, sugerindo como ecranovisão “o gelo a derreter, animais a ficarem extintos...os ursos polares abandonados...em cima do gelo”. De um modo semelhante, o entrevistado 19 fala também do filme 2012, e da sua capacidade em fazer refletir sobre a nossa posição no mundo. Tal como este sugere: “É uma coisa que

me preocupa. Olha, o meu receio é que o planeta se torne inabitável. Falta de água, descontrolo de temperaturas, poluição, excesso de população”. Na mesma linha, está o entrevistado 17 (biocrânico), quando recorda o documentário do Al Gore: “É preocupante. A ideia que realmente não nos preocupamos. Os alertas têm sido feitos e nós continuamos a ignorar”. Vemos por aqui o arquétipo ecologista a ganhar força, sobretudo porque sente no terror da destruição planetária a ameaça à vida humana e natural.

O mesmo se constata quando se fala na crescente hegemonia dos processos maquínicos, e em todo o tipo de ameaças à forma de vida humana ou ao planeta. A crescente centralidade da tecnologia na ação humana consegue sempre retirar alguns arrepios, como por exemplo: “Ui, a evolução das coisas é cada vez mais assustadora. Estamos a dar cabo do planeta. As máquinas estão cada vez mais perigosas, e a natureza é que paga. O homem anda a fazer lenha para se queimar” (Entrevistada 15). Estas e outras ecranovisões arquetípicas geram a sensação de impotência e de terror na consciência, mas são sempre guias do discurso e da intensidade emocional.

Exemplo 9 – A Ecranovisão do Terror no Século XXI

Uma das ecranovisões mais poderosas da história dos ecrãs, aconteceu em 2001: o 11 de Setembro. Esta é, de acordo com quase todos os entrevistados, a ecranovisão mais forte e mais presente na memória. Esta ecranovisão revelou-se o marcador de memória mais forte destas duas gerações analisadas, aquela que, portanto, escavou mais buracos na compreensão lógica do mundo. Quisemos, por isso, aprofundar qualitativamente esta ecranovisão em particular, para tentar perceber um pouco mais sobre as suas consequências psicossociológicas. Relembremo-nos sucintamente do caso.

Manhã de 11 de Setembro, de 2001. Passavam 46 minutos das oito horas da manhã quando em Nova Iorque um avião de passageiros embate numa das torres gémeas do edifício World Trade Center. O embate gera uma explosão violenta. O edifício fica em chamas. Os habitantes de Nova Iorque em primeiro lugar, e logo de seguida o mundo dos e nos ecrãs, ficaram surpreendidos e sem resposta para o sucedido. 17 minutos mais tarde, um outro avião de passageiros embate na outra torre gémea. Provoca também uma grande explosão e igualmente coloca o edifício em chamas. Depois desse cenário cada vez mais estranho, passados 34 minutos, um outro avião atinge o pentágono. E às 10 horas e 3 minutos, portanto 26 minutos depois do terceiro, um quarto avião cai perto de Shanksville, Pensilvânia.

Viveram-se várias dimensões de terror. Uma delas foi o acontecimento em si mesmo. O embate. A explosão. O barulho terrível a perturbar a ordem que cá em baixo se desenrolava. Uma verdadeira (des)estabilização do quotidiano de Nova Iorque, do quotidiano americano, do quotidiano do mundo. O improvável aconteceu. Um avião normalmente ultra seguro bate contra um edifício. Avião/betão, pessoas/explosão, carne/fogo, vidros/fumo, gritos/pânico/desordem.

Porém, uma outra dimensão de terror seguiu-se. O terror da tradução. Tal como lembra Latour, é através da tradução “que o mundo se constrói e se desconstrói, se estabiliza ou se desestabiliza” (Corcuff, 1995: 71), traduzindo desse modo linguagens, problemas, identidades, interesses, motivações. E o terror da tradução do 11 de Setembro pode ser dividido em três fases: uma primeira que ocorreu no momento do embate do primeiro avião. Várias foram as dúvidas de

quem estava por perto. Que estrondo fora aquele? Que desconhecido se esconde por detrás de um estrondo tão violento? O que terá causado tamanha explosão violenta? Neste primeiro momento, nos instantes violentos que duraram apenas alguns segundos até que todos largassem o atordoamento do choque, viveu-se o primeiro terror – o terror da *ausência de tradução*. Uma segunda fase ocorreu durante os 17 minutos que passaram desde o primeiro embate até ao segundo. Foram 17 minutos sem respostas, sem conclusões. 17 minutos onde habitantes de Nova Iorque e habitantes dos ecrãs ficaram sem saber o que estavam a presenciar. Foi o terror da *incerteza de tradução*, da incerteza do que havia para traduzir. E uma terceira fase do terror da tradução, que acontece depois do segundo avião que embate nas Torres Gêmeas. Deixa de ser considerado o acaso para dar lugar ao atentado. Aqui ilumina-se sobre os objetivos por detrás do terror do acontecimento. A tradução do acontecimento como Jihad (guerra santa), guerra entre traduções religiosas e místicas diferentes que originam processos de desenvolvimento e de pensamento diferentes, gera o terror do *conhecimento da tradução*; o terceiro terror da tradução é a *consequência da ação da tradução*. A juntar aos cerca de 2996 mortos, terror de morte sem culpa, a tradução do acontecimento desponta um conjunto de ações que geram ainda mais terror, também premeditado, também ele a obedecer a um conjunto de traduções repletas de terror.

Ora, todo este terror alastrou-se pelo mundo, e foi sobretudo um alastramento que se baseou na tradução, sobretudo a tradução das quantidades intensivas originadas pelas ecranovisões do acontecimento. Mesmo para os habitantes de Nova Iorque, mesmo para os que presenciaram o acontecimento ao vivo, foi a tradução oferecida pela *visão sobre o ecrã* que mais permaneceu durante um longo período de tempo. E porquê? Porque só mesmo os ecrãs foram capazes de mostrar em simultâneo a atmosfera dos momentos, a divisão das perceções, a formação de ressonâncias e de ecos sobre o sucedido, e a propagação de quantidades intensivas capazes de suscitar e produzir arquétipos sociais, processos de socialização e de individuação sobre o acontecimento.

Os testemunhos⁴⁹ de duas vítimas (Joyce e Diane), sobreviventes da efeméride, elucidam-nos bem sobre os efeitos do 11 de Setembro. Ambos os trechos mostram o terror do acontecimento mas, sobretudo, as implicações das traduções das ecranovisões.

Joyce passa atualmente uma grande parte da semana em consultórios médicos. Com 51 anos de idade, sofre de stress pós-traumático, diagnosticado imediatamente depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001. "Sinto culpa cada vez que me rio". "Não sou nada da pessoa que era. Nada, nada", repete. "Não imaginam as saudades que sinto do que eu era. Agora, sinto culpa de cada vez que me rio..."; explica Joyce.

A vida de Diane Scharen, exatamente da mesma idade de Joyce, também mudou no mesmo dia. Secretária da administração de um grande banco de investimento, Diane viajava todos os dias às sete da manhã desde Middletown, New Jersey, até à estação do World Trade Center:

Naquela manhã, quando estava a sair da estação do comboio [por baixo das torres], passei por um polícia da Port Authority, um senhor já de cabelos brancos, que estava com um ar muito feliz e jovial. Eu sorri-lhe e ele disse-me qualquer coisa como "Tenha um dia excelente". Eu respondi "Que Deus o abençoe, e seguiu", lembra. "Mais tarde, quando a primeira torre ruiu, só me conseguia lembrar desse polícia. Rezei por ele. (Diane).

Quando falam sobre o acontecimento, ambas sentem as ressonâncias negativas que dele emanam. Como refere Rita Siza no seu artigo,

Quando estas duas mulheres lembram os acontecimentos de 11 de Setembro, o que impressiona é como os seus relatos são, ao mesmo tempo, tão vívidos e tão contidos. Como ao fim de cinco anos não há um detalhe que lhes escape. Como aguentam as suas emoções até ao fim das frases: as palavras vêm límpidas, mas os seus olhos estão cobertos de lágrimas; a voz não treme mas cada suspiro carrega um peso impossível de transpor para o texto.

⁴⁹ Estes trechos foram recolhidos numa entrevista do Público conduzida por Rita Siza, no dia 11-09-2006. Foi consultada em 19-09-2010, no endereço: <http://dossiers.publico.clix.pt/noticia.aspx?idCanal=1834&id=1269813>.

Mesmo que ambas tenham presenciado o acontecimento ao vivo, o sentido foi-lhes dado pelas ecranovisões. Foram sobretudo as ecranovisões que deram sentido ao acontecimento, reconstituindo-o como um todo de terror. É que nem Joyce nem Diane se aperceberam do embate do primeiro avião no World Trade Center:

O meu telefone tocou e era a minha irmã que vive na Florida e que nunca me liga para o emprego, a dizer: Ainda bem que estás bem. Eu não tinha ouvido o avião, mas percebi logo que havia alguma coisa errada. Ela contou-me que a CNN estava a dizer que tinha havido um acidente, que um avião tinha ido contra uma torre, e pouco depois ouvi um grande boooooo ao mesmo tempo que a minha irmã começou a gritar ao telefone. Percebi imediatamente que estávamos a ser atacados. (Joyce)

Diane, por seu turno, também não percebeu o que estava a acontecer. Ela estava a tirar fotocópias numa sala toda envidraçada do 17º piso quando foi surpreendida por milhares de papéis a voar pelo céu. Pensou:

que bizarro, uma parada a estas horas da manhã. Até que chegou alguém a dizer que um avião tinha acidentalmente voado contra uma das torres. Liguei ao meu marido, mas não havia telefones, não havia emails. Quando foi o segundo avião, o prédio estremeceu todo. Durante uns minutos ficamos a olhar uns para os outros sem conseguir sequer falar, sem perceber se devíamos fugir ou ficar.

Foi pois, posteriormente, o horror das ecranovisões que mais ficou cravado na memória de ambas. A tradução jornalística como ato terrorista, juntamente com o horror das imagens, despontou as ressonâncias e os ecos nestas duas vítimas, tal como no resto do mundo.

A tradução das quantidades intensivas que emanaram destas imagens ecrânicas constituiu a parte mais complexa, e também mais determinante, na influência sobre o mundo após o acontecimento. É que “A informação dispõe de uma energia potencial que pode ser imensa tanto para a ação como para o pensamento” (Morin, 1999: 28). Após o desabamento das torres, que segundo Baudrillard (2007: 14) “é o maior acontecimento simbólico”, são as imagens ecrânicas que tomam conta de toda a história daqueles momentos de terror, cravando-se na memória e permitindo assim a todos os telespectadores uma atmosfera próxima, simbólica e imaginária. Neste caso, como em muitos outros, a imagem passou a ocupar o acontecimento. Como referimos atrás, até para quem esteve no prédio, como Diana e Joyce, foi a imagem ecrânica que explicou o acontecimento. “Habitualmente, no nosso universo mediático, a imagem está no lugar do acontecimento. Substitui-o e o consumo da imagem esgota o acontecimento por procuração” (ibid.: 19).

Importa agora perguntar: que quantidades intensivas jorraram após tal atmosfera ecrânica? Numa busca aleatória de relatos sobre o 11 de Setembro, encontramos um blog⁵⁰ com um *post* denominado “O meu 11 de Setembro de 2001”. Foi um *post* colocado no dia 11 de Setembro de 2006, portanto cinco anos após o acontecimento. O *post* inicia com o seguinte parágrafo:

Saí agora do sofá da sala com uma das piores caras que tenho. Acabei de ver um documentário na RTP1 sobre o 11 de Setembro, “11/9 - O dia em que o mundo mudou. Não sei como consigo não deitar nenhuma lágrima, mas na verdade é que é impossível estas informações não mexerem connosco. Cada vez que vejo as imagens do acontecimento fico sempre com pele de galinha a engolir em seco.

De seguida, o autor deste *post* descreve o dia 11 de Setembro de 2001 da seguinte forma:

No dia 11 de Setembro de 2001 precisamente uns escassos minutos antes do segundo avião se despenhar na 2ª torre, liguei a televisão para fazer o último zapping antes de sair para a barragem para passar um dia de convívio com a família. Mas qual o meu espanto, que mal a imagem da televisão se tornara visível, vi logo uma notícia drástica! Era uma das torres gémeas a arder devido a um choque de um avião causado a poucos minutos! Eu, juntamente com os meus pais e irmã decidimos ficar só mais um pouco para ver como estava a situação, mas de repente, aparece outro avião na imagem da televisão e embate na outra torre. Pensamos em conjunto: “É outro avião! Não são imagens do primeiro! Que se passou?” Ainda pensei que fosse um tipo de avioneta que estava nas redondezas e com intuito de ter melhores informações sobre o que se passava tinha perdido o controle e foi contra a torre. Que ridícula a minha ideia! O pior estava para vir. Mas

⁵⁰ Blog disponível em <http://fiju.blogs.sapo.pt/17683.html>, consultado em 20/09/2010.

como nos estávamos a atrasar para a tarde em família, desligamos a televisão e foi a última vez que vi as Torres Gêmeas em edifício no mundo presente.

O autor deste *post* continuou a descrever o dia 11, referindo que:

Já na barragem, recebi uma mensagem de um amigo a dizer que estava tudo louco, e tinha chocado um terceiro avião, no Pentágono! Mas que notícia horrível! Mas continuei junto de todos e disse-lhes que o que se passava. Poucos minutos depois, recebia outra mensagem a dizer que uma Torre tinha desaparecido do mapa! Tinha desabado! Ficara desfeita num monte de escombros! Não queria acreditar e fui para o carro e liguei o rádio. Confirmei a notícia e todos ficámos chocados! Uns minutos mais tarde ouvi a notícia que o mesmo acontecia à outra Torre! Fiquei paralisada a ouvir tudo o que relatavam no rádio, imaginando a imagem de tudo aquilo! (...) Nunca antes tinha focado o meu interesse para imaginar ou ter ideia de qualquer coisa. (...) Já de noite, quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi ligar a televisão e ver que onde estavam as torres que tinha visto antes de ir, estavam agora apenas em escombros! Imagens que tinha elaborado na minha mente com os relatos do rádio, confirmara com as imagens gravadas na televisão. Quando vi pela primeira vez a repetição das imagens dos desabados das torres, fiquei paralisada e arrepiada! Nunca me esqueci daquele momento.

Este trecho é rico em detalhes sobre a influência das quantidades intensivas das imagens ecrânicas. Estamos precisamente a analisar algo que foi escrito em 2006 sobre um acontecimento de 2001, e, como podemos perceber, com uma precisão impressionante. Mostra-nos desde já um primeiro ponto: a força das ressonâncias e dos ecos provocadas pelo acontecimento ecrânico.

Um outro pormenor interessante prende-se também com a associação que o autor deste *post* faz entre o que ouvia e o que imaginava. Quando este internauta diz “Fiquei paralisada a ouvir tudo o que relatavam no rádio, imaginando a imagem de tudo aquilo!”, acaba por demonstrar como as primeiras imagens visionadas no ecrã foram determinantes para situar o cenário na imaginação, cenário que segundo o mesmo nunca se vai esquecer. Essas imagens mentais, elaboradas com ajuda do relato mas com as dinâmicas oferecidas pela imagem-tempo, imagem-movimento e imagem-ação transmitidas anteriormente pelo ecrã, confirmaram o terror vivido que dominaram as ecranovisões: “Imagens que tinha elaborado na minha mente com os relatos do rádio, confirmara com as imagens gravadas na televisão”.

A força das ecranovisões foi tanta para o autor que o levou, neste caso concreto e cinco anos depois, a afirmar que “Quando vi pela primeira vez a repetição das imagens dos desabados das torres, fiquei paralisada e arrepiada! Nunca me esqueci daquele momento.”

Vemos, portanto, um duplo efeito associado ao efeito das ecranovisões do 11 de Setembro. Por um lado, as ressonâncias internas provocadas despontaram no autor deste *post* um conjunto de marcas que continuam bem presentes. Essas marcas constituem hoje uma grande base do seu arquétipo de terror. Por outro lado, quando as ressonâncias saem em direção ao social e se transformam em ecos sociais, essas ecranovisões penetram pelas individuações e reconvertem-se em morais socializantes ou em socialidades quotidianas, como por exemplo esta apontada por um internauta que respondeu à pergunta «Que significado tem para ti o 11 de Setembro?»: “*Quem semeia vento, colhe tempestades*”⁵¹. Portanto, as traduções das quantidades intensivas provocadas pelas ecranovisões deambulam entre ressonâncias internas e ecos sociais, ou seja, entre individuações e socializações que se definem na cena social aquando da confrontação entre motivações, desejos, sentimentos e pensamentos.

Ssusana, uma outra internauta que respondeu ao *post* “O meu 11 de Setembro de 2001”, no dia 11 de Setembro de 2006 às 15:31, lembrava de um modo semelhante ao autor do *post* como o dia 11 lhe tinha ficado na memória, e como tinha sentido todo aquele drama: “Este dia para mim ficou muito marcado, pois sou uma pessoa que ao pensar nas coisas consigo “quase” imaginar o sofrimento daquelas pessoas que estavam naquelas intermináveis torres naquele dia...”. Quando Ssusana refere que consegue «quase» imaginar o sofrimento, tenta traduzir a dor e a intensidade

⁵¹ Esta resposta foi consultada na bateria de perguntas do Yahoo. A resposta em causa está em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070910141616AAPLdEU>, e foi consultada a 20/09/2010.

sofrida pelas vítimas, um dor que ela acaba por descrever, não sabemos se propositadamente ou não, com a qualidade de *interminável*. Talvez aqui a palavra interminável signifique a expressão de um outro internauta, denominado de *deMatos* (a 12 de Setembro de 2006 às 18:10), que afirma: “é sem duvida uma data que por mais anos que passem não se vai esquecer”.

Por outro lado, para um outro internauta que respondeu ao mesmo *post*, de nome *alcoreien* (a 14 de Setembro de 2006 às 01:44), a intensidade fora tanta que fez erguer o arquétipo do vingador. Para este, o 11 de Setembro foi “Um dia que marcou a humanidade. Porque aquilo não foi um ataque só aos americanos, foi um ataque à humanidade, e só queria que os verdadeiros culpados fossem encontrados e não os bodes expiatórios”. O arquétipo do vingador foi talvez um dos mais despontados por estas ecranovisões, sobretudo quando os jornalistas que acompanhavam a emissão disseram o que *alcoreien* memorizou:

Oh my god!, It seems like another plain hits the WTC. (...) This does not look like an accident anymore, this may be a terrorist attack”. Aliás, para muitos, a sede de vingança começa aqui, pois tal como lembra *alcoreien*, “Terrorismo? Acho que só comecei a ter noção da verdadeira amplitude da palavra nesse dia.

É muitas vezes no terrível que as quantidades intensivas penetram para as individuações. As ecranovisões do 11 de Setembro conseguiram entrar nesse terrível, nessa escuridão e negrume que legitima o aparecimento do sentimento de injustiça, de temor, de dor, de impotência. E o impacto está à vista em muitos comentários, tal como neste de *Pauxana* (a 15 de Setembro de 2006, às 11:27): “foi a tarde mais terrível da minha vida. Assisti em direto às imagens do segundo avião a embater nas torres, das pessoas que se atiraram, da escuridão, do negro até à horrível eclosão. Acho que nunca vou esquecer”.

Em suma, para uma grande maioria, este foi o maior acontecimento dos últimos anos, uma ecranovisão do terror que deixou o mundo perplexo e colado aos ecrãs. Entre o ver racional e o olhar maciço, uma imensidão de intensidades penetraram pela circum-visão do mundo, mostrando todo um conjunto de realidades que mostram a insegurança, a incerteza e a violência da vida. Ver e olhar confundiram-se, sonho e realidade misturaram-se, numa dança que hoje está numa das portas grandes do nosso inconsciente coletivo. Tal como *alcoreien* (a 14 de Setembro de 2006 às 01:44), o mundo inteiro sofreu, e ainda sofre, os ecos e as ressonâncias desta ecranovisão:

Fiquei todo o dia colada ao ecrã, a ver e rever as imagens, não conseguia acreditar. Não consegui mesmo! Nessa noite quase não dormir, pois as imagens e os sons das pessoas a caírem e a baterem no chão continuavam a vir à cabeça... E as imagens das torres a cair também...

Constatamos assim que, doravante, nas gerações mais marcadas pela intensidade do 11 de Setembro, e sobretudo nas gerações nascidas entre o dealbar da década de oitenta e os primeiros anos da década de noventa, e que no acontecimento estavam na transição psicológica da infância para a adolescência e, por isso, a marca tornar-se-á mais intensa, toda a associação psicossociológica ao terror e à tragédia coletiva terá esta ecranovisão como o maior dos fundos arquétipos, como pano de fundo. Tal como sugere o nosso *entrevistado 13*, o 11 de Setembro,

Foi um marco! Um marco na humanidade. A partir daí a sociedade nunca mais voltou a ser como era! Há mais medo. Aumentou a desconfiança entre países, e a partir daí a crise económica também estalou. Está tudo ligado! Os sintomas começaram aí. A luta pelas questões energéticas, as guerras, o mal estar, e por aí (entrevistado 13).

Na mente, a atmosfera libertada por esta ecranovisão remeterá sempre para um fundo coberto de explosão, de queda, de desmoronamento, de desabamento de pressupostos tidos como certos, de desconfiança pelas certezas. Um terror marcado por tudo aquilo que é imprevisível e precário no mundo. A partir daqui, nos indivíduos por esta afetados, consciente ou inconscientemente, o terror, quer seja vivido de forma individual quer seja vivido de forma coletiva, ligar-se-á psicologicamente ao estrondo do embate, à explosão surpresa, à queda, ao desmoronamento, ao desabamento: uma neblina de pó e fumo estará algures no inconsciente

individual e coletivo quando a sensação for de terror. Em 2001 aconteceu; em 2006 os relatos aqui demonstrados mostram a sua força em sublimação; e em 2012 os entrevistados revelam já a acomodação do acontecimento como sinal profundo e estável de medo e terror. É caso para afirmar: no momento, o acontecimento mediático vale sobretudo pela força violenta da atualidade; depois desse, passa a valer pela sua força em modo de ecranovisão, quer dizer, pela sua capacidade de se impor na consciência e nas contingências.

Síntese da Parte III – (O Poder Ecrânico)

Na Aprendizagem e no Pensamento

1. Detalhe e interesse VS evasão e lazer

Os hiperecrânicos jovens entrevistados revelaram ter mais a dizer sobre filmes, séries, interações no ecrã e outras ecranovisões. Isto explica-se porque vivem com uma forte intensidade e uma motivação acrescida todo o universo dos ecrãs. O detalhe e a sequência descritiva revela essa notoriedade na memória. Pelo contrário, os jovens em sociação monoecrânica revelaram que pouco tem a dizer sobre ecranovisões memorizadas, e que a motivação e o interesse são relativamente frouxos. a negação da força e do impacto das ecranovisões é uma constante. O ecrã aparece então, para estes últimos, mais como um lugar de passatempo, onde se presta pouca atenção e se memoriza muito pouco na memória primária (por predisposição própria) o que foi visionado mais recentemente.

2. Construir VS reproduzir

Os hiperecrânicos entrevistados, jovens ou adultos, usam com mais frequência os vários tipos de canais informativos (noticiários televisivos, jornais online, artigos informativos através das redes sociais digitais, etc.), e isso leva-os a construir também uma maior autonomia face à informação, permitindo-lhes uma relação mais de génese horizontal com o ecrã. Pelo contrário, os monoecrânicos entrevistados demonstram uma relação mais de génese vertical com a informação e com a opinião. Aquilo que evocam é aquilo que está na agenda mediática, o que no momento mais se instala na contingência coletiva. Os bicrânicos entrevistados, por seu turno, funcionam neste estudo como uma espécie de degrau intermédio entre os monoecrânicos e os hiperecrânicos, revelando neste caso concreto precisamente a necessidade de uma articulação permanente entre o ecrã-tv e o ecrã-Internet.

3. Atitude crítica e analítica VS passividade e linearidade

Sobre política e outros assuntos coletivos, à falta de interesse e até de argumentos demonstrada pelos jovens monoecrânicos, opõe-se um maior interesse e uma capacidade de detalhar certos pormenores discursivos e argumentativos, revelando maior capacidade crítica e analítica. Já nos jovens monoecrânicos entrevistados, tivemos alguma dificuldade em obter respostas sobre questões políticas ou assuntos de interesse geral. Encontramos pouco mais do que frases soltas, fragmentos que não mostram grande opinião construída. Apenas descrições muito simples e sem grandes capacidades reflexivas.

Entre os entrevistados adultos, não se encontram grandes diferenças neste tipo de comparações. Há apenas a assinalar o facto dos hiperecrânicos adultos revelarem algum distanciamento dos temas que se tornam mediáticos nos programas noticiosos da TV, ao contrário dos monoecrânicos. Estes últimos procuram explicar a atualidade através da informação que adquiriram através do telejornal, e isso leva-os a reproduzir argumentos sintetizados pelos blocos informativos.

Um outro dado importante de referir é o facto dos hiperecrânicos jovens revelarem também uma preocupação maior com argumentos baseados em alguma forma de investigação (histórica, judicial, política, etc.). A este respeito, são elucidativas as frequências de palavras relacionadas com termos técnicos ou de cariz científico, como “Documentário”, “pesquisa”, “facto(s)” ou “dados”. Há uma maior integração entre o discurso analista e o olhar sintético, intuitivo, sobre os assuntos. E também neste caso concreto, os bicrânicos revelam novamente uma posição intermédia, revelando assim a tendência crescente à medida que o uso de vários tipos de ecrãs, sobretudo na lógica horizontal, se torna maior. Pelo contrário, os jovens em sociação monoecrânica, com constantes negações mais deterministas e evasivas, com um maior número de estereótipos e opiniões mais do tipo geral, sem grande preocupação de relacionarem as afirmações com dados legitimados por algum tipo de credibilidade (científica, jurídica, jornalística, etc.), e com um nível mais acentuado de pausas discursivas (reticências), revelam menor capacidade argumentativa e de associação de ideias, posturas discursivas pouco analíticas, e fraca capacidade de sistematizar e ordenar as descrições. Também aqui os hiperecrânicos adultos revelarem uma preocupação maior com argumentos baseados em alguma forma de investigação (histórica, judicial, política, etc.), tal como os jovens hiperecrânicos.

4. Ecrã como local de aprendizagem conectivista e intuitiva VS ecrã como estímulo-resposta

Podemos dizer que todos os entrevistados, de uma forma geral, aceitam os ecrãs como lugares de aprendizagem. Só que uns (hiperecrânicos) consideram-no verdadeiramente um local de aprendizagens; outros (monoecrânicos) tendem a ignorar esse facto. Quer dizer, para os primeiros, numa lógica mais horizontal, as coisas aparecem mais soltas, mais abertas, onde é preciso agrupar, tentar, experimentar, criar, portanto empreender para obter conhecimento. Para os segundos, porque a relação tende a ser vertical, o processo é um misto de aprendizagem formal, tipo escola pois trata-se de uma entidade que informa e outra que recebe, com algo mais de génese casual e facultativo. Isto revela os hiperecrânicos dentro de um espírito mais de génese conectivista, onde se aprende e empreende por conexão, interação, intuição e autoconstrução, ao contrário dos monoecrânicos que se baseiam mais na lógica estímulo-resposta.

5. Rizoma e ansiedade pelo imediatismo VS linearidade e passividade

O conectivismo, privilegiando o olhar, constrói também, nos hiperecrânicos entrevistados, um outro tipo de epistemologia: o rizoma. Neste tipo epistemológico, não existem grandes raízes primordiais nem omnipresença da hierarquização na construção do conhecimento ou informação, e impera uma maior simultaneidade de princípios, de pontos que influenciam diferentes observações e conceptualizações. No entanto, a velocidade que o pensamento telerizomático suscita, tende a gerar uma postura demasiado ansiosa. Neste pensamento emaranhado, sob o desígnio da velocidade da luz, dá-se uma maior *ansiedade pelo imediatismo* que gera uma dificuldade maior de controlar impulsos e adiar recompensas. Esta busca incessante e ansiosa pelo imediatismo provoca um deficit no desenvolvimento da inteligência emocional. Pelo contrário, o monoecrânico, com uma lógica de pensamento mais imposta pela relação vertical que tem com os ecrãs, torna-se mais linear na reprodução de valores, ideias e sentimentos. Não é tão perturbado na capacidade de adiar recompensas e gerir impulsos, precisamente porque denota uma maior passividade e conformismo para com os estímulos e informações que lhe chegam do ecrã.

6. O império do pensamento icónico

Hiperecrânicos com maior quantidade de metáforas e alegorias usadas. Metáforas, imagens e sobretudo alegorias são algo de outro, neste caso concreto, algo que pertence aos conteúdos implícitos ou explícitos das ecranovisões. As alegorias e metáforas presentes nos discursos dos entrevistados significam que quanto mais se é influenciado pelos ecrãs, maior

e mais preponderante se torna o pensamento icónico e as imagens no discurso e na ação. Assim, nos hiperecrânicos, o ícone, tendencialmente azul, mostra a sua força: cultura mais de génese fria, feminina, baixa, espiritual e subjetiva. Pelo contrário, nos monoecrânicos, permanece o discurso menos icónico ou então com tons avermelhados: cultura mais de génese quente, masculina, alta, corporal e objetiva.

Na Memória

Dentro desta individuação do ecrã-memória, a tendência segue para se transferir para ecrãs e sistemas informáticos aquilo que no passado se tendia a memorizar. Assim, ao invés de usarmos o espaço da memória psíquica com informações detalhadas, estamos mais propensos a libertar espaço mental, substituindo conteúdos sequenciais por ícones mentais. Isso permite aumentar as capacidades de pensar em rizoma, conectar assuntos e pensamentos com base em ícones referenciais. Porém, empobrece a memória e cria uma maior dependência da tecnologia para aceder a conteúdos. As ecranovisões constituem uma forte base para a constituição desta mudança: como funcionam mentalmente como ícones que permitem gerar associações (emocionais, afetivas, racionais, lógicas, etc.), tornam-se *snapshots* que apontam sentidos e direções, prontos para gerarem associações, e emergem à consciência através daquilo que na contingência se sobre-expõe – é esta a base do pensamento icónico-rizomático. Por outro lado, ganha espaço uma filosofia mais baseada numa teorização sem memória teórica, ou então usando uma leviana, inconsistente e fragmentária conexão.

Na Socialização

1. Socializar mais, tribalizar mais, partilhar mais. Recuperar lógicas comunitárias

A socialização, a partilha, a constituição de pequenas tribos de interesses e gostos, a criação de novas relações e novas dinâmicas, contribuem para a intensificação de novas formas de pensar, sentir e agir, recuperando algumas lógicas comunitárias. O ecrã-rede permitiu a passagem de uma interação que tendia, com a televisão, para um *individualismo ecrânico*, para uma lógica baseada num maior *comunitarismo ecrânico*, de partilha e cooperação em redes telemáticas. E neste aspeto, os indivíduos em sociação hiperecrânica revelam maior ascendente, já que os monoecrânicos, através das suas lógicas relacionais com os ecrãs, demonstram uma ligação mais do tipo instrumental. Os hiperecrânicos entrevistados revelam uma adesão horizontal fortemente consumada, e entendem que não são apenas as pessoas

que estabelecem o elo de ligação. São também, e sobretudo, as várias possibilidades conferidas pelos ecrãs. Possibilidades de partilha, de socialização, de constituição de pequenas tribos de interesse, de gostos e motivações, de criação de novas relações e dinâmicas, de novas aprendizagens. São estas dinâmicas que aumentam os níveis de ligação entre indivíduos e ecrãs, uma individuação que os leva a harmonizar corpo, mente, objeto e interação. Este mesmo padrão é possível observar entre os entrevistados adultos. Já os monoecrânicos adultos também revelam, através das suas lógicas relacionais, uma tendência para relação do tipo instrumental com ecrãs.

2. Otimismo, vida e risco VS pessimismo, morte e distância

E se as lógicas comunitárias estão mais instaladas na sociação hiperecrânica, também o estilo e a postura se torna diferente, já que através da diferimitação tudo se ordena num plano que tenta superar a lógica que anteriormente se tornara hegemónica. Se em sociação monoecrânica (TV) é o terrível, o catastrófico, a tragédia e a morte que mais inflacionam, impressionam e influenciam, em sociação hiperecrânica é o otimismo e a vida que ganham dianteira: quanto maior o número de ecrãs usados, e por isso maior o número de escolhas de visionamento, menor é a presença, no discurso e na afeção, de ecranovisões associadas aos fatores negativos e pessimistas da existência humana. Isto não significa, ainda assim, que os hiperecrânicos estejam mais libertos dos riscos que emanam das suas ecranovisões do que os monoecrânicos. À velocidade da luz em rede, e no plano mais horizontal dos hiperecrânicos, os riscos são também maiores. Mais velocidade, maior estimulação nervosa, maior número de informações e, por isso, maior tendência para não ver, maior dificuldade para estabilizar a perceção, para não se perceber o que se lê. Tudo o que comprime espaço e tempo, e que por isso permite a viagem supersónica, acelera também o risco de colisão, de um encontro traumático com um fora ou com um desconhecido. A telepresença à distância coloca o indivíduo, sobretudo o sedentariamente extremo, a agir de forma veloz no mundo telepresente como se estivesse no seu espaço íntimo e dominado pelas suas regras. Não admira por isso que na intimidade das suas regras o indivíduo teleconectado acabe por agir sob a confiança dos seus desejos e impulsos mais íntimos.

3. Atitude crítica e reflexiva VS passividade e reprodução acrítica de ecranovisões

Porque os níveis de utilização e de dinâmica são maiores, os hiperecrânicos tornam-se mais capazes aptos para construir um conjunto de críticas fundadas sobre exemplos concretos, e para a partir daí criarem intuições e julgamentos mais ricos e sustentados, apontando

simultaneamente defeitos e virtudes. Pelo contrário, os monoecrânicos revelam algum distanciamento não apenas físico com os conteúdos mas também reflexivo e crítico.

Entre os adultos, embora as diferenças não sejam tão nítidas, os hiperecrânicos revelam ainda assim uma postura mais crítica e reflexiva face às notícias que aparecem, sobretudo por revelarem uma certa dose de saturação face ao excesso de pessimismo e de notícias com teor negativo. Há também, para os hiperecrânicos adultos entrevistados, uma maior necessidade de filtrar ou de confrontar informações.

4. Ecranovisões a socializar: a TV como um mundo e a Internet como um infinito

Tal como vimos com as cores, onde a ecranovisão azul aponta para o infinito e subjetivo, e a ecranovisão vermelha para o concreto, objetivo e tangível, também as metáforas usadas pelos entrevistados quando se referem aos diferentes ecrãs subscrevem esta relação. No ecrã-internet temos o azul do *infinito* e do subjetivo; e na Televisão temos o *mundo*, algo mais objetivo e concreto. Em diferimitação, é este o sentido que a socialização produz no imaginário que envolve estes dois tipos de ecrãs. Os monoecrânicos, mais adeptos do ecrã-tv, sentem mais o apelo do imaginário do mundo, quer dizer, do concreto, do finito, objetivo e visível; os hiperecrânicos, mais adeptos do ecrã-Internet, sentem mais o apelo do imaginário da internet, quer dizer, do subjetivo, do infinito, do sonho.

Na Individuação de Arquétipos

1. Individuação arquetípica do herói: o herói plural VS o herói romântico-barroco

Constatamos que prevalece com maior regularidade, sobretudo nos jovens em permanente sociação biecrânica e hiperecrânica, quatro grandes formas do arquétipo do herói: o *super-herói*: amigo, justo, humilde, corajoso, lutador, bem disposto, otimista, confiante; o *cientista-polícia herói*: intelectual, racional, científico, mas que entra em cooperação com o intuitivo, sensitivo e emocional; o *herói vizinha*: um igual entre os comuns que, por alguma razão, mergulhou ou num mundo grotesco e fantástico, ou então quer apenas viver a sua vida real e tentar fazer, dentro dessa normalidade, algo de importante não para o mundo inteiro mas antes para os que o rodeiam; e o *herói grotesco*: aquele que não é o ser perfeito, que tem algumas virtudes e alguns defeitos, muito menos estético do que os heróis habituais, habitualmente solitário ou que vive no subterrâneo ou na gruta. De uma forma diferente, nos adultos entrevistados, sobretudo os monoecrânicos da geração nómada (geração X), encontramos apenas um tipo de arquétipo de herói privilegiado: o sonhador, justo, perfeito,

iluminado, imaculado, bondoso e a superar o humano (o herói *romântico-barroco*). Já nos hiperecrânicos adultos, nota-se uma convivência um pouco mais pacífica com outras formas de arquétipos, embora as marcas mais profundas sejam provocadas por esse tipo de herói.

2. Maiores preocupação ecologistas como resposta ao imaginário do ciborgue e às ameaças planetárias

Nos monoecrânicos jovens, facilmente se constata que as grandes preocupações globais são pouco mais do aquelas que a agenda mediática presente na Televisão impõe. Desemprego, crise financeira e tragédias, portanto aquilo que a comunicação vertical vai transmitindo em função do momento. Já entre os bicrânicos, para além dos temas suscitados pela verticalidade imposta pela TV, sobressaem ainda temas, graças aos usos do computador e da Internet, como a questão da privacidade, o risco nas redes, e até algumas referências à importância dos animais e da importância da sua preservação no planeta. Por seu turno, os hiperecrânicos abrangem quer todos os temas evocados pelos dois grupos anteriores, como salientam ainda outras preocupações que lhes chegam através dos vários tipos de ecrãs: questões ambientais, ecológicas e da natureza, a questão da posição do homem no Universo (a possibilidade de extraterrestres) e, também, a importância da informação para a formação da consciência individual e social.

Já entre os adultos entrevistados, não encontramos grandes diferenças entre monoecrânicos e hiperocrânicos, já que ambos revelam uma preocupação ecológica e ambiental que lhes chega e nasce sobretudo a partir do ecrã, sobretudo do *ecodocumentário* ou da *econotícia*. Vemos por aqui o arquétipo ecologista a ganhar força, sobretudo porque sente no terror da destruição planetária a ameaça à vida humana e natural. O mesmo se constata quando se fala na crescente hegemonia dos processos maquínicos.

Em relação ao impacto das ecranovisões em arquétipos como o do terror e da violência, a sua importância é decisiva. Na mente, a atmosfera libertada por esta ecranovisão remeterá sempre para um fundo coberto de explosão, de queda, de desmoronamento, de desabamento de pressupostos tidos como certos, de desconfiança pelas certezas. Um terror marcado por tudo aquilo que é imprevisível e precário no mundo. A partir daqui, nos indivíduos por esta afetados, consciente ou inconscientemente, o terror, quer seja vivido de forma individual quer seja vivido de forma coletiva, ligar-se-á psicologicamente ao estrondo do embate, à explosão surpresa, à queda, ao desmoronamento, ao desabamento: uma neblina de pó e fumo estará algures no inconsciente individual e coletivo quando a sensação for de terror. Em 2001 aconteceu; em 2006 os relatos aqui demonstrados mostram a sua

força em sublimação; e em 2012 os entrevistados revelam já a acomodação do acontecimento como sinal profundo e estável de medo e terror. É caso para afirmar: no momento, o acontecimento mediático vale sobretudo pela força violenta da atualidade; depois desse, passa a valer pela sua força em modo de ecranovisão, quer dizer, pela sua capacidade de se impor na consciência e nas contingências.

Conclusão

Por vezes basta olhar de outra maneira para ver melhor. (Paul Virilio, 2000)

O projeto moderno, o da construção do homem baseado na razão e na objetivação maquínica e tecnológica, hiperconsumista e adepto do espetáculo, imperou durante todo o século XX, e revela ainda hoje fortes traços desse império. Um projeto que tem sido a consequência de uma espécie de quase via única imposta pelo modelo educacional objetivista, que tem como fim último a mobilização para o mercado de trabalho e para o universo do consumo com o objetivo de obter a máxima performance e o maior lucro possível - um sentido que aponta mais para fins objetivos e materiais do que propriamente para o desenvolvimento da subjetividade humana e do universo do imaterial, caminho que tem provocado lacunas e limites ao desenvolvimento de novas ideias e de indivíduos mais criativos e inovadores. A transponibilidade desses efeitos objetivistas, seja na economia ou na cultura, na política ou na estética, na técnica ou até na própria arte (o estrelato, a fama e a fortuna como grandes discursos dos candidatos, como na música ou no cinema), acontece porque o espírito que adveio desse tempo tendeu para se unificar em torno do Eu, usando a moral do lucro, a ideia de que *o vencedor leva tudo*, como eixo onde tudo se une. O objetivismo extremo é assim: quando as coisas começam a revelar um certo caos, descontrolo ou insubmissão, usa como argumento a autoridade impositiva, ocultando ou mascarando impiedosamente os argumentos que lhe não são favoráveis.

Porém, com a massificação da Internet e dos ecrãs com ligação telemática, onde os conteúdos da informática podem ser partilhados, transmitidos, usados ou visionados à teledistância, em redes sociais digitais ou plataformas de acesso livre, gerou-se uma verdadeira explosão de cibercomunidades. Este espírito, o da cibercomunidade, entrou então na corrente de diferimitações, gerando um extenso padrão a que se dá o nome de cibercultura: a do acesso imediato, da partilha livre, da imagem como centro de referência, da ligação instantânea em rede, da auto(re)criação em frente ao ecrã. Estas formas de sociação promoveram, num plano mais pessimista, alterações psicossociológicas profundas, pois tornaram os indivíduos mais propensos a atitudes e comportamentos de génese subjetiva (ao contrário da objetividade exigida pelo projeto moderno), a pensamentos e a formas de associar baseados numa perspetiva excessivamente rizomática (e por isso menos previsível), mais mobilizada para o global mas crescentemente desorientada nos fins (Lipovetsky) e, nas palavras de alguns pensadores, mais fútil (Chomsky) e mais propensa ao espetáculo (Debord). A juntar a isto, aquilo que também aqui, pelo lado mais pessimista,

vislumbramos: uma excessiva *ansiedade pelo imediatismo*, atacando a inteligência emocional pelo prisma da construção de uma incapacidade de adiar as recompensas e gerir impulsos – promovendo precisamente insatisfações e angústias inexplicáveis. O que é da ordem do inexplicável desorienta a consciência.

Não obstante estas considerações mais pessimistas, importa salientar outros traços, bem mais otimistas. Primeiro, é de realçar um certo otimismo trágico para com a vida. Ao agrilhoamento imposto pela razão e pela sua via objetiva, que pressuponha de forma não comprovada e até utópica a felicidade como resultado do projeto moderno, eis que a emoção e as sensações ganham dianteira para atingir não a *felicidade moderna*, a do príncipe que encontra a princesa e que vive feliz para sempre, mas aquela que está ali, com o próximo, o não herói ou o herói humano, imperfeito, comum, mas que permite a vivência de pequenos mas extremos momentos felizes. Ingenuidade dirão alguns, mas também uma capacidade assinalável de relativizar o lado trágico da vida, uma vez que no cardápio vital estas já se encontram enunciadas/anunciadas/inumeradas precisamente pela sociedade da razão, que sempre delas quis dar conta – há por isso um certo otimismo trágico, uma aceitação maior da tragédia como consequência da vida que origina uma certa ‘fuga para a frente’. Portanto, a evasão que se nota nas redes sociais, a formação de tribos em redor de interesses comuns, a sensação de maior liberdade para a criação partilhada ou para a autocriação, entre outros traços, engrossam as fileiras de um certo bem-estar, sempre subjetivo, quer dizer, pós-moderno.

Neste sentido, o ciberespaço e a cultura do ecrã, possibilitando aos indivíduos uma certa libertação face aos modelos verticais disciplinares, de poder, de controlo e de informação (inscrito direta ou subliminarmente nos modelos de educação objetivista, nos meios de comunicação de massa, na lógica de Estado-Nação e até nas formas de trabalho e nas suas variantes mais conservadoras), permitem uma relação horizontal mais propensa à partilha, à liberdade e à autonomia para a criação, produção e formação de consciência individual e de conhecimento sobre as diversas contingências, individuais e coletivas. Ou seja, o ciberespaço e a cultura-ecrã horizontal e hiperligada permitem, entre outras coisas, contrariar algumas estratégias de manipulação mediática impostas pelo ecrã vertical, já várias vezes assinaladas por Chomsky (Sylvain Timsit, 2010): distração, autculpabilização, pensamento excessivamente emocional, a ideia de estupidez como moda e o tratamento infantil dado aos telespectadores. Como nos foi dado a observar pela análise aqui feita, os hiperecrânicos horizontais revelaram, pelo contrário: menos distração face aos temas mais importantes; um pensamento mais autónomo, mais rizomático e não tanto emocional; mais

legitimado por outras fontes de informação e, por isso, mais crítico e mais capaz de atribuir e de discernir responsabilidades – logo, muito menos infantil. Isto, de certo modo, reforça a crítica de Chomsky, reorientando-a sobretudo para as estratégias de manipulação usadas longamente pelo modelo vertical de comunicação mediática.

Assim, num espaço-tempo onde reinam mecanismos e interações horizontais que apelam sobretudo à intuição, à captura de informações e de ideias através de trilhos que não obedecem necessariamente à preconceção ou à planificação, mas que falam alto às motivações e aos desejos interiores, são também os juízos sintéticos, muito mais do que somente os analíticos, que tendem a iniciar ou a sugerir pistas para a ação ou para a resolução de sínteses, no pensar, no sentir e no agir. Nas redes sociais, nos jogos em rede, nas pesquisas em rede, na produção e na construção de conteúdos (blogs, páginas Web, vídeos, músicas, filmes, apresentações, etc.). Em suma, no ecrã em rede, torna-se possível aos indivíduos o alcance de uma nova síntese, uma nova forma de ver o mundo, onde a criatividade, a intuição e a autonomia ocupam lugares de destaque. Depois dessa nova síntese ficar instalada no corpo e na mente, os indivíduos, em diferimitação, vibram e entram em ressonância com essa frequência, ficando assim na possibilidade de ecoar para o mundo novas formas e novos conteúdos.

Notamos, por isso mesmo, um equilíbrio maior entre as forças que pretendem os indivíduos altamente focados e mobilizados para fins objetivos e rentáveis, cada vez mais performantes, inovadores e empreendedores, e uma contraforça, muito graças ao ecrã-rede (*self-media*), que pretende o seu contrário: a subjetividade, a evasão, a criação livre e a partir do íntimo, uma capacidade crítica cada vez mais distante do *mainstream*, uma aprendizagem cada vez mais autónoma e horizontal, baseada na intuição e guiada pelas emoções e individuações arquetípicas. É precisamente o que está em causa nesta tese: denunciar que a forma de *sociação hiperecrânica* que aqui analisamos segue rumo a esta contraforça, com toda a velocidade. Através do ecrã e da cibercultura, tem sido crescente a transmutação para outra forma de estar na vida, algo mais de génese subjetivo e intuitivo. Aí está a relação entre o ver e o olhar: ver (racional) e olhar (metafenomenológico e não consciente) encontram-se hoje em maior equilíbrio de forças. Desde a *Chegada do Comboio à Estação de Ciotat* (1895), dos irmãos Lumière, que a ecranovisões se foram moldando e permitindo pequenas mas consistentes emancipações - as da visão nos seus dois grandes polos (ver e olhar), e por isso mesmo na forma como nos coloca a ver o mundo. Doravante, veremos se esta confrontação, entre o projeto moderno e este *homo-ecranis* pós-moderno, permite ou não a unificação em algo, na liberdade e nas formas relacionais e de poder, mais

sofisticado para o projeto humano. Com uma certa esperança, parece-nos útil, a nós que tentamos estudar as várias vertentes dos caminhos tomados pela humanidade na sua variante sociológica, tentar perceber todas as cambiantes da cor da vida, tal como o faz o pintor. Por isso, aceitar esta sugestão poderá ser útil, já que

a esperança é que o imprevisível trabalho da humanidade produza sempre mais, e sempre mais variadas formas de afirmação da personalidade e do valor da existência. E quando em períodos felizes essas variedades consigam chegar a formar conjunções harmónicas, suas contradições e lutas não sejam vistas apenas como obstáculo, mas sim como potenciais para o desenvolvimento de novas forças e criações. (Simmel, 1998d: 117)

Tal como na modernidade adiantava o próprio Georg Simmel, na sua principal tese sobre os impactos da tecnologia da cultura, que a cultura objetiva se tinha emancipado em relação à cultura subjetiva, estamos hoje perante outras formas de afirmação de atitudes e de valores da existência. A pós-modernidade, através do ecrã, sobretudo com a passagem da comunicação e informação unilateral (*mass-media*) para uma comunicação horizontal (*self-media*), tem sido responsável pela introdução do subjetivo nos conteúdos e nas formas da vida atual. Valores como o hedonismo, o tribalismo, o nomadismo, o fragmentário, a fusão, o conectivismo, a partilha, o imediatismo, entre outros, conseguem através das tecnologias ecrânicas uma maior expressão e um maior grau de recombinação das formas e dos conteúdos humanos. Todas estas dinâmicas permitem uma expressão social assente numa base mais heterogénea, porventura mais plural e, também, mais imprevisível do que na era moderna. Por essa razão dizemos que se assiste a uma paulatina emancipação da cultura subjetiva, pois se na modernidade existiu uma rutura acelerada pela mudança de um ideal pedagógico para outro, comandado pela educação objetivista e pela ciência, onde a objetivação e a razão comandaram o caminho social; na pós-modernidade assiste-se, através das fusões entre antropológico e tecnológico, a uma inversão do peso da cultura objetiva em detrimento de uma experiência cultural subjetiva (Costa, 2010).

Ora, estas conclusões levam-nos a levantar a seguinte questão: perante esta confrontação poderosa entre o projeto objetivo e racionalista da modernidade, e esta emancipação das (contra) forças pós-modernas mais subjetivistas, fortemente apoiadas por este aqui descrito *poder ecrânico*, que caminhos poderão tomar os processos de desenvolvimento futuros?

No nosso entender, entraram deste modo, pelo ver e pelo olhar pós-moderno, forças nas correntes de diferimitação e de sociação com intensidade suficiente para (re)forçar a necessidade de reorganização de cinco grandes dimensões estruturais da vida pós-moderna,

pretendendo erguer uma outra síntese, porventura mais harmónica, entre esses blocos objetivista e subjetivista. A saber: na dimensão escolar, no trabalho, na economia, nas relações interpessoais e na participação cívica.

A escola, tal como hoje a conhecemos, é uma das primeiras dimensões afetadas por este *poder ecrânico*. Esta está fortemente ameaçada por toda esta forma de estar pós-moderna, sobretudo, tal como vimos, pelos indivíduos em *sociação hiperecrânica*. Autores como Alvin Tofler (1998) levam esta ideia mais longe, afirmando mesmo que a escola atual está completamente obsoleta, na medida em que tem como princípio orientador uma realidade que já não existe: a fábrica industrial. Para estes, todo o projeto escolar atual é o mesmo que fora planeado para construir indivíduos altamente capazes, dinâmicos e eficientes para a fábrica industrial: cumprir horários e presenças na entrada e na saída, repetir e memorizar tarefas e cadências, burocratizar e estruturar processos hierárquicos de avaliação e de recompensa, forçar a aprendizagem do cálculo lógico e linear, etc. O lado criativo, rizomático, artístico, empreendedor e inovador, ainda é algo que fica muito para a periferia deste sistema escolar atual. Precisamente por essas razões, há já indícios, ainda algo experimentais, de sistemas de ensino que privilegiam o ensino da imaginação. Por exemplo, em 2007, na Universidade da Louisiana em Lafayette, dois dos seus codiretores, Rita J. King e Joshua Fouts, começaram por criar um sistema de ensino para preparar jovens para trabalhos e tarefas que ainda não imaginamos. Para estes, o ensino deve ser alterado já que estamos na «era da imaginação», um tempo onde a humanidade deve imaginar e, em seguida, criar, em conjunto, os sistemas da nova economia global e da cultura⁵². E o problema de fundo é, em nosso entender, este: o antigo projeto escolar, ainda vigente, coloca como fundamental e quase único o desenvolvimento da inteligência cognitiva, deixando de lado a imensa necessidade de se treinar as intuições e as inteligências sociais e emocionais. Ora, tal como provamos nesta investigação, onde é crescente o desenvolvimento do pensamento rizomático e icónico, e onde é dada primazia à intuição e à capacidade de conexão entre informações e dados, a escola e o seu projeto virado para os ambientes industriais fica assim longe de preparar os indivíduos em permanente quotidiano reticular, mediado e conectivo. Tal como constatamos, há uma grande desorientação devido à incapacidade de gerir impulsos e de adiar recompensas, descompensando uma das grandes bases da inteligência emocional. Se calhar, mais do que a transmissão de informação para a memória guardar, e numa rede cada vez mais completa e rigorosa em informação escolar e

⁵² Artigo acedido em 19 de Julho de 2010, em: <http://www.good.is/post/how-do-we-prepare-kids-for-jobs-we-can-t-imagine-yet-teach-imagination/>

científica, talvez a escola tivesse hoje uma importância mais decisiva na vida das pessoas se não deixasse ao acaso o desenvolvimento das inteligências emocionais, sociais e intuitivas. Este é um dos maiores desafios futuros para a escola que o *poder ecrânico* irá impor.

Por outro lado, na dimensão do trabalho, estamos perante um cenário muito incerto e profundamente instável. Na segunda metade do século XX, já André Gorz (1958) tinha investigado e escrito sobre a necessidade de se repensar a função e a importância social do trabalho, precisamente porque percebia que com a crescente substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina estaríamos na presença do «fim da sociedade de trabalho». A questão que este autor colocava era a de que no futuro, cerca de 80% da população seria inútil para o sistema de produção. O sociólogo Rifkin (1996) sugeria como solução uma diminuição considerável da jornada semanal de trabalho. Porém, Gorz levava a questão mais longe: sugeria que o trabalho começasse a deixar de ser central nas sociedades altamente tecnológicas. Como se trata de uma invenção moderna, do capitalismo industrial e não algo antropológico, deveria ser possível repensar a sua centralidade e ultrapassá-la. Na sua ótica, como o trabalho deixará de servir de fundamento à integração social, e como se produz cada vez mais com menos, torna-se então necessário retirá-lo progressivamente da centralidade da organização dos contratos sociais. Ora, estas constatações fazem hoje mais sentido do que nunca, uma vez que se vive, em todo o Ocidente, portanto no conjunto das sociedades mais tecnológicas e informatizadas, o período com as maiores taxas de desemprego de sempre. Mais do que o desemprego como disfunção estrutural, estamos perante um desemprego massivo como consequência dessa tal tecnologização das sociedades modernas. Seria uma utopia, isso sim, desconsiderar estas hipóteses levantadas em meados do século XX, mas tão certas nos dias de hoje. Sobretudo devido às tecnologias de informação e comunicação, onde o ecrã é central já que, sintomaticamente, é o único dispositivo tecnológico que cresce de tamanho e de importância nas interações e nos interfaces. Nomeadamente com o teletrabalho, com a telecriação, com o cibertempo, com o ciberespaço e com as teleligações, assiste-se cada vez mais a formas distintas de organizar e de conceptualizar o trabalho e o seu significado, bem como o tempo de não-trabalho. Doravante, o desafio colocado ao mundo do trabalho, a uma sociedade cada vez menos de trabalho, é o de encontrar um novo renascimento social e cultural e um novo posicionamento deste na organização da vida social. E se estamos de saída da sociedade de trabalho, mas onde ainda se continua com sociopensamentos, socioideias e estruturas político-ideológicas como se estivéssemos no tempo do seu auge, talvez este *poder ecrânico*,

bem como as formas de sociação que se vão gerando devido à sua força, poderão ser determinantes para apontar outras direções para a organização social.

Já na economia, o *poder ecrânico* em dinâmica começa também a lançar algumas sementes que podem vir a ameaçar o modelo económico tradicional. Já não é novidade nenhuma referir que as economias globais e dos mercados financeiros são também o resultado de economias de ecrã. Poderá parecer estranho ligarmos duas palavras raramente juntas e com sentidos tão diferentes, mas esta é também uma era em que as economias nacionais e internacionais, juntamente com os mercados financeiros globais, são constituídas por atmosferas ecrânicas. O que é que nos leva a constatar tal facto? Vive-se hoje, numa perspetiva global, ciente de que os mercados financeiros bolsistas estão assombrados por uma espécie de fantasma, inundados pela sombra de uma existência não controlada, à qual é comum chamar de especulação financeira. Mas o que é a especulação financeira senão uma expressão subjetiva? Uma expressão que se resume através de um gráfico e exposto na corrente mundial de ecrãs? A economia global, num sistema especulativo, está ou não dotado de grandes efeitos subjetivos que emanam sobretudo da leitura de informações mas também do que ecoa dos ecrãs?

São sobretudo três os critérios da especulação financeira, que se constróem com base em informações subterrâneas, mas também através de ecranovisões de gráficos e de movimentos ou tendências: a) as capacidades produtivas e inovadoras de cada país, incluindo as compras e fusões existentes; b) a estabilidade ou instabilidade política no país; c) e os climas nacionais de confiança, medo e corrupção que se instalam nas economias e nos países. Ora, estes três pontos negativos, conjugados ou isolados, foram constituindo as auras económicas dos países, e muito graças ao que se passa e se vislumbra nos ecrãs. Por isso, todos os governantes dos países têm medo das possíveis imagens pouco abonatórias que passam para a comunicação social, sobretudo quando se difundem internacionalmente. Consciente ou inconscientemente, percebem a força das ecranovisões na consciência, e no inconsciente, dos promotores, dos gestores e dos dominadores da economia global. Porém, para lá desta realidade, que ainda é a que tem mais eco e influência nas estruturas económicas dos países e na vida de todos os dias das pessoas, há toda uma nova atitude e postura económica, existente em indivíduos em *sociação hiperecrânica*, que ameaça algumas formas tradicionais de economia. Já muito se fala, e usa, o Bit-Coin (uma moeda telemática que não depende de nenhum intermediário, como por exemplo dos Bancos, nacionais ou internacionais, pois toda transação seria feita diretamente entre os pares) para

mediar as relações profissionais nas redes⁵³; mais recentemente, tem havido uma explosão de sites, blogs e páginas de redes sociais que utilizam lógicas de gênese comunitária para adquirir bens e serviços, com recurso à troca e à partilha e deixando de lado o dinheiro (exemplos portugueses como o «Troca por Troca», o «Coisas.com», férias gratuitas em regime de «couchsurfing», «Troca de casa por estudantes», ou até o exemplo de uma nova lógica de financiamento para projetos, intitulado de «Crowdfunding», que tem como objetivo distribuir os esforços do apoio financeiro pela rede). Estes são alguns exemplos de soluções encontradas em ambientes gerados por sociação eletrónica e telemática. Perante grandes convulsões sociais, como o crescente desemprego e o já referido fim da sociedade de trabalho, talvez as cibercomunidades e a cultura-eletrónica ajudem a encontrar algumas soluções alternativas que se distanciem das formas tradicionais (de transações financeiras e de poder negocial e económico). E neste aspeto, já existem até poderosas teorizações sobre novas realidades económicas distintas das que vivemos, sempre com um halo que remete para a corrente de eletrões. Amartya Sen fala mesmo na noção de «dádiva» na economia; Catani, entre outros economistas de renome, descrevem já outros valores como base da economia, valores muito presentes nas lógicas comunitárias em rede, tais como *economia solidária, do trabalho ou cooperante*. Como estes sugerem,

termos tais como economia solidária, economia do trabalho, novo cooperativismo, empresas autogestionárias e outros. Essas formas correspondem a realizações inovadoras, associadas a novos valores e princípios que se opõem às práticas excludentes, social e ambientalmente predatórias. (Catani et al., 2009: 5)

O argumento contrário, presente numa certa linguagem escrita em *economês* (linguagem economicista que entrou no jargão público) que se tem vindo a vulgarizar, e que também entrou em força nas correntes de difusão através dos eletrões, tende a olhar para estas considerações teóricas baseando-se num dos prismas do conceito de utopia. Mas é como dizemos: um dos prismas. Normalmente, baseiam-se somente na ideia de que a utopia é algo de completamente irrealizável. E desconsideram todo o seu poder, inscrito num outro sentido implícito: pois uma utopia é também um topo, uma espécie de farol que serve para mostrar um outro caminho, completamente alternativo. É com ele que toda a humanidade pôde sempre contar. Já dizia Max Weber: “A história ensina-nos que o homem não teria alcançado o possível se, muitas vezes, não tivesse tentado o impossível” (Weber, 2005: 118). Esquecer esta força, inscrita na utopia, é o mesmo que não proteger aquilo que se defende. Neste caso concreto, quem se arrisca são os próprios arautos do modelo

⁵³ para mais informação sobre esta nova forma de economia, ver em <https://en.bitcoin.it/wiki/Introduction>

económico vigente, que por todo o lado, e sobretudo através da corrente de ecrãs, dão sinais claros para se aumentar a esperança numa nova utopia.

Por outro lado, nas relações interpessoais, o *poder ecrânico* promove alterações significativas. Por exemplo nos EUA, há já pessoas a justificar o divórcio perante as instâncias jurídicas como sendo o resultado do uso do Facebook. Este fenómeno chegou já ao ponto de levar advogados a pedir o acesso às páginas dos seus clientes nas redes sociais mesmo antes de começar o processo judicial de separação⁵⁴. Porém, embora haja regularidade estatística entre o uso de redes sociais e o crescimento da taxa de divórcios no Ocidente, a verdade é que não são, em si mesmas, as redes sociais que geram este fenómeno (talvez aqui os ideais do projeto moderno se sintam completamente ameaçados e geram este tipo de justificações), mas mais todo o complexo conjunto formado, isso sim, pela velocidade, acesso, ligação, satisfação imediata, pluralidade de escolhas, (in)compatibilidades, seletividade e sobretudo imagens (sempre sedutoras, múltiplas e geradoras de desejos) que contribuem para essa relação estatística. O ecrã, sendo um lugar de imagens, está sempre propenso à sedução e à criação de desejo. E o ecrã é também ele, não esqueçamos, o resultado do projeto moderno. Até porque é um lugar de imagens e voltado para as imagens, e por isso reúne à sua volta um conjunto maior de indivíduos, ou de formas de sociação, que baseiam a sua autoestima na aparência, expondo por isso mais as suas imagens. Disso dá conta o estudo de Michael Stefanon, Derek Lackaff e Devan Rosen (2011)⁵⁵. Dentro desta lógica, onde a *ansiedade pelo imediatismo* se impõe devido ao excesso de velocidade e de imediatismo que vicia os seus utilizadores, tal como vimos quando comparamos hiperecrânicos a monoecrânicos, a necessidade de procurar novas imagens e por isso novas seduções e desejos gera uma individuação para o acesso constante, para a troca de novas experiências e sensações (sexuais, relacionais, emocionais), alargando e renovando conceitos e formas relacionais. Daí a proliferação de sites para infieis, para troca de casais, pornografia agressiva, etc⁵⁶. Também aqui é preciso perceber melhor e fazer entrar em ressonância instituições (como o casamento), conceitos com base nos ideais modernos (fidelidade, lealdade, amizade, etc.) e formas de sociação atuais. Caso contrário, e isso já se verifica, a combinação *ecrãs-relações interpessoais* tornar-se-á ainda mais problemática.

Por fim, o *poder ecrânico* tem tido, sobretudo, uma forte presença na alteração das formas de participação cívica. Organização, nos ecrãs, de *Petições online*, de grupos para

⁵⁴ notícia consultada em: <http://pt-br.paperblog.com/facebook-uma-das-maiores-causas-de-divorcio-nos-eua-88747> a 23/10/2011.

⁵⁵ Estudo consultado em: <http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cyber.2010.0049>

⁵⁶ A este respeito, sugerimos a leitura de *Fidelidade e Pós-Modernidade* (Costa, 2011).

participação política e ideológica como “A geração à rasca” e “los Indignados”, a onda revolucionária da “Primavera Árabe” ou “Occupy Wall Street”, as várias dezenas de greves organizadas eletronicamente na Grécia, em Espanha, em Portugal, na França, em Itália, etc. Tudo processos que resultaram de formas de *sociação eletrónica*, algo que levou já Michael Burawoy, presidente da International Sociological Association (ISA) a falar na emergência de uma *sociologia como forma de participação cívica*⁵⁷. Isto é, a sociologia não apenas como ciência social mas também como movimento social à procura de um maior impacto cívico e organizacional nas sociedades.

Ora, todos estes ventos que sopram nestas cinco dimensões, através da emancipação da cultura-ecrã mais subjetivista e até baseada numa certa humildade-ignorância provocada muito pela partilha desinteressada que ocorre na rede de ecrãs, estão a forçar mudanças em todas estas dimensões, apelando à necessidade de uma nova síntese que, tal como se espera no processo civilizacional, consiga formar conjunções mais harmónicas e mais propícias para o desenvolvimento de outras forças, criações e formas de vida. Ver (consciente) e olhar (inconsciente), cada vez mais equilibrados através da interação com vários tipos de ecrãs, estão a permitir alterar o ângulo de perceção sobre a forma como nos temos vindo a organizar, sobretudo desde a modernidade. Como sugere José Pinheiro Neves⁵⁸,

Na rede, felizmente, milhares de internautas navegam com o espírito Ubuntu. É curioso verificar que a filosofia Ubuntu influenciou muitos dos criadores do LINUX. Aliás, um dos sistemas operativos alternativos ao Windows, em linguagem Linux, designa-se exatamente por UBUNTU. Citando um site sobre o tema: “Ubuntu” é uma antiga palavra Africana, cujo significado é “humanidade para todos”. Ubuntu também quer dizer “E sou o que sou devido ao que todos nós somos”. A distribuição Ubuntu Linux traz o espírito do Ubuntu ao mundo do software. O Ubuntu é um sistema operativo completo baseado em Linux, livremente disponível, com suporte tanto da comunidade quanto profissional. É desenvolvido por uma vasta comunidade e nós convidamo-lo a participar também! A comunidade Ubuntu está fundada nos ideais consagrados no manifesto Ubuntu, segundo o qual: as aplicações informáticas devem ser disponibilizadas de forma gratuita, que as aplicações deverão ser usadas por qualquer pessoa independentemente da sua linguagem materna e todas as pessoas devem ter a liberdade de alterar e personalizar qualquer aplicação de modo a obterem o que elas necessitam.

É também este espírito, próximo do Ubuntu, que se está precisamente a individuar nas comunidades em rede, através deste *poder eletrónico*. Ainda estamos longe dessa total

⁵⁷ Ideia exposta no VII Congresso Português de Sociologia, em conferência plenária.

⁵⁸ Citação presente em <http://socialsoftware-portugal.blogspot.pt/>, consultada a 10/09/2012.

individuação, mas porventura caminhamos nesse sentido graças ao espírito que começa a reinar. Tal como vimos, o indivíduo em *sociação hiperecrânica* tende a compreender e a aceitar com maior facilidade este poder ecrânico, tornando-se muito mais ativo no seu uso do que o indivíduo em *sociação monoecrânica* – que tende ainda a ver o poder ecrânico como o poder somente das grandes forças e corporações (estado, empresas, elites, interesses políticos, etc.). Esta é a confrontação a que se assiste: a do indivíduo reticular face aos poderes objetivistas instituídos desde a modernidade. A questão fulcral e transversal a toda esta problemática, e que o tempo irá revelar, é perceber se os efeitos da cibercultura e da cultura-ecrã no indivíduo, neste caso concreto os efeitos gerados pelas novas formas de sociação, estão ainda demasiado reféns do projeto moderno; ou se estaremos, pelo contrário, e porque os efeitos se tornaram cada vez mais imprevisíveis, subjetivos e incontrolláveis, já num acelerado processo de emancipação da cibercultura face às várias formas tradicionais de vida e de poder.

Este estudo, ao mostrar a importância do ecrã na passagem de uma cultura letrada e objetivista para uma cultura mais de génese visual e subjetivista, e revelando as diferenças geradas entre a sociação monoecrânica com os *mass-media* e a sociação hiperecrânica (*mass-media* e sobretudo *self-media*), onde se acentuam alterações radicais nas formas de aprendizagem, pensamento, usos da memória, socialização e diferenças na individuação de arquétipos, chama à atenção da importância histórica e decisiva dos objetos técnicos dominantes, tal como é o ecrã, na estruturação e (re)organização da cultura e das sociedades. Afinal, tal como aquilo que entra pelo *ver* se mistura com toda a gama de estruturas e de lógicas existentes nos indivíduos, também com o *olhar* as coisas não se esgotam na visualização de uma imagem, de uma fotografia, de um qualquer tipo de vídeo, de uma pessoa, de uma paisagem ou de uma atmosfera. Pois tudo o que toca na visão, na sua dupla vertente (*ver* e *olhar*), toca na mente. O olhar captura e absorve o visível do invisível das coisas, e na mente, consciente ou inconscientemente, nada ficará exatamente igual ao que era antes dessa captura. Eis a força das ecranovisões, que ao estarem por todo o lado, ganharam uma omnipresença gerando transcendência e imanência que igualiza qualquer outro formato de força. Eis-nos pois sobre este poder, ecrânico, autónomo, omnisciente, e por isso capaz de fazer esquecer o mundo dos modelos verticais que até aqui assistimos, conferindo forças horizontais e levando a organização humana para um outro nível: o da subjetividade.

Assim, fica aqui aberto o caminho para outras abordagens, inovadoras e em certo sentido complementares, sobre os vários tipos de consequências provocados pelos mais

diversos tipos de objetos técnicos. Sobre os ecrãs, seria importante dar continuidade a estas perspetivas, pois parece-nos que é possível ainda operacionalizar o conceito de *ecranovisão*, e desmultiplicá-lo em função de forças que o façam variar na intensidade e nas consequências. Tal como o conceito de *sociação ecrânica*, que poderá ainda medir um conjunto muito mais vasto de efeitos psicossociológicos – para além dos aqui estudados (aprendizagem, pensamento, socialização e individuação de arquétipos). Cremos que investigar, no geral, as consequências dos ecrãs na inteligência social e emocional seria também promissor e inovador.

Bibliografia:

- Alberoni, F. (2003), *O Mistério do Enamoramento*, Lisboa: Bertrand.
- Ariès, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*, 2ªed, Rio de Janeiro: Zahar.
- Bateson, G. (1972) *Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution and Epistemology*, New York: Ballantine.
- Baudrillard, J. & Morin, E. (2007) *A Violência do Mundo*, Lisboa: Edições Instituto Piaget.
- Bauman, Z. (2001) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, W. (1992) *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio D'água.
- Benjamin, W. (2004) *As Origens do Drama Trágico Alemão*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Berger, P. e Luckman, T. (2004) *A Construção Social da Realidade*, Lisboa: Dinalivro.
- Bergson, H. (2005) *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, Coimbra: Almedina.
- Bessi, V. (2007) “Espaço-temporalidade, Trabalho Imaterial e Resistência: Reflexões Sobre o Cotidiano do Trabalho Contemporâneo”, *Revista Socius Working Papers*, nº 1.
- Bolter, J. e Grusin, R (1999) *Remediation Understanding New Media*, Cambridge, MA: Mit press.
- Bourdieu, P. (2001) *O Poder Simbólico*, 4ª Ed., Lisboa: Difel.
- Braga, J. L. (2008) “Comunicação, Disciplina Indiciária”, in *Matrizes*, Vol. 1, nº2, pp. 73-88, São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1430/143017353004.pdf>
- Castells, M. (1999) *A sociedade em rede*, São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2007) *A Galáxia Internet*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chabot, P. (2003) *La Philosophie de Simondon*, Paris: Vrin.
- Corcuff, P. (2001) *As Novas Sociologias – Construções da Realidade Social*, Sintra: Editora Vral, Ida.
- Costa, A. (2010) “A Sociologia do Desporto e Novas Perspetivas”, in Martins, M. (2010), *Caminhos nas Ciências sociais - memória, mudança social e razão estudos em homenagem a Manuel da Silva Costa*, Coimbra, Grácio Editora, pp.31.48.
- Costa, P. R. (2009), *Esboços de uma Percepção Ciborgue. Ligações entre Jovens Portugueses e o Social-Networking Hi5*, Universidade do Minho: Repositorium.
- Costa, P. R. (2010) “Do objetivo para o subjetivo”, *Revista de Estudos da Comunicação*, v. 11 n. 26 Set./Dez. 2010 Universidade Católica do Paraná: editora Champagn. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/COMUNICACAO?dd1=4721&dd99=view>.
- Costa, P R. e Neves, J. P. (2011) “A Individuação Eco(socio)lógica na Pós-Modernidade”, *Revista Comunicação e Sociedade*, Vol. 18, pp. 173-192, Coimbra: Grácio editores.
- Costa, P. R. (2012) “De Como é Possível a Cultura”, *Revista Agália. Revista de Estudos na Cultura*, Santiago de Compostela: Agal (no prelo).
- Damáso, A. (1999) *O Sentimento de Si*, Lisboa: Editora Europa-América.
- Deleuze, G. (1966) *Gilbert Simondon, o Indivíduo e a sua Gênese Físico-Biológica*, *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vol. CLVI, nº 1-3, Janeiro-Março, pp. 115-118. Consultada em Maio de 2010 em: http://www.scribd.com/doc/7253406/Gilles-Deleuze-Gilbert-Simondon-s?secret_pass.

- Deleuze, G. (1994) "Désir et plaisir" *Magazine Littéraire*, Paris, n. 325, Oct., pp. 57-65.
- Deleuze, G. (2000) *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio D'água.
- Deleuze, G. (2003) *Conversações*, Lisboa: Fim de Século.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2004) *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, G. (2005) *Foucault*, Lisboa: Edições 70.
- Eco, U. e Martini, C. M. (1999) *Em que Crêem os que não Crêem? Um Diálogo Sobre a Ética no Fim do Milênio*, Rio de Janeiro: Record.
- Espanha, R., Lapa, T. (2007), *E-Generation: Os Usos de Média pelas Crianças e Jovens em Portugal*, Disponível em <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>. Consultado a 27/04/2009.
- Feenberg, A. (2003) *Do Essencialismo ao Construtivismo: a Filosofia da Tecnologia numa Encruzilhada*, São Carlos: UFSCar.
- Fuller, M. (2003) *Behind the Blip: Essays on the Culture of Software*, New York: Autonomedia.
- Garcia, J. L. (2007) *Sobre as Origens da Crítica da Tecnologia na Teoria Social: Georg Simmel e a Autonomia da Tecnologia*, São Paulo: Scientia Zudia, v. 5, n. 3, p. 287-336.
- Giddens, A. (2000) *A dualidade da Estrutura. Agência e Estrutura*, Lisboa: Celta.
- Gil, J. (1996) *A Imagem-nua e as Pequenas Percepções. Estética e Metafenomenologia*, Lisboa: Relógio d'água.
- Gil, J. (2002), "Ligação de Inconscientes", in Miranda, J. B. e Cruz, T. (Org.), *Crítica das ligações na Era da Técnica*, Lisboa: Tropismos.
- Gil, J. (2008) *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*, Lisboa: Relógio D'água.
- Gil, J. (2009) *Em Busca da Identidade – o Desnorte*, Lisboa: Relógio D'água.
- Ginzburg, C. (1989) "Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário", In *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*, São Paulo: Companhia das Letras, pp. 143-180.
- Goleman, Daniel (1996) *Inteligência Emocional*, Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda.
- Goleman, D. (2006) *Inteligência Social: A Nova Ciência das Relações Humanas*, Barcelos: Círculo de Leitores.
- Grigorowitschs, T. (2008) "Entre a sociologia clássica e a sociologia da infância: reflexões sobre o conceito de "socialização", Atas de Seminário 'Mundos Sociais: Saberes e Práticas', VI congresso Português de Sociologia, consultado a 03/01/2010 em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/33.pdf>
- Debord, G. (2003) *A Sociedade do Espetáculo*, ebooks Terraviva, consultado a 20/03/2012 em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>
- Haraway, D. (1991) "A Ciborgue Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" in Simians, Ciborgues and Women: The Reinvention of Nature, Nova Iorque; Routledge, pp.149-181.
- Heidegger, M. (1992) *O Que é uma Coisa?*, Lisboa: Edições 70.
- Hiernaux, J. (1997), "Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos", in Luc Alberello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Houaiss, A. e Villar, M., (2001) *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores.

- Howe, N. e Strauss, W. (1997) *The Fourth Turning: What the Cycles of History Tell Us About America's Next Rendezvous with Destiny*. New York: Broadway Books.
- Howe, N. e Strauss, W. (2007) *Millennials & K-12 Schools: Educational Strategies for a New Generation*. Great Falls: LifeCourse Associates.
- Hugon, S. (2006) "Avant-propos. Technologie, imaginaire, socialité", in *Sociétés*, nº 91, Paris: Galimard.
- Innerarity, D. (2011) "La Sociedade del Conocimiento y la Ignorancia", in *Risco: Cadernos Mateus Doc*, nº 2, pp. 106-122, Fundação Internacional da Casa Mateus: Vila Real.
- Jung, C. G., (1964) "The Development of personality", in Read, H., Fordham, M., Adler G., McGuire W. (Orgs.) e Hull, C. (trad.), *The Development of Personality* (Vol. 17 das obras completas, Bollingen Series, XX), Londres: Princeton University Press; Routledge & Kegan Paul.
- Jung, C. G. (1966) *Ma vie*, Zurique: Gallimard.
- Jung, C. G. (1979) *O Eu e o Inconsciente*, Petrópolis: Editora Vozes.
- Jung, Carl (1993) *Psicologia em Transição, Obras Completas de C. G. Jung*, Vol X., Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Jung, C. G. (2001) *Fundamentos de Psicologia Analítica*, Petrópolis: Editora Vozes, Volume XVIII/1. Acedido em 11/05/2010 em:
<http://www.scribd.com/doc/6821221/CGJung-Primeira-ConferenciaTavistockLondres1935DOCCapitulo-vol-XVIII>
- Katz, E. (2004) *L'Écra, de L'icône au Virtuel*, Paris: L'Harmatan.
- Katz, E.; Blumler, J. G. e Gurevitch, M. (1974) "Usis y gratificaciones de la comunicación de masas", in Moragas, M. de (Ed.) (1985), *Sociología de la comunicación de masas II. Estructura, funciones y efectos*. Barcelona: Gustavo Gili, 127-171.
- Kothe, F. R. (1986) *A Alegoria*, São Paulo: Editora Ática.
- Latour, B. (2006) *Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford, Clarendon.
- Lemos, A. (2002) *Cultura das Redes*, São Salvador: EDUFBA.
- Lemos, A. (1998) *Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*, in <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>, Consultado em 18/01/2010.
- Lipovetsky, G. (2007) *A Felicidade Paradoxal. Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*, Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. e Serroy, J. (2010a) *A Cultura-Mundo. Resposta a uma Sociedade Desorientada*, Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. e Serroy, J. (2010b) *O Ecrã-Global, Cultura Mediática e Cinema na Era Hipermoderna*, Lisboa: Edições 70.
- Machado, A. (2005) *O Espaço em Perspetiva*, Rio de Janeiro: E-Papers. Consultado em http://www.midiadigitais.org/wp-content/uploads/2008/06/oeep_apresentacao.pdf em Maio de 2010.
- Maffesoli, M. (1997) *A Transfiguração do Político. A Tribalização do Mundo Pós-Moderno*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Maffesoli, M. (2001) *O Eterno Instante. O Retorno do Trágico nas Sociedades Pós-Modernas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Maffesoli, M., (1987) *O Tempo das Tribos: o Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Manovich, L. (2001) *The Language of New Media*, Cambridge (Mass.), M.I.T.
- Marsden, P. (2000) "Forefathers of Memetics: Gabriel Tarde and the Laws of Imitation" in *Journal of Memetics - Evolutionary Models of Information Transmission*, 4, consultado a 10/01/2010 in http://www.cpm.mmu.ac.uk/jom-emit/2000/vol4/marsden_p.html.
- Martins, H. (2003) "Aceleração, Progresso e Experimentum Humanum", in Martins, H. e Garcia, J.L. I (Orgs.), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa: ICS.
- Martins, H. (2010) "Transcendences of the Net. Metaphysical Intimations of the Cyberworld", in Costa, Manuel da Silva e Neves, José Pinheiro (org.), *Tecnologia e Configurações do Humano na Era Digital*, Ermesinde: Ecopy.
- Martins, H. (2011) "Entrevista a Hermínio Martins por Helena Jerónimo", *Revista Análise Social*, nº 200, consultada a 20/07/2011, disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732011000300006&script=sci_arttext
- Martins, M. (2009) "Ce que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple" In *Cahiers européens de l'imaginaire*, nº1, janvier 2009. Paris: CNRS Éditions.
- Martins, M. (2010a) "Das Estrelas para os Ecrãs" in Coelho, Zara-Pinto e Neves, José Pinheiro (eds.), *Ecrã, Paisagem e Corpo*, Coimbra: Grácio Editor.
- Martins, M. (2010b) "A Mobilização Infinita Numa Sociedade de Meios sem Fins", in Congresso LUSOCOM/SOPCOM, Universidade Lusófona, Lisboa, 14 e 15 de Abril de 2009.
- Martins, M. (2011) *Crise no Castelo da Cultura – Das Estrelas para os Ecrãs*, Coimbra: Grácio Editora.
- Massumi, B. (2002) *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation* (Post- Contemporary Interventions). Durham and London: Duke University Press.
- Mcluhan, M., Fiore, Q., (1969) *O Meio são as Massa-gens*, Rio de Janeiro: Record Press.
- Mcluhan, M. (1988) *Laws of Media. The New Media*, Toronto: Mcgraw Hill.
- Mcluhan, M. (2007) [1964] *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, São Paulo: Cultrix.
- Michael A. Stefanone, D. L. & Rosen, D. (2010) *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, January/February 2011, 14(1-2): 41-49. doi:10.1089/cyber.2010.0049.
- Miranda, B. (2006) *Elementos para uma Genealogia das Ligações*, consultado a 21/03/2010 em: <http://www.cecl.com.pt/redes/pdf/jbm.pdf>.
- Miranda, B. (2008) *Envios. Uma Experimentação Filosófica na Internet*, Lisboa, Nova Vega.
- Mons, A. (2002) "Ecrã et Univers Symbolique" in Mons, A. (2002), *Paysage de Images. Essai Sur Les Formes Diffuses du Contemporain*, Paris: L'harmatan, pp. 57-65.
- Morin, E. (1999) *As Grandes questões do Nosso Tempo*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Neves, J. P. (2006) *O Apelo do Objeto Técnico*, Porto: Campo das Letras.
- Neves, J. P. (2008) "A Experiência Perceptiva e os ecrãs: novas Perspetivas de Investigação" in *Revista Logos*, nº 29, 2008, pp. 86-94.
- Neves, J. P. e Costa, P. R. (2009) "Algumas notas sobre o conceito de individuação em Jung e Simondon: pensando a natureza das novas mediações técnicas", in Congresso LUSOCOM, Universidade Lusófona, Lisboa, 14 e 15 de Abril de 2009. Disponível em: http://neves.paginas.sapo.pt/SOPCOM_Neves_P_Costa_Abril2009.pdf

- Neves, J. P. (2010) "Poder, Redes e Heterogeneidade: Algumas Notas de Investigação a Partir da «Teoria do Actor-Rede»" in Martins, M. (2010), *Caminhos nas Ciências sociais - memória, mudança social e razão. Estudos em homenagem a Manuel da Silva Costa*, Coimbra, Grácio Editora, pp. 149-160.
- Packer, R. e Jordan, K. (2001) *Multimedia. From Wagner to Virtual Reality*, WW Norton, Nova Iorque.
- Padovani e Catagnola (1970) *História da Filosofia*, São Paulo: Melhoramentos.
- Pais, J. M. (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Lisboa: Ambar.
- Perniola, M. (1998) *A Estética do Século XX*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Perniola, M. (2004) *O Sex appeal do Inorgânico*, Coimbra: Ariadne Editora.
- Pessoa, F. (1992) *Mensagem e Outros Poemas Afins*, Lisboa: Edições Europa-América.
- Pessoa, F. (2001) *Poesia III: 1934-1935*, Lisboa: Publicações Europa-América.
- Picó, J. (1998) "Teoría y empiría en el análisis sociológico: Paul F. Lazarsfeld y sus Críticos", in *Papers*, nº 54, pp. 9-48.
- Pinto-Coelho, Z. (2010) "Da Instabilidade dos Ecrãs", in Coelho, Zara-Pinto e Neves, José Pinheiro (eds.), *Ecrã, Paisagem e Corpo*, Coimbra: Grácio Editor.
- Pithan, F. (2007) *O Tribalismo de Maffesoli no Orkut*, UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-20, julho/dezembro, Porto Alegre: Intexto.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Rabot, J. M. (2009) "Os videojogos: entre a absorção labiríntica e a socialidade", in Actas do 6º Congresso da SOPCOM/8º LUSOCOM, Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.
- Rabot, J.M. (2010) "As Famílias Tribais", in Martins, M. (2010), *Caminhos nas Ciências sociais - memória, mudança social e razão. Estudos em homenagem a Manuel da Silva Costa*, Coimbra, Grácio Editora, pp. 255-270.
- Rancière, J. (2010) *O Espectador Emancipado*, consultado a 15/05/2012 e disponível em : http://antropofagia-interculturalismo.blogspot.com/2010/03/o-espectador-emancipado-artigo-de_12.html
- Ribeiro, F (2007) *Jung – A Consciência do Nosso Eu*, Lisboa: Planeta Editora.
- Rifkin, Jeremy (1996) *O Fim dos Empregos*, São Paulo: Makron Books.
- Rosa, J. (2000) "Cibercultura «em Construção»", *Revista de Comunicação e Linguagens*, 28: 319 - 332.
- Rosa, M. J. V. e Chitas, P. (2010) *Portugal: os Números*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Relógio D'água.
- Santos, B. S. (1989) "Estado, sociedade, políticas sociais: o caso da política de saúde", in Moura, Alexandrina (org.), *O Estado e as Políticas Públicas na Transição Democrática*, São Paulo: Vértice, pp. 326-389.
- Santos, S. e Cardoso, G. (2007) *Públicos de Media em Portugal*, Lisboa: Obercom. Acedido a 14/06/2010 em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=30&fileName=wr8.pdf>
- Scherr, A. (2002) "Sozialisation, Person, Individuum" In Schafers, B. (Hrsg.), *Einführung in Hauptbegriffe der Soziologie*. 6. erw. Aufl., Opladen: Leske und Budrich,.
- Silva, R. B. (2005) *Neutralidade e Determinismo na Ciência Geográfica: Análise de Elementos das Correntes Teórica-Quantitativa, ecológica e Crítica*, Universidade Estadual de Campinas, Brasil, consultado em 24 Janeiro de 2011, em

- Simmel, G. (1983) *Sociologia*, trad. e org. de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática S.A.
- Simmel, G. (1998a) "O Conceito e a Tragédia da Cultura", in Souza, J. e Öelze, B. (1998), *Simmel e a Modernidade*, Brasília: UnB. pp. 79 -108.
- Simmel, G. (1998b) "Estética e Sociologia", in Souza, J. e Öelze, B. (1998), *Simmel e a Modernidade*, Brasília: UnB. pp. 118 -127.
- Simmel, G. (1998c) "A Ponte e a Porta", in Souza, J. e Öelze, B. (1998), *Simmel e a Modernidade*, Brasília: UnB. pp. 70 -78.
- Simmel, G. (1998d) "O indivíduo e a Liberdade", in Souza, J. e Öelze, B. (1998), *Simmel e a Modernidade*, Brasília: UnB. pp. 109 -117.
- Simmel, G. (2004) *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*, Lisboa: Relógio D'água.
- Simmel, G. (2008) *A Filosofia da Moda*, Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Simões, L. e Gouveia, L. (2008) Geração Net, Web 2.0 e ensino superior, in Freitas, E. e Tuna, S. (Orgs.) (2009), *Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar. Edição especial Cadernos de Estudos mediáticos*, n. 6. Edições Universidade Fernando Pessoa, pp 21-32. ISBN 978-989-643-023-8.
- Simondon, G. (1964) *L'Individu et sa Genèse Physicobiologique*. Paris: PUF.
- Simondon, G. (1969) *Du mode d 'existence des objets techniques*, Paris, Aubier.
- Simondon, G. (1989) *L'individuation psychique et collective*, Paris, Aubier.
- Staude, J. R. (1981) *O Desenvolvimento Adulto de C. G. Jung*, São Paulo: Cultrix.
- Strauss, W. & Howe, N. (1992) *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*. Perennial, Reprint.
- Tarde, G. (1989) *L'opinion et la foule*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Tarde, G. (1992) *A Opinião e as Massas*, São Paulo: Martins Fontes.
- Timsit, S. (2010) "Top 10 Media Manipulations Strategies" in *Pressenza*, Paris. Consultado a 21/09/2011 em <http://www.syti.net/Manipulations.html>.
- Toffler, A. (1998) *Powershift - As Mudanças do Poder*, Rio de Janeiro: Editora Record.
- Trippi, J. (2004) *The Revolution will not be televised – Democracy, the Internet, and the overthrow of Everything*, New York: Copyright.
- Virilio, Paul (2000) *A Velocidade de Libertação*, Lisboa: Relógio D'água.
- Weber, M. (2005) *Três Tipos de Poder e Outros Escritos*, Lisboa: Tribuna da História.
- Veith, H. (2002) *Sozialisation als reflexive Vergesellschaftung. Zeitschrift für Sozialisationsforschung und Erziehungssoziologie*. Heft 2.
- Zizek, S. (2006) *A Subjetividade por Vir*, Lisboa: Relógio D'água.